PATRÍCIA TRINDADE TRIZOTTI

AO PÉ DA PÁGINA: o espaço tipográfico do folhetim na imprensa paulistana (1851-1946)

ASSIS
2016

PATRÍCIA TRINDADE TRIZOTTI

AO PÉ DA PÁGINA: o espaço tipográfico do folhetim na imprensa paulistana (1851-1946)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutora em História (Área de conhecimento: História e Sociedade)

Orientadora: Prof.ª Dra. Tania Regina de Luca

ASSIS

2016

Imagem da capa: L'Atelier du feuilleton, de J.J Grandville. In: *Le Diable à Paris*, 1868

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária: Milene R. Almeida Moura – CRB-8/8264

Trizotti, Patrícia Trindade.
T842p Ao pé da página: o espaço tipográfico do folhetim na imprensa paulistana (1851–1946) / Patrícia Trindade Trizotti.
Assis : [s.n.], 2016.
311 f. : il.

Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, 2016.
Orientadora: Profa. Dra. Tania Regina de Luca.

1. Folhetim. 2. Imprensa - História - São Paulo (Estado).
2. Jornalismo. I. Título. II. Autor.

CDD 079.8161

PATRÍCIA TRINDADE TRIZOTTI

AO PÉ DA PÁGINA: o espaço folhetim na imprensa paulistana (1854-1946)

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Assis para obtenção do título de Doutora em História. (Área de Conhecimento: História e Sociedade)

Data da Aprovação: 01/08/2016

COMISSÃO EXAMINADORA

PRESIDENTE: PROFA. DRA. TANIA REGINA DE LUCA - UNESP/Assis

MEMBROS: PROFA. DRA. SILVIA MARIA AZEVEDO - UNESP/Assis

PROFA. DRA. MARIA HELENA ROLIM CAPELATO - USP/São Paulo

PROFA. DRA. ANA LUIZA MARTINS - CONDEPHAAT/São Paulo

PROF. DR. NELSON SCHAPOCHNIK - USP/São Paulo

Em memória de minha mãe

AGRADECIMENTOS

Engana-se quem imagina que o trabalho de um pesquisador seja totalmente solitário. Ainda que a maior parte do tempo sua companhia seja a própria fonte, que é revista e analisada diversas vezes até se perder a conta e quase a lucidez, é com o apoio dos amigos, sejam eles acadêmicos ou não, que o trabalho torna-se mais produtivo. Por isso quero agradecer em primeiro lugar a querida professora Tania Regina de Luca que, desde 2006, quando eu ainda estava na graduação, até o presente momento, sempre esteve disposta em compartilhar seu profundo conhecimento em história, com uma leitura atenta e perspicaz.

Agradeço ao Deivid Costruba, que a todo momento esteve ao meu lado e por tudo que fez por mim e pela minha família. Aos companheiros do grupo de estudos em imprensa Anelize Vergara, Camila Bueno, Danilo Ferrari, Alexandre Andrade, Mateus Gaiotto e Carlos Almeida. E aos demais colegas da Unesp de Assis, Adriana Poor, Mirian Garrido, Ellen Maziero, Bruno Miranda, Danilo Bezerra e Carol Duarte. Também não poderia de citar o empenho dos funcionários da biblioteca da FCL de Assis e do Campus do Litoral Paulista, em especial a dona Maria da Conceição e seu Dirceu Semighini. Agradeço também a bibliotecária Milene Rosa, sempre disposta em ajudar no que fosse possível, ao professor Gilberto Martins pelos esclarecimentos em relação à produção ficcional e a Jérémy Roustang pela correção do resumo em francês.

Minha gratidão a Glicia Carence e Júlia Alves, que a vida e o convívio ajudaram a torná-las as irmãs que eu infelizmente não tive, à dona Alice Costruba sempre pronta para amparar e apoiar tudo que fosse relativo aos estudos. Igualmente é necessário agradecer a Anna Rita Gregório, amiga que despertou em mim o desejo de prestar o vestibular da Unesp em 2003 e a Rosimeri Carvalho, minha eterna professora de História do Ensino Médio que me iniciou nos primeiros passos por esse mundo maravilhoso que é saber histórico. Também à estimada Deborah Gogliano Mazzeo pelas longas e preciosas conversas.

Agradeço ainda ao CNPq pela oportunidade da bolsa oferecida durante esses últimos anos e as professoras que gentilmente fizeram parte da minha banca de qualificação, Zélia Lopes da Silva e Silvia Maria Azevedo, cujos apontamentos foram muito importantes para que o texto fluísse de modo mais claro. Não poderia já de antemão deixar de agradecer aos professores que aceitaram integrar a banca de defesa

da tese, Maria Helena Rolim Capelato, Ana Luiza Martins, Nelson Schapochnik, Márcia Regina Capelari Naxara e Márcia Abreu.

Por fim, minhas últimas palavras de gratidão vão para o meu pai que mesmo sem compreender direito os meus motivos por querer sempre estudar e estar rodeada de livros, fez o que estava ao seu alcance para me dar aquilo que ele mesmo não teve, durante a vida dura que levou no interior do Paraná até quase seus 20 anos de idade. E para minha amada e inesquecível mãe que lamentavelmente não viveu tempo suficiente para acompanhar as conquistas que tive ao longo de minha trajetória.

“Depois de tantos tormentos, era imperativo que o futuro fosse brilhante.”

(Nicolau Sevcenko – Orfeu Extático na Metrópole)

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. ***Ao pé da página***: **o espaço folhetim na imprensa paulistana (1851-1946)**. 2016. 311 f. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2016.

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo conceituar o espaço folhetim e analisar a sua trajetória na imprensa paulistana ao longo de quase um século. Ainda que não seja possível afirmar com segurança qual foi o primeiro jornal de São Paulo a veicular o espaço folhetim, é certo que o *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*, periódicos fundados na segunda metade do XIX, são exemplos significativos dos diferentes sentidos assumidos pelo que aqui se conceitua como espaço folhetim. Utilizando-se como fonte esses títulos, bem como a *Folha da Noite* e a *Folha da Manhã*, que vieram a público já no século XX, pretendeu-se compreender a trajetória desse espaço, desde o seu aparecimento, passando pelas transformações que conheceu ao longo do tempo até ser abandonado pelos jornais. Tratou-se de distinguir os gêneros textuais que ai foram publicados e as diferentes marcas tipográficas que os acompanharam, bem como a sua migração para outras páginas dos jornais. Ao longo da pesquisa foi possível identificar uma variante do gênero ainda muito pouco estudada pela nossa historiografia, o folhetim cinematográfico, que consistia na distribuição impressa de episódios em exibição nas telas do cinema, o que fazia do espectador também um leitor.

Palavras-chave: Folhetim. Imprensa paulistana. *O Estado de S. Paulo*. *Correio Paulistano*. *Folha da Noite*. *Folha da Manhã*.

TRIZOTTI, Patrícia Trindade. **At the foot of the page: typographic space feuilleton press in São Paulo (1851-1946)**. 2016. 311 f. Thesis (Doctorate in History). . Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2016.

Summary

This study aimed to conceptualize the serial space and analyze its trajectory in the São Paulo press over nearly a century. Although it is not possible to say with confidence what was the first newspaper from Sao Paulo to serve the serial space, it is certain that the *Correio Paulistano* and *O Estado de S. Paulo*, periodicals founded in the second half of the nineteenth, are significant examples of different directions undertaken so here is conceptualized as a space feuilleton. Using as source of these securities, as well as the *Folha da Noite* and *Folha da Manhã*, made public in the twentieth century, it sought to understand the history of this area, since its inception, through the transformations over time to be abandoned by newspapers. This was to distinguish the genres that there were published and the different typographic marks that accompanied them, and their migration to other pages of the newspapers. During the research it was possible to identify a variant of the genre still very little studied by our historiography, the film serial, which was printed in the distribution of episodes featured on the big screen, which made the viewer also a reader.

Keywords: *feuilleton.* São Paulo press. *O Estado de S. Paulo*. *Correio Paulistano*. *Folha da Noite*. *Folha da Manhã*.

SUMÁRIO

Introdução..... 12

Capítulo 1: A trajetória de um gênero.....21

1.1 O folhetim na Europa.....22

1.2 O folhetim no Brasil.....39

Capítulo 2: O espaço folhetim e a diversidade de gêneros.....71

2.1 A produção critíca.....74

2.2 A produção literária..... .95

Capítulo 3: A trajetória do romance no rodapé da imprensa paulista..124

3.1 A permanência das obras ficcionais.....126

3.2 O caso das *Folhas*.....162

Capítulo 4: O espaço folhetim e o diálogo com o cinema.....180

4.1 Projeções.....181

4.2 O folhetim cinematográfico.....183

Considerações Finais.....225

Um gênero que desapareceu?.....226

Referências Bibliográficas.....230

Anexos.....235

Quadro VII: publicações no espaço folhetim do jornal *Correio Paulistano* (1854-1941).....236

Quadro VIII: publicações no espaço folhetim do jornal *O Estado de S. Paulo* (1875-1946).....268

Quadro IX: publicações no espaço folhetim do jornal *Folha da Noite* (1921-1929).....306

Quadro X: publicações no espaço folhetim do jornal *Folha da Manhã* (1925-1933).....309

Introdução

Ao longo das últimas décadas os jornais de uma forma geral, publicaram muitas matérias sobre o folhetim. Algumas anunciavam sua "volta" ou, ainda, tomavam-no como o sinônimo de novela televisiva. No primeiro caso, pode-se citar *O folhetim volta e traz consigo o romanesco*, reportagem do *O Estado de São Paulo*, de 17 de julho de 1977, na qual, Gilles Lapouge, afirmou que, em meio à crise do petróleo e aumento dos desempregados na França, lia-se cada vez mais, como evidenciaria a criação de novas editoras e o regresso de gêneros esquecidos, a exemplo do folhetim. Para o autor, essa constatação não deixava "de ser escandalosa numa sociedade tão intelectual e sofisticada como é a francesa." [1] Lapouge afirmava que antes desse renascimento, as edições mais procuradas vinham de fora, em particular da América Latina e seus romancistas, como Jorge Amado e Gabriel García Márques, embora não se deixasse de também ler os norte-americanos, russos e ingleses. Os ventos da mudança começaram a soprar quando os editores franceses decidiram republicar obras esgotadas, entre as quais estavam os grandes romances-folhetins do século XIX, que pareciam destronados pelas novas mídias.

O enigma a ser decifrado era o seguinte: se, no passado, o romance-folhetim atraía justamente por ser fragmentado em capítulos que suspendiam a trama no auge de grandes eventos, que interesse poderia ter a sociedade da década de 1970 na publicação da história em livro, uma vez que não contava com o efeito do suspense e, da ansiedade pelo lançamento de novo episódio? A resposta veio nos parágrafos finais do texto: a mecanização crescente da vida cotidiana teria, segundo o autor, incitado o público a fugir para destinos imaginários, numa época em que a Paris "esfacelada, degradada e desumana de 1977" apresentava-se alegre, divertida e amorosa. O sucesso do gênero também poderia ser explicado pelo fato de os romances-folhetins mostrarem, de maneira simples, o choque entre o bem e o mal, por isso o forte interesse pelo gênero naquele momento.

Já sobre o novo sentido adquirido pelo termo folhetim, a análise da imprensa revela que o mesmo tornou-se sinônimo de *novela*, mutação que coincidiu com o

[1] LAPOUGE, Gilles. O folhetim volta e traz consigo o romanesco. *O Estado de S. Paulo*, 17 jul. 1977, p. 18.

sucesso do gênero no país, que ganhou cada vez mais espaço no gosto do público, graças às produções elaboradas e dispendiosas, com direito a filmagens no exterior e disputa acirrada por anunciantes. O sucesso foi tanto, que as produções da Rede Globo, por exemplo, foram exportadas para diversos países do mundo. Segundo o site do grupo argentino *O Clarin*, para realizar a novela *Avenida Brasil* (2012), a Globo investiu 91 milhões de dólares, mas arrecadou quase dois bilhões de dólares, ou seja, mais de vinte vezes o valor gasto na produção. [2]

No ensaio *O País do folhetim*, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 27 de fevereiro de 2005, Marcilio de Moraes afirmou que a presença da telenovela na vida nacional estaria em patamares acima do razoável e do saudável. O fato não se restringia ao "povo de baixa renda", mas contaminaria também a intelectualidade que reverenciava o gênero e a universidade, que a tomaria enquanto manifestação superior de cultura. [3] Argumentava que a novela não problematizava nada, apenas consolava e se, em princípio, não haveria problema nenhum em confortar alguém, a questão estaria no lugar proeminente que lhe era reservado. Afinal, numa população que então estava na casa dos 180 milhões de habitantes, apenas quatro milhões seriam leitores enquanto a "avara" telenovela não deixava espaço nem para diversidade, nem para o mercado de trabalho, já que durava 200 horas, estendia-se por cerca de oito meses e empregava, os mesmos autores, diretores, atores e técnicos. Moraes finaliza seu desabafo afirmando que "o Brasil hoje é um país de folhetim. Não resolvemos os nossos problemas, mas sabemos nos consolar. E ficamos eternamente esperando a punição dos vilões que assolam o país." [4]

Os dois artigos, embora de épocas distintas, expressavam sua surpresa frente às histórias que sensibilizam o público. Gilles Lapouge, embora achasse intrigante e mesmo chocante que uma sociedade como a francesa, tão "fina e rebuscada," se interessasse pelos livros gerados no auge do folhetim no século XIX, conseguiu vislumbrar efeitos benéficos nessa atitude frente às dificuldades enfrentadas em 1977. Já

[2] A emissora vendeu o direito de exibição a 124 países e dublou a trama em 18 idiomas diferentes. Na Argentina, a novela estreou em 16 de dezembro de 2013 e aparecia no ranking dos programas mais assistidos do canal *Telefe*. Disponível em: http://www.clarin.com/br/Avenida-Brasil-sucesso-tomou-planeta_0_1075092937.html. Acesso em: 03 jul. 2014.

[3] MORAES, Marcilio. O País do folhetim. *O Estado de S. Paulo*, p. D6, 27 fev. 2005.

[4] Idem. Cabe destacar que Marcílio Moraes é dramaturgo, roteirista e autor de *Roque Santeiro* (1985), *Roda de Fogo* (1986) e *Noivas de Copacabana* (1992).

Marcílio, com larga experiência no tema, caminhou no sentido inverso e condenou o apego e a importância dada às tramas, o que, em sua opinião, indicava que o público teria se conformado com fato das punições aos execráveis acontecerem apenas nas telas e não na vida real.

Polêmicas à parte, o fato é que o folhetim despertou debates desde o século XIX, sobretudo, por ser um gênero plural que se modificou e foi mesmo recriado ao longo dos anos. No entanto, o que se percebe é que ainda há uma carência de estudos que sistematizem sua trajetória, desde sua difusão pela imprensa brasileira oitocentista até seu desaparecimento no limiar da década de 1950. A maioria dos trabalhos se preocupou com sua origem e os poucos que tentaram investigar seu percurso no século XX, não ultrapassaram o início da Primeira Guerra, momento em que ele perdeu fôlego na França e situação em que se acreditava que havia sido estendida para o Brasil. Contudo, a pesquisa indica que, pelo menos no caso paulistano, seu desaparecimento não se deu de forma repentina.

Na segunda parte do trabalho clássico de Marlyse Meyer, tem-se uma análise acurada sobre a presença do gênero na imprensa fluminense em geral, sejam nos jornais de grande circulação, nos destinados ao público feminino, aos imigrantes, nas revistas de variedades e nos almanaques. A imprensa paulista é mencionada de forma breve, salientando-se que seu "fluxo folhetinesco corre pelo século XX adentro", limitando-se a elencar o nome e data de algumas publicações.[5] Da mesma forma, cabe-se enfatizar que muitas imprecisões sobre o termo folhetim estão presentes em pesquisas acadêmicas que não distinguem os diferentes sentidos que o vocábulo adquiriu o que acaba por comprometer as análises, sem esquecer a reprodução pura e simples da obra de Meyer sobre o tema.

A pesquisa revelou a utilização do termo folhetim em duas situações diversas: um espaço tipográfico no jornal destinado à publicação de textos variados, sempre localizado no rodapé e que durante a maior parte do século XIX, apresentava-se na primeira página. Na década de 1890, o espaço folhetim migrou para outros espaços do jornal, embora não deixasse de, às vezes, figurar na página inicial. O fato é que, nessa longa trajetória, esse espaço ocupou praticamente todas as páginas do exemplar. Em

[5] MEYER, Marlyse. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 361.

relação aos gêneros textuais ali contidos estavam os romances-folhetins, publicados em capítulos e cuja narrativa era sempre suspensa em momentos cruciais, técnica que visava manter vivo o interesse do leitor. Tal prática obrigava o autor a modificar a história e mesmo ressuscitar personagens já mortos em função da reação do público. Com o passar do tempo, acabaram por migrar para outras seções, cabendo o domínio quase absoluto romance que continuou a figurar no rodapé da primeira e/ou de outras páginas do impresso. Desta forma, o espaço tipográfico do folhetim acabou por se confundir com o gênero textual romance-folhetim.

Ao longo do tempo, como se demonstrará no trabalho, o folhetim tornou-se sinônimo de texto em partes e o termo era utilizado em situações que iam desde seu uso como sinônimo de panfleto até boletim esportivo. Com o advento da televisão, foi a vez desse novo veículo lançar a telenovela, também considerada um folhetim justamente pelo fato de se tratar de uma emissão feita ao longo de certo tempo e que se valia de recursos próprios do romance-folhetim. Assim, a palavra é polissêmica tanto hoje como no século XIX. Não é de surpreender que, pelo menos até o predomínio do romance nos rodapés, o que ocorreu entre o final dos oitocentos e começo do XX, a maior parte dos que escreviam nesse espaço eram chamados, de maneira indistinta, de folhetinista ou cronista, independente do gênero escrito ser ou não crônica. E a situação complica-se ainda mais com o surgimento de uma nova modalidade, ainda não estudada pela historiografia brasileira, chamada de folhetins-cinematográficos.

A intenção da pesquisa era compreender a trajetória do espaço tipográfico do folhetim na imprensa brasileira, a partir da análise da experiência paulistana. A ideia surgiu durante o mestrado, no qual se analisou as razões que levaram o jornal *O Estado de S. Paulo*, a distribuir aos seus assinantes almanaques em três momentos distintos (1896, 1916, 1940). O levantamento dos brindes distribuídos evidenciou ligações com o espaço folhetim, publicado pelo matutino desde sua fundação em 1875. Ficou então evidente que a presença de textos no rodapé extrapolava os limites do XIX, sendo encontrado em meados do XX, o que forneceu a pista para uma pesquisa futura.

A princípio, o intuito era acompanhar a trajetória do espaço tipográfico do folhetim apenas no jornal *A Província de São Paulo*, atual *O Estado de S. Paulo*. O impresso foi fundado em 04 de janeiro de 1875, após o Congresso Republicano, reunido no ano anterior, para deliberar sobre a criação de um jornal que fosse porta voz dos valores que defendiam. Coube a Américo Brasiliense e Campos Sales lideraram o empreendimento

que incluía uma sede, equipamento tipográfico e, sobretudo, capital, que foi obtido junto a um grupo de cafeicultores do Oeste Paulista.

À medida que a pesquisa avançou, evidenciou-se a necessidade de se eleger outro periódicocontemporâneo da *Província* e com significativa circulação, o que permitiria verificar se haviam pontos em comum, além das especificidades do espaço tipográfico do folhetim nos dois impressos. A escolha recaiu sobre o *Correio Paulistano*, periódico fundado em 26 de junho de 1854 por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, então proprietário da Tipografia Imparcial, auxiliado de perto por Pedro Taques de Almeida Alvim, que já tinha experiência com a imprensa.

Definidas as fontes, foi necessário determinar a baliza cronológica do trabalho. Ainda que não se possa precisar com exatidão, qual foi a primeira folha paulistana a adotar o espaço tipográfico do folhetim em suas páginas, não há dúvidas de que desde 1851, a prática estava consagrada em folhas como *O Comercial*, razão pela qual se adotou esse marco temporal. Já a escolha do ano de 1946, deu-se por ter sido o ano em que o *Estado* trouxe pela última o espaço em seu rodapé, circunstância, álias que não foi exclusiva do matutino, mas compartilhada por outros órgãos da imprensa paulistana.

Cabe destacar algumas obras que foram fundamentais para os rumos metodológicos desta pesquisa. A princípio foi necessário não só delimitar as balizas do estudo em questão, mas investigar a disposição desse espaço no jornal ao longo das décadas. As considerações que Tania Regina de Luca fez em *História dos, nos e por meio dos periódicos* ajudaram a compreender de que forma as condições técnicas vigentes e a função social desses impressos puderam interferir na sua composição. [6] Para precisar as diferentes acepções do vocábulo, cabe destacar o texto de Marlyse Meyer, *As mil faces de um herói canalha,* que, apesar de não tão citado quanto *Folhetim: uma história*, evidencia que não era fácil conceituar o folhetim enquanto gênero literário. Na obra, Meyer explorou aspectos como a condição feminina no romance-folhetim francês, os vários semblantes que o camaleão Rocambole assumiu, e inclusive, a volatilidade do espaço folhetim, espécie de "vale-tudo" que poderia incluir diferentes modalidades de escrita.[7]

---

[6] LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

[7] MEYER. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios.* Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1998, p.114.

Também foi necessário averiguar a experiência de sua matriz, por isso os apontamentos de duas obras que tratam da trajetória do folhetim na Europa foram de grande valia: *Au Bonheur du feuilleton,* resultado de um colóquio realizado em 2004 sob coordenação de Marie-Françoise Cachin, Diana Cooper-Richet, Jean-Yves Mollier e Claire Parfait, e *Le roman-feuilleton français au XIX siècle,* de Lise Queffélec. Na primeira, tratou-se de interrogar sobre a difusão do folhetim, suas complexas terminologias, espacialidades e temporalidades, o que demonstra como o gênero constituiu-se num um verdadeiro fenômeno cultural. Na outra, Queffélec se propôs a fazer a história do romance-folhetim na França do século XIX e estabelecer fases para cada tipo de produção.

Para a execução do trabalho, levou-se a cabo um levantamento sistemático da rubrica no jornal *O Estado de S. Paulo,* enquanto no *Correio Paulistano,* devido ao grande volume de material e a escassez de tempo, só foi possível fazer uma pesquisa exploratória e menos sistemática. Após a listagem do espaço folhetim de ambos os jornais, uma nova questão veio à tona: a incorporação de tal espaço era uma prática mantida apenas para os jornais fundados no XIX ou isso também ocorreu naqueles que surgiram na primeira metade do século XX? Para respondê-la foi preciso debruçar-se sobre o conteúdo da *Folha da Noite* (1921) e *Folha da Manhã* (1925), o que permitiu evidenciar que, apesar de fundados no decorrer do XX, os periódicos também inseriram o espaço folhetim em suas páginas. A análise dos títulos foi realizada de modo sistemático até os anos de 1930 e de forma não exaustiva para a década seguinte.

Num primeiro momento, esperava-se que os resultados obtidos pudessem fornecer subsídios para o estabelecimento de uma periodização que indicasse possíveis fases da rubrica folhetim na imprensa paulistana. No entanto, o trabalho com as fontes revelou que seria mais produtivo organizar o material não por ordem cronológica, mas por eixos temáticos que evidenciassem a pluralidade contemplada no espaço-folhetim. A escolha permitiu que se tivesse em conta o seu desenvolvimento no século XIX para, em seguida, evidenciar sua configuração no XX, até se tornar um espaço intermitente e ser abandonado pela imprensa que, a partir de 1950, sofreu forte influência do modelo norte-americano de fazer jornal.

Desse modo, o trabalho comporta quatro capítulos. No primeiro, os esforços caminharam no sentido de traçar um panorama da trajetória do folhetim na Europa, com vistas a dar conta do gênero na Inglaterra e particularmente na França, que se constituiu

como modelo a ser seguido mundo afora, inclusive no Brasil. No país, os primeiros jornais que o adotaram foram os da Corte e, algum tempo depois, à medida que os esforços para o estabelecimento de prelos avançaram, outras províncias o incorporaram, como São Paulo. Destaca-se, nesse contexto, a implantação das linhas telegráficas e a chegada da agência Havas ao território brasileiro, que permitiram à imprensa a reprodução imediata das notícias. Apresentam-se breves considerações sobre as circunstâncias em que se deu a fundação dos jornais *Correio Paulistano* e *A Província de São Paulo.*

No segundo capítulo esmiúça-se o espaço folhetim, de ambos os jornais, ao longo da segunda metade do século XIX. A partir da análise do conteúdo foi possível distinguir diferentes gêneros textuais, e traçar o perfil dos seus autores. O modo pelo qual se organizavam certos textos e o espaço de tempo entre a publicação do romance em seu país de origem e a veiculação pelos jornais paulistanos também foi foco de interesse. Além disso, sempre que possível, tentou-se estabelecer articulações entre as obras que figuraram no espaço folhetim e o processo de publicação em livro para oferta aos assinantes como brinde de final de ano. Nesse bojo, foram discutidos alguns projetos por parte dos jornais, sobretudo *O Estado de S. Paulo*, cujo interesse era a produção e distribuição de volumes que não eram necessariamente romances, mas incluía gama variada de outras obras que proporcionassem aos leitores a formação de uma biblioteca.

No capítulo subsequente, as discussões concentram-se no momento em que o romance-folhetim passou a reinar absoluto no espaço do rodapé, ainda que, em certas ocasiões, como ocorreu no *Estado* em 1928, o espaço tenha sido partilhado com resenhas de livros recém-lançados. Abordam-se as transformações de formato pelas quais o espaço passou, o que fez com que o romance, antes publicado na horizontal, figurasse na vertical e se assemelhasse a um livro. Ao que parece, a opção por tal mudança favorecia a prática de colecionar as obras, que poderiam ser recortadas e costuradas caseiramente, prática comum segundo a historiografia do tema. Neste ainda, se analisou os exemplares da *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*, ambos criados por Olival Costa, ex-funcionário de *O Estado de S. Paulo*. Os dados provenientes do material permitiram estabelecer o modo como a imprensa da primeira metade do XX, utilizou elementos típicos do XIX à luz de sua contemporaneidade.

Em seguida, levantam-se algumas hipóteses para o desaparecimento do espaço folhetim nos jornais, com destaque para o próprio cinema que, ao sonorizar os filmes, multiplicou as plateias e esmaeceu o poder de atração do romance-folhetim. Também foram poderosos fatores de declínio do gênero o surgimento de novos tipos de impressos, com destaque para as revistas de fotonovelas, além da inclusão da radionovela na grade de programação do rádio. Discutem-se, ainda, as transformações ocorridas na imprensa brasileira, no final da década de 1940, que influenciadas pelo modelo norte-americano acabaram por selar o destino do espaço folhetim nas páginas dos jornais.

No quarto e último capítulo, a temática concentrou-se na relação entre o espaço folhetim e o cinema, já que os jornais, em associação com esse meio de comunicação, adicionaram um novo sentido ao gênero na década de 1910, ao lançar o folhetim cinematográfico. Algumas pesquisas detectaram a presença desta modalidade em jornais franceses e norte-americanos e fornecem pistas para pensar o caso brasileiro. Por isso, a leitura da obra de Christophe Trebuil, intitulada *Un cinéma aux mille visages: Le film à épisodes en France* e do artigo de Roger Hagerdorn, *Doubtless to be continued: a brief history of serial narrative*, foram fundamentais para se pensar a nova modalidade, uma vez que não se encontrou referências de obras nacionais a respeito.

A partir desse aporte, realizou-se uma breve contextualização a respeito do cinema na França e nos Estados Unidos, bem como suas primeiras manifestações em São Paulo. Em seguida, analisou-se o folhetim cinematográfico do *Correio Paulistano*, único jornal dos pesquisados em que se registrou tal presença e no qual foi inserido em dois momentos distintos. O primeiro por volta de 1917 com o lançamento de filmes norte-americanos, ainda que capitaneados pela francesa Pathé e no segundo durante a década de 1930, quando o cinema já se encontrava sonorizado.

Por fim, a conclusão traz algumas considerações acerca da trajetória do espaço folhetim na imprensa paulistana, além da reflexão sobre o modo como ainda nos dias atuais, o gênero folhetinesco influencia as produções direcionadas ao entretenimento do público.

> O folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação. (Machado de Assis, *O Espelho*, 1859)

Capítulo 1: A trajetória de um gênero

Em setembro de 2012, a professora Esther Hambuger publicou um artigo no Suplemento da revista *Ciência Hoje* intitulado *Novela é torcida*, no qual discutiu como a novela global *Avenida Brasil*, escrita por Sílvio de Abreu, atualizava o folhetim, gênero bicentenário. As razões para a comparação eram então muitas: não só o fato de a novela tratar de temas sensíveis, mas também por combinar descrições detalhadas das paisagens urbanas e sociais com tramas rocambolescas, com reviravoltas e personagens ligados por obscuros laços de sangue e afinidade, que atraíram o interesse do público. Associado à trama estavam os diálogos provocativos e o exemplar desempenho dos atores, que faziam os espectadores sentirem-se parte da história e discutirem com ardor os últimos acontecimentos fossem nas ruas, em suas casas, na imprensa diária e nas redes sociais. [8]

Já o jornalista Diogo Sponchiato, da revista *Galileu*, entrevistou em abril de 2013 o escritor peruano radicado na Espanha, Santiago Roncagliolo, que resolveu vender o seu livro *Óscar y las mujeres* em fascículos digitais, ao preço de 0,99 euros cada. Segundo Roncagliolo, tal modalidade de venda é vantajosa para o leitor, uma vez que este paga o valor de acordo com o que lê. Se a história deixar de interessar, a compra pode ser suspensa e o consumidor não gastará 20 euros por um livro que não deseja terminar, da mesma forma que os custos da produção serão reduzidos por ser tratar de uma obra digital e não em papel. [9]

Mas o que esses artigos teriam em comum? Não só a trama de Silvio de Abreu, como a nova modalidade na distribuição do romance de Roncagliolo podem ser associadas às raízes do folhetim, uma vez que possuem elementos característicos desse gênero. É importante destacar que a presença de seus componentes, ainda nos dias atuais, demonstra como não é possível menosprezar a importância da criação e do percurso do folhetim e seus pares na história da produção literária, jornalística e cultural de vários países. Nesse capítulo pretende-se fazer um balanço sobre sua trajetória na Europa, começando com as primeiras experiências que remontam à Inglaterra do século XVII e sua posterior incorporação pelas revistas e jornais.

---

[8] HAMBURGER, Esther. Novela é torcida. *Suplemento Trimestral da Revista Ciência Hoje*. 15/09/ 2012. Disponível em: <http://cienciahoje.uol.com.br/revista-ch/2012/296/novela-e-torcida>. Acesso em: 20 abr. 2013.

[9] SPONCHIATO, Diogo. A volta do folhetim. *Revista Galileu*. 05/04/2013. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista>. Acesso em: 30 abril. 2013.

Em seguida, o foco passa a ser a França, onde a rubrica ganhou notoriedade e acabou tornando-se modelo para a imprensa de vários lugares do planeta. É intenso o debate historiográfico acerca das balizas cronológicas que marcam o surgimento do folhetim e das obras que o referendaram. Além de passar em revista esta discussão, tenciona-se ainda, acompanhar o debate sobre os efeitos que esse modo de escrita rápida teria exercido tanto sobre a produção literária, quanto nas estratégias de publicitárias que cercaram o folhetim.

Por fim, trata-se da trajetória do gênero na imprensa brasileira e se discutem as definições (não raro equivocadas) adotadas para o folhetim e seus congêneres. Sua incorporação gradual nos jornais da Corte e da província de São Paulo também foram objeto de atenção. A presença significativa do folhetim em jornais paulistanos foi constatada a partir da investigação dos primeiros anos de existência do *Correio Paulistano* (1854) e de *A Província de São Paulo* (1875) que, apesar dos problemas financeiros e impasses enfrentados em seus primórdios, não deixaram de inserir a rubrica folhetim em suas páginas.

1.1 O folhetim na Europa

A França teve um papel fundamental na disseminação do folhetim mundo afora, uma vez que ditou suas fases e tipos. No entanto, não se pode menosprezar a publicação de romances nos jornais e revistas da Grã-Bretanha desde o fim do século XVII, ainda que essa participação fosse composta de reproduções e não de textos originais, que só apareceram na Era Vitoriana (1837-1901). [10]

Um dos problemas enfrentados pelos pesquisadores que pretendem mapear publicações que continham produção ficcional em capítulos é compreender que terminologias foram utilizadas e quais são intercambiáveis (ou não) nos diversos países. Um dos trabalhos que merece destaque é a obra *Au Bonheur du feuilleton*, resultado de um colóquio realizado em 2004, que estabeleceu um glossário com alguns dos termos utilizados pela imprensa de três espaços diferentes: Reino Unido, França e Estados Unidos, além de esclarecer a produção, difusão e as formas de recepção do folhetim.

[10] Todas as informações presentes nesse texto sobre a presença do folhetim na imprensa inglesa foram extraídas de COOPER-RICHET, Diana. Panorama de la "serialized fiction" dans les periódiques britaniques avant d' ere victorienne e DECAUX, Sylvie. Une Chronologie du roman-feuilleton em Anglaterre (1676-1855). In: CACHIN, Marie-Françoise, COOPER-RICHET, Diana, MOLLIER, Jean-Yves, PARFAIT, Claire. *Au bonheur du feuilleton*. Paris: Creaphis, 2007.

No caso inglês, por exemplo, existem alguns termos como *essay series*, *serial novel* ou *serial fiction*, *serialized fiction* ou *serialized novel* relativos as formas de denominação do gênero nos impressos. [11] Segundo Diana Cooper-Richet, o primeiro romance publicado de forma seriada em um jornal inglês foi *Don Rugero*, estampado no hebdomadário de vida efêmera *News from Land of Chivalry* (1681). Cabe destacar que a legislação imposta pela coroa britânica no século XVIII foi fundamental para o desenvolvimento da dinâmica interna dos jornais e revistas. Assim, as leis entre 1712 e 1725 obrigaram todos os periódicos ingleses a terem, obrigatoriamente, um selo que autorizasse sua circulação. Para escapar da regulamentação, muitos resolveram adotar formato diferente, mais próximo de uma brochura e com mais de seis páginas. A atitude da Coroa visava amordaçar o poder crescente que a imprensa inglesa começara a conquistar. [12]

Para preencher o novo espaço, estamparam-se textos de natureza diversa, muitas vezes, ficcionais e em forma epistolar, embora também se utilizassem poesias e fábulas. O *British Mercury*, publicado por uma companhia de seguros, foi um dos primeiros a apresentar aos seus leitores romances-folhetins com cinco, sete e doze episódios. Obras como *As aventuras de Robinson Crusoé*, de Daniel Defoe, e *As viagens de Simbá*, o marujo, conto oriundo da coleção *As Mil e Uma Noites*, foram publicadas, respectivamente, pelo *The Original London Post or Heathcotes's Intelligence* (1719) e *Churchman's Last Shift* (1720). Estima-se que, no ano de 1724, pelo menos quatro jornais ofereceram folhetins aos seus assinantes, sempre com textos de escritores dos séculos XVI e XVII como Miguel de Cervantes (1547- 1616), Félix Lope de Vega (1562-1635) e Matteo Bandello (1485-1561).

No entanto, novas taxas impostas pela Coroa Britânica fizeram com que os jornais, entre 1735 e 1740, perdessem o interesse em continuar com a estratégia de tais textos, uma vez que a nova regra não deixava brechas que pudessem ser usadas para se esquivar do selo obrigatório. Nas revistas inglesas passaram a ganhar destaque, então a publicação de romances, ainda que apenas se reproduzissem textos já consagrados pelo

[11] O primeiro designa as crônicas publicadas em hebdomadários, enquanto *serial novel/fiction* eram romances-folhetins e os outros dois termos correspondiam aos romances publicados em folhetim, ou seja, por capítulos.

[12] Segundo Sylvie Decaux, havia jornais ilegais que não pagavam o selo exigido. Desses, destacava-se *All-Alive and Merry*, lançado em 1739 e que publicou em suas páginas no ano seguinte *Robinson Crusoé*. Após 1743, novas leis repressivas foram votadas, incluindo como punição a prisão daqueles que os vendessem, tais jornais desapareceram de vez.

público. Uma das primeiras a adotar esse modelo foi a *Gentleman's Magazine*, fundada por Edward Cave em 1731, composta de 48 páginas e que tinha como proposta uma visão diversificada da produção literária de seu tempo. Diferente do que havia sido realizado até então, a *Gentleman's* publicou mensalmente, entre abril de 1737 e março de 1738, uma história original, escrita na forma epistolar, em sete episódios curtos de duas e três páginas. [13]

A revista de Cave incentivou outras, como a *British Magazine*, a *Ladies Magazine*, *London Magazine* e a *Royal Magazine*. Romances longos, inéditos e distribuídos em episódios tiveram lugar a partir de 1740, quando *a Universal Spectator* apresentou aos seus leitores *Travers of George Drake*. A segunda geração de magazines criados no século XVIII optou desde seu início, pelo romance-folhetim, elemento que possibilitava sucesso junto aos leitores. É interessante notar que na França, o romance-folhetim encontrou espaço para seu desenvolvimento nos jornais, enquanto que no caso inglês, foram as revistas responsáveis pelo seu progresso.

A partir da década de 1750, a Coroa inglesa aumentou ainda mais os impostos sobre a imprensa, o que tornou mais prudente recorrer à prática de suplementos não taxados do que continuar a publicar romances em jornais. Assim, os folhetins não figuraram mais nas páginas dos periódicos e sim nos suplementos, revistas e romances em fascículos. Em 1815, cada exemplar de jornal devia adquirir um selo de quatro *pence*, sem contar outros impostos sobre o papel, o que tornava a imprensa britânica uma das mais caras do mundo.

Apenas por volta de 1836 que o valor do selo foi reduzido para um *penny*, o que logo despertou o interesse da imprensa em publicar os *Sunday papers*, que conquistaram os leitores por serem publicadas no dia reservado ao descanso e ao lazer. A tiragem total dos jornais diários, naquele momento, era de apenas 60 mil exemplares, enquanto os cerca de vinte *Sunday papers* existentes atingiam 275 mil. O conteúdo desses jornais incluía esportes, *faits divers*, um pouco de política e, por vezes, folhetins.

A notícia do sucesso crescente do romance-folhetim na França não tardou a chegar às terras britânicas e muitos jornais passaram a traduzir e publicá-los, inclusive nos

[13] Segundo Diana Cooper-Richet, o primeiro folhetim foi publicado em 1737 e trava-se de *Uncommon adventures of a female correspondant*, seguido de *The Apotheosis of Milton*, os dois sob a forma epistolar. Gradativamente, a revista aumentou o tamanho e o número de episódios das histórias que publicava.

jornais dominicais. Acredita-se que esse entusiasmo da imprensa francesa pelos romances ajudou a encorajar, a partir de 1840, a publicação de obras inéditas inglesas nos jornais, inclusive com ilustrações. [14] E antes mesmo da *querelle du feuilletoon* ter se instalado na França, o romance-folhetim despertou suspeitas nos jornais burgueses ingleses, pois foram associados aos *bas-fonds du marché prolétaire* e à escrita perigosa e pouco cuidada, como atestam alguns testemunhos da época.

Cabe esclarecer que, ao que parece, os ingleses associavam o termo "folhetim" apenas aos romances publicados em episódios, não havendo um espaço específico no jornal para sua publicação. Na França, Julie Salaün identificou a origem e uso do termo nos meios tipográficos por volta de 1790, quando a palavra *feuilleton* designava um pequeno caderno composto de oito páginas em formato in-12. [15] Alguns anos depois, o *Journal des Débats* iniciou a publicação de uma rubrica reservada à crítica de espetáculos líricos e teatrais em cartaz em Paris, bem como dos lançamentos literários em geral, temáticas que então se tornaram constantes nos periódicos. Foi assim que, já no início dos oitocentos, o termo *feuilletoniste* tornou-se sinônimo do jornalista especializado nesse domínio da crítica.

Segundo os pesquisadores franceses, as folhas tenderam a adotar, de forma gradual, esse novo espaço, como foi o caso da *Gazette de France*, que o incorporou com rapidez, enquanto outros, como o *Journal de Paris* (1811) e o *Constitutionnel* (1832), levaram mais tempo para adotar a novidade. Nesses jornais, a rubrica concentrava a publicação de críticas teatrais, literárias, musicais, poéticas e científicas, além de conter também notas sobre eventos ocorridos em teatros, salões, academias, cafés e em espaços como os *boulevards*. É preciso assinalar que, embora a ideia fosse trazer ao público

[14] Outros tipos de jornais surgiram nessa mesma época. Tratava-se dos *penny Sunday papers*, imitações a baixo custo dos jornais dominicais que pagavam o selo oficial, compostos por quatro páginas e ilustrados com xilogravura, caso do *The Penny Sunday Times and People's Police Gazette*. Os *penny Sunday papers* não pagavam pelo selo, pois não traziam notícias, apenas comentários. Em relação aos romances-folhetim publicavam paródias daqueles vinculados pelos jornais burgueses. Ver DECAUX, Sylvie. *Op. cit*. p. 36.

[15] SALAUN, Julie. *Les romans-feuilletons dans la presse lyonnaise* (1870-1914). Dissertação de mestrado. Lyon: Université de Lyon 2, 2011.

MARDI 23 GERMINAL an 10 de la République.

JOURNAL DES DÉBATS
ET LOIX DU POUVOIR LEGISLATIF,
ET DES ACTES DU GOUVERNEMENT.

NOUVELLES ETRANGERES.

ANGLETERRE.

Londres, 8 *avril* (18 *germinal.*)

PARLEMENT IMPERIAL.

CHAMBRE DES COMMUNES.

Séance du 5.

Le chancelier de l'échiquier, après avoir annoncé que demain il proposeroit à la chambre de voter des remercîemens à l'armée de terre, à l'armée navale et aux corps volontaires pour les services qu'il avoient rendus à la patrie pendant la dernière guerre, demande que la chambre se constitue en comité pour la discussion des subsides et des impôts à accorder au gouvernement. Après un très-long discours, où il discute et établit les différentes sommes à accorder, pour le service de l'armée de terre et de mer, soit dans la Grande-Bretagne, soit en Irlande, pour les avances de grains que doit faire le gouvernement, pour les intérêts des billets de l'échiquier, de l'emprunt et les impôts à asseoir sur les revenus territoriaux, sur la drèche, sur les exportations et les importations; et il conclut en ces termes :

« Après un discours aussi étendu, je m'abstiendrai d'occuper plus long-tems les momens de la chambre; je remarquerai seulement que c'est avec un sentiment de satisfaction et d'orgueil que je jette mes regards sur la conduite du parlement et de la nation, sur le système de vigueur et de sagesse que l'un et l'autre ont déployé pendant les neuf dernières années. Tel est le sentiment que doit nous inspirer la considération du passé; celle de l'avenir doit nous donner les meilleures espérances. Avec une économie sage et vigilante nous ferons face à toutes les dépenses. Oui, si nous savons profiter de la situation prospère où nous sommes, nous serons capables, non de troubler l'indépendance des autres, mais de défendre la nôtre, et de soutenir le maintien de notre honneur. Un tel système nous procurera sans doute de nombreuses années de paix et de tranquillité. Le tems de l'animosité est passé, mais la prudence et la vigilance doivent survivre à l'animosité, plus de jalousie, mais toujours de la précaution. Je dois m'excuser d'avoir occupé si long-tems les momens de la chambre, mais je trouverai, j'espère, mon apologie dans la conviction où elle est de la profonde reconnoissance que m'inspire l'attention qu'elle m'a prêtée et l'indulgence avec laquelle elle m'a écouté. »

M. Whitbread succède au chancelier de l'échiquier. Il applaudit à la suppression de l'*income-tax*, annoncée dans le discours qu'il vient d'entendre, mais il se plaint de celle qu'on lui substitue comme contraire aux intérêts du commerce, dont il a l'honneur d'être membre. Il attaque sur-tout la taxe imposée sur la bierre et la drèche; il remonte à l'origine de ces impositions et les suit dans leurs différens progrès; il fait remarquer combien il est affligeant qu'après tant de sacrifices supportés par la nation pour soutenir la guerre, aucun des objets pour lesquels on l'avoit entreprise ne fût rempli. La famille des Bourbons n'est point remise sur le trône de France, celle d'Orange n'est plus à la tête du gouvernement de la Hollande, l'état de la Suisse est changé; la France, par l'étendue de son territoire et de ses ressources, est plus puissante que jamais; cependant il s'applaudiroit à la paix et il répéteroit ce qui jadis faisoit rire l'autre côté de la chambre, qu'il se piqueroit toujours d'une intrépide modération, mais il ne pouvoit se défendre, lorsqu'il entendoit le chancelier faire le tableau de notre situation brillante, de se rappeller la magnifique peinture qu'en fit, en 1792, avec son éloquence accoutumée, celui qui étoit alors le chef de l'échiquier; il désiroit vivement que l'oracle fût plus sûr aujourd'hui qu'il ne le fut alors.

Le chancelier de l'échiquier et M. Pitt se lèvent en même tems.

(Plusieurs voix : M. Pitt ! M. Pitt !)

Le chancelier de l'échiquier prie son honorable ami de l'excuser s'il l'interrompt un moment; il entre dans quelques raisons justificatives des impôts censurés par le préopinant.

M. Pitt entre dans de longs développemens pour justifier le tableau qu'il fit en 1792 de la prospérité du commerce, des finances et de toutes les branches de l'administration publique. Il prouve que la situation qu'il présenta alors n'étoit point exagérée, soit qu'on la considérât en elle-même, soit qu'on la considérât par comparaison avec le tableau des misères et des calamités qu'offroit la France à cette époque. Il fait remarquer que cette ville avoit dû la sagesse des mesures de finances qu'on avoit prises, que le gouvernement, obligé de faire un emprunt après 9 ans de guerre, ne le faisoit pas à des conditions plus onéreuses qu'en 1793, première année de la guerre.

La discussion, long-tems prolongée n'amène aucun résultat. Le comité des impositions et des subsides est ajourné à la séance du mercredi.

Séance du 7.

Lord Kenion, président de la cour du banc du roi, et si recommandable par ses vertus et ses lumières, vient de mourir à Bath, à l'âge de 69 ans. La célébrité qu'il s'était si justement acquise dans la magistrature criminelle, dispense de faire son éloge. On ne connoît pas en Angleterre d'homme capable de le faire oublier.

La chambre se constitue en comité pour la discussion de différends relatifs à la non résidence du clergé.

M. Williams Scoot fait un discours travaillé et étendu, dans lequel il fait une revue historique des différentes situations du clergé en remontant aux tems les plus reculés de la monarchie anglaise, des changemens qu'il avoit soufferts, des privileges dont il avoit joui, des loix dont il avoit été l'objet, des commentaires que les plus célebres jurisconsultes avoient faits sur ses loix. Il s'étend sur-tout sur les loix pénales que Henri VIII avoit portées contre le clergé non-résidant. « Elles étoient excellentes; dit l'orateur, dans les tems où elles furent portées, le changement des circonstances les rend aujourd'hui défectueuses. Ces loix n'admettoient que trois motifs pour excuser la non-résidence, même pour le court espace d'un mois dans toute l'année; l'emprisonnement, une grave maladie, le défaut de logement. Les deux premiers tiennent à des causes physiques tellement impérieuses qu'elles peuvent tout excuser; le troisième étoit moins puissant, et nous avons vu un pasteur très-exemplaire et très-exact à remplir son devoir, encourir les loix pénales, quoique de presbitère fut inhabitable. Telle étoit la sévérité de ces loix, que les derniers soins à rendre à un parent chéri ou à un tendre ami n'étoient pas un cas d'exception. Tout avoit changé dans les mœurs de la société depuis ce tems : les loix devoient aussi changer. A cette époque, le clergé étoit composé d'hommes simples, occupés à faire leur pain, à brasser leur bierre, à garder leurs troupeaux. A présent le clergé d'Angleterre étoit distingué par sa connoissance et ses talens; une partie considérable des honneurs littéraires sont son partage : il s'occupe avec succès de l'éducation de la jeunesse anglaise, et il est à désirer qu'elle s'en occupât toujours. Dans de telles circonstances le clergé ne devoit point être gouverné par des loix d'une rigueur outrée, il devoit être sous l'empire d'une autorité qui atteigne son but par des mesures efficaces mais douces, et il ne faut pas perdre de vue cette maxime, que l'avilissement de la religion est une conséquence des formes avilissantes employées à l'égard de ses ministres. Ces raisons conduisent Williams Scoot à demander la révision et l'amendement de l'acte de Henri VIII. Cette motion, appuyée par M. Dickenson, combattue par Simeon, et de nouveau établie par M. Scoot, fait place à la continuation de la discussion sur les taxes, les subsides et l'emprunt. La taxe sur les fenêtres cause beaucoup d'objections. Les différens bills relatifs à ces objets, ainsi que celui du commerce des grains sont lus pour la seconde fois et ajournés.

FEUILLETON DU JOURNAL DES DÉBATS.

Du 23 *Germinal an* 10.

THÉATRE DE LA RÉPUBLIQUE ET DES ARTS.

Relâche.

Concerts les 24, 25 et 26.

On en publiera incessamment les programmes.

THÉATRE FRANÇAIS DE LA RÉPUBLIQUE.

Cinna, le Confident par hasard.

Mlle Raucourt remplira le rôle d'Emilie, le cit. Monvel celui d'Auguste, et le cit. Talma celui de Cinna.

Dans *Cinna*, les citoyens Monvel, Saint-Fal, Talma, Lacave, Després. Mesd. Raucourt, Suin.

Dans *le Confident*, les cit. Molé, Dazincourt, Grandmesnil, Armand. Mesd. Devienne, Mars cadette.

OPÉRA-COMIQUE, rue Feydeau.

La prem. rep. de la reprise d'*Aucassin et Nicolette*, opéra en trois actes; *le Petit Matelot.*

THÉATRE LOUVOIS.

Un petit Mensonge, l'Habitant de la Guadeloupe, l'Auberge de Calais.

Dans *Un petit Mensonge*, les cit. Clozel, Valcour, Picard, Tiphaine. Mesd. Molé, Adeline.

Dans *l'Habitant*, les cit. Dorsan, Habert, Bosset, Walville. Mesd. Molé Delisle, Clément.

Dans *l'Auberge*, les citoyens Bertin, Picard, Bosset, Valcourt. Mesd. Molé, Perrin.

THÉATRE FAVART.

Aujourd'hui, la prem. rep. de *les Noces de Dorine* (des Noces de Dorine), opéra en trois actes, musique de Sarti, dans lequel madame Rolandeau débutera par le rôle de Dorine.

Les entrées de faveur et les billets *gratis* sont généralement suspendus.

L'administration prévient le public qu'elle ne donnera pas de concert les jours de la promenade de Longchamp.

THÉATRE DU VAUDEVILLE.

Anette et Lubin, le Val de Vire, Ida.

THÉATRE MONTANSIER.

Nitouche et Guignolet, l'Intrigue de Carrefour, le Gondolier, les Deux Fermiers.

VARIÉTÉS NATIONALES ET ÉTRANGÈRES,

(Ci-devant Molière.)

Relâche pour les causes annoncées par les affiches et les journaux.

AMBIGU-COMIQUE.

Le Jugement de Salomon, Victorine et Verville.

THÉATRE DE LA GAITÉ.

Alquif, la Gageure inutile.

THÉATRE SANS PRÉTENTION.

Arlequin tout seul, le Jacobin espagnol.

THÉATRE DES JEUNES-ARTISTES.

Le Petit Poucet, la Pension de Jeunes Demoiselles.

THÉATRE DES JEUNES-ÉLÈVES.

Le Dentiste, le Paysan parvenu, l'Auteur de Montargis.

Hameau de Chantilly.

Aujourd'hui, Fête champêtre.

Prix du billet d'entrée : 1 fr. 20 c., dont 75 c. en consommation.

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fig. 1: Programa dos teatros na rubrica *Feuilleton* do *Journal de Débats* (13/04/1802)

outros textos que não os de ordem política, esta temática também se fez presente no *feuilleton*. [16]

Muitos colaboradores que atuavam nessa rubrica também escreviam em outras seções do periódico, caso da chamada *Variétés* que, no entanto, não ocupava posição fixa, aparecendo sempre no corpo do jornal e não no rodapé. O conteúdo era muito similar ao veiculado no folhetim, o que dificultou precisar qual foi o primeiro romance a ser publicado em capítulos. Entretanto, o folhetim ocupava o *rez-de-chaussée*, enquanto a política comparecia de forma alusiva e indireta nos textos ali incluídos. Segundo Lise Dumasy-Queffélec, o conteúdo do folhetim pode ser classificado em três grupos: os que disseminavam informações culturais, os informativos e anedóticos e, por último, os romances e novelas. [17]

O primeiro conjunto de textos ocupava-se da sociabilidade dos salões, a partir da publicação de resenhas de livros, crônicas do teatro, crítica de arte e resumo das sessões das academias, em particular daquelas dedicadas às Ciências, o que demonstra o interesse por esse campo de estudos. As resenhas eram consagradas às obras de cunho histórico, às memórias e narrativas de viagem. O "estrangeiro" fascinava e estava presente sob a forma epistolar. Cabe destacar que, nesse momento, as potências europeias disputavam a África, Ásia e Oceania, o que despertava o interesse por ambientes exóticos. Muitos artigos eram organizados em séries e nomeados com os assuntos que tratavam semanalmente, como *Impressions de lecture*, ou *Salons de Paris* estabelecendo uma relação de proximidade com o público, que já sabia o que iria encontrar na rubrica. O que se verifica é a formação de um espaço polifônico que publicava textos de gênero diverso e que contribui para a constituição de futuras seções, que posteriormente seriam incluídas nas páginas dos jornais.

Em relação ao segundo grupo, a anedota pode ser considerada como a precursora do romance-folhetim, já que abrigava pequenas ficções narrativas. Os processos criminais eram apresentados recorrentemente sobre a forma de histórias e objetivavam disseminar valores e moral. Por meio do humor era possível despertar a atenção do

[16] THERENTY, Marie-Eve. De la rubrique au genre: le feuilleton dans le quotidien (1800-1835). In: _____… *Op. cit.*

[17] DUMASY-QUEFFÉLEC, Lise. Le feuilleton. In: KALIFA, Dominique et al. *La Civilisation du journal*. Paris: Nouveau Monde editions, 2011.

público por alguém ou por um assunto e fazer ou destruir uma reputação. O terceiro grupo, pertencente aos romances, fez surgir uma nova nomenclatura denominada "romance-folhetim," que passou a ser utilizada quando se introduziu a ficção em capítulos no rodapé. Na França, assim como na Grã-Bretanha, as decisões por parte das autoridades sobre a cobrança de novos impostos tiveram impacto significativo para as transformações da imprensa no século XIX. Para limitar a difusão da imprensa, o rei francês Carlos X decidiu aumentar a tarifa postal em 1828, com as despesas passando de dois a cinco centavos, o que obrigou os jornais a elevar o preço das assinaturas.

A solução encontrada foi bem parecida com a dos editores ingleses: para não onerar os leitores, aumentou-se o formato da página e nela inseriram-se anúncios no rodapé. Foi apostando na publicidade que o francês Émile Girardin criou e colocou em prática uma nova fórmula de se fazer jornal no seu *La Presse*. Os 10.000 assinantes a 40 francos por ano renderiam 400 mil francos, ainda longe dos necessários 510 mil. [18] Para evitar o prejuízo, contava com a publicidade, que pressupunha um leitorado vasto e interessado no seu periódico. A isca foram os romances, de início na rubrica *Variétes* e, depois, no rodapé. O interesse justificava-se pelos custos dos livros no mercado, tanto que em 1835 era preciso desembolsar 15 francos por dois volumes in-oitavo, o que justificava a opção por assinar o jornal. Girardin, encarregou-se de oferecer romances fatiados aos leitores, no que foi seguido por outros proprietários de folhas.

Na França, existe um debate historiográfico bem acirrado sobre o tema, a fim de precisar qual teria sido o primeiro romance-folhetim, pioneiro na constituição do gênero na imprensa. Durante muitos anos a primazia coube à obra *La vieille fille*, de Honoré de Balzac, difundida no *La Presse* em 1836. No entanto, muitos estudiosos contestam o dado, a começar por Jean-Yves Mollier que é categórico ao afirmar que a obra não pode ser vista como marco na história nem dos periódicos e muito menos do romance-folhetim. O pesquisador baseou-se no fato de as revistas francesas - literárias e políticas, como a *Revue de Paris*, *Revue des Deux Mondes*, *La Mode* e *L'Artiste* já publicarem romances fragmentados desde suas primeiras edições. [19]

Nota-se, ainda segundo Mollier, que o pesquisador René Guisè já havia mencionando, na década de 1970, a publicação em capítulos de *Les aventures de Jean-Paul Choppart*, de Louis Desnoyers, no *Journal des enfants*, em 1832, refutada por

[18] SALAUN, Julie. *Op. cit.*
[19] MOLLIER. Jean-Yves. Aux origines du feuilleton dans l' espace francophone. CACHIN, Marie-Françoise, COOPER-RICHET, Diana…*Op. cit*.

Prix pour Paris et les départements, un an, 40 fr. — Pour six mois, 22 fr. — Pour trois mois, 12 fr.

ANNÉE 1836. — N° 103.

Les Abonnements datent des 1 et 15 du mois. On s'abonne à Paris, RUE SAINT-GEORGES, 16.

LA PRESSE

DIMANCHE, 23 OCT.

Annonces : 1 fr. 50 c. la ligne. On les reçoit aux bureaux du journal et RUE DE LA JUSSIENNE, 15.

ÉTRANGER.

AUTRICHE. — VIENNE, 10 octobre.

Voici, d'après le *Journal de Vienne*, les titres de l'empereur d'Autriche, tels qu'ils viennent d'être fixés pour le gouvernement actuel :

« Ferdinand Ier, par la grace de Dieu, empereur d'Autriche, roi de Hongrie et de Bohême, Ve de ce nom, roi de Lombardie et de Venise, de Dalmatie, Croatie, Esclavonie, Galicie, Lodomerie et d'Illyrie; roi de Jérusalem, etc., archiduc d'Autriche, grand-duc de Toscane, duc de Lorraine, de Salzbourg, de Styrie, de Carinthie, d'Ukraine; grand-prince de Transylvanie; margraf de Moravie; duc de la haute et basse Silésie, de Modène, Parme, Plaisance et Guastalla, d'Auschwitz et Zator de Stephen, Frioul, Raguze et Jara; comte souverain de Hapsbourg, du Tyrol, de Kibourg, Gortz et Gradiska; prince de Trente et Brienne; margraf de la haute et basse Lusace et dans l'Istrie; comte de Hohenements, Feldkirch, Bregentz, Sonnenberg, etc.; seigneur de Trieste, de Cattaro et de la marche des Vendes. »

DEUX-SICILES. — NAPLES, 6 Octobre.

Le cordon sanitaire établi pour les provinces de la mer Adriatique ne suffit pas. On a aboli la quarantaine pour les navires venant de Marseille. Par suite de la tentative contre la banque royale de Naples, plusieurs employés de cet établissement ont été arrêtés comme complices du projet de vol. Les Calabrais et les Siciliens ont accueilli avec la plus complète indifférence des proclamations incendiaires répandues sur les côtes et envoyées de Malte. Le nom d'un personnage illustre avait été employé, mais sans sanction de celui qui porte ce nom.

A l'appui de ces nouvelles vient le post-scriptum d'une lettre adressée de Genève à la *Gazette de France*; ce post-scriptum est ainsi conçu :

« On écrit de Florence qu'une révolution a éclaté à Palerme, et qu'on y a proclamé roi le prince de Capoue. »

GRANDE-BRETAGNE. — LONDRES, 20 octobre.

Tous les hommes de conscience s'élèvent avec force contre les indignes manœuvres auxquelles a donné lieu le non-paiement des dividendes espagnols. Il est certain que quelques personnes avaient été prévenues d'avance de ce qui devait arriver, et qu'elles ont propagé des bruits favorables au paiement. Ces agents auront à expliquer la nature des instructions qui leur ont été adressées : le public a le droit de l'exiger. Les amis de M. Mendizabal persistent à soutenir que cette combinaison n'émane pas de lui. Est-il probable, demande un journal anglais, que la maison Ricardo se soit prêtée à une telle déception, et ait volontairement encouru la responsabilité? On dit que M. Ricardo n'était pas en ville samedi, à la nouvelle de l'arrivée, et qu'il n'a pu aviser à ce qu'il fallait faire. Cette réponse ne satisfait personne.

— Le bruit a couru dans la Cité qu'une somme de 50,000 liv. st. avait été envoyée à Londres pour le paiement des dividendes espagnols : la vérité est que la somme envoyée n'excède pas 5,000 liv. st; elle est destinée à faire face aux engagements pris par les agents anglais vis-à-vis du commissariat espagnol.

— On lit dans le *Morning Post* : Nous recevons à l'instant la nouvelle suivante de Madrid, et nous n'avons que le temps d'ajouter que la source d'où nous la tenons ne nous permet pas de la révoquer en doute : « La reine régente a écrit à son frère, lui exprimant ses regrets de la part prise par elle au changement de l'ordre de succession; qu'elle a été jusqu'alors sous l'empire de la contrainte, mais qu'elle est décidée à profiter de la première occasion pour s'échapper de l'Espagne. »

— On a reçu des nouvelles du colonel Chesney, en date de Bassorah, du 15 juin; elles annoncent que l'expédition de l'Euphrate était arrivée dans cette place. Le colonel espérait recevoir, le 9 juillet, la malle des Indes et remonter avec elle la rivière.

POLOGNE. — CRACOVIE.

Tous les voyageurs qui arrivent de ce pays s'accordent à en déplorer la situation; le commerce languit, et les populations sont découragées; pourtant le commerce s'efforce de ranimer l'un et de satisfaire les autres. Cracovie présente l'aspect le plus triste; les habitants se louent des procédés de la garnison autrichienne, malgré l'échec que ressent leur orgueil de la présence de troupes étrangères. Les objets de consommation sont à vil prix, et la stagnation du commerce accroît la misère publique.

PRUSSE. — Berlin, 13 octobre.

La *Gazette d'Etat de Prusse* dément les détails relatifs à une collision récente entre les chrétiens et les juifs de Posen. Tout s'est borné, d'après la *Gazette*, à l'arrestation d'un cocher qui a renversé un juif. Les coréligionnaires du blessé ont saisi le cocher, que des chrétiens ont voulu défendre; mais la présence d'un sergent de ville et d'un gendarme a rétabli l'ordre.

TURQUIE. — CONSTANTINOPLE, 29 septembre.

Le sultan poursuit le cours des réformes qui changent toutes les institutions de l'empire ottoman. L'armée et surtout les milices vont être augmentées; ce dernier corps vient d'être soumis à un réglement calqué sur l'organisation militaire de l'Europe. Une revue des milices de plusieurs sandjakats, passée par S. H., a provoqué des récompenses et un ordre du jour des plus flatteurs. Il paraît que l'empire sera divisé en grandes préfectures, administrées par six gouverneurs-généraux et autant de lieutenants-généraux; les premiers auront le titre de *muschir*, et nommeront les officiers civils.—Depuis plusieurs jours, on remarque dans les promenades des femmes turques, les odaliques du harem impérial: les Musulmans, loin de paraître charmés de cette innovation, s'éloignent à l'approche de ces femmes.—Les klephtes du pachalik de Trikala-Emir et de Larissa sont soumis.—L'imprimerie impériale a publié une grammaire arabe, et le *Moniteur ottoman* signale l'état florissant de la littérature en Orient. En présence de ce mouvement à la superficie, ouvrage de la volonté d'un seul homme, on est tenté de s'enquérir s'il y aura durée et prospérité dans les réformes du sultan Mahmoud. Ces réformes rencontrent-elles des sympathies dans le cœur des populations? jetteront-elles des racines vivaces dans le sol? Dépend-il d'un souverain de changer en un jour des habitudes, des préjugés, des mœurs et des lois qui remontent à plusieurs siècles, s'appuyant d'un côté sur une religion qui date de l'an 622, de l'autre sur un empire fondé par la conquête en 1453. — Un seul établissement échappe aux doutes que nous exprimons, c'est le lazaret qui vient d'être créé dans l'île de Rhodes : voilà le premier démenti donné par le gouvernement ottoman à cet absurde dogme du fatalisme qui faisait croiser les bras et négliger toute précaution devant les visites périodiques de la peste. A cet égard, le sultan ne risque rien en cherchant à détruire l'influence du mot terrible : *c'était écrit*, si familier aux pieux Musulmans.

FRANCE.

PARIS, 22 octobre.

CAUSES MORALES ET MATÉRIELLES DES CRISES FINANCIÈRES.

Troisième et dernier article (1).

Il s'agit, comme on voit, non seulement de rendre les désastres plus rares, mais de *répartir* les désastres inévitables sur un plus grand nombre d'intérêts, en rendant chaque actionnaire solidaire, pour une faible part, du plus ou moins d'industrie. Alors les industriels aussi ne seraient plus sacrifiés sans retour par une débâcle; ils ne seraient compromis que comme actionnaires principaux de l'entreprise, à raison de leur gérance.

Enfin comme les gérans seraient désormais seuls juges des dangers, la grande, l'aveugle et fâcheuse affluence des individus étrangers aux spéculations commerciales et ignorants de l'état réel des affaires, aurait fait place à la prévoyance d'un petit nombre d'hommes spéciaux, et simplifié, au grand profit de tous, le mécanisme industriel aujourd'hui si compliqué et si confus; l'on n'entendrait plus à tout propos des *sauve-qui-peut* universels dans l'armée des producteurs et des commerçants.

Cet *entrecroisement* des fonds de mêmes capitalistes dans les entreprises établirait en outre une solidarité générale plus directe entre eux et toutes les industries, qui ramènerait le calme partout et ferait passer du moins les mauvais jours dans les meilleurs conditions possibles.

Les émeutes et les bourrasques politiques auraient beaucoup moins de puissance pour ébranler le crédit commercial, et si, comme on n'en peut douter, le succès était au bout de cette combinaison généralisée, ce serait un remède efficace à l'*agiotage* et à toutes ses détestables suites.

Des embarras compliqués où le crédit irréguliér jette communément les industriels tour-à-tour, il résulte non seulement la possibilité, mais la nécessité et la permanence de l'*usure*. Le capitaliste se rapproche d'autant plus de l'usurier, qu'il voit moins de sécurité dans les affaires, qu'il y a plus de débâcles et de crises : car ces crises et ce discrédit font qu'il y a toujours pour un certain nombre d'industriels avantage d'emprunter à tous prix, et pour les prêteurs, tout danger à courir même en donnant leurs fonds à un prix exorbitant.

L'usure ne serait pas possible si le crédit était permanent, si les fonds des capitalistes trouvaient avantage à se *classer*; car ce qui fait l'usure, ce n'est pas la mauvaise foi qu'on présume dans l'emprunteur, c'est la mauvaise chance qu'il court à titre de commerçant; c'est l'opinion que l'industrie est une sorte de loterie; on redoute les crises et les victimes qu'elles font.

La multiplication des sociétés par actions aurait les mêmes bons effets dans l'industrie que les *baux à long terme* l'ont eu dans l'agriculture : la mesure serait parfaitement analogue.

Par les baux à long terme, le fermier a trouvé intérêt personnel à bonifier la terre et à améliorer toutes les valeurs accessoires qui lui étaient données en bail; il n'a pas craint les dépenses premières pour appliquer les procédés nouveaux de culture, etc. La production, par conséquent, a été plus grande, et ça été une augmentation de richesse acquise pour le pays; finalement, le propriétaire s'est trouvé avoir un bien d'une valeur double ou triple après 9 ou 16 ans; les bonnes années ensuite ont pu compenser les mauvaises pour le fermier, qui a toujours fini par payer son fermage; enfin tous les deux, le fermier et le propriétaire, ont obtenu en somme et plus de sécurité et plus de profit.

Nous n'avons pas besoin d'achever la comparaison en produisant les avantages analogues des actions dans l'industrie : ils sont évidents pour tous les yeux.

Il y a donc à réaliser une nouvelle sorte d'*assurance mutuelle*, dont les avantages, pour être *indirects*, n'en seront pas moins réels que dans les autres départements des vicissitudes humaines.

Toujours est-il que l'industrie, qui présuppose tant de stabilité et de prévoyance, n'aura ni l'une ni l'autre tant qu'elle ne pourra obtenir que des capitaux flottants, aujourd'hui donnés, demain repris ou menacés de l'être.

D'après tout ce qui précède, il est évident que le gouvernement a le plus grand intérêt à favoriser ces classements de capitaux, et par conséquent la formation des sociétés par actions. Il y trouverait un appui et une sécurité non moins grande que dans l'emploi des moyens préventifs ou coercitifs.

Et ici surgissent des considérations bien graves qu'il est difficile d'é-

(1) Voir la *Presse* des 21 et 22 octobre.

puiser et même d'exprimer d'une manière satisfaisante dans quelques colonnes.

Que dans les désordres et les angoisses d'une société qui s'ébranle jusque dans ses croyances et dans ses mœurs on que la guerre balaie de sa mitraille, les ateliers viennent à chômer et les relations à s'interrompre; que beaucoup d'intérêts soient compromis, on le conçoit, et c'est une fatalité pour la société qui serait la mieux réglée d'ordinaire..... mais que la constitution du travail et des intérêts soit tellement mal affermie que les capitaux se dowent et se reprennent, que les sources de richesse s'épanchent et se resserrent et centuplent les désastres ou les enfantent sous la toute gratuite influence de la peur, à l'occasion d'une faillite individuelle qui se déclare à Londres, à Hambourg ou à Philadelphie; que toutes les vues et tous les intérêts se troublent au moindre caprice qui passera dans la tête d'un don Carlos ou d'un don Miguel, à la moindre velléité d'émeute dans la population de Lisbonne ou de Paris... Les journalistes pourront expliquer fort à leur aise que les désastres gagnent ici et là, partout, comme le choc et sa répercussion, comme le cri et son retentissement; ils pourront, partant de ce point, montrer fort bien que ce qui arrive devait arriver; toujours est-il que ce sera le signe d'une indicible misère, d'une monstruosité économique et sociale, et la preuve que nos sociétés gonflées de leurs progrès sont à peine à l'aurore de ce que leur conçoit l'imagination la plus positive. L'industrie et le commerce qui reposent sur des relations si délicates à former, ne paraissent pas pouvoir résister long-temps encore à l'envahissement dont les menacent tous les éléments de desordre qui, jusqu'ici, ont concentré leur action à ravager l'entendement et les cœurs; de conceptions, soyez-en sûrs, ils passent et passeront davantage chaque jour en volontés et en actes. Nos hommes d'état eux-mêmes sans doute en ont le présage. Les intérêts matériels n'y résisteront pas s'ils ne font alliance avec un pouvoir bien intentionné qui protège les innovations que l'industrie tentera pour se *renouer* et se *recomposer*, pour sortir de ce labyrinthe de la concurrence infiniment petite et confuse.

Et nous supposerions difficilement que le pouvoir fût assez peu prévoyant pour ne pas prendre son point d'appui le plus solide dans ce patronage, car nous le répétons, s'il est un remède approprié au mal et aux maladies aujourd'hui, ce sont les sociétés par actions prises et menées d'une vue haute.

Ces sociétés, en effet, recomposent les intérêts et les efforts, puisque tout en concentrant les richesses comme instruments de travail, elles les laissent en partage à un très grand nombre en tant qu'objet de possession et de jouissance. Elles sont donc un moyen d'ordre populaire, un agent de prospérité, d'affranchissement et d'harmonie pour tous ceux qui ne craindront pas de coopérer au bien en y rattachant leur avenir.

Oui, les sociétés par actions sont le seul procédé d'association applicable à notre époque; oui, elles sont destinées à transformer en peu de temps, si elles sont bien comprises par les capitalistes, toute la physionomie et les habitudes de l'industrie et du commerce, bien mieux que les banques d'escompte et que tous les autres systèmes de banques proposés jusqu'ici par les économistes, lesquels n'offriraient que de minces résultats si l'on n'avait les sociétés par actions pour bases de crédit.

Aussi ne s'arrêteront-elles pas aux seules entreprises de la haute industrie; aux compagnies de chemin de fer, de canaux, etc. L'industrie de second ordre, aujourd'hui par trop morcelée, est également appelée à jouir des avantages qu'elles présentent. Autant il y a de centres industriels qui remplissent une fonction nécessaire et vraiment économique dans le mécanisme général de la production et de la distribution des richesses; autant il en est qui comportent un développement assez grand pour permettre l'application des procédés nouveaux, autant il y aura lieu à la transformation en sociétés par actions.

L'agriculture aussi, on le pense bien, devra une nouvelle impulsion à ce mode d'association. Déjà même en a des précédents heureux dans cet ordre : plusieurs propriétés étendues sont aujourd'hui exploitées en France par des hommes spéciaux avec la participation de bon nombre d'actionnaires.

Déjà les premiers imprimeurs de Paris ont imité celui d'entre eux qui avait adopté ce mode; et par là, non seulement plus d'intérêts sont devenus solidaires des destinées de l'imprimerie, mais il y a eu réunion de plusieurs imprimeries en une seule, et par conséquent diminution de concurrence. Cette vertu des sociétés par actions de restreindre la concurrence à un moindre nombre de têtes, est certainement des plus salutaires.

En effet, la concurrence, plus elle est pratiquée par un grand nombre d'individus isolés, c'est-à-dire dont les intérêts sont *opposés*, plus elle met l'industrie dans les conditions des mécomptes, des mauvais projets; plus les probabilités sont au gaspillage de temps et de force, aux banqueroutes, aux crises financières enfin.

Or, la concurrence, qui aux yeux de nos publicistes n'est poussée trop loin qu'en Angleterre, est pourtant arrivée parmi nous à une telle exagération que dès qu'une nouvelle industrie apparaît, à peine si quelques-uns, venus les premiers, ont le temps d'y réussir; on se hâte et l'on s'y lance à toutes parts. Une affaire, bonne ou instant pour quelques-uns, devient mauvaise pour un très grand nombre. Les moins *forts* (c'est-à-dire les plus *adroits* ou ceux qui ont le triste privilége de pouvoir perdre d'avantage) y succombent. Nous en avons un exemple tout récent : l'industrie des impressions sur laine a pris naissance il y a quatre ans, les premiers qui l'ont exploitée ont réussi; mais bientôt de cinq qu'ils étaient, ils se comptèrent trente. De ces trente, cinq ont fait faillite dans le courant du mois dernier.

FEUILLETON.

GUIDE DU PROPRIÉTAIRE

DES BIENS SOUMIS AU MÉTAYAGE;

Par M. de Gasparin, pair de France, ministre de l'intérieur.

Nous devons dire que nous avons été fort surpris, et d'une manière très agréable pour nos goûts et pour nos habitudes, lorsqu'en nous mettant en devoir de lire un traité d'agriculture, nous avons rencontré dès la première page un très beau traité d'histoire. Nous nous laissons donc aller à ces impressions inattendues, et, sans nous donner le loisir d'apprécier dans toutes leurs matières les deux volumes de mémoires qu'a publiés récemment M. de Gasparin sur l'agriculture et sur l'économie rurale, nous avons hâte d'arriver à son traité des biens soumis au métayage, d'expliquer l'énorme difficulté qu'il y avait à exécuter ce travail, et de montrer la grande quantité de vues excellentes qui s'y trouvent réunies, discutées et élevées à la valeur de système historique.

Peu de gens s'imaginent la difficulté qu'il y a à composer, d'un point de vue historique, un traité de la culture des terres. Un pareil travail suppose achevées une foule de recherches qui ne sont pas seulement organisées, et résolues une foule de questions qui ne sont pas seulement posées. Si l'on voulait procéder à la façon des historiens du dix-huitième siècle, qui commençaient par supposer ce qu'ils appelaient l'état de nature, et qui partaient de là pour élever hypothèses sur hypothèses, jusqu'à ce qu'ils eussent bâti une théorie sans faits, plus ou moins logique dans ses transitions et plus ou moins bien liée dans son ensemble, on pourrait s'en tirer encore sans trop d'embarras; et si l'on avait lu une histoire que M. Alexandre Delaborde croit avoir écrite de la Municipalité de Paris, et qui entre en matière de cette façon : « Les hommes durent éprouver de bonne heure le besoin de vivre en municipalités »; on pourrait commencer ainsi l'histoire de la culture des terres : « Les hommes éprouvèrent de bonne heure le besoin de mettre des métayers sur leurs domaines », et puis, passant de là à Caton qui cite le contrat de métayage, on se trouverait lancé en plein dans son sujet. Ce n'est pas ainsi qu'a fait M. de Gasparin, et c'est pour cela que nous avons lu son travail, non seulement avec plaisir, mais encore avec fruit.

La première chose qui a frappé M. de Gasparin, c'est la diversité des modes de culture selon les divers pays et selon les diverses époques historiques. Tantôt, il trouve les terres cultivées directement par le propriétaire, à l'aide d'esclaves plus ou moins nombreux; tantôt, elles sont cultivées, non plus par le propriétaire, mais sous ses yeux, et par des métayers, c'est-à-dire par des fermiers qui paient leur ferme annuellement et en nature; tantôt, elles sont cultivées sans la participation même indirecte du propriétaire, et par des fermiers, qui paient un taux moyen de ferme, en argent, et quel que soit d'ailleurs le revenu de l'année; tantôt, enfin, elles sont cultivées par le propriétaire, à l'aide de travailleurs propriétaires eux-mêmes, mais soumis à une corvée durant un certain nombre de jours à certaines époques de l'année.

Une fois ces divers modes de culture exposés, M. de Gasparin cherche à se rendre compte de leurs causes également diverses, et c'est là que commence la difficulté, une difficulté vraiment sérieuse.

Il ne s'agit de rien moins en effet que de l'histoire des races esclaves et des races libres, et des diverses circonstances qui ont produit ou accompagné chez les peuples occidentaux l'émancipation des esclaves. Les modes de culture des terres sont autant de rapports établis entre les races libres qui fournissent les propriétaires, et les races esclaves qui fournissent les travailleurs; et selon que ces modes de culture varient, avec eux varient constamment la manière d'être réciproque des possesseurs et des prolétaires. C'est là assurément un des plus beaux sujets d'histoire à traiter; M. de Gasparin l'a apporté, dans la partie qu'il en a faite, une sagacité fort rare, qui honore un homme qui n'a pas fait de l'érudition une carrière, et qui honorerait force savants qui ont fait de l'histoire un métier.

Nous voudrions bien entrer dans l'exposé et dans la discussion des diverses points de vue rassemblés par M. de Gasparin pour expliquer l'histoire du métayage; nous aimons mieux, pour éviter de revenir plusieurs fois sur les mêmes idées, esquisser nous-mêmes cette histoire, en rappelant successivement les opinions de M. de Gasparin. Ce n'est pas, il s'en faut, que nous ayons la prétention de mettre son travail au-dessous du nôtre; nous ne voulons que trouver un moyen d'arriver plus directement et plus promptement à notre but.

Nous avons des raisons de croire, contrairement à ce que paraît penser M. de Gasparin, qu'il n'y a aucune différence historique essentielle entre les différents modes de culture, et qu'il n'y a entre eux qu'une affaire de plus ou de moins. Selon nous, la culture par les esclaves est la plus ancienne; puis vient la culture par le métayage, puis la culture par le fermage. Quant à la culture par la corvée, il nous semble qu'elle est une variété du métayage; nous dirons plus bas les raisons qui nous portent à penser ainsi.

La culture par les esclaves est, avons nous dit, le mode le plus ancien. Il y a de cela une raison à priori bien péremptoire, c'est que l'histoire de tous les peuples, sans aucune exception, commence par l'esclavage des races qui ont fourni plus tard les ouvriers en général, les métayers et les fermiers en particulier. Du temps de Moïse, la culture se fesait chez les Hébreux par des esclaves, comme on le voit en plusieurs endroits du Lévitique; dans l'Odyssée, on trouve que le jardin d'Ulysse est cultivé par un serviteur acheté à prix d'argent; en Italie, vers le commencement de la guerre punique, les terres sont également cultivées par des esclaves; car, quoique M. de Gasparin cite le fragment des livres de Caton, où est mentionné le métayage, il n'en est pas moins vrai que Caton faisait travailler ses terres par des esclaves, comme cela résulte des longs détails que donne Plutarque à ce sujet.

Caton est même le modèle le plus complet de ces propriétaires de la vieille Italie, qui avaient beaucoup de ressemblance avec les planteurs de nos colonies, et qui vivaient retirés dans leurs châteaux, pensant beaucoup, écrivant davantage, et laissant de temps à autre la plume et le bourdon pour aller prendre le commandement de quelque légion romaine. Caton montait à cheval le matin, allait plaider pour les petits gentilhommes, ses clients, dans les petites curies des environs; rentrait à midi, revêtait son habit campagnard, mettait son grand chapeau de paille, et allait visiter ses esclaves laboureurs et terrassiers jusqu'à la fin du jour. Le soir, sa femme, qui était une des plus grandes dames de l'époque, faisait pré

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fig. 2 e 3 (próxima página): Exemplar do jornal *La Presse*, de Émile Girardin, em que *La Vieille Fille*, de Balzac, apareceu na rubrica *Variétes* (23/10/1836). No espaço folhetim, localizado no rodapé, publicou-se o comentário de A. Granier de Cassagnac sobre o livro *Guide du propriétaire*, escrito por M. de Gasparin, Ministro do Interior na época.

la condition d'y consacrer une partie de votre temps, de vos facultés : que la vie privée, que le bien-être matériel ne vous absorbent donc pas. »

Tels sont les principes politiques posés par le discours de Coucy :

Si le despotisme dit aux citoyens : *travaillez, occupez-vous de votre bien-être matériel* ; et si la liberté leur dit : *votre plus sainte occupation, c'est celle de la chose publique* ; outre que cette liberté ne sait pas très bien le français, nous la trouvons fort absurde, tandis que ce despotisme nous paraît fort sage. Les hommes se doivent avant tout au travail, parce qu'il n'y a que le travail qui fasse vivre honnêtement. Quand les hommes ont pourvu aux nécessités de leur vie matérielle, et qu'ils ont du temps de reste, ils peuvent s'amuser à ce qu'ils veulent, même à prononcer des discours ; mais le plus ne vient qu'après le moins, le loisir qu'après l'occupation, les affaires publiques qu'après les affaires privées. Je vous demande un peu ce qu'il en résulterait de bien pour la France, si les ouvriers allaient quitter leurs ateliers, les marchands leur négoce, les artistes et les poètes leurs œuvres, sous prétexte que la patrie passe avant tout, et qu'il faut laisser de côté les affaires privées, entendre les enfants crier de faim et de froid, jusqu'à ce qu'on ait discuté sur la place publique ce qu'il convient de décider dans la question d'Orient !

Il paraît qu'en ce moment l'opposition en veut horriblement aux améliorations matérielles que réclame la France. M. Barrot les poursuit avec un spiritualisme implacable. Après avoir dit qu'il n'y a que le despotisme qui conseille aux citoyens de travailler et de vaquer à leurs affaires domestiques, il ajoute :

« Messieurs, comme citoyen, je vous remercie de cette réunion, de ces manifestations qui prouvent que les efforts faits pour éteindre toute vie politique dans notre pays, n'ont pas complètement réussi : comme député, *je suis fier de représenter une population qui comprend qu'il y a autre chose dans la vie que les intérêts matériels*, et qui sait à quelles conditions une liberté si chèrement achetée peut être conservée. »

Mais qu'est-ce donc que cette liberté, à laquelle seule l'opposition sacrifie, et qu'elle oppose aux intérêts matériels ? Y a-t-il donc quelque chose qui touche si fort les hommes, quand on a mis de côté ce qui intéresse leur existence comme individus, comme pères des famille, comme membres de l'état ? Car enfin, dans ces trois situations, c'est toujours à la satisfaction de leurs intérêts qu'ils courent. Individus, ils recherchent les meilleures conditions de travail, de production et de prospérité ; pères de famille, ils se préoccupent des circonstances qui peuvent diminuer ou accroître la fortune, la considération, le bien-être de leurs enfants ; membres de la cité, ils veillent à ce que la direction des affaires générales soit telle qu'elle tourne au plus grand profit des affaires particulières ; que les fruits de la terre et de l'industrie soient favorisés dans leur production et dans leur consommation. En un mot, toujours, partout, les hommes poursuivent leurs intérêts ; et la liberté n'est rien si elle n'est pas la faculté du choix dans les moyens de favoriser légalement le développement des intérêts.

Qui est ce qui demande la liberté, si ce n'est les intérêts qui sont froissés et gênés dans leur allure, et à quoi servirait cette liberté, si ce n'est à favoriser quelque intérêt violé ou méconnu ?

Quant à ce qui est des intérêts matériels, on dirait vraiment que la France en regorge. Comment ! nous nous heurtons aux mendiants sur les grandes routes, et il ne faut pas s'occuper des intérêts matériels ! De pauvres filles sont chassées de leurs familles par la misère et se prostituent pour apaiser leur faim, et il ne faut pas s'occuper des intérêts matériels ! Les ouvriers se révoltent dans les principales villes du royaume parce que leur salaire ne suffit pas pour les nourrir, et il ne faut pas s'occuper des intérêts matériels ! L'industrie se plaint que ses produits ne s'écoulent pas, l'agriculture s'écrie qu'elle est courbée sous le poids des impôts, et il ne faut pas s'occuper des intérêts matériels ! Et de quoi donc voulez-vous qu'on s'occupe ? de la Russie, de la Perse, du sultan Mahmoud ?

Et que faites-vous donc vous-mêmes, quand vous dites qu'il faut s'occuper de diminuer l'impôt du sel ? Que faites-vous donc vous-mêmes, quand vous calculez ce qu'il en coûtera au commerce de la France pour avoir raison de l'insolence de quelques démocrates fanfarons qui nous insultent du fond de la Suisse ? Que faites-vous donc vous mêmes, quand vous dites que la France aimera mieux souffrir une avanie que d'en avoir réparation en compromettant les intérêts de son industrie ?

CHRONIQUE JUDICIAIRE.

L'affaire dite *des poudres et d'association illicite* qui, depuis trois jours, occupe sans intérêt les audiences de la chambre des appels de police correctionnelle, s'est continuée hier pour entendre les plaidoiries des avocats. Le tribunal a entendu MMes Bertin, Barbier, Duquenel, Destrem, avocats. Les nommés Guichon, Villedieu et Gay ont présenté eux-mêmes leur défense.

M. l'avocat-général Godon a commencé à deux heures et demie son réquisitoire qui s'est terminé à six heures.

Aujourd'hui ont eu lieu les répliques. L'arrêt ne sera prononcé que demain.

— M. Fournier-Verneuil était encore cité aujourd'hui en police correctionnelle, sur la plainte de Me Clausse, notaire, dont il a refusé d'insérer la réponse à un article diffamatoire publié dans le *Censeur judiciaire*. M. Fournier-Verneuil, qui d'ordinaire ne manque pas à l'appel de la justice, a fait défaut cette fois, et a été condamné, par application de l'article 11 de la loi de 1822, à 100 fr. d'amende, à insérer l'article refusé dans le plus prochain numéro de son journal, et à 10 fr. de dommages-intérêts par chaque jour de retard apporté à cette insertion.

— Un conseil de famille s'est réuni sous la présidence de M. Lerat de Magnitot, juge-de-paix du 1er arrondissement, pour délibérer sur les intérêts du jeune Wilfrid de Beriot, fils de M. Beriot et de Mme Malibran, qui laisse, dit-on, plus de 600,000 fr. de fortune. Parmi les membres de ce conseil de famille on remarquait MM. Rossini, Adolphe Nourrit, Troupenas, Herz et Schlesinger.

NOUVELLES DIVERSES.

PARIS, 22 octobre. — Hier au soir, le roi a travaillé avec M. le président du conseil.

Dans la soirée, M. le marquis du Rouve, M. le préfet de la Seine, M. le général Durosnel, M. le chargé d'affaires de Naples, M. le ministre de la Belgique et M. de Saint-Maurice ont eu l'honneur d'être reçus par le roi et par le roi des Belges.

Aujourd'hui, le roi a travaillé avec M. le ministre de la marine.

M. l'internonce, qui part pour Bogota, a eu l'honneur d'être reçu par le roi.

— M. le duc de Nemours part aujourd'hui pour l'Afrique. L'intention du roi est que S. A. R. prenne part à l'expédition préparée contre Constantine. Le prince emmène avec lui, en Afrique, ses deux aides-de-camp, M. le lieutenant-général Colbert et M. le colonel Boyer. Les équipages de S. A. R. sont partis depuis quelques jours.

— Le roi vient d'accorder, à la ville de Lamballe, un très beau local dans son château, pour y établir un collége communal dont elle était privée depuis vingt-quatre ans. Ce collége a été ouvert le 5 de ce mois.

— M. le ministre de la marine a eu l'honneur d'être reçu par le roi des Belges.

— La séance publique de l'académie française, pour la réception de M. Dupaty, succédant à M. Lainé, aura lieu le jeudi 5 novembre. La réception de M. Guizot, élu en remplacement de M. le comte de Tracy, sera ultérieurement fixée.

— A partir du 25 octobre, la bibliothèque du Conservatoire est ouverte au public tous les lundi, mercredi, jeudi, samedi et dimanche, de dix à deux heures.

— SUICIDE. — Avant-hier, vers quatre heures de l'après-midi, un homme d'une quarantaine d'années, aux traits altérés, se présenta à Vincennes, chez le sieur Platrier, marchand de vin-traiteur. Il se plaignait en portant la main à la région abdominale, d'éprouver de violentes coliques. M. Platrier, voyant sa pâleur, lui offrit, pour le calmer, un bol de vin chaud ; l'inconnu l'ayala d'un trait, mais comme la douleur paraissait s'accroître, on lui proposa d'aller quérir un médecin ; il refusa et demanda la permission de se reposer quelques instants sur un lit.

Le traiteur lui ayant indiqué sa chambre, l'inconnu s'y traîna et se jeta tout habillé sur un lit. Une heure s'étant écoulée, M. Platrier monte dans sa chambre pour avoir des nouvelles du malade ; il fut d'abord alarmé de son immobilité, et s'approchant, il fut saisi d'effroi en apercevant que cet homme était mort.

Instruit de cet événement, le maire de Vincennes arriva, accompagné d'un homme de l'art qui fut chargé de procéder à l'examen du corps. On reconnut que cet individu, qui portait dans ses vêtements un petit pistolet fraîchement déchargé, avait au bas-ventre une plaie d'arme à feu récemment faite, et on retrouva la balle, qui ayant pénétré dans les cavités abdominales, y avait déterminé un épanchement de sang qui avait occasioné la mort.

Mais comme M. Platrier et ses domestiques affirmaient n'avoir entendu aucun bruit dans la chambre occupée par l'inconnu, et comme il n'existait, à la partie correspondante de ses vêtements, aucune trace du passage de la balle, on supposa, quand les papiers trouvés sur sa personne eurent établi que ce malheureux était venu à Vincennes pour se suicider, qu'il s'était rendu dans le bois pour exécuter son dessein ; qu'à cet effet, il avait défait ses vêtements pour se tirer un coup de pistolet à bout portant dans le ventre, et que n'ayant point succombé sur le coup, il avait rajusté son pantalon, et avait eu le courage de gagner la demeure de M. Platrier.

Les papiers trouvés sur sa personne ont fait connaître qu'il se nommait Marthe, qu'il était ancien militaire, employé dans la maison de Sainte-Pélagie. Deux de ses camarades, qui vinrent le lendemain constater son identité, déclarèrent que, la veille au matin, il avait dit d'un air sombre, en les quittant : « Mes jours sont comptés ; ce soir, j'aurai fini de vivre ! » ce qu'ils avaient pris pour une plaisanterie.

— Hier à midi, deux énormes radeaux, dont l'un devançait l'autre d'une centaine de mètres, descendaient la Seine. Arrivé à la hauteur du pont Saint-Michel, le premier radeau, composé de madriers, se brisa contre une pile du pont. Ce radeau était monté par cinq hommes. Les quatre premiers, placés à l'avant, tinrent bon ; mais le cinquième, placé à l'arrière, fut renversé dans les flots. Cet homme, qui savait nager, se raccrocha aux débris du radeau, et plusieurs mariniers s'étant jetés dans des embarcations, on le recueillit au-delà du Pont-Neuf.

Quand au second radeau, un sort non moins triste lui était pareillement réservé. Arrivé comme le précédent, au pont St-Michel, il s'y brisa avec une telle impétuosité, qu'il se divisa en plusieurs parties, et que les quatre hommes qui le montaient furent précipités dans la rivière. Deux reparurent et remontèrent sur le train ; un troisième les rejoignit à la nage ; le quatrième, qui ne savait point nager, eut le bonheur de se soutenir sur l'eau à l'aide de son aviron, et parvint à rejoindre ses camarades. Les trois autres ont été sauvés au bas du Pont-Neuf par les bateliers détachés pour aller à leurs secours.

NOUVELLES DES DÉPARTEMENTS.

AIX. — L'académie des sciences, lettres et arts d'Aix, vient de décider qu'une médaille d'or de 800 fr. serait décernée à l'auteur du meilleur mémoire sur les questions suivantes : 1° Tracer les lignes d'un chemin de fer dont le centre des rayonnements serait à Aix ; 2° faire ressortir les avantages généraux qui en résulteraient pour les départements composant l'ancienne Provence ; 3° indiquer avec soin son influence ultérieure sur l'agriculture et le commerce de ce pays.

BAS-RHIN. — *Strasbourg* — Parmi les voyageurs de distinction qui ont passé, il y a quelques jours, à Strasbourg, on cite M. le vicomte d'Aussondieu, secrétaire de la légation de France en Belgique, se rendant à Carlsruhe ; M. le comte de Degenfeld Schombourg et le baron de Duyn, allant à Stuttgard ; M. le comte de Gary, M. le vicomte de Nolivos Felix, M. le comte d'Haussonville, pair de France ; M. le duc de Broglie et sa famille, se rendant en Allemagne.

BOUCHES-DU-RHÔNE. — *Marseille*. — M. Méry, notre collaborateur, vient, assure un journal, de soumissionner pour obtenir la direction des théâtres de Marseille pendant l'année 1837. M. Méry se réunirait avec M. Rey, directeur actuel.

VARIÉTÉS.

LA VIEILLE FILLE.

SCÈNE DE LA VIE DE PROVINCE.

I.

LA CHASTE SUZANNE ET SES DEUX VIEILLARDS.

Beaucoup de personnes ont dû rencontrer dans certaines provinces de France plus ou moins de chevaliers de Valois : il en existait un en Normandie, il s'en trouvait un autre à Bourges, un troisième florissait en 1816 dans la ville d'Alençon, peut-être le Midi possédait-il le sien ; mais le dénombrement de cette tribu valésienne est ici sans importance. Tous ces chevaliers, parmi lesquels il en est sans doute qui sont Valois comme Louis XIV était Bourbon, se connaissaient si peu entre eux, qu'il ne fallait point leur parler des uns aux autres ; tous laissaient d'ailleurs les Bourbons en paisible tranquillité sur le trône de France, car il est un peu trop avéré que Henri IV devint roi, faute d'un héritier mâle dans la première branche d'Orléans, dite de Valois. S'il existe des Valois, ils proviennent de Charles de Valois, duc d'Angoulême, fils de Charles IX et de Marie Touchet, de qui la postérité mâle s'est également éteinte, jusqu'à preuve contraire. Aussi ne fut-ce jamais sérieusement que l'on prétendit donner cette illustre origine au mari de la fameuse Lamothe-Valois, impliquée dans l'affaire du collier.

Chacun de ces chevaliers, si les renseignements sont exacts, était, comme celui d'Alençon, un vieux gentilhomme, long, sec et sans fortune. Celui de Bourges avait émigré, celui de Touraine s'était caché, celui d'Alençon avait guerroyé dans la Vendée et quelque peu chouanné. La majeure partie de la jeunesse de ce dernier s'était passée à Paris, où la révolution l'avait surpris à trente ans au milieu de ses conquêtes. Le chevalier de Valois d'Alençon, comme ses homonymes, était accepté par la haute aristocratie de la province pour un vrai Valois ; il avait d'ailleurs d'excellentes manières, et paraissait homme de haute compagnie. Quant à ses mœurs publiques, il avait l'habitude de ne dîner jamais chez lui ; il jouait tous les soirs, et s'était fait prendre pour un homme très spirituel. Il avait le défaut de savoir une foule d'anecdoctes sur le règne de Louis XV et sur les commencements de la révolution, qu'il avait le bonheur de conter assez bien pour ceux qui les entendaient la première fois ; en revanche, il avait la vertu de ne pas répéter ses bons mots personnels et de ne jamais parler de ses amours ; mais ces grâces et ses sourires commettaient de délicieuses indiscrétions. Ce bon homme usait du privilége qu'ont les vieux gentilshommes voltairiens de ne point aller à la messe, et chacun avait une excessive indulgence pour son irréligion, en faveur de son dévouement à la cause royale. Son principal vice était de prendre du tabac dans une vieille boîte d'or ornée du portrait d'une princesse Goritza, charmante Hongroise de qui la beauté fut célèbre sous la fin du règne de Louis XV, à laquelle le jeune chevalier avait été longtemps attaché, dont il ne parlait jamais sans émotion, et pour laquelle il s'était battu.

Ce chevalier, alors âgé d'environ cinquante-huit ans, n'en avouait que cinquante, et pouvait se permettre cette innocente tromperie, car parmi les avantages dévolus aux gens secs et blonds, il conservait cette taille encore juvénile qui sauve aux hommes aussi bien qu'aux femmes les apparences de la vieillesse ; oui, sachez-le, toute la vie, ou toute l'élégance, qui est l'expression de la vie, réside dans la taille. Mais comme il s'agit des vertus du chevalier, il faut dire qu'il était doué d'un nez prodigieux, lequel partageait vigoureusement sa figure pâle en deux sections qui semblaient ne pas se connaître, et dont une seule rougissait pendant le travail de la digestion, fait digne de remarque par un temps où la physiologie s'occupe

---

du succès auquel peut prétendre une idée utile habilement exploitée en temps opportun. Avant cet ouvrage, aucun livre ne présentait un résumé de toutes les matières législatives qui peuvent intéresser le grand nombre, un répertoire que l'homme inaccoutumé au langage de la loi pût consulter avec fruit pour la direction de ses affaires. L'inconvénient était réel, et cependant il est certain que peu de personnes s'étaient rendu compte de cette lacune et avaient regretté un pareil livre. M. de Chabrol a donc révélé au public un besoin véritable, en même temps qu'il lui offrait un moyen de satisfaction. C'est là ce qui doit expliquer le grand succès de ce livre dont nous avons sous les yeux la deuxième édition.

Le but que se propose-t-il M. de Chabrol était d'ailleurs plus large que l'utilité tout individuelle des notions qu'il a réunies dans son dictionnaire. Il a voulu mieux faire qu'un guide en affaires. « Il n'y a point, dit-il dans sa préface, il n'y a point de constitution possible, si elle ne s'appuie point sur le sentiment de la légalité ; les principes constitutionnels n'ont pas de base plus solide et plus stable. La légalité, à vrai dire, est comme la morale de l'ordre politique. Les masses ont l'instinct de cette vérité, et il ne faut pas jeter un regard bien profond sur la société française pour apercevoir l'empire qu'exerce sur tous les esprits et dans toutes les classes le règne de la loi. C'est un heureux symptôme de notre temps que le goût de la liberté et de la légalité venant l'un et l'autre se réunir et s'allier dans la conscience publique. »

Ainsi, M. de Chabrol a cherché à contribuer à l'éducation légale du pays et au développement encore tardif des principes constitutionnels. Le meilleur moyen à employer était une exposition simple et concise des dispositions de la loi ; quelques notions sur l'histoire de son développement, sur sa tendance, sa portée ; sur la manière dont elle doit être interprétée, et sur le sens que lui reconnaît la jurisprudence. Telle a été, en effet, la méthode suivie par M. de Chabrol. Ce travail était difficile ; il demandait beaucoup de tact et une connaissance très variée de toutes les branches de la législation.

M. de Chabrol s'en est, en général, tiré avec assez de bonheur. Il a fait preuve d'une grande érudition en matière législative, et d'une expérience mûrie, surtout dans ce qui touche au droit criminel ; les sujets divers sont bien classés et la nomenclature est assez complète pour ne rien laisser à désirer ; chaque article est ordinairement divisé d'une manière logique et propre à rendre facile l'intelligence de l'ensemble et des détails. Mais nous regrettons qu'une élégance plus correcte, sans nuire en rien à la clarté du style, ne fasse pas oublier la sécheresse de la matière. C'est un soi-disant que la compilation ; les produits en sont rarement appréciés autant qu'ils le méritent : c'est une raison de plus pour les compilateurs, de parer leur style de la grâce qui attire et retient le lecteur.

L'auteur a trop compté peut-être sur l'utilité du fonds, et il a pensé qu'un sujet aussi sérieux n'avait pas besoin de rechercher les ornements de la forme ; il a voulu servir et n'a pas cru devoir chercher à plaire. Il eût mieux fait sans doute de courir les deux chances. C'est une erreur de penser qu'on puisse jamais négliger la phrase qui enveloppe une idée ou un fait. A un jurisconsulte on peut citer le vieil adage que souvent *la forme emporte le fond*. Ce qui est vrai pour une pièce de procédure est vrai aussi pour un livre quel qu'il soit. Voyez que de misères et de futilités trouvent faveur auprès du public, grâces au travail de style qui les décore ; ne négligez pas pour les bonnes idées le vêtement gracieux et bien drapé qui fait passer même les mauvaises.

Nous prions toutefois qu'on ne prenne pas trop à la lettre cette critique du style du Dictionnaire de législation usuelle. La qualité que nous y cherchons sans la trouver était la plus difficile à atteindre dans un pareil ouvrage, et l'absence en est rachetée par d'autres mérites qui ne sont pas moins appréciables. Le plus grand de tous, et celui qui importe le plus à un ouvrage de cette nature, c'est la méthode dans l'exposition. Il suffit de parcourir quelques articles pour reconnaître un arrangement des matières qui rend la recherche commode et l'intelligence facile.

Dans chaque article, les textes sont cités avec exactitude ou analysés avec précision ; les arrêts sont notés et classés de manière à offrir comme un petit traité pratique sur chaque sujet. On apprend beaucoup en peu de mots ; on saisit vite l'ensemble, et les détails se retrouvent facilement dans les chapitres, les sections, les paragraphes, qui subdivisent la matière. Tous les faits législatifs et judiciaires y sont notés avec le plus grand soin, toujours une date à côté de chaque texte et de chaque arrêt ; toujours une indication de page et de volume à côté de chaque citation.

Si l'homme du monde, qui n'a qu'un instant pour ouvrir le dictionnaire et qu'un article à y étudier, y trouve les éléments d'une instruction suffisante sur son affaire spéciale ; le jurisconsulte, qui veut dans ses livres une utilité de tous les instants, y peut trouver sur chaque sujet toutes les indications qui le mettent sur la voie d'une étude plus approfondie.

M. de Chabrol s'est défendu de la prétention d'avoir écrit pour les jurisconsultes qui ont besoin de traités complets et développés avec tous les arguments pour et contre dans chaque question ; mais les jurisconsultes ont souvent aussi besoin de jeter un coup-d'œil sur l'ensemble d'une utilité, d'en saisir l'esprit général sans s'arrêter aux détails. Pour cela, le *Dictionnaire de législation usuelle* est éminemment utile ; et nous ne doutons pas que ceux mêmes qui lui font le reproche de manquer de développements scientifiques ne trouvent de fréquentes occasions de le consulter avec avantage.

Si maintenant on accorde à la critique que plusieurs articles pourraient être plus complets, il faudra reconnaître du reste que peu d'ouvrages de droit renferment autant de choses dans aussi peu de pages, surtout autant de choses usuelles et pratiques, aussi clairement exposées, aussi méthodiquement classées. Dans un temps où on veut de la science toute faite et, pour employer une expression triviale, *toute mâchée*, aucun ouvrage ne peut prétendre plus justement à la popularité. Au point de vue des affaires, c'est le meilleur et peut-être le seul conseiller de cabinet dans lequel on puisse trouver immédiatement réponse à toute question.

Au point de vue de l'instruction, c'est un précieux catéchisme de législation, dans lequel chacun trouvera nécessairement le chapitre qui se rapporte à sa profession ou à ses occupations habituelles ; celui-là il le comprendra facilement, parce que la théorie devient très claire quand on possède bien la pratique ; et de proche en proche, il pourra arriver à comprendre bien le langage législatif. Ce résultat n'est pas à dédaigner dans un temps et dans un pays où l'opinion publique doit être à tout instant consultée et où chacun croit pouvoir donner son avis sur chaque chose. Aussi le dictionnaire de législation usuelle, ouvrage utile et patriotique, nous paraît-il tout-à fait digne de la faveur peu commune avec laquelle il a été accueilli.

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Julie Salaun, pelo fato de tratar-se de uma história estampada num periódico dedicado às crianças. [20] Mollier referiu-se a série de transformações no espaço francófono que coloca a questão em âmbito transatlântico:

> Pour corser encore la dificulte, on peut signaler la publication du Père Goriot par *L'Ami du people* de Montréal du 29 août 1835 au 16 janvier 1836 et ce à l'initiative d' un français, Alfred-Xavier Rambau, problablement abonné à la *Revue de Paris* qui l'avait également publié em quatre livraisons em 1835. A ce stade, une seule certitude demeure: dans l' espace francofone, c'est bien entre 1830 et 1836 que se produisent les changements qui conduiront à la naissance du roman-feuilleton. [21]

Outra razão para *La vieille fille* perder o posto é o fato de não figurar no *rez-de-chaussée* e sim acima desse, em uma seção intitulada *Variétes*. Tal rubrica era constante no jornal, assim como o *feuilleton*, e originou-se nos antigos almanaques, sempre publicada no meio da página e, como já se destacou, com conteúdos semelhantes aos dos folhetins, inclusive textos ficcionais, por isso a dificuldade de distingui-los. Assim, Julie Salaun atribuiu a *Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, publicado no jornal *Le Siècle* em 1838, a honra de ser o primeiro romance-folhetim difundido na imprensa francesa. É evidente a falta de consenso na historiografia francesa sobre qual era o lugar próprio do folhetim: deve-se considerar apenas os romances em capítulos que apareceram no rodapé do jornal ou o espaço ocupado por outras seções (como a *Variétes*) também deveria ser considerado quando se trata do tema? Constata-se ainda, a multiplicidade de critérios, o que acaba por consagrar diferentes obras, dependendo da perspectiva adotada.

No entanto, cabe refletir sobre a importância que o público dava para a posição desses textos no jornal. Será que de fato a localização era tão relevante para os leitores? A disposição do conteúdo influenciaria a leitura (ou não)? Talvez, num primeiro momento, a resposta fosse negativa, pois a inclusão desses textos, no caso francês e inglês, foi uma estratégia para escapar de leis sobre a imprensa. Porém, com o tempo, o público passou a recortar e colecionar o que era publicado, o que pode ter levado o editor a usar a estratégia de apresentá-los na página inicial, pois visualmente era fácil a

[20] SALAUN, Julie. *Op. cit*.
[21] MOLLIER. Jean-Yves. Aux origins…*Op. cit*. p. 54.

Paris (*par trimestre*), 10 fr. — ÉDITION DE PARIS — Départ. (*par trimestre*), 12 fr.

ABONNEMENS. Paris : Six mois, 20 fr. Un an, 40 fr. — Départemens : 24 — 48

On s'abonne aux Bureaux du Journal, chez les correspondans, les libraires, les directeurs de postes, et *sans aucune augmentation de prix* chez les directeurs des messageries ; à Londres, chez THOMAS, 1, Finch Lane, Cornhill. Les abonnemens datent des 1 et 16 de chaque mois.

INSERTIONS : Les annonces agréées sont reçues à raison de 1 fr. 50 c. la petite ligne, 3 fr. la grande ligne en petit-texte.

On reçoit au paiement des abonnemens et des annonces les mandats à vue sur le trésor et sur la poste, et les effets sur Paris.

Le Siècle.

POLITIQUE : Rédacteur en chef : M. A. CHAMBOLLE.

LITTERATURE : Rédacteur en chef : M. LOUIS DESNOYERS.

LE SIÈCLE est publié sous les auspices des députés de l'opposition constitutionnelle. Il est fondé par une société en commandite dont le capital est de 500,000 fr. divisé par actions.

Tout ce qui concerne les actions, les abonnemens, les insertions et les réclamations doit être adressé *franco* à M. DUTACQ, Directeur-Gérant du Journal. Les demandes d'ABONNEMENT non accompagnées du paiement SERONT REJETÉES. On est prié de joindre aux demandes de REMBOURSEMENT la dernière ADRESSE IMPRIMÉE.

MERCREDI 30 MAI 1838. — 3e ANNÉE. — N° 150. | BUREAUX DU JOURNAL, A PARIS, RUE DU CROISSANT, 16, HOTEL COLBERT. | TIRAGE DU JOURNAL, ÉDITION D'HIER, 15,000 EXEMPL.

FRANCE.

Paris, 28 mai.

SÉANCE DE LA CHAMBRE DES DÉPUTÉS.

Après les réflexions que le *Siècle* a publiées avant-hier sur l'excellent rapport de M. de Malleville, nous n'aurons que peu de choses à dire des principales circonstances de la discussion qui s'est aujourd'hui engagée sur quelques-uns des chapitres du budget de l'intérieur. L'esprit qui avait dicté ces réflexions s'est retrouvé dans les critiques que quelques orateurs ont portées à la tribune, et, ce qui vaut mieux encore, dans les votes de la chambre. Comme nous, M. Armand (de l'Aube), s'est élevé contre le scandale des remaniemens que l'on a fait tant de fois subir, depuis huit ans, à l'organisation intérieure de ce ministère, sans les subordonner à d'autre règle que le caprice des prétentions personnelles. L'honorable député a fait entendre à ce sujet de sages représentations et d'utiles conseils, que la chambre a trop peu écoutés pour que MM. les ministres se croient obligés de les suivre.

Sur les 198,000 francs de réductions que la commission s'était bornée à proposer, M. le ministre de l'intérieur est parvenu à ressaisir 80,000 francs. La chambre, toutefois, d'après le témoignage de M. Arago, aurait eu raison de les lui accorder, car il s'agissait de réparations urgentes à exécuter au palais de l'Institut, dont la bibliothèque menace ruine. Le louable désir de provoquer un mûr examen et un contrôle sévère sur le plan des travaux d'agrandissement que projette l'administration ne doit pas aller jusqu'à faire ajourner des réparations reconnues indispensables.

La commission s'était opposée au transport des 50,000 fr. que le ministère voulait enlever au chapitre des encouragemens aux arts, pour en doter le chapitre des souscriptions. M. Piscatory a parfaitement développé à ce sujet les idées que nous avions eu nous-mêmes l'occasion d'indiquer. La meilleure manière de favoriser les progrès des arts consiste à mettre sous les yeux et à la disposition des artistes les modèles fournis par les grands maîtres de tous les pays et de toutes les époques. Sous ce rapport, la collection des modèles de l'école des beaux-arts offre des avantages dont la commission avait été justement frappée. Les souscriptions, au contraire, n'ont été trop souvent qu'un encouragement donné à la médiocrité, qu'un aliment jeté à la corruption. L'allusion faite par M. le rapporteur au mauvais emploi de ces fonds a rappelé à l'assemblée des scandales dont il est bon que le souvenir passe comme un salutaire enseignement d'une législature à l'autre. La chambre a adopté l'avis du ministère sur le chapitre des encouragemens : elle n'a point restitué à ce chapitre les 50,000 fr. que la commission voulait lui rendre ; mais elle s'est rangée à l'opinion de la commission relativement aux souscriptions; elle a dénié à ce chapitre les 50,000 fr. dont le ministère avait prétendu l'enrichir : au lieu d'un report, elle a fait une économie. Du reste, ce résultat a été vivement disputé : après deux épreuves, déclarées douteuses, il a fallu procéder au scrutin, et la réduction n'a passé qu'à une seule voix de majorité.

La question des subventions théâtrales a été traitée d'une manière parfaitement comique par M. Liadières. On a ri beaucoup moins de ses plaisanteries, en général fort prétentieuses, que des démonstrations et des citations qu'il a faites d'un ton sérieux.

La chambre n'a pas paru croire que ce discours méritât d'être réfuté. Après avoir entendu M. Auguis et M. le ministre de l'intérieur, elle a voté, article par article, le chiffre des subventions théâtrales. Il a été entendu que le vote des 70,000 fr. alloués pour le théâtre des Italiens n'était que provisoire, jusqu'à rectification du nouveau traité à conclure avec ce théâtre, et qui sera demain soumis sous forme de projet de loi à l'approbation de la chambre.

Toute la presse indépendante a annoncé que la chambre des pairs, qui ne pense, ne parle et n'agit que d'après les inspirations ministérielles quand il y a un ministère, et d'après les inspirations directes du château quand les ministres eux-mêmes sont dans la dépendance de la cour, se proposait de rejeter purement et simplement la loi sur le cadre de l'état-major de l'armée votée par la chambre élective.

Ce bruit nous a d'abord étonnés parce que nous nous rappelions que la chambre des députés, qui depuis plus de huit ans poursuit la réalisation des importantes réformes en partie introduites dans la loi dont nous parlons, avait eu la sage prévoyance de ne voter l'année dernière les fonds destinés à l'état-major que pour six mois de 1838, contraignant par là le ministre de la guerre à lui présenter avant ce délai un projet si long-temps retardé. Plus le terme approchait, moins il nous semblait à craindre qu'on se relâchât d'une précaution si utile et dont on venait d'éprouver l'efficacité.

Qu'est-il arrivé cependant ? La sous-commission de la guerre, chargée de l'examen du budget, soit irréflexion, soit qu'elle ait regardé comme certaine l'adoption définitive de la loi qui avait réuni l'assentiment d'une imposante majorité au palais Bourbon, a consenti à proposer pour l'exercice 1839 tout entier l'allocation qui n'avait été votée que pour les six premiers mois de 1838. Le ministère trouvant la commission du budget si facile, s'est enhardi naturellement dans son hostilité contre une loi qui réduisait à six en temps de paix le nombre des maréchaux de France et donnait aux lieutenans-généraux, par la création du cadre de réserve, des garanties contre l'arbitraire ministériel. C'est ainsi, encore une fois, qu'il a été amené à la pensée de faire rejeter la loi en même temps qu'il obtiendra l'ajournement indéfini de la conversion par un vote d'inopportunité ou par des mesures dilatoires.

S'il était vrai que le rapporteur de la loi sur le cadre de l'état-major, M. le baron Mounier, dût en proposer le rejet en donnant pour motif que le gouvernement, au lieu de présenter, selon l'usage, un seul projet de loi, celui qui est sorti des délibérations législatives, en a présenté deux, le sien d'abord et ensuite celui de la chambre à titre d'amendement; si cela était vrai, disons-nous, on en conclurait du moins que les interpellations récentes de M. de Mornay au sujet de cette présentation inaccoutumée n'étaient point dénuées d'à-propos. M. le général Bernard a refusé d'y répondre quand elles lui ont été adressées; nous verrons s'il sera plus en mesure lors de la discussion du budget de la guerre. Dans tous les cas, nous espérons bien que la majorité de la chambre, avertie, aura la même prévoyance que la dernière législature et s'armera des mêmes moyens de faire respecter, non plus seulement ses vœux, mais sa décision.

Nous avons constamment rappelé au gouvernement qu'une de ses obligations les plus sacrées était d'étendre sa sollicitude sur tous les Français qui résident au dehors et de venger comme une injure faite au pays tout entier celle qui s'adressait à un simple citoyen. C'est ainsi qu'une nation se fait respecter ; c'est ainsi qu'on évite la répétition des outrages et qu'on prévient les embarras et les conflits qui naissent inévitablement d'une méfintelligence long-temps prolongée. Les événemens qui se sont passés au Mexique ne viennent que trop à l'appui de ces réflexions. Si, dès le premier jour où nous avons eu un grave sujet de plainte, le gouvernement avait insisté pour obtenir une réparation, cette réparation eût été facile à accorder, il l'aurait obtenue sans doute, et dans tous les cas l'énergie des représentations ou des répressions déployées à propos aurait prévenu le retour de faits semblables. Au lieu de cela, qu'est-il arrivé ? C'est qu'après huit ans d'une longanimité qui, s'il faut s'en rapporter aux documens officiels, a passé toutes les bornes, notre consul, M. Deffaudis, ne pouvant protéger ni les propriétés, ni la liberté, ni la vie des négocians français, en est réduit à dérouler une longue liste de griefs, pillages, dévastations, meurtres judiciaires, assassinats commis par la populace, griefs qu'on a laissé grandir au point qu'il ne reste plus que l'alternative d'une satisfaction aussi complète qu'elle a été tardive, ou d'une rupture entre les deux pays.

Nous déplorons cette alternative ; mais le même sentiment qui nous porte à regretter que le gouvernement ne se soit pas mis plus tôt en mesure de faire respecter nos concitoyens nous impose le devoir de le soutenir dans les dispositions qu'il prend aujourd'hui. Nous n'avons pas voulu supposer un instant qu'il y eût inexactitude ou exagération dans le manifeste publié sous sa garantie. Un ensemble de faits qui met un peuple avec ses chefs, pour ainsi dire, au ban des nations civilisées, doit avoir été scrupuleusement vérifié. C'est de cette donnée que nous sommes partis lorsque nous avons frappé d'une réprobation énergique la conduite du gouvernement mexicain.

Nous gardons cette conviction entière, malgré les protestations qui nous ont été adressées par le ministre plénipotentiaire du Mexique, M. Garro, l'un des hommes les plus honorables que nous connaissions, mais dont la position commande le langage. Nous espérons que M. Garro, après avoir atténué ici autant qu'il était en lui les torts de ses compatriotes, ce qui était peut-être son devoir, usera de son influence ailleurs pour les faire réparer. Les Mexicains eux-mêmes comprendront que le meilleur moyen de donner un démenti aux jugemens sévères et peut-être injustes portés contre leur caractère national dans les lettres dont nous avons reproduit quelques expressions qui ont blessé ici leur représentant, c'est d'accorder les réparations qui sont dues à la France. L'honneur national, en effet, n'oblige pas à soutenir des mesures vexatoires, violentes, à couvrir des crimes privés ou publics de l'impunité, mais à maintenir le droit de tous, à prêter force aux lois qui doivent protéger les étrangers aussi bien que les nationaux ; à changer ces lois enfin, si elles n'offrent qu'une garantie impuissante ou dérisoire. Il ne faut pas que les Mexicains se persuadent qu'on est un peuple libre et civilisé par cela seul qu'on a inscrit sur sa bannière les mots : *Constitution, liberté, indépendance.* Quel cas faudrait-il faire d'une constitution qui laisserait la population tout entière dans un état presque sauvage ; d'une liberté qui se confondrait sans cesse avec l'anarchie ; d'une indépendance qui se constaterait seulement par les actes d'une haine brutale et meurtrière contre tous les étrangers ?

Il a plu à la *Charte de 1830*, copiée ce matin par 2 ou 3 autres journaux ministériels, de donner un démenti aux faits que nous avions rapportés dans notre numéro d'hier et qui tous tendaient à démontrer que l'union des ministres était à peu près aussi réelle que leur indépendance. On ne s'étonnera pas de voir ces faits contestés par les ministres, et il ne viendra sans doute à l'idée de personne de les croire moins exacts parce qu'ils ont eu intérêt à les démentir.

Aussi ne prendrons-nous pas la peine d'insister sur nos premières affirmations qui subsistent dans toute leur force. Nous, aurions pu sans doute être trompés sur quelques détails, mais nous ne croyons pas avoir la moindre rectification à faire. — Nous ferons remarquer que des cinq ou six faits principaux qui faisaient l'objet de notre article et qu'on dit *inventés à plaisir*, quatre étaient rapportés le même jour par le journal le *Temps*, qui avait puisé ailleurs ses informations.

Quant à ce qui concerne plus spécialement M. Molé, et qui fait allusion à une certaine mystification diplomatique qu'il aurait subie, nous savons très bien qu'il ne peut en convenir. Mais, pour l'édification de nos lecteurs, nous nous contenterons de rappeler : 1° la fameuse dépêche du maréchal Maison soustraite à M. Laffitte quand il était président du conseil ; 2° les tourmens de Casimir Périer du moment où il s'était aperçu des communications qui avaient lieu à son insu entre la cour et la diplomatie étrangère ; 3° enfin la fameuse déclaration de M. Thiers, qui est venu dire à la tribune, à l'occasion de l'affaire Conseil : « Oui, je devais tout savoir et dans ce cas je devais répondre : mais *je n'ai pas su*,

---

Feuilleton du Siècle. — 30 mai.

Nous publions aujourd'hui le premier chapitre du CAPITAINE PAUL, *roman de* M. ALEXANDRE DUMAS, *dont désormais la collaboration nous est exclusivement assurée. Les chapitres suivans seront publiés sans interruption.*

Le terme prochain de la session législative permettra, d'ailleurs, au feuilleton du Siècle de reprendre tout son développement habituel. Nous publierons bientôt la liste des principaux articles que nous nous proposons d'offrir à nos lecteurs.

LE CAPITAINE PAUL.

1.

Vers la fin d'une belle soirée du mois d'octobre de l'année 1777, les curieux de la petite ville de Port-Louis étaient rassemblés sur la pointe de terre qui fait pendant à celle où, sur l'autre rive du golfe, est bâti Lorient. L'objet qui attirait leur attention et servait de texte à leurs discours, était une noble et belle frégate de 32 canons, à l'ancre depuis huit jours, non pas dans le port, mais dans une petite anse de la rade, et qu'on avait trouvée là un matin comme une fleur de l'océan éclose pendant la nuit. Cette frégate, qui paraissait tenir la mer pour la première fois, tant elle semblait coquette et élégante, était entrée dans le golfe sous le pavillon français dont le vent déployait les plis et dont les trois fleurs-de-lys d'or brillaient aux derniers rayons du soleil couchant. Ce qui paraissait surtout exciter la curiosité des amateurs de ce spectacle, si fréquent et cependant toujours si nouveau dans un port de mer, c'était le doute où chacun était du pays où avait été construit ce merveilleux navire, qui, dépouillé de toutes ses voiles serrées autour des vergues, dessinait sur l'occident lumineux la silhouette gracieuse de sa carène et l'élégante flèche de ses agrès. Les uns croyaient bien y reconnaître la mâture élevée et hardie de la marine américaine ; mais la perfection des détails qui distinguait le reste de sa construction contrastait visiblement avec la rudesse barbare de ces enfans rebelles de l'Angleterre. D'autres, trompés par le pavillon qu'elle avait arboré, cherchaient dans quel port de France elle avait été lancée, mais bientôt tout amour-propre national cédait à l'évidence, car on demandait en vain à sa poupe cette lourde galerie garnie de sculptures et d'ornemens, qui formait la parure obligée de toute fille de l'Océan ou de la Méditerranée née sur les chantiers de Brest ou de Toulon : d'autres encore, sachant que le pavillon n'était souvent qu'un masque destiné à cacher le véritable visage, soutenaient que les tours et les lions d'Espagne eussent été plus à leur place à l'arrière du bâtiment que les trois fleurs de lys de France : mais à ceux-ci on répondait en demandant si les flancs minces et élancés de la frégate ressemblaient à la taille rebondie des galions espagnols. Enfin il y en avait qui eussent juré que cette charmante fée des eaux avait pris naissance dans les brouillards de la Hollande, si la hauteur et la finesse de ses mâtereaux n'avaient point, par leur dangereuse hardiesse, donné un démenti aux prudentes constructions de ces anciens balayeurs des mers. Au reste, depuis le matin (et, comme nous l'avons dit, il y avait de cela huit jours) où cette gracieuse vision était apparue sur les côtes de la Bretagne, aucun indice n'avait pu fixer l'opinion, que nous retrouvons encore flottante au moment où nous ouvrons les premières pages de cette histoire, attendu que pas un homme de l'équipage n'était venu à terre sous quelque prétexte que ce fût. On pouvait même ignorer, à la rigueur, s'il existait un équipage, car si l'on n'eût aperçu la sentinelle et l'officier de quart, dont la tête dépassait les bordages du navire, on eût pu le croire inhabité. Il paraît néanmoins que ce bâtiment, tout inconnu qu'il était demeuré, n'avait aucune intention hostile ; son arrivée n'avait pas inquiété les autorités de Lorient, et il avait été se placer sous le feu d'un petit fort que la déclaration de guerre entre l'Angleterre et la France avait fait remettre en état, et qui dressait en dehors de ses murailles et au-dessus de la tête même des curieux, le cou allongé d'une batterie de gros calibre.

Cependant, au milieu de la foule de ces oisifs, un jeune homme se distinguait par l'inquiet empressement de ses questions. Sans que l'on pût deviner pour quelle cause, on voyait facilement qu'il prenait un intérêt direct à ce bâtiment mystérieux. Comme à son habit élégant on avait reconnu l'uniforme des mousquetaires, et que ces gardes de la royauté quittaient rarement la capitale, il avait d'abord été pour la foule une distraction à sa curiosité ; mais bientôt on avait retrouvé dans celui qu'on croyait un étranger le jeune comte d'Auray, dernier rejeton d'une des plus vieilles maisons de la Bretagne. Le château habité par sa famille s'élevait sur les bords du golfe de Morbihan, à six ou sept lieues de Port-Louis. Cette famille se composait du marquis d'Auray, pauvre vieillard insensé, qui, depuis 20 ans, n'avait point été aperçu hors des limites de son domaine ; de la marquise d'Auray, femme dont la rigidité de mœurs et l'antiquité de la noblesse pouvaient seules faire excuser la hautaine aristocratie ; de la jeune Marguerite, douce enfant de 17 à 18 ans, frêle et pâle comme la fleur dont elle portait le nom, et du comte Emmanuel, que nous venons d'introduire sur la scène, et autour duquel la foule s'était rassemblée, dominée qu'elle est toujours par un beau nom, un brillant uniforme et des manières noblement insolentes.

Toutefois, quelque envie qu'eussent ceux auxquels il s'adressait de satisfaire à ses questions, ils ne pouvaient lui répondre que d'une manière vague et indécise, puisqu'ils ne savaient sur la frégate que ce que leurs conjectures échangées avaient pu leur en apprendre à eux-mêmes. Le comte Emmanuel était donc prêt à se retirer lorsqu'il vit s'approcher de la jetée une barque conduite par six rameurs ; elle amenait directement vers les groupes dispersés sur la grève un nouveau personnage qui, dans un moment où la curiosité était si vivement excitée, ne pouvait manquer d'attirer sur lui l'attention. C'était un jeune homme qui paraissait âgé de vingt à vingt-deux ans à peine, et qui était revêtu de l'uniforme d'aspirant de la marine royale. Il était assis ou plutôt couché sur une peau d'ours, la main appuyée sur le gouvernail de la petite barque, tandis que le pilote, qui, grâce au caprice de son chef, se trouvait n'avoir rien à faire, était assis à l'avant du canot. Du moment où l'embarcation avait été aperçue, chacun s'était retourné de son côté, comme si elle apportait un dernier espoir d'obtenir les renseignemens tant désirés. Ce fut donc au milieu d'une partie de la population de Port-Louis que la barque, poussée par le dernier effort de ses rameurs, vint s'engraver à huit ou dix pieds de la plage, le peu de fond qu'il y avait à cet endroit ne lui permettant pas d'avancer plus loin. Aussitôt deux des matelots quittèrent leurs rames, qu'ils rangèrent au fond de la barque, et descendirent dans la mer, qui leur monta jusqu'aux genoux. Alors le jeune enseigne se souleva nonchalamment, s'approcha de l'avant et se laissa enlever entre leurs bras et déposer sur la plage, afin que pas une goutte d'eau ne vînt tacher son élégant uniforme. Arrivé là, il ordonna à la barque de doubler la pointe de terre qui s'avançait encore de trois ou quatre cents pas dans l'océan et de l'attendre de l'autre côté de la batterie. Quant à lui, il s'arrêta un instant sur le rivage pour réparer le désordre qu'avait apporté dans sa coiffure le mode de transport qu'il avait été forcé d'adopter pour y parvenir ; puis il s'avança, en fredonnant une chanson française, vers la porte du petit fort, qu'il franchit après avoir légèrement rendu

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fig. 4: Primeiro capítulo do romance *Capitaine Paul*, de Alexandre Dumas, publicado no rodapé do jornal *Le Siècle* (30/05/1838).

identificação, reforçada pelo traço que o separava do restante do jornal, incentivando a confecção de um livrinho caseiro, o que era possibilitado pelo formato constante. [22]

Outra questão importante em relação ao folhetim francês foi as discussões que suscitaram a denominada *querelle du roman-feuilleton*. Segundo Lise Queffélec, revistas e jornais não só de Paris mas também da *province*, debateram por cerca de dez anos, a questão. [23] O romance-folhetim foi fortemente atacado tanto pela Câmara dos Deputados como pelas revistas que circulavam de maior destaque, como a *Revue des Deux Mondes*, na qual colaborava Sainte-Beuve (1804-1869), crítico literário e autor do artigo *De la littérature industrielle* (1839). Esse havia sido redigido como resposta a Honoré de Balzac, que havia escrito uma carta ao redator do *La Presse* em defesa de seus direitos autorais. Sainte-Beuve teceu um panorama pessimista da literatura de seu tempo e expôs as razões que motivavam os jornais a difundir as obras dos escritores. Ao utilizar a palavra "industrial," o crítico denunciava a comercialização da literatura, a perda de seu caráter artístico, que atingiria particularmente os romances publicados em partes. Também criticava fortemente os jornais vendidos a preços módicos:

> Les journaux, par cette baisse de prix, par cet élargissement de format, sont devenus de plus em plus tributaires de l'annonce: elle a perdu son reste de pudeur, si elle em avait. Maintenant, quando on lit dans um grand jornal l'éloge d'un livre, et quand le nom du critique n' offre pas une garantie absolue, on n'est jamais três sûr que le libraire ou même l' auteur n'y trempent pas un peu. [24]

Desse modo, a literatura folhetinesca era acusada de incorporar a ideologia capitalista e produtivista na qual se deveria "fabricar" o texto de maneira rápida, a baixo custo e sem preocupação com a qualidade tal como ocorria com os produtos que saiam das fábricas. O tempo, elemento precioso na execução de uma obra literária, era

---

[22] Sabe-se que no século XIX, os franceses desprovidos de recursos, inventaram uma forma de compor e colecionar os romances recebidos pelo jornal e assim formar sua pequena biblioteca sem que onerassem seu orçamento familiar. Com uma agulha grossa e um fio resistente, as mulheres costuravam os capítulos recortados do jornal e formavam assim livrinhos. Ver THIESSE, Anne-Marie. *Le roman du quotidien*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

[23] Lise reuniu em livro os principais textos da época que originaram a *querelle*, como os discursos contra o romance-folhetim proferidos pelo deputado Chapuys-Montlaville (1800-1868) na década de 1840 e as diversas reações que provocou na imprensa. No compêndio também foi incluído o famoso artigo de Sainte-Beuve (1839) e outros publicados pela *Revue des Deux Mondes* e *Le Siècle*. Ver: DUMASY, Lise. *La querelle du roman-feuilleton – littérature, presse et politique, un débat précurseur (1836-1848)*. Grenoble: Ellug, 1999.

[24] SAINTE-BEUVE, Charles. *De la littérature industrielle.* Revue des Deux Mondes. T.19, 1839. Disponível em: https://fr.wikisource.org/wiki/La_Litt%C3%A9rature_industrielle. Acesso em: 20 abr. 2015.

negligenciado, tornando o romancista um mero improvisador. Não era mais a inspiração que guiava e motivava os escritores e sim o interesse pelo dinheiro, fazendo com que o romance e sua avaliação não seguissem princípios estéticos, mas sim comerciais. [25]

Esse debate empreendido pelos franceses em meados do XIX remete à mudança dos padrões da produção literária, da qualidade e mesmo do estatuto da literatura e da interferência de outros sujeitos, o que foi objeto de muita discussão não só na França, mas também no Brasil. No nosso caso, o inquérito realizado por João do Rio sobre a literatura no começo do século XX, inspirado no realizado por Jules Huret para o *L'Echo de Paris* (1891), é um exemplo importante. As entrevistas realizadas permitem discernir quais eram as influências dos escritores, suas aspirações, os dilemas frente à profissionalização e o papel do jornalismo, visto de forma pejorativa por muitos. [26] Assim, o debate era colocado pelo fato do romance-folhetim depender do tempo, ao produzir o que se chamava de "literatura à vapor." Também subordinava-se ao interesse do público, que interferia de forma direta na sua confecção ao exigir, por exemplo, que personagens mortos no capítulo anterior ressurgissem no subsequente.

Outro aspecto criticado pelo deputado Chapuys-Montlaville, um inimigo declarado do gênero, era a invasão do espaço político, no sentindo de ocupar o lugar antes consagrado à temática e, ainda, por tornar o público indiferente às questões desse tipo. Por fim, os deputados conseguiram a aprovação da emenda *Riancey* (1850) que obrigava todo romance-folhetim publicado em jornal ou suplemento, a trazer um selo no valor de um *centime*. Tratava-se de desmotivar a publicação, mas para frustração de alguns, a emenda foi suspensa dois anos depois de ter sido aprovada. [27]

Quanto à divulgação, os periódicos organizavam operações publicitárias para divulgar o lançamento de um novo romance inédito. [28] O primeiro jornal a idealizar tais campanhas foi o *Le Petit Journal* em 1860, logo seguido pelos concorrentes, prática que teve seu apogeu às vésperas da Primeira Guerra. Cartazes e fascículos inundavam as

[25] DUMASY, Lise. *Op. cit.*
[26] RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994. A pesquisadora Flora Süssekind também procurou detectar a relação existente entre a literatura e o desenvolvimento da técnica no período que vai do fim do XIX e começo do XX. Ver SÜSSEKIND, Flora. *O cinematógrafo de letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
[27] SALAUN, *Op. cit*.
[28] Todas as informações sobre a divulgação do romance-folhetim francês foram extraídas de LENOBLE, Benôit. Promouvoir le roman-feuilleton. Les fascicules et affiches de lancement comme matériaux publicitaires en France (années 1880-1914). In: CACHIN, Marie-Françoise, COOPER-RICHET, Diana…*Op. cit.*

ruas, folhas de papel barato, dobradas uma ou duas vezes, traziam episódios iniciais do romance. A partir de 1890, os fascículos aumentaram de tamanho e passaram a exibir cores. Cartazes de lançamento eram utilizados, sobretudo, pelos jornais regionais e consistiam em folhas de papel ilustradas que traziam na parte superior com maior destaque, mais do que o próprio título do romance-folhetim ou mesmo do autor, o nome do jornal. Expostos em locais de grande circulação, informavam sobre os romances a quem lhes deitava um rápido olhar.

A maior parte desse material era impressa nas próprias oficinas dos jornais, enquanto outros provinham de casas especializadas. As tiragens impressionavam, como no caso do *Le Petit Parisien* que, por ocasião do lançamento de *Le Docteur rouge*, de Jules Mary (1883), distribuiu três milhões de exemplares do prólogo, ao que somam os sete milhões para a divulgação de *Serrez vos rangs*, de Aristide Bruant (1912). Os números relativos aos cartazes não eram menores, registrando-se a média entre dez e vinte milhões de exemplares na fase áurea. Apenas o *Le Petit Parisien* imprimiu, em suas próprias rotativas, cinquenta mil cartazes por ocasião do lançamento de *Martyrs du mariage* (1896), sendo que alguns atingiam até cinco metros quadrados. [29]

Na divulgação destacavam-se certos elementos, como o preço e o número de páginas, de modo a convencer o leitor sobre seu modesto investimento. O *Le Matin* gabava-se de oferecer seis páginas a cinco *centimes*. A inserção de frases de efeito ("grande romance inédito de...") era comum, além de uma série de anúncios na última página sobre as novidades a aparecer ou em curso.

A preparação para o lançamento do romance-folhetim constituía-se de duas etapas: cartazes eram espalhados pela cidade, informando sobre o aparecimento da nova obra e, no dia da estreia, era a vez de os fascículos entrarem em cena. Em certas ocasiões, animações de rua também compunham o lançamento, inundando o espaço público e atingindo grande número de pessoas, sem distinção de classe social. A distribuição era realizada pelos empregados do próprio periódico, que portavam uniforme e chapéu com o nome do jornal.

No início do século XX, os grandes diários parisienses competiam entre si pela forma de divulgação mais original possível. No caso da *province*, havia desfiles de carros decorados anunciando a novidade, enquanto na capital, onde a fiscalização era

[29] Idem, p. 263.

mais rígida, eram os homens-sanduíches que perambulavam pelas principais ruas da cidade. Para aumentar o interesse, eram realizados concursos sobre os personagens e a trama. Além disso, o material de divulgação muitas vezes causava choque pelo o que era representado, pois se utilizavam cenas sórdidas, pornográficas e sanguinolentas, razão pela qual eram condenadas por outros jornais sob o argumento de ferir a moral. Foi o caso da gravura do *Le Journal* (1909) que, na ocasião do lançamento de L'*Or*, de Victor Margueitte, trazia a imagem de um homem com aspecto ameaçador, segurando o pescoço de uma mulher e apontando-lhe uma faca. [30]

Em relação à trajetória do folhetim em território francês, cabe destacar a classificação de Lise Queffélec, que estabeleceu três períodos distintos a partir do conteúdo dos romances e do contexto social, político e cultural em que foram lançados.[31] O primeiro, entre 1836 e 1866, foi considerado a "idade romântica," com a presença de escritores como Honoré de Balzac, Eugene Sue, Fréderic Soulié, Paulo Féval, Ponson du Terrail e Alexandre Dumas (pai), que publicavam em jornais de grande circulação, caso de *Le Siècle*, *La presse* e *Le Constitutionnel*. A autora deu uma ênfase especial à obra *Os mistérios de Paris*, de Sue, difundida no *Journal de Débats* em 1842. O romance colocava em cena os marginalizados de Paris, valendo-se de suas gírias, hábitos e costumes e se, por um lado, chocava o público, por outro também despertou grande interesse, pois exibia os *sauvages* da cidade. [32] O sucesso foi tanto que originou uma série de objetos como pratos, leques, litografias e caricaturas que, reproduziam os personagens e as cenas da trama, além de uma sucessão de mistérios escritos nos mais diversos países. [33]

Os romances possuíam concepção mais dramática e valiam-se de efeitos utilizados no teatro, ou seja, suspense, novos acontecimentos, contrastes entre a

[30] Certos leitores escreviam ao jornal e criticavam a cena presente no cartaz exposto em via pública, enquanto outros, interessados em colecionar, perguntavam se havia cartazes sobrando para doação, caso de *Gigolo* (1913), que foi pedido por mais de quarenta leitores ao *Le Journal* . Ver LENOBLE, Benôit. *Op. cit*.

[31] QUEFFÉLEC, Lise. *Le roman-feuilleton français au XIX siècle*. Vêndome: Presses Universitaires de France, 1989.

[32] Idem. p. 14.

[33] Cabe destacar que a produção de utensílios baseados nos romances de sucesso foram comuns na época, caso de *A cabana do Pai Tomás* (1852), de Harriet Beecher Stowe, publicado em folhetim e que deu origem a jogos, quebra-cabeças, roupas, colheres, vasos, brinquedos e objetos dos mais variados. Ver PARFAIT, Claire. *Uncle Tom's Cabin et l'histoire américaine: le prisme du paratexte*. Cahiers Charles V, n. 32/2002, p. 147 -174.

claridade e a escuridão, paixões em excesso etc. O dinheiro era um instrumento de poder que gerava, na maior parte do tempo, problemas, salvo nas mãos dos heróis que o transformam em caridade e lhe davam destino justo. E apesar de o romance-folhetim tratar sempre de amor, não era história de amor e sim uma trama recheada de vinganças, disputas pelo poder e procura por uma identidade muitas vezes perdida ou roubada por terceiros que prendia a atenção dos leitores.

Os gêneros então predominantes incluíam o romance histórico (ou romances de capa e espada), o de costumes (com destaque para *détournement d' héritage*), além dos chamados romances marítimos, com tramas em que terras virgens eram contrapostas à natureza e à civilização. O sucesso foi tão grande que surgiram impressos dedicados quase exclusivamente à publicação de folhetins, intitulados de *journaux-romans*. Para responder à demanda, os folhetinistas produziam rápido e era comum que sua escrita apresentasse repetições, vocabulário pobre, personagens e intrigas artificiais. Outro exemplo do êxito conquistado junto ao público foi à adaptação dos romances para o teatro, como ocorreu com a produção da família Dumas, seguida por nomes como Gaboriau e Capendu. Entretanto, no final desse primeiro período, dois outros romancistas despontavam: Paul Féval, que publicou mais de setenta obras em jornais e Ponson du Terrail, cuja fama crescia desde o fim dos anos de 1850, tanto que escrevia romances-folhetim em cinco jornais diferentes (1863), recebendo entre 30 e 40 mil francos por ano, enquanto um pequeno artesão ganhava cerca de 1.500 francos anuais.

O segundo período de Queffélec abrange os anos de 1866 a 1875, época em que foi fundado, pelo banqueiro Moïse Millaud, o *Le Petit Journal*, vendido a um *sou* (cinco centavos). A fim de atrair o público, a publicidade foi intensa: o primeiro exemplar foi distribuído gratuitamente no dia do lançamento, imensos cartazes coloridos foram espalhados na cidade e prospectos ilustrados sobre o romance-folhetim oferecidos pelas ruas. A publicação inaugurou a era da impressa de sensação, que atraia as pessoas para narrações drámaticas e sangrentas. [34] O sucesso alcançado fez com que outras folhas fossem publicadas nos anos seguintes, todas vendidas a um ou dois *sous*, alguns de vida efêmera e outros de duração considerável como *La Petite Presse* e *Le Petit Moniteur du Soir*.

[34] Idem, p. 58.

O fim da chamada era romântica começou com o novo estilo criado pelas séries do Rocambole, de Ponson du Terrail, que apresentou seu herói no jornal *La Patrie* em 1857, e de *Habits Noirs*, de Paul Féval. As características marcantes dessa fase foram o desvio de caráter das personagens – presente em toda a obra de Ponson - e artifícios encontrados para manter a atenção e renovar a emoção do público, como um prego que retinha a guilhotina quando acionada ou uma espingarda que cortava a corda no momento do enforcamento. Nessas narrativas a mulher tornou-se ativa e eficaz tanto para proteger como para atacar. A presença recorrente de práticas como roubos e assassinatos, sobretudo, na série *Les Habits Noirs* já antecipava o romance policial.

Quanto aos gêneros, a maior parte dos jornais continuava a publicar romances de costumes e históricos. No caso do primeiro, os temas recorrentes eram o adultério e os danos advindos de paixões que conduziam ao crime, enquanto os históricos insistiam na Revolução Francesa e no Primeiro reImpério Francês (1804-1814). Outros romances bastante recorrentes eram os chamados "exóticos," muitos deles destinados "a juventude," cujas expressões máximas foram Jules Vernes e Hetzel, enquanto Emile Gaboriau respondia pelo romance de caráter judiciário, centrado no crime e ancestral do romance policial, que desabrocharia anos depois.

A última fase da trajetória do romance-folhetim francês, sempre segundo a autora, deu-se entre os anos de 1875 e 1914, momento marcado pela expansão da imprensa parisiense e aumento de suas tiragens, que passaram de 1,5 para 5,5 milhões, além da diversificação na orientação dos jornais. Alguns tentaram renunciar ao romance-folhetim, mas posteriormente voltaram atrás frente às reclamações dos leitores, como foi o caso do *Le Matin*. Em relação à produção do gênero nesse período, Queffélec apontou a existência de duas etapas diferentes: a primeira, de 1875 a 1900, dominada pelo romance sentimental, centrado na vítima e na qual a figura do herói é ausente, e outra a partir de 1900, em que surgiram estilos que muitas vezes eram repetições dos anos anteriores.

Os representantes mais destacados foram, sobretudo, Xavier de Montépin, Emile Richebourg, Pierre Decourcelle, George Ohnet, Charlie Mérouvel e Jules Mary. O gênero predominante era o romance social, também chamado de costumes, centrado na mulher e, mais especificamente na figura da mãe. A personagem feminina era martirizada e excluída da família por haver sido seduzida, enganada, violada ou por cometer adultério. Depois de um longo calvário, reabilitava-se e acabava perdoada ou,

em outros casos era condenada, aprisionada ou enlouquecia frente à sua situação, especialmente após ter sido separada de seus filhos. [35]

A partir de 1900, várias coleções populares surgiram, a começar pela Faryard, que lançou *Le livre populaire* (1905), com antigos sucessos do romance-folhetim. Cada volume custava 65 centavos, tinha a capa estampada por algum ilustrador famoso do período e uma tiragem de cem mil exemplares. Outros editores seguiram o mesmo caminho, caso de Tallandier com *Le livre national* (1909) e Ferenczi com *Le Petit Livre*. Muitos pesquisadores julgam que a publicação de coleções comprometeu o predomínio até então indiscutível do folhetim:

> Petit à petit, en se multipliant et en publiant de plus en plus d' inédits dans les deux décennies suivantes, les collections populaires prendront le relais du roman-feuilleton, puis tendront à le supplanter, de même que le cinema naissant, élergissant d' abord l' audience du feuilleton, finira par se substituer à lui. [36]

É importante que novas pesquisas investiguem a partir de quando e de que forma as coleções interferiram na preferência do leitor em detrimento dos romances-folhetim dos jornais. Vale lembrar os dados de Benoît Lenoble, relativos a 1912, e segundo os quais o jornal *Le Petit Parisien* imprimira sete milhões de exemplares do prólogo para divulgar a obra *Serrez vos rangs*, de Aristide Bruant. Ao lado das coleções, o cinema ganhava destaque, mas a suposição que o novo meio suplantou de vez o folhetim parece errônea, pois os dados indicam que o desaparecimento do gênero não aconteceu de forma repentina, sendo mais preciso considerar os intercâmbios e articulações entre as diferentes linguagens.

1.2 O folhetim no Brasil

[35] Segundo Lise Queffélec, o povo nesses romances também não é mais representado como maldito ou selvagem, embora existam bandidos e maus trabalhadores. O trabalho é o valor universal que não só permite a ascensão social, mas justifica a dominação social. Ele assegura a integração entre a nobreza e a burguesia, já que o casamento entre classes sociais diferentes é possível, mesmo se essa não ocorra sem antes haver conflitos e desventuras. Outros folhetinistas, no entanto, exploraram gêneros "novos" como o romance policial e o de ficção científica, enquanto os demais continuaram com o romance histórico e o exótico. Do primeiro caso, o destaque coube a Fortuné du Boisgobery, Maurice Leblanc e Gustave Leroux, enquanto, a ficção científica projetava seus heróis na pré-história ou no espaço e fazia invasores com natureza diferente da nossa visitarem a Terra. Em relação ao romance histórico houve uma renovação com as obras escritas por Michel Zévaco, que criou um universo em que grandes personagens se afrontavam em combates épicos.

[36] QUEFFÉLEC, Lise. *Le roman-feuilleton français au XIX siècle. Op. cit.* p. 114.

No caso do Brasil, a consulta ao dicionário de Silva Pinto, organizado na primeira metade do século XIX, mais precisamente em 1832, ainda não continha o termo. A palavra rodapé existia, mais com o sentido de "sanefa que cobria a cama em roda pelos pés." [37] Segundo Jeferson Cano, entre nós a primeira referência ao folhetim remete ao jornal fluminense *O Chronista*, de 05 de outubro de 1836, ocasião em que Justiniano José da Rocha apresentou aos leitores a novidade francesa, definida como um espaço físico, relativo ao rodapé da primeira página e separado por um traço dos demais textos, marca tipográfica que indicava tratar-se de material de gênero diverso do presente no restante do periódico.[38]

As definições de Marlyse Meyer acerca do folhetim e seus congêneres são notadamente claras em ensaio do livro *As mil faces de um herói-canalha*, publicado dois anos após *Folhetim: uma história,* obra fundamental sobre o tema. Na acepção de Meyer, o folhetim era um espaço "vale-tudo," que abrigava diferentes formas e modalidades de escrita, inclusive proporcionando ao titular da rubrica, fosse um mestre da arte ou um pretendente a glória, a chance de exercitar-se como escritor. Assim, para o caso específico da França, suas definições estavam em conformidade com a historiografia desse país. A autora destacou que o *feuilleton* designava um espaço vazio no rodapé dos jornais e revistas e era destinado ao entretenimento. No entanto, esse espaço também era chamado por vezes de *Variétes* e reunia contos, anedotas, críticas e resenhas literárias e dramáticas, além de abrigar também o *feuilleton-roman*, ou seja, romances publicados em partes. [39]

Ainda segundo Meyer, ao longo dos anos, definições equivocadas sobre o folhetim ganharam espaço no Brasil. Para exemplificar sua constatação, relembrou que o termo folhetim, tal como discutido por Machado de Assis no artigo de *O Espelho* (1859), não tinha ligação nenhuma com romances, ao contrário do que Nelson Werneck Sodré havia sugerido na sua *História da Imprensa no Brasil*. Meyer também apontou o equívoco cometido por Astrogildo Pereira ao empregar o termo "folhetinesco". [40] O rastreamento de Meyer na imprensa brasileira do século XIX em busca da rubrica "Variedades", levou-a ao encalço das primeiras manifestações da ficção e revelou a

[37] PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Ouro Preto: Tipografia Silva, 1832.
[38] CANO, Jefferson. *Literatura, Imprensa e a conformação de uma esfera pública no Rio de Janeiro do século XIX*. Acesso em 26 fev. 2014. Disponível em: http://ifcs.ufrj.br/~nusc/cano.pdf
[39] MEYER, Marlyse. *As mil faces de um herói-canalha. Op. cit.*
[40] Idem, p. 123 e 124.

presença de espaços mais lúdicos, sem compromisso com a política. Assim, a pesquisadora constatou que o *Correio Mercantil* (1836) possuía uma seção recreativa que, anos depois despontaria com o nome de "Pacotilha," ocupando quase toda a primeira página e não somente o espaço reservado ao folhetim.

Em 1838, o *Diário do Rio de Janeiro* aumentou seu formato e, na primeira página, trouxe o título "Variedades," exemplo seguido pelo *Jornal do Comércio* que, alternadamente, publicava artigos traduzidos, ficção e lista de traduções. Em 31 de outubro de 1838, o *Jornal do Comércio* inseriu o romance *O Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, traduzido por A. Muzzi, na seção "Variedades," apenas três meses após a sua estreia no *Le Siécle*. Pouco depois, era a vez de *Edmundo e sua prima*, de Paul de Kock, figurar na seção finalmente denominada folhetim. Assim, Meyer constatou que, no *Jornal do Comércio*, havia textos e rubricas distintas, publicadas simultaneamente: no "Folhetim do *Jornal do Comércio*" estavam os romances, enquanto outros textos migraram para a seção "Variedades," alocada no interior do jornal. Já aos domingos, os leitores contavam com a rubrica "A Semana," no rodapé da primeira página, na época conhecida como "O" folhetim do *Jornal do Comércio*, reservada aos nomes de grande prestígio. [41] Fica evidente que, na primeira metade do século XIX, existiam situações variadas nos jornais do Rio de Janeiro, que nem sempre estavam em consonância com a matriz francesa. Além de "Variedades," havia também a rubrica "Miscelânea," que se fez presente no *Jornal do Comércio* desde 01 de outubro de 1828, o que já representaria uma apropriação precoce de outras variantes do termo. [42]

Apesar de a palavra folhetim não figurar nos dicionários do século XIX, os termos que o antecederam nos jornais, tais como "miscelânea" e "variedades," já estavam incorporados aos compêndios. Por miscelânea, entendia-se "uma mistura ou confusão de muitas coisas", ou mesmo "uma coleção de obras de diferentes assuntos," enquanto variedades era definida como "uma multiplicidade de coisas". [43] É provável que essas palavras tenham sido escolhidas para figurar nos jornais, justamente pelo

[41] Idem, p. 140-141.
[42] NÓBREGA, Maria do Socorro. A criação do Folhetim de Imprensa no Brasil: os textos de Francisco Otaviano. *Anais do VI Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*, UFRGS, 2008. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar. Acesso em: 07. Out. 2014.
[43] PINTO, Luiz Maria da Silva. *Op. cit*.

sentido genérico que lhes era atribuído no dicionário, favorecendo a reunião de textos de natureza diversa.

Ao adotar o folhetim em suas páginas, o *Jornal do Comercio* incomodou concorrentes como *O Despertador* que, depois de referir-se ao folhetim como "essa excrecência", iniciou a publicação de uma seção denominada "Variedades," com o mesmo formato do folhetim do *Jornal do Comércio*. Este, em tom bem humorado, publicou uma carta do "Folhetim do *Jornal do Comércio* para o folhetim de *O Despertador"* em que lhe dava as boas vindas, mas lamentava a vergonha que o outro sentia em assumir o seu verdadeiro nome, numa referência à crítica sofrida anteriormente pelo *Comércio*. [44]

O jornal publicou quase cotidianamente romances, ainda que de autores menos conhecidos, até a chegada dos *Mistérios de Paris*, de Eugene Sue, traduzido por Justiniano José de Almeida, em 1844, cabendo destacar a data de aparição no jornal fluminense frente à publicação na França, ocorrida entre 1842 e 1843. O impacto da obra é atestado pelos anúncios de venda do volume, logo esgotado, conforme noticiava a casa de J. Villeneuve &Cia, localizada na Rua do Ouvidor. Reclames garrafais anunciavam a nova obra de Sue, *O judeu errante*, que saiu no rodapé ao mesmo tempo em que o original chegava às livrarias da cidade. [45]

Dificuldades nas comunicações, ainda dependentes dos paquetes, atrasavam os tão esperados capítulos. Em 1845, o *Jornal do Comércio*, por exemplo, foi obrigado a suspender temporariamente *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, por não ter recebido a continuação em tempo hábil. O mesmo aconteceu alguns anos depois com narrativa de Xavier de Montépin, momentaneamente substituído devido aos atrasos. Muitos textos da época foram traduzidos por Justiniano José da Rocha que, segundo consta, tinha um sistema de trabalho interessante: numa varanda grande, colocava dois secretários, cada um numa extremidade e ditava para um deles, o capítulo que tinha na mão direita e para outro, o que tinha na esquerda e "isto apenas com o intervalo do passeio entre uma e outra mesa." [46]

---

[44] CANO, Jefferson. *Op. cit*.
[45] MEYER, Marlyse. *Folhetim*: *uma história. Op cit,* p. 283-286.
[46] BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos : vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis, 1979, p. 177.

ANNO XVII. SABBADO 17 DE FEVEREIRO DE 1838. N. 38

DIARIO DO RIO DE JANEIRO.

RIO DE JANEIRO. TYPOGRAPHIA DO DIARIO, PROPRIETARIO N. L. VIANNA.

Para esta folha subscreve-se na typographia onde é impressa (rua d'Ajuda n. 79) a 9$600 por anno; 4$800 6 mezes; 2$400 trez mezes; e 800 mensal.

Os annuncios são inseridos *gratuitamente*, á excepção, porem, d'aquelles, de que seos donos exigirem prompta publicação, os quaes pagarão uma modica quantia.

Todas as correspondencias, artigos communicados, e reclamações vindas de qualquer parte do Imperio, deverão ser dirigidas em cartas francas de porte ao Editor.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

OURO PRETO, S. João d'El-Rei, Valença, Vassouras, Parahyba, Iguassú, Freg. do Paty do Alferes: 5, 10, 15, 20, e 25.

S. PAULO, Itaguahy, S. João do Principe, Rezende, Bacpendy, Campanha, Pouso Alegre, Freg. de Pouso Alto, Piraby, Arrozal, Angra dos Reis, Paraty, Mangaratiba, Freg. de Mambucaba: 1, 6, 11, 16, 21, e 26.

CAMPOS DOS GOITACAZES, Macahé, S. João da Barra, Maricá, Aldéa de S. Pedro, Cidade de Cabo Frio: 2, 7, 12, 17, 22 e 27.

CANTAGALLO, Nova Friburgo, Magé, S. Antonio de Sá, S. João de Itaboraby, Freg. de S. Bernabé, e Santa Anna: 1, 11 e 21.

NITHEROHY: todos os dias.

CAMBIOS EM 16 DE FEVEREIRO

As 3 horas da tarde.

Londres	38 5/1 a 39
Paris	535
Hamburgo	580
Ouro em barras	150 por cento.
Dobrões Hespanhóes	27$900 a 27$500
» da Patria	26$600 a 27$700
Pezos Hespanhóes	1$720
» da Patria	1$680
Moedas de 6$000 velhas	15$150 a 15$200
» novas	15$000
» de 4$000	8$100 a 8$200
Prata	75 1/2 a 76 1/2
Cobre pinçado	a par
Apolic. de 6 por cen. juro	87
» » 5 » »	71
Acções das Barc. de Vapor	45
» dos Paqueles »	90
» dos Omnibus	38 a 52

Entra o Sol em *Piscis* á 18 ás 10 hor. 22 min. e 44 seg. da tarde.
Nasc. do Sol ás 5 horas 59 m. e 4 seg.
Occaso ás 6 horas 20 m. e 56 seg.

PHASES DA LUA.

Cresc. a 1, ás 2 h. 41 m. e 17 s. da tard.
Ch. a 9, ás 10 h. 59 m. e 55 seg. da man.
Mg. a 17, ás 2 h. 46 m. e 55 seg. da tard.
Nv. a 24, ás 9 h. 15 m. e 17 seg. da man.
Nasc. da Lua ás 11 h. e 24 m. da tarde.
Occ. ás 11 horas 48 seg. da manhaã.
Maré cheia ás 7 horas e 45 min. da manhaã, e ás 8 horas e 9 min. da tarde.
As marés vasias são 6 horas e 12 min. depois das cheias.

VARIEDADES.

COMBATES DAS FERAS.

São na India Oriental muito usados semelhantes combates, e acerca d'elles extrahimos das paginas do *Annual Oriental* a seguinte relação curiosa.

« Estando de visita em casa do Rajá dos Curgos foi o auctor convidado para assistir a algumas pelejas com animaes ferozes, divertimento muito de gosto d'este principe, que se jactava de possuir feras, e tinha engaiolado muitos leões, e tigres; e até costumava (segundo contão) introduzil-os no palacio, perante seos hospedes, sem ao menos a restricção dos guardas.

No dia aprasado reunio-se a assembléa no palacio do Rajá, e depois de uma farta comida se encaminharão todos para uma galeria, que dava para uma grande praça fechada; e logo que o principe chegou começarão os taes divertimentos.

O primeiro combate foi de um javali com tres cabras, uma por uma: mas o immediato foi muito mais terrivel. Entrou um homem na praça, vestido com umas ceroulas, que mal lhe cobrião os quadris e até meio das coxas, e armado sómente com uma especie de faca: brandia na mão direita este instrumento, que era uma folha pesada, da feição de ferro de arado, de quasi tres palmos de comprido, e tres pollegadas de largo, estreitando gradualmente para o cabo, com a qual formava um angulo recto. Os naturaes do paiz uzão d'este ferro com summa destreza, dando-lhe uma volta no ar antes de descarregar o golpe, que faz um effeito assombroso. O campeão, que se apresentava perante o Rajá do modo que dicemos, quasi nú, e só com aquella arma, vinha disposto voluntariamente a combater com um tigre. Era um homem alto e delgado; porém tinha o arcabouço do peito espaçoso, e os braços compridos e musculosos: as pernas erão seccas, mas descobria-se a acção muscular em cada movimento, tanto no desembaraço do seo andar, como nos ensaios preparatorios, que fazia para a empreza arriscada, em que se mettêra; e tudo mostrava que elle possuia uma actividade não vulgar, combinada com extraordinaria força. A expressão da sua fysionomia era absolutamente sublime, quando deo o signal para largarem o tigre; — era toda a concentração da energia moral; — o indicio de uma superior e firme resolução. Luzia-lhe o corpo com o azeite, com que se esfregára para promover a elasticidade dos membros. Erguco os braços acima da cabeça por alguns momentos, quando fez o signal para admittir o inimigo na arena. N'um instante se abrio a porta de grades de uma vasta gaiola, e saltou para fóra um medonho tigre real, e parou defronte do Indio, dando á cauda movimentos luctuantes, ora para diante, ora para traz, irriçando o pello, e soltando um certo uivo espremido: primeiro olhou para o homem, depois para a galeria, onde o Rajá com sua côrte estava assentado para vêr; mostrou porém não estar inteiramente satisfeito do seo actual estado de soltura; e certamente o confundia a novidade da sua situação. Tendo espreitado breve espaço, deo subitamente volta em redondo, e acolheo-se á gaiola, dentro os guardas, que estavão perto, mas fóra do perigo, intentarão debalde tiral-o á força. Então cerrarão a porta, e lhe amarrarão ao rabo varios buscapés para estourarem por intervallos.

Entregárão ao Indio um murrão accesso, e abrirão de novo a portinhola, e largou-se-lhe fogo aos buscapés. O tigre saltou novamente, e deo um uivo horroroso: mas quando as bombas começárão a estalar, pulava, virava-se, e revolvia-se como frenetico e damnado: por fim agachou-se n'um canto, rosnando como um gato quando está assanhado. Aproveitárão este tempo para esconderem a gaiola.

Durante a explosão dos buscapés, o Indio esteve observando o inimigo, e depois se encaminhou para elle com passo vagaroso, mas firme. O tigre se ergueo, e retirou com o pello irriçado de forma, que o rabo parecia duas vezes mais grosso que o usual; não estava disposto a começar as hostilidades; mas o seo resoluto adversario o não largava, avançando para elle com o mesmo passo compassado, e o tigre retirando, mas apresentando sempre a frente ao inimigo. Parou o Indio de repente, e depois foi recuando lentamente; então a fera se ergueo a pino, curvou o costado para dar o pulo, o saudio o sebo, evidentemente meditando maldade. O homem continuou a retirar-se, e logo que esteve a tal distancia, que já se lhe não podia distinguir o movimento dos olhos, o bruto feroz se balouçou subitamente para diante, agachou-se, e saltou, sol tando um clamor breve, e agudo. O seo adversario, já para isto preparado, pulou ligeiramente para o lado, e mal o tigre tocou no chão, meneou rapidamente em volta a sua arma pesada, e a descarregou com força irresistivel sobre uma perna traseira da féra, exactamente acima da junta; separou-lhe instantaneamente o osso, impossibilitando-a para segundo salto. O animal ferido bramia; mas voltando-se com velocidade para o Indio, que a este tempo distava d'elle algumas varas, lhe avançou com furia, levando a rastos a perna quebrada: excitado ao maior ponto de raiva cega, arremetteo mesmo em tres pernas para o adversario, que, com a sua arma terrivel alçada, estava tranquilamente esperando o assaltante, e que, apenas este lhe chegou a tiro, lh'a vibrou com tal força sobre a cabeça que lhe partio o crâneo de orelha a orelha, e o inimigo vencido lhe caio morto aos pés. Então victorioso limpou com ufania o ferro na pelle do animal; e fazendo uma grave cortezia ao Rajá se recolheo em meio das estrepitosas acclamações dos espectadores.

Sua Alteza nos informou que este homem tinha já morto varios tigres por este modo; e que posto que em uma ou duas occasiões fóra asperamente arranhado, com tudo isso nunca soffrera feridas de cuidado. Estes Indios Curgos são bem conhecidos na Asia pelo habito de atacarem os tigres nos juncaes com a arma que descrevemos, e quasi sempre com successo infallivel. Na occasião, de que tractamos, nada podia exceder a presença de espirito, e a certeza prudente, e bem calculada, com que o destemido Indio levou a cabo tão arriscada empreza. Os brincos d'este dia concluirão-se com diversos, e mui singulares jogos de força, e de agilidade, em que toda esta gente é mui déstra.

Na manhã seguinte viemos ao palacio muito cedo; o Rajá nos estava esperando, e depois de uma pequena refeição, tomámos logares na galeria para assistirmos ao divertimento do segundo dia. Estava-nos preparado um espectaculo fóra do commum. Destinavão deitar um leão a um bufalo, que o principe havia mezes tinha comprado, e que sempre permanecêra descomedidamente bravio e feroz.

Tinhamos apenas tomado logar, quando tirarão o bufalo do seo curral. Logo que entrou no circulo, começou a mugir e a curvetear violentamente; a cavar a terra com as patas, arremeçando-a a mais de doze pés de altura. Era um animal corpolento como um grande boi, posto que não tão alto, porque tem as pernas curtas em proporção do tamanho; tinha uma enorme cabeça, com chavélhos compridos, retorcidos quasi como os de carneiro; e ao mesmo tempo olhos grandes, muito saidos, e ventas largas que lhe davão um aspecto de extrema ferocidade. Raros cabellos se lhe vião pelo corpo, excepto no pescoço e rabo, e na extremidade d'este tinha uma grande borla muito grossa, e aspera. Era um animal magestoso, que todo elle inculcava força e braveza, como os bois da Thessalia. Poucos momentos depois ergue-se o alçapão da gaiola do leão, e o rei dos brutos saltou para fóra: era um dos mais bellos que eu tenho visto. Poz-se a passear gravemente, meneando-se com arrogancia: mas logo que deo fé do bufalo deitou-se sobre o ventre, baseulhou o chão com a cauda, e, soltando um pequeno rugido, fez dois ou tres pulos, e engalfinhou-se no cachaço do adversario sem mais preliminares. O subito impulso fez vergar o bufalo sobre as juntas dos joelhos: mas, restabelecendo-se immediatamente, reviron a cabeça com tal violencia que desalojou o leão, e o arremeçou com prodigiosa força d'encontro ás fortes trincheiras de madeira, que fechavão a praça, cravando-lhe ao mesmo tempo um corno n'uma das ilhargas, abrindo uma horrorosa ferida. O leão ficou por momentos atordoado, mas, enguendo se, antes que o inimigo podesse tirar partido da sua situação, *filou*-se de novo ao pescoço do bufalo, dilacerando-o encarniçadamente. O combate era implacavel; mas o bufalo, repetindo a mesma acção, com que anteriormente se desembaraçára, arremeçou novamente o leão á trincheira, e ainda com maior violencia; e se poz a escornal-o com tal porfia, que em pouco o impossibilitou inteiramente de renovar a contenda. Mas ao mesmo tempo o bufalo estava tão exhausto de forças, que se estirou ao lado do inimigo prostrado: com alguns esforços os guardas o pozerão em pé, e o retirarão da scena do combate. O leão foi com difficuldade arrastado para a sua gaiola.

INSTRUCÇÃO POPULAR.

Uma observação mui simples basta para demonstrar a necessidade, e a utilidade da instrucção popular, e para combater victoriosamente, e reduzir ao silencio os amigos e defensores da ignorancia do povo.

O homem não é ligado a devêres e obrigações, sinão por que é um ser moral; e não é um ser moral, sinão porque é intelligente. Os devêres do homem nascem e morrem com a sua intelligencia. O menino no berço não tem devêres: o insensato tambem os não tem; nem o bruto. Si o homem perde o uso da razão, os seos devêres cessão ou ficão no entretanto suspensos; e só renascem, quando elle recobra o seo juizo e a sua intelligencia.

Para que o homem, porem, conheça, e possa cumprir os seos devêres, requer-se um certo gráu de cultura em suas faculdades. Sem isso nunca elle poderá bem governar a sua casa, nem educar convenientemente os seos filhos, nem dar prudentes regulamentos e conselhos á sua familia, nem prestar aos seos semelhantes os serviços, que d'elle devem esperar, nem, finalmente, render verdadeira, razoavel, e digna homenagem ao seo Creador.

Commette, pois, um perigoso erro — direi mais — commette um grande crime, quem se oppõe a esta tão necessaria e tão facil cultura. Convém antes aconselhal-a, promovel-a, favorecel-a: convém trabalhar incessantemente na instrucção de todos os homens, sem excepção alguma; derramar a luz dos conhecimentos uteis, de maneira que a sua benefica influencia chegue a todas as classes da sociedade.

Mas não nos enganemos, confundindo as idéas que estas palavras exprimem.

Quando desejamos, por exemplo, que os homens, destinados para o exercicio da lavoura, para as artes fabris, para os varios mesteres da sociedade, *saibão ler*, não queremos que elles se habilitem para lerem muitos livros, para gastarem n'isto a vida, para virem a ser graudes letrados: não pretendemos encher o mundo de sabios e eruditos. Cumpre ter idéas mais justas da instrucção que recommendamos, e dos resultados que d'ella pretendemos obter. O nosso fim é tão somente, que cada individuo tenha os meios de empregar, com maior proveito seo e da sociedade, as faculdades, que Deus lhe concedeo; que tenha os recursos, de que póde precisar, em qualquer situação, em que a providencia haja de o collocar.

Os meninos pobres, que frequentão as escolas elementares, tirão d'esde logo a grande utilidade de livrar-se da ociosidade, da distracção e dissipação do espirito, dos perigos de uma vida vaga e desocupada, da inclinação ao jo-

Fig. 5: A rubrica *Variedades* do *Diário do Rio de Janeiro* (17/02/1838)

Anno XIV. Sexta feira 4 de janeiro de 1839. N.° 3.

JORNAL DO COMMERCIO.

EXTERIOR.

FOLHETIM.

Edmundo e sua prima,

Fig. 6: Romance *Edmundo e sua prima*, publicado no *Jornal do Comércio* (04/01/1839).

O fenômeno da rubrica desdobrou-se por outros jornais da corte, ainda que a grande referência para o restante do país fosse o *Jornal do Comércio*. Segundo Nóbrega, a década de 1850 foi marcada pelo surgimento do "folhetim de imprensa" nas folhas do Rio de Janeiro, que tinha como matéria-prima os fatos do cotidiano. Em 1852, com esses traços *A Semana*, título do folhetim do *Jornal do Comércio*, sob a pena de Francisco Otaviano de Almeida, tinha como característica chave "a conversa" com o leitor, numa proposta dialógica que estabelecia relação de proximidade com os que acompanhavam seu texto. [47]

Quando Otaviano retirou-se do *Jornal do Comércio* para trabalhar no jornal dirigido por seu sogro, o *Correio Mercantil* indicou José de Alencar, então com 25 anos, para substitui-lo na redação do folhetim. No entanto, Alencar foi recusado pela direção por ser um jovem bacharel desconhecido, tendo-se optado por Justiniano José da Rocha, tradutor e colaborador da folha desde 1837. Otaviano incumbiu Alencar de cuidar da seção forense e das *Páginas Menores*, folhetim do *Correio Mercantil* na época. Com o tempo, surgiu *Ao Correr da Pena*, primeiro espaço de criação e experimentação do aprendiz de escritor, na qual tratava de temáticas diversificadas, como bem indica o título da coluna. [48]

Este abordou, muitas vezes de forma metafórica, uma miríade de temas: festividades do aniversário de D. Pedro II, peças teatrais, problemas urbanos, críticas a prática do entrudo etc. Segundo Silvia Martins, os folhetins escritos nessa rubrica por Alencar são indicadores de todo um comprometimento dos intelectuais com o poder instituído e pode mostrar como o escritor lançou mão desse gênero literário como instrumento de intervenção política. Em julho de 1855, Alencar demitiu-se do jornal, frente à publicação mutilada de seu artigo. Após sua saída, concordou em assumir o cargo de diretor-chefe do *Diário do Rio de Janeiro* e retomou a rubrica *Ao Correr da*

[47] NÓBREGA. Maria do Socorro. *Op. cit.* Embora a seção *Pacotilha*, publicada no *Correio Mercantil* tenha aparecido em 1851 e de seu conteúdo ser semelhante com aquele de *A Semana*, essa não foi aqui considerada por não aparecer no rodapé e sim ocupar toda a primeira página, diferente daquela de *O Jornal do Comércio* que figurava no espaço dedicado ao folhetim.

[48] SOUZA, Silvia Cristina Martins de. Ao Correr da Pena: uma leitura dos folhetins de José de Alencar. In: CHALHOUB, Sidney, PEREIRA Leonardo A. de Miranda. (Org.). *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

RIO DE JANEIRO, DOMINGO 10 DE SETEMBRO DE 1854.

ANNO XI.

ASSIGNATURAS
obra.
Por anno...16$000
Semestre... 8$000
Trimestre. 4$000

CORREIO MERCANTIL.

N. 249.

ASSIGNATURAS
PROVINCIAL
Por anno...21$000
Semestre...11$000
Trimestre. 6$000

O Correio Mercantil é propriedade de J. F. Alves Branco Muniz Barreto.

Subscreve-se no escriptorio desta folha, rua da Quitanda n. 53.—As assignaturas são pagas adiantadas, abrem-se em qualquer dia e finalisão nos mezes de março, junho, setembro e dezembro. — Linha de impressão 80 réis.

CORREIO MERCANTIL.

Rio, 10 de setembro.

Pela paquete Camille, entrado hontem, recebemos datas de Montevidéo até 3, de Buenos-Ayres até 4 de setembro, e de Valparaiso até 20 de julho.

Em Montevidéo trata-se com empenho de elevar a cadeira ao gráo. Formão-se nesse semana varias para a importação de 600 familias agricultores; e parece, diz-se muito serios nisso, nesse para isso tem com effeito.

Tratava-se muito da fundação de um estabelecimento episodo, antes como da formação de companhias para a exploração de cinco minas abandonadas descobertas no territorio da Republica.

Em S. José Dos mencionados, com circumstancias desastrosas, um tal Pedro Arrigo: disse que era natural do Rio Grande.

Em Buenos-Ayres consideravão as nossas cousas pela primeira da emigração.

O governo pedio à camara a creação de lei de imprensa.

Hia Fundado um pequeno Banco na Campanha para fomento da agricultura.

Nos primeiros dias de agosto sahiro de Buenos-Ayres uma pequena expedição de que é chefe Dr. Enrique Amor, com o fim de explorar o caminho até o rio Chadeó, ou como lhe Patagonia, ate por meios pacificos.

Nas provincias confederadas ha tambem abundancia e uns de passagem maritimos e terrestres em toda a Confederação.

Em Corrientes houverão uma tentativa de revolução no dia 9 de agosto, anniversario natalicio de Lopez, e qual não tivera exito: a reacção foi um fracasso.

Esplorarão-se em Tucuman minas de prata, que se dizião abundantissimas.

Rebentou em S. Luiz um minor religioso, que não soberão em que consistio.

Na Paraguay conta que houverão uma pequena desintelligencia entre o governo e os agentes consulares Grão-Cidade, cujo lendo, não tendo sido admittido, fora intimado por um soldado.

As noticias do Perú são favoraveis á tranquillidade do Perú. Na Bolivia continuavão as cousas em mesma ordem.

Em California alteração de fatos até 6 de julho. Corria que Dix combatendo o exercito soltavão pelo jornal de S. Francisco, como informar do 16 de contratado de 1849; pelo mesmo motivo havião ordens para ser presa o consul Bonoro.

A brigadação de Sonora marchava a seu termo. As forças de Sanchiana tinhão chegado até Arispe.

CORPO LEGISLATIVO.

Reunem-se amanhã o Sr. D. Manoel apresentou seu requerimento para que se peção as precisas informações sobre as grandes despezas effectuadas nos almoxarifados locaes. Por um parece a este deviamos que julgava mui fundamento alguns dos factos que tinhão sido citados como motivo ou cada em consequencia do fim das commissões militares. Mas ainda não justificado, por esse motivo, do ultimamente publicado, alguns officiaes indigitados como autores de uma emenda que tinha sido publicada do numero dos Srs. deputados, devia saber qual o motivo desse juizo e que se referia, para manifestação de justiça.

O Sr. visconde de Paranaguá achou justo o pedido do Sr. D. Manoel, do que não havia a menor duvida, mas que entretanto os fatos que o orador se referia, e que julgava que não julgava e generalisação e que a emenda na jurisdicção de modo de designarem-se as pessoas.

O Sr. D. Manoel mesa ainda concordando com aliás proposição.

O Sr. Duque de Caxias respondeu mesa para se ter Sr. D. Manoel mesmo ainda a proposição do Sr. visconde de Paranaguá, e requisitamente ha vantagem.

Entrou-se de alguns outros objectos de menor importancia.

Noticiarão os deputados agora-hontem, ao meio-dia decorrido, as leis de reforma judiciaria e do processo do genio.

Tinha a commissão respectiva apresentado a redacção definitiva das duas ultimas, sobre as quaes havia dado seu parecer.

Logo depois que a camara reuniu em sessão ás dez horas da manhã, entrou em discussão a primeira, que tratava de casos de calumnia, abuso de imprensa, e outros dos diversos provimentos do negocio.

Por falta de numero não houve hoje sessão na assembléa provincial.

NOTICIAS DIVERSAS.

Tinha hoje o exercito para lavrar o seu auto, e concluio para Nunes.

— Ao theatro de S. Pedro representão-se hoje as comedias Barrocada e o Dr. Crimes.

PAGINAS MENORES.

Rio, 10 de setembro.

AO SOBEJO DO JUIZO.

Senhor.

O dia em de setembro amanhece este anno com pouco mais ou menos o mesmo aspecto que tem tido todos os annos desde que nasci. Ha o mesmo sol, uma mesma luz, os mesmos ares, as mesmas aguas, que não cessão de jorrar do seu manancial, e as mesmas aves que não cessão de gorgeiar.

Em parte de cada, ha mudanças no Palacio, formado nesse dia de cada dezena de governo. Que a mudança de ministerio? Quem sabe? Que a mudança de ministerio? Quem sabe? Que a mudança de ministerio? Quem sabe?

Pena, além de iniciar carreira como escritor de romance-folhetim, com destaque para *Cinco Minutos*, *A viuvinha* e *O guarani*. [49]

A maioria das obras historiográficas que tratam do gênero e suas variantes no Brasil valeram-se do exemplo da imprensa publicada no Rio de Janeiro, embora, nas últimas décadas, alguns trabalhos tenham se dedicado à trajetória do folhetim em outras regiões do país. [50] O pesquisador Antonio Hohfeldt fez um levantamento nos jornais de Porto Alegre entre 1827 e 1900 e constatou que os romances, de fato, só passaram a ser vinculados a partir de 1850, pois não eram poucos os que viam como negativa a relação entre a imprensa e a literatura. Hohfeldt revelou que a maioria eram traduções de obras francesas, embora houvesse também portuguesas e mesmo de escritores gaúchos, com particular destaque para o romance sentimental. [51]

Outra região contemplada pelos novos estudos foi a província do Grã-Pará, na qual Germana Maria Araújo Sales constatou a presença de traduções ou reproduções de textos extraídos dos jornais do Rio de Janeiro. A prática era recorrente, sem que se constate a presença de autores locais. Havia reedições de textos já publicados no formato livro, como *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), presente no *Jornal do Pará* em 1858. Essas reedições aproximavam o público de produções que talvez não circulassem amplamente no Pará. [52]

O folhetim nos jornais do Mato Grosso foi objeto do trabalho de Yasmin Nadaf, que datou o primeiro de 1859, publicado no jornal *A Imprensa de Cuyaba*. A maior parte das publicações inseridas na rubrica foram crônicas e não romances, diferente do que aconteceu em outros lugares do país. Registra-se a tímida presença das obras de Enrique Perez Escrich e Georges Ohnet, o primeiro publicado no século XIX e o segundo no XX. Também foram recorrentes as crônicas reproduzidas dos jornais do Rio de Janeiro, embora também houvesse textos de autores locais. Nadaf elencou três

[49] Idem. p. 133-134.

[50] Cabe ressaltar que esse comentário não tem por objetivo esgotar a produção acerca do tema, pois são elencadas as obras que se encontram disponíveis na internet, sejam na forma de teses e dissertações e ainda, livros já publicados. Trata-se de um balanço parcial, que não desconsidera a possibilidade de que existam pesquisas desenvolvidas em outras regiões do Brasil e que mapearam a circulação do folhetim nas províncias que tiveram presença significativa da imprensa entre os séculos XIX e XX, tais como Maranhão e Ceará.

[51] Por fim, o autor selecionou e analisou três textos específicos, a fim de verificar como os modelos vigentes no período influenciaram a escrita daqueles que publicavam nos jornais de Porto Alegre. Ver HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas*: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

[52] SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Entrelaces*. V. 1, p. 44-56, 2007.

hipóteses para a ausência do gênero romance nos folhetins mato-grossenses: a primeira, logo descartada, diz respeito o custo de aquisição desses romances por parte da imprensa do Mato Grosso, tese insustentável, pois se sabe que a cópia não autorizada foi utilizada em larga escala em vários países. Outra seria o caráter conservador dos proprietários dos jornais, que não queriam suas folhas vinculadas a uma literatura popular e não considerada "culta," o que tampouco é verossímil frente à presença de autores anônimos, iniciantes e diletantes nos jornais. Por fim, o conteúdo da literatura de Sue, Dumas e Ponson du Terrail e outros não se adequava a temática lírica e de defesa de preceitos conservadores abraçada pelos proprietários dos periódicos. Tal exclusão não significa que tais obras não fossem conhecidas e procuradas pelo público, como evidenciam os catálogos, anúncios e depoimentos dos leitores. Quanto às crônicas, a maioria referia-se ao noticiário local, denúncias, costumes, atos imorais e política. [53]

Em relação ao Nordeste, destacam-se os trabalhos de Socorro de Fátima Pacifico Barbosa que, ao pesquisar o papel desempenhado pelos periódicos na circulação, divulgação e formulação da cultura escrita e letrada da Paraíba no século XIX, estudou a trajetória do gênero, ainda que as referências à presença do romance-folhetim não seja o foco principal. Segundo a pesquisadora, esses textos datam de 1856, com a publicação de *Capitão Paulo*, de Alexandre Dumas, no jornal *Época*, prática que se manteve, pois a maioria das obras presentes nos jornais paraibanos eram de autores franceses, ainda que se registrem nomes como Eça de Queiroz e Camilo Castelo Branco. Assim como ocorreu no Mato Grosso, o gênero predominante no espaço reservado ao folhetim era a crônica, ainda que contos também compusessem o rol de produção dos escritores brasileiros da época. A crônica na imprensa da Paraíba, assim como no restante do país, foi importante instrumento de crítica, dos hábitos, costumes e da prática de governantes. Não raro se valendo da sátira e da ironia, buscava-se a virtude e a retidão dos costumes, além oferecer um olhar sobre o cotidiano das cidades. [54]

Os estudos sobre a trajetória do folhetim em São Paulo, por seu turno são esparsos e as exceções ficam por conta do trabalho de Raimunda Brito Batista que, sob

[53] NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das Miscelâneas* – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

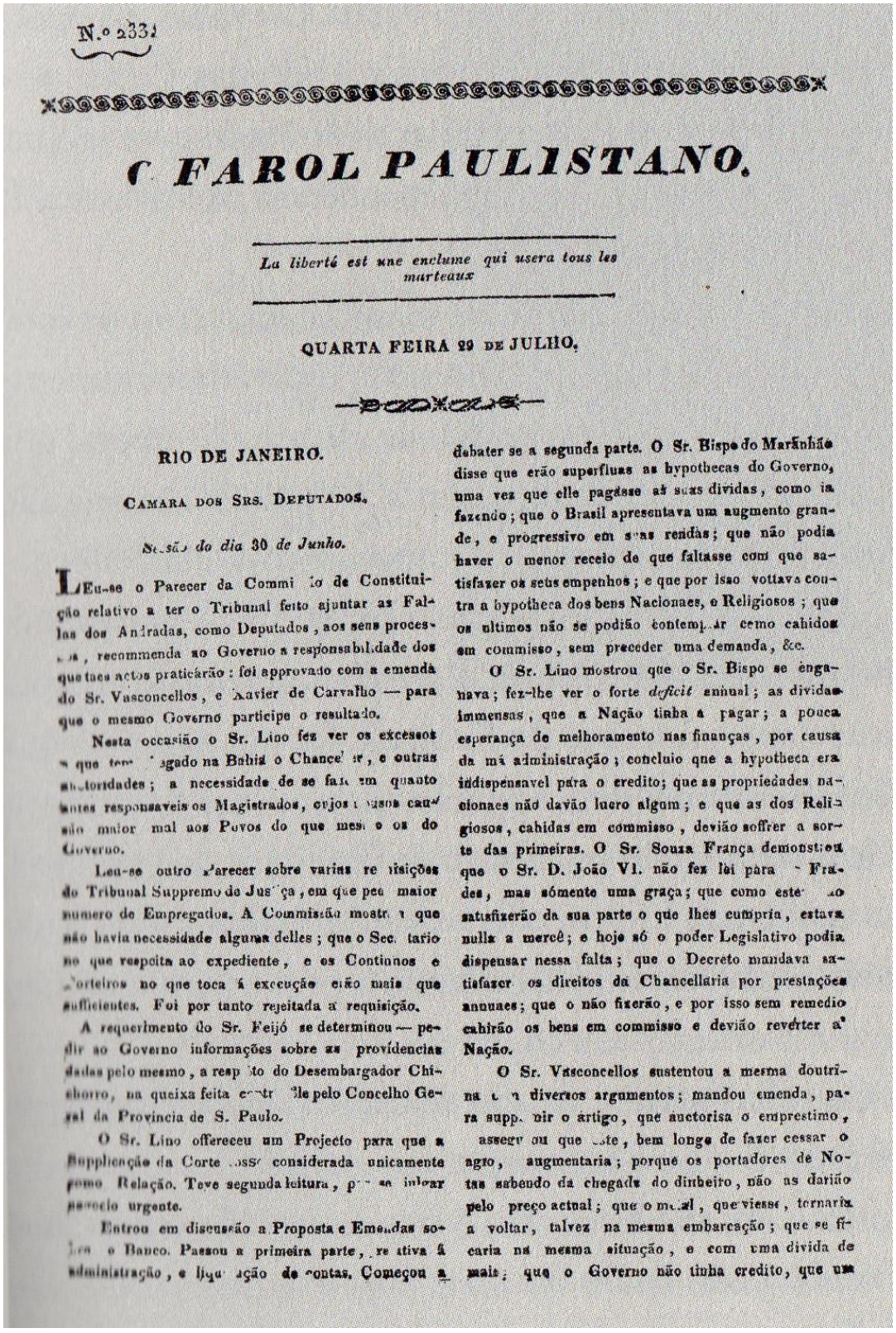
[54] BARBOSA, Socorro de Fátima Pacifico. *Jornalismo e literatura no século XIX paraibano: uma história*. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins. Acesso em 23 abr. 2015.

orientação de Marlyse Meyer, analisou o *Correio Paulistano* e o *Jornal do Comércio, edição de S. Paulo*, com incursões em *A Gazeta*, no período relativo ao primeiro quartel do século XX. [55] Trabalhando com outra periodicidade e sem ter os folhetins como objeto principal, Mônica de Fátima Rodrigues Nunes percorreu os suplementos literários de jornais paulistanos e elencou os folhetins que neles encontrou. [56] Nenhuma reflexão específica sobre o espaço folhetim no jornal *O Estado de S. Paulo* foi encontrada, enquanto em relação ao *Correio*, Débora Cristina Ferreira Garcia analisou a elaboração dos textos publicados em seu espaço folhetim, durante a década de 1850, com o propósito de criar um perfil do leitor do jornal. [57]

Talvez a falta de interesse em retraçar a história da rubrica em São Paulo deveu-se à modesta atividade de imprensa na província até meados de 1850 e ao fato dos acervos não terem preservado boa parte das folhas que circularam em solo paulista no século XIX. Não é por acaso que existe dificuldades em se estabelecer quais foram às primeiras publicações a incorporar o folhetim nos moldes do *Jornal do Comércio*, modelo para a imprensa local, o que permite apenas análises parciais para a primeira metade dos oitocentos. Cabe destacar que os impressos começaram a circular tardiamente em São Paulo, como *O Paulista*, de 1823, jornal escrito à mão, e *O Farol Paulistano*, impresso que remonta a 1827.

O processo de instalação do primeiro prelo em São Paulo levou quase quatro anos para se efetivar. Em 1823, uma portaria do Ministério da Fazenda ordenou o encaixotamento de antiga máquina e posterior envio para a província, algo que não se concretizou. Anos depois, a ordem foi revogada com a justificativa de que a prensa seria utilizada nos trabalhos da Assembleia Constituinte e só com a posse de Lucas Antonio Monteiro de Barros como presidente da província que retomou-se a questão do prelo. No entanto, apesar dos esforços e da existência de um novo documento autorizando a remessa, a transferência não se realizou. Apenas em 1827 foi lançado *O Farol*

[55] Raimunda Brito fez a pesquisa para o curso "Novelas sem fronteiras" que a professora Marlyse estava ministrando na época. MEYER, Marlyse. *Op. Cit*. p. 361.
[56] NUNES, Mônica de Fátima Rodrigues. *Pauliceia literária: páginas e suplementos literários em jornais paulistanos (1920-1964)*. Tese de Doutorado (Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.
[57] GARCIA, Débora Cristina Ferreira. Folhetins do século XIX: uma prática de leitura apaixonada. Tese de Doutorado (Linguística e Língua Portuguesa). Unesp, Araraquara, 2010.



N.º 233.

O FAROL PAULISTANO.

La liberté est une enclume qui usera tous les marteaux

QUARTA FEIRA 29 DE JULHO.

RIO DE JANEIRO.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS.

Sessão do dia 30 de Junho.

LEu-se o Parecer da Commissão de Constituição relativo a ter o Tribunal feito ajuntar as Fallas dos Andradas, como Deputados, aos seus processos, recommenda ao Governo a responsabilidade dos que taes actos praticárão: foi approvado com a emenda do Sr. Vasconcellos, e Xavier de Carvalho — para que o mesmo Governo participe o resultado.

Nesta occasião o Sr. Lino fez ver os excessos que tem delegado na Bahia o Chanceller, e outras authoridades; a necessidade de se fazer em quanto antes responsaveis os Magistrados, cujos abusos causão maior mal aos Povos do que mesmo os do Governo.

Leu-se outro Parecer sobre varias requisições do Tribunal Supremo de Justiça, em que pede maior numero de Empregados. A Commissão mostrou que não havia necessidade alguma delles; que o Secretario no que respeita ao expediente, e os Continuos e Porteiros no que toca á execução erão mais que sufficientes. Foi por tanto rejeitada a requisição.

A requerimento do Sr. Feijó se determinou — pedir ao Governo informações sobre as providencias dadas pelo mesmo, a respeito do Desembargador Chichorro, na queixa feita contra elle pelo Concelho Geral da Provincia de S. Paulo.

O Sr. Lino offereceu um Projecto para que a Supplicação da Corte fosse considerada unicamente como Relação. Teve segunda leitura, e ficou para parecer urgente.

Entrou em discussão a Proposta e Emendas sobre o Banco. Passou a primeira parte, relativa á administração, e liquidação de contas. Começou a debater se a segunda parte. O Sr. Bispo do Maranhão disse que erão superfluas as hypothecas do Governo, uma vez que elle pagasse as suas dividas, como ia fazendo; que o Brasil apresentava um augmento grande, e progressivo em suas rendas; que não podia haver o menor receio de que faltasse com que satisfazer os seus empenhos; e que por isso votava contra a hypotheca dos bens Nacionaes, e Religiosos; que os ultimos não se podião contemplar como cahidos em commisso, sem preceder uma demanda, &c.

O Sr. Lino mostrou que o Sr. Bispo se enganava; fez-lhe ver o forte *deficit* annual; as dividas immensas, que a Nação tinha a pagar; a pouca esperança de melhoramento nas finanças, por causa da má administração; concluio que a hypotheca era indispensavel para o credito; que as propriedades nacionaes não davão lucro algum; e que as dos Religiosos, cahidas em commisso, devião soffrer a sorte das primeiras. O Sr. Souza França demonstrou que o Sr. D. João VI. não fez lei para os Frades, mas sómente uma graça; que como estes não satisfizerão da sua parte o que lhes cumpria, estava nulla a mercê; e hoje só o poder Legislativo podia dispensar nessa falta; que o Decreto mandava satisfazer os direitos da Chancellaria por prestações annuaes; que o não fizerão, e por isso sem remedio cahirão os bens em commisso e devião reverter á Nação.

O Sr. Vasconcellos sustentou a mesma doutrina com diversos argumentos; mandou emenda, para supprimir o artigo, que auctorisa o emprestimo, assegurou que este, bem longe de fazer cessar o agio, augmentaria; porque os portadores de Notas sabendo da chegada do dinheiro, não as darião pelo preço actual; que o metal, que viesse, tornaria a voltar, talvez na mesma embarcação; que se ficaria na mesma situação, e com uma divida de mais; que o Governo não tinha credito, que um

Fig. 8: Edição de *O Farol Paulistano* (29/07/1829)

Paulistano, impresso em prelo de madeira, que permitia modesta tiragem de 25 exemplares por hora. O empreendimento foi liderado por José da Costa Carvalho que, além de comprar a prensa, foi o responsável pela parte editorial, com a colaboração de Odorico Mendes e Antônio Mariano de Azevedo Marques, conhecido pela alcunha de "Mestrinho," que já havia organizado *O Paulista*. [58]

Sabe-se que *O Piratininga,* lançado em 1849 com vistas a participar dos debates sobre as disputas eleitorais em curso, propunha a "discussão leal da atualidade" e do ponto de vista literário, pretendia dar espaço a talentos "tão ricos de vida e fulgor, que entre nós pululam desconhecidos, sem o alto apreço a que tem direito." O programa prometia oferecer aos leitores o folhetim, caso conseguissem "remover algumas dificuldades tipográficas" que impediam a publicação de adotar formato maior e, portanto, dar abrigo "aos diversos trabalhos, que empreendemos e que destinaremos algumas linhas do periódico para um folhetim." [59] No entanto, não se sabe até quando circulou *O Piratininga* e tampouco se as promessas foram cumpridas.

Dentre os jornais consultados, *O Comercial* foi o que efetivamente veiculou o espaço folhetim em suas páginas. Fundado em 04 de novembro de 1851, saía todas às terças-feiras e pretendia registrar os atos do governo, os trabalhos do júri e da Assembleia Provincial, além de publicar textos de interesse comercial e industrial, notícias da Corte e do exterior, apresentar uma "revista" dos periódicos e ocupar-se de artigos de literatura, variedades, anedotas, sem deixar de reservar, ainda, "uma parte sob o título de folhetim, para nela se fazer análise dos espetáculos públicos da capital e publicar romances, comprometendo-se a preferir as obras dos romancistas mais conceituados." [60]

A folha almejava alcançar prestígio semelhante ao desfrutado pelo *Jornal do Comércio*, razão pela qual criticava o fato de que "em São Paulo só tem sido favorecida a imprensa política". Em sua primeira edição, *O Comercial* não estampou o nome de seu redator, colaboradores e muito menos dos proprietários. No entanto, publicou a rubrica folhetim no rodapé da primeira página, em três colunas, separada do restante do

[58] PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012, p. 20.
[59] *O Piratininga*, 19 jul. 1849, p.1.
[60] *O Comercial*, 04 nov. 1851, p.1.

1849. S. PAULO. — Terça-feira 17 de Julho. — N. 1.

O PIRATININGA,

JORNAL POLITICO, LITTERARIO, NOTICIOSO.

BIBLIOTHECA NACIONAL RIO DE JANEIRO

Publica-se as Tercas e Sextas-feiras, não sendo dia santo de guarda, na typographia de Viuva Sobral, rua do Imperador N. 1 (impressor Luiz Antonio Correa). — Subscreve-se por seis mezes a 3$000 rs. *pagos adiantados*. — As correspondencias devem ser dirigidas em carta fechada aos Redactores, e entregues n'esta typographia. — Publicão-se annuncios a 80 rs. por linha.

O PIRATININGA.

PROGRAMMA.

A opposição se agita surdamente; e reconhecendo que a opinião do paiz se tem contra ella manifestado de modo claro e irreplicavel, prepara no mysterio de seus clubs armas desconhecidas, talvez illegitimas para o combate eleitoral, que se aproxima; cumpre por tanto aos defensores da ordem e do futuro nacional antecipadamente desfazer todas as ciladas, esclarecer e corroborar a opinião pública, dirigir uniformemente todos os esforços para o bom e seguro exito d'essa luta.

Appellamos para a publicidade, para a discussão reflectida e grave, confiamos, que a imprensa na Provincia se não transviará de sua nobre senda, e por nossa parte nunca daremos, nem aceitaremos o exemplo de empregar pessoalidades em vez d'argumentos. — Essa epocha desgraçada e vergonhosa da imprensa está passada: a illustração e moralidade pública tem progredido, e a imprensa deve acompanhar esses progressos, ou antes, como um fanal luminoso e immortal deve antecedel-os para esclarecer as vias, que a humanidade tem de perlustrar.

A discussão leal da actualidade — tal é o nosso primeiro fim; entretanto tambem publicaremos todas as noticias, que julgar-mos interessantes ao publico, tanto dos sucessos occorridos no paiz, como fóra d'ella.

Tambem comprehendemos no nosso programma a publicação de alguns trabalhos litterarios, não só para darmos occazião ao apparecimento de tantos talentos litterarios, tão ricos de vida e de fulgor, que entre nós pullullão desconhecidos, sem o alto apreço a que teêm direito, como para diffundir-mos no paiz o amor da litteratura, essa face tão brilhante, e tão attractiva da civilisação. —

Esperamos conseguir remover algumas difficuldades typographicas, que ora nos impedem de adoptar um formato maior; então daremos maior latitude aos diversos trabalhos, que emprehendemos, e destinaremos algumas linhas do periodico para um folhetim.

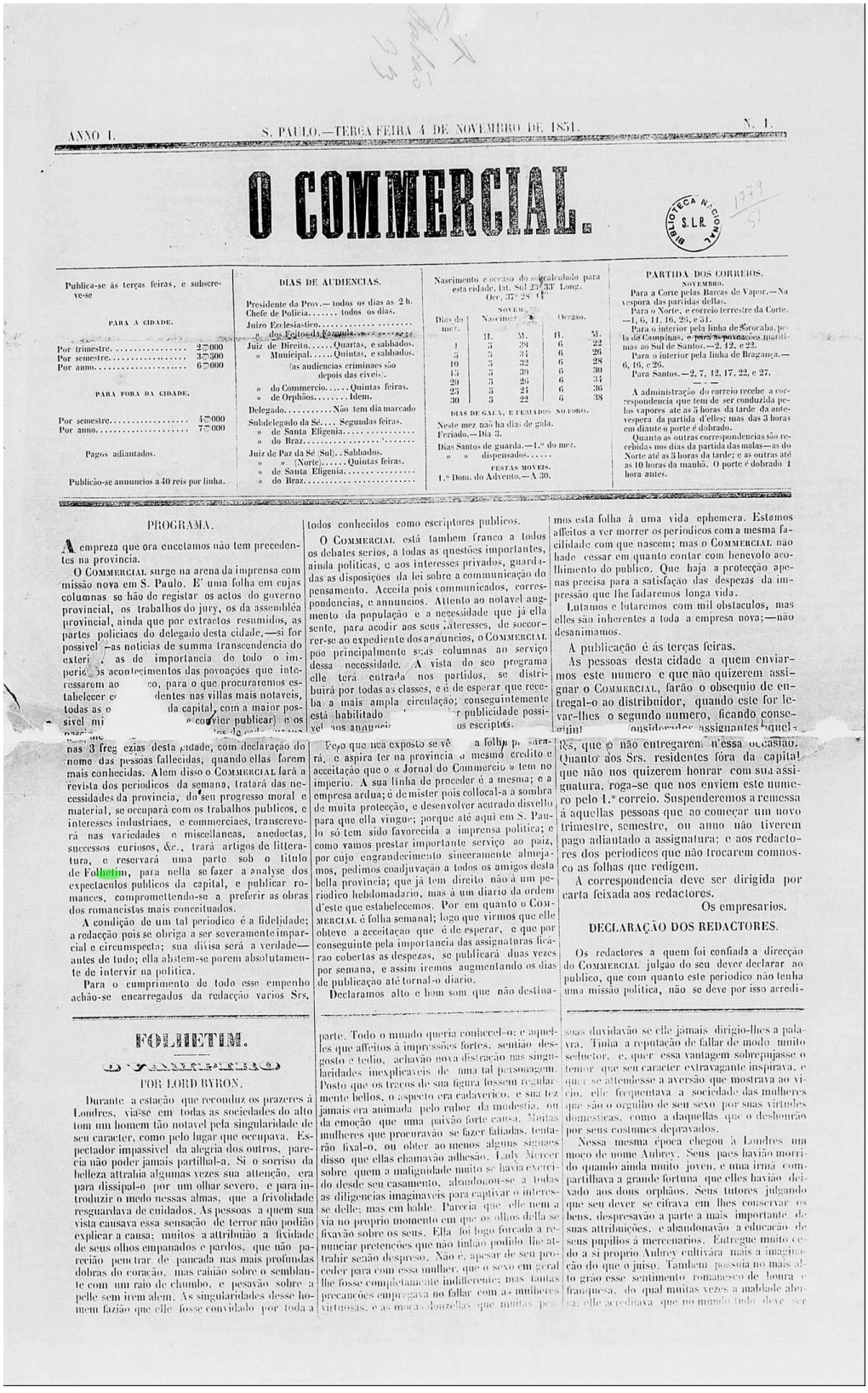
As pretenções da opposição.

Quando a direcção dos destinos do paiz foi confiada á politica dominante, já desde muito tempo estava a sua adversaria julgada e condemnada pela opinião nacional; ella mesma tinha consciencia da justiça d'esta condemnação, e reconhecia que toda sua vitalidade estava exhausta, que lhe era inevitavel abandonar o poder. Semelhante ao impio, que vendo na morte um perfeito anniquilamento, não acha esperança nem consolação na hora extrema, esforçava-se essa politica moribunda em prolongar as vascas de sua agonia, sem poder jamais resignar-se a romper os vinculos do interesse pessoal, que a prendião ao poder; e quando já todos os palliativos estavão exhaustos, ella ainda lobrigou a esperança de remoçar-se banhando-se em sangue humano; esta derradeira e terrivel tentativa foi feita, e o sangue correo copiosamente em Pernambuco! — Embalde: hoje ella ahi está prostrada, esmagada sob o peso da condemnação nacional, posto que alguns empyricos politicos ainda procurem galvanisal-a, restituir-lhe ao menos as aparencias da vida. Resurgirá ella?

A idéa não morre, e o partido politico, que representa uma idéa é como ella immortal. Quando, porém, em vez de um partido regular, dominado por um pensamento politico, encontra-se uma facção, um grupo mais ou menos numeroso, exclusivamente ligado pelo pacto de se coadjuvarem reciprocamente os seus membros na satisfação de seus interesses e de seus rancores, achar-se-ha ahi as condições da duração? não por certo. — Os partidos politicos transformão-se, mas não morrem; porém as facções são por sua naturesa transitorias e perecedouras.

Ora, desde 2 de fevereiro de 1844 foi o paiz governado por uma facção, que vegetava parasita sobre as idéas de um partido, que com ella se não deve confundir—o partido democratico; este partido ainda não está entre nós constituido, e difficilimo será constitui-o em vasta escala, talvez impossivel, por que na indole do paiz predominão elementos que lhe são repulsivos; existem, sim, anarchistas, agitadores, que hoje alardeão essa qualidade, mas que hontem se arrastavão ás plantas dos Srs. José Carlos ou Cavalcanti, supplicando pingues empregos, ou lindas veneras, que hoje desacatão o que ha mais venerado e mais santo na monarchia, e sobre ella lançao a imputação de todos os males — oriundos da anarchia — por que o Brasil tem

Fig. 9: Exemplar de estreia de *O Piratininga* (17/07/1849)



ANNO 1. S. PAULO.—TERÇA FEIRA 4 DE NOVEMBRO DE 1851. N. 1.

O COMMERCIAL.

BIBLIOTECA NACIONAL S.L.R. 1779 51

Publica-se ás terças feiras, e subscreve-se

PARA A CIDADE.

Por trimestre..... 2$000
Por semestre..... 3$000
Por anno..... 6$000

PARA FORA DA CIDADE.

Por semestre..... 4$000
Por anno..... 7$000

Pagos adiantados.

Publicão-se annuncios a 40 reis por linha.

DIAS DE AUDIENCIAS.

Presidente da Prov.— todos os dias as 2 h.
Chefe de Policia..... todos os dias.
Juizo Ecclesiastico.....
» dos Feitos da Fazenda.....
Juiz de Direito..... Quartas, e sabbados.
» Municipal..... Quintas, e sabbados.
(as audiencias criminaes são depois das civeis).
» do Commercio..... Quintas feiras.
» de Orphãos..... Idem.
Delegado..... Não tem dia marcado
Subdelegado da Sé.... Segundas feiras.
» de Santa Eligenia.....
» do Braz.....
Juiz de Paz da Sé (Sul).. Sabbados.
» » (Norte)..... Quintas feiras.
» de Santa Eligenia.....
» do Braz.....

Nascimento e occaso do sol calculado para esta cidade, lat. Sul 23°33' Long. Occ. 37° 28' 11'

Dias do mez.	NOVEMBRO. Nascimento. H.	M.	Occaso. H.	M.
1	5	38	6	22
5	5	34	6	26
10	5	32	6	28
15	5	30	6	30
20	5	26	6	34
25	5	24	6	36
30	5	22	6	38

DIAS DE GALA, E FERIADOS NO FORO.

Neste mez não ha dias de gala.
Feriado.—Dia 3.
Dias Santos de guarda.—1.º do mez.
» » dispensados.....

FESTAS MOVEIS.

1.º Dom. do Advento.—A 30.

PARTIDA DOS CORREIOS.

NOVEMBRO.

Para a Corte pelas Barcas de Vapor.—Na vespora das partidas dellas.
Para o Norte, e correio terrestre da Corte. —1, 6, 11, 16, 21, e 31.
Para o interior pela linha de Sorocaba, pela da Campinas, e para as povoações maritimas ao Sul de Santos.—2, 12, e 22.
Para o interior pela linha de Bragança.—6, 16, e 26.
Para Santos.—2, 7, 12, 17, 22, e 27.

A administração do correio recebe a correspondencia que tem de ser conduzida pelos vapores até as 5 horas da tarde da antevespera da partida d'elles; mas das 3 horas em diante o porte é dobrado.
Quanto as outras correspondencias são recebidas nos dias da partida das malas—as do Norte até as 5 horas da tarde; e as outras até as 10 horas da manhã. O porte é dobrado 1 hora antes.

PROGRAMA.

A empreza que ora encetamos não tem precedentes na provincia.

O COMMERCIAL surge na arena da imprensa com missão nova em S. Paulo. E' uma folha em cujas columnas se hão de registar os actos do governo provincial, os trabalhos do jury, os da assembléa provincial, ainda que por extractos resumidos, as partes policiaes do delegado desta cidade,—si for possivel —as noticias de summa transcendencia do exteri , as de importancia de todo o imperi os acontecimentos das povoações que interessarem ao co, para o que procuraremos estabelecer c dentes nas villas mais notaveis, todas as o da capital, com a maior possivel mi convier publicar) e os nas 3 freguezias desta cidade, com declaração do nome das pessoas fallecidas, quando ellas forem mais conhecidas. Alem disso o COMMERCIAL fará a revista dos periodicos da semana, tratará das necessidades da provincia, do seu progresso moral e material, se occupará com os trabalhos publicos, e interesses industriaes, e commerciaes, transcreverá nas variedades e miscellaneas, anedoctas, successos curiosos, &c., trará artigos de litteratura, e reservará uma parte sob o titulo de Folhetim, para nella se fazer a analyse dos expectaculos publicos da capital, e publicar romances, compromettendo-se a preferir as obras dos romancistas mais conceituados.

A condição de um tal periodico é a fidelidade; a redacção pois se obriga a ser severamente imparcial e circumspecta; sua divisa será a verdade—antes de tudo; ella abstem-se porem absolutamente de intervir na politica.

Para o cumprimento de todo esse empenho achão-se encarregados da redacção varios Srs. todos conhecidos como escriptores publicos.

O COMMERCIAL está tambem franco a todos os debates serios, a todas as questões importantes, ainda politicas, e aos interesses privados, guardadas as disposições da lei sobre a communicação do pensamento. Acceita pois communicados, correspondencias, e annuncios. Attento ao notavel augmento da população e a necessidade que já ella sente, para acodir aos seus interesses, de soccorrer-se ao expediente dos annuncios, o COMMERCIAL põe principalmente suas columnas ao serviço dessa necessidade. A vista do seo programa elle terá entrada nos partidos, se distribuirá por todas as classes, e é de esperar que receba a mais ampla circulação; conseguintemente está habilitado r publicidade possivel aos annunci os escriptos.

Posto que uca exposto se vê a folha p sará, e aspira ter na provincia o mesmo credito e acceitação que o « Jornal do Commercio » tem no imperio. A sua linha de proceder é a mesma; e a empresa ardua; é de mister pois collocal-a á sombra de muita protecção, e desenvolver acurado disvello para que ella vingue; porque até aqui em S. Paulo só tem sido favorecida a imprensa politica; e como vamos prestar importante serviço ao paiz, por cujo engrandecimento sinceramente almejamos, pedimos coadjuvação a todos os amigos desta bella provincia; que já tem direito não á um periodico hebdomadario, mas á um diario da ordem d'este que estabelecemos. Por em quanto o COMMERCIAL é folha semanal; logo que virmos que elle obteve a acceitação que é de esperar, e que por conseguinte pela importancia das assignaturas ficarão cobertas as despezas, se publicará duas vezes por semana, e assim iremos augmentando os dias de publicação até tornal-o diario.

Declaramos alto e bom som que não destinamos esta folha á uma vida ephemera. Estamos affeitos a ver morrer os periodicos com a mesma facilidade com que nascem; mas o COMMERCIAL não hade cessar em quanto contar com benevolo acolhimento do publico. Que haja a protecção apenas precisa para a satisfação das despezas da impressão que lhe fadaremos longa vida.

Lutamos e lutaremos com mil obstaculos, mas elles são inherentes a toda a empresa nova;—não desanimamos.

A publicação é ás terças feiras.

As pessoas desta cidade a quem enviarmos este numero e que não quizerem assignar o COMMERCIAL, farão o obsequio de entregal-o ao distribuidor, quando este for levar-lhes o segundo numero, ficando conse- guinte consideradas assignantes aquel- les, que o não entregarem n'essa occasião. Quanto aos Srs. residentes fóra da capital que não nos quizerem honrar com sua assignatura, roga-se que nos enviem este numero pelo 1.º correio. Suspenderemos a remessa á aquellas pessoas que ao começar um novo trimestre, semestre, ou anno não tiverem pago adiantado a assignatura; e aos redactores dos periodicos que não trocarem comnosco as folhas que redigem.

A correspondencia deve ser dirigida por carta feixada aos redactores.

Os empresarios.

DECLARAÇÃO DOS REDACTORES.

Os redactores a quem foi confiada a direcção do COMMERCIAL julgão do seu dever declarar ao publico, que com quanto este periodico não tenha uma missão politica, não se deve por isso acredi-

FOLHETIM.

LARA.

POR LORD BYRON.

Durante a estação que reconduz os prazeres á Londres, via-se em todas as sociedades do alto tom um homem tão notavel pela singularidade de seu caracter, como pelo lugar que occupava. Espectador impassivel da alegria dos outros, parecia não poder jamais partilhal-a. Si o sorriso da belleza attrahia algumas vezes sua attenção, era para dissipal-o por um olhar severo, e para introduzir o medo nessas almas, que a frivolidade resguardava de cuidados. As pessoas a quem sua vista causava essa sensação de terror não podião explicar a causa; muitos a attribuião a fixidade de seus olhos empanados e pardos, que não parecião penetrar de pancada nas mais profundas dobras do coração, mas cahião sobre o semblante com um raio de chumbo, e pesavão sobre a pelle sem irem além. As singularidades desse homem fazião que elle fosse convidado por toda a parte. Todo o mundo queria conhecel-o: e aquelles que affeitos á impressões fortes, sentião desgosto e tedio, achavão nova distracção nas singularidades inexplicaveis de uma tal personagem. Posto que os traços de sua figura fossem regularmente bellos, o aspecto era cadaverico, e sua tez jamais era animada pelo rubor da modestia, ou da emoção que uma paixão forte causa. Muitas mulheres que procuravão se fazer faliadas, tentarão fixal-o, ou obter ao menos alguns signaes sobre quem a magnidade muito se havia exercido desde seu casamento, abandonou-se a todas as diligencias imaginaveis para captivar o interesse delle; mas em balde. Parecia que elle nem a via no proprio momento em que os olhos della se fixavão sobre os seus. Ella foi logo forçada a renunciar pretenções que não tinhão podido lhe attrahir senão despreso. Não é, apesar de seu procedeer para com essa mulher, que o sexo em geral lhe fosse completamente indifferente; mas tantas precauções empregava no fallar com as mulheres virtuosas, e as moças donzellas que muitas pessoas duvidavão se elle jamais dirigio-lhes a palavra. Tinha a reputação de fallar de modo muito seductor, e, quer essa vantagem sobrepujasse o temor que seu caracter extravagante inspirava, e quer se attendesse a aversão que mostrava ao vicio, elle frequentava a sociedade das mulheres que são o orgulho de seu sexo por suas virtudes domesticas, como a daquellas que o deshonrão por seus costumes depravados.

Nessa mesma época chegou á Londres um moço de nome Aubrey. Seus paes havião morrido quando ainda muito joven, e uma irma compartilhava a grande fortuna que elles havião deixado aos dous orphãos. Seus tutores julgando que seu dever se cifrava em lhes conservar os bens, desprezavão a parte a mais importante de suas attribuições, e abandonavão a educação de seus pupilos a mercenarios. Entregue muito cedo a si proprio Aubrey cultivára mais a imaginação do que o juiso. Tambem possuia no mais alto grão esse sentimento romanesco de honra e franqueza, do qual muitas vezes a maldade abusa: elle acreditava que no mundo tudo deve ser

Fig. 10: Exemplar de lançamento de *O Comercial* (04/11/1851)

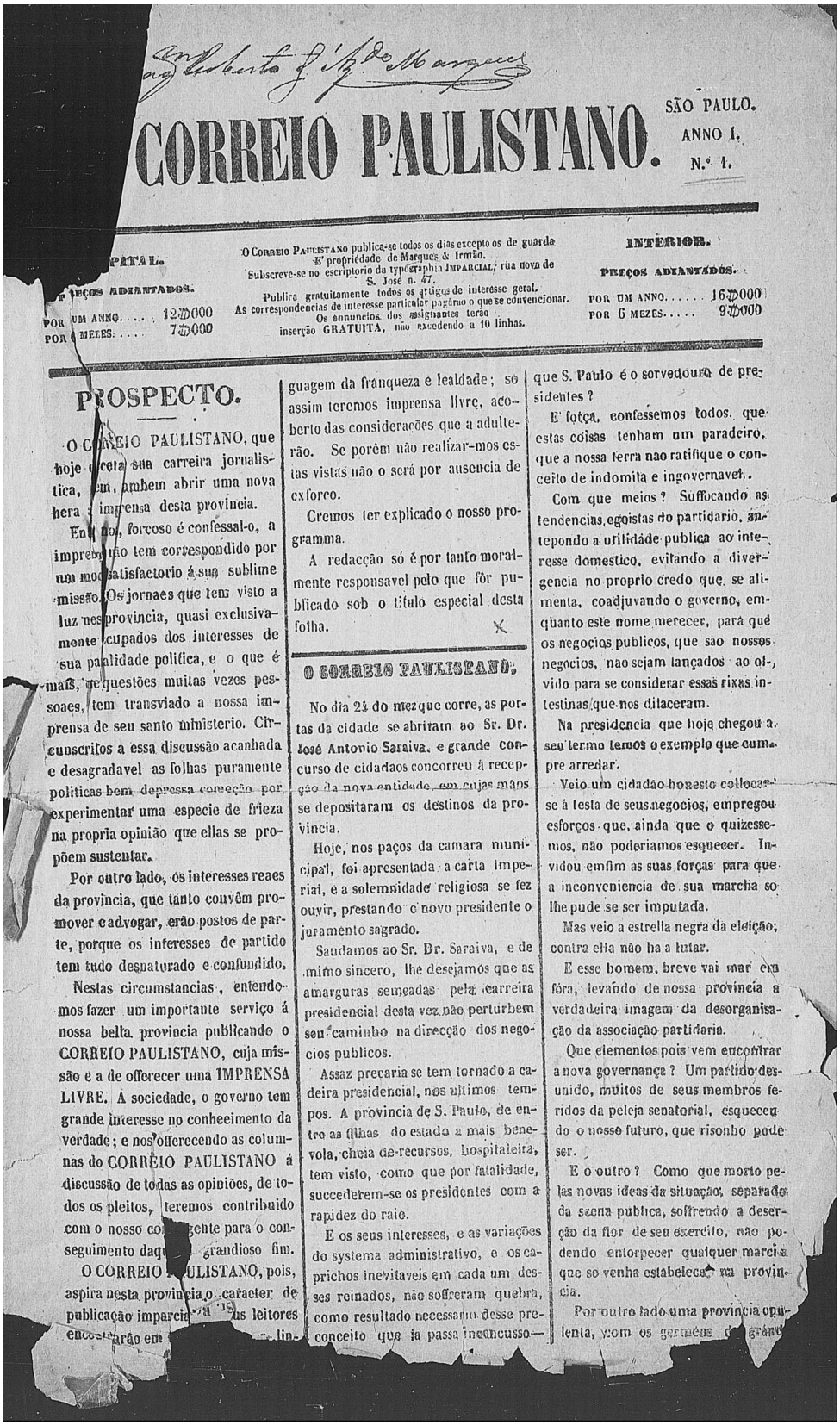
conteúdo por um traço. O espaço foi inaugurado com o conto *O Vampiro,* de Lord Byron, que continuou na edição seguinte. No entanto, não se sabe por quanto tempo o jornal circulou, havendo indícios de que desapareceu na década de 1880. De qualquer forma, ao anunciar em seu primeiro exemplar que o folhetim traria romances e crítica teatral revelava a concepção dos redatores sobre o que deveria conter a rubrica.

Quando o jornal *Correio Paulistano* foi lançado em 26 de junho de 1854 por Joaquim Roberto de Azevedo Marques, proprietário da Tipografia Imparcial, São Paulo era uma cidade pacata, sem muita animação além da decorrente das tropas de mulas, das procissões e festas religiosas, e da algazarra dos estudantes da Faculdade de Direito, criada em 1828. O desenvolvimento urbano teve limites estreitos e os registros nos autos-crimes revelam uma população espalhada pelos subúrbios, com atividades econômicas ainda ligadas ao campo. Os passeios e as diversões oferecidas limitavam-se aos trechos das várzeas do Tamanduateí e ao Jardim da Luz e, posteriormente, a estação da primeira estrada de ferro, que cortou a cidade, a São Paulo Railway Company. São Paulo contava com a Biblioteca Pública, anexa à Academia de Direito, e com poucos livreiros espalhados pelas ruas centrais, que vendiam, sobretudo, livros de direito e parcos romances. [61]

No cinquentenário do *Correio Paulistano*, o jornal publicou um longo artigo sobre sua trajetória, organizada em quatro fases denominadas "formação inicial, decadência e retrocesso, reorganização e consolidação e progresso". A primeira iniciou-se com a circulação do primeiro exemplar e terminou em 14 de julho de 1855. Na época do lançamento, segundo recenseamento realizado pelo brigadeiro Machado de Oliveira a pedido do presidente provincial José Antônio Saraiva, São Paulo contava com 15.253 habitantes, dado contestado pelo articulista do *Correio*, uma vez que no censo de 1827, a cidade possuía 28.798 moradores. As calçadas das ruas eram deploráveis e a escuridão reinava absoluta e engolia a urbe, visto que os combustores a querosene eram colocados economicamente à distância e projetavam de longe o chão deserto das vielas esburacadas, como fez questão de relembrar o articulista do jornal. [62]

Foi nesse ambiente "adverso" que Joaquim Roberto de Azevedo Marques "abalançou-se a afrontar a insuperável hostilidade de um meio social abertamente

[61] CAMPOS, Alzira de Arruda. Vida Cotidiana e lazer em São Paulo. In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*: a cidade no Império 1823-1889. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
[62] SOUZA, Alberto. *Correio Paulistano*, 14 jul. 1904, p.3



CORREIO PAULISTANO.

SÃO PAULO.
ANNO I.
N.º 1.

...PITAL.
...PREÇOS ADIANTADOS.
POR UM ANNO. . . . 12$000
POR 6 MEZES. . . . 7$000

O Correio Paulistano publica-se todos os dias excepto os de guarda
E' propriedade de Marques & Irmão.
Subscreve-se no escriptorio da typographia Imparcial, rua nova de S. José n. 47.
Publica gratuitamente todos os artigos de interesse geral.
As correspondencias de interesse particular pagarão o que se convencionar.
Os annuncios dos assignantes terão inserção GRATUITA, não excedendo a 10 linhas.

INTERIOR.
PREÇOS ADIANTADOS.
POR UM ANNO. . . . . 16$000
POR 6 MEZES. . . . . 9$000

PROSPECTO.

O CORREIO PAULISTANO, que hoje enceta sua carreira jornalistica, vem tambem abrir uma nova era á imprensa desta provincia.

Entre nós, forçoso é confessal-o, a imprensa não tem correspondido por um modo satisfactorio á sua sublime missão. Os jornaes que tem visto a luz nesta provincia, quasi exclusivamente occupados dos interesses de sua paralidade politica, e o que é mais, de questões muitas vezes pessoaes, tem transviado a nossa imprensa de seu santo ministerio. Circunscritos a essa discussão acanhada e desagradavel as folhas puramente politicas bem depressa começão por experimentar uma especie de frieza na propria opinião que ellas se propõem sustentar.

Por outro lado, os interesses reaes da provincia, que tanto convêm promover e advogar, erão postos de parte, porque os interesses de partido tem tudo desnaturado e confundido.

Nestas circumstancias, entendemos fazer um importante serviço á nossa bella provincia publicando o CORREIO PAULISTANO, cuja missão é a de offerecer uma IMPRENSA LIVRE. A sociedade, o governo tem grande interesse no conhecimento da verdade; e nos offerecendo as columnas do CORREIO PAULISTANO á discussão de todas as opiniões, de todos os pleitos, teremos contribuido com o nosso co... gente para o conseguimento daq... grandioso fim.

O CORREIO ...ULISTANO, pois, aspira nesta provincia o caracter de publicação imparcial, ... seus leitores encontrarão em ... linguagem da franqueza e lealdade; se assim teremos imprensa livre, acoberto das considerações que a adulterão. Se porém não realizar-mos estas vistas não o será por ausencia de esforço.

Cremos ter explicado o nosso programma.

A redacção só é por tanto moralmente responsavel pelo que fôr publicado sob o titulo especial desta folha.

O CORREIO PAULISTANO.

No dia 24 do mez que corre, as portas da cidade se abriram ao Sr. Dr. José Antonio Saraiva, e grande concurso de cidadaos concorreu á recepção da nova entidade, em cujas mãos se depositaram os destinos da provincia.

Hoje, nos paços da camara municipal, foi apresentada a carta imperial, e a solemnidade religiosa se fez ouvir, prestando o novo presidente o juramento sagrado.

Saudamos ao Sr. Dr. Saraiva, e de mimo sincero, lhe desejamos que as amarguras semeadas pela carreira presidencial desta vez não perturbem seu caminho na direcção dos negocios publicos.

Assaz precaria se tem tornado a cadeira presidencial, nos ultimos tempos. A provincia de S. Paulo, de entre as filhas do estado a mais benevola, cheia de recursos, hospitaleira, tem visto, como que por fatalidade, succederem-se os presidentes com a rapidez do raio.

E os seus interesses, e as variações do systema administrativo, e os caprichos inevitaveis em cada um desses reinados, não soffreram quebra, como resultado necessario desse preconceito que ia passa inconcusso— que S. Paulo é o sorvedouro de presidentes?

E' força, confessemos todos, que estas coisas tenham um paradeiro, que a nossa terra nao ratifique o conceito de indomita e ingovernavel.

Com que meios? Suffocando as tendencias egoistas do partidario, antepondo a utilidade publica ao interesse domestico, evitando a divergencia no proprio credo que se alimenta, coadjuvando o governo, emquanto este nome merecer, para que os negocios publicos, que sao nossos negocios, nao sejam lançados ao olvido para se considerar essas rixas intestinas que nos dilaceram.

Na presidencia que hoje chegou a seu termo temos o exemplo que cumpre arredar.

Veio um cidadão honesto collocar-se á testa de seus negocios, empregou esforços que, ainda que o quizessemos, não poderiamos esquecer. Invidou emfim as suas forças para que a inconveniencia de sua marcha so lhe pude ser imputada.

Mas veio a estrella negra da eleição; contra ella não ha a lutar.

E esse homem, breve vai mar em fóra, levando de nossa provincia a verdadeira imagem da desorganisação da associação partidaria.

Que elementos pois vem encontrar a nova governança? Um partido desunido, muitos de seus membros feridos da peleja senatorial, esqueceu do o nosso futuro, que risonho pode ser.

E o outro? Como que morto pelas novas ideas da situação, separado da scena publica, soffrendo a deserção da flor de seu exercito, não podendo entorpecer qualquer marcha que se venha estabelecer na provincia.

Por outro lado uma provincia opulenta, com os germens d... grand...

Fig. 11: Edição de estreia do *Correio Paulistano* (26/06/1854)

refratário ao êxito de sua corajosa tentativa de lançar um jornal." [63] Para o empreendimento, contou com Pedro Taques de Almeida Alvim, que já trabalhara no *Clarim Saquarema* e no *Azorrague*. [64] No cabeçalho, o jornal esclareceu que circularia diariamente, exceto nos dias santos, e que os artigos de interesse geral seriam publicados gratuitamente, enquanto se cobrariam as correspondências particulares. A assinatura anual montava a 12$000 para a capital e 16$000 no restante da província e a semestral era, respectivamente 7$000 e 9$000, sendo que os subscritores poderiam publicar anúncios gratuitamente, desde que não excedessem dez linhas. [65]

Em seu prospecto, o *Correio* criticava os outros jornais que não "advogavam" pelos interesses reais da província e propunha-se a "oferecer uma imprensa livre, já que a sociedade e o governo têm grande interesse no conhecimento da verdade" - daí a defesa da imparcialidade e o compromisso de disponibilizar todas as informações com "uma linguagem franca e leal." Uma página era reservada para a cotação dos preços dos produtos, notícias da Câmara dos Deputados, da Faculdade de Direito, publicações do Ministério do Governo, além de colunas como "Variedades," "Miscelâneas," "Notícias e Fatos Diversos," que continuaram a figurar nas edições subsequentes e continham informações sobre falecimentos, assassinatos, tempestades, apresentações teatrais, festividades religiosas, textos literários curtos e outros dados sobre o cotidiano da cidade. Por fim, essa primeira edição fechava-se com a declaração dos responsáveis, que expressavam o desejo de oferecer aos leitores um impresso em formato maior, o que não se mostrou factível nesse momento inicial. Solicitaram aos que receberam a folha, que se tornassem assinantes e aos que não se interessaram por ela pediam que a devolvessem. [66]

O espaço folhetim não integrou a edição de estreia do *Correio*, mas se fez presente na edição do dia seguinte, de 27 de junho, quando, em sua primeira página, com três colunas, devidamente separadas por um grosso traço do restante das matérias, figurou a seção não assinada intitulada *Telégrafo* e que tinha por meta a "necessidade real e

[63] Idem.
[64] FREITAS, Affonso de. *A Imprensa Periódica de São Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tip. do Diário Oficial, 1915.
[65] *Correio Paulistano*, 26 jun. 1854, p.1.
[66] Idem.

indeclinável" de publicar "artigos hebdomadários, onde se faça um *judeu* de tudo quanto for ocorrendo por ai e além." Após esclarecer que o programa ainda não estava "assentado," pois, seria feito a partir do que "der a sorte e a pena," sem que "professasse opinião política", tal qual um verdadeiro telégrafo. A menção à política é importante, pois o folhetim tinha, pelo menos aparentemente, pouco compromisso com análises densas e sérias. Isso não significa que a rubrica não comportasse referências aos acontecimentos e questões que dominavam a cena política, mas o fazia de maneira rápida, bem humorada ou até sarcástica.

Em 22 de julho de 1854, quase um mês após seu lançamento, o *Correio Paulistano* inaugurou, no interior do espaço folhetim, a subseção intitulada *Revista Teatral*, apresentada aos leitores como voltada a tudo o que "pertencer a economia e política do teatro, porém com a vara da justiça." Em sua estreia ocupou o rodapé de três das quatro páginas do jornal e analisou o drama *Joana de Flandres*, representado dias antes na capital, e o comportamento da plateia diante do espetáculo. Segundo Alberto Sousa, a diversão das famílias paulistanas então se restringia às "partidas e saraus" nas casas abastadas, razão pela qual era sempre esperada a chegada de uma companhia dramática na cidade, quase sempre subvencionada pelos cofres provinciais. [67]

Era na seção livre do *Correio* que as reclamações, queixas, disputas e exigências de toda ordem em relação ao serviço teatral passaram a ser vinculadas. Talvez o desejo do público em expressar suas vontade e insatisfações motivou o jornal a criar a *Revista Teatral* no interior do espaço folhetim, que objetivava reunir as críticas sob a pena de alguém apto para avaliar o desempenho das peças, a atuação dos artistas e mesmo a estrutura da casa de espetáculos. Conforme Alberto Sousa enfatizou em seu artigo, o mobiliário que servia ao teatro era sempre o mesmo com cenários velhos e desgastados pois, apesar da subvenção do governo, a receita gerada não permitia reformas no teatro.[68]

Alguns dias depois, ainda no mês de agosto, outra subseção intitulada *O Binóculo*, foi inserida no interior do espaço folhetim, assinada com o pseudônimo "Q" e que confrontava a *Revista Teatral*, publicada quatro dias antes. Seu autor asseverava que daria ao leitor um "boletim teatral," mais elástico e que não iria, tal como o colega, historiar a vida teatral. Expôs sua apreciação sobre o drama *Seis degraus do Crime*,

[67] *Correio Paulistano*, 14 jul.1904, p.3
[68] Idem.

3.ª FEIRA
27 DE JUNHO
DE 1854.

CORREIO PAULISTANO.

SÃO PAULO.
ANNO I.
N.º 2.

CAPITAL.

PREÇOS ADIANTADOS.

POR UM ANNO.... 12$000
POR 6 MEZES.... 7$000

O CORREIO PAULISTANO publica-se todos os dias excepto os de guarda.
E' propriedade de Marques & Irmão.
Subscreve-se no escriptorio da typographia IMPARCIAL, rua nova de S. José n. 47.
Publica gratuitamente todos os artigos de interesse geral.
As correspondencias de interesse particular pagarão o que se convencionar.
Os annuncios dos assignantes terão inserção GRATUITA, não excedendo a 10 linhas.

INTERIOR.

PREÇOS ADIANTADOS.

POR UM ANNO.... 16$000
POR 6 MEZES.... 9$000

O CORREIO PAULISTANO.

Corporação de mão morta.

De ha muito que o paiz inteiro reclama do corpo legislativo uma medida tendente a fazer cessar o estado irregular e imprestavel á que, em geral, estão reduzidos os bens das corporações de mão morta.

Muitos são os abusos introduzidos em sua administração. Aqui nesta capital temos tido exemplos muito sigaificativos de que o pensamento originario da creação de taes corporações está quasi desnaturado. Se assim não fôra, como explicar os [illegible] são pastas em que se trata de proceder á eleição das mesas que os administrão ?... Os respectivos cargos, que devem ser tomados como um onus, que só devem ser exercidos por philantropia, são, ao contrario, sollicitados com empenho ; o individuo, uma vez nomeado, só trata de se fazer reeleger no anno seguinte !

Antigamente os predios pertencentes a estas corporações distinguião-se e erão procurados pelos alugadores por baratos : —hoje são os mais caros !. . .

D'aqui se vê que taes corporações mais se occupão da administração de seus bens do que de seu fim primordial.

A commissão de fazenda da camara dos Srs. deputados acaba de apresentar felizmente um projecto, no sentido de cortar esse estado de cousas. Louvores pois sejão dados aos Srs. Taques e Ferraz dignos membros dessa commissão.

O primeiro passo está dado : — dizemos o primeiro, porque entendemos (talvez estejamos em erro) que a medida não foi completa. O projecto não providenciou como convinha sobre as capellas, recolhimentos ou mosteiros. E cremos ser uma necessidade exonerar-se de todo o chamar ao Estado seus bens ; porque, quasi extinctos de facto pela decadencia em que se acham, e pela desorção que se observa nos conventos, as rendas e os bens a estes pertencentes são gastos em proveito de um ou outro *abbade*, *commissario ou presidente*, que a sós em seus conventos, vivem—vida de abastados proprietarios, sem que a sociedade colha de sua existencia o mais leve beneficio. Diligencia passiva ; não tem imputação. Alem de que o systema utilitario do Bentham é uma vara magica que transforma os espiritos *desabusados*; e o *Velho Brasil* não é daquelles que trepidam diante de qualquer emergencia metalica.

Vê pois o leitor do *Correio* que o *Telegrapho* vai tocar a uma conclusão — a necessidade real e indeclinavel da publicação de artigos hebdomadarios, onde se faça um *judeo* de tudo quanto for occorrendo por ahi alem.

Ja o folhetim do *Constitucional* emprehendeu esta tarefa. Mas a fatalidade das coisas humanas privou-nos dessa bella *hebdomada*. Por muito tempo nos vimos privados desse escripto ; agora se sabe que foi victima das leis da gastronomia. Um folhetim que viajava com força de 50 cavallos, que comia simultaneamente uma encyclopedia de viveres, que fazia *vatapás* de curaus, garopas de mar virado, uvas do Bom Jesus, tudo isto envolto em cerveja e roletes de cana, Santo Deos, deu com o publicista na cruel eternidade, na melhor vida, como dizem as cartas de enterro.

Não podia subsistir a lacuna, e o *Telegrapho* quer supril-a.

Saiba pois o assignante do *Correio Paulistano* que o presente folhetim se incumbe de assignalar os successos da hebdomada. Em 7 dias vai tanto acontecimento á que a historia tem direito.

Para profissão de fé que baste o que vai dito.

Alem de que, sabem os leitores quanto vale uma profissão. Revoga-se hoje um programma com a mesma facilidade com que se muda um presidente de S. Paulo.

FOLHETIM.

O TELEGRAPHO.

A nossa boa terra do Ypiranga não é uma dessas cidades em que a monotonia e esterilidade fez a sua séde. Aqui, bem como na côrte, multiplicam-se os acontecimentos ; a população é avida de novidades, e os espiritos morrem quando os typos não invadirem o gabinete de cada um, levando o registro dos factos que vão cahindo na publicidade.

S. Paulo não é uma cidade morta, um logarejo em que se aninha a barbaria e estupidez, as paixões más, e tudo isso que o ferrenho *Velho Brasil* imaginou. Elle proprio disto sabe : escreveu o que lhe mandaram ; foi uma victima da obe-

COMMUNICADO.

Cumpre confiar na situação?

Quando outr'ora a politica do paiz, tão altamente complicada no exterior como deploravel em todos os angulos do imperio ameaçava-nos de horriveis catastrophes.

Quando nossos fóros ultrajados pelo estrangeiro [illegible]

Quando o divorcio do pensamento politico tinha chegado ao remate da intolerancia, dividindo o concurso de acção de todos os brasileiros para curar dos mais elevados interesses do paiz;

Quando ápar da impunidade o trafico d'africanos invadia todas as provincias, ameaçando-as talvez em breve, de uma espantosa insurreição;

Quando todos os melhoramentos momente [illegible]

Fig. 12: A seção *Telégrafo* publicada no espaço folhetim do *Correio Paulistano* (27/06/1854)

SABBADO 22 DE JULHO DE 1854.

CORREIO PAULISTANO.

SÃO PAULO. ANNO 1. N.° 23

CAPITAL.
PREÇOS ADIANTADOS.
POR UM ANNO.... 12$000
POR 6 MEZES.... 7$000

O CORREIO PAULISTANO publica-se todos os dias excepto os de guarda.
E' propriedade de Marques & Irmão.
Subscreve-se no escriptorio da typographia IMPARCIAL, rua nova de S. José, n. 47.
Publica gratuitamente todos os artigos de interesse geral.
As correspondencias de interesse particular pagarão o que se convencionar.
Os annuncios dos assignantes terão inserção GRATUITA, não excedendo a 10 linhas.

INTERIOR.
PREÇOS ADIANTADOS.
POR UM ANNO.... 16$000
POR 6 MEZES.... 9$000

MIMISTERIO DO IMPERIO.

1ª SECÇÃO.—*Rio de Janeiro. Ministerio dos Negocios do Imperio em* 11 *de julho de* 1854.

Illm. e Exm. Sr.—Tendo merecido a Imperial Approvação as soluções dadas por essa Presidencia, e expostas em officio de 27 de janeiro de 1852, sob n. 8, acerca de duvidas propostas pelo eleitor da Parochia de Nossa Senhora do O', Francisco Antonio de Oliveira Simões, e pelo juiz de paz da de Sarapuhy, relativamente á execução da lei regulamentar das eleições ; decidindo a mesma Presidencia :

1° Que o dito eleitor, bem como outro Fortunato Alves de Siqueira, os quaes, por se acharem impedidos, deixaram de comparecer ao acto da formação da Junta de qualificação da referida Parochia, não podiam, apresentado-se depois na occasião de se reunir de novo a mesma Junta para o fim das reclamações, excluir e substituir aos membros designados no acto de sua formação, ainda mesmo aos que fossem supplentes, porque esta Junta, tal qual é formada no tempo, e com as formalidades que a lei prescreve, deve funccionar até findarem seus trabalhos, salvo os casos de impedimento legal.

2° Que essa circumstancia de não terem os ditos eleitores comparecido ao acto da formação da Junta de qualificação, os não inhibia de fazerem parte da Mesa da Assembléa Parochial, que posteriormente se deveria reunir, visto como são cousas absolutamente distinctas, e nenhuma razão de dependencia ha entre estes dous actos.

3° Que, dado e averiguado o facto de achar-se o supplente Antonio de Almeida Leite, condemnado por sentença passada em julgado por crime de responsabilidade, não podia fazer parte da Junta de qualificação, nos termos do § 5° do Aviso de 31 de Dezembro de 1846.

4° Que, no caso de insistir o Supplente Antonio Leonel Ferreira em não querer chamar um cidadão de sua confiança para com elle, como Supplente, fazerem parte da Junta, segundo determina o art. 9° da Lei Regulamentar das eleições, cumpria ao dito Juiz de Paz, Presidente Junta, para a completar, usar do remedio do art. 10 da mesma Lei, chamando o seu immediato em votos.

Assim o communico á V. Ex. para sua intelligencia.

Deos Guarde á V, Ex —*Luiz Pedreira do Couto Ferraz.* —Sr. Presidente da Provincia de S. Paulo.

PARTE OFFICIAL.

EXPEDIENTE DA PRESIDENCIA.

Dia 30 *de Junho de* 1854.

—Constando a este governo não ser sufficiente o azeite dado para os lampiões que circulão o edificio da cadêa, ordena o presidente da provincia aos Srs. presidente e vereadores da camara municipal desta capital que providenciem de maneira que as luzes dos ditos lampiões se conservem sempre durante a noite claras, augmentando, se for necessario para isso, a quantidade de azeite.—J. A. Saraiva.

—O presidente da provincia, em resposta ao officio dos Srs. presidente e vereadores da camara municipal da cidade de Iguape com data de 6 do corrente, communica-lhes que expedio ordem á thesouraria para mandar pôr a sua disposição ávista de ferias, a quantia de 800$ rs. que pedem, para a conclusão do furado do rio Piraupava.—J. A. Saraiva.

—O presidente da provincia autorisa ao Sr. José Joaquim de Lacerda, administrador da estrada de Santos a ajustar um tanchão ou barcaça que transporte para o aterrado o cascalho necessario, e ordena-lhe que participe o que houver feito a respeito, remettendo os esclarecimentos de que esta presidencia tem necessidade para apreciar a conveniencia do ajuste que fizer.—J. A. Saraiva.

—O presidente da provincia ordena ao Sr. José Joaquim de Lacerda, administrador da estrada de Santos, que dê maior desenvolvimento ao melhoramento da mesma estrada, augmentando o numero

FOLHETIM.

REVISTA TEATRAL.

Longe vão esses pacificos tempos, em que os bons homens, nossos avós, procuravam viver apenas—cifrando-se restrictamente ao necessario para sua sustentação. — Na palavra *vida* comprehendiam tudo o que deveria constituir um perfeito bem estar. Viver bem, traduzia-se, é comer a horas certas, e não fallar durante esta respeitavel cerimonia (a frugalidade, e o serio—eram as molas reaes desta funcção importante) ; viver bem, ainda diziam,—é deitar cedo e levantar com os passarinhos (era este o termo favorito) ; — viver muito bem, accrescentavam elles, —é rezar um terço muito comprido, tendo os olhos e o coração no Altissimo (os olhos iáo a Deos, não ha duvida, mas os corações.....) Assim pois a santa gente que nos precedeu, ora o symbolo da sizudez, e quanto a nós a desperdiçadora de um tempo precioso, que hoje está tão bem aproveitado, e de tal maneira—que elles arripiar-se-hião todos ao observar os nossos costumes.

A educação de outr'ora não permittia que a *joven menina* se apresentasse a uma visita masculina,—hoje quantas sensações agradaveis não experimentamos ao apertar uma nivea e innocente mãozinha : d'antes a mantilha, essa terrivel praga que ainda hoje nos rouba tão lindos semblantes,—agora quasi anathematisada e banida da sociedade, nos deixa admirar os raios da gloria celeste, nos lampejos de tantos olhos seductores : antigamente as fórmas do corpo eram cuidadosamente encafurnadas nas dobras do — *capote vermelho*—hoje a feiticeira disposição de um corpinho bem feito é o enlevo de tantos corações : era preciso pensar, como esses indefluxados miolos para não comprehender-se a poesia — *incarnada*, não admirar-se a natureza toda estremecida á vista de tão arriscado precipicio.

Caminhava por tanto este *modo de vida*, com o movimento da *civilisação* da China, quando os repuchos do progresso borrifando as aljofaradas gotas das artes —fez que S. Paulo concorresse ao seu primeiro theatro para ouvir os—Tecos— e Prateadas.—Estava semeado o germen do polimento intellectual. Ao principio procuravam-se essas peças heroicas, que tocavam a sensibilidade,—as velhas Castros, Regulos e outras deste jaez ; sendo as unicas representadas—nos annaes dos applausos, ainda existem cabeças brancas, que nos fallam das—Piabas, Chaguinhas, Ricardinas e Quinquins,—e mais recentemente ainda ouvimos as tubas da fama —apregoarem os successos dos — Mauricios, Chicos Fernandes, e Caqueiradas. Já não era bastante o gosto pelo theatro, e pela musica, cujo representante era o respeitavel e provecto—André da Silva: a população cançada de prostrar-se aos nichos das esquinas, queria descançar os joelhos, dando exercicio ás pernas : — a mocidade sempre animada, e alguns pais de familia levaram suas filhas á eschola de dansa da—classica *D. Angela*.

Finalmente depois que cessou a sociedade particular — não a antiga que era excellente, porém a moderna e macarro-

Fig. 13: A seção *Revista Teatral* também figurou no espaço folhetim do *Correio Paulistano* (22/07/1854)

representado naquela semana e avaliou a *performance* dos atores. A preocupação do jornal em sempre apresentar notícias e análises sobre o teatro reforça sua importância no lazer e na vida cotidiana dos paulistanos em meados do século XIX.

O *Correio Paulistano* publicou romances apenas a partir de janeiro de 1855, sendo iniciado com *Joanita*, de Casimiro Henricy, em três colunas. Até fevereiro desse ano, o formato do *Correio* era do antigo papel florete, mas a partir do dia 15 houve aumento para comportar a publicação dos debates da Assembleia Provincial, serviço que foi contratado para prestar. [69] O antigo formato foi retomado em abril, frente ao encerramento dos trabalhos legislativos. No entanto, em maio, Azevedo Marques viu-se obrigado a reduzir a dimensão do jornal, indício da carência de recursos. Com a receita cada vez mais deficitária, o *Correio Paulistano* passou a circular apenas duas vezes por semana, em função dos custos do papel e outros materiais importados. Segundo Alberto Sousa, o período de retrocesso do jornal só terminou em 1858, quando a folha foi efetivamente reorganizada para firmar-se a partir de 1882.

Devido às dificuldades do *Correio Paulistano* e a escassa presença de outras folhas, pode-se afirmar que só após a década de 1860 a imprensa paulistana ganhou novo alento. Um dos ramos que sofreu significativa transformação foram os jornais humorísticos com a chegada a São Paulo de Ângelo Agostini, ilustrador italiano que em 1864 fundou o *Diabo Coxo*, primeiro jornal ilustrado e humorístico a circular na cidade. Durou apenas doze números, mas abordou o cotidiano da vida paulistana de forma caricatural, assim como seus primeiros indícios de modernização. Dois anos depois surgiu o *Cabrião*, do qual fazia parte quase todos os antigos colaboradores do *Diabo Coxo*, inclusive Agostini, que dividia as ilustrações com Nicolau Huascar Vergara. Cabe destacar que o símbolo do jornal, "um calunga-pintor," presente no cabeçalho de todos os exemplares, era uma insinuação direta ao personagem cômico "Cabrion," do popular *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue. O uso dessa figura indicava a intenção do semanário de fazer os personagens circularem pelos locais mais misteriosos e ocultos de São Paulo para revelar questões políticas, religiosas, de costumes e cotidianas. [70]

[69] O papel florete era mais branco e lustroso do que o convencionalmente utilizado para a publicação.

[70] JANOVITCH, Paula Ester. *Preso por Trocadilho*: a imprensa de narrativa irreverente paulistana de 1900-1911. São Paulo: Alameda, 2006, p. 39-59.

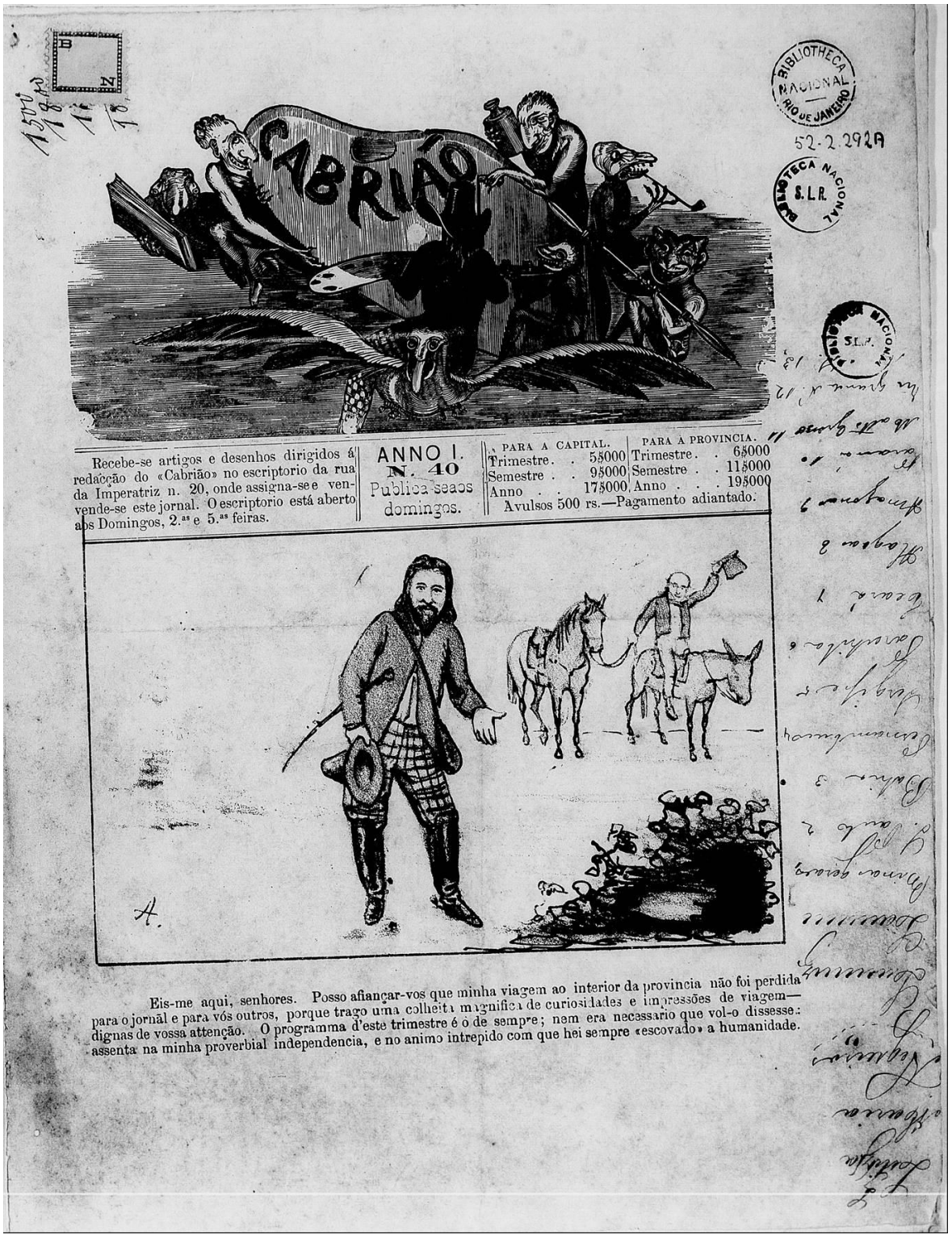


Fig. 13: Folha de rosto do jornal *Cabrião* (14/07/1867)

Outro jornal criado naquele momento, mas que não pretendia ser humorístico, apesar de contar com uma coluna de correspondência caricata intitulada "Cartas de Segismundo," foi o *Diário de S. Paulo* (1865), cujos proprietários eram Pedro Taques de Almeida Alvim, Delfino Pinheiro de Uchoa Cintra Junior e Henrique Schroeder. Este foi o primeiro diário ilustrado da cidade e era produzido na Tipografia Alemã, localizada na Rua Direita. Durou treze anos, tempo significativo em vista da efemeridade das folhas no século XIX. O jornal também circulava fora da capital paulistana, conforme informava seu cabeçalho, uma vez que as assinaturas anuais nesse caso custavam 17$000, enquanto para os habitantes de São Paulo sairiam por 14$000.

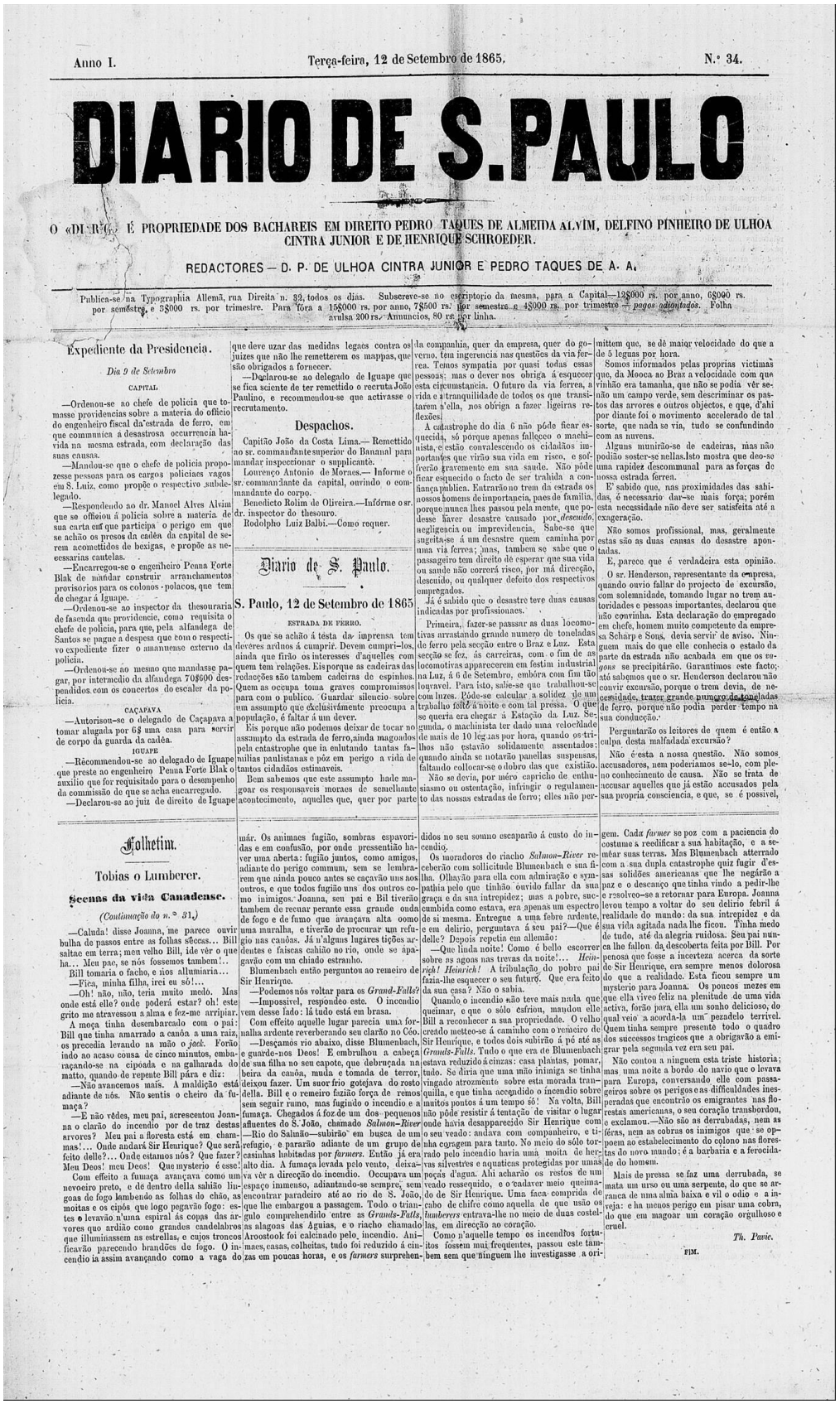
Segundo Ernani da Silva Bruno, a expansão do café na Província aliada ao clima ameno da capital, levou fazendeiros e comerciantes a se estabelecerem na capital. O lucro advindo das lavouras, fora, pelo menos em parte, investido na cidade, que lentamente perdeu o ar provinciano. Não por acaso os hábitos de sociabilidade começaram a mudar, a importância das festas públicas religiosas declinou e as construções de taipa, foram gradativamente substituídas. Vários viajantes que passavam por São Paulo no período referiram-se ao fato de estar em curso um processo de reconstrução no qual o velho abria espaço para a chegada do novo. As reformas propostas pela municipalidade mudaram sobremaneira os aspectos das casas, inicialmente com a determinação de se retirar rótulas, cancelas e postigos das portas e janelas e de forma mais ampla com o Código de Posturas em 1875. [71]

Além disso, a década de 1870 foi marcada por avanços técnicos que agilizaram a comunicação e dinamizaram a imprensa, com destaque para a incorporação do cabo submarino que ligou o Brasil à Europa, passando por Portugal. Segundo Laura Antunes, tornou-se então possível referir-se a uma "comunhão internacional", relações diplomáticas e superação de barreiras entre povos, "compostos por um coro de vozes diferentes, porém pretensamente afinadas em torno de uma partitura comum". [72]

As preocupações em torno do telégrafo foram discutidas em conferências e congressos, a exemplo do primeiro realizado em Paris no ano de 1865. Dentre as questões abordadas estavam a fixação de tarifas, os tipo de condutores e aparelhos

[71] BRUNO, Ernani da Silva. História e tradições da cidade de São Paulo – volume III. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1954.

[72] As informações acerca do telégrafo foram extraídas de MACIEL, Laura Antunes. *A nação por um fio*: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon. São Paulo: Educ, 1998.



Anno I. Terça-feira, 12 de Setembro de 1865. N.° 34.

DIARIO DE S. PAULO

O «DIARIO» É PROPRIEDADE DOS BACHAREIS EM DIREITO PEDRO TAQUES DE ALMEIDA ALVIM, DELFINO PINHEIRO DE ULHOA CINTRA JUNIOR E DE HENRIQUE SCHROEDER.

REDACTORES — D. P. DE ULHOA CINTRA JUNIOR E PEDRO TAQUES DE A. A.

Publica-se na Typographia Allemã, rua Direita n. 32, todos os dias. Subscreve-se no escriptorio da mesma, para a Capital—12$000 rs. por anno, 6$000 rs. por semestre, e 3$000 rs. por trimestre. Para fóra a 16$000 rs. por anno, 7$500 rs. por semestre e 4$000 rs. por trimestre — *pagos adiantados*. Folha avulsa 200 rs. Annuncios, 80 rs. por linha.

Expediente da Presidencia.

Dia 9 de Setembro

CAPITAL

—Ordenou-se ao chefe de policia que tomasse providencias sobre a materia do officio do engenheiro fiscal da estrada de ferro, em que communica a desastrosa occurrencia havida na mesma estrada, com declaração das suas causas.

—Mandou-se que o chefe de policia proponhasse pessoas para os cargos policiaes vagos em S. Luiz, como propõe o respectivo subdelegado.

—Respondendo ao dr. Manoel Alves Alvim que se officiou á policia sobre a materia de sua carta em que participa o perigo em que se achão os presos da cadêa da capital de serem acommettidos de bexigas, e propõe as necessarias cautelas.

—Encarregou-se o engenheiro Penna Forte Blak de mandar construir arranchamentos provisorios para os colonos polacos, que tem de chegar á Iguape.

—Ordenou-se ao inspector da thesouraria de fasenda que providencie, como requisita o chefe de policia, para que, pela alfandega de Santos se pague a despesa que com o respectivo expediente fizer o amanuense externo da policia.

—Ordenou-se ao mesmo que mandasse pagar, por intermedio da alfandega 70$600 despendidos com os concertos do escaler da policia.

CAÇAPAVA

—Autorisou-se o delegado de Caçapava a tomar alugada por 6$ uma casa para servir de corpo da guarda da cadêa.

IGUAPE

—Recommendou-se ao delegado de Iguape que preste ao engenheiro Penna Forte Blak o auxilio que for requisitado para o desempenho da commissão de que se acha encarregado.

—Declarou-se ao juiz de direito de Iguape que deve uzar das medidas legaes contra os juizes que não lhe remetterem os mappas, que são obrigados a fornecer.

—Declarou-se ao delegado de Iguape que se fica sciente de ter remettido o recruta João Paulino, e recommendou-se que activasse o recrutamento.

Despachos.

Capitão João da Costa Lima.— Remettido ao sr. commandante superior do Bananal para mandar inspeccionar o supplicante.

Lourenço Antonio de Moraes.— Informe o sr. commandante da capital, ouvindo o commandante do corpo.

Benedicto Rolim de Oliveira.—Informe o sr. dr. inspector do thesouro.

Rodolpho Luiz Balbi.—Como requer.

Diario de S. Paulo.

S. Paulo, 12 de Setembro de 1865

ESTRADA DE FERRO.

Os que se achão á testa da imprensa tem deveres ardnos á cumprir. Devem cumpri-los, ainda que firão os interesses d'aquelles com quem tem relações. Eis porque as cadeiras das redacções são tambem cadeiras de espinhos. Quem as occupa toma graves compromissos para com o publico. Guardar silencio sobre um assumpto que exclusivamente preocupa a população, é faltar á um dever.

Eis porque não podemos deixar de tocar no assumpto da estrada de ferro, ainda magoados pela catastrophe que ia enlutando tantas familias paulistanas e pôz em perigo a vida de tantos cidadãos estimaveis.

Bem sabemos que este assumpto hade magoar os responsaveis moraes de semelhante acontecimento, aquelles que, quer por parte da companhia, quer da empresa, quer do governo, tem ingerencia nas questões da via ferrea. Temos sympatia por quasi todas essas pessoas; mas o dever nos obriga á esquecer esta circumstancia. O futuro da via ferrea, a vida e a tranquilidade de todos os que transitarem n'ella, nos obriga a fazer ligeiras reflexões.

A catastrophe do dia 6 não póde ficar esquecida, só porque apenas fallecêo o machinista, e estão convalescendo os cidadãos importantes que virão sua vida em risco, e soffrerão gravemente em sua saude. Não póde ficar esquecido o facto de ser trahida a confiança publica. Entrarão no trem da estrada os nossos homens de importancia, paes de familia, porque nunca lhes passou pela mente, que podesse haver desastre causado por *descuido*, negligencia ou imprevidencia. Sabe-se que augeita-se á um desastre quem caminha por uma via ferrea; mas, tambem se sabe que o passageiro tem direito de esperar que sua vida ou saude não correrá risco, por má direcção, descuido, ou qualquer defeito dos respectivos empregados.

Já é sabido que o desastre teve duas causas indicadas por profissionaes.

Primeira, fazer-se passsar as duas locomotivas arrastando grande numero de toneladas de ferro pela secção entre o Braz e Luz. Esta secção se foz, ás carreiras, com o fim de as locomotivas apparecerem em festim industrial na Luz, á 6 de Setembro, embóra com fim tão louvavel. Para isto, sabe-se que trabalhou-se com luzes. Póde-se calcular a solidez de um trabalho feito á noite e com tal pressa. O que se queria era chegar á Estação da Luz. Segunda, o machinista ter dado uma velocidade de mais de 10 leguas por hora, quando os trilhos não estavão solidamente assentados: quando ainda se notavão panellas suspensas, faltando collocar-se o dobro das que existião.

Não se devia, por méro capricho de enthusiasmo ou ostentação, infringir o regulamento das nossas estradas de ferro; elles não permittem que, se dê maior velocidade do que a de 5 leguas por hora.

Somos informados pelas proprias victimas que, da Mooca ao Braz a velocidade com que vinhão era tamanha, que não se podia vêr senão um campo verde, sem descriminar os postos das arvores e outros objectos, e que, d'ahi por diante foi o movimento accelerado de tal sorte, que nada se via, tudo se confundindo com as nuvens.

Alguns munirão-se de cadeiras, mas não podião sosster-se nellas. Isto mostra que deo-se uma rapidez descommunal para as forças de nossa estrada ferrea.

E' sabido que, nas proximidades das sahidas, é necessario dar-se mais força; porém esta necessidade não deve ser satisfeita até a exageração.

Não somos profissional, mas, geralmente estas são as duas causas do desastre apontadas.

E, parece que é verdadeira esta opinião.

O sr. Henderson, representante da empresa, quando ouvio fallar do projecto de excursão, com solemnidade, tomando lugar no trem autoridades e pessoas importantes, declarou que não convinha. Esta declaração do empregado em chefe, homem muito competente da empresa Scharp e Sons, devia servir de aviso. Ninguem mais do que elle conhecia o estado da parte da estrada não acabada em que os *engens* se precipitárão. Garantimos este facto; até sabemos que o sr. Henderson declarou não convir excursão, porque o trem devia, de necessidade, trazer grande numero de toneladas de ferro, porque não podia perder tempo na sua conducção.

Perguntarão os leitores de quem é então a culpa desta malfadada excursão?

Não é esta a nossa questão. Não somos accusadores, nem poderiamos se-lo, com pleno conhecimento de causa. Não se trata de accusar aquelles que já estão accusados pela sua propria consciencia, e que, se é possivel, ainda não estão condemnados, o serão pela opinião publica.

Folhetim.

Tobias o Lumberer.

Scenas da vida Canadense.

(Continuação do n.° 31.)

—Caluda! disse Joanna, me parece ouvir bulha de passos entre as folhas sêccas... Bill saltae em terra; meu velho Bill, ide vêr o que ha... Meu pae, se nós fossemos tambem!...

Bill tomaria o facho, e nos allumiaria...

—Fica, minha filha, irei eu só!...

—Oh! não, não, teria muito medo. Mas onde está elle? onde poderá estar? oh! este grito me atravessou a alma e fez-me arripiar.

A moça tinha desembarcado com o pai: Bill que tinha amarrado a canôa a uma raiz, os precedia levando na mão o *jack*. Forão indo ao acaso cousa de cinco minutos, embora andando-se na cipoada e na galharada do matto, quando de repente Bill pára e diz:

—Não avancemos mais. A maldição está adiante de nós. Não sentis o cheiro da fumaça?

—E não vêdes, meu pai, acrescentou Joanna o clarão do incendio por de traz destas arvores? Meu pai a floresta está em chammas!... Onde andará Sir Henrique? Que será feito delle?... Onde estamos nós? Que fazer? Meu Deos! meu Deos! Que mysterio é esse!

Com effeito a fumaça avançava como um nevoeiro preto, e de dentro della sahião linguas de fogo lambendo as folhas do chão, as moitas e os cipós que logo pegavão fogo: estes o levavão n'uma espiral ás copas das arvores que ardião como grandes candelabros que illuminassem as estrellas, e cujos troncos ficavão parecendo brandões de fogo. O incendio ia assim avançando como a vaga do már. Os animaes fugião, sombras espavoridas e em confusão, por onde pressentião haver uma aberta: fugião juntos, como amigos, adiante do perigo commum, sem se lembrarem que ainda pouco antes se caçavão uns aos outros, e que todos fugião uns dos outros como inimigos. Joanna, seu pai e Bil tiverão tambem de recuar perante essa grande onda de fogo e de fumo que avançava alta como uma muralha, e tiverão de procurar um refugio nas canôas. Já n'alguns lugares tições ardentes e faiscas cahião no rio, onde se apagavão com um chiado estranho.

Blumenbach então perguntou ao remeiro de Sir Henrique.

—Podemos nós voltar para os *Grand-Falls*?

—Impossivel, respondeo este. O incendio vem desse lado: lá tudo está em brasa.

Com effeito aquelle lugar parecia uma fornalha ardente reverberando seu clarão no Céo.

—Desçamos rio abaixo, disse Blumenbach, e guardemos Deos! E embrulhou a cabeça de sua filha no seu capote, que debruçada na beira da canôa, muda e tomada de terror, deixou fazer. Um suor frio gotejava do rosto della. Bill e o remeiro fazião força de remos sem seguir rumo, mas fugindo o incendio e a fumaça. Chegados á foz de um dos pequenos affluentes do S. João, chamado *Salmon-River* —Rio do Salmão—subirão em busca de um refugio, e pararão adiante de um grupo de casinhas habitadas por *farmers*. Então já era alto dia. A fumaça levada pelo vento, deixava vêr a direcção do incendio. Occupava um espaço immenso, adiantando-se sempre, sem encontrar parodeiro até ao rio de S. João, que lhe embargou a passagem. Todo o triangulo comprehendido entre as *Grands-Falls*, as alagoas das Aguias, e o riacho chamado Aroostook foi calcinado pelo incendio. Animaes, casas, colheitas, tudo foi reduzido á cinzas em poucas horas, e os *farmers* surprehendidos no seu somno escaparão á custo do incendio.

Os moradores do riacho *Salmon-River* receberão com sollicitude Blumenbach e sua filha. Olhavão para ella com admiração e sympathia pelo que tinhão ouvido fallar da sua graça e da sua intrepidez; mas a pobre, succumbida como estava, era apenas um espectro de si mesma. Entregue a uma febre ardente, e em delirio, perguntava á seu pai?—Que é delle? Depois repetia em allemão:

—Que linda noite! Como é bello escorrer sobre as agoas nas trevas da noite!... *Heinrich! Heinrich!* A tribulação do pobre pai fazia-lhe esquecer o seu futuro. Que era feito da sua casa? Não o sabia.

Quando o incendio não teve mais nada que queimar, e que o sólo esfriou, mandou elle Bill a reconhecer a sua propriedade. O velho creado metteo-se á caminho com o remeiro de Sir Henrique, e todos dois subirão á pé até as *Grands-Falls*. Tudo o que era de Blumenbach estava reduzido á cinzas: casa plantas, pomar, tudo. Se diria que uma mão inimiga se tinha vingado atrozmente sobre esta morada tranquilla, e que tinha accendido o incendio sobre muitos pontos á um tempo só! Na volta, Bill não póde resistir á tentação de visitar o lugar onde havia desapparecido Sir Henrique com o seu veado: andava com companheiro, e tinha coragem para tanto. No meio do sólo torrado pelo incendio havia uma moita de hervas silvestres e aquaticas protegidas por umas poças d'agua. Ahi acharão os restos de um veado resseguido, e o cadaver meio queimado de Sir Henrique. Uma faca comprida de cabo de chifre como aquella de que usão os lumberers entrava-lhe no meio de duas costellas, em direcção ao coração.

Como n'aquelle tempo os incendios fortuitos fossem mui frequentes, passou este tambem sem que ninguem lhe investigasse a origem. Cada *farmer* se poz com a paciencia do costume á reedificar a sua habitação, e a semear suas terras. Mas Blumenbach atterrado com a sua dupla catastrophe quiz fugir d'essas solidões americanas que lhe negárão a paz e o descanço que tinha vindo a pedir-lhe e resolveo-se a retornar para Europa. Joanna levou tempo a voltar do seu delirio febril á realidade do mundo: da sua intrepidez e da sua vida agitada nada lhe ficou. Tinha medo de tudo, até da alegria ruidosa. Seu pai nunca lhe fallou da descoberta feita por Bill. Por penosa que fosse a incerteza acerca da sorte de Sir Henrique, era sempre menos dolorosa do que a realidade. Esta ficou sempre um mysterio para Joanna. Os poucos mezes em que ella viveo feliz na plenitude de uma vida activa, forão para ella um sonho delicioso, do qual veio a acorda-la um pezadelo terrivel. Quem tinha sempre presente todo o quadro dos successos tragicos que a obrigavão á emigrar pela segunda vez era seu pai.

Não contou a ninguem esta triste historia; mas uma noite a bordo do navio que o levava para Europa, conversando elle com passageiros sobre os perigos e as difficuldades inesperadas que encontrão os emigrantes nas florestas americanas, o seu coração transbordou, e exclamou.—Não são as derrubadas, nem as féras, nem as cobras os inimigos que se oppoem ao estabelecimento do colono nas florestas do novo mundo; é a barbaria e a ferocidade do homem.

Mais de pressa se faz uma derrubada, se mata um urso ou uma serpente, do que se arranca de uma alma baixa e vil o odio e a inveja: e ha menos perigo em pisar uma cobra, do que em magoar um coração orgulhoso e cruel.

Th. Pavie.

FIM.

Fig. 14: Edição do *Diário de São Paulo* (12/09/1865). À esquerda no rodapé, presente no espaço folhetim, *Tobias, o lumberer*, de Th. Pavie .

2

mais do que nos, lamentão a imprudencia praticada de se aproveitar uma *abreviatura*.

O nosso fim, proferindo estas ligeiras considerações, é pedir que se tome energicas providencias em ordem á não apparecer segunda catastrophe.

De que nos serve haver um contracto, um regulamento do governo brasileiro, seu representante profissional, se ainda se póde perder vidas, não por desastres causados pelas leis da naturesa, mas pelas leis das conveniencias e dos descuidos?

Urge que as inspecções por parte dos fiscaes do governo não sejão nominaes; que seus relatorios não sejão apenas calhamaços de papeis de bonita linguagem para occupar uma casa nos armarios das secretarias.

O povo tem direito de pedir que se olhe para estas cousas com o maior cuidado. Desculpem-nos, se fallamos assim; neste momento ainda nos recordamos de que iamos perdendo vidas tão preciosas na *picada* da via ferrea entre o Braz e a ponte do Tamanduatehy.

Sabemos que o governo provincial bem procurou informar-se sobre a conveniencia do transito nas condições expostas, e que opinião profissional o tranquillisou.

Dizem que a confiança no pedaço não concluido derrou-se do facto de ter por elle passado o trem, mais de uma vez, com maior pezo. Mas, a isto responderemos com o anne-xim vulgar:—uma vez é a primeira. Não se devia informar o governo e a camara no seu tido de se ir *arriscar*, de se fazer uma *experiencia*.

Nestas circumstancias ha uma consideração a fazer; é o principal fim deste artigo.

Não se póde negar que, principalmente no interior na provincia, onde se pensará que a estrada estreou, a catastrophe do dia 6 inspira desconfiança sobre o estado da obra. Pelo menos, a estrada precisará envellecer mais para que todos os passageiros tomem um carro tão com tranquillidade. Póde-se confundir o ensaio com a estrea, a secção mal acabada com a obra inteira.

Esta desconfiança será uma infelicidade, se não se fizer desapparecer como é possivel. Alguns chegão á pensar que a catastrophe teve sua causa no systema geral da estrada, no systema das panellas, incompativel com a necessaria velocidade; quando é certo que differente é ella, como já indicamos. O systema é bom para uma estrada como a de S. Paulo, com as aspirações que se lhe dá, dizem os profissionaes. O que é preciso é que se lhe dê solidez em todos os logares.

Faça-se, pois, um exame trabalhoso, minucioso; dê-se-lhe publicidade, tranquillise-se o publico. Se a empresa se desacreditar, se o transito ferreo se tornar suspeito, não será só ella a prejudicada. A provincia tambem será. A estrada de ferro vem levantal-a do aniquilamento em que se acha. O commercio e a lavoura pedem-a de braços abertos.

Sabemos que ao governo não passarão desapercebidas as medidas que a catastrophe veio determinar; mas o que pedimos por amor aos interesses da empresa combinados com os da provincia, é que se retire o panico em que nos achamos; que se proceda á exames em toda a linha, que se tranquillise o publico, emfim, que se restitua a confiança que desappareceu.

Communicados.

O Roceiro na Capital.

Compadre.—Quem lhe escreve esta não sou eu; é o defunto seu compadre Segismundo.

Voce não me entende, por ser alfabeto. E uma figura de rhetorica, que me ensinou um estudante, d'estes que usão de lunetta de cangalha no nariz, e por isso sabem sciencias. Eu explico em lingoa lá da freguezia.

Antes de voce abrir esta, mande pelo meirinho da subdelegacia, que é linguarudo como todos os meirinhos, chamar gente para saber de grandes novidades. Mande espalhar pela freguezia que eu morri.

Não mentirá, porque acabo de ressuscitar perto do seminario episcopal, antes de chegar á ponte de ferro do Tamanduatehy, vindo da fatal Mooca de um dardo que me atravesse.

Para eucurtar rasões, vou já lhe dizendo que derão comigo no mundéu da estrada de ferro. Voce não acredita, mas juro-lhe que embarquei no tal canudo de ferro, apezar do que lhe disse na minha atrasada.

Voce hade estar espantado como um boi olhando para palacio; mas, lembre-se o compadre que, muitas vezes, quando lhe fazem ahi molequeiras nas eleições, jura que nunca mais se mette em politica, que appellida de bandalheira, e entretanto, quando chega 7 de Setembro está comprando votos. Pois eu, apezar do que lhe disse, metti-me tambem nabandalheira do canudo, perdoe-me a expressão, visto estar ainda zangado e quasi rendido.

Foi castigo da nossa padroeira ahi da freguezia. Se eu não me mettesse a cidadão de cidades grandes, e não desamparasse nas unhas do meu feitor os meus cabedaes da fazenda, para me apresentar contas de chegar, e não viesse metter-me no sr. *Italia de Ferro*, não estaria aturando cirurgiões, e mais cinapismos. O compadre abra bem essa bocca, pois o caso é para isso, e *attendite et videte*, como diz ahi o vigario, quando nos prega latim de quaresma.

Oculte tudo á comadre Cecilia, que é capaz de ter algum *vago*, sendo que, no estado em que ella se acha, póde trazer agua no bico.

Lembre-se o compadre, salvo se é uma besta legitima de Braga, que, quando lhe noticiei a chegada do carro de fogo e canudos de ferro dos srs. Inglaterreiros aqui na Moóca dos srs. Fagundes, eu disse que não me metteria na tal charola.

Pois não sei se me entrou o diabo no corpo, ou se foi praga do meu inimigo commandante da guarda nacional nosso descorrelegionario politico. Va ouvindo.

Aqui é uso, de manhaã cedo, tomar-se café com *Diario de S. Paulo* e *Correio Paulistano*, que ao romper do dia mandão metter em baixo das nossas portas gentes que não tem que fazer, pela modica quantia de 12$000 réis por anno, pagos adiantados: estes homens de letras de forma, são inimigos da cegueira; querem tudo á vista.

Pois, botando o olho nos taes noticiarios, gazetilhas, telegraphos e outras estrategias dos taes letras redoudas, vi que, no dia 6 do corrente, tinha de haver muros por cordas e arames, desde a Moóca até a Luz (como de facto houve). Eu não creio em periodicos, sãopessoas que meitem por necessidade. Por isso, deliberei não metter-me na dança, e apenas ver touros de palanque, indo á Luz metter-me em algum canto para ver chegar a tal feitiça ria de ferro.

Mas parece que o diabo se empenha. Entra-me pela porta do meu quarto a dentro o sr. dr. intendente da tal estrada de ferro, homem louco por tudo que tem cheiro de progresso, e me persuade á ir ouvir o assobio da locomotiva, mesmo dentro do forno, dizendo que eu devia como representante dessa freguezia dar um pulo de ferro da Moóca á Luz (vóce vae ver que qualidade de pulo dei eu em signal de progresso). Afinal, saca do paletot um convite ao sr. *Segismundo José das Flores*, para ir beber um copo d'agua, offerecido pela camara no jardim do sr. Quartim do Theatro, em applauso á chegada dos fogaréos de ferro.

O compradre vê que eu não podia recusar um convite de camara e de cara de gente graúda. Pretendia mesmo apanhar o convite para me servir de documento, afim de que vou requerer passagem para a reserva, que me consta não marcha para o Passo dos Livres, como me contou o sr. major Segurado meu visinho do Sol, guarda da activa.

Chega o sr. Maragliano, que tambem é progressista, e aperto-me, declarando, que eu devia encher-me de vento com o convite, pois que só o governo, a camara, e pessoas, que aqui chamão gradas, embarcarião na Moóca, e relampejarião na Luz. A' final, acenou-me com o almoço municipal, e disse-me que, se eu não fosse, me daria diploma de bruto. Quando fallou-me em bruto, metti-me em brios e declarei que iria. Assignei a minha sentença de morte.

O sr. intendente apertou-me a mão dizendo *cervel*, isto é, até logo, salvo o erro; e o sr. Maragliano mandou vir um carro para rolar-me até a tal Moóca. Antes o cocheiro tivesse urrado o caminho, pois vinha com ares de quem tinha matado o bixo.

Já ahi achei povo grosso, governo, camaras, em fim, uma porção de gravatas lavadas, que tinhão de trepar na Moóca, para remanescer na Luz, assim a maneira de magica. A magica custou-me cara, e não melhilhão n'outra.

D'ahi a nada ouve-se o terrivel assobio era o bixo de fogo que ahi vinha zunindo de Santos; vinha como um desesperado, deitando a alma pelo canudo fóra. Trasia alguns pacientes que já tinhão ido encontrado de mais longe, e uma porção de caixões com ferramentas.

Vinhão duas charolas adiante com a cosinha do bixo, cuja chaminé botava fumaça que era uma temeridade. Treparão todos, e por minha desgraça eu tambem, que fiquei em um dos caixões da tal chocolateira. Não sei porque, compadre, quando empanelei-me no tal patibulo, tive impetos de pedir demissão.

Já eu in formando um pulo para safar-me, quando roncou a monstruosidade, que só me deu tempo para agarrar-me a um pobre companheiro, ainda mais desgraçado do que eu.

O bixo deu um arranco e assobion que se podia ouvir ahi bem perto do sitio do compadre Antonio Joaquim. Varou por ahi fóra como um rojão soltado de atravessado; e, em quanto o diabo esfrega um olho, já tinhamos enchergado a cabecinha da torre do Braz, perto do logar do delicto, como abaixo se declara.

Até o dito Braz, o bixo desunhou que só enchergamos o verde do terreno, que ia passando de carreira por nós. D'ahi em diante, é que a porca torceo o rabo. O machinhinista, foguista, cosinheiro, ou o diabo que o valha, que dá corda de fogo ao tal *vagão* parece que engrilou, e metteu as chilenas no bixo. Aqui é que forão ellas. Não enchergamos mais nada, era tudo côr de ar; os passageiros duvão cabeçadas, as cadeiras ião ao chão. Eu gritava ao homem do fogareiro que parasse com um milhão de diabos, pois receava que aquillo estoirasse com governo, camara e Segismundo. Qual! o ladrão do rei do fogo redobrava a doze, e o bixo ia corooveando.

Ninguem dizia palavra, porque contra o progresso de fogo ninguem pia, muito menos eu, apezar de estar desesperado por pilhar em terra o tal inglez da cosinha. Continuou o desalmado á esporear o potro de ferro, que botava fogo pelo nariz e fumaça pelos olhos.

E, agora, ó compadre, veja o que me aconteceu nesta edade! Tanto fez o'bruto da chaminé com o seu canudo que o potro corcoveou ás deveras, tropicou no estribilho e prancheou comnosco!.

Não sei o que aconteceu, pois falleci. Quando dei accordo de mim, estava eu dentro de um vallo com os meus collegas de caixão, e com os respectivos caixões em terra, os varões arrebentados, uns á sahirem do vallo, outros á saltarem da ratoeira. Entre mortos e feridos alguns escaparão; eu agarrei-me á uma cerca fiquei nella escarranchado e inhabilitado para metter-me em curativos de cirurgiões.

Cada um tratou de si, e cuidando de safar-se, dando com o basta, apezar de já estarmos perto do Jardim, como indicava o cheiro do almoço municipal. Houve muita gente balcada no combate. Não lhe posso dizer quem mais quem, por que, logo que fui de ventas no chão, com os arreios em cima de nós, safei-me pelo beco do Braz, sem olhar para traz, com medo de que me obrigassem a encaixotar-me de novo, verificando bem se eu era ainda vivo. Aqui me acho, pois, de cama, por que, em vez de ir em direitura pela rua da Constituição fóra até ao almoço do Jardim, dei volta, e fui pela nunca assás louvada Moóca das duzias.

D'ahi a pouco, estando eu já em casa, o sr. Maragliano, sabendo que eu tambem tinha cahido na esparrela de ferro, mandou-me um medico extrangeiro, que, antes de receitar-me começou a dizer que aquillo não era nada, por que na Europa tem acontecido peiores, e que eu désse graças a Deos por não ter tido a sorte do machinista que lá se foi.

Com isto, consolei-me, dando graças de não me terem lançado na caçarola da tal cosinha.

O compadre deve fazer idéa da cara de progresso com que eu ficaria, ao cahir no meio de tanta gente, levantando-me de calça rota.

Os srs. Inglezes é que ficarão enfiadissimos com o novo systema de vias ferreas; mas promettem que não acontecerá outra; que aquillo foi acaso, em fim que são coisas que acontecem. Nada respondi, por que realmente, e, por minha desgraça, eu vi acontecer.

Houve o diabo: para o povo não se amotinar com a tal esparrela, foi preciso dizer-se que a coisa podia ser peior; pois se o bixo pranchêa mais para perto da ponte, ia tudo n'agua, e ficava a provincia acephala etc.

O largo da Luz estava apinhado de povo; não cabia mais um mosquito, que chegasse tarde, para ver o bixo vir roncando por ali a dentro, até a mesa do tal almoço dos trezentos. Quando chegou a noticia que eu e outros tinhamos ido tratar de nos pôr de cama, foi agua na fervura: acabou-se tudo. Ficárão só os discutidores, segundo dizem, uns sustentando que aquillo foi uma patifaria, que a estrada não estava acabada, que a panellada não estava em ordem etc.

O que ficou bem discutido é que eu e outros arriscamos a nossa vida, ficamos contuzos, e viva a Inglaterra de ferro.

O que ficou ainda mais bem discutido é que eu vou engordar meus animaes para ir á Santos. Quanto á tal carroça da fumaça não me pilha, nem que me paguem á 10$000 por panella.

Pondo de parte, compadre, a tristeza de vermos homens de bem machucados pela companhia, e até o pobre machinista degolado por pular antes de tempo, devo ainda dizer-lhe que foi uma caipora geral.

Muita gente que fazia boca para o lauto almoço que o sr. Mr. Planet tinha preparado, sahio em jejum e foi tratar de comer os feijões em casa. Até o nosso patrão Maragliano foi caipora. Mandou armar um botequim provisorio como o pedaço de estrada que nos ia matando; não vendeo uma garrafa. Eu acho que se em logar de botequim elle manda para ali uma botica, tinha feito negocio, pois os srs. padres do sr. Bispo gastarão vinagre e arnica que foi longe.

Não ria-se, compadre, a coisa estava feia; foi milagre de algum santo brasileiro não estarmos no *de profundis clamavi* em honra do progresso enfumaçado. Eu estou tão desconfiado que não passo pela estação nem que me sarrem.

Diz-me o sr. Maragliano, que é quem me vem molhar o panno da arnica, que agora já não ha perigo, que não ha nada como estrada de ferro, quando está acabada. Eu respondi no pé da letra que não ha nada como uma estrada de cavallos. Pelo menos, puxo a redea quando quero, e não dependo de machinistas. Trema só de ouvir fallar em trilhos e viaductos.

Falla-se que concertou-se o logar do delicto, que já passão os carros sem perigo de corcovos, que está tudo empanelado, e que muita gente, já se sabe, das graraças lavadas, já vão metter-se na coubuca; que está tudo prevenido, tanto que quando se tratar de outra bernarda, tem de ir o sr. Schumann com a sua botica para a Estação.

Não duvido; eu pretendo ficar em casa, mesmo porque estou de cama, pela urgente necessidade que eu tinha de ir ao almoço fatal do Jardim dando volta pela fatalissima Mooca, que nos moeu os ossos.

Diz-me o meu medico que não devo ter receio, que devo embarcar-me, para mostrar que sou civilisado e progressista e que um desastrinho destes é um páo por um olho.

Eu respondi, que tenho de ir tratar ahi do algodão, e que se não fosse isso.... com muito gosto.... Agora se o compadre quiser ir em meu logar, venha: o bilhete está ás suas ordens. Porém se resolver-se, venha armado de arnica, e diga-me lhe engano.

Tem havido aqui um jogo de empurra á respeito da tal ratoeira, compadre. Os amigos do sr. Street dizem que elle se oppoz á nossa desgraça, e que o sr. Intendente foi que nos botou no mato. Outros dizem que não. Eu estou no meio termo; quem teve a culpa fui eu em metter-me lá.

Alguns estudantes têem vindo visitar-me; para distrahirem-me, dizem que os medicos é que lucrárão com a coisa.

Dizem aqui muita coisa, que me entra por um ouvido e sahe por outro. Por exemplo, que se vai fazer uma nova Estação, no logar em que eu fui de pernas para o ar, ao pé do Seminario, com a denominação de *Estação da Arnica*.

Compadre, ahi chega o diabo do medico; receio que me venha com idéas de funda. E' bem feito; para que me metti em Grotas-Fundas.

Seu compadre,
Segismundo.

Illms. srs.

A Associação—Club Scientifico—tremula e estimulada pelo mais vivo enthusiasmo, vem, por meio de uma commissão, manifestar seus sentimentos de intensa admiração pelo vosso patriotico acto, e ao mesmo tempo dirigir-vos um sentido e saudoso adeos.

E' que o Club, mais que qualquer, póde aquilatar devidamente o que vai de desinteresse e abnegação, de insolito e incomparavel amor á honra nacional no espontaneo offerecimento que acabaes de fazer de vosso precioso sangue á santa causa do paiz.

No pacifico recinto de suas sessões, nas luminosas discussões que esclarecião seu sanctuario, e nas quaes até á bem pouco, tomareis parte, o Club julgou escrupulosamente vossas aptidões: sendo isto mais um documento para apreciar o acto que acabaes de praticar alistando-vos como voluntarios da patria; sacrificando desta sorte o vosso porvir litterario, e menosprezando as isenções legaes que vos garantião.

Foi magnanimo o vosso pensamento, admiravel o vosso proceder!

Este passo que symbolisa o mais acrysolado patriotismo, recebe mais realce, circunda-se de maior esplendor nas circumstancias em que se acha o paiz. Quando aquelles que estavão nas condições de attender aos reclamos da patria—offendida em seus brios—ensurdecião-se, vós—lisongeiras esperanças de um risonho futuro—não hesitastes em trocar o remanso ameno no vergél das lettras pelo campo da batalha.

A commissão—abaixo assignada—vem, pois, trazer-vos uma fervente saudação e seus ardentes votos—augurando-vos um feliz regresso para o seio desta Associação que se cobrirá de jubilo—quando colherdes os mais vicentes louros da victoria.

S. Paulo, 10 de Setembro de 1865.

Illm. Snrs.

João Vieira de Azevedo Coutinho Junior e João Aristides Soares Serpa.

José Ferreira Braut.
Joaquim José de Moraes Costa.
José Christiano Stobler de Lima.

Aviso aos incautos

Os Srs. Mello, e os Diligencias.

Grande é o numero das victimas que estes Srs. tem feito com as taes *precauisadas* condições, porém pela circunstancia de muitos não

MANCHADA

Fig. 15: Edição do *Diário de São Paulo* (12/09/1865). Em destaque a carta intitulada *O Roceiro na Capital*, assinada por Segismundo.

retransmissores utilizados e a proteção de cabos e linhas contra o vandalismo. Outro item discutido era a tradução dos sinais telegráficos, de maneira a tornar idêntica e universal a linguagem de todos os países que fizessem parte da chamada "nação telegráfica". A criação de um vocabulário contendo palavras de todas as línguas usadas pelos estados filiados à União Telegráfica Universal arrastou-se até o início do século XX. Mas não há dúvidas de que a adoção do Código Morse como alfabeto oficial foi um passo importante na padronização da linguagem e na elaboração das mensagens telegráficas. No código, cada letra do alfabeto era representada por uma combinação de sinais gráficos, traços e pontos, impressos sobre uma fita de papel, alternando impulsos elétricos longos e breves. Com os aparelhos Morse e esse arranjo, mensagens de texto podiam ser transmitidas a grandes distâncias. A linguagem era lacônica e rápida (até 45 palavras por minuto), redimensionando assim o sentindo da palavra escrita. [73]

A iniciativa de unir as regiões brasileiras com a construção de novas linhas telegráficas foi iniciativa da Repartição Geral de Telégrafos. [74] A primeira ponta da linha partiu em direção ao sul em 1865 e depois a Belém em 1886, embora outras como Mato Grosso, Goiás e Amazonas permaneceram isoladas. A nível internacional, a instalação do primeiro cabo submarino ligando a Europa à costa brasileira deu-se em 1874, o que tornou possível não só o recebimento rápido do que estava ocorrendo no exterior, mas também a instalação de filiais das agências de notícias, especializadas em receber e difundir as informações. A "relevância" do que se transmitia era atribuída por profissionais que decidiam o que era essencial ou secundário, o que era ou não urgente,

[73] No Brasil, a primeira linha subterrânea de telégrafo elétrico ligou a Quinta Imperial ao Quartel General do Exército para auxiliar a comunicação entre edifícios públicos da Corte. Após cinco anos, particulares puderam franquear o serviço telegráfico com permissão das autoridades, ainda que não houvesse entusiasmo no seu uso, visto o pequeno volume de correspondência. Diferentemente do que aconteceria durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), quando o telégrafo ajudou a orientar o avanço das tropas e redefiniu as estratégias. O serviço mais comum era o dos Correios, mas o curso do conflito se alterava rapidamente e não era possível acompanhar as informações de forma eficiente. As pessoas também ficavam confusas com as notícias recebidas que muitas vezes não tinham fundamento. Assim, a guerra fez com que se percebesse como era deficiente a comunicação no sul do país. Ver MACIEL, Laura Antunes. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa (1880-1920). In: FENELON, Déa Ribeiro [et al]. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Agua, 2004.

[74] A Repartição Geral de Telégrafos fazia estatísticas para avaliar o número de telegramas emitidos, bem como os problemas que prejudicavam todo o sistema, como conversas paralelas entre colegas no horário de trabalho e, via telégrafo, o trabalho com força eletromotriz mínima e igual para circuitos de diferentes resistências e a falta de preparo técnico dos candidatos à telegrafia, que também não recebiam grandes salários. A RGT então intensificou a realização de cursos e aumentou as exigências para aqueles que tinham intenção de se matricular. O trabalho também foi padronizado com o estabelecimento de procedimentos básicos e horários de transmissão. Ver MACIEL, Laura. *A nação por um fio... Op. cit.*

estabelecendo assim um filtro e posteriormente difusão dos acontecimentos "julgados merecedores de receber o estatuto de notícias, repassados aos serviços telegráficos dos jornais em diversos países e lidos por milhões de indivíduos". [75]

Deste modo, a presença do telégrafo permitiu a imprensa criar novas seções dedicadas à reprodução das notícias recebidas e já no título, evidenciavam a relação estabelecida com a nova tecnologia: *Pelo telégrafo, Telegramas, Notícias Telegráficas*. Essas rubricas ficavam geralmente na primeira página e traziam o nome da agência que havia transmitido a informação ou mesmo do jornal estrangeiro que serviu como fonte.[76] No entanto, essa relação nem sempre foi amistosa, pois causou desconfianças e críticas de ambos os lados, com acusações sobre a parcialidade e manipulação de informações. Atribuía-se as agências a capacidade de conseguir tornar determinada notícia "quente," mesmo quando não era tão importante ou, ao contrário; omitir informações ou transmitir notas vagas que dificultariam a efetiva compreensão do que se noticiava. [77]

Cabe destacar a contratação da agência francesa *Havas* pelos jornais da época, já que a empresa fornecia informações do circuito europeu e também oferecia seus serviços telegráficos. Na década de 1870, anúncios das folhas informavam os preços para o envio de telegramas para 23 países, expedidos a partir de Santos. Aqueles que residissem fora dessa cidade, poderiam enviar suas mensagens por cartas ou por telégrafo ao escritório da agência. Quanto à forma de pagamento devia-se fazer "um depósito de dinheiro na Caixa da Agência ou designar uma casa de Santos incumbida de pagar o custo do telegrama a expedir." [78]

A história de *Havas* começou quando Charles Havas (1783-1858), com sérios problemas econômicos teve a ideia de vender a jornais franceses e do exterior, informações sobre o que acontecia no mundo. Assim, foi criada em 1835 a *Agence des Feuilles Politique* que passou a monopolizar a coleta e distribuição de informações ao se transformar em uma espécie de "jornal dos jornais." Nela trabalharam Paul Julius Reuter e Bernhard Wolff, que fundariam posteriormente suas próprias agências. Assim *Havas*, *Reuter* e *Wolffs Telegraphisches Bureau* repartiram o mundo da informação em

[75] MACIEL, Laura. Produzindo notícias... *Op. cit*, p. 25.
[76] MACIEL, Laura. *A nação por um fio... Op. cit*, p. 85.
[77] MACIEL, Laura. Produzindo notícias... *Op. cit*, p. 26.

[78] *A Província de São Paulo*. 10 jun. 1875, p.2.

zonas de influência e em que a primeira ficou com a Europa Meridional, as possessões francesas de ultramar e a América Latina, a fundada por Wolff, com o centro, o leste e o norte da Europa, enquanto a *Reuter*, caberia o Império Britânico e o Extremo Oriente. [79]

A possibilidade de conseguir rapidamente notícias fosse por agências ou pelo uso do telégrafo convidava à criação de jornais no decênio de 1870. Nesse contexto, surgiu em 1875 dois jornais que marcaram a história da imprensa brasileira: em janeiro, *A Província de S. Paulo* e em agosto, a *Gazeta de Notícias*, no Rio de Janeiro. *A Província*, inicialmente instalada na Rua do Palácio, num velho casarão que abrigava, na parte de cima a redação, embaixo, a administração e, nas salas contíguas, as oficinas, enquanto nos fundos, residia o gerente José Maria Lisboa. Um dos grandes destaques da *Província* foi o fato de ser o primeiro jornal vendido de forma avulsa nas ruas da cidade pelo francês Bernard Gregoire, que gritava a plenos pulmões o nome da nova folha tal como fizera antes nas ruas de Paris para o *Petit Journal*. [80]

O primeiro exemplar tinha quatro páginas, divididas em seções que tratavam de temas econômicos, judiciais, científicos, literários, artísticos e de instrução pública, além do noticiário e anúncios. Na página de rosto, separado do resto do conteúdo por um grosso traço, vinha a rubrica folhetim, com o romance *Magdalena*, de Jules Sandeau, grafado como "Julio" Sandeau. Sabe-se que, nos países de língua hispânica, houve uma forte adaptação do romance-folhetim francês e de seus autores. Há registros de *Pablo* Feval, *Alejandro* Dumas, *Javier* de Montepin e também *Les Misterios de Londres*, ou seja, nacionalizavam-se os escritores estrangeiros mais estimados pelo público. [81] A publicação de *Magdalena* na *Província* durou cerca de três meses, mas não foi o único romance publicado no espaço folhetim durante o ano de 1875, seguiram-se outros quatros *Tragédia de uma noiva*, de Wilei Collins, *Minha irmã Jeanne*, de George Sand, *O Velocinio*, de Theophilo Gautier, e *Como se faz uma homicida*, de Azevedo Castelo Branco.

A historiografia sobre o folhetim tem-se preocupado com a origem do gênero e sua trajetória nos oitocentos, com particular destaque para a vertente do romance fatiado em capítulos. Pouco ou quase nenhuma atenção foi dispensada às transformações ocorridas

[79] *O Estado de S. Paulo*. 23 out. 1985, p. 11.
[80] *O Estado de S. Paulo*, 04 jan. 1975, p. 67.
[81] MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 94.

GAZETA DE NOTICIAS

ESCRIPTORIO: 70, RUA DO OUVIDOR, 70

Prospecto. Assignatura por mez: 1$000. Numero avulso: 40 rs. **Prospecto.**

TELEGRAMMAS
Agencia Havas-Reuter.

A *Gazeta de Noticias* publicará diariamente todos os telegrammas politicos e commerciaes, tanto do paiz como do estrangeiro.

Diz um distincto economista inglez, que passou a vida na pratica de administrações bancarias:

No periodo immediato a uma pressão, é o dinheiro abundante, sem provocar especulações; no segundo abunda elle e abundam estas; no terceiro principiam estas a declinar e aquello a ser procurado; no quarto escasseia o dinheiro e volta a crise.

E' impossivel dizer quanto durará cada um d'estes periodos, pois que na sua duração influirão os acontecimentos politicos, a riqueza das colheitas, a direcção que tomar o espirito de especulação e o estado da opinião publica.

O *Diario de Noticias*, de Lisbôa, faz uma tiragem de 23 mil exemplares.

A tiragem do *Petit Journal*, de Paris, que é do mesmo genero, regula 100 mil exemplares.

Quantos conseguirá tirar a *Gazeta de Noticias*?

Além d'um folhetim-romance, a *Gazeta de Noticias* todos os dias dará um folhetim de actualidade.

Artes, litteratura, theatros, modas, acontecimentos notaveis, de tudo a *Gazeta de Noticias* se propõe trazer ao corrente os seus leitores.

O tamanho do Brazil é igual ao de quinze vezes o da França. Só a provincia de Minas é maior do que este paiz.

A divida publica consolidada portugueza teve origem em 1797, no reinado de D. Maria I.

O primeiro emprestimo feito pelo real erario foi de 4,000 contos de reis, ao juro de 5 % ao anno. Setenta e oito annos depois (1874) o capital nominal da mesma divida estava elevado a 350,000 contos de réis moeda forte.

A *Gazeta de Noticias* fornecerá aos seus assignantes as informações commerciaes que mais possam interessar-lhes, procurando assim merecer sua benevolencia e protecção.

Já começou a funccionar no Ponto dos *bonds* da rua de Gonçalves Dias a campainha electrica que dá aos conductores o signal da partida, em substituição ao antigo apito.

Foi a conhecida casa do *Grande Magico* que forneceu o apparelho, uma das especialidades do seu negocio.

Na conhecida casa do Sr Insley Pacheco têm tido logar algumas experiencias de photographia em *chromo-typo*.

Possuimos uma d'essas photographias, e realmente as que temos visto feitas na Europa, não lhe ganham na perfeição do trabalho.

CORRESPONDENCIAS.

A *Gazeta de Noticias* acceitará correspondencias de interesse particular, que serão publicadas em secção especial.

Uma das razões por que os chinezes não querem estradas de ferro é por andarem os wagons mais do que um cavallo a toda a brida. Calculam os desastres dos caminhos de ferro pelos que póde causar um cavallo desenfreado atravessando as suas estradas cheias sempre de muita gente.

A *Gazeta de Noticias* distribue-se por toda a cidade, vendendo-se avulsos nos principaes kiosques, estações de *bonds*, barcas, e em todas as estações da Estrada de Ferro de D. Pedro II.

Matto-Grosso é maior do que qualquer Estado europeu, excepto a Russia. Excepttuada esta, é só pouco menor do que os tres maiores Estados europeus todos juntos, e é absolutamente maior do que a Allemanha e a Austria, ou do que a Allemanha, a França e a Hespanha, ou do que todos os paizes latinos da Europa.

A publicação da *Gazeta de Noticias* começará brevemente e será annunciada com alguns dias de antecedencia nas principaes folhas da Côrte e Provincias.

As principaes crises monetarias que nos tempos modernos tem soffrido a Inglaterra, foram sempre precedidas das seguintes circumstancias:

1ª abundancia de dinheiro; 2ª taxa do juro baixa; 3ª especulações de qualquer especie.

Na nossa praça dou-se a primeira e a ultima d'estas circumstancias.

As principaes crises que recentemente se tem dado em Inglaterra, occorreram em 1825, 1836, 1839 e 1847.

Não segue a *Gazeta de Noticias* folha de partido, apenas tratará de questões de interesse geral, acceitando n'esse terreno o concurso de todas as intelligencias que quizerem utilisar-se das suas columnas.

Em 1845 na Inglaterra, o parlamento exigio que todas as companhias de estradas de ferro que requeressem approvação legal, depositassem 10 por cento do seu capital, dentro dos primeiros 15 dias depois de reunidas as camaras.

Estes depositos foram calculados em 14 milhões de libras sterlinas.

As notas que então se achavam em poder do publico não passavam de 20 milhões sterlinos.

E' claro que todo o mundo se admirou desde logo como seria possivel pagar com as notas então em circulação uma somma tão enorme.

O Banco de Inglaterra, porém, fez a operação de modo que tão depressa entrava o dinheiro, como era butrá vez emprestado, realisando assim sem grande difficuldade uma transacção do descommunal magnitude.

Para mais facilitar a subscripção da *Gazeta de Noticias*, as assignaturas serão feitas por qualquer tempo, á vontade do assignante, vencendo-se sempre em fim de mez.

O preço será de 18000 mensaes, adiantados, accrescendo para fóra da côrte os portes do Correio.

No anno de 1873 morreram de fome na cidade de Londres 107 pessôas.

Feliz terra!

Vendeu-se ultimamente em Pariz, por 35 francos, um rewolver que teve servido para o suicidio de cinco pessoas.

Quem o comprou ainda se não suicidou.

As pessôas de fóra da Côrte que quizerem tomar assignaturas podem fazel-o remettendo-nos sua importancia em sellos, vales postaes, ou carta segura.

Direcção:

A' Redacção da *Gazeta de Noticias*
70, rua do Ouvidor
Côrte

ANNUNCIOS

O MOSQUITO

SEMANARIO ILLUSTRADO
Escriptorio
70—*Rua do Ouvidor*—70

MOREIRA, MAXIMINO & C.
Loja de papel, livros em branco e toda a sorte de objectos d'escriptorio
Agentes da REVISTA OCCIDENTAL
Rua da Quitanda, 111, placa.

J. P. HILDEBRANDT
NOVA TYPOGRAPHIA
Esta bem conhecida officina, acha-se habilitada a imprimir com nitidez qualquer obra, por maior que seja.
RUA DA ALFANDEGA 87
Sobrado.

OS FERRÕES
Publicação quinzenal
Analyse critica e satyrica dos acontecimentos do dia. Vende-se e assigna-se nas livrarias de Moreira Maximino & C., á rua da Quitanda n. 111, e E. G. Possollo, rua do Ouvidor, 71.

J. F. A. CARNEIRO
PHOTOGRAPHO
Successor de
CARNEIRO & GASPAR
Rua de Gonçalves Dias n. 54
MOSTRADOR PERMANENTE NA
Rua do Ouvidor

PRECISA-SE de bons entregadores para fazerem a distribuição da *Gazeta de Noticias:* para tratar, no escriptorio, rua do Ouvidor n. 70.

LITHOGRAPHIA A VAPOR
DE
Paulo Robin.
N. 44 — *Rua da Assembléa* — 44.
Retratos e paisagens a lapis e á penna, mappas, plantas topographicas, acções, diplomas, letras, facturas, cartões, circulares, e todos os trabalhos concernentes ao commercio, feitos em gravura, e autographia, quadros, rotulos e cartazes em CHROMO-LITHOGRAPHIA

FRANCISCO ROSSI
ENGENHEIRO ARCHITECTO
ESCRIPTORIO
Rua dos Ourives n. 45
Sobrado.

Medicina, Cirurgia e Partos
CLINICA DO
DR. JOAQUIM PEDRO
Residencia — rua do Catumby N. 28, onde tambem dá consultas das 7 ás 8 horas da manhã.
Consultorio — rua de Gonçalves Dias 14 das 11 á 1 hora da tarde.
N. B. — Para o consultorio devem ser dirigidos os chamados da cidade a qualquer hora.

CASA INGLEZA
RUA DOS OURIVES 45
antigo n. 55
Cardozo & Gomes
Offerecem ás Exmas. familias o mais completo sortimento de fazendas e novidades pelos preços das fabricas.

Chapelaria Progresso
N. 101
RUA DO HOSPICIO
F. A. ALMEIDA
Deposito de chapeos patente, de castor, lebre e outras qualidades.

FOLHETIM

Ha uma cousa muito tola em todos os jornaes que começam: o programma.

Não ha fulano de qualidade alguma que, para impingir ao publico uma folha de papel impressa pelos quatro lados, não imagine logo que é necessario declarar, em typo grosso e entrelinhado, ao que cá vem.

Ao que cá vem, digo eu: ao que tem tenção de vir.

A rigor, comprehende-se que os ministerios novos façam um cartaz da sua futura conducta. Noventa vezes sobre cincenta e seis é o mesmo que se o não fizessem, mas é uso...

Dizem elles, por exemplo: vamos occupar-nos de estudar a questão dos impostos. Já o cidadão sabe que na primeira occasião tem na decima uma differença de vinte por cento... para mais.

Em politica serve o programma para *cinzar* os olhos do proximo.

Por que razão se seguirá a mesma practica nos jornaes?

Um programma!...

Havia de ter sua graça se a *Gazeta de Noticias* vinha a lume com um artigo choramento a explicar ás populações como e por que fórma vem concorrer para a salvação do estado e a marcha da civilisação.

Pois a gente sabe lá hoje o que ha de fazer amanhã?

Sabe lá se tem que defender Beltrano, ou atacal-o, se tem de prestar um serviço ao pequeno commercio, ou de advogar a causa dos ncendedores do gaz?

Sabe lá se terá de occupar-se de theatros, ou se de preferencia dará noticia d'um bom livro, d'uma *toilette* nova, d'uma originalidade qualquer ou de qualquer banalidade?

Fazer um programma é o mesmo que dizer ao publico:

— Meus senhores, eu conheço todas as suas necessidades, todos os seus desejos, todas as suas esquisitices: sei qual é o remedio a applicar-lhes, sei tudo. Pois vou transformar-lhes, sem maquinismos especiaes nem alçapões no palco, este valle de lagrimas, n'um reino de maravilhas, n'um pair encantado como o dos ultimos actos das magicas da Phenix.

No dia seguinte, o leitor, que está indeciso na escolha da praia onde hade ir com a senhora e os meninos tomar banhos d'agua salgada, lembra-se do desgraçado programma, bate na testa, e procura na folha que prometteu fazer a sua felicidade — a preço razoavel — qual é a melhor praia para banhos.

Justamente n'esse dia a folha occupa duas columnas a tratar d'um assumpto do maior interesse — uma sessão do Instituto Historico — mas a respeito de banhos, nem palavra.

O leitor, que se fiava no programma, fica desappontado, e continúa a não saber se deve armar a sua barraca no boqueirão do Passeio, ou no canal do Mangue.

A proposito de programmas, contou-me agora mesmo um amigo uma anecdota acontecida com um rei.

Que rei era, não chegámos a um accordo sobre quem havia de ser o heroe da historia. Queria elle que fosse o Sr D. João VI, de tabaqueira memoria; mas eu opinei que deixassemos em paz a memoria d'um rei que em sua vida tanto honrou as canjas apresentadas, preferindo attribuir o dito a algum rei da Inglaterra: mas isso tambem era muito aventurar, e então o melhor é contar o conto e deixar lá o rei.

Havia, pois, sua Magestade promettido ao seu povo uma *constituição*.

O povinho bateu palmas de contente, e foi-se cada um para sua casa esperar por ella:

Passaram-se mezes, passaram-se annos — eram capazes de passar seculos — e de constituição, nem noticias. O povo afinal cansou-se d'esperar e foi até aos regios paços perguntar a Sua Magestade pelo que lhes havia promettido.

O rei, sem se commover, respondeu paternalmente aos que haviam tomado a *palavra* para lhe recordar a *sua*:

— Certamente, meus filhos, certamente. Prometti-vos uma constituição, não ha duvida. Mas parece-me que ainda não estou em falta... prometti é verdade, mas não disse para quando.... Ora, ide para casa descançados, que um dia tereis a constituição.

Os programmas, em geral, são como as constituições do tal rei.

Nada, nada.

O melhor programma d'um jornal que quer agradar ao publico é — agradar-lhe — sem programma.

BOM.

Typ. Rua d'Alfandega 87.

Fig. 16: Primeiro exemplar da *Gazeta de Notícias* (02/08/1875)

A PROVINCIA DE SÃO PAULO

Anno I — N. 1

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO COMMANDITARIA

REDACTORES: AMERICO DE CAMPOS E F. RANGEL PESTANA

ADMINISTRADOR—JOSÉ MARIA LISBOA

Columnas franqueadas aos escriptos de utilidade publica | Segunda-feira 4 de Janeiro de 1875 | Liberdade de pensamento e responsabilidade do auctor

Esta folha e seu estabelecimento typographico pertencem á uma sociedade em commandita com o capital de 50:000$000, da qual fazem parte os senhores:

—Capitão Bento Augusto d'Almeida Bicudo, fazendeiro, morador em Campinas.

—Antonio Pompeu de Camargo, fazendeiro, Campinas.

—Dr. Americo Brasiliense de Almeida Mello, advogado, S. Paulo.

—Dr. João Francisco de Paula Souza, capitalista, S. Paulo.

—João Manoel de Almeida Barbosa, fazendeiro, Campinas.

—Dr. Manoel Ferraz de Campos Salles, advogado Campinas.

—Dr. Raphael Pires de Barros, fazendeiro, S. Paulo.

—Major Diog.° de Barros, capitalista, São Paulo.

—Dr. João Tobias de Aguiar e Castro, fazendeiro, Itú.

—Manoel Elpidio Pereira de Queiroz, fazendeiro, Campinas.

—João Tebyriçá Piratininga, fazendeiro, Itú.

—José de Vasconcellos Almeida Prado, fazendeiro, Itú.

—José Pedroso de Moraes Salles, capitalista, Campinas.

—Antonio Carlos de Salles, capitalista, Campinas.

—Francisco de Salles, fazendeiro, Campinas.

—Dr. Martinho Prado Junior, fazendeiro, Patrocinio das Araras.

—Dr. José Alves de Cerqueira Cesar, advogado, Rio-Claro.

—Candido Valle, negociante, Rio-Claro.

—Francisco Glycerio de Cerqueira Leite, advogado, Campinas.

—Francisco Rangel Pestana, advogado, S. Paulo.

—Americo de Campos, jornalista, São Paulo.

Os dois ultimos socios entram para a formação do capital com maior quota, e são solidariamente responsaveis pelos actos praticados em nome da sociedade, que girará sob a firma — PESTANA, CAMPOS & C.

Mais uma folha diaria vem offerecer á provincia de S. Paulo campo livre nos debates tão necessarios para solução de problemas importantes que interessam a seu desenvolvimento moral e material.

Tendo pelo concurso de capitaes fornecidos por agricultores, commerciantes, homens de lettras e capitalistas, está ella no caso de satisfazer as mais legitimas aspirações da ria e briosa provincia, cujo nome toma para seu titulo; e isto justifica o seu apparecimento.

Esse motivo faz com que o novo jornal se apresente em condições de poder influir directamente no progresso do paiz e na educação do povo, e habilital-o a ser, como um escriptor distincto já definio a jornal, « *o calculoso expositor de todos os productos da intelligencia humana*, » escalo em que entram todos aquelles que sabem soletrar. »

Pelo seu caracter a *Provincia de São Paulo* tomará, na Capital, ao lado dos outros respeitaveis organs de publicidade, um logar modesto, mas com bons desejos de ser util a todas publicas.

Não sendo orgam de partido algum nem estando em seus intuitos advogar os interesses de qualquer d'elles, e por isso mesmo collocando-se em posição de escapar ás imposições do governo, ás paixões partidarias e ás soluções inherentes aos que aspiram ao poder e seus prosyletos, conta a *Provincia de São Paulo* fazer da sua independencia o principio de sua força e a medida da severa moderação, siso, franqueza, lealdade e criterio em que fundará o salutar prestigio a que destina-se a imprensa livre e consciente.

Sua imparcialidade não será, porisso mesmo, a imparcialidade do silencio. Cumprio de si, certa de que não é licito a qualquer orgam da imprensa contrahir tal compromisso ante os altos questos de publico interesse sem quebra do prestigio que deve adquirir e manter na sociedade, entrará a *Provincia de São Paulo*, nos devidos termos da opportunidade e conmedimento, e com a independencia de uma opinião séria e convencida, na analyse da marcha e governação social, em todas as suas esphoras, seja qual for o matiz politico dominante.

E quasi escusado dizer que a imprensa assim dirigida guardará nas columnas editoriaes a harmonia de um pensamento politico, o qual não poderá deixar de ser outro se não o do seculo e particularmente a traducção fiel das tendencias bem pronunciadas da provincia de S. Paulo e mesmo d'esta nação, onde todos se confessam enthusiastas da democracia e louvam-lhe os intuitos pacificos e civilisadores, vereando muitas vezes a disputa palavrosa em saber quem melhor a comprehende e pratica.

Seguindo rumo de horisontes tão largos e já tão definidos nas seguras lições da historia, e vindo pleitear pelas causas nacional em taes condições e n'esta época, em que até mesmo a palavra republica já não assusta, a *Provincia de São Paulo*, certamente encontrará terreno firme para consolidar-se e dar ao paiz resultados proficuos.

Assim promette na medida progressiva de suas forças auxiliar ao commercio, á lavoura, ás artes, industria, sciencias, e litteratura, tratando os assumptos que lhes digam respeito, e abrindo espaço a todos os talentos e aptidões que em suas paginas queiram apparecer.

Os extranhos á redacção nenhum outro compromisso tomarão, a não ser o de responder indefectivelmente perante a opinião publica pela verdade ou pelo erro professado.

Em nosso paiz sonde a imprensa é tão cara e o jornal difficil de sustentar-se, ha um erro que acanha a existencia das folhas politicas: quem não pertence ao grupo a que cada uma pertence, em nenhuma d'ellas apparece, nem mesmo como litterato ou escriptor de sciencias; todos julgam-se compromettidos, responsaveis pelas opiniões politicas da redacção, imprimindo em qualquer secção de taes folhas o cunho de sua individualidade litteraria ou scientifica.

Na *Provincia de São Paulo* os responsaveis pelas opiniões editoriaes são exclusivamente os seus redactores, que devem de si conta a seus assignantes e ao publico.

Quer louvando, quer censurando, se esforçará sempre a *Provincia de São Paulo* por ser justa: é este um dever que ella se impõe em virtude de suas condições de folha diaria e que deseja satisfazer os interesses mais geraes de seus assignantes.

Por mais radicaes que sejam as opiniões politicas dos redactores, nada obsta a que elles sejam calmos e leaes julgando os acontecimentos e os homens.

O jornalismo é um sacerdocio, e tanto mais nobre e difficil, quanto é certo que aquelles que o exercem devem muitas vezes esquecer sua individualidade e sinffrir mas paixões pessoaes, para se lembrarem constantemente de que representam uma força—sociedade on

FOLHETIM

MAGDALENA

POR

JULIO SANDEAU

I

Como quasi todas as aldeias atravessadas por uma estrada de primeira classe, Neuvy-Joe-Bosques é horrorosa, lamacenta no inverno, um fóco de pó no verão, e, em todo o tempo, destituida de poesia, de encantos e gravidade.

Para se conhecer a sua importancia basta dizer-se que, antes do dia em que começa esta singella narrativa, nenhum dos seus habitantes se lembrava que uma vistura publica, qualquer, désse á pequena aldeia as honras de uma visita um pouco demorada.

Esta indifferença que os cocheiros e conductores manifestavam, em todo o tempo, por Neuvy-dos-Bosques, dá uma fraqueza ideia da qualidade dos seus vinhos.

Era n'um domingo do outomno, entre a missa e as vesperas.

Grupados á entrada da aldeia, expostos a um sol ardente, que lhes cahia perpendicularmente sobre as cabeças, os habitantes de Neuvy-dos-Bosques costumavam esperar gravemente a passagem da diligencia de Paris a Limoges, porque lhes valia isso, nos dias de festa entos dias santificados, uma e outra distracção, curta na verdade, mas embriagadora, como todos os alegrias passageiras.

Os *paisanos* campezinos ao presentarem-se, ainda longe, embiravam-se solemnemente, dando a d'outro lado da estrada, e quando a machina rolladora, dodilando a trote largo, entre as duas alas de *postes curiosos*, de chapéos espantados e luccas nuevas desapparecia ao longe n'um dos angulos da estrada, envolta em cerradas nuvens de pó que sufficiente, ao poder pessoal ao conte com a energia e arbitrio, reduzido assim ao triste expediente de augmentar a todos começando por aquelles em a si.

Enfraquecido pela propria amplidão dictatorial das attribuições que exerce; fugindo á responsabilidade directa, que é entretanto a unica virtude das dictaduras; recuando com infantil timidez o influxo da effectiva liberdade; conservador por indole, por educação e interesse; cioso das tradicções, das quaes tem de tirar consequencias que já não teve razão de ser e antes offendem a consciencia dos povos livres; com razão todos os reformas afrontam-no, e só as consente defficientes, particularisadas a um ou outro ponto, mas contrarias em regra ao desenvolvimento moral e liberal do paiz. Cahe pouco, e incompleto, atomo de pura não perder tudo.

E' n'este mesmo terreno estereito e de convenção que os partidos applaudem os reprovam a marcha governamental, recuando comprometter um futuro com a indicação e discussão de reformas uteis, radicaes, dictadas entretanto pelo simples bom senso e aconselhado pelos interesses nacionaes.

Esta é a causa real de nossos males; ella está tanto em baixo, como em cima; influe pujante e generalisada sobre todos os pontos da esphera social.

Soffremos todos, no presente e no futuro, e com as gerações que levantam-se tambem soffre a liberdade, cujo elevado intuito é organisar-se como ideal na consciencia dos povos e como elemento practico de progresso e forga nas formas de governo.

Ninguem dirá que a situação actual do Brazil seja o meio mais proprio para a fecundação das grandes concepções e ideas generosas que podem garantir a prosperidade nacional.

As lições da Historia pleamente confirmam estas tristes consequencias e o atraso geral que acarretam para a educação dos povos, sua emancipação estavel e harmonica e sua prosperidade.

Não são palavras sonoras, nem actos de espalhafato nem medidas de occasião, os meios que hão de salvar a patria commum, confiada a todos nós, responsaveis pelo futuro como nossos pais foram responsaveis pelo presente.

Necessitamos de uma politica practica, é certo, mas cujos actos sejam inspirados por um ideal determinado, claro e conciliavel.

O passado e o presente affirmam em tal sentido uma verdade incontestavel;

A politica brasileira nas suas resoluções mais notorias não revela doutrina assentada e não manifesta nem ao menos vistas objectivo conhecido e determinado.

Governo, partidos, e a mesma sociedade, no quanto pode ser esta comprehendida, vacillam, agitam-se ao sopro quasi sem direcção e somma de causa, o que tudo revela ausencia de principios, de observação, de criterio, experiencia e estudo de principios.

Se todos estes factos explicam o retrahimento equitativo, a indifferença, e até o ceptismo prejudicialissimo dos mais pausados, e o geral abatimento da sociedade brasileira, é certo que tambem a discutpam e em boa parte absolvem-na de taes males.

Como nacionalidade não somos um producto,—uma resultante de circumstancias e causas anteriores.

Os que pretendem com patriotismo e boa vontade abrir nova era e agora assumir sobre si este peso, procurem ver-se de todo nascer as fontes d'onde a anarchia deriva.

E' escusado observar que estas causas e effeitos aqui enfeixados como esboço da actualidade geral do paiz apenas se indicam e explicam o mão valor e a marcha lenta e dorida das provincias.

Será esta ideia, com particular referencia á nossa provincia, uma das theses que mais stenso estudo nos ha de merecer em diversos escriptos.

E digna do empenho, ella, que, apesar dos obstaculos, cumpria entre as irmãs cosa o vivo e melhor exemplo de energia e civismo.

A PROVINCIA DE SÃO PAULO

4 de Janeiro de 1875

Duplo motivo — o novo anno e o inicio de nossa carreira — convida-nos a não deixar passar o momento sem algumas reflexões, generaes embora, sobre a actualidade do paiz.

Em escripto de maior folego sera lous a liquidação philosophica e politica do passado e a denuncia previdente do porvir. Nestas ropidas linhas só pode ser opportuno esboço para que melhores espiritos, na calma da consciencia e no remanso do gabinete, sondem a cho, alias patriotica empresa. E fecundo unicamente o ungmitissimo conselhos á sociedade em geral e aos proprios Paliuros do Estado.

Discutir como philosophia os principios fundamentaes que devem entrar na organisação, governo e progresso dos povos, é trabalho relativamente facil e agradavel; mas fazer a critica justa e sensata das evoluções sociaes, instituições e factos que affloraram a indole, educação, interesses e destinos de uma nação determinada, julgam os espiritos rectos e reflectidos

de jornada. Distinguin-se ella d'uma crença unicamente por um certo ar de gravidade, impropria dos annos infantis.

Ao vêr-se só, na estrada, no meio da aldeia, que tinha mau aspecto, includa entre todos aquelles semblantes, que a examinavam com tenacidade e descontinente curiosidade, fal-sentir-se n'um monte de pedras, onde a desaninação e o desfallecimento do coração a obrigavam a derramar repiosos lagrimas, depois de ter apoiado a cabeça nas mãos delicadas e formosas.

Os camponezes continuavam a olhal-a como petrificados, e seus unsavam murmurar uma palavra.

Havia, felizmente, nos rusticos grupos, algumas mulheres, e, entre essas, uma, que cubiava no seio uma creaneirlas de poucos dias.

Approximou-se ella da desposa desconhecida e permaneceu algumas instantes a contemplal-a, na expressão de um sentimento de piedade vacillante, porque apezar de tudo annuncia um certo desdem naquella creança, tinha, ainda assim, claricsimos traços de natural distincção, que contrastava singularmente com a simplicidade do exterior, com suas certas perfumes nesses de palhetas, e a qual, sem esforços, impunha respeito e deferencia.

A camponeza animou-se por fim e perguntou docemente:

— Tão só, menha filha, e por esta estrada, a senhora de certo perdeu sua mãe, não é verdade?

— Perdi minha mãe, perdi! respondeu a joven com voz suave, mas com claro accento de uma lingua pouco estrangeira. E não só perdi minha mãe, mas até a terra onde nasci, e onde reposam se-cinzas dos que me foram queridos! Nada me resta agora debaixo do céo... ajuntou ella, meneando a cabeça tristemente.

— Pobre senhora! Deve tenha piedade de si e dos seus pesares! Mas parece-me pelo modo de fallar, que é de outro paiz que não o nosso. Vem de muito longe?

— Venho, Julgael até muitas vezes que não chegaria.

— E para onde vae?

— Aonde minha mãe, antes de morrer, me recommendou que fosse. E vim a Neuvy-dos-Bosques, porque sabia que facilmente encontraria conducção para Valtravers.

— Ah! vae a Valtravers?

— Vou.

— Ao castello?

— Ahi mesmo.

— A senhora alongou então o seu caminho. O conductor deve-a ter deixado mais adiante. Mas não tem duvida. Daqui lá são tres leguas pequenas, e indo pelos atalhos póde adiantar uma hora. Se a senhora quer, vou-a mostrar. Eu tambem vou tomar-lhe o caminho. Mas como o calor é grande e talvez tenha de tomar algum alimento, o melhor é vir-se commigo casa, que de boa vontade lhe offereço. Beberá do leite das nossas vaccas e seguirá de tarde pela fresca.

— Obrigada, muito obrigada pelo seu cuidado e pela sua bondade, mas não acceito, porque de nada necessito. Desejo partir immediatamente. O que unicamente lhe peço é que me ensine que não será abuzar de seu agasalho. . .

— Vem cá, Pierrot! interrompeu a camponeza, chamando.

A esta movimento, feito de modo que não admittia repulsa, destacou-se da multidão um rapazito, que avançou com o ar humilde de um cão, que comprehende que o seu dono o chama para lhe bater.

Pierrot, que desde pela manhã alimentara a encantadora esperança de uma grande brincadeira, depois das vesperas, no adro da igreja, mostrou-se pouco lisongeado, quando soube para que fora convidado por sua tia. Este intimou-o porém, de tal modo, que elle julgou prudente submetter-se, e emmigrando

lhe a pequena bagagem da joven den-lhe um supporte dizendo-lhe:

— Vae pelos atalhos e não faças andar depressa esta senhora, que não lem os teus pés nem as tuas pernas.

Pierrot poz-se a correr, emquanto Neuvy-dos-Bosques começava a sahir do seu espanto, para se embarralhar em commentarios diversos sobre os encontrenentos daquelle grande dia.

E impossivel que Neuvy-dos-Bosques não fosse assim chamada por antiphrase. O Neuvy ainda póde passar: dos Bosques, não.

Em não conhego nada mais perdido, nem mais falhecido do que os nomes dos logares e das pessoas que teem uma significação precisa. Tenho notado que neste caso, logares e pessoas, difficilmente são o que promettem, e que, em geral, lem falta essencialmente a qualidade que lhes serve de madrinha. Imagetices que são perfeitos demonios, e flautas sem sopros como corvos. Quanto aos logares, para não irmos mais longe, vinte vezes dentro de uma legua, aqui temos não a aldeia de Neuvy-dos-Bosques, que não tem um ramo de arvores, de arbustos, ou de faias, onde qualquer pessoa possa abrigar-se do vento da tarde ou das ardores do sol do estio. Os terrenos que a circumdam são bons e despidos de todo o oceano, o mais longe que vista alcança, isto é, n'um circulo de um raio de meia legua, não se encontra nem a sombra de uma carvalha.

Ao menos um Fontenay das Roses sinão apparecem algumas rosetras.

No entretanto, no passo que a pessa horizonta e o seu guia se afastavam da estrada coberta de pó, e se infiltravam, avançando, nos terrenos que tinhamos a percorrer, o painel pouco tinha incontestavelmente aspectos menos risonhos e mais verdejantes.

Depois de duas horas de caminho, os dous viajantes avistaram ao longe, os limiteiros os bosques de vinhedos.

(Continua.)

Fig. 17: Edição de estreia de *A Província de São Paulo* (04/01/1875)

no desenrolar do século XX em relação à rubrica e seu conteúdo. Por isso, o foco da pesquisa consiste em não só apresentar os desdobramentos do espaço folhetim na imprensa paulistana a partir dos primeiros registros do gênero nos jornais, mas também analisar os diálogos que o folhetim manteve-se com outros meios de comunicação surgidos ao longo dos anos. Sabe-se que a imprensa periódica, meio de comunicação sem concorrência até o final do século XIX, passou a conviver com outras formas de difusão da informação.

Muitas análises datam o fim do folhetim logo após a Primeira Guerra Mundial, no entanto, como ressaltou Meyer, o gênero teve metamorfoses e seu público alargou-se graças a sua plasticidade que dialogou com o cinema e o rádio. [82] Apesar de perder fôlego na imprensa, o folhetim não desapareceu facilmente como muitos supõem e na alvorada da década de 1950 ainda era publicado, evidenciando que donos de jornais e redatores ainda o consideravam, em alguma medida, importante. O caso paulistano pode colaborar para refletir sobre essas transmutações do espaço folhetim e tornar mais complexa a compreensão desse gênero tão híbrido.

[82] Um dos gêneros que mais se destacou e que, por vezes, encobriu a importância dos demais foi a telenovela que, no Brasil, ganhou "boa forma e a dimensão que faria dela o primeiro gênero narrativo de exportação." Ver MEYER, Marlyse. *Folhetim*: uma história. *Op. cit*, p. 417.

Capítulo 2: O espaço folhetim e diversidade de gêneros

Na catalogação do conteúdo publicado no espaço folhetim dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Correio Paulistano*, averiguou-se que outras rubricas como *Comércio e Agricultura*, *Revista Política*, *Revistas dos jornais*, *Variedades* e *Miscelânea* também ocupavam o rodapé, ainda que geralmente estivessem posicionadas no meio da página. A primeira delas tinha por finalidade apresentar o câmbio, as taxas de importações, o movimento do porto de Santos e os valores dos produtos comercializados; já as duas seguintes faziam, respectivamente, um balanço sobre as principais decisões políticas e os temas de jornais da Corte e da capital paulistana, enquanto as demais publicavam textos de cunho variado. Tal circunstância fez com que alguns pesquisadores considerassem essas seções como integrantes do espaço folhetim, o que não está correto. Lise Dumasy apontou as razões que contribuem para a confusão:

> En particulier la plupart des rédacteurs du feuilleton collaboraient également à l' espace des "Variétes," rubrique issue de l' almanac, dont elle est un des quatre espaces centraux, qui paraissait plus irrégulièrement, en pleine page du jornal, et dont les contenus étaient en fait proches de ceux du feuillleton (...) Les échanges entre l'espace du feuilleton (en bas de page) et celui des variétes (dans le corps du jornal) favorisent la confusion entre le monde "réel" et celui de la fiction. [83]

Assim, o fato de os colaboradores escreverem para as mesmas seções acabou por contribuir para o equívoco. Entretanto, cabe lembrar que o folhetim, diferentemente das rubricas citadas, sempre se localizava no mesmo espaço do jornal, enquanto as congêneres eram alocadas em lugares diferentes, conforme a necessidade da ocasião. Há que se acrescer, ainda, que os textos do espaço folhetim tinham um perfil mais individualizado, diferente do que ocorria nas outras seções, que frequentemente não eram assinadas.

Desse modo, neste capítulo, realizou-se um levantamento sistemático e integral de todo o conteúdo publicado no espaço folhetim do jornal *O Estado de S. Paulo* e parcialmente do que figurou no *Correio Paulistano*, desde suas respectivas fundações até a década de 1940, momento em que tal prática desapareceu na imprensa brasileira. A escolha do *Correio* se justifica, pois este atuou como contraponto ao *Estado*, uma vez que ambos foram fundados no século XIX e se constituíam nos principais títulos da

[83] DUMASY-QUEFFÉLEC, Lise. Le feuilleton… *Op. cit*, p. 927.

imprensa paulistana. A seleção realizada com o *Correio Paulistano* teve como critério a análise de pelo menos doze exemplares/ano, com o intuito de se examinar a presença do espaço folhetim, suas características e conteúdo. [84] No entanto, quando constatada mudanças significativas, ampliou-se a amostra. A fim de evitar imprecisões, optou-se por considerar apenas os textos publicados nos rodapés dos dois jornais que portassem, de forma explícita, o título folhetim ou que fizessem, de alguma forma, alusão ao mesmo.

Em relação à posição ocupada, apurou-se que o espaço destinado ao folhetim esteve, durante muitos anos, na primeira página dos exemplares, separado do restante do conteúdo por um grosso traço e composto por quatro ou cinco colunas, embora por vezes tivesse apenas três. A maior parte dos textos aí inseridos foi publicada em português, ainda que seja possível encontrar raros casos em francês, tal como ocorreu no jornal *A Província de São Paulo* que, sem explicação ao leitor, apresentou a seção *Chronique Teatrale*, assinada por A.T (10/04/1881), *14 juille* (14/07/1881), *La Compagnie Lyrique et le publique* (13/11/1881), os dois últimos sem indicação de autoria. Tal diversidade de textos no espaço do folhetim demonstra a pluralidade de conteúdo veiculada pelo jornal no rodapé.

Após um balanço minucioso sobre a presença do espaço folhetim, foi possível perceber sua historicidade, além de quantificar e classificar os textos ali inseridos, o que permitiu concluir que, nos oitocentos, o romance não se constituía, ainda no carro-chefe na imprensa paulistana. Tal predomínio deu-se na última década do século XIX, no caso do *Correio*, e a partir dos anos iniciais do século XX no *Estado*. Por isso, um dos objetivos caminhou no sentido de esmiuçar a produção publicada no rodapé e de categorizar os gêneros ali encontrados. [85]

Além de se atentar para as formas literárias de composições dos textos e seus autores, também foi preciso refletir sobre a questão dos direitos autorais e analisar a reutilização dos romances publicados no espaço folhetim que, impressos nas oficinas dos próprios cotidianos, assumiram a função de premiar os assinantes. Sabe-se que, além de imprimir os jornais, as oficinas comportavam seções de obras, que cuidavam da

[84] Devido às limitações do tempo e da quantidade do material, a totalidade do acervo do *Correio Paulistano* não foi contemplada, o que abre possibilidades futuras de pesquisa.

[85] Cabe esclarecer que não se trata de uma análise fechada e ilesa de falhas, visto que, os critérios para classificação dos gêneros foram alicerçados em elementos básicos de composição e que não tinham por finalidade um estudo estético de cada texto.

Anno ..... 44$000
Semestre ..... 7$000
Todos os pagamentos adiantados
umero avulso do dia—100 réis ;
atrazado—200 réis.
Typographia e escriptorio—Rua da Imperatriz n. 44

A Provincia de São Paulo

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO COMMANDITARIA
REDACTORES: F. Rangel Pestana e Americo de Campos

Os collaboradores das diversas secções não são solidarios com a politica da redacção.
Exige-se a responsabilidade legal dos auctores dos escriptos.

ADMINISTRADOR—JOSÉ MARIA LISBOA | Domingo, 10 de abril de 1881 | GERENTES—A. DE CAMPOS E F. RANGEL PESTANA

São Paulo, 9 de abril

O ministro brasileiro junto á Santa Sé, recebeu aviso do ministerio da agricultura para contratar capuchinhos na Italia.

Grande missão da diplomacia brasileira é esta de empregar a sua actividade para virem frades capuchinhos colonisar este paiz!

Serve de justificação á ordem o juizo que o ministerio da agricultura fórma de taes religiosos:.. são os melhores para o serviço das missões.

Admittido que isso seja verdade, resta saber si temos tirado vantagens reaes d'esse serviço e si nos convém apparecer na Europa o nosso representante como contratador de capuchinhos.

Não nos parece lutavel o procedimento do ministro que procura assim introduzir no paiz mais uma centena de padres estrangeiros, que a pretexto da missão aos indigenas,serão pagos pelos cofres publicos, passando depois a prégar desproposito nas cidades mais civilisadas e a provocar, com sua linguagem e doutrinas,reacções ou deixando após si os effeitos detestaveis de um fanatismo lamentavel.

Quanto á catechese não conhecemos os resultados praticos, uteis, que o paiz tenha tirado d'essas missões. Contesta-se mesmo a sua influencia na civilisação do indigena e a sua cooperação no progresso das nações.

Queremos, porém, aceitar como real a utilidade d'esse serviço pelos capuchinhos, admittindo que elles hoje evangelisem, auxiliando a civilisação, melhor que os jesuitas em outros tempos; mas seria preferivel que o desejo do governo se manifestasse com mais recato e com menos apparato diplomatico.

Quem lêr o relatorio do ministerio da agricultura reconhecerá que o serviço das missões é uma *burla* como tantas outras com que costumam illudir a nação. Os aldeiamentos não progridem e os indios não entram regularmente, em agrupamento, no seu dominios da civilisação. Apenas um ou outro se separa e vae aos centros povoados procurar na industria meio de se aperfeiçoar.

E' possivel que o sr. Buarque de Macedo tenha rasão, mas, a julgarmos pelos factos, duvidamos que s.exc. se haja deixado dominar pela certeza de concorrer de tal arte para o progresso do paiz e beneficio dos indigenas refractarios ao impulso civilisador das industrias e aos commodos da vida nas sociedades policiadas.

Entretanto talvez que o illustrado ministro tenha pensado em organisar o serviço da catechese em prestar mais attenção aos aldeiamentos, e, por isso, queira organisar o seu exercito de capuchinhos para invadir os sertões e chamar os indios ao trabalho.

Terá de passar por grande decepção.

Revista estrangeira

ESTADOS-UNIDOS.— As datas do paquete chegam a 14 de março.

O novo presidente da confederação, James Garfield, tomou posse do governo a 4 d'aquelle mez.

Eis como um jornal descreve a ceremonia :

«Ás 10 da manhã chegou ao hotel Riggs a carruagem onde ia Hayes, o presidente que findava o seu tempo, e d'ali conduziu o sr. Garfield á Casa branca. Mesa hora depois as duas em marcha o cortejo presidencial, dirigindo-se pela avenida de Pensylvania ao Capitolio. Abria a marcha o general Sherman com seu magnifico estado-maior. Seguia a artilharia commandada pelo general Ayres e o brilhante esquadrão de Cleveland, que precedia a carruagem em que iam Hayes e Garfield.

Cem mil pessoas, situadas entre o thesouro e os terrenos que rodeiam o Capitolio, prorromperam em incessantes aclamações. O espectaculo era admiravel. Os edificios estavam todos adornados com ricas colchas e em cada janella, em cada porta, ondeava uma bandeira e se agitavam brancos lenços.

No senado achavam-se os membros de ambas as camaras, os secretarios, os altos funccionarios civis, os do exercito e marinha, o corpo diplomatico, o pessoal da magistratura, etc.

A entrada no senado do general Hancock, de uniforme, acompanhado do general Mitchell e do sr. Blaine provocou grandes applausos.

O sr. Conckling foi o primeiro que apertou-lhe a mão, e todos os senadores quizeram ter aquella honra. O sr. Hancock foi conduzido depois ao seu assento, á esquerda do salão, no meio de novas mostras de enthusiasmo.

Estas foram extremosas quando ambos os presidentes se adiantaram. O sr. Hayes dava o braço ao sr. Garfield. O vice-presidente Wheeler fez entrega da sua cadeira no senado ao sr. Arthur, que pronunciou breves e sentidas phrases, e declarou suspensas indefinidamente as sessões do senado.

Depois de ficar constituido este em sessão extraordinaria, convocada especialmente pelo sr. Hayes, dirigiram-se todos os circumstantes á entrada do Capitolio, onde o sr. Garfield pronunciou, da plataforma, o seu discurso inaugural.»

*

O novo ministerio de Garfield ficou assim organisado: secretario do estado, James G. Blaine; secretario do thesouro, William Window; secretario da marinha, William H. Hunt; secretario da guerra, Robert T. Lincoln; secretario do interior, Samuel J. Kirkwood; procurador geral da justiça, Wayne Mac Veagh; administrador geral dos correios, Thomaz L. James.

No dia seguinte ao da inauguração do novo governo, retirou-se de Washington para Fremont, no Ohio, o ex-presidente Hayes com sua familia, tomando trem especial que, porto de Baltimore, teve um violento encontro com outro trem, que não devia ter sahido da estação de Severn sem haver chegado o especial. O resultado do desastre foi morrerem dois passageiros e ficarem mais ou menos feridas vinte pessoas, sendo onze passageiros e nove empregados dos trens. O ex-presidente cahiu, mas nem elle nem sua familia soffreram a menor contusão.

O senado, contra o que se esperava, approvou o *Funding bill*, projecto de lei para a consolidação de cerca de 700 milhões de apolices de 5 %, e 6 %, resgataveis em ouro.

Era objecto de todos os commentarios, em S. Louis, o desapparecimento do consul de Austria-Hungria, barão Bachtoldsheim, cujo districto consular comprehende Missouri, Kansas, Nebraska, Wisconsin, Minnesota, Arkansas, Texas, Colorado, Wyoming e o territorio dos Indios.

O mais grave do caso é que continuavam chegando de todos esses Estados cartas de pessoas que reclamavam as somas enviadas por suas familias e amigos da Austria-Hungria por meio do consulado e que jámais receberam. O barão pertence a uma nobre familia de Wurzburg, Baviera, onde reside sua esposa e seu filho. Um de seus irmãos é general do exercito austriaco, ajudante de campo do imperador e actualmente desempenha uma missão militar especial em S. Petersburgo.

Os amigos do consul esperavam que sua familia lhe remetterá fundos sufficientes para cobrir os seus compromissos. Descobriu-se que tinha grande numero de dividas e que havia tomado quantias adiantadas sobre tudo quanto possuia, até sobre os livros de sua bibliotheca.

*

PORTUGAL.—Ainda algumas noticias:

O duque de Avila e de Bolama melhorára de sua sciatica e segue para o estrangeiro, afim de tratar-se.

No dia 16, a rainha e os augustos principes passaram em raleche descoberto pelas ruas da cidade. O corajoso procedimento d'esta filha de Victor Manoel a tornára ainda mais popular em Lisbôa.

Ordenára-se ao director das obras publicas de Coimbra que fizesse elaborar o projecto de uma ponte sobre o Mondego, no local mais apropriado para ligar a villa da Figueira com as freguezias de Lavos e Paião.

Achava-se exposta na antiga livraria do sr. Bertrand, no Chiado, uma «aria ora graphica que se estende de Lisboa á Coimbra e do Tejo ao oceano, magnifico trabalho do sr. Antonio de Mendonça Cortez.

O sr. Thomaz Alva Edison está tratando de obter duas patentes de invenção em Portugal, uma para melhoramento nas suas lampadas electricas e nos conductores escandescentes, e outra para melhoramento nas machinas dynamo ou electro magneti-as e nos motores electricos.

—Chegou á Madeira no dia 9, com fogo a bordo, o vapor inglez *Warrior*, de Macció para Liverpool, com carga de algodão. O incendio foi extincto. Ficaram inutilisados 250 saccos de algodão e desembarcaram 1,000 fardos.

No Porto, projectavam se fazer varios *meetings* republicanos, contra os jesuitas e progressistas, o tumulton o opposicionistas contra o governo e o imposto do rendimento. Fóra suspenso o administrador do bairro occidental, Adolpho Soares Cardoso, para dar satisfação a um par do reino, amigo dos jesuitas. Fóra devido ao tumulto da igreja de S. Bento.

Fallecêra, em Guimarães, o sr. Jeronymo José Martins, capitalista ha pouco chegado do Brazil.

Dera se um levante de 4,000 pessoas na villa do Nordeste, na ilha de S. Miguel. Já estava pacificado.

SECÇÃO SCIENTIFICA

(Communicado)

A Historia Universal de Cantú reformada por A. Ennes

(Continuação)

OUTRA CONSTITUIÇÃO DE THEODOSIO SOBRE A FE' CATHOLICA

«Ordem do dar as egrejas aos bispos que professam a Trindade de uma magestade e de uma virtude, de uma substancia e de um brilho igual, segundo a declaração de onze bispos (entre os quaes Gregorio de Nissa). «Todos aquelles que não forem da communhão dos bispos expressamente nomeados, serão equiparados aos hereticos manifestos, afim de que tudo seja conforme a fé de Nicéa, e que a astucia não se introduza sob a fórma evidente de nossa ordem.

(Kal. de agosto, sendo consules Hesnel., Eucherius e Syagrius, anno 381).

*

«Prohibição de todo o acto religioso, e segundo os unos antigos». Descripção dos templos que ainda existirem ; pena de morte contra todo o delinquente (lei de lib. X, Liv. XVI do Cod. Theod.)

*

Estas leis, «que não foram sumidas», têm datas, são conhecidas e possuem verdadeiro valor historico; são portanto incontestaveis, e revelam, a não deixar duvida no espirito ainda o mais prejudicado pelas idéas recebidas na infancia, a mais barbara e cruel norma foi implantada a fé de Nicéa, isto é, a religião de Jesus.

Não é verdade que a leitura de taes documentos modifica o seu juizo as idéas aliás espalhadas—«das gestosas conquistas do christianismo? »

A' vista d'isto, já não póde restar duvida sobre quaes foram os verdadeiros martyres do christianismo, quaes essas desgraçadas victimas da féras, e que clandestinamente se reunião nas catacumbas de Roma para adorarem o seu Christos—o Bom, o que a cavilosa inversão transformou em adoradores de Jesus!

O que o codigo Theodosiano nos mostra é antes pela lata sangrenta que destruio a religião anterior a Constantino, do que o triumpho dos bispos de Nicéa.

Ganaval accrescenta que, mesmo as lutas de bispo a bispo foram chocas de furor.

«Santo Athanasio, prompto e grande egyptologo, é expellido de Alexandria e perseguido pelas calumnias de Eusebio, um dos bispos que adoptou o 3º Credo. Os dogmas todos foram assim estabelecidos, e nós estamos vendo os dogmas estabelecidos «hontem» como introdusem a discordia entre as nações. S. Chrisostomo foi expellido de Alexandria pelos furores de Theophilo, o bispo incendiario do «Serapeum», dos mosteiros dos eremitas e monges que seguiam o velho culto primitivo. Dous religiosos fogem e refugiam-se em casa de Chrysostomo ; d'ahi o odio implacavel de Theophilo contra o patriarcha, no qual accusa de ladrão, Deusanus, bispo de Cyrique foi perseguido por S. Basilio como Athanasio por Eusebio, como Chrysostomo por Theophilo, e tudo isto se fez, porque não mais se queria christãos primitivos. Synesio Ennomius foi deportado para a Mauritania, porque não queria aceitar Jesus, «o novo invento, a Trindade egual», preferindo conservar a velha crença do Christo Serapis, o Deus de Paulo e do Pedro.

*

«Ha vinte heresias, e a lei conta, creio, vinte e duas; ora estas heresias negam Jesus. O deus d'ellas (este é certo e confessado por algumas) e o *Filho do Bom*, e o Bom não é o « deus judeu da lei ».

«As obras de S. Basilio foram-nos conservadas, em parte, ao menos. Mas o que é feito das obras de Eunomius? Foram destruidas em nome da lei, que prohibe os livros « desidentes ». Onde estão os verdadeiros escriptos do Origenes (os principios)? as disputas de S. Clemente em que este « nega que o Filho tenha sido encarnado»? Onde está o « Periagathe » do Philon, o tratado sobre o « Bom » ? Onde se encontram hoje as allegorias de Zeno, isto é, o Evangelho da Philon ? Onde estão os escriptos em que Philon compara a amisade com S. Pedro, philosopho de Alexandria ? Onde estão os livros não interpolados de Joseph e que tratam dos christãos expellidos por Claudio? Onde estão os livros de Tacito, sua passagem sobre a « expulsão dos christãos durante o dominio de Claudio ? O que fizeram das Epistolas de S. Paulo, adorador do Serapis ?

*

Nous avions insuffisamment entendu Mme. *Leonardi* avec le Companone. *El diabo nel poder* lui a conquis des bravos bien mérités et aux quels nous nous sommes associé. C'est une charmante comédienne avec une voix bien timbrée et une bonne méthode de chant.

A propos de «*El diabo nel poder*», cette zarzuela, au libretto profondément ennuyeux, est peut-être une des meilleures compositions du répertoire ; le finale du 2e acte, dans lequel cette artiste a été remarquable, mérite une mention spéciale, les chœurs surtout ont maintenu un ensemble parfait.

Au complément la partie féminine de la Compagnie-Cavara il nous reste à constater que *Mme. Subirá* nous a donné une preuve d'un *certain mérito* dans la «Gallina Ciega.» C'est une fort jolie personne qui donne à lavue la compensation réclamée par l'ouie.

Mr. Subirá a conquis le *suffrage universel* dès la premiere representation avec d. Pamphilo que nous n'avons jamais vu interpréter aussi sobrement. C'est à notre avis le premier élément masculin de la troupe ; sa voix assez juste est flexible, d'un timbre agréable et son jeu est d'un bon comédien. Il a joué avec talent ces demi-rôles de Los Diamantes e El diabo nel poder ; de plus il est d'une bonne tenue en scène et nous croyons cet artiste capable de tenir un emploi dans une comédie plus sérieuse d'un autre ordre.

Mr. Montí chante juste et sa voix est bien assise, malheureusement son rôle de début est un écueil pour tous les barytons qui le chanteront à S. Paul, car mr. Ortiz a emporté avec lui le souvenir que laisse à un artiste le prestige d'une création ; néanmoins mr. Montí a joué fort convenablement le *Campanone* et a fait occasion d'affirmer son réel mérite dans les

«As leis de Theodosio, que acabamos de ver, explicam o desapparecimento de todos esses martyres.

«O christianismo primitivo, isto é, o Evangelho primitivo, citado pelo papa contemporaneo de Justino e tambem por S. Clemente de Alexandria, o Evangelho de Jerusa, cedeu, foi destruido. Seus fragmentos, porém, sobreviveram ; os Magos encontraram destruir os vestigios dos christãos mais firmes e irreprehensiveis.

«As leis do livro XVI do codigo Theodosiano põem a descoberto a corrupção imperial que produsiu o christianismo forçado religião imperio, religião de estado, religião privilegiada e politica, cujos bispos estão acima das leis. Comprehende-se ha agora porque os escriptos religiosos de Tertullien, de Tyano, de S. Clemente, de Origenes desapparecessem.

«Qui sabe foram as que alteraram Joseph, Tacito e Luciano? E' facil de conhecer que o livro devia ser as victimas mais queridas dos christãos dominada com a omnipotencia imperial, e esta omnipotencia reuniu-se no seguinte—pena de morte lançada por Constantino contra todo o possuidor de um livro «lei christã», (Eusebio—vida de Constantino) « mais tarde contra todo o pagão ou velho christão.

*

«A troca do deus e do Evangelho feita pelo concilio de Nicéa explica e resalta porque o patriarcha Photius chama de impios e bispos S. Clemente, Origenes, Agapius, S. Methodio e todos os que fallam de Filho-Deus, como do Deus-santo, de Photius. Photius, que vivêo nos fins do seculo VIII e parte do IX, depois de Carlos Magno! Photius que associava o symbolo de Nicéa, e cria no Deus Jesus instituido ao consilio, não podia comprehender os Clementes, os Origenes e os Methodios-Martyres, e cathechistas christãos dos tres primeiros seculos e que negam a encarnação do verbo e a vida de Filho-Deus. Photius, chama-os, por isso, impios execraveis! Mas isto concebe-se! aquelles falsificam do Serapis, e este refere-se a Jesus, do qual se primeiros nunca ouvirão fallar, e não é elle tratavam; d'ahi a sua colera.

«Cabe aqui notar uma circumstancia cuja importancia está provada por factos de que somos testemunha hoje.

«O concilio de Vaticano, que teve logar em 1870 produziu dissidencias que não é nosso lim analysar aqui.

«A declaração da immaculada Conceição de 1853 ou 1854 causou já o assassinato de um arcebispo de Paris, em 1870, por um padre ?. Um novo dogma mesmo em nossos dias, acaba de trazer comsigo perturbações lamentaveis, porque, como todo o mundo sabe, o dogma da infallibilidade do papa causou protestos numerosos no clero catholico, não obstante serem seus membros por demais submettidos «o não brilharem pela independencia? Eis ahi pois, uma heresia brotada em nossos dias : os velhos catholicos não admittem a infallibilidade.

«Estes factos que são da actualidade, podem dar uma idéa, ainda que em ponto pequeno, do que se passou depois do concilio de Nicéa. Asseo não está a egreja protestante de Paris dividida, a seis mezes apenas depois da declaração da crença « de symbolo? Ora, uma vez averiguado que em Nicéa fez-se mais do que um symbolo, sobre uma doutrina seguida, havia mais de cinco seculos ; averiguado que o concilio de Nicéa proclamou um deus desconhecido (como nol-o prova a historia), um deus novo, uma Trindade nova em opposição com o deus acceito e adorado ha tanto tempo—qual não deve ter sido a perturbação, a desordem occasionada por uma tal innovação ?

«Si considerarmos os factos que se passam em nossos dias, comprehenderemos sem difficuldade o seu successo sem fim das heresias. Com effeito, uma das leis que acabamos de vêr é relativa a 32 heresias, ao mesmo tempo ; são pois 22 seculos. Estas pretensas heresias eram capitaes ; todas negavam o deus-Jesus e « affirmavam o deus Filho do Deus »; isto é, Serapis, o Christo, aquelle mesmo que os livros sibyllinos nos mostram no Egypto sob o 7º rei grego.

«Origenes constata esta crença em «um filho fabuloso» no meiado do III seculo, e Photius, no IX seculo, nol-a mostra como sendo a base da seita christã do Eunomianos e do diversos outros. Eunomio, Eunomius, seu chefe, era um bispo do Cyzico, não longe de Nicéa, e que viveu ao depois de S. Basilio, quasi em face de Constantinopla. A resistencia á innovação de Nicéa está pois bem constatada nos fins do IV seculo, «mesmo a algumas leguas de Nicéa ».

«Por ventura a invenção de la Salette, que foi hontem, não trouxe a dissidencia entre bispos vizinhos (de Grenoble, de Gap e de Lyon)?»

*

Desejáramos terminar aqui as transcripções do livro de Ganeval, por parecer-nos suficiente e que ahi fica, mas o grande egyptologo discorre; por tal modo em considerações tão sensatas, tão verdadeiras, tão dignas senão de serem acceitadas, que não nos podemos furtar ao desejo de fazer mais algumas.

O illustre e judicioso professor identifica-se tão

FOLHETIM

Chronique theâtrale

ZARZUELAS

COMPAGNIE-CAVARA

Et d'abord, qu'est-ce que la zarzuela ?

Je demande pardon au lecteur de la comparaison gastronomique ci-après, mais elle exprime ma pensée : *Pour faire un civet*, dit-on, *il faut un lièvre ;* Je m'explique ; le lièvre, c'est le libretto, le civet, c'est la musique. Or, *l'opéra-comique* français qui sert de modèle-type à la *Zarzuela* est le vrai civet, tandis que la zarzuela n'est qu'un lièvre à la sauce. En effet, la plus grande partie des zarzuelas possède un libretto français sur lequel on écrit de la musique espagnole, c'est ainsi que le répertoire contient :

Los Diamantes de la Corona—Les Diamants de la Couronne. El Relampago—L'Eclair. El Juramento—Le Serment. El Thesoro Escondido—Fostillon de Lonjumeau, etc., etc. Ceci est le lièvre à la sauce. Mais la zarzuela composée d'un libretto et d'une musique espagnols n'est plus à mon avis qu'un simple lapin sauté, car j'avoue n'avoir pas encore rencontré un libretto... intéressant dans le genre.

En fait, le libretto d'un opéra quelconque ne tient qu'une place relative ; pourtant, en donnant à la zarzuela sa véritable classification, si nous la comparons à l'opérette française nous admettrons que le sujet *traité entre pour une grande part* dans le succès ; nous en prendrons pour preuve les livrets si spirituellement parodiés *d'Orphée aux Enfers, la Belle Hélène, Le Petit Faust*, etc., etc., et dans un autre genre *La Fille de Mme. Angot Les Cloches de Corneville*, sujets populaires ayant inspiré de la musique populaire et qui ont fait le tour du monde à leur apparition.

Nous n'avons aucune intention d'examiner ici la valeur musicale des zarzuelas ; c'est en général d'un ton terne et sans autre originalité que celle du rythme spécial au *Bolero*, à la *Jota* et autres danses d'un cachet purement local.

Ceci dit, nous nous attacherons plus spécialement à l'*interprétation* et à la valeur de chaque artiste composant la Compagnie-Cavara, car il nous est plus particulièrement agréable d'étudier le théâtre dans ses différents genres, dans la personne des artistes, depuis le grand dian donné à S. Paul par les Rossi, les Brazão et autres compagnies dramatiques ou lyriques couronnées par la venue de la Compagnie Ferrari qui a donné à cette capitale la première audition de quelques-uns des chefs d'œuvre de l'art actuel.

A dieu ne plaise qu'aucune comparaison s'échappe de notre plume entre des artistes lyriques d'un genre diamétralement opposé. Nous ne voulons faire de reproches à personne, mais nous pouvons avoir été péniblement surpris de lire dans l'un des organes autorisés de S. Paul un parallèle regrettable entre deux excellents artistes de la Compagnie Ferrari et une artiste de la Compagnie-Cavara,—et cela à propos de la diminution du prix des loges (le prix des places dépend avant tout des exigences des artistes, et nous ne supposons pas que le rédacteur de la feuille en question assimile la Compagnie Ferrari à la Compagnie-Cavara.)

Nous prions l'aimable écrivain qui se permet de traiter BRUTALEMENT d'*infâme* ténor et AMEN du chanteur *insignifiante*, de nous dire de quelles épithètes il gratifiera le tenor *Giannini* et la chanteuse *Garbini* qui ont eu l'audace d'interpréter *Badamés* et *Aida*.

Que l'inexorable critique de la *Tribuna Liberal* ne s'y trompe pas ; Mr. Balterini possède une qualité de voix qui ne se rencontre pas à chaque instant, d'une émission facile et qu'il manie avec un certain savoir ; de plus, il a un physique fort agréable et une excellente tenue ; c'est, à notre humble avis, le type du fort ténor et nous souhaitons de grand cœur au théâtre S. José de toujours entendre des voix de tenors aussi *infâmes* et des chanteuses légères aussi *insignifiantes*. Nous donnons rendez-vous à ce critique si plein d'aménités, lors que six compagnies différentes auront, pendant six années consécutives présenté leurs éléments d'interprétation *des Huguenots*, et s'il ne regrette pas ses indignes qualifications c'est qu'il manquera de courage ; nous voulons croire même qu'il les a déjà regrettées.

Mais revenons aux zarzuelas :

A tout seigneur, tout honneur ; nous avons nommé *Mme. Garcia*. Oui... certainement... C'est Mme. Garcia mais quoi... il y a bien encore de ci, de là, quelques jolies trilles et qui font le plus grand honneur à un gosier qui a si crânement salué le Guanabarino, mais c'est tout ; plus de medium ; c'est un son inintelligible, l'organe est épuisé :

Le printemps a fui
Et après lui l'été ;
L'automne l'a suivi
Déjà l'hiver a lui,
L'alouette a chanté !...

Néanmoins, c'est une artiste belle encore ; la scène s'emplit à sa présence et elle nous a fait l'effet d'une belle reine... de Portugal dans «*Los Diamantes de la Corona.*»

*

Nous ne pouvons terminer cette revue sans féliciter la direction de la Compagnie-Cavara de la bonne idée qu'elle a eue de donner des représentations suivantes. Il est également d'une tenue très correcte.

Mr. Boracoecha..... Nous prions le doux critique cité plus haut de nous remplacer ici ne voulant point passer pour être le protecteur systématique des tenors.

Il nous reste à complimenter un artiste consciencieux qui bien sûr ne pose pas au chanteur—(nous préférons qu'il eut une voix)—Mr. Gerner, qui par sa bonne diction, sans prétention et par des gestes sobres arrive à l'effet comique naturellement et sait amener une hilarité de bon aloi, c'est à dire en dehors de ces gros rires provoqués par une *pasillarade* ou un effet trivial.

Les chœurs, comme nous l'avons dit plus haut, contiennent des éléments réguliers et homogènes ; le nombre en est suffisant et peut satisfaire les plus grandes exigences.

L'orchestre un peu faible en nombre mais habilement dirigé par Mr. Tinel n'est pas au dessous de la tâche qui lui incombe. Nous croyons que c'est un travail ardu que de conduire un orchestre pour ainsi dire improvisé, nous en sommes ici toute notre satisfaction à Mr. Puig, déjà connu et apprecié dans cette ville.

Pour nous résumer d'une seule phrase, la Compagnie-Cavara est certainement la plus complète qui soit venue ici et qui donne la meilleure interprétation possible ; un genre espagnol ; à ce titre nous la croyons digne d'un concours qui nous a pressé de la part du public de la ville de S. Paul.

Il me reste maintenant à remercier personnellement Tancredi-fait à moi-même par la rédaction de la *Provincia de São Paulo*.

Et je le fais.

A. E.

Fig.18: Texto em francês no espaço folhetim de *A Província de São Paulo* (10/04/1881)

impressão de folhetos, livros, e da produção de material de papelaria, vendido nos escritórios das folhas.

No período analisado, constatou-se que os textos apresentados no rodapé correspondem a dois tipos de produção: uma "literária," composta por contos, lendas, poesia, cenas de teatro, novelas e romances, e outra de "crítica," formada por biografias, ensaios, apreciações literárias, teatrais, musicais, políticas, além de crônicas. Somadas todas as publicações nos dois jornais, tem-se um total de 843 textos, que foram inseridos no rodapé de *O Estado de S. Paulo*, e 495 no caso do *Correio Paulistano*,[86] dados que podem ser melhor visualizados no esquema abaixo:

Quadro I: Produção Crítica e Literária

Jornal	Produção critíca	Produção Literária	Total
Correio Paulistano	289	206	495
O Estado de S. Paulo	565	278	843

Em certos momentos, no entanto, publicavam-se simultaneamente textos diferentes nesse espaço, isto é, oferecia-se ao leitor, de uma só vez, dois romances ou um romance e uma crônica, poesia, biografia etc. O exemplar de *A Província de São Paulo*, de 22 de agosto de 1879, por exemplo, no espaço folhetim de sua primeira página trouxe uma crônica, enquanto o capítulo XII de *Os Dramas da Inquisição*, de Camille Bias, foi publicado no mesmo dia no rodapé da folha subsequente.

2.1 A Produção crítica

Tal produção no espaço folhetim, entre 1875 até 1946 para o *Estado* totalizou 565 textos, enquanto no *Correio*, de 1854 a 1942, chega-se a 289. Deste modo, a produção crítica publicada por ambos os jornais pode ser categorizada conforme se vê abaixo:

Quadro II: Produção Crítica e categorias

[86] O número arrolado no *Correio Paulistano* é baixo se comparado ao *Estado*, pois na pesquisa se fez uma verificação parcial e não total de seu espaço folhetim.

Gênero	**O Estado de S. Paulo**	**Correio Paulistano**
Biografia	10	02
Ensaios	97	47
Literatura	71	02
Teatro e Música	35	08
Política	12	-
Crônica	339	230
Artes	01	-
Total	**565**	**289**

Em relação ao quadro I, percebe-se a multiplicidade de gêneros que fizeram parte do rodapé dos dois jornais. Nos exemplares analisados, algumas categorias foram mais recorrentes em *O Estado de S. Paulo*, do que no *Correio Paulistano*, como no caso das biografias. Um dos primeiros registros do tipo, inclusive, foi dedicado a George Sand, pseudônimo da escritora francesa Amandine Aurore Lucile Dupin, falecida uma semana antes da publicação do texto assinado por Gaspar da Silva. O autor inicialmente fez considerações gerais sobre a avaliação que recebiam as mulheres no campo literário para, em seguida, fornecer dados sobre a vida e trajetória de Sand. Ao fim, Gaspar concluiu que a escritora merecia figurar no panteão dos grandes nomes da produção francesa, pois, "desenvolvia os mais altos problemas sociais e reproduzia os tipos salientes de comédia humana, esclarecendo as virtudes ou censurando-lhes os vícios." [87]

Geralmente as biografias apareciam no rodapé, quando do lançamento de alguma nova obra, momento que o articulista ao invés de apreciar a produção preferia, narrar a trajetória pessoal do autor e inserir trechos selecionados para fundamentar as informações fornecidas. Esse foi o caso de Antonio Carlos de Almeida que, ao escrever sobre Lúcio de Mendonça, reiterou seu propósito: "nota-se, porém uma coisa: eu não estou fazendo crítica. Isto não é mais do que um passeio do espírito pelo gracioso livro de Lúcio de Mendonça (...) agora mesmo estou a aspirar o perfume daquela poesia." [88] Quando do falecimento de um escritor ilustre, a exemplo de José de Alencar, em 1877, o espaço foi ocupado para saudar o morto ilustre, como se vê no texto assinado por Teófilo Dias, que abusou das metáforas para destacar o talento do escritor:

[87] *A Província de São Paulo*, 15 jun. 1876, p. 1.
[88] *A Província de São Paulo*, 31 mai. 1877, p. 1.

> Alencar avulta no mundo do pensamento como o Amazonas entre os rios, e fora difícil dizer qual destes dois filhos do Norte seja mais pujante, se o primeiro no fogo e ardidez das ideias, se o segundo volume e profundeza das águas. E se estas fazem arrebentar do chão úmido e quente das margens, em verdes comoções luxuriosas, vegetações ainda titânicas como as do primeiro dia do mundo, de não menos admiráveis criações fertilizou aquele as praias do pensamento. (*A Província de São Paulo*, 18 dez. 1877, p. 1).

Dias ainda fez uma digressão pelas obras de Alencar, relacionando as tramas com o sentimento de escrever, ao afirmar, por exemplo, que "foi seu sangue que correu do peito de Martim, ferido pela seta afiada e certeira de Iracema, a virgem dos lábios de mel." No que diz respeito à política, Dias enfatizou que não se devia julgar o homem político já que "a morte, na frase do poeta, santifica o passado." [89] Sabe-se que Alencar tinha uma desavença com o Imperador D. Pedro II e, valendo-se do pseudônimo de Erasmo, escreveu várias cartas criticando o sistema político brasileiro, publicadas no *Diário do Rio de Janeiro* em 1865. Cabe destacar que, dentre os que foram reverenciados no rodapé pelos jornais pesquisados, estavam poetas e romancistas, não só brasileiros, mas também franceses e portugueses.

Em relação aos ensaios, a categoria inclui textos de natureza variada que tanto poderiam figurar isolados, quanto tomar a forma de seções no interior do espaço folhetim. Cabe salientar que, no primeiro caso, observou-se a insistência na temática do positivismo, como quando Isidoro Gomes escreveu no rodapé do *Estado* em 1898:

> No tempo presente em que a ciência derrama a jorros a sua luz fecundíssima, em que a observação e a experiência dia a dia subutilizadas nos seus engenhosos meios, alargam cada vez mais assombrosamente o campo dos nossos conhecimentos, removendo para distâncias crescentes o misterioso, quando constantemente vemos as ciências desdobrando-se em novas ciências, que de sua vez se ramificam numerosamente para com mais comodidade se estudarem fenômenos, que demandam uma atenção especial, que remédio senão lavrar o registro do óbito do espiritualismo? É preciso hoje considerá-lo como um morto, que teve em vida seus tempos de áurea celebridade, mas que doravante ficará apenas na história da evolução do pensamento para lembrança dos vindouros (*O Estado de S. Paulo*, 09 jan. 1898, p. 2).

Para o autor, o positivismo contribuiria no sentido de se perceber que o espiritualismo cerceava a liberdade do pensamento, diferente do que fazia o

[89] Idem.

materialismo, defendido por Gomes em seu texto. Este explicaria a natureza por si mesma, buscando a interpretação dos fenômenos a partir de leis que regeriam a matéria. Assim, a concepção que o materialismo tinha da natureza era "essencialmente evolutiva, progressista, suscetível de se desenvolver até o infinito." O positivismo conquistava cada vez mais adeptos no último quartel do século XIX, visto que um conjunto expressivo de homens de letras engajaram-se no movimento, conforme destacou Alfredo Bosi. [90] Esses ensaios acabavam por evidenciar o alcance que as ideias positivistas adquiriam, sobretudo, após o fim do Império e nos anos iniciais da República.

Quanto aos ensaios publicados em seções no espaço folhetim, havia temas relacionados à agricultura, medicina, ciências e história. No *Correio Paulistano*, durante um longo período, publicou-se o *Folhetim Agrícola*, que era precedido por um sumário, e cujo conteúdo transmitia orientações sobre a rotação de culturas, cultivo de sementes, precaução com moléstias, tipos de armazenamento de grãos e cereais etc. Já no jornal *O Estado de S. Paulo*, entre 1896 e 1897, encontram-se os títulos *Agricultura e Um pouco de ciência*. [91]

O primeiro, *Agricultura*, não era assinado e trazia assuntos relacionados às cooperações agrícolas, técnicas de fertilização do solo, enfermidades de animais, estudos florestais e a questão operária. Quanto a esse último, é interessante assinalar que o autor deixou claro que os romances e as últimas modas de Paris não eram mais os únicos elementos a atravessar o Atlântico. As questões políticas, econômicas e sociais também eram discutidas, de modo a "elevar a América do Sul, a altura dos países civilizados da Europa." E uma dessas indagações consistia no movimento operário, que alguns julgavam um problema para um futuro ainda distante, enquanto outros

[90] Segundo consta, até mesmo uma Sociedade Positivista foi fundada pelo professor de matemática do Colégio D. Pedro II, Oliveira Guimarães, em 1876, a qual aderiram nomes como Benjamin Constant, Joaquim Ribeiro da Mendonça, Miguel Lemos e Teixeira Mendes. Os dois últimos após uma temporada em Paris passaram a integrar o grupo de ouvintes de Pierre Laffitte, sucessor oficial de Auguste Comte (1798-1857). Ver BOSI, Alfredo. O Positivismo no Brasil: Uma ideologia de longa duração. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.) *Do Positivismo à Desconstrução: Ideias Francesas na América*. São Paulo: EDUSP, 2004, p. 21.

[91] Não era raro que assuntos candentes fossem abordados sem se constituírem propriamente num ensaio, a exemplo do que ocorreu com a temática sanitarista, abordada quando o escritório de *O Estado de S. Paulo* recebeu o primeiro volume de *Estudos de Higiene*, elaborado pelo Dr. Torquato Tapajoz em 1897. O articulista, além de pontuar as principais questões do livro, aproveitou a oportunidade para emitir sua opinião acerca da questão.

creditavam que era urgente enfrentar o que poderia "tomar rapidamente um incremento imprevisto e por em sério perigo a industrial nacional", pois, "os socialistas da escola de Karl Marx" insistiam em criticar os resultados sociais do avanço tecnológico:

> É estranho por certo que o progresso científico, as invenções mais admiráveis e as descobertas mais esplêndidas do gênero humano sejam convertidas, às vezes, em instrumentos prejudiciais a uma parte dos homens. Este fenômeno não pode explicar-se a não ser pela péssima organização de uma sociedade, em que algum vício grave permita uma invenção, em si mesmo boa e assumidamente útil, não possa prestar os benefícios que dela se deviam e podiam esperar. Não será falsa a base da organização social que põem em luta, de um lado a ciência e a razão, contra o interesse e a mesma existência dos operários, de outro? (*O Estado de S. Paulo*, 20/01/1896, p. 1)

É curioso que tal ponderação estivesse inserida na seção *Agricultura*, visto discutir algo que fugia dos temas agrícolas abordados até então. Entretanto, os debates em torno das teorias de Marx sobre a sociedade e a economia, estavam fortemente em circulação desde o lançamento do Manifesto Comunista em 1848 e não se arrefeceram mesmo após a morte do filósofo. Além disso, alguns positivistas participaram ativamente dos congressos operários realizados na França e, ao lado de marxistas, aprovaram propostas em prol dos trabalhadores, que foram oficializadas no século XX, quando da criação do Ministério do Trabalho francês. Certamente, o autor da seção *Agricultura*, presente no espaço folhetim, estava ciente do quadro que se desenrolava na Europa em torno da questão, por isso o interesse em fazer um ensaio a respeito.

O segundo título denominado *Um pouco de ciência*, que também era uma coletânea de ensaios presente no espaço folhetim, demonstrava claramente o preceito positivista de que o progresso da humanidade dependia exclusivamente dos avanços científicos. Essa vertente defendia que o conhecimento por meio da ciência era a única forma de se chegar à verdade. Os temas abordados na seção eram variados e relatavam desde os fenômenos que o corpo apresentava na hora da morte até o modo como a ciência poderia auxiliar no preparo dos alimentos a partir da utilização do aquecimento elétrico nas cozinhas.

A tabela apresentada inclui também os textos críticos veiculados no espaço folhetim, que tinham por finalidade analisar obras literárias recentemente publicadas, peças teatrais e concertos. E apesar de o rodapé ser, supostamente, um local que não deveria figurar apreciações políticas, nota-se que em algumas oportunidades, ainda que o número não seja tão expressivo no período (doze textos para o *Estado* e nenhum para

os exemplares pesquisados do *Correio*) houve escritos que se dedicaram a fazer um exame de situação política da época. Alguns tinham por mote as classes diretoras e dirigidas, a República, as eleições e o voto, ocasião em que se aproveitava para atacar a monarquia:

> Mas valha a verdade, na sociedade brasileira, em que os governos não emanam da fonte pura da soberania nacional e sim do favoritismo degradante do paço, onde fervilham os apaniguados subservientes do monarca, os estadistas só usam dos termos para produzir efeitos retóricos e de declamações empáticas, com que procuram criminosamente embair a opinião pública no fervor entusiasta das patriotadas. (...) O novo regime eleitoral em que entramos, tem a vantagem de ter aumentado o número dos eleitores e a desvantagem de ter privado do direito de voto muitos que já dele gozavam. (*A Província de São Paulo*, 08/03/1881, p. 1)

Dentre as críticas apresentadas no espaço folhetim, as de maior número eram às literárias, totalizando mais de setenta ocorrências, com conteúdo bem variado, que continham desde balanços sobre a presença de determinadas correntes políticas na produção dos escritores, como o engajamento no abolicionismo, resenhas e até discordância entre os colaboradores, que usavam o espaço do folhetim para trocar farpas. Foi o caso de "L" que resolveu, em abril de 1876, provocar Gaspar da Silva, que assinava o rodapé de *A Província*. A discórdia consistia no fato de Silva ter insistentemente anunciado o fim do sentimentalismo, assertiva da qual L discordava e, sem pestanejar, desafiava:

> Quando me empenhei nessa controvérsia, procurei logo referir aos princípios gerais a ponto que se discute, e de harmonia com o que me parece a verdade em estética, expus uma opinião que era, pelo menos, claramente deduzida. O meu ilustre contendor não aceita a discussão no terreno que lhe proponho, não destrói as ideias gerais que ofereço como ponto de partida, acha inaceitável as minhas conclusões porque são contrárias as suas, mas não indagam quais sejam as que decorrem das verdadeiras regras da ciência do belo. (...) Reproduzimos a pergunta: 'será belo o lirismo?' (...) Se é belo, com que autoridade exclui-lo do domínio da poesia? Responda Gaspar Silva (*A Província de São Paulo*, 23 abr. 1876, p. 1).

Não se encontrou explicitamente a resposta do escritor a tal indagação. No entanto, a publicação subsequente de Silva foi um conto denominado *Romance de bebê*, dedicado a José Maria Lisboa e no qual se contava a história de uma criança muito mimada pela família, que tinha "todas as vontades e todos os caprichos satisfeitos

imediatamente". [92] Não se pode afirmar, com certeza, que tal narrativa foi o modo pelo qual Gaspar revidou a provocação e nem mesmo se o colaborador L era o pseudônimo de Lisboa, mas o fato é que situações semelhantes repetiam-se na crítica literária presente no espaço folhetim, o que permite conhecer as pautas debatidas pelos homens de letras da época.

Em relação às resenhas, quase sempre referiam-se a obras lançadas por autores nacionais, não raro poesias. As análises seguiam-se à publicação, como foi o caso em 1881, de Alcides Lima, que escreveu sobre *O Mulato*, de Aluízio de Azevedo. O trabalho, hoje considerado marco do naturalismo no Brasil era, na opinião do resenhista, "misto de naturalismo e romantismo, (...) é antes a expressão viva do trabalho mental do autor, do que a análise minuciosa e rigorosa da realidade." Além do que, asseverava:

> O *Mulato* é um romance sem mérito na parte em que se serve dos velhos processos do convencionalismo romântico (...) combate o preconceito brasileiro que tranca as portas da família aos descendentes de escravos. Nada mais justo, nem mais digno de arte. O combate será, porém, inútil e ridículo, se for travado com armas sentimentais, frases declamatórias, bombas retóricas, tiradas convencionais e românticas. (...) O naturalismo matou-se (*A Província de São Paulo*, 26 mai. 1881, p. 1).

Assim, percebe-se que, embora na maior parte das vezes as resenhas tivessem mais o sentido de dar a conhecer o que vinha a público, também assumiam tom agressivo e desmereciam a obra lançada. Em menor escala, conforme se observa no segundo gráfico, também havia críticas dos espetáculos teatrais e musicais em cartaz na capital paulista ou em Campinas, que recebia muitas das apresentações levadas a efeito na capital. Registravam-se os convidados ilustres, conforme se observa na *Província* em julho de 1877, a respeito da apresentação da orquestra de Campinas no teatro São Carlos, que contou com o Conde D'Eau. [93]

Um dos concertos que mereceu destaque não só na *Província* mas também no *Correio*, foi protagonizado por Eugenio Dangremont, violinista brasileiro de oito anos de idade, popularmente conhecido como a "criança artista". Segundo um dos comentaristas, o menino era "de feições atraentes e porte delicado, cabelos crespos [que] emolduravam-lhe o rosto. Vestia um bonito costume *marrom-fauve*, que lhe

[92] *A Província de São Paulo*, 25 mai. 1876, p. 1.
[93] *A Província de São Paulo*, 22 jul. 1877, p. 1.

assentava as maravilhas." [94] Enquanto que para o outro articulista, o garoto era "uma glória brasileira que merece a honrosa curiosidade do público desta cidade." [95] É interessante que, em ambos os jornais, outros prodígios foram saudados e comparados ao talento de Dangremont. Se o crítico de a *Província* lembrou-se de Paulo Julien, que havia começado a tocar na Europa com a mesma idade e que se tornara "um artista, amestrado por sérios estudos, que desabrochara em todo o seu viço e esplendor," o do *Correio* foi além e apontou o desempenho do menino no mesmo nível de Joseph Haydn, compositor austríaco falecido em 1809.

Contudo, a maior parte dessa subcategoria era composta de críticas teatrais, que avaliavam as peças em cartaz, com particular destaque para a cidade de São Paulo e, mais raramente, do exterior, caso o colaborador tivesse recentemente assistido algum espetáculo fora do país. Avaliava-se a atuação dos artistas, sua postura no palco e o desempenho em cada ato, conforme o fez o colaborador de *A Província* ao se referir ao protagonista de *O Paralítico*:

> O Sr. Antonio Pedro dá-nos um Jeronymo Peira às direitas. Dai em diante, o artista não desmente um só instante a expectativa, mas é no terceiro ato, principalmente no quarto e no quinto que ele revela-se em seu inteiro brilho. E o que mais me satisfaz é a naturalidade contínua, na palavra, no gesto, em tudo (*A Província de São Paulo*, 27 set. 1876, p. 1).

Apreciações tão específicas ocupavam a quase totalidade do texto, ao que se acrescia, por vezes, explicações sobre a composição das peças, seus argumentos e comentários sobre os autores, o que era comum em peças clássicas, como as de Shakespeare, em que se publicava e analisava trechos da obra. Nota-se que, as décadas de 1870 e 1880, foram as mais férteis em críticas teatrais, quiçá pela passagem de várias companhias dramáticas pelos palcos brasileiros, sem esquecer que o teatro era então a principal forma de entretenimento coletivo.

Entretanto, este espaço acolhia, sobretudo, crônicas, tanto que *O Estado de S. Paulo* publicou 339 textos desse gênero, enquanto no *Correio Paulistano,* que não foi analisado integralmente, chega-se a 230. Não era raro que a condição de cronista e de folhetinista fosse tematizada. Diferentemente da França, onde os termos não se

[94] *A Província de São Paulo*, 20 jun. 1875, p. 1.
[95] *Correio Paulistano*, 08 jun. 1875, p. 1.

confundiam, no Brasil eles eram intercambiáveis, tanto que era frequente o folhetinista afirmar que escrevia crônica e o cronista chamar seu texto de folhetim. A despeito da tentativa de explicar o sentido de cada termo para o público, não quer dizer que as diferenças fossem de fácil compreensão para os leitores.

Em 1859 Machado de Assis, ao referir-se às figuras que circulavam pela redação dos jornais, descreveu alguns tipos característicos, entre eles estava o folhetinista, que seria uma "planta europeia que dificilmente se tem aclimatado entre nós." [96] Na sua concepção, tal personagem era a fusão do útil e do fútil, do sério e do frívolo e apesar desses conceitos pertencerem a polos heterogêneos, combinavam perfeitamente e completavam o perfil do folhetinista. Machado não deixou de apontar que tipo de espaço esse indivíduo preenchia na sociedade e para tanto valeu-se da imagem de um passarinho:

> O folhetinista (...) ocupa o lugar de colibri na esfera vegetal, salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo mundo lhe pertence, até mesmo a política. Assim aquinhoado, pode-se dizer que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo e a *bas-bleus* para aplaudi-lo.

O cronista também possuía atributos muito semelhantes aos do folhetinista, pois estava em todos os lugares e acompanhava todos os fatos, tinham a liberdade de mudar de assunto conforme interessasse, de modo a registrar todos os instantes em sua crônica/folhetim, conforme se lê no seguinte texto não assinado de *A Província*:

> O dever de cronista obriga-me a dar um salto brusco, do cemitério do provisório, tão perto, tão intimamente se ligam as coisas desse mundo: tão facilmente a lágrima se enlaça ao riso. Confesso, com tudo, que desta vez dou o salto com repugnância, e de certo eu não daria, se estas páginas escritas à ligeira, de fugida, sem pretensão, não fossem destinadas a fotografar, embora em pálidos relances, os acontecimentos da semana, desde os arrepios trágicos, até os desplantes jocosos. (*A Província de São Paulo*, 01/09/1878, p. 1)

Machado de Assis não escreveu apenas sobre quem era o folhetinista. Em outro texto, utilizando o pseudônimo de Manassés, forneceu definição bem humorada sobre o nascimento da crônica, ainda que não tenha se referido aos atributos do cronista:

[96] ASSIS, Machado de. O folhetinista. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. O texto foi publicado originalmente no jornal *O Espelho* entre setembro e outubro de 1859.

> Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica: mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Um dia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopando que as ervas que comera. Passar das ervas as plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica. [97]

Segundo Machado, a crônica teria nascido de uma espécie de miscelânea de assuntos, um desencadeando outro e dando margem à debates acerbos. Sabe-se que a crônica no Brasil surgiu a partir da fusão dos textos que ocupavam o rodapé dos jornais, no qual se mesclavam política e assuntos gerais da semana, discutidos literariamente. [98] Assim, as crônicas publicadas no espaço folhetim poderiam constituir-se em textos corridos, sem autoria ou assinadas por pseudônimos e não necessariamente por autores que eram colaboradores assíduos, como foi o caso da crônica estampada em 14 de janeiro de 1877, na *Província*, assinada pelo codinome "D.S", que escreveu por solicitação do matutino. Muitos explicitavam no próprio texto o convite, como se vê no caso de Ferreira de Menezes: "pedes-me um folhetim, Américo de Campos. Exiges que de improviso, mais uma vez estrague um pouco de papel da imprensa paulista. Mas tu és um homem insuportável, um tipo impossível." [99]

Outras crônicas, ainda que alocadas na rubrica folhetim, recebiam títulos específicos e podiam mesmo assumir o formato de seções. A escolha dos nomes aponta para a intenção de dar conta dos fatos da semana, como sugeria *Prédicas Semanais*, assinada por José Leão, e *A Semana*, de F. de M, na *Província.* Comentar o que acontecia na Corte era frequente, a exemplo das crônicas de *A Semana Fluminense*, publicadas no mesmo jornal, sob responsabilidade de Luiz de Andrade, graças a qual os leitores paulistas eram informados dos eventos ocorridos no Rio de Janeiro, fossem eles de cunho cultural, social ou político.

Por vezes, adotavam-se títulos que remetiam à temporalidade da publicação, como *Aos domingos*, escrito por Olival, ou de *Sete em sete dias*, de Euphor, ambos na

---

[97] MANASSÉS. História de quinze dias. *Ilustração Brasileira*, 01 nov. 1877, p. 142-143.

[98] GRANJA, Lúcia. Folhetins d'aquém e d'além-mar: a formação da crônica no Brasil. In: MOTTA, S; BUSATO, S. *Figurações contemporâneas do espaço da literatura*. São Paulo: Editora Unesp. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

[99] *A Província de S. Paulo*, 17 jul.1878, p. 1.

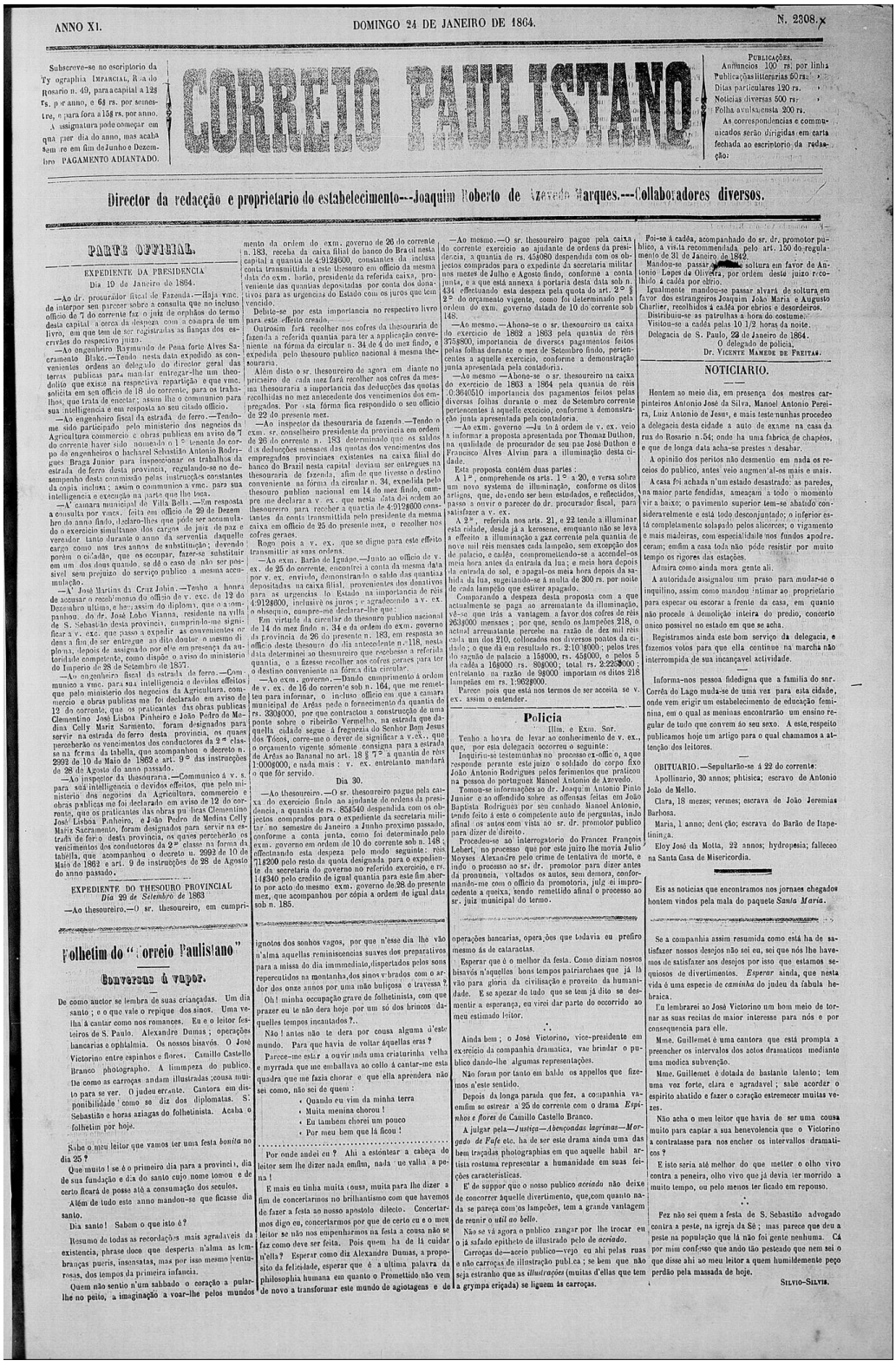
Província. No *Correio Paulistano*, publicavam-se as seções *As quintas-feiras,* de Valentim de Ramalho, e *No folhetim do domingo*, por J.V. Também frequentes eram as denominações que remetiam à ideia de textos rápidos, como *Conversas a vapor*, de Silvio Silvis (*Correio*), ou *Notas a lápis*, de Navarro de Andrade (*Província*). Outros tinham a intenção de fazer sua colaboração parecer ter sido escrita ao acaso, sem uma prévia preparação e planejamento, tanto que portavam nomes como *A Esmo*, *De Relance*, *Devaneios* (*A Província de São Paulo*), *Horas Vagas* e *Páginas Soltas* (*O Correio Paulistano*).

Dentre as presentes em ambos os jornais, contabilizou-se, para a segunda metade do XIX, nove seções assiduamente publicadas na *Província* e onze no *Correio*. Em média, duravam no espaço folhetim de um a dois anos e sempre eram assinadas pelo mesmo colaborador, com uma única exceção. Ao final da crônica apresentada na seção *Em falta de Melhor*, "Smarra" alertou aos leitores que "o proprietário destas colunas, o espirituoso Alfredo Cramer, está ausente e somente em sua falta, atrevi-me a tomar seu lugar." [100] É interessante notar que, no caso de *A Província de São Paulo*, houve um predomínio de crônicas elencadas em seções, sobretudo, entre 1877 a 1888, após essa data a prática de inserir seções nesse espaço só foi episodicamente retomada na década de 1890. No caso do *Correio Paulistano*, a maioria figurou entre 1860 e 1880, sendo que após esse período, o jornal trouxe uma única seção regular de crônicas no espaço folhetim no decênio de 1890, intitulada *Às quintas-feiras* e subscrita por Valentim Ramalho.

Cabe destacar que algumas crônicas possuíam dedicatórias que podiam ser uma homenagem a um colega do círculo intelectual do autor ou mesmo o oposto, assumir uma forma irônica e associar alguém a um tema polêmico ou em voga. Boa parte dos textos eram antecedidos por uma espécie de resumo, no qual se revelavam em duas ou três linhas, os temas que seriam abordados. Os assuntos vinham separados por elementos gráficos, de forma a evidenciar ao leitor a mudança de temática.

A maior parte dos autores costumava referir-se ao lugar em que escreviam (escritório ou quarto) e as condições do tempo (chuvas imprevistas, frio excessivo, ventanias etc.), a exemplo do que fez "L", cuja crônica para a *Província,* datada de 11

[100] *Correio Paulistano*, 26 ago.1866, p. 1.



ANNO XI. DOMINGO 24 DE JANEIRO DE 1864. N. 2308.

Subscreve-se no escriptorio da Typographia Imparcial, Rua do Rosario n. 49, para a capital a 12$ rs. por anno, e 6$ rs. por semestre, e para fora a 15$ rs. por anno.
A assignatura pode começar em qualquer dia do anno, mas acaba sempre em fim de Junho e Dezembro. PAGAMENTO ADIANTADO.

CORREIO PAULISTANO

Publicações.
Annuncios 100 rs. por linha
Publicações litterarias 60 rs. »
Dias particulares 120 rs. »
Noticias diversas 500 rs. »
Folha avulsa ensta 200 rs.
As correspondencias e communicados serão dirigidas em carta fechada ao escriptorio da redacção:

Director da redacção e proprietario do estabelecimento---Joaquim Roberto de Azevedo Marques.---Collaboradores diversos.

PARTE OFFICIAL.

EXPEDIENTE DA PRESIDENCIA
Dia 19 de Janeiro de 1864.

—Ao dr. procurador fiscal da Fazenda.—Haja vmc. de interpor seu parecer sobre a consulta que no incluso officio de 7 do corrente faz o juiz de orphãos do termo desta capital a cerca da despeza com a compra de um livro, em que tem de ser registradas as fianças dos escrivães do respectivo juizo.

—Ao engenheiro Raymundo de Pena forte Alves Sacramento Blake.—Tendo nesta data expedido as convenientes ordens ao delegado do director geral das terras publicas para mandar entregar-lhe um theodolito que exista na respectiva repartição e que vmc. solicita em seu officio de 18 do corrente, para os trabalhos, que trata de encetar; assim lho o communico para sua intelligencia e em resposta ao seu citado officio.

—Ao engenheiro fiscal da estrada de ferro.—Tendo-me sido participado pelo ministerio dos negocios da Agricultura commercio e obras publicas em aviso de 7 do corrente haver sido nomeado o 1° tenente do corpo de engenheiros o bacharel Sebastião Antonio Rodrigues Braga Junior para inspecionar os trabalhos da estrada de ferro desta provincia, regulando-se no desempenho desta commissão pelas instrucções constantes da copia inclusa; assim o communico a vmc. para sua intelligencia e execução na parte que lhe toca.

—A camara municipal de Villa Bella.—Em resposta a consulta por vmcs. feita em officio de 29 de Dezembro do anno findo, declaro-lhes que póde ser accumulado o exercicio simultaneo dos cargos de juiz de paz e vereador tanto durante o anno da serventia daquelle cargo como nos tres annos de substituição; devendo porém o eleitado, que os occupar, fazer-se substituir em um dos dous quando se dê o caso de não ser possivel sem prejuizo do serviço publico a mesma accumulação.

—A' José Martins da Cruz Jobim.—Tenho a honra de accusar o recebimento do officio de v. exc. de 12 do Dezembro ultimo, e bem assim do diploma, que o acompanhou, do dr. José Lobo Vianna, residente na villa de S. Sebastião desta provincia, cumprindo-me significar a v. exc. que passo a expedir as convenientes ordens a fim de ser entregue ao dito doutor o mesmo diploma, depois de assignado por elle em presença da autoridade competente, como dispõe o aviso do ministerio do Imperio de 28 de Setembro de 1857.

—Ao engenheiro fiscal da estrada de ferro.—Communico a vmc. para sua intelligencia e devidos effeitos que pelo ministerio dos negocios da Agricultura, commercio e obras publicas me foi declarado em aviso de 12 do corrente, que os praticantes das obras publicas Clementino José Lisboa Pinheiro e João Pedro de Medina Celly Mariz Sarmento, foram designados para servir na estrada de ferro desta provincia, os quaes perceberão os vencimentos dos conductores da 2ª classe na forma da tabella, que acompanhou o decreto n. 2992 de 10 de Maio de 1862 e art. 9° das instrucções de 28 de Agosto do anno passado.

—Ao inspector da thesouraria.—Communico á v. s. para sua intelligencia e devidos effeitos, que pelo ministerio dos negocios da Agricultura, commercio e obras publicas me foi declarado em aviso de 12 do corrente, que os praticantes das obras publicas Clementino José Lisboa Pinheiro, e João Pedro de Medina Celly Mariz Sacramento, foram designados para servir na estrada de ferro desta provincia, os quaes perceberão os vencimentos dos conductores da 2ª classe na forma da tabella, que acompanhou o decreto n. 2992 de 10 de Maio de 1862 e art. 9 de instrucções de 28 de Agosto do anno passado.

EXPEDIENTE DO THESOURO PROVINCIAL
Dia 20 de Setembro de 1863

—Ao thesoureiro.—O sr. thesoureiro, em cumprimento da ordem do exm. governo de 26 do corrente n. 183, receba da caixa filial do banco do Brazil nesta capital a quantia de 4:912$600, constantes da inclusa conta transmittida a este thesouro em officio da mesma data do exm.: barão, presidente da referida caixa, proveniente das quantias depositadas por conta dos donativos para as urgencias do Estado com os juros que tem vencido.

Debite-se por esta importancia no respectivo livro para este effeito creado.

Outrosim fará recolher nos cofres da thesouraria de fazenda a referida quantia para ter a applicação conveniente na forma da circular n. 34 de 4 do mez findo, e expedida pelo thesouro publico nacional á mesma thesouraria.

Além disto o sr. thesoureiro de agora em diante no principio de cada mez fará recolher aos cofres da mesma thesouraria a importancia das deducções das quotas recolhidas no mez antecedente dos vencimentos dos empregados. Por esta fórma fica respondido o seu officio de 22 do presente mez.

—Ao inspector da thesouraria de fazenda.—Tendo o exm. sr. conselheiro presidente da provincia em ordem de 26 do corrente n. 183 determinado que os saldos do corrente haver sido nomeado o 1° tenente do corpo de engenheiros o bacharel Sebastião Antonio Rodrigues Braga Junior para inspecionar os trabalhos da estrada de ferro desta provincia, regulando-se no desempenho desta commissão pelas instrucções constantes da copia inclusa; assim o communico a vmc. para sua intelligencia e execução na parte que lhe toca.

—A' camara municipal de Villa Bella.—Em resposta a consulta por vmcs. feita em officio de 29 de Dezembro do anno findo, declaro-lhes que póde ser accumulado o exercicio simultaneo dos cargos de juiz de paz e vereador tanto durante o anno da serventia daquelle cargo como nos tres annos de substituição; devendo porém o eleitado, que os occupar, fazer-se substituir em um dos dous quando se dê o caso de não ser possivel sem prejuizo do serviço publico a mesma accumulação.

—A' José Martins da Cruz Jobim.—Tenho a honra de accusar o recebimento do officio de v. exc. de 12 do Dezembro ultimo, e bem assim do diploma, que o acompanhou, do dr. José Lobo Vianna, residente na villa de S. Sebastião desta provincia, cumprindo-me significar a v. exc. que passo a expedir as convenientes ordens a fim de ser entregue ao dito doutor o mesmo diploma, depois de assignado por elle em presença da autoridade competente, como dispõe o aviso do ministerio do Imperio de 28 de Setembro de 1857.

—Ao engenheiro fiscal da estrada de ferro.—Communico a vmc. para sua intelligencia e devidos effeitos que pelo ministerio dos negocios da Agricultura, commercio e obras publicas me foi declarado em aviso de 12 do corrente, que os praticantes das obras publicas Clementino José Lisboa Pinheiro e João Pedro de Medina Celly Mariz Sarmento, foram designados para servir na estrada de ferro desta provincia, os quaes perceberão os vencimentos dos conductores da 2ª classe na forma da tabella, que acompanhou o decreto n. 2992 de 10 de Maio de 1862 e art. 9° das instrucções de 28 de Agosto do anno passado.

—Ao inspector da thesouraria.—Communico á v. s. para sua intelligencia e devidos effeitos, que pelo ministerio dos negocios da Agricultura, commercio e obras publicas me foi declarado em aviso de 12 do corrente, que os praticantes das obras publicas Clementino José Lisboa Pinheiro, e João Pedro de Medina Celly Mariz Sacramento, foram designados para servir na estrada de ferro desta provincia, os quaes perceberão os vencimentos dos conductores da 2ª classe na forma da tabella, que acompanhou o decreto n. 2992 de 10 de Maio de 1862 e art. 9 de instrucções de 28 de Agosto do anno passado.

EXPEDIENTE DO THESOURO PROVINCIAL
Dia 20 de Setembro de 1863

—Ao thesoureiro.—O sr. thesoureiro, em cumprimento da ordem do exm. governo de 26 do corrente n. 183, receba da caixa filial do banco do Brazil nesta capital a quantia de 4:912$600, constantes da inclusa conta transmittida a este thesouro em officio da mesma data do exm.: barão, presidente da referida caixa, proveniente das quantias depositadas por conta dos donativos para as urgencias do Estado com os juros que tem vencido.

Debite-se por esta importancia no respectivo livro para este effeito creado.

Outrosim fará recolher nos cofres da thesouraria de fazenda a referida quantia para ter a applicação conveniente na fórma da circular n. 34 de 4 do mez findo, e expedida pelo thesouro publico nacional á mesma thesouraria.

Além disto o sr. thesoureiro de agora em diante no principio de cada mez fará recolher aos cofres da mesma thesouraria a importancia das deducções das quotas recolhidas no mez antecedente dos vencimentos dos empregados. Por esta fórma fica respondido o seu officio de 22 do presente mez.

—Ao inspector da thesouraria de fazenda.—Tendo o exm. sr. conselheiro presidente da provincia em ordem de 26 do corrente n. 183 determinado que os saldos das deducções mensaes das quotas dos vencimentos dos empregados provinciaes existentes na caixa filial do banco do Brazil nesta capital deviam ser entregues na thesouraria de fazenda, afim de que tivesse o destino conveniente na fórma da circular n. 34, expedida pelo thesouro publico nacional em 14 do mez findo, cumpre me declarar a v. ex. que nesta data foi ordem ao thesoureiro para recolher a quantia de 4:912$600 constantes da conta transmittida pelo presidente da mesma caixa em officio de 25 do presente mez, o recolher nos cofres geraes.

Rogo pois a v. ex. que se digne para este effeito transmittir as suas ordens.

—Ao exm. Barão de Iguape.—Junto ao officio de v. ex. de 25 do corrente, encontrei a conta da mesma data por v. ex. enviado, demonstrando o saldo das quantias depositadas na caixa filial, provenientes dos donativos para as urgencias do Estado na importancia de réis 4:912$600, inclusivé os juros; e agradecendo a v. ex. o obsequio, cumpre-me declarar-lhe que:

Em virtude da circular do thesouro publico nacional de 14 do mez findo n. 34 e da ordem do exm. governo da provincia de 26 do presente n. 183, em resposta ao officio desta thesouro do dia antecedente n. 118, nesta data determinei ao thesoureiro que recebesse a referida quantia, e a fizesse recolher aos cofres geraes para ter o destino conveniente na fórma dita circular.

—Ao exm. governo.—Dando cumprimento á ordem de v. ex. de 16 do corren'e sob n. 164, que me remetteu para informar, o incluso officio em que a camara municipal de Arêas pede o fornecimento da quantia de rs. 300$000, por que contractou a construcção de uma ponte sobre o ribeirão Vermelho, na estrada que daquella cidade segue á freguezia do Senhor Bom Jesus dos Tôres, cumpre-me o dever de significar a v. ex., que o orçamento vigente sómente consigna para a estrada de Arêas ao Bananal no art. 18 § 7° a quantia de réis 1:000$000, e nada mais: v. ex. entretanto mandará o que fôr servido.

Dia 30.

—Ao thesoureiro.—O sr. thesoureiro pague pela caixa do exercicio findo ao ajudante de ordens da presidencia, a quantia de rs. 858$540 despendida com os objectos comprados para o expediente da secretaria militar no semestre de Janeiro a Junho proximo passado, conforme a conta junta, como foi determinado pelo exm. governo em ordem de 10 do corrente sob n. 148; effectuando esta despeza pelo modo seguinte: réis 718$200 pelo resto da quota designada para o expediente da secretaria do governo no referido exercicio, e rs. 140$340 pelo credito de igual quantia para este fim aberto por acto do mesmo exm. governo de 28 do presente mez, que acompanhou por cópia a ordem de igual data sob n. 185.

—Ao mesmo.—O sr. thesoureiro pague pela caixa do corrente exercicio ao ajudante de ordens da presidencia, a quantia de rs. 454$080 despendida com os objectos comprados para o expediente da secretaria militar nos mezes de Julho e Agosto findo, conforme a conta junta, e a que está annexa á portaria desta data sob n. 434 ; effectuando esta despeza pela quota do art. 2° § 2° do orçamento vigente, como foi determinado pela ordem do exm. governo datada de 10 do corrente sob 148.

—Ao mesmo.—Ahone-se o sr. thesoureiro na caixa do exercicio de 1862 a 1863 pela quantia de réis 375$800, importancia de diversos pagamentos feitos pelas folhas durante o mez de Setembro findo, pertencentes a aquelle exercicio, conforme a demonstração junta apresentada pela contadoria.

—Ao mesmo.—Ahone-se o sr. thesoureiro na caixa do exercicio de 1863 a 1864 pela quantia de réis 1:036$510 importancia dos pagamentos feitos pelas diversas folhas durante o mez de Setembro corrente pertencentes á aquelle exercicio, conforme a demonstração junta apresentada pela contadoria.

—Ao exm. governo.—Ju to á ordem de v. ex. veio a informar a proposta apresentada por Thomaz Dulhon, na qualidade de procurador de seu pae José Duthon e Francisco Alves Alvim para a illuminação desta cidade.

Esta proposta contém duas partes:

A 1ª, comprehende os arts. 1° a 20, e versa sobre um novo systema de illuminação, conforme osditos artigos, que, decendo ser bem estudados, e reflectidos, passo a ouvir o parecer do dr. procurador fiscal, para satisfazer a v. ex.

A 2ª, referida nos arts. 21, e 22 tende a illuminar esta cidade, desde já a kerosene, enquanto não se leva a effeito a illuminação a gaz corrente pela quantia de nove mil réis mensaes cada lampeão, sem excepção dos de palacio, e cadêa, comprometendo-se a accender-os meia hora antes da entrada da lua; e meia hora depois da entrada do sol, e apagal-os meia hora depois da sahida da lua, sugeitando-se á multa de 30$ rs. por noite de cada lampeão que estiver apagado.

Comparando a despeza desta proposta com a que actualmente se paga ao arrematante da illuminação, vê-se que tras a vantagem a favor dos cofres de réis 263$000 mensaes; por que, sendo os lampeões 218, o actual arrematante percebe na razão de dez mil reis cada um dos 210, collocados nos diversos pontos da cidade; o que dá em resultado rs. 2:100$000; pelos tres do sagrado de palacio a 15$000, rs. 45$000, e pelos 5 da cadêa a 18$000 rs. 90$000; total rs. 2:235$000; entretanto na razão de 9$000 importam os ditos 218 lampeões em rs. 1:962$000.

Parece pois que está nos termos de ser acceita se v. ex. assim o entender.

Policia

Illm. e Exm. Snr.

Tenho a honra de levar ao conhecimento de v. ex., que, por esta delegacia occorreu o seguinte:

Inquiriu-se testemunhas no processo ex-officio, a que respondeu perante este juizo o soldado do corpo fixo João Antonio Rodrigues pelos ferimentos que praticou na pessoa do portuguez Manoel Antonio de Azevedo.

Tomou-se informações ao dr. Joaquim Antonio Pinto Junior e ao offendido sobre as offensas feitas em João Baptista Rodrigues por seu cunhado Manoel Antonio, tendo feito á este o competente auto de perguntas, indo afinal os autos com vista ao sr. dr. promotor publico para dizer de direito.

Procedeu-se ao interrogatorio do Francez François Albert, no processo que por este juizo lhe move a Julio Moyses Alexandre pelo crime de tentativa de morte, e indo o processo ao sr. dr. promotor para dizer antes da pronuncia, voltados os autos, sem demora, conformando-me com o officio da promotoria, julg ei improcedente a queixa, sendo remettido afinal o processo ao sr. juiz municipal do termo.

Foi-se á cadêa, acompanhado do sr. dr. promotor publico, a visita recommendada pelo art. 150 do regulamento de 31 de Janeiro de 1842.

Mandou-se passar a competente soltura em favor de Antonio Lopes de Oliveira, por ordem deste juizo recolhido á cadêa por ebrio.

Igualmente mandou-se passar alvará de soltura em favor dos estrangeiros Joaquim João Maria e Augusto Charlier, recolhidos á cadêa por ebrios e desordeiros.

Distribuiu-se as patrulhas a hora do costume.

Visitou-se a cadêa pelas 10 1/2 horas da noite.

Delegacia de S. Paulo, 23 de Janeiro de 1864.

O delegado de policia,
Dr. Vicente Mamede de Freitas.

NOTICIARIO.

Hontem ao meio dia, em presença dos mestres carpinteiros Antonio José da Silva, Manoel Antonio Pereira, Luiz Antonio de Jesus, e mais testemunhas procedeo a delegacia desta cidade a auto de exame na casa da rua do Rosario n. 54; onde ha uma fabrica de chapéos, e que de longa data acha-se prestes a desabar.

A opinião dos peritos não desmentio em nada os receios do publico, antes veio augmental-os mais e mais.

A casa foi achada n'um estado desastrado: as paredes, na maior parte fendidas, ameaçam a todo o momento vir a baixo; o pavimento superior tem-se abatido consideravelmente e está todo desconjuntado; o inferior está completamente solapado pelos alicerces; o vigamento é mais madeiras, com especialidade nos fundos apodreceram; emfim a casa toda não póde resistir por muito tempo ás rigores das estações.

Admira como ainda mora gente ali.

A autoridade assignalou um praso para mudar-se o inquilino, assim como mandou intimar ao proprietario para especar ou escorar a frente da casa, em quanto não procede á demolição inteira do predio, concerto unico possivel no estado em que se acha.

Registramos ainda este bom serviço da delegacia, e fazemos votos para que ella continue na marcha não interrompida de sua incançavel actividade.

Informa-nos pessoa fidedigna que a familia do snr. Correia do Lago muda-se de uma vez para esta cidade, onde vem erigir um estabelecimento de educação feminina, em o qual as meninas encontrarão um ensino regular de tudo que convem ao seu sexo. A este respeito publicamos hoje um artigo para o qual chamamos a attenção dos leitores.

OBITUARIO.—Sepultarão-se á 22 do corrente:

Apollinario, 30 annos; phtisica; escravo de Antonio João de Mello.

Clara, 18 mezes; vermes; escrava de João Jeremias Barbosa.

Maria, 1 anno; dentição; escrava do Barão de Itapetininga.

Eloy José da Motta, 22 annos; hydropesia; falleceo na Santa Casa de Misericordia.

Eis as noticias que encontramos nos jornaes chegados hontem vindos pela mala do paquete *Santa Maria*.

Se a companhia assim resumida como está ha de satisfazer nossos desejos não sei eu, sei que nós lhe havemos de satisfazer aos desejos por isso que estamos sequiosos de divertimentos. *Esperar* ainda, que nesta vida é uma especie de *caminha* do judeu da fabula hebraica.

Eu lembrarei ao José Victorino um bom meio de tornar as suas reclas de maior interesse para nós e por consequencia para elle.

Mme. Guillemet é uma cantora que está prompta a exercer os intervalos dos actos dramaticos mediante uma modica subvenção.

Mme. Guillemet é dotada de bastante talento; tem uma voz forte, clara e agradavel; sabe acordar o espirito abatido e fazer o coração estremecer muitas vezes.

Não acha o meu leitor que havia de ser uma cousa muito para captar a sua benevolencia que o Victorino a contratasse para nos encher os intervallos dramaticos?

E isto seria até melhor do que metter o olho vivo contra a peneira, olho vivo que já devia ter morrido a muito tempo, ou pelo menos ter ficado em repouso.

Fez não sei quem a festa de S. Sebastião advogado contra a peste, na igreja da Sé; mas parece que deu a peste na população que lá não foi gente nenhuma. Cá por mim confesso que ando tão pestcado que nem sei o que disse ahi ao meu leitor a quem humildemente peço perdão pela massada de hoje.

Silvio-Silvis.

Folhetim do "Correio Paulistano"

Conversas á vapor.

De como auctor se lembra de suas crianças. Um dia santo; e o que vale o repique dos sinos. Uma velha á cantar como nos romances. Eu e o leitor festeiros de S. Paulo. Alexandre Dumas; operações bancarias e ophtalmia. Os nossos bisavós. O José Victorino entre espinhos e flores. Camillo Castello Branco photographo. A limpeza do publico. De como as carroças andam illustradas; cousa muito para se ver. O judeu errante. Cantora em disponibilidade como se diz dos diplomatas. S. Sebastião e horas aziagas do folhetinista. Acaba o folhetim por hoje.

Sabe o meu leitor que vamos ter uma festa *bonita* no dia 25?

Que muito! se é o primeiro dia para a provincia, dia de sua fundação e dia do santo cujo nome tomou e de certo ficará de posse até a consummação dos seculos.

Além de tudo este anno mandou-se que ficasse dia santo.

Dia santo! Sabem o que isto é?

Resumo de todas as recordações mais agradaveis da existencia, phrase doce que desperta n'alma as lembranças pueris, inesquetas, mas por isso mesmo ventu-rosas, dos tempos da primeira infancia.

Quem não sentio n'um sabbado o coração a pular-lhe no peito, a imaginação a voar-lhe pelos mundos ignotos dos sonhos vagos, por que n'esse dia lhe vão n'alma aquellas reminiscencias suaves dos preparativos para a missa do dia immediato, dispertados pelos sons repercutidos na montanha, dos sinos vibrados com o ardor dos onze annos por uma mão buliçosa e travessa?

Oh! minha occupação grave de folhetinista, com que prazer eu te não dera hoje por um só dos brinços daquelles tempos incantados?..

Não! antes não te dera por cousa alguma d'este mundo. Para que havia de voltar áquellas eras?

Parece-me estar a ouvir inda uma criaturinha velha e myrrada que me fazia chorar e que ella aprendera não sei como, não sei de quem:

« Quando eu vim da minha terra
« Muita menina chorou!
« Eu tambem chorei um pouco
« Por meu bem que lá ficou!

.....

Por onde andei eu? Ahi a estontear a cabeça do leitor sem lhe dizer nada emfim, nada ou valha a pena!

E mais eu tinha muita cousa, muita para lhe dizer a fim de concertarmos no brilhantismo com que havemos de fazer a festa ao nosso apostolo dilecto. Concertar-mos digo eu, concertarmos por que de certo eu e o meu leitor se não nos empenharmos na festa a cousa não se faz como deve ser feita. Pois quem ha de lá cuidar n'ella? Esperar como diz Alexandre Dumas, a proposito da felicidade, esperar que é a ultima palavra da philosophia humana em quanto o Prometheo não vem de novo a transformar este mundo de agiotagens e de operações bancarias, operações que todavia eu prefiro mesmo ás de cataractas.

Esperar que é o melhor da festa. Como diziam nossos bisavós n'aquelles bons tempos patriarchaes que já lá vão para gloria da civilisação e proveito da humanidade. E se apezar de tudo que se tem já dito se desmentir a esperança, eu virei dar parte do occorrido ao meu estimado leitor.

∴

Ainda bem; o José Victorino, vice-presidente em exercicio da companhia dramatica, vae brindar o publico dando-lhe algumas representações.

Não foram por tanto em balde os appellos que fizemos n'este sentido.

Depois da longa parada que fez, a companhia vae-nos se estrear a 25 do corrente com o drama *Espinhos e flores* de Camillo Castello Branco.

A julgar pela—*Justiça—Atençoadas lagrimas—Morgado de Fafe* etc., ha de ser este drama ainda uma das bem traçadas photographias em que aquelle habil artista costuma representar a humanidade em suas feições caracteristicas.

E de suppor que o nosso publico *acciada* não deixe de concorrer áquelle divertimento, que, com quanto nada se pareça com os lampeões, tem a grande vantagem de reunir o *util ao bello*.

Não se vá agora o publico zangar por lhe trocar eu o já safado epitheto de illustrado pelo de *acciado*.

Carroças de—accio publico—vejo eu ahi pelas ruas e não carroças de illustração publica; se bem que não seja estranho que as *illustrações* (muitas d'ellas que tem a grympa eriçada) se liguem ás carroças.

de junho de 1876, assim principiou: "Eis que começa a bater na vidraça um chuvisqueiro miúdo e ouve-se lá fora, açoitando as árvores e os muros umas lufadas impetuosas. Como devem ser frias!" Machado de Assis ao tratar do nascimento da crônica, já havia advertido sobre as artimanhas do cronista na elaboração dos textos:

> Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras, sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica. [101]

O estado de espírito também atuava como introito e não era raro que os autores confessassem inquietações e incômodos face ao ato de escrever:

> Arrastou uma cadeira ao pé da mesa, concertou a garganta, carregou os sobrolhos à guisa de quem reflete profundamente, contraiu com ar solene as feições e sentou-se grave, composto, severo. Pensou, remoeu, bateu o pé com impaciência (...) acertou a mão no tinteiro que se entornou ... (D.S- *A Província de São Paulo*, p. 1, 14/01/1877).

Outra estratégia narrativa consistia em insistir sobre a "falta de assunto" que parecia assolar grande parte dos cronistas/folhetinistas. Luiz de Andrade, em crônica de 23 de julho de 1878, esclareceu aos leitores que "a falta de assunto parece paradoxo, mas não é. Quando se tem muitas coisas para falar se fica perplexo. Qual preferir, sem ofender e desgostar dos outros?". A saída era inventar lugares para todos e falar de tudo um pouco, sem deixar de registrar o quão difícil era escrever folhetins. Já "Smarra," um pseudônimo, confessava:

> O leitor não pode avaliar a dificuldade, as dores, os suores frios e as aperturas que custa o nascimento de um folhetim ao mais pintado rei da criação, porque nunca padeceu tais labores, nunca escreveu semanários, nunca viu-se na contingência difícil de abrir caminho através das conveniências sociais sem ofendê-las, sem tocá-las de leve (...) São sérias e muitas sérias as minhas angústias leitores (*Correio Paulistano*, 23 set. 1866, p. 1).

Segundo Marie-Ève Thérenty, o cronista francês também se valia dessa estratégia, já que:

> Le chroniqueur commence par la nouvelle qui lui fournit le plus de texte et continue jusqu'à épuisement de la matiére qui symbolise une panne de l' inspiration (...) l' information brute disparaît au profit d'

[101] ASSIS, Machado de. *Op. cit*, p. 17.

> un rendu plus médiatisé et littéraire de l' actualité passant par toute une série d'écrans: le passage par l' anedocte, le détail, la fuite dans le fantastique, la polyphonie des voix, la nouvelle différée commentée longtemps aprés sa connaissance, le retour en arrière, l' apparation du chroniqueur en histrion (la parábase) brisent la logique référentielle, chronologique, precise de la chronique. [102]

O plano de convencer o leitor de que a tarefa atribuída de escrever no rodapé era árdua, tanto que, não sem uma dose de exagero, associava-se a prática à punição divina:

> De todos os castigos impostos por Deus ao gênero humano, por ocasião das inocentes brincadeiras de Adão e Eva e sua consequente expulsão do paraíso, o mais pesado, o mais espinhoso, o mais cruel é o que coube por sorte a miseranda raça dos folhetinistas. [103]

A falta de assunto constituía-se em perigo para o folhetinista, como lembrado por "L" em 1876, circunstância que poderia custar o ato de arremessar o jornal por parte do leitor ou, ainda, a "volta à página".[104] A situação se tornava mais inquietante, pois a quantidade de colaboradores era maior do que os dias de uma semana, o que tornava a disputa por assuntos mais acirrada:

> Os mesquinhos sete dias são como as sete espigas chochas que sonhou o faraó. Os folhetinistas, cronistas, humoristas há os bandos...como aquelas nuvens de insetos de que fala a história da mesma terra dos faraós e das cebolas. Já por prevenção, não digo praga, nem gafanhotos. Era falta de cortesia e era dar azo a que os malevolentes enxergassem alusões. Tenham, pois entendido os ilustres colegas que a comparação me caiu da pena quer unicamente significar que eles são muitos. E se fica-lhes algum ressentimento, retiro a frase e ofereço, em vez disso, compará-los com as estrelas...que também não são poucas. [105]

Era comum recorrer às histórias bíblicas para exemplificar a reflexão sobre a prática dos folhetinistas. Ao que parece, a angústia enfrentada devia-se à caça por assuntos que não enfadassem o leitor e que já não tivessem sido explorados em outros espaços do jornal. O responsável pela seção *O Cínico* revelou aos leitores: "vejo-me sempre em apuros quando é chegada a época de satisfazer o compromisso. Porém como não quero faltar à palavra, sento-me, lanço mão da pena e saia o que sair lá vai." [106] Já M, responsável pelo *Folhetim de Domingo*, confessava sua dificuldade para arranjar temas:

---

[102] THÉRENTY, Marie-Ève. La chronique. In: KALIFA, Dominique et al… *Op. cit*, p.956.
[103] Idem.
[104] *A Província de S. Paulo*, 07 mai. 1876, p.1.
[105] Idem.
[106] *Correio Paulistano* 29 ago. 1857, p.1.

> E assim tenho levado um bom par de minutos a considerar, olhos fitos no papel, testa apoiada sobre a caneta e o juízo não sei onde (...) Já fumei um republicano cigarro, já sorvi meia dúzia de pitadas do grave e aristocrático rapé...porém nada! (*Correio Paulistano* 28 ago. 1858, p.1).

Tal declaração não significa que os autores que publicavam no espaço folhetim dos jornais ficassem em casa, esperando que o relato de acontecimentos chegasse até eles. Ao contrário, o folhetinista, justamente por perambular pela cidade e frequentar variados ambientes, conseguia superar o empecilho da "falta de assunto" e contava com uma miríade infinita de temas. E mesmo quando não era possível sair às ruas, o foco bem poderia ser justamente a impossibilidade da caminhada, como foi o caso de Theófilo Dias, que devido à lama acumulada na urbe durante uma temporada chuvosa, estava impossibilitado de deixar sua residência, o que por certo rendia para o cronista um rol de comentários de natureza diversa:

> A lama é a insolência das ruas. Portanto, se o folhetinista, que temendo as hostilidades da atrevida inimiga de nossas botas e da nossa saúde, não saiu à cata de assunto, ninguém lhe virará as mãos por isso. (...) Há lugares que os bondes mais parecem escorregar num resvaladouro do que deslizar sobre trilhos, outros onde seria mais justo empregar a gôndola que o bonde. Nada! Não arrisquemos a candura de nossas calças brancas, e devaneemos em casa, refestelado num cômoda austríaca, confortavelmente (*A Província de São Paulo*, 15 fev. 1881, p. 2).

No entanto, ao mesmo tempo em que os autores apontavam o esgotamento dos assuntos, outros lastimavam a não publicação de seus textos, a exemplo de Alfredo Cramer que, em folhetim de 12 de agosto de 1866, constatava: "as coisas andam depressa, que de uma semana a outra é preciso tomar paciência a duas mãos para ouvir falar de quem já é passado," [107] o que comprometia irremediavelmente a produção, pois, perdera-se o momento apropriado. E aqui sobressai outra característica da crônica: sua aderência ao momento presente. Tendo em vista que a finalidade do jornal era a notícia, a demanda por espaço acabava por penalizar os textos publicados, sem tampouco poupar outras seções, conforme se esclarecia em *Notas e Informações*:

> Por absoluta falta de espaço tivemos que tirar a última hora do nosso número de hoje, diversos artigos de colaboradores, entre os quais um interessante estudo sobre a questão de limites entre os Estados de S. Paulo e Paraná, que o ilustre senhor Orville Derby vai apresentar ao Instituo Histórico e Geográfico de São Paulo, uma carta da Itália, uma

[107] *Correio Paulistano*, 12 ago.1866, p.1.

> revista portuguesa e várias correspondências de municípios. (*O Estado de S. Paulo*, 04 jan. 1900, p.2).

A declaração da nota evidencia o processo editorial de seleção e que o mesmo, não raro, era realizado no último momento, antes das provas irem para as oficinas, o que talvez explique a paginação irregular de alguns romances publicados no espaço folhetim. Além disso, o fato de colaboradores como Cramer lamentarem a exclusão de sua produção nas páginas do periódico demonstra a importância desse espaço para os letrados, que auferiam importantes ganhos monetários. [108]

Após se valer de um desses artifícios iniciais, predominava o tom descontraído, o diálogo com o leitor e as "leitoras", uma vez que o jornal circulava entre os membros da família. As crônicas privilegiavam os fatos cotidianos da cidade, as decisões e os acontecimentos políticos, muitas vezes com textos não assinados, embora os jornais, em certas oportunidades, ofereçam pistas a respeito dos colaboradores em outras colunas, como o *Correio Paulistano* e sua seção *Pacotilha*, título que integrou o espaço do folhetim em janeiro de 1859:

> Três de nossos assinantes se encarregaram de escrever um folhetim que tem por título 'Pacotilha', que sairá nos domingos e que hoje começa. De bom grado publicaremos esses escritos, enquanto seus autores como esperamos, respeitem as conveniências desta folha e se limitem a apontar pequenos abusos sem personalizar uma só pessoa. Os escritos desse gênero mostram a experiência, são úteis, quando convenientemente escritos, auxiliam as autoridades, põem cobro as infrações de leis, posturas e concorrem com suas reflexões para esclarecerem a municipalidade. E por isso que garantimos aos nossos três assinantes a publicação regular aos domingos do seu apreciável trabalho. Em compensação pedimos que a Pacotilha não ultrapasse os limites que vocalmente apresentamos. (*Correio Paulistano*, p.3, 09/01/1859)

O trecho revela o significado do conteúdo da crônica no espaço folhetim que, pelo menos para a redação do *Correio*, deveria denunciar "abusos" cometidos na vida cotidiana, ainda que dentro de certos limites. Assim, o jornal atribuía ao rodapé a função de vigilante, um espaço para que o poder público identificasse as contravenções ocorridas na urbe e no seu entorno. Nota-se que a maioria conferia caráter pedagógico

[108] Socorro de Fátima mostrou as linguagens empregadas pelos jornais no século XIX e que foram incorporadas pela prosa de ficção, como a utilização, por exemplo, de sinais tipográficos que visavam dar sentido no texto sem necessariamente ter que escrevê-lo na íntegra. Ver: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

ao espaço folhetim e delimitava o que era ou não relevante para ai figurar, como explicita o excerto de T.S:

> Entendo que o folhetim não é um circo de palhaços, nem palco apropriado aos esgares truanescos da comédia (...). No folhetim tem cabimento natural o gracejo, que deve constituir-lhe boa parte, não tanto que prejudique o ensinamento, mas quanto baste para insinuá-lo mais destramente (*A Província de São Paulo* - 25/08/1878, p.1).

Não há como saber se, de fato, os fatos relatados foram efetivamente remetidos por assinantes ou se era uma forma de o jornal esquivar-se de possíveis acusações quanto ao conteúdo dos textos. Eram comum que estas crônicas se tornassem palco de desentendimentos entre os colaboradores do espaço folhetim e cronistas dos outros jornais. O autor "L", por exemplo, deixou claro em seu texto que os "amigos" do *Polichinello* deveriam "ter a bondade" de não continuar a explorar escritos que eram de sua propriedade. [109] Em outras oportunidades, a crônica abraçava causas sociais ou batia-se por alguém que estava com problemas, a exemplo de "L" referindo-se à mãe de Casemiro de Abreu. Corria a notícia de que ela vivia em extrema penúria na Corte, pedindo pelas ruas, "estendendo a mão à caridade." O autor destacava que, apesar da obra *Primaveras* do poeta ter duas edições no Brasil e em Portugal, a renda ficou com os editores e lamentava:

> Se o desventurado moço houvesse sido um sujeito vulgar, laborioso, econômico, de muitas ideias práticas e nenhuma fantasia, é muito provável que pudesse deixar aos seus, melhor e mais sólida herança. Foi ele que nos deu a nossa poesia, mais ingenuamente sentimental, de melancolia mais simpática e mais comunicativa, mas afinal nunca foi outra coisa mais que um poeta, e isto, como sabem na boa terra de nossa pátria, é um pouco menos que nada (*A Província de São Paulo*, 18/07/1877, p. 1).

Em outras oportunidades, recorria-se a recursos narrativos para tratar dos assuntos relativos ao momento, como o fez o *Correio* na década de 1850. Nesse caso, o autor valeu-se da figura de um tal mestre Crispim, que no texto apresentava-se como "alfaiate da capital," e que escrevia a seu colega do interior, Cosme Telles, para relatar as decisões do governo, os problemas da cidade, companhias em cartaz e ainda os bailes das próximas semanas. Para persuadir os leitores de que se tratava mesmo de uma carta, completava:

---

[109] *A Província de São Paulo*, 11 jun. 1876, p. 1.

> Deixe estar que ei de empenhar-me com alguns fregueses, que são influentes nestas soirées para arranjarem-me um convite. (...) Neste instante chama-me um freguês para negócio de tesoura e por isso não posso ir adiante. Até outra vez. Saúde e gordura. Seu discípulo Crispim. (*Correio Paulistano*, 07/12/1855, p. 1)

O estilo empregado consistia em simular uma troca de correspondência na qual se elegia um destinatário, com o intuito de se emitir opiniões e impressões sobre os mais diversos assuntos. A prática era utilizada com frequência desde o século anterior, quando autores importantes empregavam o estratagema, a exemplo de Montesquieu nas famosas *Cartas Persas* (1721). Sabe-se que, na segunda metade do século XIX, multiplicaram-se os romances epistolares, de fundo pedagógico e que empregavam a missiva como meio de persuasão. Outros autores colaboravam em mais de um jornal, como Dom Gigadas, que assinava a seção *Por um triz*, no *Correio Paulistano*, e textos variados na *A Província de São Paulo*, entre 1875 e 1877. [110] Uma nota de apresentação esclarecia que:

> D. Gigadas vai cumprindo sua promessa; publicamos hoje seu segundo folhetim, mais alongado e por ventura mais perfeito que o primeiro. O estilo maleável a todas as impressões não pode ainda dar a chave do mistério em que se envolve o elegante escritor. Oxalá que o senhor Belarte corresponda ao apelo de seu colega e venha proximamente encher o *rez-de-chaussé* da nossa folha, que muito se a honrado com os artigos de tão faceto quão profundo estilista (*Correio Paulistano* 08 mai. 1864, p.1). [111]

Não foi possível identificar quem se escondia atrás do pseudônimo, mas o importante é perceber que, apesar da concorrência, não havia problema partilhar os mesmos colaboradores. A *Província* e o *Correio* compartilharam, ainda, a contribuição de Ezequiel Freire (1850-1891) no espaço folhetim. E apesar de muitas crônicas terem sido assinadas apenas com iniciais de nomes ou pseudônimos (Mascara de Seda, Euphor, Silvio-Silvis, Smarra, Felix Junius, Mascabillo, entre outros), aquelas que traziam o nome do responsável permitem afirmar que os colaboradores integravam os círculos literários da época.

[110] *Dom Gigadas* é o nome de uma obra escrita por Honoré de Balzac durante sua juventude.

[111] É interessante destacar que a última contribuição de Dom Gigadas *A Província de São Paulo* foi em 15 de julho de 1877. No entanto, em 1886, ou seja, nove anos depois, uma nova seção foi inaugurada no espaço folhetim, a *Crônica Semanal*, assinada por "Dom Gigadas El Chico," o que leva a crer que seu autor provavelmente era filho do primeiro Dom Gigadas.

Note-se que muitos desses letrados cursaram a Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, a partir daquele espaço de sociabilidade, mantiveram contato vida a fora, constituindo um circuito que os unia em torno de periódicos e revistas lançados na segunda metade do século XIX, dos quais participaram ativamente. A experiência com o impresso vinha dos tempos da Faculdade, onde fundavam e redigiam folhas, "cada uma representava uma corrente de ideias ou de preocupações. O conjunto delas fornece a noção da efervescência intelectual e política que se vivia." [112] A impressão ocorria nas tipografias da *Tribuna Liberal*, *Correio Paulistano* e *A Província de São Paulo*. O contato com as oficinas desses jornais já os introduzia no mundo da imprensa, do qual se tornariam parte anos depois.

No caso de a *Província*, publicavam crônicas em seções no espaço folhetim nomes como Gaspar Silva, Lino Assunção (envolvido no projeto da criação da *Revista Ilustração*, de Mariano Pina), Luiz de Andrade (redator do *Diário Popular*), Ferreira de Menezes, Teófilo Dias (sobrinho de Gonçalves Dias) e Navarro de Andrade. Para o *Correio*, tinha-se a presença de Cardoso de Menezes, que elaborou com José de Alencar o plano de criação do Teatro Nacional, e Valentim de Magalhães, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, diretor de *A Semana* e assíduos colaborador da *Gazeta de Notícias.*

Nos tempos da Faculdade de Direito, Valentim participava do grupo responsável pelo *Labarum* (1877), integrado por Eduardo Prado, Leite de Moraes Filho, Francisco Carneiro Leão e Teófilo Dias, que também se uniu ao bando. Valentim de Magalhães destacava-se entre os demais, sempre vestido com esmero e portando uma camélia branca na lapela, símbolo do movimento abolicionista. O curso de bacharel demandava recursos, pois, além de arcar com os preparatórios, a taxa de matrícula e os valores relativos aos anos de curso, as famílias ainda deveriam custear despesas com alimentação e moradia. Por isso, muitos tentavam arranjar atividades remuneradas ou frequentavam o curso quando já tinham uma profissão que permitisse assumir os gastos iniciais. [113]

A maioria dos cronistas identificados era natural de São Paulo ou do Rio de Janeiro, embora haja exceções como Teófilo Dias e Luiz de Andrade: o primeiro

[112] MARTINS, Ana Luiza; BARBUY, Heloisa. *Arcadas: história da Faculdade de Direito do Largo São Francisco (1827-1997)*. São Paulo: Alternativa, 1998, p. 45-46.

[113] Idem, p. 92.

maranhense, que passou por parte de sua vida em São Luís até se mudar para o Rio de Janeiro a fim de realizar os preparatórios para o curso de Direito, tendo se formado em 1881 na Faculdade do Largo São Francisco, em São Paulo, enquanto o segundo, natural de Recife, transferiu-se ainda criança para Portugal com a família e, em Lisboa, esteve à frente da *Lanterna Mágica*, na qual trabalhou com Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo e Bordallo Pinheiro. Ao retornar para o Brasil, foi um dos integrantes da Assembleia Constituinte em 1890 e trabalhou como bibliotecário do Senado federal (1898).

Os escritores alternavam a dedicação ao mundo das letras com outras profissões, uma vez que poucos conseguiam viver apenas de sua pena. Além disso, as disputas no campo literário também eram recorrentes e assumiam a forma de polêmicas, que se multiplicavam nos periódicos daquele tempo. No entanto, apesar de o termo referir-se à reflexão rápida e superficial e ao debate travado no calor da hora, análises pormenorizadas mostram que os textos eram compostos de grande erudição e denotavam a contribuição para o processo de seleção e depuração das obras e escritores.[114]

Quanto à questão da literatura e do jornalismo, João do Rio inspirado na enquete proposta por Jules Huret e publicada no *L'Echo de Paris (*1891), investigou o perfil dos literatos brasileiros na primeira década do século XX, interrogando-os pessoalmente ou por meio de cartas e uma das questões mais interessantes dizia respeito à avaliação a respeito dos efeitos do jornalismo no Brasil, se deveria ser considerado bom ou mau para a literatura. Coelho Neto (1864-1934), um dos entrevistados, considerava positiva a influência do jornal, mas não deixava de apontar o controle exercido pelos interesses que cercavam esses impressos, tanto que fez referência ao controle da inquisição sobre os livros e asseverava que o que se publicava "Não tem o visto da inquisição, mas tem o visto do redator-chefe." [115]

Coelho Neto conhecia muito bem o meio e entre 1901 e 1903, quando as crônicas ainda figuravam no espaço folhetim colaborou com o matutino comandado por Julio Mesquita, no qual assinou quarenta e nove textos sob o pseudônimo Anselmo

[114] VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história tropical e polêmicas literárias no Brasil (1870-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 80.
[115] RIO, João do. *Op cit*, p. 59- 60.

Ribas e seis outras com seu próprio nome, posteriormente reunidas na obra *O Polvo*, que só veio a público em 1924 pela editora do *Jornal do Comércio.* A sua presença no jornal foi anunciada no editorial *Notas e Informações*, em 12 de dezembro de 1901, quando estreou no rodapé da primeira página com o texto *A direção do balão.* Dentre os gêneros que publicou no espaço folhetim estavam a crônica, a biografia, contos, crítica literária e ensaios.

No último decênio dos oitocentos, os periódicos, de forma geral, começaram a transferir gradativamente os textos de gêneros variados, até então estampados no rodapé, para outros espaços do jornal. No caso do *Correio Paulistano*, as últimas produções variadas em termos de natureza textual ocorreram até por volta de 1891, enquanto no *Estado* os exemplos podem ser encontrados até 1904, ou seja, treze anos após o *Correio* ter abandonado a prática. No século XX, pelo menos nos títulos pesquisados, os romances foram o carro-chefe do rodapé, ainda que seja possível encontrar duas exceções à regra no caso de *O Estado de S. Paulo*, circunstância que não invalida a constatação de ordem geral.

No ano de 1928, o *Estado* alternou os romances publicados em seu rodapé com a seção *Problemas Nacionais*, assinada por "V.CY," que também eram separados do resto do conteúdo do jornal por um forte traço e no mais das vezes estavam alocados na página três, encimados pelo título "Folhetim do *Estado de S. Paulo*." Esta rubrica reúne nove textos distribuídos entre março e junho, que comentavam a respeito da exportação de produtos agrícolas nacionais, importância das vias de transporte e da indústria, das elites, educação das massas e questão social. Na mesma época, o jornal também trouxe, nesse mesmo espaço, resenhas de livros recém-lançados sob o título *Livros Novos*, interrompendo a supremacia que os romances haviam obtido desde o começo do século XX e evidenciando a dinamicidade do espaço folhetim.

A seção *Livros Novos* estreou com Sud Mennuci comentando *Cálculo dos principiantes*, de José Ferraz de Campos, publicado no mesmo ano (1928) pela Editora Irmãos Ferraz e que apresentava modelos de lições sobre aritmética. A princípio resenhava-se um livro por vez, número que aumentou a partir de 24 de março, quando passou-se a comentar várias obras, cuja média era de três a cinco, na qual as análises vinham graficamente separadas por um asterisco. A seção ocupava sempre a página três, assim como *Problemas Nacionais*. Os livros avaliados tratavam de assuntos variados,

desde questões agrícolas até problemas históricos, passando por manuais de saúde, educação e psicologia. [116]

Além de Sud Menucchi também Plinio Barreto, diretor do jornal desde o falecimento de Julio Mesquita, também ocupava esse espaço que, entretanto, somente recebia o nome de "folhetim" quando Sud assinava, o que leva a supor que talvez não se desejasse associar o nome da figura mais importante da redação à condição de folhetinista, vista como "menor" por muitos na época. A seção *Livros Novos* era publicada de duas a três vezes por mês e deixou de existir em 1930. [117]

2.2 A produção literária

Como já mencionado anteriormente, a catalogação, na segunda metade do século XIX, dos jornais estudados, revelou que diferentes produções ocuparam o espaço folhetim. Além da produção crítica, havia a literária que, por sua vez, pode ser discriminada em três categorias conforme se observa abaixo:

Quadro III: Produção Literária e suas categorias

Gênero	O Estado de S. Paulo	Correio Paulistano
Poesia	25	05
Conto	125	52
Romance	123	141
Total	**273**	**198**

[116] Nota-se que alguns livros de poesias entravam no rol das obras analisadas por Sud Mennuci, diferente dos romances, que quase nunca eram examinados pelo colaborador. Em uma das ocasiões, admitiu que tratava pouco do gênero e que seria até cômodo de sua parte se justificar atribuindo a culpa a falta de produção nacional, deficiência gerada "pela concorrência implacável que lhe move o cinema." No entanto, segundo Sud, essa modalidade de entretenimento nunca tinha feito concorrência à literatura, apenas talvez contribuído para modificar seus aspectos e diretrizes. A verdade é que ele não se sentia atraído nem por romances e menos ainda por novelas, tanto que "posto a escolher entre um deles e um estudo de ordem geral, opto invariavelmente pelo último." *O Estado de S. Paulo*, 24 mar. 1928, p.3.

[117] Os livros resenhados por Sud Mennuchi em sua seção não contabilizavam o número de páginas de cada um, apenas o nome do autor, local de publicação e editora. É interessante notar que dentre as cem obras comentadas na seção, muitas foram impressas em gráficas de revistas e jornais ou capitaneados por livrarias e tipografias que nem sempre eram localizadas no eixo Rio-São Paulo. Assim, certos livros tinham sido produzidos por estabelecimentos de Manaus, Recife, Porto Alegre, Piauí e Bahia. Algumas obras estrangeiras lançadas no período também foram resenhadas e eram provenientes da França e Itália, o que demonstra o domínio da língua estrangeira por parte do autor da seção.

O quadro evidencia a inclusão de poesias no rodapé, numa escala menor se comparada aos contos e aos romances. Sua presença foi mais significativa na *Província* do que no *Correio*, cabendo destacar que no interior do espaço folhetim, vinham separadas por sinais gráficos. Em relação ao primeiro periódico, a seleção das poesias ficava a cargo de Teófilo Dias, que publicava não só algumas de sua autoria, mas também escolhia fragmentos traduzidos de escritores estrangeiros, como Charles Baudelaire, Henri Heine e Victor para ai figurarem. Também era frequente que se dedicasse as poesias selecionadas a colegas do campo literário, como o fez Raimundo Correia a Teófilo Dias, atitude repetida em relação a outros colaboradores, como Gaspar Silva e Ezequiel Freire.

Tal prática é interessante quando se leva em consideração a intenção que motivava a homenagem aos colegas, que poderia revelar uma gama variada de sentimentos – fosse de estima ao outro, mas também de zombaria ou mesmo provocação. Isso mostra que, ainda que de forma sútil, as poesias escolhidas para figurar no rodapé estabeleciam intertextualidade entre o que era selecionado e para quem. Valeria a pena averiguar com mais vagar tais intenções e precisar o tipo de diálogo estabelecido, o que poderia contribuir para compor as redes de sociabilidade dos escritores. Não era raro que os trechos ofertados fossem acompanhados de curtas considerações sobre o material poético transcrito.

A respeito dos contos, sua quantidade foi significativa, sobretudo, a partir de 1880. Na *Província*, contabilizou-se 125 contos, enquanto que na seleção realizada no *Correio* chegou-se a soma de 52. Esses textos podiam ser publicados em até três dias consecutivos, com exceção das produções de Edgar Allan Poe, que duravam, em média, quinze. O *Correio Paulistano* chegou a possuir uma seção, não assinada, no espaço folhetim denominada *Contos à tardinha*. Além disso, era praxe que na véspera do Natal, os jornais estampassem textos relativos à festividade.

A temática dos contos era variada e nos primeiros publicados enaltecia-se o caráter do povo paulista e também o "sertão," como era conhecida a região à oeste da província de São Paulo, ainda pouco explorada na época. Segundo Ana Luiza Martins, embora o local fosse passagem do gado que descia de Minas Gerais, só a partir de 1854 que foram estabelecidas algumas fazendas, numa terra que apesar de ser fértil e propensa a estimular o plantio, não possuía fácil acesso. Inclusive, após o estabelecimento da cultura cafeeira, o escoamento do produto era realizado pelos rios que cortavam a

região, enquanto a ferrovia não atingisse finalmente o local. [118] Os primeiros contos com tal mote foram elencados no espaço folhetim do *Correio*, por volta da década de 1860, em que já se trazia aos leitores os "mistérios" e a vida dura do sertão.

Inicialmente, predominavam os contistas nacionais, mas, à medida que a presença da categoria no espaço folhetim aumentou, os autores estrangeiros começaram a prevalecer como Alphonse Daudet, Teófilo Gautier, Catulles Mendes, François Coppée, Alexandre Dumas Filho, Guy de Maupassant e Erckmann Chatrian. [119] E não apenas os franceses, mas portugueses, como João Luso, Eça de Queirós e Teófilo Braga; italianos ,como Salvatore Farina, além de russos, como Ivan Tourgueneff e Leão Tostoi e mesmo a presença de um norte-americano, Bret Harte, não era incomum. Em relação aos contos escritos por nacionais, destacavam-se Lucio de Mendonça, Vicente de Carvalho, Coelho Neto e Valdomiro Silveira, isso para ficar nos assinados, pois havia gama diversificada de pseudônimos ou textos sem indicação de autoria.

Há um fato curioso sobre o escritor Coelho Neto nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*. Graças à influência que a leitura de um texto de Souza Bandeira para o *Correio da Manhã* lhe provocou no espírito, resolveu escrever um artigo para o matutino em que se expressava sobre a falta de interessados em dar atenção a literatura infantil. Segundo o escritor, muitos a consideravam banal, opinião com a qual não comungava. [120] Ele lamentava que o teatro infantil sofresse da mesma carência, pois "as primeiras impressões da infância acompanham o homem até a velhice e toda a vida se recente das ideias iniciais", ou seja, acredita que as crianças precisavam ter boas lembranças dessa fase, razão pela qual livros e peças tinham papel fundamental. Coerente com tal posição, Coelho Neto passou a publicar uma série de contos infantis no espaço folhetim, devidamente identificados com o subtítulo "contos para crianças. "

Já nos contos escritos para o *Estado* no começo do século XX, Valdomiro Silveira tratou da temática regionalista, que foi a essência de sua obra. Sabe-se que boa parte de sua produção foi publicada em jornais e revistas de São Paulo e do Rio de Janeiro. Nascido no interior paulista, valia-se do dialeto caipira, tal qual no conto de estreia no matutino, *Soneira Braba*, que expressava o desejo de aproximar o leitor da narrativa por

[118] MARTINS, Ana Luiza. *História do café*. São Paulo: Contexto, 2002.

[119] O nome Erckmann Chatrian era um pseudônimo que reunia os sobrenomes de Émile Erckmann e Alexandre Chatrian, escritores franceses que juntos publicaram algumas obras entre 1847 e 1887.

[120] *O Estado de S. Paulo*, 08 mar. 1903, p. 1.

meio de personagens enraizados no universo caipira e que se valiam de vocabulário típico, conforme se percebe na fala da personagem Lidubina: "Era hora de jantar cedo. *Adonde* então se atirava tão linda criatura? *Adonde*!" [121]

A respeito do romance, largamente majoritário nos jornais estudados, Umberto Eco, ao estudar *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, analisou a obra e seus componentes (enredo e figuras de estilo), a ideologia do autor e as condições de mercado no momento de sua produção, sem deixar de levar em conta o público a que era destinada. [122] Além de se tratar de trama marcada por discursos moralizadores, que se multiplicam conforme se avança no texto, e das posições assumidas por Sue, insistiu na percepção diferenciada por diferentes públicos e em épocas distintas. Assim, se atualmente o leitor é desnorteado frente a um "suicídio narrativo tão inexplicável," no momento da publicação, que se deu em capítulos, configurava-se outra situação.

Segundo Eco, para manter o interesse do público, Sue teve que se submeter às demandas do mercado, ainda que à custa da lógica do enredo. Isso fez com que *Os Mistérios* fosse um livro escrito a partir de uma cadeia de engrenagem destinada a produzir suspense contínuo, mas sem a preocupação de seguir as regras do que seria uma narrativa articulada e subordinada à lógica e à verossimilhança do real. Assim, à medida que a história progredia, incorporavam-se artifícios e traziam-se de volta personagem que tornavam a narrativa pouco crível, se lida de forma continua e sequencial, o que não ocorria com o leitor que seguia a trama nos jornais.

Assim, as condições de produção do romance na França eram muito específicas e sua escritura se dava concomitantemente ao processo de publicação seriada. No Brasil, onde se reproduziam obras já publicadas, é evidente que não havia a influência direta do gosto do público na composição da trama, o que se observa é a ação dos responsáveis pelo jornal na seleção do que publicar e na decisão de suspender a trama caso esta não caísse no gosto do público. Tampouco os jornais brasileiros seguiam, necessariamente, os mesmos cortes da França e isso por duas razões simples: o romance já estava finalizado quando da sua publicação no Brasil e não é possível afirmar, com total segurança, se a reprodução se dava a partir do jornal estrangeiro ou do volume já impresso, que poderia ter modificações em relação a sua primeira publicação.

---

[121] *O Estado de S. Paulo*, 19 jan. 1902, p. 1.

[122] ECO, Umberto. Retórica e ideologia em *Os Mistérios de Paris* de Eugene Sue. In:_____. Apocalípticos e Integrados. São Paulo: Perspectiva, 2011.

É provável que a segunda hipótese tenha predominado, o que demandava, ainda, a tradução a ser realizada pelo periódico. Assim, de posse do volume inteiro, caberia aos responsáveis pelo jornal realizar a tarefa de fatiar a obra em capítulos, para que fosse publicada no rodapé e, até mesmo, descartar certas partes do texto. Isso não significa que a verificação e comparação do que foi originalmente publicado em livro ou nos jornais estrangeiros e reproduzido no espaço folhetim seja algo simples, uma vez que nem sempre se encontrou informações sobre o autor da obra e menos ainda sobre suas particularidades de publicação. Assim, talvez seja mais correto afirmar que, independente do suporte do qual foi extraído o material utilizado e de qual tenha sido o processo de corte realizado no Brasil pelos jornais, a natureza original do material não é alterada, ou seja, tratava-se de romance-folhetim, que foi construído tendo em vista sua publicação em partes, o que marcava de modo indelével, sua característica, a despeito do percurso que o texto possa ter tido posteriormente.

Para os fins dessa pesquisa, não se diferenciou romance e novela, ainda que se saiba que não se tratam de textos da mesma natureza. Contudo, para o objetivo proposto, considerou-se romance todos os textos publicados, sequencialmente, por mais de um mês, ainda que alguns mereçam ser classificados como novelas, pois, eram narrativas breves cuja concentração temática era composta de um eixo restrito de personagens. Neste registro ampliado, contabilizou-se, para *O Estado de S. Paulo*, 123 obras e para o *Correio Paulistano* 141, cabendo distinguir que, na segunda metade do século XIX, o montante foi de, respectivamente, 87 romances contra 63. Cabe ter em vista a questão do acesso às obras na cidade de São Paulo, o que permite compreender o papel que os periódicos tiveram na difusão desses textos.

Durante muito tempo o acesso a determinados livros era limitado e sabe-se que a implantação de uma biblioteca pública em São Paulo efetivou-se apenas em 1825, quando o presidente da Província, Monteiro Barros, imbuído de uma "missão civilizatória," inaugurou a instituição na área central da cidade. Para a formação de seu acervo foram adquiridos os volumes da livraria do Convento de São Francisco e o legado deixado pelo bispo diocesano Dom Mateus de Abreu Pereira, cujo espólio foi leiloado no ano de sua morte.

A maioria das obras era de natureza religiosa, seguida por livros sobre a História de Portugal. No ano seguinte à fundação, acusações de que tratados e volumes inteiros eram retirados do acervo levaram o então bibliotecário responsável, Padre José Antonio

dos Reis, a fazer um inventário e esclarecer que muitos usuários não devolviam os livros, aliás, um dos inadimplentes era Antônio da Silva Prado, figura das mais eminentes da Província e mesmo do país. [123] Com a criação da Faculdade de Direito em 1827, a biblioteca foi anexada à Academia e entre os problemas enfrentados pela nova instituição estavam a carência de professores que, mesmo nomeados, não assumiam, por desempenharem outros cargos no governo e a falta de obras atualizadas. As dificuldades motivavam a formação de clubes e associações que tinham por finalidade discutir os temas do curso. [124] A Casa Garraux, que diversificou a oferta de livros para além dos religiosos, só foi inaugurada em 1860, razão pela qual a publicação de romances em jornais como o *Correio Paulistano*, fundado em 1854, constituía-se numa oportunidade de contato com as obras literárias. [125]

Tendo por mote a justificativa de permitir ao leitor ter acesso às obras a partir de sua veiculação pelo jornal, era comum que as folhas destacassem o serviço que prontamente prestavam às letras do país, ao contribuir e à disseminação da cultura. Em 1866, a iniciar a publicação de *Memórias de um sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, comentou-se que:

> O notável literário brasileiro foi uma das choradas vítimas do naufrágio do *Hermes*. Almeida deixou nesse livro mais do que em outros escritos seus, um primoroso atestado de seu engenho fecundo, muito pouco aproveitado porque a morte o procurou na crescente florescência de seu desenvolvimento intelectual e literário, quando robustecia suas forças e talhava-se para as grandes empresas no intuito de enriquecer a literatura nacional, pobre de bons livros, como era e como é. A publicação de tal livro, muito pouco conhecido, é um benefício às letras, porque é a vulgarização de uma obra considerada: ao mesmo tempo é um primoroso presente que fazemos aos nossos assinantes, dos quais muito poucos o terão lido (*Correio Paulistano*, 05 jun. 1866, p. 2).

---

[123] DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos livros*: *instituição e prática de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2011, p. 44-89. Não se trata aqui de afirmar que os romances que figuraram no espaço folhetim eram imprescindíveis para a camada mais intelectualizada da população ou mesmo para a elite, já que esses podiam encomendar livros vendidos na Corte e na Europa. Mas a publicação dos romances-folhetins de uma forma geral ajudou na difusão e circulação de várias obras.

[124] MARTINS, Ana Luiza; BARBUY, Heloisa. *Op cit*.

[125] Em 1860, Baptiste Louis Garnier decidiu abrir uma filial de sua livraria em São Paulo e confiou sua administração ao funcionário da loja, Anatole Louis Garraux. Três anos após a abertura, Garraux já era independente de Garnier e abrira a Livraria Acadêmica em sociedade com Guelfe de Lailhac e Raphael Suares, a popularmente conhecida como Casa Garraux. Ver: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005.

A obra de Almeida havia sido publicada no folhetim do *Correio Mercantil* entre 1852 e 1853 e editada em livro no ano seguinte, sob o pseudônimo de "Um Brasileiro". O nome de Almeida só apareceu na terceira edição em 1863, quando o autor já havia falecido. Na nota do *Correio*, fica clara a intencionalidade de se escolher romances que pudessem satisfazer o público, fossem por se tratar de obras inéditas, ou ainda, por remeterem a acontecimentos trágicos, como o ocorrido com Manuel Antônio de Almeida.

Observa-se o esforço para difundir romances recentemente publicados na Europa, caso, por exemplo, de *Minha irmã Jeanne*, de George Sand, lançado na França, em 1874, e que, no ano seguinte, foi publicado no espaço folhetim de *A Província de São Paulo.* Já *Os Maias*, de Eça de Queirós, editado em livro na cidade do Porto, em 1888, apareceu no mesmo ano, nas páginas do jornal. Julio Mesquita, membro da redação na época, ficou doente e acredita-se que, ao voltar de tratamento médico em Portugal, tenha trazido um exemplar com a intenção de publicá-lo. A hipótese é plausível, pois, na primeira colaboração que enviou de Lisboa, ele criticou a Academia Portuguesa de Letras que, tempos antes, havia depreciado *A Relíquia*. [126]

O sucesso desfrutado no país de origem também era mobilizado como argumento para veicular determinadas obras, conforme destacou o *Correio Paulistano* ao lançar *Dramas da Vida*, de Emilie Richebourg, em 1884, ao afirmar que, na França, a trama havia agradado "os amadores deste gênero de literatura." Ainda segundo a nota, o romance saiu no *Le Petit Journal* e, devido ao êxito alcançado, tomava-se "a resolução de transcrevê-lo nas colunas desta folha." [127] O oposto também ocorria e uma obra não tão conhecida poderia tornar-se a justificativa perfeita para a inclusão no rodapé. Foi o caso de *As duas Fiandeiras*, do português Francisco Gomes Amorim, para qual o *Estado* chamava a atenção do público "para esse interessante romance, que apesar de ter

[126] *Suplemento do Centenário de O Estado de S. Paulo*, 04 jan. 1975, p.70. Cabe destacar que Eça de Queiroz e suas obras eram motivo de polêmica na imprensa e no meio literário. Não se trata aqui de afirmar que Julio Mesquita foi o pioneiro em trazer a obra de Eça ao Brasil, mesmo porque sabe-se que o escritor português já era famoso e possuía representantes no Rio de Janeiro. Mas talvez a publicação de *Os Maias* na *Província* ter ocorrido logo após a volta de Julio, demonstre que era uma forma do jornal paulista mostrar apoio a Eça de Queiroz, criticado não só em Portugal, mas também no Brasil por homens renomados como Machado de Assis. Ver: NASCIMENTO, José Leonardo do. *O Primo Basílio na Imprensa Brasileira do século XIX*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

[127] *Correio Paulistano*, 01 out. 1884, p. 2.

ANNO XIV

A Província de São Paulo

N. 4,009

DIRECTOR E PROPRIETARIO ··· F. RANGEL PESTANA

Domingo, 12 de Agosto de 1888

ESCRIPTORIO ··· RUA DA IMPERATRIZ N. 58

A PROVINCIA DE SÃO PAULO

REPUBLICANOS NO PLEYTO

MUNICIPIOS PAULISTAS

CAMPINAS

PROVINCIAS

PARAHYBA

MINAS

RIO GRANDE DO SUL

SARAMENHO

POLICIA

ITATIBA

PIRACICABA

FOLHETIM

EÇA DE QUEIROZ

OS MAIAS

EPISODIOS

DA

VIDA ROMANTICA

RISOS E REFLEXÕES

MISCELLANEA SCIENTIFICA

RIO DE JANEIRO

Fig. 20: *Os Maias*, de Eça de Queirós, publicado no espaço folhetim de *A Província de S. Paulo* (1888).

sido publicado (...) é conhecido de pouca gente." [128] Outra justificativa bastante utilizada era o fato da obra estar esgotada e, portanto, sua veiculação no espaço folhetim se constituía numa chance oferecida pelo jornal:

> Sobre esse interessante romance que estamos atualmente publicando, temos o seguinte na última correspondência de Lisboa para o *Jornal do Comércio*: 'A primeira edição do romance histórico do Sr. Silva Gayo intitulada *Mario* acha-se esgotada. O desenho dos principais caracteres que figuraram nas lutas civis de 1828 a 1834 é traçado por mão de mestre e tem encontrado geral favor do público.' (*Correio Paulistano*, 13 fev. 1869, p. 2).

E se era raro que uma obra começasse sem uma nota prévia de apresentação, a interrupção nem sempre era devidamente explicada ao leitor que, por vezes, ficou sem saber o fim da história que vinha seguindo há semanas. A análise dos romances presentes no espaço do folhetim evidencia que a grande maioria era constituída por obras francesas, embora também houvesse a publicação de autores nacionais, como já se destacou. A análise do *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo* revela que era comum que se fizessem alterações nos nomes dos autores estrangeiros, possivelmente para aproximá-los do público: Emilie de Richebourg se tornou "Emilio," Édouard Lefebvre, "Eduardo," Jules Sandeau, "Julio," Arsene Houssaye, "Arsenio," Eugene Sue, "Eugenio," Paul Bocage, "Paulo" etc.

Publicidades discretas dos romances presentes no espaço folhetim também figuravam nas páginas dos jornais, alguns dias antes da estreia, ou mesmo, no momento em que se iniciava a difusão. Geralmente o nome do autor ou da obra passava a separar as seções ou os anúncios, como se observa no *Correio Paulistano* com *Piquilo Alliaga* (1892) e *O Estado de S. Paulo* com *Ivanhoé* e *A mulher do defunto* (1893).

O levantamento realizado nos jornais mostrou que não havia grande distância entre o que circulava na Europa e no Brasil, pois muitas eram reproduzidas no rodapé dos jornais no mesmo ano de publicação em seus países de origem ou mesmo após um ou dois anos do lançamento. Além dos exemplos citados anteriormente, pode-se mencionar outros conforme a tabela a seguir:

Quadro IV: Obras ficcionais e data de publicação original

[128] *O Estado de S. Paulo*, 19 mar. 1900, p. 1.

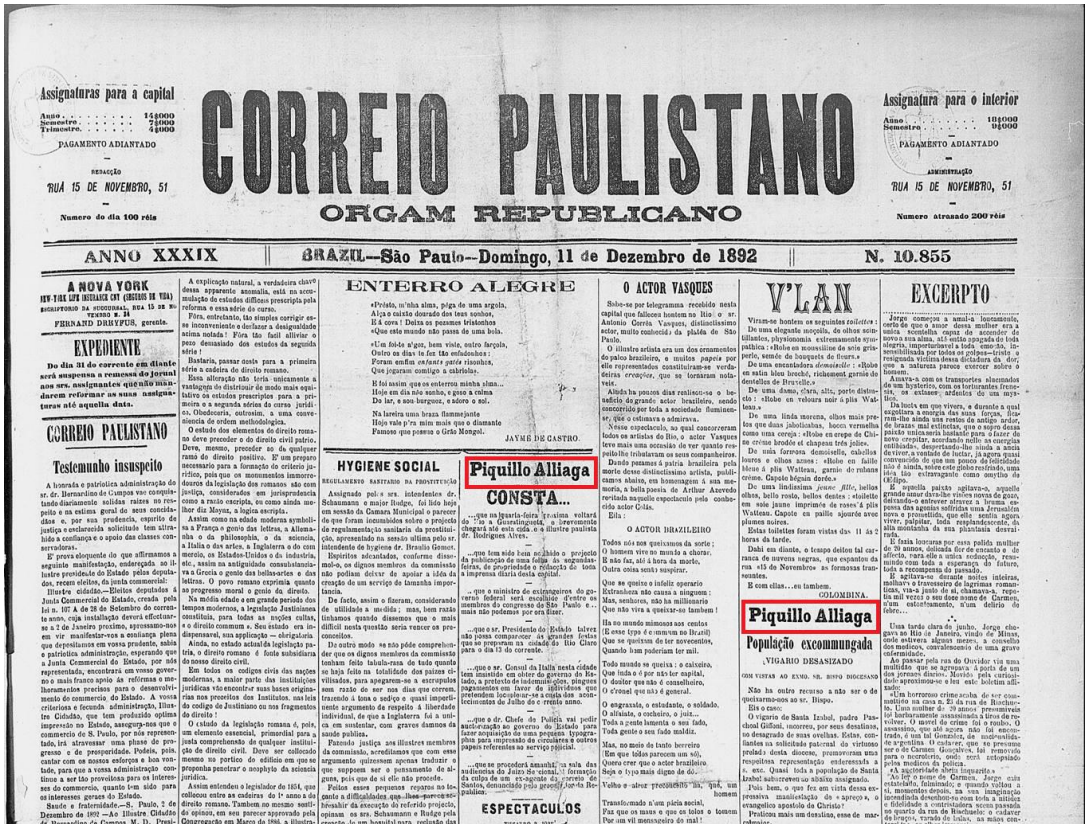
Obra	**Data do Original**	**Reprodução no espaço folhetim**	**Jornal**
As aventuras de Basílio Fernandes Enxertado	1863	13/09 – 01/11/1864	Correio Paulistano
A carteira de um suicida	1863	12/01 – 15/03/1864	Correio Paulistano
Misérias da atualidade	1864	14/07 – 21/12/1864	Correio Paulistano
Espanha – cenas de viagem	1865	16/09 – 05/10/1867	Correio Paulistano
Noites de Lamego	1863	26/05 – 01/07/1864	Correio Paulistano
A morgadinha dos canaviais	1868	22/09 – 04/12/1868	Correio Paulistano
Os brilhantes do brasileiro	1869	13/02 – 03/04/1870	Correio Paulistano
A queda de um gigante	1875	04/01 – 25/04/1875	OESP
O selo da roda	1876	03/12/1876 – 13/04/1877	OESP
A prosa da Glória	1878	24/06 – 07/08/1879	
Atribulações de um chinês na China	1879	29/04 – 31/08/1881	OESP
As noites do Boulevard	1880	01/07 – 21/11/1882	OESP
As duas fiandeiras	1881	27/09 – 21/11/1882	Correio Paulistano
Rússia Vermelha	1883	07/10/1883 – 27/07/1884	OESP
Lise Fleuron	1884	14/11/1884 – 20/06/1885	OESP
Mathias Sandorf	1885	06/11/1885 - 18/02/1866	Correio Paulistano
A avó	1887	21/09/1887 - 28/04/1888	Correio Paulistano
A alma de Pedro	1890	26/08 – 13/12/1890	Correio Paulistano
Tio Esfola	1892	28/09 – 15/12/1894	Correio Paulistano
De beijos em beijos	1895	18/08 – 29/12/1895	Correio Paulistano

A lista poderia ser maior, caso fosse possível localizar a data original de publicação de todos os romances. A busca das obras veiculadas pelos dois jornais em acervos públicos revelou-se pouco produtiva e mais promissora para o que foi estampado no *Estado* do que no *Correio*, mas vale ressaltar que apenas dez por cento dos romances foram identificados nos acervos. [129] Cabe não perder de vista que as comparações são relevantes na medida em que não se sabe a partir de qual original se deu a transposição para o suporte jornal. Veja-se, a título de exemplo, a obra *Amor dos Amores*, de Henrique Perez Escrich, cujo prólogo presente originalmente no livro, não foi publicado pela *Província* quando de sua inserção no rodapé.

Já *O marques de la Seigliére*, de Jules Sandeau, não foi integralmente reproduzido, uma vez que se suprimiu vários parágrafos da narrativa, enquanto *Sepultura de Ferro*, de Henri Conscience, teve o nome de seus personagens adaptados para o português: Mieken, virou "Mariquinhas" e seu vizinho Janneken tornou-se "Joãozinho." A breve análise dos exemplares hoje disponíveis revelou que, pelo menos no século XIX, os livros não eram reproduzidos diretamente do original sem que houvesse modificação. Desse modo, supondo que o livro foi o original a partir do qual se deu a publicação, nota-se trabalho de adequar a obra ao espaço folhetim.

Muitos romances foram apresentados como "romances de sensação," caso de *João Palomo ou a expiação de um bandido*, de Fernandez y Gonzales, publicado em 1898. Segundo Alessandra El Far, o termo "sensação" era utilizado para caracterizar livros que continham situações inesperadas, assustadoras, impetuosas, capazes de causar arrepios e surpresas no leitor. Logo nas primeiras páginas as personagens, vítimas de alguma fatalidade, eram obrigadas a abandonar a segurança e a tranquilidade de uma vida pacata para mergulhar numa série de acontecimentos dramáticos. O uso da palavra "sensação" tem origem na França, já que os romances de aventura, com um enredo recheado de ousadia e que cativava o público era denominado *à sensation*. No Brasil, a adoção do termo ocorreu via Portugal e, ao longo do século XX, muitas obras de sensação como *Elzira, a morta virgem*, receberam versões em cordel e não era raro que se enfatizasse a fidelidade à narrativa original. [130]

[129] Foram consultados o Real Gabinete de Leitura Português, a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Mário de Andrade.
[130] EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 117-143.



Assignaturas para a capital
Anno . . . . . 14$000
Semestre . . . . . 7$000
Trimestre. . . . . 4$000
PAGAMENTO ADIANTADO
REDACÇÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51
Numero do dia 100 réis

CORREIO PAULISTANO
ORGAM REPUBLICANO

Assignatura para o interior
Anno . . . . . 18$000
Semestre . . . . . 9$000
PAGAMENTO ADIANTADO
ADMINISTRAÇÃO
RUA 15 DE NOVEMBRO, 51
Numero atrasado 200 réis

ANNO XXXIX | BRAZIL—São Paulo—Domingo, 11 de Dezembro de 1892 | N. 10.855

A NOVA YORK
NEW-YORK LIFE INSURANCE CMY (SOCIEDADE DE VIDA)
INCORPORADA NA SYRACUSE, RUA 15 DE NOVEMBRO N. 34
FERNAND DREYFUS, gerente.

EXPEDIENTE

Do dia 31 do corrente em diante será suspensa a remessa do jornal aos srs. assignantes que não mandarem reformar as suas assignaturas até aquella data.

CORREIO PAULISTANO

Testemunho insuspeito

A honrada e patriotica administração do sr. dr. Bernardino de Campos vae conquistando diariamente solidas raizes no respeito e na estima geral de seus concidadãos e, por sua proficiencia, espirito de justiça e acrisolados sentimentos tem alcançado a confiança e o apoio das classes conservadoras.

E prova eloquente do que affirmamos a seguinte manifestação, endereçada ao illustre presidente do Estado pelos deputados, recem eleitos, da junta commercial:

Illustre cidadão.—Eleitos deputados á Junta Commercial do Estado, creada pela lei n. 107 A de 26 de Setembro do corrente anno, cuja installação deverá effectuar-se a 2 de Janeiro proximo, apressamo-nos em vir manifestar-vos a confiança plena que depositamos em vossa prudente, sabia e patriotica administração, esperando que a Junta Commercial do Estado, por nós representada, encontrará em vosso governo o mais franco apoio ás reformas e melhoramentos precisos para o desenvolvimento do commercio do Estado. A vossa criteriosa e fecunda administração, Illustre Cidadão, que tem produzido optima impressão no Estado, assegura-nos que o commercio de S. Paulo, por nós representado, terá atravessar uma phase de progresso e de prosperidade. Podeis, pois, contar com os nossos esforços e boa vontade, para que a vossa administração continue a ser tão proveitosa para os interesses do commercio, quanto lo-lo sido para os interesses geraes do Estado.

Saude e fraternidade.—S. Paulo, 2 de Dezembro de 1892.—Ao Illustre Cidadão dr. Bernardino de Campos, M. D. Presidente do Estado.—O Deputado da Republica aos Estados Unidos do Brasil, A. L. Tavares, C. P. Vianna, João Candido Martins, Camillo José de Sampaio, Domingos Loureiro da Cruz.»

Como lhe cumpria, o honrado presidente do Estado respondeu á saudação nos seguintes termos:

Palacio do Governo do Estado de S. Paulo, em 10 de Dezembro de 1892. Agradeço o amavel cumprimento que me dirigiram os Srs. Drs. Antonio José Tavares, Christiano P. Vianna, João Candido Martins, Camillo José de Sampaio e Domingos Loureiro da Cruz.—Ha grande fé publica na data de 2 de Dezembro e, com effeito, communicou vossa eleição para deputados á junta commercial, manifestaes a confiança que depositaes no actual administrador do Estado e a boa vontade em collaborar com o bom andamento dos negocios publicos, compre-me agradecer-vos a honrosa communicação e significar por parte do governo, que lhe é summamente sensivel o grato, a certeza de que encontrará em vós segura e preciosa cooperação no empenho de promover o bem do Estado, de que é capital e indispensavel factor a prosperidade do commercio de que sois dignos representantes.—Saude e Fraternidade. Bernardino de Campos.

ENSINO JURIDICO

IV

Como se vê do quadro de estudos que reproduzimos, consta o curso de sciencias juridicas de quatro annos, sendo a primeira de duas cadeiras, a segunda de quatro, a terceira de tres e a quarta de quatro.

O primeiro reparo que cumpria esse organização é a desigualdade na distribuição do numero de cadeiras.

Por que motivo, com effeito, deixou a reforma apenas com duas cadeiras a primeira série, quando á segunda e á quarta ella deu quatro cadeiras, e ás outras tres?

Taes são as materias da segunda série: direito romano, civil, commercial e criminal.

Organisada assim, essa segunda série, para o alumno que pre enda cursar todas as suas aulas, é extremamente penada e afflictiva. Não tanto pelo numero de disciplinas ioccionadas, mas pelo objecto de cada uma das quatro cadeiras da série.

Versam todos esses estudos a luz direito positivo e exigem, para seu regular conhecimento, não pouca intelligencia e muita applicação.

O resultado dos exames que estão sendo prestados na Faculdade de Direito desta cidade e não diariamente publicados pela imprensa, demonstram eloquentemente que a segunda série do curso de sciencias juridicas está mal organisada e que sobrecarrega a mentalidade dos alumnos com uma carga que ella mal pode supportar.

Parece, effectivamente, que maior é o numero dos inhabilitados em algumas das materias do que o dos que alcançam approvação nas quatro cadeiras da série. Tambem não é resultado o numero das approvações plenas.

Fora-injustiça attribuir-se tal resultado a excesso de severidade por parte dos julgadores. Fóra, tambem, gratuita conjectura explicar tanto insuccesso pela absoluta inapplicação de grande numero de alumnos, pouco affiçoados ao estudo. Não ha motivo para acreditar-se que os alumnos matriculados na segunda série juridica sejam menos estudiosos que seus collegas das outras séries; nem, tão pouco, que sejam mais rigorosos que os outros lentes da Faculdade, os examinadores da mencionada segunda série.

A explicação natural, a verdadeira chave dessa apparente anomalia, está na accumulação de estudos differes prescripta pela reforma e essa série do curso.

Fóra, entretanto, tão singular corrigir esse inconveniente e declarar a designaldade acima notada? Fóra tão facil alliviar o peso desmasiado dos estudos da segunda série?

Bastaria, passar desta para a primeira série a cadeira de direito romano.

Essa alteração não teria unicamente a vantagem de distribuir de modo mais equitativo os estudos prescriptos para a primeira e a segunda séries do curso juridico. Obedeceria, outrosim, a uma conveniencia de ordem methodologica.

O estudo dos elementos de direito romano deve preceder o do direito civil patrio. Deve, mesmo, preceder ao de qualquer ramo do direito positivo. E' um preparo necessario para a formação do criterio juridico, pois que os monumentos immorredouros da legislação dos romanos são com justiça, considerados em jurisprudencia como a mais exacta, ou como ainda melhor diz Mayne, a logica escripta.

Assim como na edade moderna symbolisou a França o genio das lettras, a Allemanha o da philosophia, a da sciencia, a Italia o das artes, a Inglaterra o do commercio, os Estados-Unidos o da industria, etc., assim na antiguidade consubstanciou a Grecia o genio das bellas-artes e das lettras. O povo romano exprimia quasi ao progresso moral o genio da direito.

Na edade-média e em grandes periodos dos tempos modernos, a legislação Justinianea constituia, para todas as nações cultas, o direito commum e, nos estado em ja dispensavel, sua applicação — obrigatoria.

Ainda, no estado actual da legislação patria, o direito romano é fonte subsidiaria do nosso direito civil.

Em todos os codigos civis das nações modernas, a maior parte das instituições juridicas vão encontrar suas bases originarias nos preceitos das Instituições, nas leis do codigo de Justiniano ou nos fragmentos do direito !

O estudo da legislação romana é, pois, um elemento essencial, primordial para a justa comprehensão de qualquer instituição de direito civil. Deve ser collocado mesmo no portico do edificio em que se propomba penetrar o neophyta da sciencia juridica.

Assim entendeu a legislador de 1854, que collocou entre as cadeiras do 1º anno a de direito romano. Tambem no mesmo sentido opinou, em seu parecer approvado pela Congregação em Março de 1886, a illustre congregação de Recife.

Certamente, não é bastante para o conhecimento, mesmo perfunctorio, de direito romano o estudo de um anno, ou antes de seis menes, em dias alternados como em dominios pode dar-se a alumno.

Em attenuação, porém, a esse facto, cocorre que durante todo o curso do direito civil, e mesmo durante os demais periodos dos, de direito commercial, é renovado e aprofundado aquelle estudo, sem o qual, como dissemos, não é licito a pessoa alguma lo explicar o espirito dominante em algumas instituições juridicas

Faremos ainda algumas reparos a respeito da organisação que foi dada á primeira série do curso de sciencias juridicas.

Em quasi todas as faculdades de direito, europeas e americanas existe no primeiro anno, ou primeira série, uma cadeira sob a titulo de «introducção ao estudo do direito, encyclopedia juridica ou outro equivalente.

O nosso regulamento de 1854 havia creado um curso de direito natural, preparatorio das gentes, dividido em duas cadeiras, de primeiro e segundo annos.

Para substituil-as a reforma de 1891, adoptou uma, a nosso vêr, com vantagem, sob a denominação de—philosophia e historia do direito.

Applaudimos, como um progresso, tanto a alteração do objecto da cadeira, como a de sua designação.

O estudo de encyclopedia juridica, no começo do curso, constitue verdadeiro anachronismo. E impossivel chegar-se a uma comprehensão synthetica antes de conhecidos os elementos analyticos que compõem o quadro de qualquer sciencia.

A substituição das excreseões—direito natural pelas de—philosophia do direito, consideradas synonimas daquellas, foi, entretanto, um nosso conceito, uma acertada reforma.

A existencia de um direito natural, na accepção geralmente dada a essas palavras, é contestada pelas escolas historica, utilitaria, sceptica naturalista, positivista e outras. A adopção, pois daquella formula importa um prejulgamento ; significa o reconhecimento official da escola racionalista.

Entretanto, as expressões—philosophia do direito não offerecem o mesmo inconveniente. Não anteciopam preferencia de seita Constituem uma formula neutra.

A historia do direito, estudo complementar desse cadeira, ahi está convenientemente collocado e proporciona subsidio de grande utilidade para os estudos subsequentes.

A segunda cadeira dessa primeira série tem por objecto o direito publico e constitucional.

E' de tão transcendente necessidade para todos os homens de lei, jurisconsultos, advogados, legisladores, publicistas, administradores, magistrados, ministros e chefes de governo — o exacto conhecimento de tão importante ramo da sociologia, que são manifestamente insufficientes as preleções que podem ser ministradas em uma só cadeira, em dias alternados, no breve decurso do anno lectivo.

Fora necessario que ou se prorogasse no mesmo curso na segunda série, ou fosse dividido o assumpto passando a constituir objecto para duas cadeiras, uma, na primeira série, do direito publico universal ; outra, na segunda, do direito constitucional patrio.

Piquillo Alliaga

ENTERRO ALEGRE

«Prista, m'nha alma, paga de uma argola,
Alça o caixão dourado dos teus sonhos,
E á cova ! Deixa os pessimos tristonhos
«Que esta moeda não passa de uma bola.

«Um fato-a'gor, bem vivo, outro farçola,
Outro os dias te faz enfadonhos :
Foram minhas entranhas pois rasgadas,
Que jogaram comigo a cabriolas.

E foi assim que os enterrou minha alma...
Hoje em dia não sonho, e gozo a calma
De ter, e sou burgoez, e sobo e sei.

Na lareira uma brasa flammejante
Hoje vale p'ra mim mais que o diamante
Famoso que posseu o Grão Mongol.

JAYME DE CASTRO.

HYGIENE SOCIAL

REGULAMENTO SANITARIO DA PROSTITUIÇÃO

Assignado pelo sr. ex. intendente dr. Schaumann e pelo sr. dr. Rodger, foi feito hoje em sessão da Camara Municipal o parecer de que foram incumbidos sobre o projecto de regulamentação sanitaria da prostituição, apresentado na sessão ultima pelo sr. intendente de hygiene dr. Braulio Gomes.

Espiritos educados, conforme disse-mol-o, os dignos membros da commissão não podiam deixar de apoiar a idéa da creação de uma tão humanita importancia.

De facto, assim o fizeram, considerando de utilidade a medida ; mas, bem razão tinhamos quando dissemos que o mais difficil nesta questão seria vencer os preconceitos.

Do outro modo se não póde comprehender que os dignos membros da commissão tenham feito tabula-rasa de todo quanto se lhes offerece na totalidade dos paizes civilisados, para apegarem-se a escrupulos sem razão de ser nos dias que correm, trazendo á luza o sedço e quasi impertinente argumento de respeito á liberdade individual, de que a legislatura foi a unica em sustental-os, com graves damnos da saude publica.

Patenteo justo aos illustres membros da commissão, acreditamos que com esse argumento quizessem apenas traduzir o que suppomos ser o pensamento de todos nós, que é o de não atacar.

Feitos esses pequenos reparos ao logente a difficuldade que...hem-apresentou levantar da execução do referido projecto, opinam os srs. Schaumann e Rodgo pela creação de um hospital para recolhido dos infelizes tratamento e meios de vivalescencia durante o estado de molestia.

Instituem a creação desse hospital com o facto de trazer mais garantia á saude publica, por isso que o tratamento em domicilio pódo dar logar a abusos.

Por este lado encarada a questão, assistio-lhes o bom direito ; mas contradizem-se no referente ao respeito á liberdade individual.

Pois que ! entendem que o principio da liberdade individual periclita, pelo facto de se estatuir que as molheres de má vida comparecam uma vez por semana em logar onde sejam examinadas, onde se lhes dé o necessario para preservarem-se ou curarem-se de molestias que, sem essas cuidados,podem trazer-lhes a invalidez ou a morte, o estatuem que seja creado um hospital para recluzão de todas que adoecem !

Mas esse rigor apparente dos illustres membros da commissão de saude não passa de ageria da rethorica, destinada a oppor certo obstaculo á realisação de tão nobre intuito, é certado.

E bem sacquer soubessem occultal-o, por que razão guardam que esse hospital seja *fundado e mantido* pelo governo ou pela municipalidade, a não a expensas particulares, ou por ao menos a custa quer de ser—inexequivel, por falta de verba

Se assim não fora, não viemos porque razão os cofres publicos do Estado hão de pagar um serviço que sem difficuldade carteria pela caridade publica.

Mas é que nessa exigencia estava previsto o despacho do meritissimo sr. presidente da Intendencia, enviando, como de facto o fez, o referido projecto á commissão de finanças, justiça e policia.

Nós commentamos agora o parecer destas commissões.

DR. VIEIRA DE MELLO.

10—12—97.

Apresentou-se ante hontem ao dr. juiz de 1ª vara criminal, o nosso amigo capitão João Cesario de Abreu, pronunciado em um dos crimes a que responde lhe é movido pelo accusação particular.

Foi designado o estado maior de guarda de policia, onde se recolhem o nosso amigo acompanhado do dr. Alvaro de Carvalho, digno membro da commissão principal do partido republicano.

CLUB REPUBLICANO

Deixou hontem de haver a ammoniada reunião desse conhecido club, por falta de alguns de seus socios que não compareceram, tendo adiada a mesma para o proximo sabbado.

Communica-nos o sr. Francisco Gaspar que tem no poder um livro de versos intitulado «Vyssões», que muito breve será distribuido pelos seus amigos e pela imprensa.

PERFUME ASCANIO

O sr. dr. Mattoso Ferrez, digno agente geral da companhia «A Educadora», nesta cidade, telefonou-nos a uma hora da tarde, imitando ouaro da Russia, convidando-o a fracassar de perfume para longe, de um genuino finissimo e agradavel, verdadeiro novidade nesta capital.

Agradecemos o delicado mimo.

EXPOSIÇÃO POSTAL EM CHICAGO

Foi nomeado o administrador dos Correios de Minas-Geraes, dr. Antonio de Paula de Assis Resende, para representar o Brazil na Exposição Postal aberta a de Chicago, encarregado de entrevistar um collegio sobre o serviço postal da Republica Norte Americana.

Piquillo Alliaga

CONSTA...

...que na Ignassia-feira Ferreira voltará do Rio a Guaratinguetá, e brevemente chegará até esta cidade a 0 illustre paulista dr. Rodrigues Alves.

...que tem sido bem acolhido o projecto da publicação de uma folha de segunda-feiras, de propriedade e redacção de todo a imprensa diaria desta capital.

...que o ministro de estrangeiros do governo federal será escolhido d'entre os membros do congresso do São Paulo e... mais não podemos por ora dizer.

...que o sr. Presidente do Estado talvez não possa comparecer ás grandes festas que se preparam na cidade do Rio Claro para o dia 12 do corrente.

...que o sr. Consul da Italia nesta cidade tem investido em obter do governo do Estado, a protecção de todos os colonos, que pretendem localisar-se a custa dos accommodamentos de Julho de e trento anno.

...que o dr. Chefe de Policia vai pedir autorisação ao governo do Estado para fazer acquisição de uma pequena typographia para impressão de circulares e outros papeis referentes ao serviço policial.

...que se procederá amanhã, na sala das audiencias do Jury do civel, a formação da culpa de um ex-agente do correio de Santos, denunciado pelo procurador da Republica.

ESPECTACULOS

SANTANA

Hoje

Sem funcção

SANTA IZABEL

Hoje

Sem funcção

NOTICIAS THEATRAES

O rabequi la Sarasate deu ultimamente em Londres, no San James's Hall, um grande concerto com acompanhamento de orchestra.

Nos primeiros dias do anno proximo irá a scena em Liverpool uma opera posthuma do maestro Goring Thomas, intitulada «The Golden Web».

Goring morreu, deixando a opera incompleta : foi terminada pelo maestro Waddington.

—Nerone em Vienna, na edade de 75 annos, José Salinger Doppler, conhecido autor dramatico. Escreveu, de 1852 a 1890, nada menos de 450 comedias, na maior parte em um acto ; a ultima dellas, «O Rei Lear», foi muito bem recebida pelos nos theatros austriacos e allemães.

—Em Berlim falleceu o rabequista Dupont, professor de violino de muitos dos principaes artistas e amadores

O ESTADO DE S. PAULO

PROPRIEDADE DA COMPANHIA IMPRESSORA PAULISTA

ANNO XIX — REDACÇÃO 58 — Rua 15 de Novembro — 58 — GERENTE—José Filinto da Silva

S. PAULO — Terça-feira, 31 de outubro de 1893

TIRAGEM 8.000 EXEMPLARES

As assignaturas começam em qualquer dia e terminam em fim de junho ou dezembro

ASSIGNATURAS Capital 10$ | Interior 20$ | Estrangeiro 40$

Numero do dia 100 rs. — N. 5.567

S. PAULO

SCIENCIA E HYGIENE PUBLICAS

LABORATORIO DE BACTERIOLOGIA E DE ANALYSES CHIMICAS

Revue Medico Chirurgicale du Brésil, publiée sous la direction du Docteur Luiz Pinto Carneiro Pacheco e Silva, Professeur de Clinique Médicale à la Faculté de Médecine de Rio de Janeiro, traduzida litteralmente pelo distincto medico dr. Dr. A. Brinsay:

Dr. Cesario Motta, secretario de Estado dos negocios do interior, era um dos distinctos amigos de tornar-se o logar politico notavel de hoje. Não é pois admirar que em seu interessante relatorio apresentado ao Presidente do Estado de S. Paulo em 1893, tivesse consagrado uma larga parte a todas as questões de assistencia publica, de hygiene e prophylaxia epidemica, de demographia sanitaria, e laboratorios scientificos, uma palavra, a todas as questões sanitarias que são de um interesse fundamental para o desenvolvimento rapido do Estado de S. Paulo.

A primeira cousa que nos impressionou ao lermos o relatorio do dr. Cesario Motta, foi a importancia que elle dá ao estudo completo e detalhado de todo quanto tem sido feito ou está sendo preparado no Estado de S. Paulo com relação ao hygiene e prophylaxia publica, e a maneira por que elle se occupa de todos os pontos importantes que se referem a assistencia publica, de hygiene e prophylaxia epidemica, de demographia sanitaria, e laboratorios scientificos, uma palavra, a todas as questões sanitarias que são de um interesse fundamental para o desenvolvimento rapido do Estado de S. Paulo.

Ao lermos o relatorio do dr. Cesario Motta, fomos logo impressionados pela importancia que elle dá ao estudo completo e detalhado de todo quanto tem sido feito ou está sendo preparado no Estado de S. Paulo com relação ao

Em relação aos autores, a grande maioria era composta por franceses, embora houvesse significativa presença de portugueses e espanhóis, conforme observa-se no quadro abaixo:

Quadro V: Nacionalidades dos autores de obras ficcionais

País	Quantidade de autores
França	56
Portugal	16
Espanha	12
Inglaterra	6
Brasil	4
Itália	3
Estados Unidos	2
Irlanda	2
Bélgica	1
Suíça	1
Alemanha	1
Polônia	1
Total	**105**

Além disso, cabe destacar que romancistas brasileiros figuraram no *Correio Paulistano* que, além de Manuel Antônio de Almeida já mencionado, também publicou o paulista Vicente Félix de Castro (1823-1878) e o catarinense Otacílio Vieira da Costa (1883-1950). A *Província*, por sua vez, estampou novela de autoria de Lúcio de Mendonça, o que evidencia que a maior parte dos escolhidos eram escritores europeus, com apenas dois norte-americanos, a maioria deles estava viva no momento da publicação ou havia falecido a pouco tempo.

Poucas mulheres figuraram no espaço folhetim, cabendo destacar que no *Estado* figuraram as francesas George Sand (Amandine Aurore Lucile Dupi), Jean de La Brete (Alice Cherbonnel), a alemã E. Marlitt (Friederieke Henriette Christiane Eugenie John) e a inglesa M. E. Braddon (Mary Elizabeth Braddon). Já o *Correio* divulgou a obra de Fernan Cabalerro, pseudônimo da espanhola Cecilia Böhl de Faber y Larrea. Nota-se que era raro que escritoras usassem seus próprios nomes quando publicavam romances e

novelas. Vale lembrar que os autores de folhetins mantinham relações próximas e integravam o mesmo círculo de sociabilidade. George Sand, por exemplo, colaborou no *Le Figaro* graças ao intermédio de Jules Sandeau e chegou mesmo a assinar alguns de seus textos como Jules Sand, como forma de homenageá-lo e, ainda, confundir os críticos. Já Paul Sauniére, secretário de Alexandre Dumas, aprendeu com o patrão técnicas de escrita e tornou-se, ele mesmo, um autor de livros. Em outras circunstâncias, os autores juntavam-se para escrever coletivamente um romance, um deles reproduzido por *A Província de São Paulo*, intitulado *La Croix de Berny* e traduzido como *A Porfia*, que reuniu Theófilo Gautier, Delphine Girardin, Jules Sandeau e Joseph Mery. Talvez inspirados pelos colegas franceses, Lúcio Mendonça, Teófilo Dias e Afonso Celso Junior resolveram redigir a novela *Flor de couve*, que veio a público na *Província* e foi denominada "romance a capricho e a cinco penas," ainda que apenas três escritores e não cinco o tenham escrito.

Não era raro que obras que alcançaram grande fama fossem continuadas por outros, tão como ocorreu com J. du Boys, que escreveu *A condessa de Monte Cristo*, inspirado no clássico de Alexandre Dumas e apresentado pelo jornal nos seguintes termos:

> Se Dumas faz passar dantes por todas as torturas que podem dilacerar uma alma humana, J. Du Boys (...) faz de Helena de Rancogne uma mártir a quem matam o marido, o irmão e a filha e ainda como Edmundo, é uma vitima da injustiça social. É porem diferente o jeito como J. Du Boys encarou o problema humano, ao apresentar sua protagonista, pois no Conde de Monte Cristo, Dumas encarna em Edmundo um espírito de vingança, ao passo que no romance que hora começa, a condessa de Monte Cristo, ilumina os seus atos com a luz de uma grande misericórdia. Iniciando hoje a publicação do romance de J. Du Boys, cremos proporcionar os leitores do *Estado* a leitura de um dos mais interessantes livros que, no gênero, tem aparecido nestes últimos trinta anos (*O Estado de S. Paulo*, 28/05/1904, p. 2).

Embora O Conde de Monte Cristo não tenha sido publicado no *Estado*, convém recordar que Jules Lermina, sucessor de J. du Boys no rodapé, escreveu *O filho de Monte Cristo* em 1897, evidenciando que a história publicada entre 1844 e 1846 no *Journal des Débats* tornou-se cenário de outras narrativas. Pode-se citar, ainda, *Os amores de D'Artagnan*, de Albert Blanquet, que figurou no *Correio Paulistano* em 1872 e que se valia de um dos personagens de *Os Três Mosqueteiros*, veiculado pelo *Le Siècle* em 1844. Observa-se que as obras de Dumas foram exploradas por uma gama de autores que viam na fórmula por ele empregada, uma oportunidade de fazer sucesso junto ao público.

Outra circunstância que merece reflexão diz respeito à persistente ausência do tradutor das obras. Por vezes informava-se "traduzido por uma senhora" e, mais raramente, a autoria da tradução era explicitada, como foi o caso de Margarida da Siqueira, que talvez fosse pseudônimo, pois não foram encontradas informações sobre tal personalidade. Já Corinna Coaracy (1859-1892), nascida em Wyandotte City, atual Kansas City (EUA), foi colaboradora dos periódicos fundados no Rio de Janeiro por seu pai, Carlos Francisco Alberto de Vivaldi. [131] No *Correio Paulistano*, destacou-se a portuguesa Maria Amalia Vaz de Carvalho, que escreveu em vários jornais e revistas.[132]

Contudo, a maioria dos tradutores eram homens e, em algumas ocasiões, além de se estampar seus nomes, também se mencionava a atividade profissional, caso do tradutor de *Por causa de uma rosa*, de Etienne Marcel para o *Correio*, o bacharel em direito Alberto de Andrade. [133] Havia também nomes de prestígio, como de Salvador de Mendonça, formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco e que exerceu, durante anos, funções diplomáticas nos Estados Unidos. [134] Outros colaboravam em outras seções, a exemplo de Navarro de Andrade, que publicou crônicas e contos no espaço folhetim.

É interessante assinalar o empenho dos jornais em alardear as traduções, o que remete para a questão dos direitos autorais. Os romances publicados no espaço destinado ao folhetim eram acompanhados de notas como "tradução especial" para *O Estado de S. Paulo*/*Correio Paulistano*, ou "traduzido/vertido por" (seguida do nome do tradutor), o sugeria a ideia de exclusividade. Em 1896, o *Estado* anunciou um novo romance no espaço folhetim e confidenciava ao leitor: "dentro de poucos dias (...) começaremos a publicar um romance verdadeiramente sensacional, de conhecido autor francês. A tradução, especial para o *Estado*, está quase concluída." [135]

Segundo Dennys Reis, o baiano Caetano Lopes de Moura (1780-1860) foi considerado o nosso primeiro tradutor profissional e, dentre seus trabalhos, registram-se

---

[131] VASCONCELLOS, Eliane. *Corina Coaracy*. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br. Acesso em: 14 jul. 2015.

[132] Disponível em: http://www.esmavc.org/index.html. Acesso em: 15 jul. 2015. Maria Amália Vaz de Carvalho é portuguesa e, até onde se sabe, morou em Portugal a maior parte de sua vida. Por isso não se pode afirmar que ela colaborou de forma direta com o *Correio Paulistano*, ou se a folha utilizou romances traduzidos pela escritora para jornais portugueses.

[133] *Correio Paulistano*, 11 abr. 1877, p.1.

[134] Ver MENDONÇA, Carlos Sussekind de. *Salvador de Mendonça: democrata do Império e da República*. Rio de Janeiro, INL/MEC, 1960.

[135] *A Província de São Paulo*, 10 nov. 1896, p. 1.

traduções de Walter Scott, Alexandre Dumas, Chateaubriand, além de outros textos nas áreas de geografia, história, medicina e filosofia. O seu nome figurou no rodapé do *Estado* em 1893, quando da publicação de *O derradeiro moicano*, de Fernimore Cooper. Ao que consta, a maioria de suas traduções era realizada a partir do francês, pois apesar de dominar o inglês e o alemão, o grande volume de trabalho e a maior familiaridade com a língua francesa explica sua opção. [136] Sabe-se ainda que muitas traduções encomendadas pelo editor Laemmert, realizadas pelo professor alemão do Colégio Pedro II, Carlos Jansen Müller, tiveram trechos omitidos, sob o argumento de que eram inadequados para a juventude. A questão levanta debates entre os estudiosos da tradução a respeito da fidelidade à composição original e do grau de liberdade permitido. Por certo a questão não era diferente nos jornais pesquisados e muitos dos romances vertidos para o português devem ter sido alterados ou reinterpretados em função do gosto não apenas dos tradutores, mas, sobretudo, dos leitores.

Segundo Hallewell, por volta de 1870, um escritor mesmo desconhecido poderia receber 70$000 por mês pela tradução de romances franceses. Na lista de tradutores de Garnier incluíam-se Salvador de Mendonça, Fernandes Reis, Jacinto Cardoso e Abraches Gallo, que recebiam $400 por mil palavras, equivalente a algo entre 250$000 e 280$000 por um volume de Julio Verne, Xavier de Montepin ou Émile Gaboriau.[137] Infelizmente não se sabe o valor pago aos tradutores pelos jornais, que obviamente não traziam essa informação. Entretanto, em outros momentos, elementos presentes no cabeçalho dos romances apresentados no rodapé exprimiam certas parcerias acordadas entre o jornal e as casas livreiras. Foi o caso, por exemplo, de *Os Mistérios de Paris Novo*, de Fortuné de Boisgobey, publicado no folhetim de *O Estado de S. Paulo* (1892) e cuja "edição e propriedade" do título pertencia à Casa Laemmert.

Cabe destacar que o espaço do folhetim sempre foi uma espécie de vitrine para as casas editoras, uma vez que muitos lançamentos figuravam primeiro no rodapé do jornal e, em função da aceitação do público, os editores sentiam-se atraídos para lançar a obra no formato livro, tal como aconteceu com o romance *Calabar - história brasileira do século XVII*, escrito pelo português Silva Mendes Leal Junior, publicada

[136] REIS, Dennys Silva. Impactos da tradução escrita no século XIX. *Tradução em Revista* (Online), v. 18, p. 33-54, 2015.
[137] HALLEWELL, *Op. cit*, p. 208; 211; 242.

em folhetim pelo *Correio Mercantil* e cujo exemplar em livro foi ofertado ao *Correio*, que asseverou: "a empresa do *Correio Mercantil* bem fez cedendo às instâncias dos entendidos, [já que] é uma publicação que enriquece a livraria dos que se interessam pela história de seu país e um meio fácil e agradável de estudá-la." Os interessados, ou por terem lido a obra nos jornais e desejarem tê-la no novo suporte, ou por não a conhecerem ainda, podiam adquiri-la na Casa Garraux. [138]

No que tange à política de direitos autorais, a lei n° 946, de 01 de agosto de 1898, apesar de contemplar apenas a propriedade intelectual de escritores residentes no Brasil, acabou freando a publicação ilícita de obras estrangeiras. Até então contava-se apenas com o artigo 261 do Código Criminal do Império (1830), que especificava que era proibido imprimir, gravar e litografar qualquer texto composto por cidadão brasileiro enquanto estivessem vivos e por dez anos após sua morte. A regra não era obedecida e, inclusive, alguns deputados apresentaram projetos de lei para a regularização sobre o direito autoral como se ela não existisse. Alguns casos foram parar no Tribunal Supremo, como o de Paulina Maria Constant Proença, que processou Antônio José Mello por reimprimir sem autorização um guia médico de seu marido falecido José Henrique de Proença. [139] Além de obras especializadas, muitos romances eram reproduzidos por casas editoras e periódicos, sem o conhecimento do autor, a denominada prática de *contrefaçon*, ou seja, a cópia não autorizada que, no caso da literatura francesa, era impressa em países como Bélgica, Alemanha, Itália, Suécia e também em toda América. No âmbito internacional, o tratado com Portugal, que reconheceu a Independência do Brasil (1825), asseverava que textos escritos por portugueses seriam protegidos, o que não impediu a avalanche de publicações de obras portuguesas por editoras nacionais, que economizam os custos da tradução. O mais interessante é que o Portugal fazia a exigência sem nem ao menos possuir leis que tratassem do assunto, já que as primeiras datam de julho de 1851.[140]

Na Europa, um dos casos paradigmáticos foi descrito por Robert Darnton, que estudou os caminhos da atividade editorial no XVIII. Ao analisar a *Enciclopédia*, organizada por Diderot e D'Alembert, referiu-se à preocupação dos editores em impedir reproduções em Lyon, Lausanne e Liége. Isso não impediu que pessoas ligadas à

[138] *Correio Paulistano*, 28 abr. 1863, p.3.
[139] HALLEWELL, *Op. cit*, p.244; 264.
[140] Idem, p. 245.

empresa impressora obtivessem cópias e chantageassem os editores, ameaçando publicar a *Enciclopédia* caso não fosse pago o resgate exigido. Em outro momento, um grupo das cidades de Berna e Lausanne intencionava imprimi-la em outro formato, com preço mais acessível. [141] No Brasil, houve casos graves de falsidade autoral, como aconteceu com o romance *A mão do Finado*, escrito pelo português Alfredo Possolo Hogan, mas indevidamente atribuído a Alexandre Dumas, como continuação do prestigiado *O Conde de Monte-Cristo*. A versão foi publicada pelo *Diário do Rio de Janeiro* e, segundo consta, o próprio Dumas enviou uma carta ao *Jornal do Comércio* para alertar sobre a falsificação. [142]

A falta de um órgão que reunisse os interesses dos escritores a respeito dos direitos autorais motivou a criação, no Rio de Janeiro, da "Sociedade dos Homens de Letras", noticiada pelo jornal *O Correio do Povo* em 15 de maio de 1890. Em seguida, a *Gazeta de Notícias* informou a existência de uma sociedade semelhante em São Paulo, da qual faziam parte nomes como Almeida Nogueira, Filinto de Almeida e Américo de Campos. [143]

Sobre as medidas tomadas para instituir o direito autoral no país, além da já citada norma de 1898, a III Conferência dos Estados Americanos, realizada no Rio de Janeiro em 1906, tinha em seu programa a proposição de uma convenção que tratava justamente da propriedade artística e literária. O Brasil, como país anfitrião, aderiu à mesma, embora não tenha tomado qualquer providência para executá-la. Só em 1912 o Congresso Brasileiro aprovou a Lei n°2577, de 17 de janeiro, que estendia aos cidadãos dos países membros da Convenção todas as disposições da lei de 1898, salvo a necessidade de registrar a propriedade dos direitos autorais na Biblioteca Nacional.

Em 1916, a reformulação no Código Civil prolongou a duração dos direitos autorais para sessenta anos após a morte do autor, a menos que excedesse o tempo admitido pela legislação do país em que a obra fora publicada pela primeira vez. Já os direitos autorais sobre as traduções continuaram limitados há dez anos. [144] No caso dos

---

[141] DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

[142] GUIMARÃES, Rosângela Maria Oliveira. A publicação do falso-folhetim "A mão do finado" em jornal brasileiro e a polêmica da autoria. *V Congresso Nacional de História da Mídia* – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0063-1.pdf. Acesso em 03 jan. 2012

[143] LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

[144] HALLWELL, *Op. cit*, p. 264.

romances publicados pelos jornais *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*, não se observou qualquer menção à questão, apenas se informava sobre o fato de os mesmos terem sido traduzidos para o português por iniciativa dos periódicos.

A notícia do envio de Euclides da Cunha à Bahia em 1897, na condição de correspondente de guerra do *Estado* durante os conflitos em Canudos, permite refletir sobre o papel do jornal enquanto impressor de obras:

> Por contrato firmado com esta empresa, o Dr. Euclides da Cunha nos enviara correspondência do teatro de operações e além disso tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro. Este trabalho será por nós publicado em volume. O Dr. Euclides é como todos nossos leitores sabem, um escritor brilhante e perfeitamente versado nos assuntos que vai desenvolver. O seu trabalho, por conseguinte, será interessante e constituirá um valioso documento para a história nacional. (*O Estado de S. Paulo*, 30 de julho de 1897, p. 1).

O que mais chama a atenção no excerto é a afirmação de que o trabalho do escritor seria publicada em volume, ou seja, o jornal assumia tal compromisso. Cabe destacar que jornais e revistas possuíam as chamadas seções de obras, que executavam serviços como a impressão de folhetos e impressos variados, material de publicidade e livros. Segundo Mario de Camargo, o *Estado* contava com profissionais reputados, a exemplo de José Barone, fundador da Fotogravura Barone, e Angelo Lastri, que também abriu uma gráfica após sua saída das oficinas do jornal. [145] Sabe-se que, apesar do acordo firmado entre Euclides da Cunha e o jornal de Julio Mesquita, a primeira edição de *Os Sertões* foi publicada só em 1902 pela Laemmert Editores.

Foi na década de 1890 que os romances ganharam cada vez mais destaque no espaço folhetim, em contraposição a outros gêneros textuais. Entre sua fundação (1854) e o ano de 1890, o *Correio Paulistano* estampou mais de 50 romances, dos quais 30 apenas entre 1891 e 1905. Os números de *O Estado de S. Paulo* também são significativos: entre sua criação (1875) e 1890 foram 30 romances, enquanto entre 1891 e 1905 foram 41 títulos. O fortalecimento das seções de obras dos jornais em fins do século XIX e o crescente interesse pelo romance no espaço do folhetim encorajaram seus donos a optar por distribuir como brinde e sob a forma de livro, os romances já

---

[145] CAMARGO, Mario de. *Gráfica -Arte e indústria no Brasil*: 180 anos de História. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003. p. 49-50.

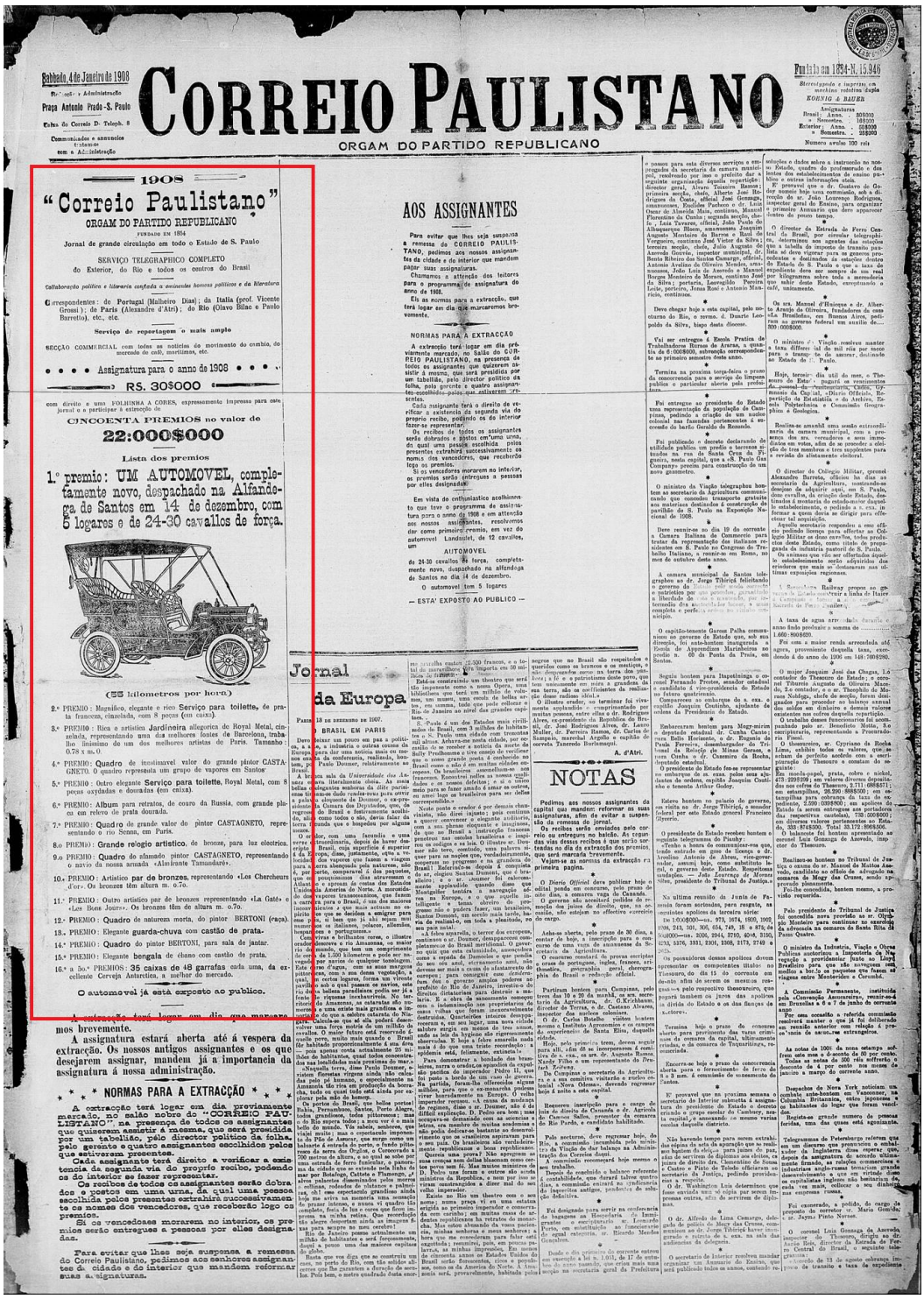
publicados pelas folhas. As premiações, de modo geral, eram uma estratégia de assegurar as assinaturas para o ano vindouro e incentivar novas.

Os brindes também incluíam calendários, quadros, almanaques, suplementos em rotogravura, prêmios da loteria em dinheiro, mercadorias ou apólices, e mesmo o sorteio de casas e carros. [146] O primeiro prêmio oferecido aos assinantes pelo *Correio Paulistano*, por exemplo, foi "um automóvel completamente novo, despachado da alfândega de Santos com cinco lugares e de 24-30 cavalos de força e 55 quilômetros por hora." [147] Em outro momento, o *Estado* premiou um de seus assinantes com " excelente e magnifica vivenda a ser construída pela Cia Iniciadora Predial, em seus terrenos disponíveis no Alto da Lapa e em escolha do assinante contemplado." [148]

Em relação à distribuição de produtos, o conjunto era bem variado e contava com "serviços para toalete," álbuns de retratos em couro, relógios, guarda-chuvas, bengalas e até mesmo caixas de cerveja. Alguns sorteios ocorriam nos escritórios das folhas, presididos por um tabelião e que contavam com a presença de dirigentes do jornal e dos assinantes que quisessem acompanhar os trabalhos e se certificar da idoneidade do processo. Era comum que a notícia dos brindes se iniciasse nos últimos três meses do ano corrente, sendo a entrega no começo do seguinte. Quando havia prêmios de alto valor, como carros, casas e somas em dinheiro, as folhas costumavam identificar os ganhadores, inclusive informando sua cidade de origem e endereço residencial.

A partir da análise dos brindes oferecidos, verifica-se que havia uma relação estreita entre a prática de premiação e o espaço folhetim. A afirmação baseia-se no fato de que alguns livros distribuídos entre os assinantes, haviam anteriormente, figurado no rodapé. No caso do *Estado*, por exemplo, a obra *A mulher do vestido escuro*, de George Ohnet, oferecida em dezembro de 1895 aos assinantes do jornal, figurou no espaço folhetim entre abril e julho do mesmo ano. No dia da estreia da obra, o jornal já deixava clara tal intenção ao informar que "para publicá-lo empregamos tipo diverso das outras seções da nossa folha, porque pretendemos publicar em volume o belo trabalho de Ohnet para oferecê-lo gratuitamente às pessoas." [149] Assim, aqueles que desejassem ter

[146] Para mais informações sobre a prática de brindes dos jornais ver: TRIZOTTI, Patrícia Trindade. *"Um Brinde aos assinantes": Os Almanaques do jornal O Estado de S. Paulo (1896,1916 e 1940)*. Dissertação de mestrado em História. Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.
[147] *Correio Paulistano*, 04 jan. 1908, p.1.
[148] *O Estado de S. Paulo*, 28 mar. 1933, p.6.
[149] *O Estado de S. Paulo*, 29 abr. 1895, p.2.



Sabbado, 4 de Janeiro de 1908

CORREIO PAULISTANO

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

Fundado em 1854 — N. 15.946

Praça Antonio Prado-S. Paulo

Publicando e imprimindo em machinas rotativas depois

ROTHSCHILD & BAUER

Assignaturas

Brasil: Anno. 30$000
» Semestre. 16$000
Exterior: Anno. 50$000
» Semestre. 30$000

Numero avulso 100 réis

Telephone do Correio D. Telesph. 8

Communicados e annuncios tratam-se com a Administração

1908

"Correio Paulistano"

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

FUNDADO EM 1854

Jornal de grande circulação em todo o Estado de S. Paulo

SERVIÇO TELEGRAPHICO COMPLETO

do Exterior, do fio e todos os centros do Brasil

Collaboração politica e litteraria confiada a eminentes homens politicos e da litteratura

Correspondentes: do Portugal (Malheiro Dias); da Italia (prof. Vicente Gromi); do Rio (Alexandre d'Atri); do Rio (Olavo Bilac e Paulo Barreto), etc., etc.

Serviço de reportagem o mais amplo

SECÇÃO COMMERCIAL com todas as noticias do movimento do cambio, do mercado de café, mortimos, etc.

• • • • Assignatura para o anno de 1908 • • • •

RS. 30$000

com direito a uma FOLHINHA A CORES, expressamente impressa para este jornal e a participar á extracção de

CINCOENTA PREMIOS no valor de

22:000$000

Lista dos premios

1.º premio: UM AUTOMOVEL, completamente novo, despachado na Alfandega de Santos em 14 de dezembro, com 5 logares e de 24-30 cavallos de força.

(55 kilometros por hora)

2.º PREMIO: Magnifico, elegante e rico Serviço para toilette, de prata franceza, cinzelada, com 8 peças (em caixa).

3.º PREMIO: Rica e artistica Jardineira allegorica de Royal Metal, cinzelada, representando uma das melhores fontes de Barcellona, trabalho finissimo de um dos melhores artistas de Paris. Tamanho: 0,78 x m. 0

4.º PREMIO: Quadro de finissimo valor do grande pintor CASTAGNETO. O quadro representa um grupo de vapores em Santos

5.º PREMIO: Outro elegante Serviço para toilette, Royal Metal, com 8 peças oxydadas e douradas (em caixa).

6.º PREMIO: Album para retratos, de couro da Russia, com grande placa em relevo de prata dourada.

7.º PREMIO: Quadro de grande valor do pintor CASTAGNETO, representando o rio Sonna, em Paris.

8.º PREMIO: Grande relogio artistico, de bronze, para luz electrica.

9.º PREMIO: Quadro de afamado pintor CASTAGNETO, representando o navio da nossa armada «Almirante Tamandaré».

10.º PREMIO: Artistico par de bronzes, representando «Les Chercheurs d'or». Os bronzes têm altura m. 0.70.

11.º PREMIO: Outro artistico par de bronzes representando «La Gaté» e «Les Bons Jours». Os bronzes têm de altura m. 0.70.

12.º PREMIO: Quadro de naturezn morta, do pintor BERTONI (raça).

13.º PREMIO: Elegante guarda-chuva com castão de prata.

14.º PREMIO: Quadro do pintor BERTONI, para sala de jantar.

15.º PREMIO: Elegante bengala de ebano com castão de prata.

16.º a 50.º PREMIOS: 35 caixas de 48 garrafas cada uma, da excellente Cerveja Antarctica, a melhor do mercado.

O automovel já está exposto ao publico.

A extracção terá logar em dia que marcaremos brevemente.

A assignatura estará aberta até á vespera da extracção. Os nossos antigos assignantes e os que desejarem assignar, mandem já a importancia da assignatura á nossa administração.

* * * NORMAS PARA A EXTRACÇÃO * * *

A extracção terá logar em dia proximamente marcado, no salão nobre do "CORREIO PAULISTANO", na presença de todos os assignantes que quizerem assistir á mesma, que será presidida por um tabellião, pelo director politico da folha, pelo gerente e quatro assignantes escolhidos pelos presentes.

Cada assignante terá direito a verificar a existencia da segunda via do proprio recibo, podendo os do interior fazer-se representar.

Os recibos de todos os assignantes serão dobrados e postos em uma urna, da qual uma pessoa escolhida pelos presentes extrahirá successivamente os nomes dos vencedores, que receberão logo os premios.

Si os vencedores morarem no interior, os premios serão entregues a pessoas por elles designadas.

Para evitar que lhes seja suspensa a remessa do Correio Paulistano, pedimos aos senhores assignantes da cidade e do interior que mandem reformar suas assignaturas.

AOS ASSIGNANTES

Para evitar que lhes seja suspensa a remessa do CORREIO PAULISTANO, pedimos aos nossos assignantes da cidade e do interior que mandem pagar suas assignaturas.

Chamamos a attenção dos leitores para o programma de assignatura do anno de 1908.

Eis as normas para a extracção, que terá logar em dia que marcaremos brevemente.

NORMAS PARA A EXTRACÇÃO

A extracção terá logar em dia opportunamente marcado, no Salão do CORREIO PAULISTANO, na presença de todos os assignantes que quizerem assistir á mesma, que será presidida por um tabellião, pelo director politico da folha, pelo gerente e quatro assignantes escolhidos pelos presentes.

Cada assignante terá o direito de verificar a existencia da segunda via do proprio recibo, podendo os do interior fazer-se representar.

Os recibos de todos os assignantes serão dobrados e postos em uma urna, do qual uma pessoa escolhida pelos presentes extrahirá successivamente os nomes dos vencedores, que receberão logo os premios.

Si os vencedores morarem no interior, os premios serão entregues a pessoas por elles designadas.

Em vista do enthusiastico acolhimento que teve o programma de assignatura para o anno de 1908 e em attenção aos nossos assignantes, resolvemos dar como primeiro premio, em vez do automovel Landaulet, de 12 cavallos, um

AUTOMOVEL

de 24-30 cavallos de força, completamente novo, despachado na alfandega de Santos no dia 14 de dezembro.

O automovel tem 5 logares

— ESTA' EXPOSTO AO PUBLICO —

Jornal da Europa

PARIS 18 DE DEZEMBRO DE 1907.

O BRASIL EM PARIS

Para deixar um pouco em paz a politica, a industria e outras cousas com a Europa, para dar uma noticia mais ou menos ampla da conferencia, realisada, hontem, pelo Paulo Dourner, relativamente ao Brasil.

A grande sala da *Universidade des Annales* estava literalmente cheia. As mais bellas collegiaes senhoras da élite parisiense lá estavam reunidas para ouvir a palavra eloquente do Dourner, o orador sympathico da Camara dos Deputados, que, regressou do Brasil e Republicas sul-americanas, ia fallar de sua terra, ia fallar de sua gente.

Dourner, com uma facundia e uma fluencia verdadeiramente, depois de haver dado, com sagacidade e muita intelligencia, a sua opinião sobre a viagem que fizera ao Brasil, disse, justamente, após a recepção que lhe fizeram os vapores que traziam a viagem, a sua chegada pela natureza, não só, por certo, comparavel á dos paizes, que os conquistadores dias atraveram e Atlantico e aprenderam as costas dos Estados Unidos da America do Norte. A mocidade, a grandeza, todas pittorescas: mas o Rio espera todos; a meu ver é o mais bello do mundo. Vê-se, senhores, que visael muito; mas o espectaculo impressiona. Pão de Assucar, que surge como um baluarte á entrada do porto, o fundo pittoresco da serra dos Orgãos, o Corcovado a 700 metros de altura, e ao qual se sobe por uma estrada de ferro funicular, o panorama da cidade que se estende pela linha da praia de Botafogo, Cattete e Flamengo, as alves palmeiras dominadas pelos mattos virgens, tudo isso, senhores, é maravilhoso, ahi vae esperando grandiosa ainda. Rio mez passado, a nossa sensação de grande riqueza, a nossa vi quadro lia Bahia, de bella apparencia, de bonitas casas, de habitação proporcionalmente á sua força e do Rio sup

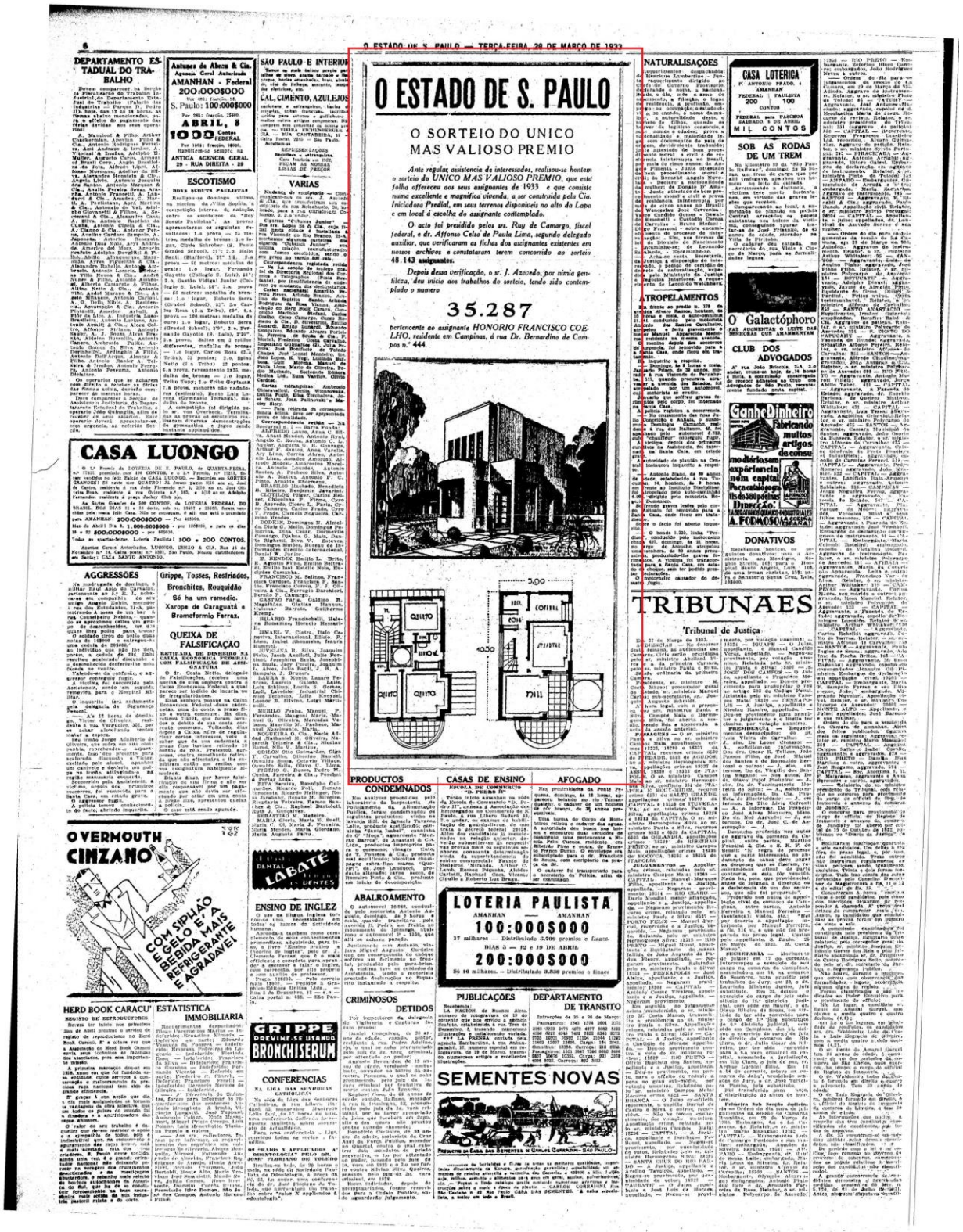


Fig. 24: Anúncios do ganhador e planta do imóvel sorteado como prêmio para os assinantes em *O Estado de S. Paulo* (28/03/1933).

a obra não precisariam se dar ao trabalho de guardar os recortes, bastaria adquirir uma assinatura ou renovar a que já possuíam.

Os não assinantes também poderiam adquirir o livro, que era vendido nas dependências do jornal por $3.000 réis, sendo ainda possível solicitar pelo correio "o volume de 256 páginas nitidamente impresso", por $3.500, indício de que a produção do volume era significativa e ultrapassava o montante de assinantes efetivos e futuros. O envolvimento do jornal com a publicação de livros remontava à década de 1870, quando alguns anúncios evidenciavam que a sede do jornal já era ponto de venda de algumas obras, mas não é possível afirmar se eram impressas nas máquinas do jornal. Em 27 de julho de 1877, por exemplo, comunicava-se ao público que a segunda edição de *Coisas e Lousas*, de Julio de Albergaria, era vendida na sede do jornal por 1$200, o exemplar, e 1$500, via correio.

Assinale-se o lançamento da chamada *Biblioteca Útil* no começo da década de 1880, que consistia numa série de volumes quem contaram com a participação de nomes ligados à redação do jornal como Américo Campos, Américo Brasiliense, Rangel Pestana, Pereira Barreto, além de Silvio Romero, Garcia Redondo, Julio Ribeiro, entre outros. O anúncio da iniciativa explicava que cada um ficaria responsável por um determinado tema, a exemplo de França Leite, encarregado de questões educacionais, Redondo da botânica, Ribeiro do campo da linguística etc. O comunicado também sugeria que, além da produção de obras inéditas, também haveria traduções de textos estrangeiros. [150]

O editor responsável era Abílio Marques, que afirmava que cabia "aqueles que tem progredido na ordem intelectual, o dever de levar a civilizadora luz da ciência aos que jazem imersos nas trevas da ignorância." Por isso, resolveu-se organizar a empreitada que tinha em vista proporcionar "ao povo a familiaridade com as ciências e as grandes ideias do século, eis o fim que tivemos em vista ao encetar esta coleção de livrinhos."[151] A venda ficou a cargo da Livraria Popular, de propriedade de Marques, localizada na Rua da Imperatriz, 35, ou seja, ao lado da sede de *A Província*. Inclusive, segundo Heloisa Cruz, o próprio escritório de negócios do diretor do jornal, Rangel Pestana,

[150] *A Província de São Paulo*, 31 jan. 1880, p.2.
[151] Idem.

Fig. 25, 26 e 27: Romance *A mulher de vestido escuro* publicado no espaço folhetim, anúncio do volume como brinde aos assinantes do jornal e venda da obra no escritório do jornal *O Estado de S. Paulo* (1895)

também se localizava no mesmo conjunto imobiliário. [152] No entanto, não se sabe que tipos de transações comerciais existiam entre Pestana e Marques ou se mesmo os livros editados pelo último eram impressos nas oficinas do jornal.

A empreitada foi noticiada pela *Gazeta de Noticias* que, ao relatar as intenções da biblioteca em questão, elogiou o feito daqueles que tais "como os paulistas de outrora, fortes, corajosos, aventureiros, verdadeiros iniciadores" se lançaram não só no desenvolvimento das estradas de ferro e na multiplicação de plantações, mas também "na esfera mental, nas escolas, nos congressos, no jornalismo, na literatura e na ciência". Segundo a nota, reproduzida em *A Província*, já fazia tempo que países como França, Inglaterra e Estados Unidos se preocupavam em fornecer livros "simples, claros e baratos" para as escolas e para o povo. [153] Informava-se, ainda, que a *Biblioteca Útil* era inspirada na *Bibliothèque Utile*, de Germer Baillière, em que "existem opúsculos de grande valor."

O volume inaugural foi *Do Espirito Positivo por Auguste Comte: notas corrigidas e redigidas por um discípulo*, cuja versão ficou a cargo de Joaquim Ribeiro de Mendonça. Conforme anúncio, tratava-se de livro em formato pequeno, com 83 páginas, vendido por 1$000 ou 1$300 (caso enviado por correio). [154] Cabe ressaltar que ao comentar o recebimento da última edição da revista *O Positivismo*, publicação de 80 páginas que circulava em Portugal, de propriedade de Theophilo Braga e Julio de Matos, a *Província* destacou que um dos artigos denominado *Popularização da Filosofia Positiva no Brasil*, de autoria de Matos, referia-se à *Biblioteca Útil*. Em suas palavras, era preciso associar forças para que de modo lento, mas seguro, se renovasse o pensamento e o empreendimento obedecia a esta ideia uma vez que era uma empresa que propagandeava a filosofia positivista.[155]

Em março de 1880, anunciou-se que o terceiro volume da coleção, de autoria de Julio Ribeiro e intitulado *Traços Gerais de Linguística*, estava terminado e em breve seria disponibilizado ao público. [156] Não se sabe quanto durou e quantos volumes da

---

[152] CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: EDUC: FAPESP: Imprensa Oficial de São Paulo, 2000, p. 182.
[153] *A Província de São Paulo*, 01 fev. 1880, p.2.
[154] *A Província de São Paulo*, 28 abr. 1880, p.2.
[155] Idem.
[156] *A Província de São Paulo*, 05 mar. 1880, p.2.

Biblioteca Útil foram publicados, mas é fato que o foco inicial não era os romances publicados no espaço folhetim, evidenciando-se a atuação do jornal num empreendimento que produzia livros. Já nos reclames presentes nos exemplares da *Província* sobre a *Biblioteca Útil* enfatizava-se que se pretendia oferecer volumes de baixo custo, tanto que o custo do exemplar era de 1$000, enquanto o jornal na época era vendido avulso a 100 réis.

Após *A mulher do vestido escuro* que, como mencionado, provinha do espaço folhetim, outros romances foram anunciados e apresentados com o título *Biblioteca do Estado de S. Paulo*, conforme anúncio de novembro de 1897. Neste, alertava-se aos leitores que estavam à venda no escritório do *Estado* romances com tradução especial: *O Alfinete cor de rosa*, de Fortuné du Boisgobey, *Titio e o sr. Vigário*, de Jean de la Bréte, e a *Duquesa de Nala*, de Julio Piccini. O primeiro tinha um custo mais alto, pois se tratava de três volumes, vendidos a 5$000, enquanto os outros eram 2$000. Quem se interessasse em encomendá-los pelo correio, deveria acrescentar mais $500 ao valor de cada um para o porte. O primeiro romance havia sido publicado no espaço folhetim entre abril e dezembro de 1895, o segundo entre outubro e novembro de 1896 e o último entre agosto e outubro de 1896. Nos anos posteriores, novas obras foram acrescidas: *O Cura de Faviéres* e *Rei de Paris*, ambos de George Ohnet, e *O Chapéu do Padre*, de Emilio de Marchi, todos vendidos a 2$000, sem contar o acréscimo do correio. A partir de 1903, não se encontrou novos anúncios e dos três últimos romances vendidos na biblioteca, apenas o último citado figurou no espaço folhetim.

É difícil precisar a qualidade material dos volumes, pois nos anúncios de alguns títulos tinha-se apenas a informação "volume brochado." No entanto, o *Estado* não foi o único a tentar formar sua biblioteca, pois o *Correio*, algum tempo depois, passou a viabilizar uma iniciativa similar com a publicação de um primeiro romance, difundido em folhetim no *Jornal do Comércio*:

> Era nossa intenção há muito tempo inaugurar a biblioteca do *Correio Paulistano* com um romance notável, de cunho essencialmente paulista e hoje raríssimo em nosso mercado de livros. Prestaríamos assim um bom serviço às letras pátrias, evitando o completo desaparecimento de uma obra que deveria ficar como documento literário de seu tempo. Com o mesmo interesse com que se procura agulha em palheiro, procuramos nós em todas as livrarias, o famoso e belíssimo romance *A Cruz de Cedro*, cuja edição, faz já muitos anos, está esgotada. E com profundo desgosto vimos logo baldado o nosso empenho, não obstante oferecermos vantajosa soma por um só exemplar do primoroso livrinho. Após constantes e pacientes

> pesquisas, deparou-se nos em poder de um entusiasta do autor, a coleção completa de folhetins do *Jornal do Comércio* de 1854, onde primitivamente fora publicado o célebre romance (*Correio Paulistano*, 21 ago. 1900, p.2).

O *Correio Paulistano* também presenteou seus leitores com romances anteriormente publicados no rodapé do jornal, como *De beijos em beijos*, de Louis de Caters, que figurou entre julho e dezembro de 1895 e foi oferecido como brinde no fim do ano. Ao anunciar os prêmios, destacou-se que o volume era "tradução e edição especial desta folha". Os outros prêmios oferecidos constituíam-se de um almanaque organizado por Oscar Monteiro, uma gavota para piano intitulada *Anversoise* e telas em cromo de paisagens e cenas campestres. [157] No final de 1898, o *Correio* informava que brindaria os assinantes com o romance *Miretta*, de Elias Sauvage, "em um volume de 158 páginas perfeitamente impresso e encadernado," além de uma coleção de contos escritos por Álvaro Guerra, um mapa do Estado de São Paulo com todas as estradas de ferro em funcionamento e construção e uma planta da cidade de São Paulo "esplendidamente cartonada." [158]

Pode-se concluir, portanto, que na grande imprensa paulistana da segunda metade do século XIX, o espaço folhetim configurou-se, por cerca de quarenta anos, como um lugar marcado pela pluralidade em termos de gêneros textuais. A produção sobre o tema indica que tal prática não era exclusividade dos jornais paulistanos, mas que se seguia de perto o ritmo do periodismo do Rio de Janeiro. Entretanto, não seria prudente extrapolar tais condições para o restante do país, pois sabe-se que, em determinadas regiões, os diretores dos impressos nem sempre deram preferência ao gênero romance.

Na passagem do século XIX para o XX, a cidade de São Paulo destacava-se pela expansão populacional e urbana, processo que avultava a importância da imprensa periódica. A ampliação da rede ferroviária não só dinamizou as relações comerciais e sociais entre a capital paulistana, o porto de Santos e o interior, mas colaborou para que os jornais progressivamente alcançassem novos leitores e chegassem no mesmo dia a lugares cada vez mais distantes. O processo de modernização, marcado pela aquisição

---

[157] *Correio Paulistano*, 28 dez. 1895, p. 1. Gavota é um tipo de dança francesa, de origem popular, escrita em compasso binário, cujo tempo é vivo ou moderado. A partir do século XIX, passou a fazer parte de composições musicais ao piano.

[158] *Correio Paulistano*, 21 dez. 1898, p.1.

CORREIO PAULISTANO Domingo, 18 de Agosto de 1895

VENDE-SE PAPELÃO HAMBURGUEZ NA CASA DE M. L. Rohmeder & Comp. Rua Libero Badaró, 43

CLUB DA BELLA-VISTA

Paginador

DR. VEIGA FILHO Advogado

O creme virginal

CHERRY BLOSSOM

E' digno de toda a attenção

Resolvente

CLINICA DR. VIEIRA DE MELLO

Quadros para photographias

COLLEGIO PARA MENINAS Poços de Caldas Director: J. Landelina

RELOGIO FURTADO

Escovas para dentes

Banco Mercantil de Santos Chamada de capital

VESTIDOS PROMPTOS PARA SENHORAS E MENINAS DE LAN E DE SEDA DE 70$ ATÉ 250$ NA LA SAISON Rua Direita n. 11 Henrique Bamberg & C.

TRILHOS, VAGONETES E OUTROS MATERIAES PARA Estradas de ferro portateis BITOLA 50-60 CENTIMETROS E ESTRADAS MAIORES Têm grandes depositos e offerece em condições vantajosissimas. COMPANHIA ARENS S. PAULO Rua Florencio de Abreu n. 21 S. PAULO

Fundição do Braz Officina mechanica e fundição de ferro e bronze FRANCISCO AMATO & COMP. S. PAULO RUA CORREIA DE ANDRADE, 14 e 16 FIM DA RUA DO GASOMETRO

CASA NEGRA Grande fabrica de fogões economicos RUA LIBERO BADARO' N. 87, antiga São José PHILADELPHO DE CASTRO & COMP. A CASA NEGRA PREÇOS MODICOS LIMPA-SE FOGÕES E CONSERTA-SE CHAMINES

GRANDE LIQUIDAÇÃO LARGO DE S. BENTO, 10 CASA THONET VENDAS A DINHEIRO

PLACAS DE METAL PLACAS DE CRYSTAL COM LETTREIRO GRAVADO E DOURADO Chapas para marcar caixas, barris, saccos, etc. Typos de zinco dourados e tubolettas pintadas GODOFREDO BAUM Escriptorio—Rua José Bonifacio, 45 Officina—Rua dos Guayanazes, 14 S. PAULO

FOLHETIM DE BEIJOS EM BEIJOS — POR — Louis de Caters Primeira parte A COMEDIA

COMPANHIA MECHANICA E Importadora de S. Paulo

Fabrica e vende as melhores machinas para a lavoura, artes e industrias, para o que tem grandes officinas nas ruas do Triumpho e Monsenhor Andrade.

Importa todos e quaesquer machinismos por conta propria e mediante commissão.

Tem sempre em deposito grande quantidade de ferro em barra, canos de ferro, correias, azeites, e todos os artigos referentes ao seu ramo de negocio.

ENDEREÇO TELEGRAPHICO--MECHANICA Escriptorio Central: Rua 15 de Novembro n. 36 S. PAULO

LOCOMOVEIS SEMI-LOCOMOVEIS

DA AFAMADA FABRICA DE R. WOLF MAGDEBURG-BUKAU

Conhecidos pela grande economia no gasto de combustivel, acham-se sempre em deposito dos agentes

ZERRENNER BULOW & COMP. SANTOS—Rua José Ricardo, 1 S. PAULO—Rua de S. Bento

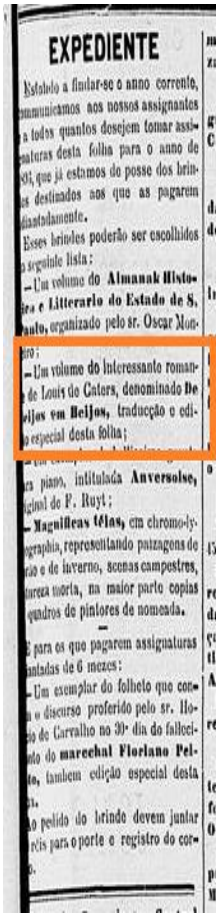
Dr. João Teixeira

PEITORAL CATHARRHICO

XAROPE DE ANNINO COM TOLU' E GUACO COMPOSIÇÃO DE BALSAMOS CONTRA TOSSES BRONQUITES, ASTHMA Tisica, Coqueluche empregando-o todos os soffredores dos vias respiratorias

RUA DE SE BL PAULO ATTESTAM A SUA GRANDE EFFICACIA

Deposito em S. Paulo BARUEL & COMP.



EXPEDIENTE

Estando a findar-se o anno corrente, communicamos aos nossos assignantes e a todos quantos desejem tomar assignaturas desta folha para o anno de 96, que já estamos de posse dos brindes destinados aos que as pagarem adiantadamente.

Esses brindes poderão ser escolhidos na seguinte lista:

—Um volume do Almanak Historico e Litterario do Estado de S. Paulo, organizado pelo sr. Oscar Monteiro;

—Um volume do interessante romance de Louis de Caters, denominado De beijos em Beijos, traducção e edição especial desta folha;

—Um piano, intitulada Anversoise, original de F. Ruyt;

—Magnificas telas, em chromo-lythographia, representando paizagens de estio e de inverno, scenas campestres, natureza morta, na maior parte copias de quadros de pintores de nomeada.

E para os que pagarem assignaturas atrasadas de 6 mezes:

—Um exemplar do folheto que contem o discurso proferido pelo sr. Hollo de Carvalho no 30º dia do fallecimento do marechal Floriano Peixoto, tambem edição especial desta folha.

O pedido do brinde devem juntar 1$ réis para o porte e registro do correio.

Fig. 28 e 29: O romance *De beijos em beijos* foi publicado no espaço folhetim do *Correio Paulistano* e depois como se observa na imagem à direita, foi oferecido também em volume aos assinantes (1895)

de novas máquinas consolidou o modelo empresarial e significou a expansão da tiragem, melhora da qualidade do produto e preços mais módicos, deixando definitivamente para trás a era artesanal. O conteúdo não ficou imune a essas transformações, tema do próximo capítulo.

Capítulo 3: A trajetória do romance no rodapé da imprensa paulistana

No último decênio do século XIX, São Paulo já não era a cidade tímida de outrora. O progresso advindo do café, produto cultivado na província a partir de 1870, foi responsável pelas transformações culturais e econômicas que modificaram a capital paulista. Segundo Ernani Silva Bruno, as casas se espalharam pelos vales e colinas de São Paulo, quando a região central já não comportava novas construções. Os mais abastados migraram para regiões mais altas da cidade, consideradas mais salubres. Uma série de reformas urbanas foram implementadas, com destaque para a abertura da Avenida Paulista (1891), pavimentada apenas em 1916, e a construção do Viaduto do Chá (1892) que ligou o Morro do Chá à Rua Direita, obra do engenheiro francês Jules Martin. Iniciou-se a era dos viadutos, que permitiu a cidade espraiar-se para além do núcleo histórico e passar a ter uma fisionomia moderna. [159]

O sistema de transporte se ampliou, como atestam os anúncios nos almanaques que listavam as fábricas de carruagens, cocheiras e oficinas de ferradores, sendo que alguns estrategicamente se localizavam em pontos próximos das entradas da cidade. [160] Em 1899, a *The São Paulo Railway*, empresa de capital canadense, se instalou em São Paulo para explorar a concessão de transportes e, no ano seguinte, inaugurou-se a primeira linha de bonde elétrico, que realizava o trajeto Centro-Barra Funda. Também foi o período que alguns imóveis deram lugar a construções mais modernas, caso do telhado e da parede da Igreja do Pátio do Colégio, que desabaram após uma forte tempestade ocorrida em 1896, episódio que motivou sua completa demolição.

As transformações da cidade também diziam respeito à questão da higiene, com a fundação do Instituto Bacteriológico (1892), destinado ao combate e à erradicação de epidemias e endemias, do Instituto Soroterápico (1901, posteriormente Instituto Butantã) e o Instituto Pasteur, dedicado ao estudo e controle da raiva e outra doenças. O sistema de água sofreu uma série de mudanças, sobretudo, graças às denúncias realizadas pela imprensa da época. No campo cultural, a música se diversificou com a incorporação de novos instrumentos e melodias trazidos pelos imigrantes italianos. [161]

---

[159] BRUNO, Ernani Silva. *Op cit*. p. 1055.
[160] Idem, p. 1.069.
[161] Idem, p. 1.280.

Houve uma significativa criação de teatros, com destaque para o Polytheama Nacional, inaugurado em 21 de fevereiro de 1892, na ladeira São João, seguido pelo Teatro Apolo (1895), o Eldorado Paulista (1899), o Santana (1900), Cassino Paulista (1901, depois Bijou), Teatro Carlos Gomes (1905, depois Moulin Rouge), Éden Theatre (1907), Colombo (1908) e o São José (1909), localizado na Rua Xavier de Toledo e demolido em 1924. [162]

Foi uma época de agitação também para os jornais, já que no final dos oitocentos, a imprensa passou a empregar outra dinâmica, baseada na busca pelo lucro e a progressiva substituição da produção artesanal por aquela regida pelos princípios industriais. E se, durante muito tempo, a luta política foi o motivador da existência dos cotidianos, o cenário modificou-se gradualmente, não só graças às novas técnicas de produção e distribuição, mas também com a separação de funções que antes se concentravam num único individuo que, além de proprietário, encarregava-se de redigir, gerenciar, imprimir e distribuir a folha. [163] Por isso, nesse terceiro capítulo, o foco concentra-se nas transformações ocorridas no *Correio Paulistano* e no *O Estado de S. Paulo* na primeira metade do século XX, não só no âmbito técnico, mas também em relação ao conteúdo. O romance, no primeiro decênio de 1900, foi o único gênero que permaneceu no espaço folhetim, enquanto os demais textos ali inseridos migraram para outras seções e páginas. Já os empregos do termo folhetim, as variações de seu layout (*mise en page*) e a recepção junto ao público foram objeto de atenção em ambos os jornais.

Para estabelecer contrapontos, foram realizadas consultas em dois jornais que se tornaram muito populares em São Paulo nos anos de 1920: a *Folha da Noite* (1921) e a *Folha da Manhã* (1925), pois a intenção era verificar se padrões e práticas do século anterior perduraram. A catalogação foi sistemática até o ano de 1930, momento que esses impressos deixaram de circular por alguns meses em função da fúria popular no bojo dos acontecimentos que marcaram o fim da Primeira República. Consultas aleatórias em alguns números das *Folhas* foram levadas a cabo posteriormente, a fim de se verificar a continuidade (ou não) do espaço folhetim.

---

[162] GALLOTTA, Brás Ciro; PORTA, Paula. Cronologia: 1890 a 1954. In: PORTA, Paula (org.) *História da Cidade de São Paulo*: a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954). São Paulo: Paz e Terra, 2004.

[163] LUCA, Tania Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; _____. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 149-150.

3.1 A permanência das obras ficcionais

A partir do último decênio do século XIX, o *Correio Paulistano* mudou sua sede repetidas vezes. Da Rua da Imperatriz foi para a Rua Marechal Deodoro (antiga Imperador) e voltou em seguida para o antigo endereço. Em 1894 passou para a Rua São Bento, logo depois suas oficinas foram instaladas na Ladeira Doutor Falcão e a redação foi para a Rua Quinze de Novembro (1897). Posteriormente as oficinas foram transferidas novamente, dessa vez para a Rua Boa Vista. [164] No início da década de 1890 a tiragem do *Correio* era de 1800 números e, segundo dados divulgados pela *A Província*, ocupava em termos de circulação, o terceiro lugar no interior e o sexto posto em relação a capital paulista. *A Província de São Paulo* caberia, respectivamente, a primeira e terceira posições. [165] Em 1889, o fundador do *Correio*, Joaquim Roberto de Azevedo Marques, que havia vendido sua parte do jornal, mas continuava trabalhando nas funções administrativas, foi demitido devido a um desentendimento com Almeida Nogueira, o redator na época.

No entanto, ao que parece, as alterações de endereço não derivavam de problemas financeiros, como revela nota de 1895 que resumia o relatório apresentado aos sócios, no qual, a vitalidade econômica era destacada e permitia antever as novidades a serem implantadas:

> Abrilhantar sua redação com valiosos concursos do conhecido literato e jornalista, Sr. Carlos Ferreira; mudar o escritório, gerência e oficinas para um magnifico e espaçoso prédio, sito a Rua 15 de Novembro; aumentar as seções telegráficas, contratando para isso hábeis e ativos correspondentes no estrangeiro, Capital Federal, Capitais dos Estados da República e quase todas as cidades do interior; ampliar a correspondência epistolar a cargo de distintos jornalistas em algumas cidades europeias e do Brasil, sobretudo na Capital Federal; desenvolver a colaboração sobre ciências, artes, letras, comércio, indústria etc; adquirir novos materiais e maquinismos para tornar melhor e mais variada a impressão da folha, adicionando-lhe outros atrativos como gravuras, retratos, plantas etc; distribuir prêmios aos assinantes por ocasião das reformas das suas assinaturas. [166]

A *Província de São Paulo* por seu turno, também passava por modificações, tanto que, após a proclamação da República, adotou o nome *O Estado de S. Paulo*, no

[164] SOUZA, *Op. cit*, p. 2.
[165] SUPLEMENTO, *Op. cit*, p. 69.
[166] *Correio Paulistano*, 18 out. 1895, p.1.

mesmo momento em que se deu o afastamento de Francisco Rangel Pestana, com Julio Mesquita assumindo a direção da folha. A aquisição de uma impressora Marinoni, aliada aos esforços para melhorar o jornal, elevaram a tiragem para a casa dos sete mil exemplares diários. Nessa etapa, chegou-se mesmo a cogitar a implantação de uma fábrica de papel para consumo próprio. [167]

Os dois periódicos fizeram transformações importantes em suas estruturas internas e o resultado foi a reorganização das seções, a introdução de outras, além da separação de conteúdos que durante muito tempo apareciam misturados nas páginas dos jornais. No entanto, além da prosperidade, o início do século XX trouxe surpresas desagradáveis para o *Estado* já que faleceram Francisco Rangel Pestana (1903) e Alberto Salles (1904), que estiveram entre os responsáveis pelo lançamento do matutino. Em 1902, Júlio Mesquita tratou de implantar uma série de reformas, como a mudança da sede em 1906, da Rua 15 de novembro para o Palacete Martinico, localizado na Praça Antônio Prado, onde as oficinas foram instaladas no porão, a redação na sobreloja e a administração no térreo, que dava para a Rua do Rosário. [168]

Durante todo o mês de maio do referido ano, publicaram-se notas explicando que, devido à transferência para o novo endereço, as seções de informação foram prejudicadas e, anúncios de grande formato, não poderiam ser aceitos, sendo que próprio conteúdo do matutino acabou reduzido. [169] De fato, é notória a ausência prolongada de capítulos do romance *O rei do crime*, de Camille Bonheur, então publicado no espaço destinado ao folhetim. O próximo passo foi a compra de novas máquinas que, permitiam aumentar a tiragem, tanto que, em 1908, o *Estado* atingiu dezesseis páginas e tratou de organizar sucursais como a instalada no Rio de Janeiro, em 1911. A notícia foi amplamente divulgada e os responsáveis revelaram a intenção de repetir o feito para Roma, na Itália, o que se efetivou alguns meses depois, sob o comando de Nicolau Ancona Lopes.[170] Essas sucursais somavam-se às de Campinas, Santos e também Lisboa, localizada na Rua Loreto, onde o escritório estava "a disposição de todos os brasileiros ou pessoas residentes no Brasil, de passagem por Lisboa, para leitura de jornais e informações sobre nosso país". [171]

---

[167] SUPLEMENTO do Centenário. *O Estado de S. Paulo*. 04 jan. 1975, p. 74.
[168] Idem.
[169] *O Estado de S. Paulo*, 20 mai. 1906, p.2.
[170] Idem.
[171] *O Estado de S. Paulo*. 25 abr. 1911, p.1.

O jornal prosperava, mas a saúde de Júlio Mesquita dava sinais de debilidade, atribuída a longas horas de trabalho noite adentro na redação e ao hábito de fumar. Inclusive foi obrigado a embarcar para a Europa com toda a família em 1912, só retomando suas atividades no jornal em 1915. [172] O crescimento do jornal exigia novos investimentos, por isso foi iniciada a construção de um novo prédio, na Rua 25 de Março, destinado às oficinas. Também foi encomendada uma nova rotativa, que tinha capacidade de imprimir um jornal de até sessenta e quatro páginas, além de linotipos e estereotipos. O jornal continuava a manter sua *Seção de Obras*, pois anunciou a impressão de livros como *Crônicas Forenses*, de Plinio Barreto, vendido a 6$000. [173] No entanto, não reuniu em volume, romances publicados no espaço folhetim, prática frequente no século XIX. As sucursais do jornal também se multiplicavam, com expansão para Belo Horizonte, Salvador e Curitiba.

A prosperidade do jornal só foi abalada com o desenrolar da Primeira Guerra Mundial, momento que vários anunciantes alemães resolveram boicotar o *Estado*, após se sentirem ofendidos com os editoriais publicados contra a Alemanha. Enquanto em 1913, os lucros foram de 502 contos de réis, no ano seguinte ficaram em apenas 178 contos com baixa significativa na publicidade. Para reverter a situação, Mesquita publicou nota explicando a posição do jornal, o que só acirrou os ânimos. O *Diário Alemão* iniciou uma campanha direta contra o jornal, sob o argumento de que o matutino estava nas mãos dos ingleses e que deveria chamar-se *The State of S. Paulo*.[174]

Apesar da crise causada pelas dificuldades de importação de papel, houve esforços para fazer circular outro impresso que tivesse como mote as últimas notícias da guerra. Assim foi criada a edição vespertina do jornal, prontamente chamada pelo público de *Estadinho* (1915) sob a direção de Vicente Ancona, e da qual faziam parte não só os filhos de Mesquita, Julio Filho e Francisco, como vários outros jovens intelectuais. No ano seguinte, foi criada a *Revista do Brasil*, cuja proposta era discutir as questões nacionais, e que, apesar de ter sido idealizada na redação do jornal, assumiu a forma de uma sociedade anônima, composta por 66 acionistas. [175] O *Estado* distribuiu, ainda, como brinde aos assinantes o seu *Almanaque* impresso nas oficinas da folha. Em

[172] GÓES, Marta. *Alfredo Mesquita*: um grã-fino na contramão. São Paulo: Editora Terceira Nome: Loqui Editora: Albatroz Editora, 2007. p. 76.
[173] *O Estado de S. Paulo*. 26 mai. 1912, p.10.
[174] SUPLEMENTO do Centenário, *Op.cit*, p. 77.
[175] LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 44.

meados de 1917, a situação financeira do jornal já melhorara e o ano terminou com um saldo positivo de 341 contos e se ainda não se tinha voltado a patamares anteriores, já representava evolução no quadro econômico da empresa.

A seção de obras do *Estado* não era apenas responsável pela impressão de compêndios, romances e jornais, mas também se encarregava da venda de material de escritório, que incluía vasto estoque de livros em branco e blocos para comércio, envelopes, além de outros artigos do gênero. Segundo anúncio estampado em suas páginas, o público interessado deveria ir até a sede administrativa do jornal, pois, lá haveria "pessoal apto para atendê-lo com solicitude." [176] A produção dos blocos, por exemplo, era apresentada como de excelente qualidade, "fonte de preciosos dados para todas as classes, principalmente negociantes e agricultores." Já a versão *mignon* destinava-se ao registro de fatos históricos e à reprodução de quadras em verso do folclore brasileiro, "tornando assim agradável e interessante leitura". [177] Também possuíam sortimento variado de *chromos* para folhinhas ao preço de 1$200 cada um. A tiragem do jornal em 1917 estava na casa dos 52 mil exemplares diários.

SECÇÃO DE OBRAS
D'"O ESTADO DE S. PAULO"
COMPLETO STOCK DE LIVROS EM BRANCO PARA O COMMERCIO
- OPTIMA CONFECÇAO DE LIVROS SOB ENCOMMENDA -
SORTIMENTO COMPLETO DE ARTIGOS DE ESCRIPTORIO
EM NOSSA LOJA (INTERIOR) Á'
PRAÇA ANTONIO PRADO N. 17
O publico encontrará pessoal apto para attendel-o com solicitude

Fig. 30: Anúncio da seção de obras de *O Estado de S. Paulo* (01/06/1919).

Nesse momento, o *Correio Paulistano* tinha suas oficinas na Rua Boa Vista, e a redação ficava na Rua 15 de Novembro. Ao comemorar seu cinquentenário em 1905, informou aos seus leitores seu pioneirismo na adoção de um prelo fabricado por "industriais da Baviera," *Koenig & Bauer*. A máquina havia sido adquirida por

[176] *O Estado de S. Paulo*. 01 jun. 1919, p.1.
[177] *O Estado de S. Paulo*. 21 dez. 1918, p.8.

intermédio da Casa Vanorden, famoso estabelecimento da capital paulista e era considerado como superior ao Marinoni, pois era o mais moderno processo de impressão então disponível. A aquisição foi iniciativa do senador Antônio de Lacerda Franco, descrito como "caráter de boa e antiga tempera paulistana, isto é, ousadamente empreendedor e abertamente progressista." [178]

O prelo *Koenig & Bauer* era descrito como uma peça grandiosa, instalada sobre uma mesa de ferro de seis metros de comprimento por quase quatro de largura, com capacidade de imprimir oito páginas por vez e dezesseis mil exemplares por hora. A montagem levou apenas dez dias devido à destreza e habilidade do engenheiro mecânico Johann Lutz, enviado pela fábrica para tal fim. Para a inauguração foram convidados representantes de outros jornais como, *A Platea*, *A Folha Nova*, *A Pátria* e *O Comercio de S. Paulo,*[179] e, ao que parece, com a exclusão do *Estado*.

O *Correio Paulistano* inaugurou, assim como outros jornais, edições extras para informar sobre os últimos acontecimentos da Primeira Guerra. Enquanto Júlio Mesquita lançou o *Estadinho,* o *Correio* criou uma edição noturna que, aos poucos, incorporou não só o boletim do conflito, mas também outras seções que tratavam de diversos assuntos. Em nota de 26 de janeiro de 1916, o *Correio*, propriedade de uma sociedade anônima e órgão do Partido Republicano Paulista, anunciou que para comemorar o sucesso da folha noturna, que contava então com quase dois anos, passaria a publicar, no espaço destinado ao folhetim, "novelas e romancetes, originais e traduções, devido a pena de ilustres escritores." Esclarecia-se, ainda, a reformulação das seções e que se daria lugar a uma página inteiramente consagrada às letras e arte.

Uma breve incursão pelos dois jornais na primeira metade do século XX revela os usos que então se fazia do termo folhetim, que tanto poderia designar o espaço do rodapé da página, mas também referir-se a um método em partes que permitia se assenhorar de procedimento específico. Assim indica o anúncio da revista *As modas Italo-Franco-Anglo-Americanas*, dirigida por V. Raffignone, de Turim e com edição exclusiva para o Brasil, apresentava-se como o magazine mais completo para alfaiates e *talleurs*, indispensável em todas as casas do gênero, pois trazia "abundantes gravuras e grandes quadros em cores e em *folhetim* publica o método de corte do professor

[178] SOUSA, *Op. cit*, p. 68.
[179] *Correio Paulistano,* 14 jul. 1904, p.2.

Raffignone." Os interessados deveriam se dirigir à Livraria Minerva (SP) ou à Livraria Italiana (RJ) para a aquisição do magazine. [180]

Outro emprego do termo visava enfatizar que dado acontecimento era inacreditável, ou estava envolto em sensacionalismo, conforme atribuição do *Correio Paulistano* em 1916, por ocasião da notícia sobre a ofensiva austríaca contra a frente italiana: "dentro de poucos dias tudo ficará esclarecido, para proveito dos curiosos, que ainda ligam a guerra ao dramático interesse de um *folhetim* sensacional." [181] Os significados do termo continuavam bem variados nas décadas seguintes, já que também podia referir-se a um boletim, como o enviado pela Fifa à Confederação Brasileira de Desportos, com a descrição das novas regras do futebol, que deveriam ser traduzidas e amplamente divulgadas. As disposições descritas "no *folhetim* recebido pela C.B.D" vigorariam na temporada de jogos de 1939-1940. [182]

Observa-se, ainda, o uso no sentido de folha solta ou panfleto, com o intuito de oferecer ou divulgar algum serviço ou produto, tal como o "*folhetim* de propaganda", da cigana Madame Cremilda, recebido por João Cozza em sua casa, que dizia que tal mulher era capaz de curar qualquer mal. Cozza caiu no engodo e, anos depois, reconheceu-a por acaso na rua e prestou queixa na "Delegacia de repressão à vadiagem," tendo identificando-a num álbum de fotografias da polícia, que continham as ciganas mais astutas na arte de iludir as pessoas. [183] Há referências também ao folhetim no sentido de "santinho," já que quando O *Estado de S. Paulo* comentou as comemorações do quarto Centenário de Padre Anchieta na capital e no interior, lembrou-se do "*folhetim* impresso" pelo grupo Mensageiro do Coração de Jesus, de Santos, em prol da beatificação do jesuíta, fato que só ocorreu anos bem mais tarde. [184]

Mas apesar dos variados sentidos do termo, cabe destacar que, mesmo com as transformações ocorridas em ambos os jornais, o espaço folhetim continuou a ser publicado, ainda que ocupado apenas por romances. Diferentemente do século XIX, não mais figurava na primeira página, mas era geralmente alocado do meio para o final do exemplar. Isso fez com que, ao longo de sua trajetória, ocupasse praticamente todas as

[180] *Correio Paulistano*, 26 mar.1915, p.5.
[181] *Correio Paulistano*, 20 mai.1916, p.1.
[182] *Correio Paulistano*, 23 ago.1939, p.8.
[183] *Correio Paulistano*, 23 abr. 1938, p.12.
[184] *O Estado de S. Paulo*, 18 mar.1934, p.4. O padre espanhol José de Anchieta só foi beatificado em 1980 pelo Vaticano, embora a campanha tenha começado no século XVII.

páginas, sempre no rodapé. Até a década de 1910, sua configuração seguia o mesmo padrão anterior, ou seja, formato horizontal, separado do restante do conteúdo por um traço, com a indicação do autor do romance, o título e, às vezes, o nome do tradutor. Em geral traziam numeração sequencial, de forma a facilitar a localização pelo leitor.

No século XX, tanto no *Correio Paulistano* como no *O Estado de S. Paulo*, predominavam reproduções de tramas originárias dos oitocentos, escritas por autores já falecidos, ainda que não houvesse repetição de romances já publicados, exceção à obra *As mil e uma mulheres*, de Jules Lermina, que figurou no *Estado* entre 1904 e 1905 e novamente em 1915. Os escritores franceses eram majoritários, seguidos por espanhóis e portugueses. Não era raro que romances se estendessem de um ano para o outro e, no levantamento realizado levando em consideração a partir dos anos de 1892, para o *Correio Paulistano*, e 1905 para *O Estado de S. Paulo*, quando os dois jornais decidiram publicar apenas textos ficcionais, chegou-se ao total de 65 títulos, para o primeiro periódico e 37, para o segundo. É provável que a superioridade numérica do *Correio* deva-se ao fato de a folha ter deslocado, já na última década do século XIX, textos não romanescos para outros espaços do jornal.

Nos anos iniciais do século XX, havia textos que se estendiam por pouco mais de um mês, enquanto outros, com tramas mais longas, ocupavam as páginas por mais tempo. Em média, a cada três meses os jornais publicavam entre três e cinco livros. A partir de 1909, nota-se o decréscimo nesse montante e um mesmo texto podia se manter por mais de um ano, como foi o caso de *Memórias de um médico,* de Alexandre Dumas, que figurou entre 04 de fevereiro de 1909 a 01 de dezembro de 1912, e que se constituiu na única obra ficcional em seu espaço folhetim. No *Correio Paulistano*, o fluxo começou a diminuir somente por volta de 1912 no *Estado* e, a exemplo de seu congênere, as obras começaram a se estender por longos períodos. Cite-se, a título de exemplo, *O rei do mundo*, de Émile Souvestre, publicado entre 02 de julho de 1912 a 26 de janeiro de 1914.

Assim, o decênio de 1910 assistiu ao esmaecer do espaço tipográfico do folhetim, uma vez que um mesmo romance arrastava-se por um ano inteiro, prática muito diferente da consagrada no século anterior, ainda que isso não implicasse no seu completo desaparecimento após a Primeira Guerra Mundial, como geralmente apontado pela historiografia. Entretanto, cabe perguntar: porque se continuava a manter o espaço dedicado ao folhetim? Pode-se apontar para a força da tradição de se alocar obras

ficcionais nos periódicos, o que também indica que os leitores continuavam atraídos por esse tipo de texto, indício reforçado pelo fato de os interessados enviarem dúvidas sobre os romances para a seção de cartas do *Correio Paulistano.*

Nota-se a persistência em anunciar os novos romances, com notas sobre o autor e o enredo e lembretes do tipo "Leia o novo folhetim *O Cavalheiro D'Armental*, de Alexandre Dumas" ou "Leiam o folhetim na página n.18", insistentemente reproduzidos em diferentes páginas dos matutinos. [185] Era comum, até a primeira década do XX, que o primeiro episódio aparecesse no mesmo exemplar do jornal no qual se finalizava a obra anterior. Para despertar a atenção do público ressaltava-se a importância do autor ou do romance, como fez o *Correio Paulistano* com *Um Crime Misterioso* (1908), de Miss M.E. Branddon, ao enfatizar que era de uma conhecida autora e que "causou grande sucesso, quando publicado em Londres pela intensa dramaticidade da ação que se desenvolve do princípio ao fim sempre cheia de interesse e palpitante emoção." [186] *O Estado de S. Paulo* não fugia a regra e também mencionava as qualidades de cada obra escolhida como fez com *Herança Inesperada*, de Emilie Richebourg, que era "uma obra interessante do popular romancista pela riqueza de imaginação, desenho dos personagens, dramaticidade da ação e desfecho lógico dos fatos." [187]

Os jornais continuavam enfatizando a escolha cuidadosa de obras inéditas, ainda que o ritmo de publicação no espaço folhetim tenha diminuído consideravelmente. A presença de autores famosos no gênero ou a reprodução de obras escritas por descendentes de escritores famosos era outro argumento muito utilizado na apresentação das novidades. Nesse sentido, o *Correio* anunciou que *Tragédias da Corte* seria sucedido por *As doze espadas do Diabo*, de Henri de Cock, filho do conhecido Paul de Cock, descrito como "um dos melhores romancistas de capa e espada da literatura francesa." O jornal destacava, ainda, o cuidado do autor em traçar de forma fiel, os quadros históricos para captar e atrair a atenção do leitor. O romance retratava raptos, emboscadas, duelos, traições, execuções, conspirações, amores e desventuras das moças da corte, rivalidades de espadachins e aventuras de viagem, o que tornava a obra "um caleidoscópio da vida francesa no século XVII". [188]

---

[185] Respectivamente *O Estado de S. Paulo*, 17 out.1905, p. 3 e *O Estado de S. Paulo*, 03 ago.1929, p. 3.
[186] *Correio Paulistano*, 20 mar. 1908, p. 2.
[187] *O Estado de S. Paulo*, 13 dez. 1914, p. 10.
[188] *Correio Paulistano*, 01 fev. 1916, p.3.

Além disso, enfatizava-se a contribuição no sentido de disponibilizar obras de grande valor, mas que estavam esgotadas e que despertavam o interesse das pessoas em adquirir logo o volume inteiro. O *Correio*, por exemplo, ao anunciar a escolha de *A mocidade do rei Henrique*, de Ponson du Terrail, explicava que *Os Moicanos de Paris*, de Alexandre Dumas, então em seus capítulos finais, havia sido um "grande sucesso, não só para o nosso jornal, como para os livreiros, onde foi grande a procura dessa obra." Segundo o informe, "*Os Moicanos de Paris* não era publicado em folhetim, tendo quase desaparecido das livrarias as edições desse romance que tanto agradaram as gerações." [189]

Uma novidade marcou o espaço folhetim a partir de 1908: a modernização das máquinas impressoras que, no caso do *Estado*, permitiu que se inserissem ilustrações nos romances reproduzidos. A primeira experiência deu-se com *O Inferno dos ciúmes*, segunda parte de *Amor dos Amores*, de Enrique Pérez Escrich. Os outros dois romances publicados naquele ano, no entanto, não continham imagens. No ano seguinte, foi a vez de *Memórias de um médico*, de Alexandre Dumas, estampar a figura de José Balsamo, personagem que dá título à primeira parte da série, que tem mais três volumes. As imagens, a princípio eram de má qualidade e, a maioria, sem legenda, alocadas de forma desajeitada em meio ao texto.

Deve-se ressaltar que, nesse momento, os jornais paulistanos não tinham por hábito o uso de imagens, nem mesmo para estampar seções como "Fatos Diversos," que reuniam relatos de crimes, suicídios, acontecimentos misteriosos, fenômenos assustadores da natureza etc. Procurava-se transcrever, de forma pormenorizada, a cena do delito ou mesmo o laudo da autópsia conforme fez *O Estado de S. Paulo*, ao expor a morte da "demente" Isola Virgentina, cujo principal suspeito era seu marido Raimundo Victorio:

> Despido das vestes os peritos reconheceram que o cadáver não se achava mais rígido, estava em início de putrefação e apresentava

[189] *Correio Paulistano*, 02 jul. 1929, p. 3.

FOLHETIM (10)

HENRIQUE PEREZ ESCRICH

O INFERNO DOS CIÚMES

SEGUNDA PARTE DE "O AMOR DOS ANJOS"

I

O PARAISO TERRESTRE

VII

Como Flora concede por uma noite hospitalidade ao seu amante

Flora tinha a mesma attitude e a mesma expressão de terror que havia no rosto e no coração, quando, depois de ter deixado Daniel sentado na sua cadeira, ella se dirigiu para a porta do seu quarto.

Ao chegar ao limiar, a infeliz mulher parou, como se uma força invencivel a obrigasse a voltar para o lado onde estava o seu amante.

Daniel, que a seguia com os olhos, levantou-se e, com um movimento rapido, atirou-se para a porta, fechou-a e collocou-se diante della.

Flora, vendo-o assim, recuou até ao meio do quarto, e, cahindo sobre uma cadeira, exclamou:

— Daniel, Daniel, que vae fazer?

— Que vou fazer? Não o sabe? Vou fazer o que ha muito tempo desejo fazer, o que ha muito tempo me está pedindo o meu coração, o que ha muito tempo me está pedindo a minha alma, o que ha muito tempo me está pedindo o meu sangue, o que ha muito tempo me está pedindo a minha vida.

— Mas, Daniel, não se lembra que sou casada?

— Não me lembro senão de que a amo, de que a adoro, de que a desejo, de que a quero, de que a preciso para viver.

— Mas, Daniel, não se lembra que sou mãe?

— Não me lembro senão de que a amo, de que a adoro, de que a desejo, de que a quero, de que a preciso para viver.

— Mas, Daniel, não se lembra que sou mulher?

— Não me lembro senão de que a amo, de que a adoro, de que a desejo, de que a quero, de que a preciso para viver.

— Mas, Daniel, não se lembra que sou honesta?

— Não me lembro senão de que a amo, de que a adoro, de que a desejo, de que a quero, de que a preciso para viver.

— Mas, Daniel, não se lembra que sou virtuosa?

— Não me lembro senão de que a amo, de que a adoro, de que a desejo, de que a quero, de que a preciso para viver.

— Mas, Daniel, não se lembra que sou honrada?

— Não me lembro senão de que a amo, de que a adoro, de que a desejo, de que a quero, de que a preciso para viver.

— Mas, Daniel, não se lembra que sou pura?

— Não me lembro senão de que a amo, de que a adoro, de que a desejo, de que a quero, de que a preciso para viver.

— Mas, Daniel, não se lembra que sou casta

diversos ferimentos contusos, pequenos e superficiais, sendo um de dois centímetros de extensão sobre a região subclavicular esquerda, outro, de forma arredondada, de um centímetro de diâmetro (...) os peritos passaram a abertura das três grandes cavidades. No crânio e no abdômen nada de notável. (*O Estado de S. Paulo*, 11/01/1908, p. 2)

Na imprensa francesa, quando se tratava de *fait divers*, os jornais recorriam a certos artifícios para ilustrar seus relatos. A partir de 1906 o *Le Matin* passou a publicar plantas e croquis do local do crime, fosse um vagão de trem, um quarto ou até mesmo a casa inteira, no que foi logo imitado por outras folhas. Segundo Dominique Kalifa, embora se tentasse arrumar clichês de cenas sórdidas para os periódicos, a maior parte das ilustrações constituía-se de cenas do crime e da prisão, testemunhas, advogados, investigadores etc. [190]

Nos anos seguintes, outros romances trouxeram ilustrações, como *Herança Inesperada*, de Emilie Richebourg, e *As duas rivais*, de Xavier de Montepin. Houve melhora na qualidade e, ao que parece, estas se encontravam nos livros que o *Estado* utilizava para reproduzir os romances. Tal constatação veio à tona em consulta ao acervo do Real Gabinete Português de Leitura (RJ) da citada obra, impressa na Casa Bertrand em Lisboa, que apresenta as mesmas ilustrações estampadas pelo jornal. [191] O fato é que a inclusão de iconografia no desenrolar da trama foi acompanhada de tentativas de aprimorar a técnica para que, diferente das experiências anteriores, houvesse nitidez no que era estampado. Nos exemplares consultados do *Correio Paulistano*, não se registrou experiência parecida.

A partir da década de 1910, o formato do espaço ocupado pelo folhetim sofreu significativa modificação. Em relação ao *Estado*, os romances publicados até 01 de dezembro de 1912 ainda apresentavam forma idêntica ao dos primeiros números, ou seja, eram apresentados na horizontal em cinco ou seis colunas. Entretanto, daí em diante, com a publicação de *Coração de criança*, de Carlos de Vitis, a configuração mudou. Passou-se a adotar o formato vertical, muito próximo à página de um livro e inclusive, se trazia uma página em branco, que fazia às vezes de contracapa, ou ainda, era utilizada para separar os capítulos já disponibilizados.

---

[190] KALIFA, Dominique. *L' encre et le sang... Op. cit*, p. 71. Cabe notar que, nos jornais paulistanos de então, as imagens eram incorporadas, sobretudo, na publicidade, sempre localizada nas páginas finais e que traziam, normalmente, o logotipo das empresas anunciantes e detalhes imagéticos dos objetos à venda.

[191] A política do acervo citado não permite que se fotografe o material mencionado.

O ESTADO DE S. PAULO—Quarta-feira, 11 de Dezembro de 1912

ESCOLA NORMAL

Uniformes para secundaria e primaria, FABRICA ISSACEMA de confecções. 15, Ladeira da Carmo, 15.

AGRADECIMENTO

José Cardoso de Mello e sua esposa Izaura Ribeiro de Mello agradecem penhorados aos seus dedicados amigos que os penalisaram acompanhando a seu filho, Arnaldo Mello, a sua ultima morada, Ribeirão Preto.

São Paulo, 10-12-912.

NA CRECHE BARONEZA DE LIMEIRA, á rua Alvares n. 10, recebem-se crianças, filhos de pais proletarios, empregados das fabricas, ames de leite, ordenha de cabras, etc., que não podem cuidar convenientemente de seus filhos. Ha um interesse á vs externato, no qual ficam as crianças durante o dia todo, podendo ir pai ou a mãe vir buscal-a á noite, quando voltam para suas casas.

DR. V. SILVA AYROZA
ADVOGADO
Rua S. Bento, 54 (Altos da loja do Papão).—Residencia: Al. Barão Limeira, 91.

AGRADECIMENTO

Cumpre o grato dever de agradecer publicamente ao sr. dr. Carneiro e muitos dignos auxiliares do conhecido Instituto Paulista, pelo criterio inteligente e cuidadoso dispensado á minha irmã Antonia, que durante cerca de dois annos de uma orgeão de paio, rebelde a todos os medicamentos, em 30 dias de estada naquelle benemerito Instituto, ficou completamente curada da tão insistente molestia. Aos medicos, pois, e a todo o pessoal do Instituto, os mesmos agradecimentos.

ALEXANDRE BAPONE
(Sitio da firma A. Bapone & Irmão, de Cordeiro, Estado de S. Paulo).

BOLSA DE OURO

Gratificação á pessoa, que entregar á rua Quitina do Norcenho, 7 (Casa Amarella), uma bolsa de ouro,perdida nas proximidades da Avenida Angelica. Esta bolsa tem o nome da pessoa que a perdeu.

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE S. PAULO
Assembléa geral extraordinaria
Segunda e ultima convocação
De ordem do sr. presidente convido os srs. socios para a assembléa geral extraordinaria que se reunirá no dia 11 do corrente, quarta-feira, ás 8 horas da noite, no logar do costume.
Nessa reunião será discutido e votado o parecer da commissão especial relativo ao accordo estabelecido entre a Policlinica e a Sociedade de Medicina, para a construcção de um predio em commum.
Do accordo com os estatutos a assembléa funccionará com qualquer numero.
S. Paulo, 2 de Dezembro de 1912.
O primeiro secretario.
DR. CELESTINO BOURROUL

CIGARROS
VENUS
A milhor mistura

EXTERNATO SANTA MARIA
Rua Benjo Freitas, 64
As directoras desse estabelecimento de ensino convidam as exmas. familias a visitarem a exposição de trabalhos de agulha e desenho, que estará franca até sabado, 14 do corrente, ás 8 horas da noite.
S. Paulo, 10 de Dezembro de 1912.
OPHELIA COUTO.
MARIA DE FARIA.

ESCOLA NORMAL

Os uniformes para as alumnas da classe secundaria em riscados,encontram-se desde 5$ 800.

"A' CIDADE DE S. PAULO
30, rua Marechal Deodoro, 30 — Telephone, 3.715

AGRADECIMENTO

Penhorado pelas provas de soilazo recebidas, desde minha chegada a Brasil, ou cartas, cartões, visitas e telegramas, tenho agradecendo e respondido a todos que tomaram parte na insensa dor pela perda de minha mãe.
Acontece que estou solicitado por doentes e amigos para ex-curar, e não podendo attender actualmente minha profissão, vou obrigado a permanecer em S. Vicente, afim de supportar como sou o infinito pelos males.
Quando voltar á capital procurarei novamente aos amigos que me teem honrado com suas visitas e carões.
S. Vicente, 9-12—1912.
DR. DOMINGOS JAGUARIBE.

DECLARAÇÃO

Declaro a esta praça que ou data de 7 do corrente tenho sem sciencia a procuração ao advogado Demetrio Justo Soares, sendo nula qualquer acto praticado pelo referido procurador desde aquella data.
S. Paulo, 10 de Dezembro de 1912.
NICOLAU MENDES GUIMARÃES.

F. D. MIRANDA
Escriptorio — Rua Santa Ifigenia, 81
S. PAULO
Chaves attendendo por carta patente, de accordo com o decreto n. 8.309, de 3 de Março de 1911.
Resolução do artigo 9 do mesmo decreto, com o n. 57.112, premio unico da Loteria de S. Paulo.
Club M — Sr. Jesuino Marques — Mato Grosso.
Club N — Sr. M. Joaquim Reis — Guanabara.
Club O — Sr. Joaquim O. S. Junior — Pernambuco.
Club P — Sr. Virgilio Alves — Itapetininga.
Club Q — Sr. Emilio Steinmetz — Piracicaba.
Club R — Vago.
Club S — Sr. Virgilio Silva Sá — Vila Bonfim.
Club T — Sr. Octavio Branco — Paraguassú.
Club U — Sr. Juvenal Corrêa — Descalvado.
Club V — Liquidado.
Club X — Liquidado.
Club Y — Liquidado.
Club Z — Liquidado.
Club A-Z — Liquidado.
Club B-Z — Sr. M. Pereira da Costa Junior — S. José do Alegre.
Club C-Z — Major Serafim J. Leitão — Matosinhos.
Club D-Z — Sr. Antonio da S. Prado — Piracicaba.
Club E-Z — Sr. Augusto Zimmerman — Penapolis.
Club F-Z — Sr. Alfredo Lemes — Jaboticabal.
Club G-Z — Sr. Paulo Bonini — Ouro Fino.
Club H-Z — Sr. João de Oliveira — E. Santo do Pinhal.
O Club I-Z começará a correr no dia 16 do Dezembro.
S. Paulo, 9 de Dezembro de 1912.
O fiscal do governo — Dr. Aureliano Leite.
F. D. MIRANDA.

ESPECIALISTA em moléstias da garganta, nariz, ouvidos, lingua e sifilis
DR. SOUZA CASTRO
Estudou em Paris, Italia e Viena
Tem 20 annos de pratica
Consultorio e residencia: Largo da Sé n. 5
Consultas de 1 á 3
Trata também de febres, molestias dos pulmões, coração, figado, estômago, rins e intestinos
Aceita consultas por carta mediante 10$000 em vale postal ou carta registada endereçada ao mesmo médico para Caixa Postal, 851 - S. PAULO

ACCEITO

Agora que me acho completamente curado, cumpro o grato dever de agradecer ao eminente e intelligente medico dr. Arnaldo Pinto Vianna Ciriaco a pericia, dedicação e zelo de verdadeiro amigo com que me tratou.
Estendo em estado gravissimo foi operado com excellente exito por esse habil operador e graças a elle hoje estou salvo.
Agradeço egualmente aos distinctos assistentes do illustrissimo dr. Antonio Pinto Nogueira Cintra e ao pessoal da minha enfermaria, gratidão e amizade.
J. M. DE AZEVEDO CASTRO.
Proprietario da «Farmacia Modelar».
Rua da Boa Vista, 64.

Apello ao Exmo Sr. Dr. Fonte Junior
III

Exmo. senhor.
A lei do licenças, a partir que regula as licenças dos exercicios dos juizes de direito e substitutos, não é simplesmente iniqua, é barbaramente extravagante.
A letra do artigo 18 da referida lei, é apotheotica, força o empregado a montar-se no seu cargo, em virtude do terror da responsabilidade pela exercicio do substituto, e pelo recebimento do ordenado a seu favor, dado o desapparecimento da percentagem obtida pelo exercicio do licenciado e o vencimento contrahido com o seu substituto.
Assim subjugado, abatido e humilhado, perdeu o Estado o publico obter do funccionario criterio em exercicio satisfactorio?
Enfermado que seja, um exercicio, como trabalho convencionalmente, um trabalho ligado de espirito, indispensavel ou tais casos, o seu gerando as suas finanças — tão desapparecidas quão desgraçada de sendo o viger devera sofrer a licenciado?
A injustiça da legal iniquidade ainda não ferio a todos os escrivães, até o presente, graças ao Deus, mas nem por isso pode concluir que todos sejam invulneraveis ou instinguiveis por uma enfermidade qualquer.
Servidor que sou do Estado o de publico, ha 24 annos e tella mesmo, nunca pedi uma licença, nem pretendo solicitar percalindo Deus, excepto a de premio, sendo pensavel, pois julgo-a instituto no funccionario que a obtem.
Entretanto, na sorte dos meus illustres collegas tenho o meu quinhão.
Não os invito a revolta, pois não fui colhendo nessa escola, sim ou da humildade e paciencia; ao contrario, aconselho-os a que sejam fieis ao disciplina e aos compromissos que assumimos perante a Procuradoria Fiscal.
Não pois nos legisladores do meu Estado a realisação da justiça, porque isto seria uma offensa á dignidade dos que teem o dever de a praticar.
Confiemos, porém, e esperemos simplesmente na proverbial fraze de um illustre estadista do Imperio:
«Salvem-se quem puder».
S. Carlos, Dezembro de 1912.
JUSTICA.

PEDRO VAN TOL AO PUBLICO

Escorrazo, por absoluta falta de indicios de culpa, o inspector abrio na primeira delegacia auxiliar, sobre a denuncia dada contra mim por minha ex-criada (e condemnada ex-empregada da Cuia Garraza) Alice Weber, pensei primeiro em dar por liquidado e esquecido esse caso ignobil de vingança contra mim exercida por um inimigo gratuito, que os aproveitou da lealdade de uma moça perversitida como instrumento de calumnia para atassalhar-me a honra.
E assim pensei, porque, tendo minha reputação de homem de bem firmada por 22 annos de uma vida sem mancha em diversas cidades deste Estado, não teme o juizo das pessoas que me conhecem e das quaes tive sempre demonstrações de consideração e estima. Alem disso, esperava que a imprensa, tão pronta em estigmatisar uma denuncia infamante, com indicação precisa de nome e da residencia do denunciado, tivesse pelo menos a mesma prontidão em tazer conhecida o resultado das investigações da policia, resultado, o como recem que o silencio que se faz sobre o caso seja tido por uma confirmação da infame denuncia, resolvi reservar a minha defesa para quando o jornal para fazer o publico conhecedor da verdade.
Felizmente para mim, este caso foi o mais facil possivel de apurar-se, visto que, tendo a denunciante declarado que a violencia, de que dia ter sido victima, se déra as 8 horas da manhã e que ella dirigira-se ao destricto de Pinheiros, immediatamente, para o exame de corpo de delicto, tive a certeza de que a mentira devia ser patente.
Com effeito, ás

O fato não era novidade a nível internacional, pois o jornal francês *Le Constitutionnel* publicou o romance *Cousine Bette*, de Honoré de Balzac, nesses moldes entre 08 de outubro e 03 de dezembro de 1846, ou seja, mais de sessenta anos antes.[192] É interessante notar que a origem remonta à interrupção de *Martin – l'enfant trouvé*, de Eugene Sue. Para justificar o formato vertical se anunciava que:

> La pagination de ce roman, de M. de Balzac, suivra celle des *Grands Danseurs du Roi*, de maniére que ces divers romans puissent être reliés sous une même couverture qui sera plus tard délivrée au bureaux du *Constitutionnel*, rue de Valois, 10. (*Le Constitutionnel*, 08 out. 1846, p.1.).

A afirmativa indica que o procedimento, já adotado com outra obra, era novamente posto em prática com *Cousine Bette*. A administração do jornal encarregava-se de entregar ao leitor, ao fim da publicação, uma capa a ser retirada em seu escritório, possibilitando a montagem de uma coleção. No *Correio* a praxe foi utilizada poucas vezes, diferentemente do *Estado*, que publicou dezenove romances nesse estilo. Pode-se supor que a mudança de formato no caso paulistano deu-se para alavancar um novo fôlego ao gênero e tornar mais dinâmica a acumulação dos recortes de determinado romance, além da praticidade para o jornal, que dispunha da obra em volume, que era estampada diretamente nas páginas do periódico, sem passar pelo processo de montagem dos capítulos, que teriam de ser diagramados nas oficinas do jornal.

Corrobora para tal hipótese o fato de que, a partir da década de 1910 e segundo Lise Quefflélec, o romance-folhetim na França não mais respondesse aos ditames da cultura midiática, ainda que tivesse sido pioneiro no campo da serialização, posteriormente mobilizado por outros meios de comunicação. [193] A produção desse tipo de texto, nos moldes anteriores, não encontrava mais lugar, o que explica o fato de os jornais paulistanos terem que lidar com a situação e optar por estampar romances já impressos no formato livro. Não por acaso, as obras publicadas no século XX eram produções do século anterior.

É muito difícil precisar qual a edição exata era utilizada pelos jornais. Umas das poucas pistas é o comentário da seção de cartas do *Correio Paulistano* em 1916, à qual leitores recorriam para esclarecer eventuais dúvidas sobre o que era publicado no espaço folhetim, não raro se valendo de iniciais, como foi o caso do "Sr. N.P," de Ubatuba, que

[192] Agradeço a prof.ª Marie-Ève Thérenty pela informação.
[193] QUEFFÉLEC, Lise. *Le roman-feuilleton... Op. cit*, p. 120-121.

JEUDI 8 OCTOBRE 1846. — EDITION DE PARIS. — NUMÉRO 281.

LE CONSTITUTIONNEL,

JOURNAL POLITIQUE, LITTÉRAIRE, UNIVERSEL.

On s'abonne à Paris, à l'Administration du Journal, rue de Valois-Palais-Royal, n° 10, Maison de M. Pape.

PUBLICATIONS NOUVELLES INSÉRÉES DANS LE JOURNAL

BIBLIOTHÈQUE DE ROMANS NOUVEAUX

48 vol. de Romans nouveaux ;
Bibliothèque Choisie, 8 ou 9 vol. ;
Magasin Dramatique, 4 ou 5 vol. ;
seront les meilleures pièces de théâtre (Variétés).

16 volumes et 4 volumes d'Annuaires, 20 volumes par année.

QUATRE ANNUAIRES.

ANNUAIRE DES CINQ MODES.

ANNUAIRE DU CORPS DIPLOMATIQUE.

ANNUAIRE DE LA MAGISTRATURE.

ANNUAIRE DES CONSEILS DE GUERRE, DE MARINE, DE LA GARDE NATIONALE.

16 volumes et 4 volumes d'Annuaires, 20 volumes par année.

PARIS, 7 OCTOBRE.

Nous avons déjà publié la moitié du roman de **MARTIN FENFANT TROUVÉ**, par **Eugène SUE**. Au mois de novembre, nous reprendrons la publication de **MARTIN l'Enfant trouvé**, pour la continuer et la terminer sans interruption.

Pendant la courte interruption de **MARTIN**, nous donnons aux heureux pour pouvoir publier **LES PARENS PAUVRES, LA COUSINE BETTE**, par **M. H. de BALZAC**. La pagination de ce roman, de **M. de Balzac**, suivra celle des Grandes Dames au Bois, de manière que ces divers romans puissent être reliés sous une même couverture, qui sera plus tard délivrée au bureau du *Constitutionnel*, rue de Valois, 10.

Nous publierons prochainement **L'ANNUAIRE POLITIQUE** du *Constitutionnel*. L'impossibilité de recueillir vite les résultats exacts des dernières élections dans chaque arrondissement, explique les retards que nous sommes forcés d'apporter à cette publication. L'*Annuaire politique du Constitutionnel* contiendra l'*Annuaire de la garde nationale*.

Nous recevons de Londres des informations qui confirment pleinement la nouvelle que nous avons publiée hier de la remise d'une seconde note entre les mains de M. Guizot par l'ambassadeur d'Angleterre.

Les communications qui avaient été faites soit au cabinet de Madrid, soit à celui de Paris, au nom du gouvernement de la Grande-Bretagne, avant le départ de M. le duc de Montpensier, n'avaient tracés d'autre caractère, malgré leur énergie, que celui de représentations, d'observations amicales. L'Angleterre paraissait croire que les deux gouvernemens d'Espagne et de France ajourneraient l'exécution du projet de mariage, au moins jusqu'à un échange complet d'explications. Ces représentations avaient porté sur trois points principaux. Premièrement, le cabinet britannique invoquait les stipulations du traité d'Utrecht ; et établissait que le projet de mariage était contraire à ces stipulations ; secondement, l'Angleterre faisait remarquer que la renonciation de l'Autriche à tous droits sur la couronne d'Espagne avait eu précisément pour condition et pour cause la renonciation des Bourbons de France à toute action directe ou indirecte sur la même couronne. La France, en cessant d'observer ses engagemens, pouvait faire renaître un jour la question de la succession d'Espagne en Europe. Troisièmement, le cabinet britannique rappelait les titres de l'Angleterre à quelque reconnaissance de la part de l'Espagne pour les services rendus à la cause d'Isabelle ; il lui paraissait donc de toute justice que la France ne tentât pas d'exclure l'Angleterre de toute influence au-delà des Pyrénées, et ne parût pas vouloir s'assurer par un mariage, principalement dans l'hypothèse où la reine n'aurait pas d'héritier, le gouvernement de la Péninsule.

On sait quel fut le parti que n'a fait d'abord aucune réponse à ces observations. Lorsque la nouvelle arriva à Londres du départ certain de M. le duc de Montpensier pour Madrid, le conseil des ministres anglais s'assembla sous l'empire d'un très vif mécontentement. L'annonce du départ de M. le duc de Montpensier servant d'unique réponse à une communication diplomatique, fut considérée par les ministres anglais comme un procédé blessant. On sait quel secret environne en Angleterre les conseils de cabinet ; les mesures qui ont été arrêtées dans cette délibération sont donc inconnues. Voici seulement ce qu'on a laissé entrevoir :

Une nouvelle note a été adressée soit à Madrid, soit en France. La note pour notre cabinet a dû être remise lundi par lord Normanby à M. Guizot. Il ne s'agit plus cette fois d'observations et de représentations. Le mariage est considéré comme un fait accompli. Le cabinet anglais joint à sa première note des déclarations et des réserves formelles. Il reconnaît que le but principal et véritable du traité d'Utrecht, est de mettre un obstacle absolu à la réunion des deux couronnes de France et d'Espagne sur la même tête. Il est bien vrai qu'il ne s'agit pas en ce moment d'une telle réunion ; mais elle devient possible dans l'avenir par l'union des droits éventuels de M. le duc de Montpensier à la couronne de France, avec les droits personnels de l'infante à la couronne d'Espagne. C'est d'abord à ce sujet que l'Angleterre fait ses réserves. Elle établit ensuite que, pour assurer le but du traité d'Utrecht, les puissances contractantes avaient pris un certain nombre de précautions parmi lesquelles se trouve la renonciation de la maison d'Orléans à la couronne d'Espagne, sous quelque forme que cette couronne puisse arriver à ses descendans. Or, il paraît évident au ministère britannique que cette précaution, cette chaîne, est formellement violée par le mariage. C'est là aussi l'objet de la protestation du cabinet britannique, et des réserves sur lesquelles il jugera à propos de tenir ultérieurement.

La note, à ce qu'on nous assure, déclare que l'arrangement qui pourrait donner satisfaction à l'Angleterre, serait la renonciation de l'infante Louise à la couronne d'Espagne, pour elle et ses descendans, au moment où elle deviendra duchesse de Montpensier. Enfin, le cabinet anglais exprime, dit-on, la persuasion que les autres puissances signataires du traité d'Utrecht et toutes les grandes puissances de l'Europe, envisageront cette question d'équilibre comme le fait la Grande-Bretagne.

Des instructions dans ce sens paraissent avoir été envoyées aux représentans de l'Angleterre à Vienne, à Berlin, à Saint-Pétersbourg. M. Bulwer a reçu l'ordre de se tenir éloigné de Madrid pendant la célébration et les fêtes du mariage, afin de protester ainsi publiquement par son absence.

Dans l'intervalle, entre l'envoi et la remise de cette note, M. Guizot a, comme on sait, communiqué une réponse à la note précédente du gouvernement britannique. Il offre probablement une renonciation du duc de Montpensier à la couronne de France ; mais cette satisfaction sera jugée, dit-on, illusoire et insuffisante par le ministère anglais, et le dissentiment est plus profond que jamais.

Nous avons rapporté ces faits tels qu'ils nous sont exposés dans les lettres que nous avons reçues.

M. Guizot espère, à ce qu'on assure, que les cabinets de Vienne, de Saint-Pétersbourg et de Berlin, s'abstiendront de toute protestation contre le mariage. Voici le motif sur lequel il fonde son espoir : d'un côté il a pris parti contre les Polonais, à la tribune de France, à l'occasion des derniers troubles de Gallicie ; il pense qu'on lui en saura gré à Vienne : de l'autre côté, lord Palmerston a revendiqué récemment à la tribune anglaise l'exécution des traités en ce qui touche la république de Cracovie ; la Russie et l'Autriche peuvent en avoir conservé quelque ressentiment.

Toujours est-il que la rupture de toute alliance, de toute entente entre la France et l'Angleterre est flagrante ; qu'une lutte diplomatique est engagée en Europe entre ces deux pays ; que le succès de l'Angleterre serait un nouvel et grave embarras pour notre gouvernement, et que le succès du ministère français ne peut être favorable ni à la liberté de l'Espagne, ni à la cause libérale dans le reste de l'Europe, ni à la sécurité publique et à la paix du monde.

Nous croyons d'ailleurs que le ressentiment des procédés dont l'Angleterre pense avoir à se plaindre exagère beaucoup à ses yeux l'importance et les résultats politiques du mariage. Mais une dire de ces babiles négociateurs qui ont réussi à envoyer à ce point une affaire qui n'est au fond qu'un simple arrangement de famille ?

Il est temps que les princes arrivent à Madrid, car pour peu que leur voyage se prolonge, le *Journal des Débats* sera au bout de sa rhétorique et le souffle lui manquera pour ses amplifications. La fouille ministérielle a évidemment le plus vif désir de saluer les Espagnols ; elle se met en frais pour eux, et pour elle et ses descendans, au moment où elle deviendra duchesse de Montpensier. Enfin, le cabinet anglais exprime, dit-on, la persuasion que les autres puissances signataires du traité d'Utrecht et toutes les grandes puissances de l'Europe, envisageront cette question d'équilibre comme le fait la Grande-Bretagne.

Plusieurs des journaux anglais, et notamment le *Morning-Post*, continuent encore aujourd'hui, au sujet des mariages espagnols, des articles tellement violens, que nous ne saurions les reproduire.

Le *Morning-Chronicle* répond en ces termes à un journal parisien, qui l'accusait d'autre part de déserter le champ de bataille :

« Nous avons dit qu'il avait été convenu au château d'Eu, entre les souverains de France et d'Angleterre, que le duc de Montpensier épouserait l'infante après que la reine d'Espagne aurait mariée et aurait eu un enfant. Le journal la *Presse* prétend que nous avons abandonné cette objection, qui n'a pas eu plus de succès en Angleterre qu'en France et en Espagne. — Voici ce que nous répondons. — Cette objection, nous ne l'avons pas proposée d'abord, car il nous eût été possible d'obtenir le renvoi et le gouvernement britannique aurait dû l'avoir remarqué à la bonne foi. Mais, dira-t-on, il n'y a point eu d'écrit, point de signatures. Peu importe, la convention a été faite, et elle avait pour garantie l'honneur d'un roi, ou, si l'on veut, pour valeur même que la parchemin.

« Est-ce que *la Presse* et les autres journaux de Paris, qui font si grand cas à notre avis d'intéresser les peuples anglais, ne nous connaissent pas d'ailleurs ? Ont-ils donc jamais supposé que nous pourrions prêter cette objection à un tribunal de la nation française, à un tribunal de nos mœurs sérieuses et sévères ? Ont-ils donc jamais supposé que nous pourrions prêter cette objection à un gouvernement qui, comme le gouvernement français, a si souvent fait appel à l'opinion publique ? Ou comprendra que cette violation de la convention faite au château d'Eu, qui avait pour garantie la bonne foi des deux parties contractantes, est une des plus fortes objections du gouvernement anglais. Si les journaux français ont le bon esprit de s'abstenir de donner un point, nous n'insisterons pas ; mais, s'ils le choisissent, point de blâme tomber sur ceux qui prétendront le déshonorer si nos sur ceux qui sont forcés d'accepter la provocation. »

Le même journal publie à la date du 27 septembre, une lettre de son correspondant de Madrid, dans laquelle on lit ce qui suit :

« Aujourd'hui, un Français a eu l'imprudence de se montrer dans la rue de Carretas. Reconnu par le peuple, il a été traité si mal, que de la peine à s'en tirer à vif marché. La reine ayant passé ensuite dans la rue de la Montera avec le comte orléaniste, des pierres ont été lancées sur la carrosse, et la marquise de Malpica a été blessée. — Cela ne prouve pas que tout soit aussi tranquille que le prétendent les journaux. — On dit que l'chef des Français d'Isabelle est à bien convaincu des soins que le mariage de l'infante obtient à l'Espagne, qu'il ne fait pas mystère de son opinion et l'exprime librement ; il avait même proposé d'intervenir *pour faire* ajourner le mariage, mais M. le comte Bresson l'en a empêché, en le menaçant, s'il faisait la moindre démarche, d'arrêter son mariage avec la reine. »

Le *Globe*, que sa position aussi officielle oblige à plus de modération que les autres journaux de Londres, publie l'article suivant, qui contraste pour le ton avec ceux de ces confrères, mais qui atteint, en même temps, que, de l'autre côté de la Manche, on regarde l'entente cordiale, comme définitivement rompue.

« Il paraît que les bonnes relations entre la France et l'Angleterre sont comme le tuba de Pasdeloup qui étonne tout le travail du jour. Il serait très malheureux que le mariage fût par la diplomatie française le plus épouvantable événement survenu entre les deux cours. Toutes les puissances sont désorganisatrices. Quelques-unes le sont moins que les autres, mais aucune n'avons jamais cru que ces bons qui, l'automne dernier, nous avaient pour ainsi dire entourés de charmantes souvenirs, d'ouvrirent en témoignages d'affection pure et désintéressée. Il est évident à tout homme que les hommes d'état de l'Angleterre n'ont pas cru à la bonne foi de la politique de l'entente cordiale, telle qu'on la comprenait en France ; cependant nous ne nous plaignons pas, à proprement parler, de notre infériorité, puisqu'elle a mis à notre bonne foi et à notre confiance dans la bonne foi des autres.

« Nous avons toujours dit que nous n'attachions pas à ce mariage toute l'importance que certaines personnes lui attribuent. La manière dont on l'a brusquée, et les circonstances qui l'accompagnent, rendent exiger que nous demandions des explications ; on ne les a pas aux prétentions. Mais de semblables plaintes n'ont deux manières : elles n'ont jamais été, et, à l'heure à notre époque, on serait jamais très unies sous le rapport de l'honnêteté internationale, si on n'est qu'elles lui fournissent été présentes pour l'oreuve. S'il y a d'un côté puissance et de l'autre faiblesse, la puissance prétera son poids à la plaisera de la faiblesse, et on prétexte de plus ou de moins ou équilibre peu grand, chose pour le résultat définitif. Quel prétexte avait la France pour intervenir dans les affaires intérieures de l'Espagne en 1823 ? Quel prétexte avait la France pour se mêler de celles de l'Angleterre sous le dernier roi Guillaume-

solicitava informações acerca da edição de *Tragédias da Corte*. Informou-se que a obra estava esgotada e que o jornal se valia de um exemplar que dispunha para reproduzir o texto. [194] É provável que a escolha não fosse inocente, pois só restava ao interessado comprar todo dia o exemplar do matutino para ao final ter tão desejado volume.

Os jornais induziam o leitor a colecionar o que se publicava no espaço folhetim, tanto que na página de rosto de *Os três mosqueteiros*, publicado no *O Estado de S. Paulo*, em 1918, antecedia o título a referência *Coleção Alexandre Dumas*, que foi seguida por *Vinte anos depois* e *O Visconde de Bragelone*, do mesmo autor. A mera presença desses romances permite supor que os leitores continuavam a se interessar por esse tipo de texto, afinal os jornais eram empresas que visavam o lucro, tanto que em fevereiro de 1916, em carta o Sr. José Barbante, residente de Ribeirão Bonito, reclamava dos hiatos na publicação do romance então estampado pelo *Correio.* A justificativa foi a falta de espaço, mas prometia-se para breve a continuação da trama.[195] O jornal mantinha um canal de comunicação com o seu público, pois lhe eram enviadas solicitações que incluíam, entre outras demandas, o envio de exemplares já publicados. Por certo o Sr. José Guedes de Oliveira, de Bebedouro, frustrou-se com a resposta que lhe foi dada pelo *Correio*: "deixamos de mandar o folhetim que deseja, por estar esgotado o número do jornal que o publicou". [196]

O exemplo comprova que os leitores colecionavam os romances veiculados e buscavam os números que haviam perdido. Uma breve leitura da "Seção de Informações" do *Correio* mostra ainda como o impresso a fim de atender seus assinantes residentes no interior paulista, intermediava a aquisição de certas mercadorias que incluíam desde livros e cadernetas até mesmo tintas e tecidos. A demanda era tanta que, para impedir que não assinantes se beneficiassem da disposição do jornal em enviar tais pedidos, foi necessário esclarecer que só seriam atendidas cartas que portassem o número de registro do assinante, acompanhadas da importância para o transporte dos pedidos. No caso do *Estado* é mais complicado fazer essa verificação da demanda dos leitores pelas obras já que o jornal não possuía seção equivalente. Uma ou

[194] *Correio Paulistano*, 02 fev.1916, p.5.
[195] *Correio Paulistano*, 07 mar. 1916, p. 4.
[196] *Correio Paulistano*, 30 abr.1916, p. 5.

outra informação indireta quando postada era realizada na seção *Notas e Informação*, mas não citava nenhum leitor específico.

A dúvida sobre como obter um romance já editado foi dirigida ao *Correio Paulistano* pelo Sr. Amálio de Barros, que queria adquirir *Mistérios de São Paulo*, tendo sido informado que tal livro não existia, pois, "foi escrito expressamente para esta folha". [197] Segundo a nota, a obra era um conjunto de fatos desconhecidos e que constituíam uma série de revelações sensacionais sobre certos acontecimentos da vida paulista. Sem nenhuma modéstia, o *Correio* afirmava que "de fio em fio, de investigação em investigação, esta folha conseguiu reconstituir a trama perfeita em que enredou a noção que vai ser fielmente contada aos leitores". Aos seus olhos ainda "o plano em que se desenvolve constitui umas das mais sensacionais novelas de todos os tempos." [198]

É importante refletir sobre a escolha do *Correio*, que se valia da fórmula típica do século XIX, inspirada nos *Mistérios de Paris*, de Éugene Sue, escrita entre 1842-1844 e que despertou grande interesse entre os leitores de todo o mundo, com produção de inúmeras versões locais. [199] O original foi lido por 400 a 800 mil leitores e, segundo Théophile Gautier, fez até moribundos adiarem sua morte, pois não se poderia partir para outro mundo sem saber o desenlace do melodrama. Estima-se que, no século XIX, foram produzidas vinte versões para o inglês, doze para o espanhol e italiano, sete em alemão, seis em português, quatro em dinamarquês e três em catalão. O sucesso da obra teria desencadeado um fenômeno hoje intitulado de *mysterymania*, devido os desdobramentos e apropriações verificados em várias partes do mundo. Influenciados pela fórmula, surgiu uma vasta gama de adaptações, paródias, transmediações e os *Mistérios de ...* tornou-se uma fórmula retomada nas mais diversas localidades. [200]

Em relação aos mistérios brasileiros, Marlyse Meyer identificou um anúncio no *Jornal do Comércio* de 1847 no qual se comunicava a subscrição do primeiro volume

---

[197] *Correio Paulistano*, 29 nov. 1917, p.7.
[198] *Correio Paulistano*, 20 nov. 1917, p. 5.
[199] Para maiores informações ver: SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 26, nº 44, jul/dez 2010. Disponível em < http://www.scielo.br/pdf/vh/v26n44/a13v2644.pdf >. Acesso em 30 abr. 2016.
[200] THÉRENTY, Marie-Éve. Apresentação. In: _____ (org.) *Les mystéres urbains au prisme de l'identité nacionale*. Disponível em: http://www.medias19.org/index.php?id=15580. Acesso em: 11 abr. 2016.

dos *Mistérios do Brasil*, ilustrado e que não tardaria a sair. [201] Mais de trinta anos depois do anúncio, a *Folha Nova* publicou *Mistério da Tijuca*, de Aluísio de Azevedo, entre 1882 e 1883, logo transformado em livro nas oficinas do próprio jornal que estampou o folhetim. [202] Sabe-se de outras obras que foram publicadas pelo país, como *Mistérios de Recife* (1908), de Carneiro Vilela e *Mistérios do Rio* (1924), de Benjamim Costallat. O uso da mistériomania adentrou o século XX e, segundo Jacqueline Penjon, a fórmula foi empregada em obras mais recentes como *Mistérios de Porto Alegre* (1976), de Moacyr Scliar e *Mistérios de Curitiba* (1968), de Dalton Trevisan. Desdobrou-se ainda para dar conta de outros espaços, a exemplo *Mistério da Roça* (1861), de Vicente Félix de Castro, que veio a público em Guaratinguetá[203] e do *Mistério da Praia de Formosa - Cenas da vida do crime no Rio de Janeiro* (1924), de João Prudente.

Ao que se sabe, a cidade de São Paulo não foi cenário de nenhum mistério no século XIX, embora, em seus palcos tenham recebido ao menos duas operetas relacionadas aos *Mistérios de Paris*, de Eugene Sue. Trata-se de *Pipelet*, nome de um dos personagens da obra, composta em três atos, traduzida pelo jovem Machado de Assis e encenada sob direção de José Amat, no Teatro São José em setembro de 1884.[204] A outra, *A Família Morel*, adaptada pela argentina Joana Manzo em quatro atos e representada na década de 1850. [205] Talvez essa ausência instigou o *Correio* a iniciar a empreitada em 1917. Cabe destacar que as oficinas do jornal *O Estado de S. Paulo* editaram *Mistérios de São Paulo*, de Pompeu Silva, em 1925, no entanto, não se tratava da mesma trama encomendada pelo *Correio* oito anos antes, que não trouxe assinatura. Por fim, Afonso Schmidt escreveu *Mistérios de São Paulo*, publicado pela Editora Clube do Livro em 1955 e que segundo nota explicativa "cria o consagrado escritor (...)

[201] MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. *Op. cit*, p. 285.
[202] PORTO, Ana Gomes. Aluísio Azevedo e a imprensa: uma análise de Mistério da Tijuca e Casa de Pensão. In: *Anais do XI Congresso Internacional da Abralic - Tessituras, Interações, Convergências*. Disponível em: http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/. Acesso em: 12 abr. 2016.
[203] PENJON, Jacqueline. De um mistério a outro. *Conferência de Encerramento do XII Seminário Internacional de Estudos Literários "Avatares do Folhetim"*. Universidade Estadual Paulista/UNESP, 2014.
[204] SCHAPOCHNIK, Nelson. *Op.cit*. p. 616.
[205] AZEVEDO, Silvia Maria. Mistérios rondam o romance-folhetim na América Latina: Misterios del Plata, de Joana Paula Manso de Noronha, e Mistério da Tijuca, de Aluísio Azevedo. *Miscelânea*, Assis, v. 18, p.37-57, jul.-dez. 2015, p. 40.

um mundo do 'bas-fond' citadino, em que se recortam figuras marcantes e expressivas, arrancadas da sua extraordinária e da sua fertilíssima imaginação." [206]

Segundo Matthieu Letourneux, o título empregado nessa categoria associava o termo "mistérios" (ou outro semelhante) a alguma cidade ou país, combinação que perdeu força já no começo do XX. Entretanto, o imaginário dos mistérios urbanos continuou presente nas coleções populares do entre guerras, o que explica a reedição de clássicos do gênero. Tratava-se de retomar autores de gerações anteriores e recolocá-las em circulação:

> Dès lors, pour constituer leur catalogue, les éditeurs ont d'abord republié des feuilletons anciens donnant à leur collection une identité architextuelle marquee par cet héritage du XIX siécle, qui continuera par la suíte à orienter le pacte de lecture editorial, y compris lorqu'il s'agira de publier des oeuvres inédites. [207]

O fato é que esses clássicos continuavam a fazer sucesso junto ao grande público e ajudavam os jornais na escolha do romance da vez. Para legitimar a opção, as notas de apresentação, que anunciavam ou apresentavam o texto no dia de sua estreia, como se observa no caso de *Os dramas de Paris*, a respeito da qual ponderava o *Correio Paulistano*:

> A escolha não foi fácil, pois que não se escolhe facilmente uma obra literária que deva agradar a todos os paladares e cuja leitura não possa ser interditada a alguém por qualquer motivo que seja. No imenso acervo de romances em que a fantasia popular diverte as suas horas de lazer, há livros simples e claros, que são histórias ingênuas de amor, já velhas para a nossa época e contos antigos, bem como novelas modernas cheias de escândalos e de tragédias. Os primeiros já não se leem, os últimos não devem ser lidos, mormente só quando os ditar a ambição de ganhar dinheiro, explorando os editores a sentimentalidade e o fraco do público pelo 'granguinol'. Há os por ai, especialmente deste gênero, em grande quantidade. Os pais de família, porém deveriam ter cuidado com a entrada de tais livros em seus lares. Um gênero, contudo, de romances permaneceu sempre apreciado e aceito por toda gente, por velhos e moços, senhoras e meninas: o gênero de aventuras, o romance policial, tão cheio de cenas emocionantes e que, ao mesmo tempo, constituem uma escola de sagacidade, de espírito de iniciativa e resistência moral. Neste gênero, culmina entre outros, o grande inimitável romance de Ponson Du Terrail (*Correio Paulistano*, 20/01/1921, p. 3).

---

[206] SCHMIDT, Afonso. Nota Explicativa. *Mistérios de São Paulo*. São Paulo: Editora Clube do Livro, 1955, p. 5.

[207] LETOURNEUX, Matthieu. La disparation du genre des mystéres au début du XX siècle. In: KALIFA, Dominique; THÉRENTY, Marie-Éve (orgs.) *Les Mystères urbains au XIX siécle: circulations, transferts, appropriations*. Disponível em: http://www.medias19.org/index.php?id=20045. Acesso em: 11 abr. 2016.

A nota caracterizava o personagem Rocambole e a cidade de Paris, palco no qual se desenrolava a estória e, asseverava-se que a instigante obra transportava o leitor para "aqueles tempos obscuros" e para as aventuras narradas no romance. Segundo o *Correio*, sem dúvida com boa dose de exagero, tratava-se da mais notável obra escrita em todos os tempos, que o jornal tinha "o prazer de oferecer, na íntegra aos leitores". É curioso o anúncio de *Os dramas de Paris* trazia o alerta contra romances impróprios, lembrando que os pais deveriam ser cautelosos com a entrada de obras perniciosas em seus lares. A história de Rocambole foi escrita durante treze anos, entre 1857 e 1870, e era recheada de banditismo, desfigurações, adultérios, vinganças etc, que se encaixavam na categoria criticada pelo matutino.

Na década de 1920, o *Correio Paulistano* ao comemorar setenta anos de circulação, era dirigido por Flaminio Ferreira, enquanto a gerência ficava a cargo de Edgard Nobre de Campos. O jornal era de propriedade de uma sociedade anônima e orgulhosamente afirmava ser órgão do Partido Republicano Paulista, por isso sempre dedicou "seu melhor esforço a traduzir a voz viva dessa forte e coesa agremiação partidária, cujas tradições representam a gloriosa história política do nosso Estado." [208] É notável a predileção do *Correio* e do *Estado* pela publicação de produções de Alexandre Dumas e Ponson du Terrail, a tal ponto que as tramas desses dois autores praticamente revezavam-se no espaço folhetim dos matutinos.

Enquanto isso, *O Estado de S. Paulo* começava os anos de 1920 de maneira promissora, pois, o jornal teve seus lucros na casa dos 1.164 contos de réis. A partir de 1925 anunciou-se a inserção de novas seções sobre higiene, pediatria, livros, entre outros assuntos, a cargo de nomes como Amadeu Amaral, Sud Menucci, Fernando de Azevedo e Vivaldo Coaracy. A fisionomia do jornal também foi modificada, já que a última página começou a sair com o cabeçalho igual ao da capa, trazendo cartas do exterior e outras notícias da redação. E mais uma vez, o espaço dedicado às oficinas tornou-se insuficiente, tanto que não tardou a mudança. Assim, um novo prédio foi procurado para a instalação das máquinas. A mudança foi para a Rua Barão de Duprat, onde também foi montado um novo conjunto de rotativas Marinoni, sem, contudo, abandonar-se o edifício onde funcionavam as oficinas na Rua 25 de março. A ligação

[208] *Correio Paulistano*, 26 jun. 1924, p. 3.

entre os dois endereços era feita por tubo pneumático, assim como já se fazia entre a redação e as oficinas. [209]

A seção de obras do jornal continuava a publicar material de escritório e livros que, conforme se anunciava, poderiam ser encontrados nos estabelecimentos de São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, ficando os pedidos para revenda ficavam aos cuidados da Livraria Lealdade e da administração do *Estado*. A partir de 1922, nova empreitada tinha por foco a publicação de pequenos volumes, a preços reduzidos, enfeixados sob o título de *Biblioteca do Estado de S. Paulo* e que abrangeria toda sorte de trabalhos. A justificativa veio nos seguintes termos:

> Acreditamos que a biblioteca corresponde a uma verdadeira necessidade, que não pouca dos leitores dessa folha terão sentido frequente vezes. Empenhado em permanecer na altura do adiantamento intelectual do Estado e da Nação, o nosso jornal insere, amiúde, trabalho que pela intenção, pelo acuro, pelo valor, todos lamentam sinceramente fiquem presos às páginas volantes que, dia após dia, em que é difícil alguém deter-se e que não menos se podem dificilmente incorporar a uma biblioteca em condições adequadas a conservação e ao manuseio. (*O Estado de S. Paulo*, 17/09/1922, p.2.)

Em seguida, o jornal apresentava uma lista com as obras e nomes dos autores editados, que incluía Oliveira Vianna, Afrânio Peixoto, Alberto Faria, Arthur Neiva, Amadeu Amaral, Basílio de Magalhães, Navarro de Andrade, Franco da Rocha, Oliveira Lima, Pereira Barreto, Sud Menucchi, Oscar Freire, entre outros. Como se pode notar, a maioria era composta por colaboradores do periódico e os títulos abarcavam assuntos políticos, históricos, científicos, higienistas etc., sem incluir romances. A intenção era produzir volumes com o mesmo formato e que inserissem textos recentes. O *Estado* afirmava que tinha em suas coleções, "que já abrangem um período de quarenta e oito anos, numerosos escritos de alto merecimento sobre os mais diversos assuntos." Novamente observa-se a intenção de editar um conjunto de obras, como já ocorrera com a *Biblioteca Útil* em 1877.

Em 1927, em meio à prosperidade alcançada, Júlio Mesquita faleceu e a tarefa de dirigir o jornal passou para Júlio de Mesquita Filho, auxiliado por Nestor Pestana, tendo Plinio Barreto na chefia da redação e Ricardo Figueiredo, na gerência. A diretoria da sociedade anônima recém-eleita era composta por Armando Salles de Oliveira e

[209] SUPLEMENTO do Centenário, *Op. cit*.

Carolino da Mota e Silva, genros de Julio Mesquita e Francisco, seu filho. No ano seguinte, em meio à inesperada reestruturação, o modelo do romance no formato vertical, publicado desde 1912, foi abandonado. Em 24 de maio de 1928, decidiu voltar à horizontal, padrão anteriormente consagrado, com *O Czar não morreu*, cuja estratégia empregada para a divulgação intrigou o público, com a publicação da mensagem "O czar não morreu" sem, no entanto, explicar do que se tratava.

Não foram poucos os que se dirigiram ao escritório da folha ou enviaram cartas para saber o significado da enigmática frase, já que o último czar, Nicolau II, abdicou o trono em favor do irmão Miguel, em 1918. Tomou-se a afirmação ao pé da letra e esperava-se novas revelações sobre o verdadeiro destino dos membros da dinastia Romanov. No entanto, segundo o jornal, muitos deduziram que se tratava de algo relacionado ao cinema e prontamente supuseram ser o nome de uma nova "fita cinematográfica, cujos empresários daquela sorte procurassem fazer prévio e ruidoso reclamo." [210]

Dias depois, veio o esclarecimento: tratava-se do título de um romance que seria publicado pelo *O Estado de S. Paulo*, que adquiriu os direitos da reprodução em português. A obra, escrita em parceria por dez renomados romancistas italianos, havia sido adquirida com exclusividade antes mesmo de sua finalização e seria editada simultaneamente na Europa, Japão, Estados Unidos e Argentina. [211] Entretanto, para manter o suspense, o jornal não deu maiores detalhes sobre a composição da trama:

> Do caráter, enredo e estilo do próximo folhetim do Estado, nada diremos, por não roubar dos leitores as primícias de emoção e interesse que hão de ir tendo no correr da leitura. Apenas prometemos que a tradução do texto será feita com máximo rigor e fidelidade, a fim de conservar na nossa edição todo o relevo do original. Aguarda-se, pois, para dentro de alguns dias, o primeiro capítulo de *O czar não morreu ou O romance dos dez*, como também é conhecida a obra dos apreciados escritores italianos. (*O Estado de S. Paulo*, 22/03/1928, p. 7)

É interessante perceber o empenho dos responsáveis para criar um clima de expectativa, ainda que a sua publicação só tenha se efetivado quase dois meses depois da revelação do mistério. Nesse período, a prática foi isolada, pois na sequência, o jornal voltou a estampar textos que se arrastavam por mais de dois anos. Assim, a

[210] *O Estado de S. Paulo*, 22 mar. 1928, p. 7.
[211] Idem. O conjunto de escritores que faziam parte da empreitada eram Alesandro de Stefani, Alessandro Varaldo, Antonio Beltramelli, C.G. Viola, Fausto Maria Martini, F.T Marinetti, Guido Milanesi, Luciano Zuccoli, Lucio D'Ambra e Massimo Bontempelli.

análise de ambos os jornais na década de 1920 demonstra que o espaço folhetim passou realmente a esmaecer no *O Estado de S. Paulo* a partir de 1921, momento em que se passou a publicar um romance por ano e prolongá-lo pelos seguintes sem, no entanto, trazer novidades para o público, com exceção do alarde provocado com a obra *O Czar não morreu*.

Já no *Correio Paulistano*, o espaço foi constante até 1922, quando se trouxe apenas uma trama por ano, que se arrastava por grande período de tempo. Deste modo, o espaço folhetim foi perdendo seu lugar nos periódicos, tanto que os exemplares do *Estado* confirmam que, em 1921, quando se publicava *As duas rivais*, de Xavier de Montepin, a sua veiculação pelo jornal não era constante. Ao longo do mês de maio desse ano, por exemplo, o espaço folhetim figurou em apenas treze oportunidades. Em julho foram dez, em setembro, onze e assim por diante. Embora sem desaparecer por completo, mas também sem gozar da mesma regularidade de antes, o que indica a demora dos jornais para romper, por completo, com a tradição.

Nos anos seguintes, *O Estado de S. Paulo* seria marcado significativamente pela Revolução Constitucionalista de 1932, projeto no qual a família envolveu-se de forma ativa. [212] Nessa década ainda, o *Estado* passou a não mais ser o responsável direto pelas assinaturas adquiridas por seus leitores. Em anúncio de 1932, após elencar uma série de vantagens que o jornal proporcionava a quem o adquirisse, informou-se que os interessados deveriam se dirigir a casa *Eclética*, localizada na Rua Três de Dezembro, em São Paulo. [213] Segundo o informe, aqueles que a procurassem ganhariam um brinde "a escolha dentre uma coleção variadíssima" e aqueles que morassem fora da capital paulista poderiam solicitar um prospecto dos prêmios pelo correio. [214]

---

[212] Em prol do levante, o jornal empregou todas as suas forças e teve seus integrantes envolvidos diretamente no conflito. O matutino passou a publicar uma página inteira noticiando a recolha de donativos não só para financiar os soldados em combate, mas também para angariar fundos para as famílias das vítimas desamparadas. As doações eram feitas em espécie ou com a entrega de objetos que seriam leiloados. Outro modo de arrecadação consistia na doação de jornais, autógrafos e livros que tinham seus títulos divulgados a fim de serem vendidos aos interessados. O jornal fazia a intermediação divulgando as propostas aceitas em relação aos livros e o horário que se deveria procurar a redação para finalizar o negócio. *O Estado de S. Paulo*. 24 set. 1932, p. 2.

[213] A história da *Eclética* iniciou-se em 1913, momento em que não havia organizações especializadas em distribuir anúncios aos jornais. Diante dessa situação, o jornalista Castaldi e o empresário Bennaton, uniram-se e instalaram a empresa. Após alguns anos de funcionamento foram admitidos outros sócios como o gráfico e também jornalista Eugenio Leuenroth e Júlio Cosi. Quando esse último entrou na sociedade, Leuenroth foi transferido para a filial do Rio de Janeiro, na qual trabalhou como representante do jornal *O Estado de S. Paulo*. Ver: RAMOS, Ricardo. *Do Reclame à comunicação*: pequena história da propaganda no Brasil. São Paulo: Atual Editora, 1987.

[214] *O Estado de S. Paulo*. 20 set. 1932.

Fig. 34: Publicação do romance *Os setes pecados mortais*, de Eugene Sue, no mesmo padrão do século XIX (*O Estado de S. Paulo* – 01/12/1928)

No começo a *Eclética* tinha por objetivo apenas reunir os anúncios, mas com o tempo, passou a intermediar outros negócios que contavam desde a realização de novas subscrições e renovação das antigas até a distribuição das premiações entregues aos assinantes, prática antes realizada diretamente pelos jornais. Nesse momento em que as formas de distribuição dos exemplares se modernizaram, os leitores do Rio de Janeiro foram informados que o *Estado* seguiria diariamente no primeiro avião da Vasp para ser colocado em determinados postos de venda. [215] Esse fato demonstra como a distribuição dos exemplares incorporava uma nova lógica, muito além daquela de seu início que utilizava as vias férreas para o deslocamento.

Os anos 1930 começaram difíceis para o *Correio* por conta da invasão de sua sede por populares em 24 de outubro. A procura de notícias oriundas do Rio acerca da deposição do presidente Washington Luís fez uma multidão se aglomerar na Praça do Patriarca. Decidiu-se então atacar os jornais que eram a favor do governo, começando pela *A Gazeta*, que teve sua redação invadida, objetos lançados na rua e oficinas inutilizadas com a depredação de impressoras e linotipos. Segundo relatos da época, nem mesmo um piano escapou de ser arremessado pela janela. Por fim, foi a vez de o *São Paulo Jornal* sofrer com a fúria dos populares.[216] Nessa época a sede do *Correio* ficava na Praça Antonio Prado, a direção havia mudado, estando a cargo de Abner Mourão e a redação com Edgar Nobre de Campos que havia deixado a gerência.

Por conta dos prejuízos sofridos, o jornal só voltou a circular em julho de 1934, com redação e administração localizadas na Rua Libero Badaró e pertencendo a uma sociedade anônima. Segundo o expediente, o diretor superintendente era Luiz Silveira e a folha possuía sucursais no Rio de Janeiro, Santos, Campinas e Ribeirão Preto. Quanto ao espaço folhetim, o *Correio* retomou a proposta levada a cabo em 1917, que consistia na publicação de folhetins cinematográficos, objeto de capítulo posterior.

Entretanto, segundo a amostra analisada, tal tentativa não ultrapassou o ano de 1934 e, no espaço folhetim dos dois anos seguintes, algumas obras, em formato vertical, sem relação com o cinema, foram publicadas. Uma delas foi *O banqueiro que enganou a Europa*, anunciada em página inteira no dia 03 de março de 1935. Uma semana depois, no momento da estreia, outro reclame esclarecia que "com o propósito de oferecer

[215] *O Estado de S. Paulo*, 07 fev. 1939, p.1. O *Correio* anunciava também que seus exemplares, transportados pelos aviões da Vasp, estavam à venda a partir das 10 horas da manhã, no Rio de Janeiro. Ver *Correio Paulistano*, 15 abr. 1938, p. 6.
[216] *O Estado de S. Paulo*, 25 out. 1930, p.2.

leituras empolgantes," o *Correio* iniciava com exclusividade todas as *escroqueries* do famoso banqueiro, bem como cenas íntimas de sua vida aventureira "descritas com

TODOS OS ESPORTES

Coisas do tennis...

Os grandes "azes" da natação norte-americana

CAMPEONATO DE POLO AQUATICO

São Paulo e Palestra, hoje, no Parque Antarctica

Pelo nosso mundo nautico

Nas fileiras do Dopo-lavoro

O Syrio e as suas activi-dades

O Corinthians jogará hoje, em Santos

Uma partida promette-dora

O treino athletico dos nossos campeões

Moços!

O BANQUEIRO QUE ENGANOU A EUROPA

300.000 KILOMETROS COM STAVISKY

Narrativa das aventuras do famoso banqueiro pelo seu motorista Eugénio Borichy

EXCLUSIVIDADE DO "CORREIO PAULISTANO"

(Copyright de Opera Mundi Press Service)

Fig. 35: A obra *O banqueiro que enganou a Europa* publicada em formato de livro no *Correio Paulistano* (1935)

absoluta fidelidade," por seu motorista Eugene Bortchy.[217] O *copyright* pertencia a *Opera Mundi Press Service*, agência de publicidade localizada em Paris, na qual trabalhavam "célebres escritores e famosos repórteres." Segundo o jornal, a organização era sua principal fornecedora de folhetins na década de 1930. [218]

A obra *O banqueiro que enganou a Europa* tratava do caso verídico de Serge Alexandre Stavisky, ucrânio de nascimento, naturalizado francês em 1912 e conhecido por seu envolvimento em fraudes e delitos, como falsificações de cheques, estelionato, tráfico de drogas etc. Em 1934, quando policiais invadiram sua residência em Chamonix, ele teria se matado "ao tirar duas vezes" na própria cabeça, um *fait-divers* de grande repercussão. Assim, aproveitando-se da popularidade do fato, o jornal trouxe a público minúcias da vida e trajetória de Stavisky, num volume ricamente ilustrado e com imagens dos lugares por onde ele havia passado e fotografias das pessoas com quem ele conviveu etc. [219] Talvez a decisão de estampar a estória de Stavisky tenha sido motivada pelo sucesso que, segundo o jornal, obteve o relato sobre os motivos reais da execução da enfermeira Miss Cavell, levado a cabo pelo *Correio* em janeiro de 1935. [220]

É interessante que, assim como havia feito em algumas ocasiões com *O banqueiro que enganou a Europa*, o *Correio* denominava o livro subsequente como "uma nova reportagem das mais sensacionais." [221] Tratava-se da obra *Da Escandinávia aos Balcãs*,

---

[217] *Correio Paulistano*, 10 mar. 1935, p.3.

[218] *Correio Paulistano*, 22 nov. 1935, p.1.

[219] O caso se tornou objeto de duas produções sendo um filme de 1974, dirigido por Alain Resnais e um seriado de Claude-Michel Rome em janeiro de 2016 para o canal France 2.

[220] Na ocasião, o jornal anunciou que publicaria depois de 18 anos, a partir da revelação de documentos secretos, a verdade sobre a execução de Edith Cavell, enfermeira britânica fuzilada por alemães em 1915 e que se tornou umas das heroínas da Primeira Guerra. A espécie de reportagem foi apresentada dias seguidos no alto da primeira página e era composta por retratos não só de Cavell, mas de todos os envolvidos. Ver *Correio Paulistano*, 25 jan. 1935, p. 1.

[221] Segundo Marie-Éve Therenty, a palavra reportagem é um termo de origem anglo-saxão e não pode ser confundida com a prática realizada pelo cronista, jornalista sedentário que se utilizava de tópicos previsíveis. O repórter é o sujeito que se desloca para buscar a informação e justamente a inclusão de uma viagem em sua atividade jornalística que deu o caráter diferencial ao novo gênero denominado grande reportagem. No entanto, não se pode confundir tal noção com narrativas de viagem, muito comuns nos jornais do século XIX. O fenômeno da reportagem está vinculado a uma aceleração e internacionalização da informação, da qual os britânicos foram precursores e não os franceses. A princípio, muitas reportagens eram realizadas para autopromoverem certos jornais e seus temas recorrentes se constituíam em festas públicas, expedições científicas, funerais, processos etc. Mas o que notadamente marcou o gênero foram as reportagens de guerra e no caso francês destaca-se a experiência pioneira de Amédée Achard, correspondente do *Journal des débats* durante a Campanha na Itália em 1859. Além disso, o telégrafo teve papel fundamental para a transmissão das reportagens, especialmente para as de fundo bélico. Ver: Thérenty Marie-Ève, Les "vagabonds du télégraphe": représentations et poétiques du grand reportage avant 1914. *Sociétés & Représentations*, jan.2006 (n° 21). Disponível em: www.cairn.info/revue-societes-et-representations-2006-1-page-101.htm. Acesso em: 03 mai. 2016.

[221] *Correio Paulistano*, 17 abr. 1935, p.3.

21-4-1935 CORREIO PAULISTANO 11

TODOS OS ESPORTES

Coisas do tennis...

O BRASIL NA TAÇA "DAVIS"

...TIO, 20 (H.) — Pelo. "Asturias" seguiu para Montevidéo o tenista Eurico Teixeira de Freitas que, com Ivo Bianco e Sylvio Lara Campos, de São Paulo, e Alvaro Osorio, do Rio Grande do Sul, vae integrar a equipe brasileira para a disputa da taça "Davis".

M. R. — A equipe nacional, vae muito desfalcada. Deixaram de embarcar: Nelson Cruz, Ricardo Pernambuco e Humberto Costa, inneg...velmente os maiores "azes" do tennis brasileiro. Coisas da C. B. D.

OS JOGOS DE HOJE

Em continuação aos campeonatos inter-clubes da Federação Paulista de Tennis, estão marcadas para hoje, as seguintes partidas:

1.ª SE'RIE — Paulistano x Germania "A"; S. Paulo F. C. x T. C. Paulista "B"; Esperia "A" T. C. Campinas; Santo Amaro x Syrio; Germania "B" x T. C. Santos.

2.ª SE'RIE — Esperia "A" x T. C. Santos; T. C. Paulista "A" x Hermonia de Tennis "A"; Syrio x Santo Amaro; Germania x T. C. Paulista "B"; Harmonia "B" x Paulistano; S. Paulo x Esperia "B" e T. C. Campinas x Light.

1.ª SE'RIE — Harmonia de Tennis "B" x Harmonia de Tennis "A"; T. C. Paulista x Paulistano "A"; Germania x Paulistano "B"

CHAMADA DE JOGADORES DO SYRIO

Para os jogos da 3.ª Divisão, contra o Santo Amaro, estão chamados os seguintes tennistas do Syrio, para hoje, ás 14 horas, nas quadras socaes: Adib Younsef, Antonio C. Melchert, Ibrahim Basit, Caleb Safady (cap.), Musadda Adaher, Philippe N. Raco, Para a 5.ª divisão, em Santo Amaro, Amin Pouheir, Elias Jebra, Jorge Machado da Cunha, Michel E. Saad e Nagib A. Abdalla (cap.).

Acha-se na secretaria do clube, a disposição dos interessados, a lista de inscripções para o Campeonato Permanente de Tennis, série masculina, a iniciar-se em breve.

A. A. LIGHT E POWER vs. TÊNNIS CLUBE DE CAMPINAS

Realiza-se este encontro, hoje ás 14,30 horas, nas quadras do Tennis Clube de Campinas, em Campinas.

O Light pede o comparecimento dos seguintes tenistas, ás 8,30 horas, na Estação da Luz: dr. Octaviano Machado Filho (cap.), dr. Paulo H. Corrêa, Luiz Pina de Sousa, dr. Fernando Azevedo e dr. Ubirajara Martins.

RESULTADOS DOS JOGOS DE ONTEM

A turma "B" da Sociedade Harmonia, na 1.ª série, alcançou hontem um bonito triumpho sobre a correspondente de T. C. Paulista, a 6 a 1 foi a contagem registada. Os resultados geraes foram os seguintes:

Mario Nehrers (T.C.) venceu E. Klabin por 4/6-6/4 e 6/4; Reusing (H.) venceu M. Pinchiaro por 7/5 e 7/5; Luiz de Sousa Barros (H.) venceu A. Leitão por 6/3 e 6/4; W. Lerro venceu D. Janini por 6/4 e 8/7; e a dupla W. Serro-E. Klabin (H.) venceu M. Nobrega-D. Janini por 6/4-4/6 e 7/5.

No campeonato da 5.ª divisão, a turma "A" do T. C. Paulista registou mais uma victoria, superando o Light e Power por 4 a 1.

Os resultados foram os seguintes:

Renato Cautinano (T.C.) venceu Ernesto Toledo por 6/1 e 6/4; Rogerio Nobrega (T.C.) venceu Isoel R. Branco por 6/4 e 6/4; T. Zaidan (T.C.) venceu J. C. Diamond por 6/0-6/1 e 6/4; Henrique Andrade (L.P.) venceu João Tolosa por 3/6-6/3 e 6/1. O ultimo ponto do Tennis Clube foi marcado pela dupla T. Zaidan-R. Cantizani, que venceu J. Diamond-Anders Starck por 6/3-2/ e 6/1.

T. C. PAULISTA x HARMONIA DE TENNIS

Para o jogo de hoje, com a turma "A" da Sociedade Harmonia, a direcção esportiva do Tennis pede o comparecimento dos seguintes jogadores, ás 9 horas: A. Lotufo, A. Vieira, Paulo Vasconcellos, A. Borelli e Luiz Lobato.

TENNISTAS

Antes de comprar raquettes ou quaesquer artigos para tennis e golf, não deixem de visitar a nova casa

PERNAMBUCO & HARDY LTDA.

fabricantes das afamadas raquettes HARDY, encordoamentos e concertos em geral.

16, BARÃO ITAPETININGA — GALERIA GUATAPARÁ

"Circuito do Jardim America"

HOMENAGEM A UM DEDICADO ESPORTISTA

Em obediencia ao seu calendario, a Liga Athletica Paulista promoverá no proximo dia 1.º de maio, em commemoração ao "Dia do Trabalho", a primeira disputa do Circuito do Jardim America, num percurso de 6.800 metros.

Esta prova tem por fim homenagear o dedicado esportista Carlos Lopes, que com os seus companheiros do "Bloco dos 8 Esportistas" promovera, por muitos annos, a Volta do Jardim America.

Este anno, motivos varios impediram que, novamente, o "Bloco dos 8 Esportistas" levasse avante a sua iniciativa, motivo pelo qual a Liga Athletica Paulista decidiu fazer realizar uma corrida em homenagem a um dos mais dedicados componentes desse bloco que é Carlos Lopes.

E' esta a primeira prova que a entidade tricolor promove com o fito de beneficiar a caixa pró-pista, que em breve será iniciada a construcção.

O vencedor individual receberá uma linda medalha, offertada pelo homenageado no valor de 1$000$000, havendo ainda premios collectivos e innumeras medalhas, cuja publicação daremos na proxima semana.

Podem participar da corrida todos os clubes e blócos da capital, assim como do interior do Estado, não podendo, no entanto, concorrer athletas que estiverem cumprindo pela na L. A. P.

As inscripções estão desde já abertas na secretaria da L. A. P., á rua Voluntarios da Patria, 97, sobrado, ou na redacção da "A Gazeta", com Waldemar, das 15 ás 17 horas, e será cobrada a taxa de 1$200 por occasião de inscripto.

O ESPORTE PELO TELEGRAPHO

MOYSE'S FICOR NO BOCA JUNIORS

BUENOS AIRES, 19 (H.) — O jogador brasileiro Moysés renovou o contracto com o Boca Juniors, mediante a lera de 2.000 pesos e o pagamento mensal de 500 pesos. Moysés actuará na 2.ª divisão e o contracto terá o prazo de um anno.

BRILHANTE VICTORIA PORTUGUEZA

LISBOA, 19 (H.) — O selecionado portugues de futebol bateu a equipe austriaca Wacker, pela contagem de 3 a 1.

PUGILISTAS ARGENTINOS PARA LUTAR NO BRASIL

BUENOS AIRES, 19 (H.) — O empresario brasileiro, Carvalho, contractou os pugilistas argentinos Francisco Magnelli, campeão de peso-gallo; e Juan Pathenay, elemento notavel da classe dos leves.

Os dois pugilistas, que vão disputar uma série de lutas no Rio de Janeiro, embarcarão brevemente para o Brasil.

NOVA VICTORIA DE NUVOLARI, O GRANDE VOLANTE

MONTE CARLO, 19 (H.) — Foi disputado esta manhã, o primeiro periodo de importancia do Grande Premio Automobilistico.

O melhor tempo foi obtido por Nuvolari, Italia, com a performance de 2'2' e a média horaria de 93,386 kilometros. Em 2.º lugar collocou-se von Brauchitsh, com 2'2' e com a média horaria de 93,073 kilometros. Classificaram-se a seguir Dreyfus, Brivio, Etancelin, Fagioli, Chiron, Zehender e Fagina, em 2'04" e a média de 92 kilometros.

PELO NOSSO MUNDO NAUTICO

Campeonato de natação e saltos de literal e do interior

Para o III Campeonato de Natação e Saltos do literal e interior, promovido pela Federação Paulista de Natação, e que se realiza hoje, em nossa capital, foram escaladas as seguintes autoridades:

Provas de natação — Arbitro: Aldo Leonardi (presidente do Clube Campineiro); juiz de partida: José Pirondi; juizes de chegada: Laerte Marone, Werner Carnio e Humberto Alberti; juizes de raia: Arthur Fernandes, Kurt Kunz e Affonso Rocco; Chronometristas para o 1.º collocado: José Cozo, Decio Perrone e Raul Soares; Chronometristas para o 2.º collocado: Willy v. Kutzleben e Paulo Riehm; annotador: Oswaldo Mellone; annunciador: Armando Andrade; pesavas de saltos: arbitro, dr. Decio Ferroni (da directoria da F. P. N.); juizes: Salvador Rizzo, Carlos Ghenzi, José Pironnet, Paulo Alonso, 1 rep. do Clube Campineiro e 1 rep. do G. R. Saldanha da Gama; annotador: José Pironnet, Paulo Alonso, 1 rep. do Clube Campineiro e 1 rep. do G. R. Saldanha da Gama; annotador: José Pironnet, Paulo Alonso, 1 rep. do Clube Campineiro e 1 rep. do G. R. Saldanha da Gama; annotador: Armando Andrade.

O campeonato será realizado obedecendo ao seguinte horario: Provas de saltos: Piscina do Clube Esperia — ás 9 horas da manhã; Provas de natação: Piscina da A. A. São Paulo — ás 14,30 horas.

FUTEBOL

UNIÃO TATUAPE' x SABRATI

A A. A. União Tatuapé, enfrentará, em sua cancha, o valoroso quadro do E. C. Sabrati. Este encontro, que está sendo aguardado com grande anciedade pelos afeiçoados de ambos os contendores, deverá corresponder plenamente á expectativa, pois os dois "crack" acham-se numa fórma excelente. Para esse encontro, a direcção esportiva do "maravilha de ao" pede o pontual comparecimento de todos os elementos do primeiro e segundo quadros e reservas, ás 14 horas em ponto, na séde social.

CAMBUCY FUTEBOL CLUBE vs. INTERNACIONAL FUTEBOL CLUBE

O clube que representa o bairro do Cambucy, fará hoje, comsigo, uma visita ao Internacional, valente agremiação do bairro da Collina Historica. Para esse jogo o director esportivo dos "amiles" solicita o pontual comparecimento de todos os jogadores, ás 13 horas, na séde, para, incorporados, seguirem para o campo: Laranja, Carmello, Orlando, Julio, Anardino, Chiquinho, Primo, Mario, Gaucho, Jersey, Zuike, José, Antonio, Vicente, Ezequiel, Orlando 2.º, Nunes, Coutra, Paschoal, Gamba, Athos, Laurindo, Tonico, Pelligoli e os demais jogadores inscriptos.

SRS. ADVOGADOS

EMILIO PRIOLLI

agente autorisado dos jornaes

DIARIO POPULAR
CORREIO PAULISTANO
e DIARIO OFFICIAL

encarrega-se da publicação de EDITAES FORENSES, juntando, para facilidade dos SRS. ADVOGADOS E SUAS PARTES, os comprovantes nos respectivos autos.

ESCRIPTORIO:
Rua 11 de Agosto, 64 - 1.º andar
Phone: 2-2242

A pendencia judiciaria entre o Clube Athletico Santista e a Apea e seus clubes

Victoria parcial do valoroso tri-campeão santista — A sentença proferida pelo juiz

II

DEFESA DOS RE'OS

Arguiram estes preliminarmente a nullidade da acção estribados no art. 230 numero 2 do Codigo do Processo Civil e Commercial:

"A illegitimidade de parte resulta:

I. — .....

II — da falta de identidade entre a pessôa do autor ou do reo e aquella a quem ou contra quem a lei concede a acção".

Tal excepção foi julgada improcedente pelo despacho de fls. 177 do integro dr. Vicente Mamede de Freitas Jr, então titular da 3.ª vara civel por não se verificar a hypothese prevista no alludido art. 230 n. 2 e ser articulada materia pertinente ao mérito da causa, cuja apreciação só poderia ser feita afinal.

Simultaneamente, offereceram os réos João B. da Cunha Bueno (fls. 86) o Santos Futebol Clube (fls. 185), a Sociedade Esportiva Palestra Italia, a Associação Athletica São Bento, o Clube Athletico Ypiranga (fls. 113), Pedro Antonio Noschese, Lauro Gomes, Dante Delmanto (fls. 116), a Associação Portuguesa de Esportes, Esporte Clube Corinthians Paulista (fls. 181), Isidro Pedro dos Santos Costa (fls. 183), Mario Gonzaga (fls. 185) e o Santos Futebol Clube (fls. 186) as suas contestações, allegando em synthese:

1.º — que foi no desempenho de suas attribuições nos estatutos sociaes que o Conselho Superior da Apea creou a divisão dos fundadores da mesma Associação, não podendo, portanto, responder por perdas e damnos por que só ha obrigação de indemnisar onde houver dolo ou culpa;

2.º — que aliás "a creação da divisão dos fundadores não teve desclassificar o autor, que continua a pertencer a mesma divisão principal de antes, a que pertenciam, os mesmos directores";

3.º — que a acção intentada não passa de um mero expediente da "politica de futebol", sendo "completamente destituida de qualquer fomento juridico";

(Continúa)

Diga

FERREIRINHA

toda a vez que pedir vinho de meza branco ou tinto EM GARRAFÕES

CASA FUNDADA EM 1775

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO

O Campeonato aberto de polo

SEU INICIO NO PROXIMO SABBADO — A TABELLA DOS JOGOS

Tratando dos ultimos detalhes para a realização do campeonato aberto de polo, realisou-se uma reunião dos representantes dos clubes inscriptos, presidida pelo sr. cap. Amadeu da Silveira Saraiva, director geral de esportes, e secretariada pelo sr. Celso Corrêa Dias, capitão do quadro da Sociedade Hippica Paulista.

Procedido ao sorteio verificou-se o seguinte resultado: Barão do Triunfo x Sociedade Hippica Paulista; Regimento de Pirassununga x Casa Verde; São Martinho x Força Publica, Gavea x Vencedor do encontro São Martinho x Força Publica. ——

O primeiro jogo será realisado dia 27 do corrente, á tarde, entre o São Martinho e Força Publica. Domingo, pela manhã, haverá dois jogos. Barão do Triunfo x Sociedade Hippica e Regimento de Pirassununga x Casa Verde.

No dia 29 de abril, á tarde, o Gavea enfrentará o vencedor do encontro São Martinho x Força Publica.

Em 30, á tarde, jogarão os vencedores dos dois encontros do dia 28, seguindo-se a partida entre os quadros perdedores daquelles dois encontros.

Dia 1 de maio, á tarde, jogarão o vencido do encontro São Martinho x Força Publica.

Finalmente, tergmos as duas semi-finaes, dia 2 de maio e as finaes serão disputadas no dia 5, á tarde.

Desnecessario é enalteer a importancia desse torneio de polo, prestes a ser iniciado. A tabella de sorteio dos jogos dispoe encontros equilibrados, bem como fixou as datas de sua realisação. Por outro lado, o optimo estado de treinamento dos pollistas dos diversos quadros. A resistencia e o adextramento da cavalhada, já sobejamente demonstradas em campeonatos anteriores, são a maior garantia de que o torneio deste anno alcançará um exito extraordinario.

O Palestra inaugurou sua séde

Hontem, á tarde, o campeão paulista inaugurou sua nova séde, installada confortavelmente no 16.º andar do "Predio Martinelli".

Causou a melhor das impressões o aspecto notado na disposição interna da séde, que occupa varias salas ou, melhor, um ample apartamento proprio para sociedades. Além de mais, conta com optimo salão para baile, podendo o alvi-verde desenvolver mais a sua parte social.

A' cerimonia estiveram presentes varias autoridades esportivas, dirigentes de clubes, jornalistas e convidados, tendo o Palestra sido saudado por varios oradores.

A directoria offereceu aos presentes uma taça de champagne e fina mesa de doces.

SORTE!!

Em amores, jogo, loterias e negocios, effeito rapido, mande seu endereço a Soares, **CAIXA POSTAL, 84**, Nictheroy, E. do Rio que recebera GRATIS o meio de o conseguir.

O Syrio e suas actividades

Gymnasio Oriental vs. Collegio Syrio-Brasileiro — Os quadros principaes de futebol do Collegio Syrio-Brasileiro e Gymnasio Oriental, disputarão hoje, domingo, na praça de esportes do Syrio, um interessante jogo de futebol.

Este encontro, que está sendo aguardado com muito enthusiasmo pelos collegiaes de ambas as escolas, que sempre foram rivaes nas lutas esportivas, consta do magnifico programma esportivo, organisado pelo alvirubro, para o seu festival esportivo-social do dia 28 do corrente.

Para dirigir este jogo, que terá inicio ás 15 e meia horas, foi designado o sr. Intahim Hadda Netto, da commissão de futebol do Syrio.

Será esta a organização dos dois quadros:

Collegio Syrio-Brasileiro: — Adib; Donato e Massin; Abras, João e Zarzur; Elias, Ballum, Anuar, Alma, Henrique e Auda. Guilherto Mailloux, Alencar de Andrade, Adib Kalraila, Jurbas Abdalla e João Elias. Res.: João Alves Basilio e Llen Dib Zogaib.

Gymnasio Oriental: — Fuad Fares, Aidel Samara, Eduardo Briquet, Djalma Cezar, Anis Maluf, Abrahão Massad, William Jorge, Salim Cury, Abrão Najm, Taufic Samia e Adelino Celli. Res., Homero Jorge e Tufic Jacob.

Competição Juvenil — Feminina de Athletismo — Por occasião da competição juvenil-feminina de athletismo, entre o Gymnasio Oriental, Collegio Syrio Brasileiro e E. C. Syrio, marcada para domingo, dia 28 do corrente, entrarão em disputa as seguintes provas, sendo cobertas medalhas de cunho do Syrio, aos classificados em 1.º e 2.º lugares: Infantis, de 13 a 15 annos — 60 metros, arremesso da bola de 1 k., salto de extensão, sem impulso e subir em corda (prova de resistencia).

Juvenis, de 16 a 19 annos, 75 metros rasos, arremesso do peso de 5 kls., salto de altura, subir em corda (provas de velocidade) revesamento 4x75 metros.

Infantis femininas, de 13 a 15 annos — 60 metros, arremesso da bola de 1 k. e salto ao ar.

Juvenis, femininas, mais de 15 annos — 60 metros, arremesso do peso de 3 kls., salto de altura.

Casa Allemã

NOVA PHASE DE VENDAS

SENHORAS! NÃO COMPREM

MEIAS

SEM EXAMINAREM AS QUALIDADES SUPERIORES E A GRANDE ESCOLHA QUE AGORA OFFERECEMOS.

GARANTIDAS PERFEITAS

PREÇOS AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS

SCHAEDLICH, OBERT & Cia — R. DIREITA, 16-18

Os encontros interestaduaes de hoje

Na Ponte Grande, o Independente enfrentará o America, e, no Parque Antarctica, o Palestra lutará com o Botafogo

São Paulo terá hoje duas partidas interestaduaes em seus campos que, pelo valor dos contendores, se apresentam equilibradas e interessantes.

Com a situação actual, o nosso publico está algo divdido e dahi conseguir cada liga, independente do interesse technico do jogo, numero maior de assistentes que lhe são sympathicos.

INDEPENDENTE x AMERICA

E' o jogo de maior interesse, tanto pelo equilibrio dos contendores como pelas surpresas que encerra.

O quadro carioca é dos mais fortes e o clube paulista melhora sua situação, com a adhesão de novos "cracks".

Assim, fortes e coheses e ainda enthusiasmados pelo triumpho obtido no encontro em que se apresentaram ao nosso publico esportivo, os "independentes" serão capazes de alcançar um novo successo. E' verdade que seu antagonista tudo fará para lhes impedir a victoria, mas assim mesmo é de se esperar que os jogadores do Independente, si actuarem como quando derrotaram a Portuguesa, conseguam obter a segunda victoria de sua carreira esportiva.

Segundo nos informa Araken, a turma, salvo modificações de ultima hora, será a seguinte:

Moreno; Agostinho e Iracino; Rapha, Guimarães e Orcsimbo; Vega, Caranzo, Heitor, Araken e Hercules.

A preliminar

O prello secundario do jogo de hoje, se revestirá de um certo interesse, pois será disputado por dois quadros que vêm se destacando na pratica do futebol. São elles: "Gremio Tricolor" e "Diarios Associados".

PALESTRA x BOTAFOGO

Em seu estadio, o campeão paulista e brasileiro enfrentará o Botafogo.

E' um encontro que se realiza após varios adiamentos e vem encontrar os dois conjuntos em forma.

O campeão carioca de 1932 ostenta boa forma e o Palestra se encontra nas mesmas condições que o seu adversario...

Um communicado do Palestra

Para o encontro de futebol que se realiza hoje no Parque Antarctica, com o quadro do Botafogo F. C., do Rio de Janeiro, os socios do Palestra Italia terão livre ingresso, mediante apresentação do recibo do mez (4), ou da annuidade de 1935, acompanhado da carteira de identidade social.

Para o accesso na Archibancada Social, deverão ser apresentados os mesmos documentos, havendo rigorosa fiscalisação, afim de evitar a entrada de pessoas estranhas ao quadro social.

Preço dos ingressos: — Os preços dos ingressos para este jogo serão os seguinte: Militares e menores, 1$500; Geral, 3$000; Archibancada, 5$000.

A preliminar

A preliminar é das mais interessantes, pois será apresentada aos affeçoados do esporte bretão, uma partida de Handball, entre duas adextradas turmas da nove Liga Paulista de Handball, e temos certeza que esse novo esporte despertará grande enthusiasmo, estando fadado a alcançar grande successo.

CYCLISMO

O BANDEIRANTE CHAMA SEUS CYCLISTAS

Encerrando-se amanhã, segunda-feira as inscripções na Federação Paulista de Cyclismo, a directoria do clube tricolor solicita o comparecimento de todos os seus cyclistas que ainda não cumpriram aquella formalidade.

4 DA SCANDINAVIA AOS BALKANS

qual, de accôrdo com a lei, o rei tem que receber os seus subditos todas as segundas-feiras. Mas não se julgue que um funccionario da côrte vende bilhetes na entrada do castello. Nada disso.

Não importa que a Dinamarca seja o paiz mais democratico do mundo. Isso não impede o rei de exigir que os seus visitantes trajem casaca — ás nove horas da manhã. E como é facil contar os dinamarquezes que possuem uma casaca, nada menos de uma pequena fortuna deve ser gasta em aluguel de trajes de cerimonia:

	Coroas
Casaca	30
Cartola	5
Camisa engommada	5
Luvas brancas	5
Sapatos de verniz	5

Sejam ao todo 200 francos.

Assim vestido como que para uma soirée de gala na Opera, o dinamarquez dirige-se a pé, através da cidade, para o castello.

— A pé? perguntar-se-á! Mas sim. Porque ha probabilidade de que elle encontre um amigo a quem dirá:

— Vou quelxar-me a Christiano! (ou a Frederico). Mas ha tambem varias probabilidades de que lhe falte a coragem quando chegar ao castello real. Isso é mesmo muito provavel, dado o respeito que a realeza impõe a todo dinamarquez, mesmo ao mais feros socialista. E uma vez deante do rei, comprehende que foi bastante ingenuo querendo importunar sua majestade com questões vulgares de aluguel ou de imposto. Pergunta simplesmente:

— Vossa majestade está de bôa saude?

Ao que o rei, que é um athleta perfeito, um verdadeiro lobo do mar, e que não foi nomeado general sinão depois de ter passado por todos os estadios, responde sorrindo:

— Mas, sim, sr. Federsen, e a sua?

O dinamarquez sáe muito o seu rei. Apenas, não o diz e muitas vezes, elle proprio não o sabe. Quando é socialista, o dinamarquez pretende mesmo que o seu paiz não tem absolutamente necessidade de um rei, e sim de uma bôa republica e da liberdade, egualdade e fraternidade.

— Abaixo o rei! Viva a Republica!

Si eu vos disser depois disto que quasi metade da população vota com os socialistas, podereis comprehender a estupefacção e o espanto de um

(copyright de Opera Mundi Press Service — Paris)

DA SCANDINAVIA AOS BALKANS

REIS DEMOCRATAS E REIS DICTADORES

GRANDE E SENSACIONAL REPORTAGEM

— DE —

IVAN BJARNE

Para o

CORREIO PAULISTANO

(Direitos de reproducção reservados)

Fig. 36: Obra *Da Escandinávia aos Balcãs*, de Ivan Bjarne, publicada em 1935.

de Ivan Bjarne, na qual "se penetraria na intimidade dos reis democratas e dos ditadores, entrando em particularidades de grande interesse e atualidade." Esta veio a público em 21 de abril nos mesmos moldes que sua antecessora. Figurava no rodapé na vertical e trazia o aviso "direitos de reprodução reservados" e se assemelhava muito à página de um livro. Conforme anúncio, a partir de sua veiculação se esperava que os leitores percebessem os esforços por parte do jornal em melhorar não só o conteúdo, mas também a parte editorial e gráfica. [222]

Após o seu término, comunicou-se a escolha de *Sete Meses de aventuras em caminho do Polo,* de Jean Alloucherie, jornalista que percorreu sozinho a região Ártica e fornecia descrição pormenorizada do local, ilustrada por muitas fotografias. Embora a obra tenha sido anunciada em abril, sua veiculação pelo *Correio* só se efetivou no começo de julho. É interessante notar que a reportagem era alocada do meio para o final do jornal, durava cerca de vinte dias e possuía média de trinta páginas, diálogos e uma conclusão final, retomando o exposto. Já as chamadas, em muitas oportunidades, figuravam na primeira página.

No mesmo molde, o *Correio* chamava a atenção para o "novo e interessante folhetim" *Os aventureiros da América do Sul*, de Maurice Magré, a ser publicado em breve, o que evidencia que havia uma indistinção em relação ao termo empregado para designar as obras. Inclusive, em meados de novembro, o *Correio Paulistano* anunciou uma série de "sensacionais folhetins," que davam seguimento "a sua tarefa de bem servir os seus leitores, cujo número cresce diariamente." A proposta era a de publicar seis trabalhos inéditos, cujos títulos vinham arrolados no informe e provenientes, assim como *O banqueiro que enganou a Europa,* da agência *Opera Mundi Press Service*.

Em virtude da análise dos exemplares do *Correio Paulistano* ser parcial, não foi possível identificar se o jornal levou a cabo o que havia previamente anunciado. Entretanto, no ano seguinte, em 1936, anunciava-se o princípio de uma nova publicação, da qual o jornal havia adquirido os direitos autorais. Tratava-se do *Manual do perfeito revolucionista,* de George Bernard Shaw, traduzido por Corah O. Roland, que estudava os "vários ângulos das tendências revolucionistas enquadradas na realidade da época em que vivemos". Não era comum o *Correio* publicar livros do porte de Shaw, descrito como dono de "um verbo interessantíssimo, cheio de colorido e de humor" e que valia-

[222] *Correio Paulistano*, 17 abr. 1935, p.3.

se do "interessante conceito de John Tanner, um dos apóstolos do revolucionismo na Inglaterra." Insistia-se que "todos estão a par da sua projeção no cenário intelectual do mundo." [223] A obra de Shaw figurou no rodapé e nos moldes que lembravam a página de um livro. Pelo que se pode apurar, o *Correio Paulistano* não publicou nada parecido com o espaço folhetim entre 1937 e 1939.

O espaço folhetim do *Correio* abriu a década de 1940 com o retorno ao formato horizontal, abandonando assim, a semelhança que tinha com um livro. A rubrica passou a ser apresentada como *Folhetim Dominical do Correio Paulistano* e como o próprio título indicava, era veiculado aos domingos. Em certos momentos se apresentava como uma espécie de miscelânea que trazia ensaios, pequenas biografias, contos, poesias, muitas vezes publicados de uma vez só. Em outros momentos, era composto por um único texto, geralmente assinado e que por várias vezes dividiu o espaço do jornal com a *Página Feminina*, ou com a seção Agrícola e de Pecuária. Permaneceu assim alguns anos sem qualquer publicação de tramas divididas em capítulos. Segundo Mônica Nunes, em 1948, o *Correio* teria escolhido *O Corvo*, de Edgar Allan Poe como folhetim diário. [224] Depois desse período não há notícias de que o jornal tenha voltado a publicar a rubrica. O *Correio Paulistano* deixou de ser editado em 1963, após de ter circulado por mais de cem anos.

Os tempos eram outros e um elemento passou a ganhar cada vez mais destaque na sociedade da época. Tratava-se do rádio, que teve papel significativo durante a Revolução de 1932, já que era utilizado para mobilizar o povo paulista. [225] Terminado o conflito, as rádios passaram a investir em nova programação, sobretudo, voltada ao público feminino, mercado consumidor em potencial. O rádio ainda teve notável

---

[223] *Correio Paulistano*, 29 out. 1936, p.2.

[224] A pesquisadora não especifica em qual lugar do jornal *O Corvo* foi veiculado. Ver NUNES, Mônica de Fátima Rodrigues. *Op cit*.

[225] Cabe destacar que o rádio apareceu de modo efetivo na cidade de São Paulo em 1923, a partir da formação da Sociedade Educadora Paulista, que, no entanto, só fez suas primeiras experiências no ano seguinte. Em 1924 fundou-se a Radio Club de São Paulo que assim como outros clubes, eram financiados por sócios que frequentavam a sala onde estavam dispostos os aparelhos que permitiam a escuta de concertos e irradiações. A presença de sócios nesses clubes era fundamental, uma vez que a legislação proibia a veiculação de propaganda "pelo sistema de radiotelefonia," o que obrigava seus idealizadores a cobrar mensalidades dos "radioamadores." A transmissão da única rádio de São Paulo, a Educadora, só acontecia três vezes por semana e era na maioria de concertos musicais. Com o passar do tempo incluiu músicas dançantes, notícias e programação infantil. Aos poucos surgiram outras estações como Radio Cruzeiro do Sul (1927) e Radio Record (1928). Todavia, o rádio ainda era reservado a uma pequena elite no final dos anos de 1920. Ver: TOTA, Antonio Pedro. *Radio e Modernidade em São Paulo* (1924-1954). In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*: a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954). São Paulo: Paz e Terra, 2004.

Domingo, 23 de Fevereiro de 1941 — CORREIO PAULISTANO — 11

PAGINA FEMININA

DA ELEGANCIA E DO LAR

DOIS CHAPÉOS E UMA INNEGAVEL DISTINCÇÃO.

Senhoras
Capsulas
MENAGOL
Para a falta de menstruação

REFLEXÕES DOS ESPELHOS...

— "Não sei porque é que as senhoras que vêm aqui ao "atelier" desta chapeleira, escolhem os chapéos estando sentadas! Desse modo não podem avaliar o effeito de conjunto, não sabem se o chapéo e a silhueta se entendem. Muitas vezes compram modelos minusculos — as outras compram chapéos enormes, as que deviam usar abas estreitas usam "capellines" e as que deviam parecer ter o pescoço mais esguio, escolhem o chapéo "champignon".—

AGENCIA "SCAFUTO"
As melhores revistas e figurinos de todas as procedencias, que actualmente se recebem.
"Vogue Americana", "Harper's Bazaar", "Mademoiselle", "Vogue Pattern Book", "Blue", "Iris", "Stella", "Record", "Gloria", "Distinction", "Très Elegant", etc.
RUA 15 DE NOVEMBRO, 21
Em frente á rua Anchieta
Telephone, 2-3543

ARCO-IRIS

CHRONICA DE ROSEMARY

O gosto da Moda pelas côres amaveis, subtis, leves, radiosas — pelos tons bellos e profundos, em harmonia com os mais suaves — harmonia imprevista e deliciosa, original e sábia — deve encantar as mulheres. E os homens gostarão desse gosto pelas côres que embellezam, pela doçura e a vivesa dos conjuntos, o requinte feminino dos detalhes.

* * *

Nas figurinos e nas vitrinas, poderão ver como brilha finamente um setim rosado e um velludo vermelho — é do que se compõe o moderno turbante, creação de Lilly Daché, copia das grandes chapeleiras.

Gostarão dos setins "ivoire" e das rosas rubras, do setim azul celeste e das violetas, num conjunto digno dum quadro de mestre — não viram a suggestão do "Vogue"? — do azul "bleuet", do verde juvenil, do "lavande" com um tom violeta, dos chapéos de velludo e feltro.

O arco-iris da Moda, no céo da alta elegancia, talvez seja o que vae seduzir os olhos cansados de observar os céos nevoentos, depois dum Carnaval mais ou menos divertido, de socôrro com o espirito e as razões individuaes, a influencia da "atmosphera".

* * *

Não, não é uma futilidade fixar os olhos na Moda, para escolher ou elogiar. Futilidade cruel, neste tempo, é fingir, que se fala a sério de coisas sérias.

A existencia da Moda representa o trabalho de que dependem milhares de existencias e um poderoso bom gosto, no qual se inclue a sobriedade, não prejudica o mundo...

Dizem... os que pensam

A suprema habilidade consiste em se conhecer bem o valor das coisas.

* * *

Orgulho — sentimento pessoal. Vaidade — sentimento social.

* * *

Ha certas lagrimas que nos enganam a nós mesmos depois de terem enganado os outros.

* * *

Ha gente tão leviana e tão frivola que se encontra egualmente longe de ter verdadeiras qualidades ou verdadeiros defeitos.

* * *

A pilheria é uma das mais agradaveis e das mais perigosas qualidades do espirito. Agrada sempre quando é delicada, mas tambem se receia sempre os que se servem della com muita frequencia. A pilheria pode, comtudo, ser permittida quando não se lhe misture a malicia e quando fazemos tomar parte nella os mesmos de quem falamos.

* * *

A uma grande bondade natural deve ser accrescendada aquella que é superior, pela firmeza das attitudes e julgamentos, aos motivos pessoaes e ás influencias do meio.

* * *

E' sobretudo a nós proprios que devemos falar das nossas bôas qualidades, na certeza de não suscitar nem o riso nem a inveja.

* * *

A ironia mais fina é a mais desinteressada.

* * *

E' preciso distinguir, como dizia La Rochefoucald, os finos e os finorios.

* * *

Os mais espertos fingem sempre censurar as astucias, para se servirem de alguma na primeira opportunidade.

* * *

No casamento, pode dispensar-se uma franqueza de palavras, que seria bastante rude de na existencia quotidiana, mas não a lealdade do pensamento e da expressão.

* * *

O amor é uma imagem da nossa vida — ambos estão sujeitos ás menores revoluções e ás mesmas vicissitudes. A sua mocidade é cheia de alegria e de esperança — sentimo-nos felizes por ser jovens, como por amar.

* * *

Embellezar a vida — ahi está um plano de grande gloria.

* * *

Receiamos ainda mais revelar-nos falsos pelo gosto do que pelo espirito.

* * *

Nada é mais difficil de sustentar do que o proposito de ser sempre divertido.

* * *

Não nos devemos declarar senhores Jum alto desprendimento pelos interesses, se não quizermos entrar em conflicto com os interesseiros.

* * *

Quando deixarmos de nos aborrecer com as qualidades dos outros, augmentarão as nossas.

SENHORAS
APIOL-SABINA ARRUDA
PARA SUPPRESSÃO ou FALTA da MENSTRUAÇÃO.

CARNAVAL, CARNAVAL...

O VESTIDO SARONG, feito de tecidos estampados, com flôres e motivos marinhos, em colloridos alacres, é recommendavel para os bailes de Carnaval, sendo tão elegante como pratico.

* * *

Um VESTIDO SARONG em verde e côr de laranja será muito decorativo, usando-se com joias modernas.

* * *

A moda das "bahianas"— á moda da Bahia ou estylização, pede que as fantasias de bahiana sejam agora desenhadas com grande fidelidade ou muita graça.

Indicações da Moda

Uma jaqueta de tecido côr de laranja, para usar com um elegante vestido amarello, dum tom de palha natural.

* * *

Grande, grande voga dos collares curtos.

* * *

Jaquetas e blusas cruzadas na frente.

* * *

Para tarde, um vestido preto e uma "écharpe" de "faille" amarella, em harmonia com o chapéo.

* * *

Um "canotier" de "piqué" e um véo de "tulle".

* * *

Guarnecendo um chapéo de "piqué" listado de branco e preto, duas rosas rubras. Véo com applicações de velludo.

E' um modelo dos mais invulgares, que decerto publicaremos.

* * *

Os collares da côr dos chapéos estão plenamente em Moda.

Borboletas de ouro parecem esvoaçar sobre a encantadora cabeça penteada á "Pompadour".

UM ELEGANTE PENTEADO PARA BAILE E UM BELLO RISO PARA UMA NOITE DE FESTA

Cuticura
SCIENTIFICAMENTE AS SUAS FERIDAS
Pomada SÃO SEBASTIÃO
SÓ PODE FAZER BEM

RECEITAS PARA AS DONAS DE CASA

CAMARÕES NO FORNO

Um prato simples, que se faz sem demora e tem um sabor tão fino como a sua apparencia. Collocam-se num prato Pirex, sobre uma camada de manteiga, os camarões cozidos ou de conserva (sendo então apenas passados por agua a ferver) "petits-pois" e rodellas de palmito. Cobre-se com môlho branco preparado com manteiga, polvilha-se de pão ralado e vae ao forno para dourar.

FOLHETIM DOMINICAL DO «CORREIO PAULISTANO»

Com permissão da victima

(De HYLTON CLEAVER)

Surprehendendo-se um pouco, recolhendo a penna no tinteiro com gesto preciso, Stephen Moreton começou a escrever no diario que conservava desde os sete chaves. Escreveu varias palavras e, quando terminasse, cortal-as-ia para mettel-as num envolucro: depois ninguem, senão as autoridades, poderiam apoderar-se delle. No numero de paginas escreveu:

"Acrecdita-se, a quem primeiro leia isto que o teve sem d-morra a doctor Ivef Yard. Leio o verdo na ranhes".

Depois assignou, não sem uma ponta de orgulho, certo de que ao cabo de pouco tempo seu nome seria vastamente conhecido. Ou, pelo menos, assim o esperava.

Então iniciou seu testemunho e eis o que escreveu:

"Estamos aqui numa reunião que não é, por certo, uma grande exhibição certa um homem que desgosta a todo mundo e esse homem sou eu. Disseram-me que tenho tanto de anarchista como de rei e naturalmente estou morrendo em satisfação. Mas o fracasso da reunião pode attribuir-se tambem a outras causas, á parte minha pessoa. Deve-se tambem á peculiar inseguridade da gente moderna para se divertir. E' como se houvesse um só thema de conversação: "E agora, o que faremos?".

Nesta casa de campo, somos os dois, eu, minhas irmãs — pobres mas dotes —, e meu tenão. Surprezos, ellas se acham acotados, esperando que aconteça algo. Minha facilidade de fazer com que os outros sintam-se perturbados é uma fonte de insegurança crescente para mim.

Suppoz esta reunião porque desejo entender-me, e o mundo deste desejo é bastante ranavel. Ha uns tres mezes fui ardentemente á morte que um homem que pensasse ao seu "verdadeiro eu" num consultorio de Wimpole Street.

Certamente, mas com firmeza, diagnosticou-me um tumor no cerebro; quando descobrem que classe de homem sou, e eu insisti para que me dissesse a verdade, deu a entender que só me restavam tres mezes de vida. Pois bem: esses tres mezes se vencem hoje, e este ha de ser meu ultimo "week-end". Eu logar de comparecer numa dilicia festa de despedida, a reunião se fez cheia de tedio. E' claro que ellas ignoram a fatal circumstancia, e não sabem senão vagamente, periodicamente de terrivel enxaqueca, que affectam meu temperamento.

Entrei em casa para reflectir melhor. Ellas não podem divertir-se e não querem que eu me divirta. Sou o amphytrião, e sahim o meu ultimo gesto deve encaminhar-se, contra minha vontade, a furtar projectos para que meus convidados se diviriam. Educ-me a experiencia de captivar n'a mulher que se aterrorisa ao meu contacto. Por esta razão, afastei da nom grado este ultimo capitulo de meu diario intimo, que Barbara Cardell fizi responsavel por mesa mais emocionantes momentos de felicidade, nos ultimos tempos.

Não ha muito susurrou-me ao ouvido: "Se não me deixas em paz, mato-o-ei".

Tom, meu mand menor, deve-me montões de dinheiro, e nesta mesma tarde se por ultimo de indignação ao ouvir o que dista aos convidados, entre os quaes ha uma joven que quer impressionar bem. E resta, ainda, a senhora Harbin Case, que sente frequeza pelos homens desagradaveis. E' a mulher estranha, e suspeito que tambem malevola.

Perguntar-me-á porque escrevo isto. O certo é que não desejo que o assumpto chegue á força e, uma vez no coração, gelaria de pasar o meu segredo. Esta confiado, pois, será descoberta no devido tempo, e ella ou elle se sentirão culpados pela sua pouca attenção e do proprio homem que desprezava.

A difficuldade consiste em saber o que fazer com estas paginas quando tiver acabado. Confiarei-as depois ás autoridades postaes por algum tempo, dirigindo o envolucro a uma pessoa imaginaria e uma direcção egualmente imaginaria. Em tempo opportuno, o envolucro voltará á secção de Cartas Perdidas, onde será abercto, ao invés de ser-me devolvido.

E isto occorrerá, calculo eu, num praso de 3 dias a 3 semanas. Antes, certamente, de que tenha logar a execução do culpado.

A questão seguinte, ao que supponho, é a que se refere ás causas da morte.

Devo desprezar qualquer methodo que se utilize commummente para os suicidios, e que elimina a asphyxia por submersão ou pelo gaz, a corda e o veneno. Devo procurar uma morte repentina e inesperada que um assassino utilisa e, em geral, de effeitos grandiosos, e na maioria das vezes, bastante desagradaveis.

Possuo um revolver, mas a respeito de seu uso se apresentam duas objecções. A primeira é a de que o disparo assim é sempre resulta vivamente pela natureza do orificio, e a segunda, a difficuldade de desembaçar-me do revolver.

Assim, eu devo crear a apparencia de uma luta, ou devo disparar uma bala nas costas.

Mas "pode" um homem dar um tiro nas costas?

Ha, tambem, o detalhe das impressões digitaes. O recurso que em principio se offerece é o uso de luvas. Entretanto, não me habituo á idéa do ridiculo espectaculo que representa um cadaver com luvas. E em qualquer caso, como livrar-me do revolver?

Não deixa de divertir-me a idéa de que a abertura desta carta porá em agonia uma ou duas pessoas aqui mencionadas. Apostaria em que vão precipitar-se com um sorriso nos labios e os olhos voltados para um pouto da parede, onde estaria a arma assassina.

Stephen Moreton".

* * *

Costaria — disse Pamela Vinet á seu marido — que alguem me explicasse para que viemos aqui.

— O certo é que nós, como os demais, sentimos compaixão por seu irmão. O que é preciso é esquecermos delle e imaginar que não está presente.

— Tambem poderiamos suppor que não vimos um phantasma sentado numa cadeira vazia, durante a ceia. Stephen é o espectro official em qualquer festa a que compareça. E' um desses homens que se vangloriam de ser odiados pelas mulheres.

— Algum dia — respondeu Billy — alguem se encarregará de fechar-lhe os olhos. E não seria difficil fazer a mim esta mesma. Mas vamos para casa. Estou preparando os "cocktails" e isso é, pelo menos, algo que vale a pena desfrutar aqui.

Foi precisamente vinte minutos depois dessa conversação dos Vinet, que todos ouviram uma subita explosão. Ao cabo de alguns segundos, alguem suggeriu:

— Pode ser case Hugh Macfarlane, que ainda ainda de seus coelhos. Deve ter alcançado algum com o primeiro tiro.

Os hospedes continuam bebendo seus "cock-tails" enquanto a palestra se arrastava lentamente.

— Já estava escurecendo quando o "chauffeur" dos Moreton, dirigindo-se á garage, accendeu a luz. Ali ficou com uma expressão assombrada, como que fascinado. Era um corpo de homem que jasia no solo, um filete de sangue a escorrer-lhe das ondas. Era Stephen.

Pouco depois, todos se acerravam do local. E os commentarios brotaram, um após outro.

Tom, pallido e tremulo, collocou o cadaver de faces para cima. "Havia" Stephen habitos um sorriso, e "tinha" os olhos abertos...

* * *

Os convidados e a familia se reuniram na sala de fumar terreo. Um inspector e um sargento iniciavam o inquerito.

Não fôra encontrada arma nenhuma e o caso se apresentava mysterioso.

O criminoso "achava-se entre elles". Mas quem era? Os mais sagazes procuravam expressões culpaveis no rosto dos demais. Mas a gente sorulta ou demonstra as suas emoções das mais diversas maneiras. As suspeitas não se concretisaram sobre ninguem em particular.

Evidentemente, tratava-se de um suicidio.

Este foi um triumpho de primeira ordem para Stephen Moreton, e qualquer um poderá imaginal-o sorrindo ainda na lumba em que descansa.

No dia seguinte, a arma foi encontrada no fundo do tanque, a uma 50 metros de distancia.

* * *

O revolver achava-se sobre a mesa para identificação. Tem affirmado que pertencia ao proprio Stephen. Usou-o por ter numerosos inimigos.

Alguns delles se encontravam na reunião?

Na fôra disparada uma bala, que se extrahira do cadaver.

A Scotland Yard tomou o caso a si, mas sem resultado algum. Os convidados se encontravam de vez em quando para almoçar ou tomar chá.

Então surgiu o grande dia de Stephen.

Um empregado do departamento de Curtas Perdidas, encontrando uma carta com "direcção incorrecta", abriu-a e deu com um extranho manuscripto.

Pouco depois a carta estava em poder da policia.

* * *

Dois dos convidados á reunião do "week-end" se encontraram no correr da semana. Eram Hugh Macfarlane e Billy Vinet. O primeiro visitou o outro para dizer-lhe:

— Li os diarios da tarde, Vinet?

— Li. A carta de Stephen?

— Sim. E' uma confissão... a nossa que a policia alterasse seu sentido.

— Oh! Sim. Uma confissão typica de Stephen. O que não posso explicar é como conseguiu elle afastar tão longe o revolver.

Mac- Farlane poz-se pensativo. Depois disse:

— Vim falar-lhe de algo importante. E' preciso que o diga a alguem e confie em ti. Eu fui a ultima je nos que vis Stephen com vida. Foi muito mais do que declarei na policia.

— Atrevo a dizer que a todos nós occorre o mesmo.

— Mas o que sei tem valor vital e preciso contal-o a alguem. Não sei se ignoras, mas o facto é que estou apaixonado por Barbara Cardell.

— Isso me surpreende — respondeu Vinet.

— Assim é, porém. Ha muito tempo. Naquelle dia fui procurar Stephen para pedir-lhe explicações por umas queixas que Barbara me fez. Atravessei o jardim e vi que Stephen entrava na officina. Tinha uma corda na mão. Comprehendi seus manejos e disse-lhe:

— Stephen...

Não se voltou. Respondeu com aquella voz bestial:

— Vá embora. Estou occupado.

— Quero falar a respeito de Barbara Cardell.

— Nada tenho com isso.

Reparei então que havia um revolver sobre um banco. Agarrei-o e apontei-o resolvido para elle:

— Será melhor que a deixe em paz.

Não ella se volta e exclama:

— Deuss! Você tomou o meu revolver?

Não respondi. Elle prosegiu:

— Bem... Esta é a unica opportunidade que me occorre. Se saim de "este" Adio já. Naa matarei. Mas alire para matar.

Repeti. Não podia atirar. Vendo que eu vacillava, gritou:

— Vamos! Paga fogo! Não soffrerá pena alguma. Lembre-se de que você veio aqui por causa de uma meza. Se você não atirar, dir-lhe-ei algumas das coisas terriveis que fiz a ella. Que diga?

E disse. Disse coisas espantosas.

Hugh apresentou-se de seu amigo:

— Ida... não era verdade o que me havia dito... Queria utilisar-me para executar seu diabolico plano. Continuou falando. Perdi a cabeça e dei ao gatilho. Caiu pesadamente.

Vinet serviu dois "whiskys" e offereceu um a seu amigo.

— Bebe isto e reatisna-te. Deves sentir-te melhor depois de me haveres contado tudo. Mas recorda-te disto: nunca te embriagues. Quando os homens se embriagam, falam demais. Este assumpto morrerá e será esquecido. Deves abrigar a intima "" Alegação de haver matado um homem... que o merecia. E depois de tudo, tu o fizeste... com permissão da victima...

Fig .37: Folhetim Dominical do *Correio Paulistano* (1941)

participação do futebol, do humor e da música, fazendo do veículo um meio importante para o cotidiano dos habitantes da cidade. O rádio-teatro passou a ser incorporado na nova era do rádio paulistano e um dos programas considerados pioneiros foi *Uma Fita falada*, idealizado pela Rádio Record. Inclusive *O Estado de S. Paulo* lançou na mesma década o chamado *Diário Sonoro*, irradiado diretamente da sua redação pela PRF 3 - Radio Difusora. A transmissão ocorria de hora em hora, entre às 11 da manhã e às 23 horas, totalizando 12 edições por dia. [226]

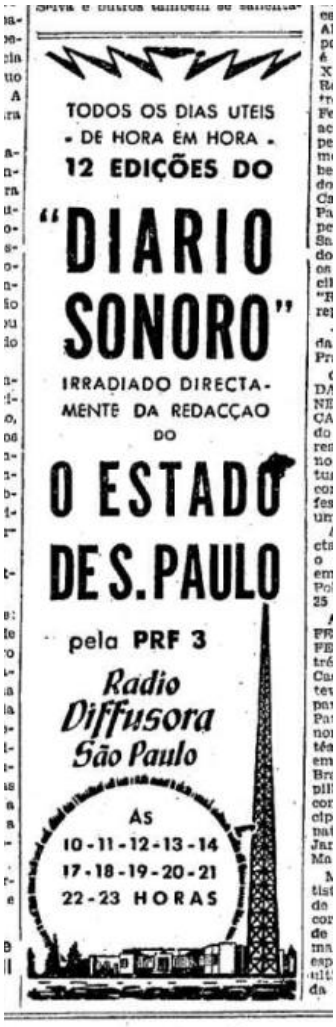


Fig. 38: Anúncio do *Diário Sonoro* transmitido da redação do *Estado* (1938).

[226] *O Estado de S. Paulo*, 02 dez. 1938, p.4. Cabe ressaltar que o Grupo Estado possui uma estação de rádio denominada Radio Estadão, que anteriormente era conhecida por Radio Eldorado e foi fundada em 04 de janeiro de 1958. Em 2006, iniciou sua restruturação que pretendia alcançar uma rede nacional de transmissão. Com base nesse projeto, no ano seguinte se fez um acordo com o canal por assinatura ESPN para transmissões esportivas.

Em relação ao espaço folhetim, *O Estado de S. Paulo* abriu a década de 1930 com *Sete pecados mortais*, de Eugene Sue, que estava sendo publicado desde novembro de 1928. A obra só seria trocada por outra quase no fim de 1931, quando o jornal passou a apresentar *Os dois garotos*, de Pierre Decourcelle. Cabe apontar que esse romance marcou o retorno ao formato vertical, abandonado três anos antes. Sua presença nas páginas do jornal estendeu-se até 1937 e, nos dois anos seguintes, o matutino não trouxe o espaço folhetim, o que nos fez supor que se encerrara a tradição mantida desde sua fundação em 1875.

No primeiro trimestre de 1940, a redação do *Estado* foi invadida por soldados da Força Pública, já que era o único veículo que não havia cedido a pressão imposta pelo Estado Novo. Depois de permanecer certo tempo, a polícia foi embora, mas voltou dois dias depois e após vasculhar a redação e as oficinas alegou, supostamente, que havia encontrado duas armas. O jornal ficou fechado durante nove dias e depois foi reaberto, com nova direção, escolhida pelo Governo Vargas e cujo cargo de diretor coube a Abner Mourão, "diretor designado pelo Conselho Nacional de Imprensa". [227]

A invasão do *Estado* acarretou uma série de problemas para a família Mesquita, não só com desentendimentos entre seus membros sobre a venda ou não do jornal para o governo, mas também do ponto de vista financeiro. Houve inclusive a necessidade de vender bens pessoais para pagar as contas da empresa e evitar uma falência provocada. Dos nove irmãos que compunham a família Mesquita, Maria, Raquel, Judith e Sara eram casadas com homens de boa condição econômica. A situação dramática da falta de rendimentos do jornal caberia a Júlio e Francisco, que trabalhavam no matutino e aos outros irmãos solteiros Esther, Lia e Alfredo, que dependiam totalmente da renda advinda do *Estado*. [228]

Apesar dessa situação, o espaço folhetim voltou a figurar em 1940, com a estreia de *Madame Sansgene*, "romance extraído da peça teatral de Sardou," por Edmond

[227] Anteriormente Júlio de Mesquita Filho e Paulo Duarte já tinham sido presos três vezes consecutivas e por fim, Júlio foi chamado ao gabinete do delegado e intimado a deixar o país o mais breve possível. Em novembro de 1938, acompanhando de sua esposa Marina e de seu cunhado Armando Salles de Oliveira, embarcaram para a Europa com destino a Paris, conforme noticiado pelo próprio jornal em 01 de novembro de 1938. Alguns meses depois a direção do jornal passaria aos cuidados de Léo Vaz, já que Plinio Barreto continuaria como redator-chefe.

[228] O *Estado* só seria devolvido à família Mesquita em dezembro de 1945, após o presidente do Supremo Tribunal Federal na época, José Linhares, assinar o decreto que devolvia o jornal aos seus antigos proprietários. Assim que reassumiram seus postos, Julio e Francisco decidiram que retomariam a numeração dos exemplares, a partir da data em que o matutino foi tomado pelo governo, desprezando deste modo, os cinco anos em que o jornal esteve sob a tutela de Vargas. Ver SUPLEMENTO, *Op. cit.*

Lepelletier. O primeiro número desse romance foi disposto na página onze e assim como seu antecessor foi configurado novamente no formato de livro. A trama de Lepelletier foi publicada por dois anos, quando foi substituída em 11 de abril de 1942, por *A mulher do realejo,* de Xavier de Montepin. No entanto, o jornal não teria apenas a rubrica folhetim como exclusiva na apresentação de romances para seu público. Concomitante ao de Montepin, o *Estado* lançou *Cinco Mascaras do Amor,* na primeira página do jornal, distribuído em duas colunas, logo abaixo de seu cabeçalho e não no tradicional rodapé. O romance foi publicado entre maio e dezembro de 1942 e o termo "folhetim" nunca foi associado ao mesmo.

Segundo nota do jornal, *Cinco Máscaras do Amor* era o último livro "do grande escritor francês e colaborador" André Maurois, pseudônimo do judeu Emile Salomon Herzog (1885-1967), ofertado com "exclusividade" aos leitores. [229] Sua ligação com o *Estado* começou em 23 de julho de 1939, quando o jornal noticiou que começaria a publicação, de *A América do Norte em 1939- páginas do meu diário*, "uma brilhante e colorida visão da grande democracia americana numa série de artigos escritos no mais elegante e vivo dos estilos". [230]

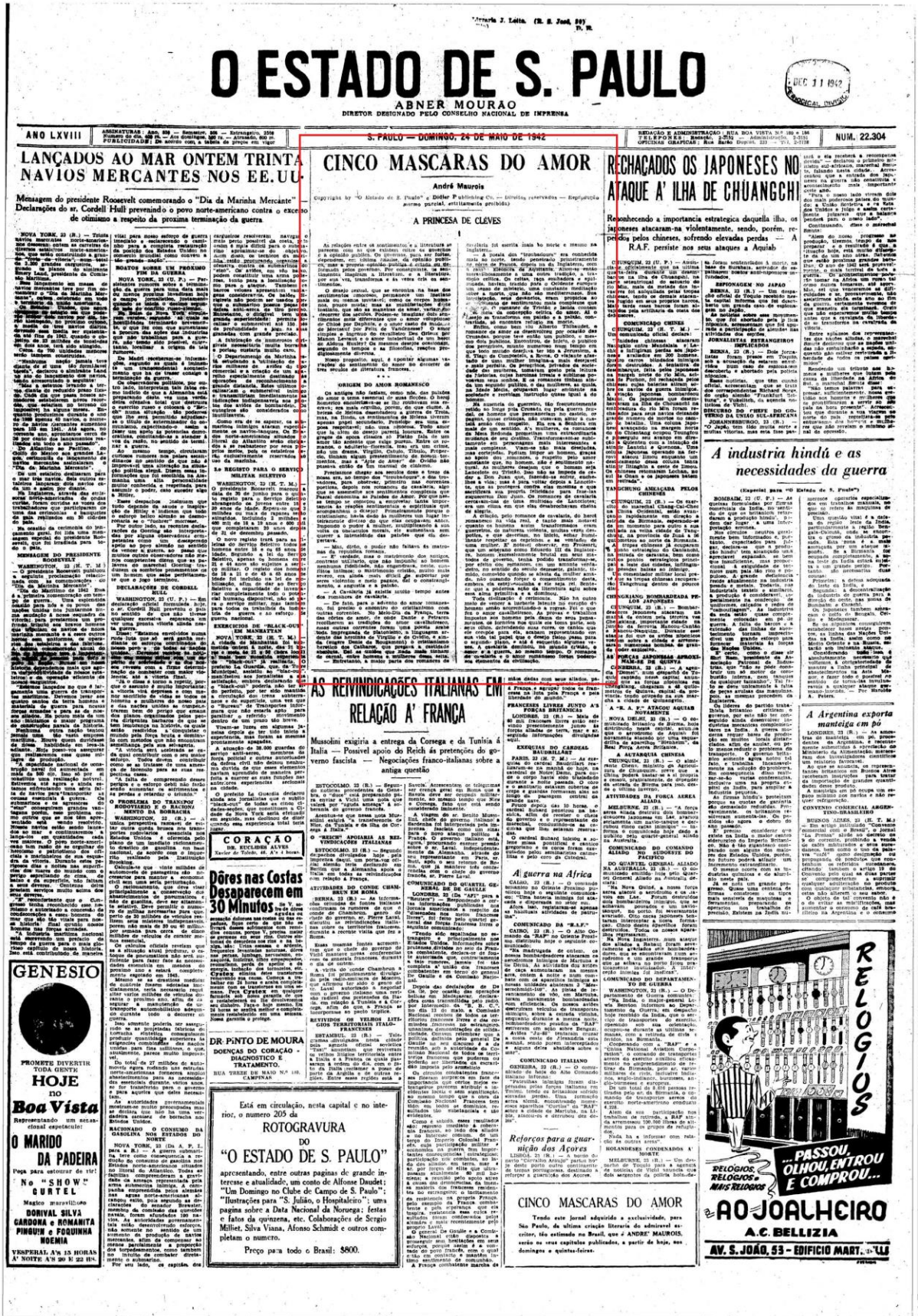
Em dezembro de 1944, outra obra de André Maurois foi anunciada. Tratava-se de *Terra da Promissão,* lançado pela primeira vez em inglês, pelo "famoso editor Harper", de Nova Yorque, cujo jornal havia adquirido os direitos de publicação exclusiva. Segundo a nota, o *Estado* ao comprar a licença da obra, "desejou apenas corresponder a decidida preferência demonstrada pelos seus assinantes e leitores." [231] O efetivo aparecimento do romance se deu apenas em 01 de fevereiro de 1945, no rodapé da página 2, traduzido por Carmen de Almeida. Mas apesar de sua localização no jornal ser no rodapé e a palavra "continua" estar presente no fim do texto, não houve qualquer menção ao termo folhetim em seu título. Enquanto *Terra da Promissão* era publicado em formato horizontal, em seis colunas, *A mulher do realejo,* de Xavier de Montepin, seguia nas páginas posteriores da mesma edição, na vertical e com a designação "Folhetim do *O Estado de S. Paulo*".

---

[229] *O Estado de S. Paulo,*21 mai. 1942, p.1. André Maurois havia publicado em 1918 seu primeiro livro, *Os silêncios do Coronel Bramble*. Ficou conhecido por biografar alguns personagens famosos como o poeta britânico Lorde Byron, além de escrever romances e novelas.

[230] O trabalho de André Maurois publicado pelo jornal era fruto do exílio do escritor nos Estados Unidos, oportunidade que lecionou literatura em Princeton e na Universidade do Kansas. Só depois de seis anos, em agosto de 1946, que Maurois retornou a França. Ver *O Estado de S. Paulo*. 10 out. 1967, p.9.

[231] *O Estado de S. Paulo,* 31 dez. 1944, p.1.



O ESTADO DE S. PAULO

ABNER MOURÃO
DIRETOR DESIGNADO PELO CONSELHO NACIONAL DE IMPRENSA

ANO LXVIII — S. PAULO — DOMINGO, 24 DE MAIO DE 1942 — NUM. 22.304

LANÇADOS AO MAR ONTEM TRINTA NAVIOS MERCANTES NOS EE. UU.

Mensagem do presidente Roosevelt comemorando o "Dia da Marinha Mercante" — Declarações do sr. Cordell Hull prevenindo o povo norte-americano contra o excesso de otimismo a respeito da provavel terminação da guerra

NOVA YORK, 23 (R.) — Trinta navios mercantes norte-americanos deveram, ontem as correntes de diversas estaleiros norte-americanos, que serão construidos a grande "linha-de-vitoria", quasi todos de 2.300 grandes cargueiros, assim como planos do ministro da Marinha, presidente Roosevelt.

Nos largamente um navio de navios mercantes teve por fim celebrar o "Dia da Marinha Mercante", ficou celebrado em todo o territorio da União americana.

Em Boston, Illinois, que serve de sede ao Conselho de Guerra da Marinha Mercante, o governador Green, que presidiu a uma reunião de mais de 2.000 pessoas, declarou que, dentro de 23 milhões de toneladas em dois anos, terá sido atingido.

Cerca de 700 unidades menores serão também construidas.

"Ninguem mais jamais terá dúvida de si uma vez terminada a guerra, declarou o almirante Land, se os Estados Unidos terão ou não a marinha mercante necessaria".

"Mas o extremo inverso a tentação dúvida de reduzindo pouco final. Cada dia que passa nossos armamentos aumentam em força, que estariam no terreno ou navegando, ha alguns meses. Em quanto produzimos durante o ano de 1942 tipos de navios, o mesmo se dará com os navios aumentos de 1943. Nesse ano, a produção será de 50 por cento dos lançamentos realizados em todo o ano passado".

Do Atlantico ao Pacifico, do Golfo do Mexico aos grandes Lagos, entusiasta de lançamento de navios mercantes assinalou o "Dia da Marinha Mercante".

De um extremo ao outro do país o mar trás navios. Seis outros estabelecimentos dão navios ao mar, assim por diante.

Nos estaleiros destinavam para o mar três navios. Seis outros estabelecimentos dão navios ao mar, assim por diante.

Nos estaleiros destinavam para o mar três navios. Seis outros estabelecimentos dão navios ao mar, assim por diante.

MENSAGEM DO PRESIDENTE ROOSEVELT

WASHINGTON, 23 (R. T. M.) — O presidente Roosevelt publicou a seguinte proclamação relativa à comemoração do "Dia da Marinha Mercante":

"Dia da Marinha Mercante" — Dia da Marinha Mercante — Dia de Acção de Graças — Dia de Ação de Graças — Dia de Ação de Graças — Dia de Ação

O último romance veiculado pelo *O Estado de S. Paulo* na década de 1940 foi *A casa Soturna*, de Charles Dickens entre 19 de agosto de 1945 e 03 de fevereiro de 1946. Apesar de Dickens ser o criador de personagens famosos como Oliver Twist e David Copperfield, ainda não havia sido publicado pelo jornal, nem mesmo no século XIX. O romance *A casa Soturna* (*Bleak House* no título original, 1853) foi considerado um dos romances mais sombrios do escritor pela crítica e foi adaptado numa minissérie televisiva pela BBC britânica em 2005. [232] Em seguida, o jornal anunciou que:

> Estando prestes a terminar a publicação do romance "A casa soturna" de Charles Dickens, que tanto êxito alcançou os apreciadores desse gênero literário. *O Estado de S. Paulo* iniciará a seguir novo folhetim, desta vez trabalho inédito, cuja ação se passa em nossa terra. Dentro de poucos dias, iniciaremos a publicação em folhetins diários da obra "O drama das sombras inquietas" do escritor Afonso Schmidt, autor de outros trabalhos publicados em primeira mão nesse jornal. [Esse] passa-se em 1896, anos de agonia para então jovem república. Muitos espectadores dessas cenas ocorridas há 50 anos, ainda vivem, e lendo-as, poderão recordar uma página de sua mocidade, ou de sua juventude. Mas o novo folhetim é de molde a interessar não apenas a este ou aquele, mas a todos os nossos leitores, particularmente aqueles que preferem esse saboroso gênero literário. [233]

Não é possível afirmar que a obra de Afonso Schmidt figurou realmente no jornal conforme anunciado, pois não se encontrou vestígios da mesma. Em 1947, por algumas vezes, *O Estado de S. Paulo* publicou na parte comercial, a seção *Ao Correr da Pena*, no alto da página em duas ou três colunas, assinada por Paulo Silveira e reproduzida do *Jornal do Comércio*, sempre um ou dois dias após sua publicação no impresso original.

A década de 1940 se encerrou com a presença de novas seções no *Estado* como *Página Infantil*, que continha histórias, desenhos, curiosidades, quebra-cabeças, concurso e colaborações de leitores. Posteriormente, em substituição a essa, criou-se a *Seção Infantil*, localizada no rodapé da página e bem mais simples do que sua antecessora, com apenas duas ou três historias e quase sem ilustração. A situação ocorreu de forma oposta aos assuntos dedicados às mulheres. Anteriormente havia a *Seção Feminina* (1942), publicada também no rodapé, e que apresentava sugestões sobre moda, conselhos de beleza, propagandas de produtos como *Rugol* e uma pequena

[232] Disponível em: http://www.bbc.co.uk/drama/bleakhouse/welcome.shtml. Acesso em: 13. Jul. 2014.
[233] *O Estado de S. Paulo*, 12 jan. 1946, p.7.

Fig. 40: Romance *A casa soturna* em formato de livro (*O Estado de S. Paulo* – 1945)

coluna intitulada “correspondência,” na qual as leitoras faziam pedidos ou comentavam algo que havia sido publicado.

Aos poucos esse rodapé foi substituído pela *Página Feminina* que ocupava todo o espaço e trazia os mesmos assuntos e produtos que a anterior, embora em maior quantidade e melhor disposição. No exemplar de 25 de maio de 1947, o jornal anunciou que naquela semana a redação e administração do *Estado* funcionariam na Rua Barão Duprat, enquanto o estabelecimento da Rua Boa Vista seria destinado ao recebimento de publicidade e ao atendimento dos demais clientes e interessados.

Embora o romance e obras de outros gêneros tenham figurado até a década de 1940 no rodapé, com formato que ora seguia a padronização tradicional (horizontal a cinco ou seis colunas), ora figurava vertical, tal como um livro, é fato que o ritmo já não era o mesmo desde pelo menos meados de 1920. O fato de os jornais estenderem a mesma obra por um grande período de tempo não tinha relação com a extensão da obra, mas com o fato de serem publicados com consideráveis intervalos de tempo. Ainda que, em certas oportunidades, ambos os jornais tentassem empregar técnicas para reviver a pujança de outrora, cada vez mais o espaço folhetim esmaecia, pois o próprio jornal assumia nova configuração.

3.2 O caso das *Folhas*

É notório que a maioria os jornais fundados nos oitocentos, mesmo que não tenham sobrevivido por longo tempo e fossem acometidos do “mal dos sete números,” consideravam importante manter o espaço folhetim. Desse modo, para completar o panorama da trajetória do folhetim na imprensa paulistana, cabia investigar se os jornais fundados na primeira metade do XX e, portanto, que nasceram fora da tradição que acompanhou o crescimento do gênero, inseriram ou não o espaço folhetim. Para tanto, foi preciso fazer um levantamento exploratório nesses jornais, que ganharam repercussão nacional ao longo dos anos e que foram posteriormente unificados sob o nome de *Folha de S. Paulo*.

A seleção dos exemplares partiu dos primeiros números publicados, na década de 1920, quando ainda eram nomeados como *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*, até o começo dos anos de 1930, momento que foi interrompida a sua circulação. Após sua retomada, por conta do grande volume de material, só foi possível proceder à análise

parcial, nos moldes da realizada para o *Correio Paulistano,* ou seja, folheou-se de um a três exemplares por mês até o fim de tal década.

Além dos romances, a *Folha da Noite* e a *Folha da Manhã* publicavam no espaço folhetim contos, resenhas, reportagens "de sensação" e ensaios que, por vezes, se constituíram em seções como *Somos Nós,* de Paulo Duarte. A inserção de tal conteúdo geralmente ocorria nas páginas finais dos exemplares e indica uma tentativa de ocupar o espaço com uma gama variada de textos, tal como faziam os jornais paulistanos no século XIX. Esse material era separado do restante do conteúdo por um traço, o que evidencia que esta era uma prática corrente em toda a imprensa paulistana e não uma sobrevivência de títulos que vinham da centúria anterior. [234]

O primeiro jornal foi a *Folha da Noite*, lançada em 19 de fevereiro de 1921, por Olival Costa e Pedro Cunha, além de outros colaboradores de *O Estado de S. Paulo*. A folha recém-criada preencheu o vazio deixado pelo *Estadinho* quando Júlio de Mesquita resolveu tirá-lo de circulação. No seu primeiro número, a *Folha da Noite* proclamava de saída, sua "futura incoerência", uma vez que assim chamavam "os gestos do que reconhecendo já não serem hoje as ideias que ontem defendiam as que melhor coadunam com os interesses do povo, corajosamente e coerentemente, desapoiam hoje o que ontem preconizavam."

Em seu programa, a *Folha da Noite* alertava que poderia mudar de opinião sobre qualquer assunto, pois seu maior interesse era estar "sempre ao lado do povo, ou melhor, da nossa pátria." [235] O objetivo era ser um periódico voltado para as classes populares, razão pela qual tentava veicular uma linguagem mais simples e menos sóbria, diferente do sisudo *Estado* e do volúvel *Correio*. A edição inaugural tinha formato pequeno, com oito páginas e trazia texto sobre política, comércio, esportes, lazer e anúncios publicitários. A princípio, era impresso nas oficinas do jornal *O Estado de S. Paulo* e do *Jornal do Comércio*, o que obrigava Olival Costa a deslocar-se entre a redação e a impressão, que eram distantes uma da outra. O personagem mais famoso da *Folha da Noite* foi Juca Pato, criado pelo caricaturista Belmonte, que o representou

[234] Não é objetivo desta pesquisa analisar o conteúdo desses jornais, mas apenas constatar se o espaço folhetim se mantinha ou não nos jornais fundados no século XX.
[235] *Folha da Noite*, 19 fev. 1921, p.1.

Folha da Noite

ANNO I | S. PAULO – Sabbado, 19 de Fevereiro de 1921 | NUM. 1

O nosso programma

Em seu numero de Janeiro de 1919 publicava a *Revista dos dois mundos*, um excellente trabalho, sobre Lloyd George, assignado pelo publicista francez sr. Gastão Rageot. Entre outras singularidades do espirito do grande estadista inglez, apontava o seu biographo, o despreso absoluto que ás idéas preconcebidas sempre votou aquelle que, assumindo a direcção dos negocios da Inglaterra no mais melindroso instante de sua vida de Imperio, soube mantel-a unida, coheza, até o desenlace da conflagração européa, pela victoria das potencias alliadas. Diante dos factos que se succediam com prodigiosa celeridade, criando [illegible] imprevisiveis e inéditos, o bom senso de Lloyd George lhe havia imposto uma attitude de espectante resolvido a enfrental-os e resolvel-os.

Contrastando com as tendencias latinas, o opportunismo anglo-saxão, encarnado na pessoa do primeiro ministro inglez, mais uma vez se impunha á observação de todos como a propria sabedoria em materia de direcção politica de povos.

A conclusão a que chegou o sr. Rageot, estudando a attitude de Lloyd George em face de tão graves quão complexos problemas, já ha muito que nos havia impressionado. Toda e qualquer obstinação a proposito do que ha de mais incerto e inconstante — referimo-nos aos interesses publicos — sob o pretexto de "coherencia" de idéas, de programma ou de tradições, sempre nos pareceu repugnar ás verdadeiras intelligencias e ser incompativel com a mutabilidade perenne dos problemas sociaes e politicos, que é a propria essencia da sua natureza.

Dahi o proclamarmos desde já a nossa futura "incoherencia", como costumam chamar, entre nós, aos gestos dos que, reconhecendo já não serem hoje as idéas que hontem defendiam as que melhor se coadunam com os interesses do povo, corajosamente, "coherentemente", desapoiam hoje o que hontem preconisavam.

Em synthese: chamamos, nós outros, a isto "opportunismo", vontade de acertar, levar em conta a fallibilidade humana. Outros, nisso querem ver irresolução, versatilidade, incoherencia. Seja como fôr; não abriremos mão de um direito que nos cabe. Sempre ao lado do povo, ou melhor, da nossa Patria opportunismo — eis o nosso programma.

CONGRESSO NACIONAL

AS ELEIÇÕES DE AMANHAN

A REPRESENTAÇÃO PAULISTA

OS CANDIDATOS AVULSOS

Realisam-se amanhan, em todo o territorio da Republica, as eleições dos representantes do Congresso Nacional.

Para a representação de São Paulo a Commissão Directora do Partido Republicano Paulista convocou á realisação as eleições para senador federal, o sr. dr. Adolpho Affonso da Silva Gordo; para deputados federaes, pelo 1.o districto, os srs. drs. Antonio Carlos de Salles Junior, dr. Carlos Augusto Garcia Ferreira, dr. Cincinato Cesar da Silva Braga, dr. Francisco Ferreira Braga, dr. José Fabricio Lellis Pestana, e dr. Raul Bastos Cardoso de Mello; pelo 2.o districto, os srs. drs. Alfredo Ellis, dr. Cesar Lacerda de Vasconcellos, dr. Eloy de Miranda Chaves, drs. Joaquim Augusto de Pierrot Penteado, col. Marcellino Lopes Barreto e dr. Professor de Moraes Filho; pelo 3.o districto, os srs. drs. Arthur Palmeira Ripper, João de Faria, João Pedro da Veiga Miranda, José Manoel Lobo, e Raphael de Abreu Sampaio Vidal; e pelo 4.o districto, os srs. drs. Arnolpho Rodrigues de Azevedo, Carlos de Campos, Francisco de Paula Rodrigues Alves Filho, Manoel Pedro Villaboim e Pedro Luiz de Oliveira Costa.

Apresentaram-se candidatos avulsos, para senador, o sr. dr. Nicolau Soares, do Coronel Rabet, e, deputados pelo 1.o districto os srs. drs. Rubião Meira e 1.o Amaral Carvalho.

O QUE NOS DISSE O DR. COTTO ABREU

Entre os candidatos que se apresentaram extra-chapa á representação de S. Paulo, encontramos os dois nomes, realmente capitaes: os srs. drs. Nicolau Soares do Couto Abreu e Rubião Meira.

Hontem á tarde, procuramos o nosso conselheiro e sr. dr. Couto Abreu, para saber a razão da sua eleição á representação federal do Estado. E o atheneu, quando chegamos, a alguns pedidos de jornaes.

Pouco depois, o sr. dr. Couto Abreu nos falava sobre a sua candidatura:

— "Penso estar muito pouco tenho a dizer-lhe. Nos meus artigos, publicados na secção livre do "Estado de São Paulo", já explanei as minhas idéas que me levaram a apresentar a minha candidatura. Não sonho com a victoria, mas lamentarei que não honrosa.

Em materia de confissão politica, os nossos dizem muito pouco a dizer. Os partidos apresentam os nomes dos seus candidatos e as collectividades, quando não votam por determinação de alguns, obrigam os seus direito de voto.

A minha candidatura como avulso, candidatura avulsa, veiu a necessidade da pratica das verdadeiras normas democraticas. Talvez as reflexões da hora, depois do meio para a nossa acção politica até que esse [illegible] se estabeleça a verdadeiramente das chapas officiaes...

— E quanto ao seu programma? colleguei.

— O seu programma, como representante do E. Paulo no Senado Federal, seria pugnar pelos interesses do E. Paulo como Republica, procurando estabelecer o verdadeiro regimen republicano. Não sou candidato de nenhum partido ao cargo politico. Sou mesmo contrario á representação dos candidatos por partidos, que muitas vezes [illegible] dos candidatos avulsos. O [illegible] Republica [illegible] Senado [illegible] Congresso. O [illegible] Republica [illegible] Senado [illegible] Congresso.

[illegible] que fazer estabelecido, virão [illegible] sendo sensivelmente o actual estado de coisas.

— E as possibilidades da victoria? preguntamos a s. s., que nos falava com sinceras [illegible] calmamente.

— As probabilidades são poucas, quasi nenhuma. Todavia, como já lhe disse, eu não procuro resultado immediato, e como já vos disse é bom provarmos que não vamos a provar os fructos da minha campanha.

Depois de mais algumas palavras, despedimo-nos do sr. dr. Couto Abreu, por quem esperamos [illegible] pessoas que hoviam chegado ao seu consultorio em [illegible] palestrava comnosco.

O QUE NOS DISSE O DR. RUBIÃO MEIRA

Dirigimo-nos do dr. Couto Abreu em busca de outro candidato avulso, o dr. Rubião Meira.

Com a extrema gentileza com que nos acolhera, accedeu o dr. Meira aos nossos pedidos, fazendo-nos as seguintes declarações:

"Meu candidato pelo 1.o districto — disse-nos o dr. Rubião Meira — a uma cadeira de deputado federal. E candidato independente. Pelo-me sosinho, com o apoio de amigos, que muito me estimam com sua confiança, contra o boicotte do P. R. P. Não tenho illusões sobre o destino da eleição. Mas, tenho a coragem precisa e a independencia bastante, para atirar-me sosinha nessa [illegible] [illegible] [illegible]

como um homem baixo, calvo, de terno e gravata, cheio de ironias, mas também de contradições. A sua popularidade era tanta que emprestou seu nome a bares e restaurantes, marca de cigarro, latas com graxa de sapato, garrafas de vinho, pacotes de café, produtos de limpeza como água sanitária, aperitivos e até letra de samba. O lema principal do personagem era "podia ser pior", encarregando-se, assim, de traduzir as críticas e aspirações da classe média paulistana, além de concentrar seus ataques sobre a corrupção e a arrogância dos ricos. [236]

Fig. 42 : Juca Pato, personagem criado por Belmonte (*Folha da Noite*, 17/04/1927)

O jornal era popularmente conhecido no meio jornalístico como a "Folha do Olival" e segundo o relato de Francisco Pati na conferência da Associação Paulista de Imprensa em 1945, na folha não havia uma divisão entre as oficinas, a redação e a gerência. Tudo funcionava num único espaço e era preciso gritar para ser entendido. Olival discutia com o gerente, instruía os redatores, orientava a montagem das máquinas, ajudava a descer as bobinas de papel, atendia ao telefone e tomava notas com um lápis que trazia sempre consigo atrás da orelha e não se sentava nunca. [237]

[236] Belmonte, o criador do Juca Pato. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/belmonte.htm. Acesso em: 19 set. 2016. No carnaval de 1986, a agremiação de samba Águia de Ouro, trouxe como samba-enredo a vida do caricaturista Belmonte e, portanto, a figura de Juca Pato.

[237] MOTA, Carlos Guilherme, CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo*. São Paulo IMPRES, 1981, p. 14.

Inicialmente a *Folha da Noite* não apresentou a rubrica folhetim, já que Olival Costa queria fazer uma "folha informativa," que não precisasse ser guardada, pois segundo seu fundador, o jornal não deveria ser uma "polianteia." Ele afirmava que, quem quisesse literatura, deveria buscá-la nos livros, pois a função do jornal era informar. Contrariando suas próprias ponderações em 21 de outubro, oito meses depois do lançamento, o jornal informava o início da publicação de um "folhetim esportivo," chamado *Tebano Menetas*, de Maurice Huet, obra escrita por ocasião da realização das Olimpíadas de Antuérpia (1920).

Por reconstituir os tempos áureos da Grécia e pela exatidão do cenário descrito tinha feito muito sucesso na Europa e seria traduzida do francês especialmente para o jornal pelo colaborador Américo F. Netto. O texto foi reproduzido em seis colunas e tinha por subtítulo *Romance das Olimpíadas Clássicas*, com a tradicional palavra "continua" em sua linha final. Ao longo de 1922, nada se publicou e nos anos seguintes, entre duas e três vezes por mês, publicou-se contos e crítica literária.

Fig. 43: Ilustração presente no lançamento da *Folha da Manhã* (1925)

Quatro anos depois da estreia, o jornal já havia instalado suas próprias oficinas. A Primeira Guerra Mundial havia criado o hábito da notícia de "última hora," lida à noite, após o expediente, nos bondes no caminho de volta para casa. [238] A boa receptividade

[238] Idem, p. 15.

encorajou Olival e Cunha a criarem a *Folha da Manhã*, lançada em 01 de julho de 1925. A edição era direcionada aos comerciantes, profissionais liberais e pequenos proprietários e no primeiro dia de circulação, a nota na capa esclarecia que a *Folha da Noite* sempre objetivou fundar um jornal matutino, de modo a oferecer mais informações aos leitores. Por isso, se assegurava que "nas suas colunas se refletirá, o pensamento da *Folha da Noite*, a sua orientação, portanto será a mesma". O novo jornal foi publicado com doze páginas e trazia as mesmas seções que a edição vespertina.

Diferente da sua parceira, no mesmo mês em que foi lançada, a *Folha da Manhã* veiculou um anúncio sobre a primeira obra em seu espaço folhetim, que consistia em uma série de episódios de Miguel Trad, publicados recentemente em livro e denominados *Evasões célebres da cadeia pública de S. Paulo*. Segundo a *Folha da Manhã*, eram "páginas vivas, relatando fatos sensacionais em linguagem singela, mas impressionante pela exatidão de suas cores realistas e nas quais se observa a habilidade novelesca do seu autor," cuja leitura era recomendada por se tratar de algo local, que "as valorizava como gênero inédito em São Paulo." [239] A *Folha da Noite* já havia antecipado aos leitores a novidade, intercâmbio que se tornou recorrente entre as duas edições. Concomitante a *Evasões célebres*, o rodapé também estampava *A casa do Mistério ou assassínio do engenheiro Ricardo Staack*, que no cabeçalho trazia a menção "notas de reportagem" e era ilustrado com fotografias e findava com a tradicional palavra "continua".

Durante o mês de abril de 1928, enquanto a *Folha da Manhã* publicava *A Marquesa Viúva*, de Henrique Kleiss, traduzida por L. de Freitas e com ilustrações em desenho da trama, a *Folha da Noite* anunciava que em poucas semanas seria publicada do original em italiano, uma série de artigos de Nino Daniele, integrante da redação do *Fanfulla* e do *Il Piccolo*, e que se descrevia as origens do fascismo na Itália no pós-guerra, "através da exuberância e da deficiência de seus precursores, que ele conheceu, tendo sido, ele próprio um deles" evidenciando que não eram apenas romances que constituíam o espaço folhetim e que o termo ainda era tão amplo como no século XIX.

[239] *Folha da Manhã*, 27 jul. 1925, p.1.

O THEBANO MENETAS

MAURICE HURT

(Romance das olympiadas classicas)

Dedicado a Georges Carpentier

Traducção de A. B. Netto.

I

A CUIA DO THEBANO

Fig. 44: Publicação de Tebano Menetas no rodapé da Folha da Noite (1921)

Fig. 45: Obra Evasões célebres da cadeia pública de São Paulo, publicada na Folha da Manhã (1925)

No fim da década de 1920, os acontecimentos políticos pelo qual o país passou aliado à sua posição política, abalou profundamente o funcionamento das folhas. Desde sua criação, ambas eram oposicionistas, mas frente à contestação mais ferrenha, sobretudo, com a aproximação do Rio Grande do Sul e Paraíba com os setores paulistas contrários ao governo, as *Folhas* distanciaram-se do que haviam apregoado até então. A nova linha política tornou-se evidente quando passaram a criticar os jornais de oposição, o que coincidiu com a crise mundial e com o momento da sucessão presidencial. Internamente, Pedro Cunha retirou-se do jornal e Olival tornou-se seu único proprietário. [240] Com a confirmação da deposição do governo federal, a redação e oficinas não escaparam da fúria do público e a maior parte de seus objetos foram lançados numa grande fogueira. Olival assistiu tudo da esquina sem poder fazer nada e veio a falecer dois anos após ver os esforços de anos despedaçados em plena Rua do Carmo, sede dos dois jornais. [241] Após esse período conturbado, o esforço de Rubens do Amaral, Octaviano Alves de Lima e Luiz Amaral foram fundamentais para a recuperação dos periódicos.

A circulação da *Folha da Manhã* foi retomada em 25 de dezembro de 1930, após quase dois meses, enquanto a *Folha da Noite* só reapareceu em janeiro de 1931. Na primeira edição matutina do jornal, uma nota intitulada "Duas palavras," de forma sintética, esclarecia aos leitores a ausência e também se dispensava de apresentar novo programa. Nesse retorno o diretor da *Folha da Manhã* era Hamilton Pinheiro da Costa e o jornal saiu com doze páginas, na mesma configuração que tinha antes de ser saqueado. Em 1931, a direção da folha matutina ficou a cargo de Rubens do Amaral e Luiz Amaral, assim como já havia ocorrido no lançamento do primeiro exemplar da *Folha da Noite* em janeiro. Segundo Mota e Capelato, nessa segunda fase, as folhas sob a direção de Octaviano Alves de Lima, não havia mais referências ao operariado urbano e nem aos funcionários públicos e a defesa dos interesses era voltada a certos setores específicos como os dos cafeicultores. O próprio Octaviano era fazendeiro em Campinas e havia representado o governo de São Paulo junto ao escritório do Instituto de Café em Nova Iorque. [242]

[240] MOTA, Carlos Guilherme, CAPELATO, Maria Helena. *Op. cit*. p. 13 e 46.
[241] Idem, p. 21-22.
[242] Idem, p. 57 e 65.

Nos anos de 1930, o espaço folhetim continuou a ser publicado apenas na *Folha da Manhã*. Em 1933, anunciou-se aos leitores que após publicar *Caninos Brancos*, de Jack London, traduzido por Monteiro Lobato, um novo volume, menos conhecido do público, figuraria em suas páginas. A obra era *A menina de Kergant*, de Octavio Feuillet, que representava "uma das épocas mais dramáticas da história do mundo, quando a insurreição bretã se levantava contra a Grande Revolução e os episódios mais comoventes vertiginosamente se sucediam." O formato adotado era justificado nos seguintes termos: "essa obra do notável escritor romântico, nossos leitores terão no mesmo elegante formato de livro, facílimo de colecionar e mandar encadernar", o que sugere que a prática de juntar os recortes dos capítulos era realizada pelo leitor. [243]

No ano seguinte, a *Folha da Manhã* continuou com escritores franceses, como Affonso Daudet e seu *Fromont Junior & Risler Senior*, mas também publicou *O Dilúvio*, do polonês Henryk Sienkiewicz, autor de *Quo vadis*, e obras nacionais como *Til*, de José de Alencar, todos no "habitual e elegante formato de livro,"[244] na certeza de que "os nossos leitores nos agradecerão o brinde literário que lhes oferecemos, lendo e colecionando com o maior interesse." [245] Talvez a própria ideia de publicar o espaço folhetim nas páginas de anúncios tivessem o sentido de não prejudicar a leitura de outros textos, uma vez que o jornal seria recortado e a publicidade descartada.

A década de 1940 representou uma fase de profundas modificações não só em relação à venda da empresa para outro grupo, mas ainda a criação de um terceiro periódico que seria o intermediário entre os outros dois já existentes. Em março de 1945, Octaviano Alves de Lima decidiu desistir do empreendimento e José Nabantino Ramos assumiu a direção da empresa junto com Alcides Ribeiro Meirelles e Clóvis Medeiros de Queiroga, que se tornaram respectivamente diretor-presidente e diretor comercial. [246] No entanto, a história das folhas nesse período se confundiu com a ação e personalidade de Nabantino. Ambas contemplaram a ideologia das classes médias urbanas paulistas e abandonaram as raízes agrárias introduzidas nos anos de 1930. As *Folhas* sob o comandando de Nabantino adotaram uma linha editorial mais moderna e

[243] *Folha da Manhã*, 10 ago. 1933, p.1.
[244] *Folha da Manhã*, 07 fev. 1934, p.1.
[245] *Folha da Manhã*, 17 mai. 1934, p.1.
[246] Nos bastidores dessa venda, estava na realidade o industrial Francisco Matarazzo Júnior que tinha como propósito possuir um jornal que fizesse frente a Assis Chateaubriand, que o atacava através das páginas do *Diário da Noite* e do *Diário de S. Paulo*.

FOLHA DA MANHA

2.ª SECÇÃO — S. Paulo — Domingo, 2 de Julho de 1933 — 8 PAGINAS

Educação physica e esportes

DERROTANDO O FLAMENGO, O S. PAULO CONSEGUIU REHABILITAR-SE

O rubro-negro não se portou mal, mas foi muito inferior ao quadro do tricolor — Os jogos de hoje, em disputa do Campeonato de Profissionaes, entre paulistas e cariocas

O Grande Premio "Hippodromo Paulistano" é a prova mais importante da reunião de hoje

Plathero, Lépido, Festeiro, Capucino e Ugolino vão competir em 2.000 metros disputando dez contos de réis

OS JOGADORES DOS DOIS QUADROS ANTES DO JOGO

Os jogos de hoje

JACK LONDON

CANINOS BRANCOS

(White Fang)

Traducção de Monteiro Lobato

Fig. 46: Publicação da obra *Caninos Brancos*, de Jack London, em formato de livro na *Folha da Manhã* (1933)

se transformaram numa "escola" para o meio jornalístico, uma vez que cursos eram dados em sua sede e documentos a respeito do funcionamento da redação foram criados.[247]

Mas, dois anos antes da venda ser realizada, após um tempo significativo sem folhetins, a *Folha da Noite* anunciava aos seus leitores a publicação de *O Último dos Morungabas*, de Galeão Coutinho, sob o pseudônimo de João Sem Terra, "escrito especialmente para a *Folha da Noite*." No romance, apareceriam alguns personagens, já conhecidos do público, pois eram oriundos de outro livro do autor chamado *Vovô Morungaba*. O romance seria "uma leitura rápida do bonde ou ônibus" e daria uma volta "ao mundo formigante dos pequenos dramas cotidianos, onde o riso se mistura a tristeza". [248] Esse folhetim, ao contrário do que apareceram no período na *Folha da Manhã*, foi apresentado no formato horizontal, embora no rodapé.

Apesar de trazer novamente o espaço folhetim, a edição noturna, em comentário de 29 de novembro de 1945, noticiou a publicação do romance *Amor e Ambição*, de Taylor Caldwell, na *Folha da Manhã*. Segundo a nota, a trama seria levada as telas de cinema, já que possuía "uma multiplicidade de gente interessante, envolvida em dramas violentos". [249] A novidade no fim da década ficou a cargo de *É Preciso encontrar João ou os milhões de arlequins dormem nas arcas da justiça*, de Mario Donato, ilustrado fotograficamente por Pirozelli. Embora o jornal o tenha intitulado como folhetim, a história publicada na última página da edição de 05 de abril de 1949, nada lembrava os seus antecessores. O título era alocado logo abaixo do cabeçalho e, após esse, havia curtas epígrafes e, no meio dessas, uma foto de transeuntes numa rua qualquer estampada com a legenda "João da S.B andará vagando por aí, aos encontrões, perdido na multidão. Volte para a casa, homem, volte para casa!". Em seguida o texto era disponibilizado em quatro colunas, sem a palavra "continua" no final.

Em 01 de julho de 1949 foi criada a *Folha da Tarde*, formando assim uma tríade de jornais, sob a tutela de José Nabantino Ramos e que preencheram desse modo todos os períodos do cotidiano do público. Onze anos após as folhas circularem juntas, optou-se por sua unificação, que foi realizada em 01 de janeiro de 1960. Assim adotou-se o título

[247] Trata-se do Programa de Ação das *Folhas* (1948) e das Normas de Trabalho da Divisão da Redação (1959).
[248] *Folha da Noite*, 29 nov. 1945, p.2.
[249] *Folha da Noite*, 29 nov. 1945, p.2

Folha de S. Paulo, que perdura até os dias atuais. Dois anos depois, os diretores se retiraram e a empresa passou a ser dirigida por Octávio Frias de Oliveira.

Nesse momento, o rádio firmava-se como um grande veículo de comunicação, fato comprovado pelos inúmeros anúncios que tomaram os jornais no final da década de 1940, inclusive alguns presentes em *O Estado de S. Paulo*, ofereciam cursos na recém-fundada "Universidade do Ar." O empreendimento era iniciativa do Sesc e Senac e a primeira aula inaugural do curso radiofônico, aconteceria em 17 de novembro de 1947, no Teatro Municipal. A cerimônia contou com a presença do Ministro da Educação, Clemente Mariani, e seria transmitida pela Radio Tupi e pela Difusora, além dos presentes à solenidade concorrerem ao sorteio de um rádio. [250]

Novelas passaram a ser difundidas pelo aparelho, escritas especialmente para esse fim como ocorreu em 05 de junho de 1941, quando a Rádio Nacional do Rio de Janeiro transmitiu *Em busca da Felicidade*, cuja duração foi de dois anos. Segundo Lia Calabre, o maior escritor da modalidade foi Oduvaldo Vianna, que ao chegar de Buenos Aires em 1940, ofereceu às novelas de sua autoria, escritas na Argentina para emissoras brasileiras, mas sem obter sucesso. A recusa se dava ao fato de não conseguir convencer os anunciantes de que a modalidade despertaria o interesse do público ouvinte. O único que teria se interessado pela ideia foi Vitor Costa, diretor da Radio Nacional, que, no entanto, acabou lançando uma novela cubana, patrocinada pelo creme dental Colgate, enquanto Vianna lançava sua novela pela Rádio São Paulo. O pioneiro e grande exportador do gênero na América Latina foi Cuba, que já em 1931 havia adotado a radiação de tais romances. [251]

O grande alvo dessas radionovelas eram as mulheres, fato confirmado pelo grande anúncio de produtos de limpeza e higiene pessoal. O período matutino concentrava os maiores índices diários de audiência feminina e os comerciais que acompanhavam as radionovelas, invariavelmente iniciavam-se por "prezada ouvinte". E tal como ocorrera

[250] *O Estado de S. Paulo*. 13 nov. 1947, p.9. Em 1948, o jornal trouxe a notícia da abertura de novas inscrições, além da implantação da segunda fase do projeto, que visava instalar núcleos receptores em 150 municípios do Estado, sem contar os 30 que seriam distribuídos pelos bairros da capital. No ano seguinte, na convocação para a formação da terceira turma do curso, foram elencadas as disciplinas que contavam com aulas de português, história, caligrafia, aritmética e psicologia. O raio de alcance dos núcleos receptores alargou-se naquele ano totalizando 254, espalhados por várias cidades. Ver *O Estado de S. Paulo*, 18 jul. 1948, p.11 e *O Estado de S. Paulo*. 23 set. 1949, p.9.

[251] CALABRE, Lia. Rádio e Imaginação: no tempo da radionovela. Anais do XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG. 2003. Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/aj/FCRB_LiaCalabre_Radio_e_Imaginacao_no_tempo_da_radionovela.pdf. Acesso em: 06. fev. 2015.

com os escritores de romance-folhetim no século XIX, os que se dedicavam ao rádio eram vistos como produtores de uma literatura menor. Levantamentos relativos ao período de 1941 e 1959 revelaram 807 títulos de radionovelas, assinadas por 118 autores. [252] Em 1951, foi ao ar, pela Rádio Nacional, o maior fenômeno de audiência no gênero em toda a América Latina: *O Direito de Nascer*, de Felix Caignet, com tradução e adaptação de Eurico Silva. [253]

Outro concorrente a ser enfrentado pelo espaço folhetim foi à fotonovela, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial quando se iniciou a publicação de folhetos que traziam os resumos de filmes e fotos extraídas das películas, com o propósito propagandístico. Narrar histórias, geralmente em capítulos, com uso de fotos e textos não era propriamente uma inovação, visto que algumas revistas de cinema já o faziam. O sucesso alcançado levou à produção de histórias mais completas, com maior número de páginas até se chegar às narrativas fotografadas sem relação com os filmes. [254]

As primeiras publicações do gênero foram nas revistas italianas *Sogno* e *Bolero*, sob a responsabilidade das editoras Rizzoli e Mondadori. A fotonovela tornou-se lucrativa e expandiu-se para outros países como França, Luxemburgo, Bélgica e pouco depois América Latina e África do Norte. No entanto, a penetração da fotonovela no mundo anglo-saxão não foi significativa e umas das razões levantadas por Angeluccia Bernardes é a presença dos *comics*, histórias em quadrinhos. [255]

No Brasil, a revista pioneira na publicação de fotonovelas foi *Grande Hotel*, da Editora Vecchi, que já existia desde 1947, mas apresentava em seu conteúdo apenas literatura em capítulos, o que mudou a partir de 1951. No ano seguinte, *Capricho* veio a público com fotonovela completa em cada edição e que trazia histórias argentinas, ao contrário de *Grande Hotel*, fiel às fotonovelas europeias. Em 1958, foi a vez de *Sétimo Céu*, da Editora Bloch, que manteve produção nacional estável, embora a maioria dos enredos fosse calcada nas figuras do rádio e TV, apresentando narrativas pouco desenvolvidas. [256]

---

[252] Idem.

[253] NUNES, Mônica de Fátima Rodrigues. *Op. cit.*

[254] BUITONI, Dulcília Schroeder. Fotonovela: Infelizmente ainda um quadrado amoroso. In: AVERBUCK, Ligia. *Literatura em tempo de cultura de massa*. São Paulo: Nobel, 1984, p. 60. Dentre os editores que investiram na empreitada, destaca-se Cino Del Luca e Damiano Damiani.

[255] HABERT, Angeluccia Bernardes. *Fotonovela e Indústria Cultural*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 64-65.

[256] BUITONI, Dulcília Schroeder, *Op. cit*, p. 61-62.

A década de 1950 foi ainda um período de inovações na imprensa do país, com o crescimento da cobertura jornalística, renovação da linguagem e uso de novos padrões. Jornalistas importantes como Samuel Wainer (1944) e, posteriormente, Pompeu de Souza (1951), voltaram dos Estados Unidos com sugestões para um novo padrão nos jornais. Pompeu, por exemplo, à frente da chefia de redação do *Diário Carioca*, implantou o *lead*, que consiste no destaque de uma notícia, de modo a fornecer ao leitor a informação básica sobre o tema tratado. Essa e outras técnicas foram adotadas não só pelos jornais recém-criados como *Tribuna da Imprensa* (1949) e *Último Hora* (1951), mas pelos que já circulavam.

Data da mesma época a reforma do *Jornal do Brasil*, que teve grande impacto na imprensa brasileira. O tom era mais discreto, a atenção à organização do conteúdo cresceu, com manchetes e títulos padronizados e crescimento da coerência interna. O conceito de primeira página aproximou-se ao da imprensa dos Estados Unidos, que ofereceria ao leitor uma espécie de cardápio atraente do que encontraria no interior do jornal. [257] Nesse contexto, a influência norte-americana diminuiu o peso do modelo francês de jornalismo, que acabou gradativamente substituído por aquele que privilegiava a separação entre o comentário pessoal e transmissão objetiva da informação. [258]

Outra modificação significativa foi a criação dos cadernos específicos que abrigavam a produção intelectual e cultural, o que culminou no lançamento de suplementos literários, geralmente publicados nos fins de semana. Inicialmente havia certa permanência de temas como a construção da nacionalidade, regionalismo e folclore, desafios candentes do período. Porém, a partir da final da década de 1940, destacou-se o forte acento político, com a *intelligentsia* mobilizada em diferentes campos para politizar o povo. [259] Cabe lembrar, ainda, o crescente interesse pela televisão, de saída restrita às classes mais abastadas, únicas a ter acesso aos aparelhos, que eram importados. Assim, por um conjunto diferente de fatores, diminuíam as possibilidades para o modelo calcado no espaço folhetim que sobrevivia desde o século XIX.

---

[257] SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influencia americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991, p. 114.
[258] ABREU, Alzira *et al*. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 15.
[259] Idem, p. 33.

Mas nem por isso, os jornais deixaram de tentar ressuscitar tal fórmula de sucesso. Em 21 de agosto de 2006, *O Estado de S. Paulo*, em artigo de Ubiratan Brasil sob o título "Prata retoma a diversão em capítulos", anunciava-se a estreia de *O Purga*, do escritor Mario Prata, que sairia três vezes por semana, no rodapé e em seis colunas, totalizando 40 capítulos. [260] No artigo, o jornalista não só narra a história de *O Purga*, como comenta como teria surgido a ideia inicial do livro, seu processo de produção, suas inspirações e cita trechos da obra. Depois de ler todas essas informações a respeito, a sensação é de que não é mais preciso ler a história, uma vez que já se sabe tudo a respeito dela. Assim, percebe-se que nem de perto, *O Purga* lembra a produção folhetinesca do século XIX, na qual o mistério e a opinião dos leitores mudavam completamente os rumos da história.

Por fim, percebe-se que, ainda que o romance tenha se tornado o carro-chefe do rodapé na primeira metade do século XX, aos poucos ele foi perdendo o dinamismo anterior e, da mesma forma que expulsou os outros gêneros do rodapé, também teve o mesmo destino. O espaço folhetim, ao longo dos anos, tornou-se intermitente e pode-se supor que continuou a figurar até a década de 1940, tanto por um apego à tradição nascida no século XIX, quanto pela existência de um público ainda interessado nesse tipo de produção.

Observe-se, ainda, que a persistência da prática de inserir o espaço folhetim nos jornais foi retomada mesmo por veículos fundados no século XX, como foi o caso da *Folha da Noite* e da *Folha da Manhã,* que cumpriram o protocolo, ainda que de forma mais descompromissada, resolveram lançar mão de um produto que estava em decadência, mas que não era fácil de desprezar. Além disso, não se pode esquecer que o fundador das *Folhas*, Olival Costa, trabalhou tempo significativo no *Estado* e acredita-se que as crônicas publicadas no espaço folhetim com o título de *Aos Domingos*, entre 1895 e 1896, tenham sido de sua autoria. Portanto, supõe-se que a opção pela inserção

[260] *O Estado de S. Paulo*, caderno 2. p. D5, 21/08/2006, p. 34.

ESCALAPB PB ESCALACOR COR
Produto: CADERNO_2 - BR - 2 - 22/08/06 D2-BR/SP - Cyan Magenta Amarelo Preto Proof

D2 | CADERNO 2 | TERÇA-FEIRA, 22 DE AGOSTO DE 2006 | O ESTADO DE S.PAULO

Visuais Fotografia:

FOTOS DIVULGAÇÃO

O impacto dramático das ruínas e demolições

Assim é **Alma Secreta**, livro com seleção de imagens de Ana Lúcia Mariz

1. Casarão Santos Dumont, São Paulo 2. Santos 3. Real Fábrica de Ferro Ipanema 4. Igreja de São Francisco do Conde, Bahia: "A memória se perde, a cidade vai perdendo sua personalidade", diz a fotógrafa

Simonetta Persichetti
ESPECIAL PARA O ESTADO

Uma frase de Paul Klee marcou Ana Lúcia Mariz durante o desenvolvimento do projeto *Alma Secreta*. Disse o pintor: "A questão não é apenas reproduzir o que se vê, mas tornar visível tudo o que se percebe secretamente." Durante três anos ela procurou exatamente isso: perceber mais do que estava à vista.

Incomodada com o crescimento caótico das cidades, com a perda de referência e identidade, ela começou a registrar antigas demolições, casarões que iam desaparecendo para em seu lugar surgirem edificações completamente novas: "A memória se perde, a cidade vai perdendo sua personalidade. Assim como também se perde uma história maior que não é só da cidade, mas também é a nossa história, são as nossas ruínas", comenta.

O ensaio começou em 2002, em São Paulo, cidade onde ela nasceu e mora. Mas ao fotografar a demolição do presídio do Carandiru, sentiu necessidade de ir além: "Eu quis fotografar ruínas e construções históricas, algumas tombadas pelo Patrimônio Histórico. Tenho uma relação de memória com a Bahia. Sempre fui fascinada por aqueles casarões, fortes e igrejas. Sou de família baiana, portanto minha identidade também passa por lá", explica.

O resultado dessas incursões não é um livro (*Alma Secreta*, editora Terra Virgem, 96 páginas, R$ 40) arquitetônico ou de denúncia com o descaso de nossa história, mas imagens enigmáticas, criadas por Ana Lúcia Mariz que interfere na arquitetura, desenha sombras, ilumina detalhes, traz presenças inexistentes. Como se todas as histórias acumuladas por aquelas paredes abandonadas viessem à tona e se oferecessem à lente da fotógrafa: "Eu quis que o trabalho sugerisse que há sempre algo a se descobrir, o secreto, alguma coisa que não é tão fácil de perceber, a alma. O título dá uma pista do que você vai encontrar, mas também você precisará revelar alguma coisa", concluí. ●

Serviço
● **Alma Secreta.** Terra Virgem Editora. 96 pág. R$ 40. **Livraria da Vila.** Rua Fradique Coutinho, 915. V. Madalena. Hoje, 18h30

Folhetim

O PURGA

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE DANTE E BEATRIZ

por **Mario Prata**

CÁPITULO 1

O funcionário e a bailarina

— Num ano atípico como este, cheio de dólares em cuecas e sanguessugas e eleições, eu sugiro o velho e bom CDB. É sempre bom não arriscar. Mas, como gerente, tenho que pensar na cliente. Quanto é que a senhora quer aplicar?

A velhinha sorriu, sabia que estava em boas mãos. O gerente, com aquela gravata vermelha listradinha, passava segurança para ela.

– Duzentos.

– Duzentos mil?

– Duzentos reais.

Dante teve que manter a mesma banalidade cara. Duzentos reais! Passou uns papéis para ela preencher. Pela lentidão que ela demonstrou ao completar a primeira linha, ele pediu licença e foi até a mesa do sub, seu amigo há mais de trinta anos. Virgílio. Dante tem 45 anos e vem contando, já há algum tempo, quantos anos faltam para ele se aposentar. Altura mediana, como convém a um gerente de banco, magro, aparenta menos do que a idade. Camisa branca, a gravata vermelha, calça preta com vinco. Sapato engraxado, fumante inveterado, o que faz com que, de meia em meia hora, vá ao banheiro do andar de cima (mais arejado) dar suas tragadas. Nariz aquilino, como diria Machado de Assis.

Virgílio, mesma idade do amigo, é gay. Melhor dizer homossexual. Poeta inédito, leitor compulsivo, intelectual. Discretíssimo dentro e fora do banco. Quando bebe dá alguma bandeira. Bebe todo dia, depois de largar o expediente. Era vizinho de Dante no interior do Estado de São Paulo. Foram com 20 anos para a capital. 1980. Fizeram economia juntos na USP. Ainda durante o curso, prestaram concurso para o Banco do Brasil. Agora estavam os dois ali. Gerente e sub-gerente de uma agência pequena, dentro de um shopping. Não podiam reclamar, tinham comprado a casa própria (cada um a sua, bem entendido), financiada pelo próprio banco. Viviam e esperavam a aposentadoria sentados diante dos computadores. Inseparáveis. Que fique claro que a amizade deles não envolvia sexo. Um respeitava e entendia o outro. O nariz de Virgílio não era aquilino. Dante era casado. Virgílio, solteiro, meio espírita, metido a ter premonições que nunca davam certo.

A mulher de Dante se chama Gemma, com dois emes, como ela sempre exigia para não parecer com um mero ovo choco. Odiava gemadas. Mas amava voleibol. Assistia a todos os jogos pela televisão. Masculino e feminino. No jornal, só lia, na sessão de esportes, notícias sobre vôlei. Gemma jogava vôlei, quando conheceu Dante em 1981, numa churrascaria em Santo André.

Gemma era reserva da seleção brasileira que tinha acabado de vencer naquele dia o Sul Americano, quebrando uma hegemonia de onze anos da equipe peruana. "Você só estava na seleção porque a Isabel e a Jackeline se recusaram a disputar o campeonato pois eram contra patrocínio na camisa", jogaria várias vezes na cara dela o Dante, anos depois, sempre que brigavam e ela batia nele com a palma da mão de trinta centímetros, um metro e oitenta e cinco e, cada vez, mais gorda. Hoje usa cabelo curto, tipo escovinha, com laquê, todo espetado, duro mesmo. Numa olimpíada poderia ser confundida com um levantador de pesos. Búlgaro.

Mas, naquele dia, sua altura era perfeitamente proporcional ao corpo. Perfeita. A seleção comemorava o título e Gemma estava triste, cabeça baixa. Tinha entrado duas vezes na partida, em momentos decisivos, apenas para dar seu saque mortal. Errou os dois.

Mas sorriu quando recebeu um bilhetinho trazido pelo garçom:

– Gemma, o saque não é tão importante assim. O que importa é o depósito! Sorria... Dante.

Ela esticou o pescoço como um periscópio e deu de cara com Dante e Virgílio, duas mesas ao lado. Dante deu um tchauzinho. Ela engasgou com a picanha. Seis meses depois, aos vinte anos, Gemma abandonava, de véu e grinalda, seu promissor futuro na seleção brasileira, para se dedicar de corpo e alma aos depósitos de Dante.

Agora, 25 anos depois, Dante consegue, finalmente fazer a aplicação da velhinha. Ela fica felicíssima, agradece várias vezes ao gerente e vai embora bengalando. O computador apita. E-mail. Dante abre, lê. Fica lívido e pasmo, como diria Eça. Virgílio percebe, vai até a mesa dele. E lê.

– Sujou! (não foi bem esse o verbo usado)

Aquele dia, na churrascaria, Dante também estava triste, muito triste. Sua amada, sua paixão havia anos, Beatriz, com 18 anos, tinha ganhado uma bolsa para estudar balé em Paris. Beatriz tinha avisado que iria ficar mais dois ou três anos. Nunca mais voltou. Mas Dante nunca-nunca-nunca esqueceu Beatriz. Durante 25 anos ela não deu mais notícias. Principalmente depois que Dante escreveu dizendo que iria se casar. Vez ou outra, Dante lia nos jornais notícias da sua carreira como bailarina-brasileira-que-faz-sucesso-na-Europa. Bia Florence. Mas agora, ela tinha mais de 40 anos, não devia mais dançar. Dante, cada vez que apanhava de Gemma de dia, sonhava com Beatriz de noite. Não com uma Beatriz de quarenta e poucos, que ele não conhecia, mas com uma Beatriz de 18, linda, maravilhosa, meiga principalmente. Bico do seio cor-de-rosa, que Dante chegou a ver uma única vez, dentro do fusca, num rápido lusco-fusco pré-sexual.

O e-mail:

Aqui é a Bia Florence. Descobri seu endereço!!! Estou voltando definitivamente para o Brasil. Fui convidada para dirigir uma escola de balé em São Paulo. Chego amanhã, no vôo 2882, da Europe Flight, em Guarulhos. Adoraria que você estivesse no aeroporto me esperando. Você me levou, lembra? Seis da manhã, se não atrasar, é claro. Nunca te esqueci. De verdade. Vai, né... Até amanhã. Tout bien?

Beatriz. Aquela.

Ou tudo é uma fantasia minha e você nem se lembra de mim?

Virgílio olhando para a tela e para Dante. Para Dante e para a tela. Dante, distante:

– Seis da manhã... Guarulhos? Beatriz? O que é que eu vou dizer para a Gemma para acordar às quatro da manhã?

Virgílio coça o queixo. Dante, a cabeça. Virgílio, suando:

– Estou tendo uma premonição.

– Pelo amor de Deus, Virgílio! Não começa com essas viadagens!!!

A premonição era de que o avião iria cair na baía de Guanabara. ●

Continua na quinta-feira

Só cliente Speedy acessa grátis o Klickeducação, o mais premiado portal de educação do país.
Assine agora e ganhe o dobro da velocidade até o fim do ano.
Ligue: 0800 12 15 20
Telefônica
www.speedy.com.br

Fig. 47: Obra *O Purga*, de Mario Prata publicada no *O Estado de S. Paulo* (1996)

de tal espaço tenha derivado também da experiência acumulada durante sua permanência no jornal dos Mesquitas. [261]

A atitude das *Folhas* foi diferente da que imperou, por muito tempo, no *O Estado de S. Paulo* e no *Correio Paulistano*, que tentaram empregar fórmulas que impulsionassem ou desse novo fôlego ao gênero. Nesse aspecto, nota-se que o *Correio* talvez tenha se esforçado mais ainda que o *Estado*, pois tentou estabelecer diálogo com novos meios de comunicação, incorporar gêneros que ganhavam cada vez mais destaque como a reportagem, além de responder claramente dúvidas dos leitores acerca dos romances publicados. Porém ambos faziam questão de convencer o leitor da exclusividade da obra ou da importância de colecioná-la, o que continuava a atender a preferência de seus leitores mais antigos.

Enquanto o *Estado* criava expectativas em torno das tramas adquiridas por seu escritório, o *Correio Paulistano* decidiu adotar a partir de 1917, um modelo empregado nos Estados Unidos e na França, com o intuito de juntar a fórmula de sucesso do folhetim com o cinema, que ganhava cada vez mais adeptos desde sua invenção. Assim, da junção entre o espaço folhetim, o cinema e a ideia de serialização nasceu o folhetim cinematográfico, objeto do próximo capítulo.

[261] Cabe mencionar que alguns pesquisadores sugerem que Olival morou em Amparo, sua cidade natal, até 1906, quando se mudou para São Paulo e começou a trabalhar na redação do *Estado*. No entanto, acredita-se que, já desde o fim do XIX, tivesse relações com o jornal, pois o autor de *Aos Domingos* assinava as crônicas com o nome "D'Olival" e sua contribuição era enviada pelo correio. Ver MOTA, Carlos Guilherme, CAPELATO, Maria Helena. *Op. cit*, p. 13.

Capítulo 4: O espaço folhetim e o diálogo com o cinema

Nas últimas duas décadas do século XIX, Paris transformou-se no centro europeu da florescente indústria do entretenimento, patente na multiplicação dos teatros, dos espetáculos musicais, da circulação de uma imprensa periódica muito diversificada, com vários títulos dedicados ao sensacionalismo, e na existência de um mercado editorial dinâmico, capaz de atender a todos os bolsos. Segundo Vanessa Schwartz, determinados locais, alinhados com as narrativas presentes na imprensa, despertavam a atenção dos parisienses, a exemplo dos necrotérios, museus de cera e dos panoramas, grandes painéis pintados de forma contínua e parcialmente iluminados. Esses, tal como os dioramas, baseavam-se na manipulação da experiência do olhar e transportariam os espectadores para tempos e espaços diversos, por meio de uma ilusão que se apresentava eivada de realismo. [262] Schwartz parte da premissa de que o espectador do cinema levou para a experiência cinematográfica modos de ver cultivados numa variedade de práticas culturais que antecederam a difusão das imagens móveis. [263] O interesse pelos inventos que deram origem ao cinema atrelava-se ao fascínio já demonstrado por essas outras atividades, que também simulavam a realidade.

Não cabe aqui detalhar o processo de recepção dos primeiros filmes ou da história do cinema mundial, mas é necessário esclarecer ainda que de forma sucinta, a primazia da produção fílmica por parte dos europeus até 1914, a implacável guerra de patentes e formação de trustes nos Estados Unidos. Assim, o capítulo fornece uma breve perspectiva sobre o desenvolvimento do cinema na França e em território norte-americano, tendo em vista a importância desses países para a compreensão do fenômeno. Vale destacar que foi nessas nações que se registrou a presença do folhetim cinematográfico, modalidade pouco estudada até o momento. A compreensão desta categoria exige que se trate das primeiras manifestações do cinema em São Paulo, do significado do termo e suas variantes e dos folhetins cinematográficos publicados pelo *Correio Paulistano* entre 1917 e 1934, o que evidencia a plasticidade do gênero e seu

---

[262] Diorama era a apresentação em miniatura de cenas da vida real. O primeiro foi criado por *Daguerre* e Charles Marie Bouton e exposto em Londres em 29 de setembro de 1823.

[263] SCHWARTZ, Vanessa. O espectador cinematográfico antes do aparato do cinema: o gosto pela realidade na Paris fim-de-século. In: CHARNEY, Léo; _____. O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo: Cosac&Naif, 2001, p. 411-412.

diálogo com novos meios de comunicação. De fato, tratou-se de uma reinvenção que merece ser investigada.

4.1 Projeções

Em relação ao nascimento do cinema, os debates tornam-se acirrados quando se tenta estabelecer os seus precursores, ainda que, oficialmente, atribua-se a Auguste e Louis Lumière a primazia do invento. Os irmãos apresentaram a primeira projeção de seu cinematógrafo no Grand Café de Paris, localizado no Boulevard des Capucines em dezembro de 1895. Diante de uma plateia estupefata, figuras de homens se moviam, bondes eram puxados por cavalos e soldados marchavam. [264] Sabe-se que, durante muito tempo, houve disputas em torno da invenção dos aparelhos que colocaram em lados opostos os Lumière e o norte-americano Thomas Edison, que segundo especialistas, nunca projetou publicamente fotografias animadas, o que justifica a proeminência dos franceses.

Coube a Georges Méliès, diretor do teatro *Robert Houdin*, produzir filmes divididos em quadros com duração superior a dez minutos e para tal contava com estúdio construído nos arredores da capital francesa que combinava o tradicional palco do teatro e um laboratório fotográfico. Suas primeiras realizações limitaram-se à reconstituição de fatos da atualidade e *féeries*. [265] Méliès produzia o então denominado teatro encenado e uma de suas produções, *A Viagem à Lua* (1902), ajudou-o a vender dezenas de cópias, não só na Inglaterra, onde era exibida em music-halls, mas também para os Estados Unidos. Até 1905, a exibição dos filmes acontecia em barracas de lona em feiras sob os cuidados de seus realizadores, que exibiam sua produção de cidade em cidade. [266]

Algumas firmas animaram-se frente ao crescente mercado, como foi o caso da Pathé Frères, de Charles Pathé, revendedor de fonógrafos, que construiu um estúdio de cinema e contratou Ferdinand Zecca para dirigi-lo. O negócio demonstrou ser rentável, pois as vendas das cópias pagavam as rudimentares decorações envolvidas na produção e os atores anônimos. Em 1908, a Pathé abriu sucursais e estúdios em outros países,

[264] ROSENFELD, Anatol. *Cinema: arte e indústria*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 62.
[265] A *Féerie* foi um gênero teatral de sucesso na França no século XIX, inspirado em contos e compostos de criaturas sobrenaturais como as fadas. Durante a encenação se utilizavam certos artifícios para representar no palco efeitos de magia.
[266] SADOUL, Georges. *O cinema*. Rio de Janeiro, CEB: 1951, p.21-22; 238.

passou a fabricar películas virgens e aparelhos de projeção, além de reproduzir em laboratórios próprios as cópias, tornando-se uma grande empresa. Nesse momento, a exibição dos filmes invadiu os teatros-casinos, as salas municipais e começou-se a construir edifícios específicos para a projeção. [267]

Em relação aos Estados Unidos, pequenas companhias surgiram como a Fox, Carl Laemle, Warner, Zukor e Marcus Loew, ainda que contassem com poucas obras originais. Alguns cineastas ganhariam projeção internacional, caso de David Griffith, que entre 1908 e 1912, produziu em bobinas pequenas cem filmes por ano para a Biograph. Algum tempo depois, Griffith tornou-se independente e filmou *O Despertar de uma nação* (1915), cujo conteúdo racista provocou conflitos em cidades norte-americanas. Nesse contexto surgiu o cômico Charles Chaplin, logo disputado entre as companhias.

Por tudo isso**,** é fácil imaginar o entusiasmo que o cinema causou na capital paulistana. Segundo Rubens Machado Júnior, as primeiras projeções de cinematógrafo na cidade ocorreram em fins do século XIX, nas quais se mostravam imagens da Praça da Bastilha em Paris, cães brincando com crianças e o movimento numa estação de trens. [268] Mas antes dessas apresentações, o kinetoscópio chegou ao Brasil pelas mãos do tcheco Frederico Figner, que adquiriu seis aparelhos na exposição de Chicago, oportunidade em que também tomou conhecimento da existência do fonógrafo.

O kinetoscópio era uma caixa de 1,20 metro de altura, no interior da qual se movia uma fita semelhante às cinematográficas, movida por roldanas. Em cima havia um orifício com lente de aumento, pela qual o espectador observava a cena durante quarenta segundos, depois de haver acionado o maquinismo, graças à introdução de uma moeda. É difícil precisar como Figner conseguiu comprar o aparelho, uma vez que Thomaz Edison apenas os alugava a representantes a fim de preservar seus direitos sobre o produto. Já a primeira sessão de cinema em São Paulo parece ter ocorrido em 07 de agosto de 1895, de forma reservada, com a presença de Campos Salles e família, além

[267] Idem, p. 24-25; 239. Cabe destacar que inspirados pela experiência francesa, a partir de 1908 outros países europeus passaram também a produzir filmes e a utilizar atrizes célebres do teatro (Dinamarca) e fundar novos gêneros (Itália).

[268] MACHADO JR, Rubens. São Paulo e o seu cinema: para uma história das manifestações cinematográficas paulistanas. (1899-1954). In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*: a cidade no Império 1823-1889. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

de seus secretários, enquanto a pública, mediante pagamento dos interessados, deu-se no dia seguinte conforme se pode apurar pelos jornais. [269]

As projeções pioneiras com o cinematógrafo em São Paulo foram atribuídas a Georges Renouleau, fotógrafo francês que, após incêndio no prédio em que ficava seu estúdio e domicílio, viajou para Paris e lá adquiriu um projetor e vários filmes, retornando ao Brasil na expectativa de abrir de novos horizontes com o moderno aparelho. Ao que parece, os irmãos Lumière não vendiam seus projetos, o que leva a crer que Renouleau talvez tivesse se tornado um representante deles ou estabelecido alguma espécie de sociedade, mas o fato é que as suas projeções foram noticiadas por jornais não só da capital paulista, mas também do Rio de Janeiro. [270]

Os salões valiam-se das projeções como forma de atrair o público, assim como o fizeram também bares e cafés. Vale lembrar a existência de outros inventos como o "mustocope" que passou do uso individual ao coletivo, com o nome de "animatógrafo". Tratava-se de olhar uma série de fotografias ou desenhos girando numa determinada velocidade, vistas através de uma lente de aumento. O interesse em atrair o público fez com que donos de salões, circos, clubes e café-concertos, adquirissem aparelhos. Percebeu-se que para por em funcionamento esse tipo de atração era preciso apenas duas ou três pessoas, ao passo que se necessitava de um grupo numeroso para fazer funcionar um circo ou teatro. [271] Sabe-se que só a partir de 1907, salas regulares de projeção cinematográfica foram implantadas, caso do Bijou-Palace, seguido por uma série de outras, sempre nas ruas do Triângulo. [272]

4.2 O folhetim cinematográfico

Além do grande interesse que a sociedade passou a ter pelo cinema em várias partes do mundo, muitos produtores acabaram se envolvendo desde seus primórdios em polêmicas. A Edison Studios, por exemplo, foi acusada de formar um grande truste, que obrigava produtores e distribuidores a pagar determinada quantia para exercer suas

[269] BARRO, Máximo. *A primeira sessão de cinema em São Paulo*. São Paulo: Tanz do Brasil, 1996, p.48-61; 71-85.
[270] Idem.
[271] Idem, p. 176.
[272] MACHADO JR, Rubens, *Op. cit*.

atividades. No entanto, apesar das acusações, a empresa foi pioneira na produção de doze episódios do folhetim *What Happened to Mary*? lançado em 1912 no cinema ao mesmo tempo em que se publicava o texto na revista *Ladies' World*. Fundava-se assim uma nova modalidade denominada folhetim cinematográfico, que consistia na publicação de episódios em jornal ou revista, ao mesmo tempo em que se exibia a trama nas telas do cinema.

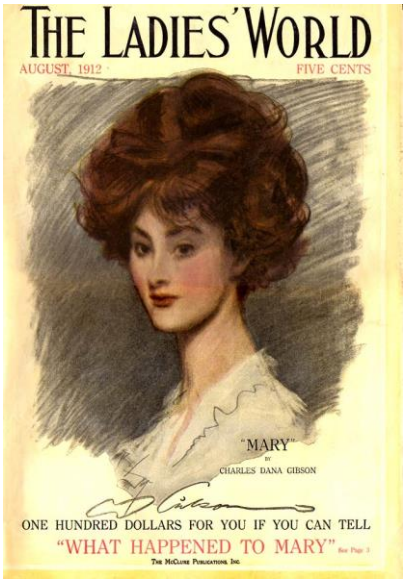


Fig. 48: Capa da revista *The Ladies' World* em que se anuncia *What Happended to Mary* (1912)

O termo folhetim cinematográfico foi utilizado por jornais brasileiros que aderiram à prática. No entanto, tanto na França quanto nos Estados Unidos, uma série de denominações foram utilizadas, mas não com o mesmo significado. Um desses era o *ciné-roman* e, segundo um dicionário que reúne verbetes relacionados ao cinema, consistia num *feuilleton cinematographique présenté hebdomadairement dans les salles de cinema, parallèlement à la publication de ses textes dans le quotidiens*. [273] Christophe Feuillade chamou atenção para outro termo, o *roman-cinéma*, que além de possuir a mesma característica, ou seja, ter o enredo projetado nas salas e publicado, sob a forma de folhetim na imprensa, distinguia-se pela possibilidade de ser vendido sob o formato de fascículos semanais. [274] Outros pesquisadores utilizam a nomenclatura *film-feuilleton* para designar a mesma prática. [275]

[273] ROY, André. *Dictionnaire Général du Cinéma*. Québéc: Fides, 2007, p. 95.
[274] TREBUIL, Christophe**.** *Un cinéma aux mille visages: Le film à épisodes en France.* Paris: AFRHC, 2012, p.16.

Já o vocábulo francês *film à episodes* consistia em filmes que passaram a ser produzidos numa época em que o longa metragem ainda não havia se imposto. Tratava-se de filmes previamente "fatiados" por seus idealizadores, em tamanhos mais ou menos iguais, cuja trama principal era acompanhada por intrigas secundárias. [276] Entretanto, um *film à episodes* nem sempre contava com publicação concomitante na imprensa e nem havia sido criado no momento em que o enredo começou a ser publicado nos jornais. O formato apareceu antes disso, a partir de 1910, com os *serials*, filmes norte-americanos produzidos em episódios, o que obrigou as corporações francesas de cinema a ter uma organização mais eficaz. Até então alguns filmes do tipo já haviam sido rodados em torno das peripécias de um policial ou de um criminoso, entretanto, sua periodicidade havia sido muito irregular como foi o caso de *Nick Carter, le roi des détectives* (1908), de Victorian Jasset. [277]

Em relação às palavras utilizadas na língua inglesa, havia um conjunto que designava diferentes tipos de prática como a já mencionada *serial*, mas também *serial novel* e *serial fiction*, que se referiam ao romance-folhetim, além de *serialized fiction* e *serialized novel*, que representavam romances em folhetim. [278] Aparentemente, a publicação dos episódios fílmicos nos jornais norte-americanos, não recebia um termo específico tal qual seus congêneres franceses. No caso dos jornais pesquisados encontraram-se quatro tipos de termos: folhetim-cinema, folhetim cinematográfico, romance-cinematográfico e romance-cinema, todos indicando que a obra publicada no periódico também tinha seus episódios exibidos nas salas da cidade.

A batalha pelo público continuava cada vez maior após a publicação de *What Happened to Mary*? Em 1913, foi a vez do folhetim *Aventuras de Catarina* render cinquenta mil novos leitores para o *Chicago Tribune*. [279] Para não ficar atrás do

---

[275] Em 2015, o site do *Le Figaro* trouxe aos internautas a reportagem *Téléfim, série, feuilleton: quelle est la différence?* de modo a explicar o significado desses termos, o que demonstra que ainda há confusão entre eles na atualidade. Ver: http://tvmag.lefigaro.fr/le-scan-tele/series/2015/07/17/28005-20150717ARTFIG00281-telefim-serie-feuilleton-quelle-est-la-difference.php

[276] Idem.

[277] Idem, p. 19.

[278] CACHIN, Marie-Françoise, COOPER-RICHET, Diana…*Op. cit*, p. 313.

[279] A disputa dos jornais acabou nos anos seguintes envolvendo também a guerra que se desenrolava na Europa, já que a imprensa financiou despesas e salários de pelo menos um correspondente e um operador de câmera, chamados de "cinematógrafos-aventureiros" para fazer imagens do conflito. O *Chicago Tribune* patrocinou os títulos *European War Pictures or on the Belgian Battlefield* (1914), *The German side of the war or German war Pictures* (1915) e *Russian Battlefield* (1915). Já o *New York Sun* financiou *Motions Pictures of the Great War* (1914), enquanto o *Chicago News* custeou *On the Firing*

concorrente, o *Chicago Evening* produziu *The Active Life of Dolly of the Dailies*, enquanto o serializava em suas páginas. Segundo Roger Hagedorn, devido ao enorme sucesso alcançado, o proprietário do *Evening* resolveu financiar outros folhetins disponibilizados no jornal como *Lucille Love*, *Girl of Mystery*, ambos de 1914, e *The Perils of Pauline*, produzido pela Pathé. O enredo de *Pauline* foi considerado o "the first of the big-money serials," o que fez com que o dono do *Chicago Tribune*, Cyrus McCormick, investisse 125 mil dólares em *The Million Dollar Mystery* e obtivesse lucros de 500 mil dólares, com rendimento aos acionistas na casa dos 700%. Assim, no fim do ano de 1914, vinte séries haviam sido filmadas e distribuídas, número que subiu para cinquenta no ano seguinte. [280]

A imprensa seguia com o cerco, veiculando slogans para instigar o público como "*Read it here in the morning: see it on the screen tonight*," algo como "Leia aqui de manhã: veja hoje à noite na tela." Em contrapartida, cartazes eram fixados no rol das salas de projeção, bem como havia lembretes incitando o espectador a procurar a versão escrita da narrativa. Segundo Véronique Elefteriou-Perrin, tais práticas assumiam a função de guias narrativos, que permitiam as produções fílmicas enfrentar os limites impostos por seu formato e tornar mais legível a inteligibilidade da intriga. Além disso, tal como já havia ocorrido com os romances-folhetins, um conjunto de produtos passou a ser comercializado com a temática da trama, o que incluía cartazes espalhados pelos muros e trens da cidade, concursos para adivinhar o final da estória e distribuição de souvenires antes ou depois da exibição do filme. [281]

Quanto à França, a historiografia aponta que o primeiro *film-feuilleton* surgiu por volta de 1915, com a veiculação no *Le Matin* de *Les mystéres de New York*, adaptado por Pierre Decourcelle e composto por 22 episódios, ainda que não tenha sido rodado na França. Antes desse lançamento, Louis Feuillade lançou, entre 1913 e 1914, cinco filmes com narrativas independentes, baseados na obra *Fantômas*, de Pierre Souvestre e Marcel Allain. Em seguida, foi a vez de *Les Vampires*, com dez fitas, vir a público entre 1915 e 1916. No entanto, não se tratava de filmes em episódios, já que o primeiro se

---

line with Germans (1915). Todos tinham entre dois e nove rolos e fascinaram os telespectadores por serem imagens em movimento de uma guerra contemporânea e relativamente próxima. Ver: ABEL, Richard. *Americanizando o filme: ensaios de história social e cultural do cinema*. São Paulo: Cinemateca Brasileira, 2013, p. 187.

[280] HAGERDORN, Roger. Doubtless to be continued: a brief history of serial narrative. In: ALLEN, Robert C. *To be continued…soap operas around the world*. Londres: Routledge, 2001, p. 33.

[281] ELEFTERIOU-PERRIN, Véronique. Film-feuilleton, guerres et propagande aux Etats-Unis. In: CACHIN, Marie-Françoise, COOPER-RICHET, Diana…*Op. cit*, p. 302.

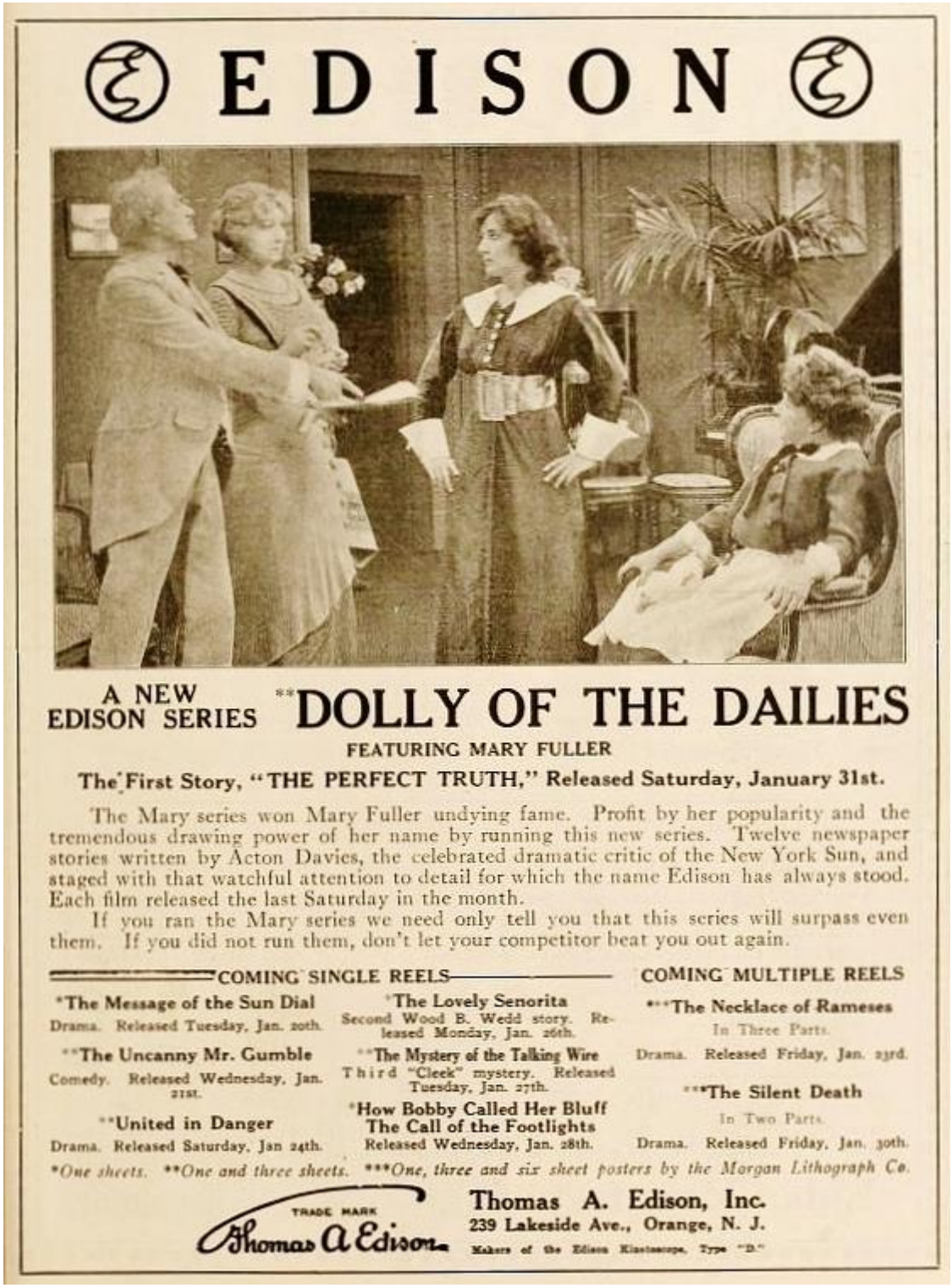


Fig. 49: Cartaz de divulgação de *The Active Life of Dolly of the Dailies*, publicado pelo *Chicago Evening*.

apresenta mais como uma série e o segundo teve sua filmagem comprometida pela deflagração da Primeira Guerra. [282] Há discordâncias na historiografia sobre o pioneirismo de *Les mystéres de New York* como *film à episodes*, nos moldes do *serial* norte-americano, pois *le Trois de coeur* foi projetado no Théâtre du Châtelet semanas antes. Apesar de feito sucesso na época, a obra não poderia ser apontada como o primeiro *film-feuilleton* por não ter sido acompanhada de publicação na imprensa cotidiana, além de não ter sido alvo de campanhas do porte da empreendida pela Pathé para a divulgação de *Les mystéres de New York.* [283]

Este, produzido e distribuído pela Pathé-Exchange, filial americana da matriz, foi difundido com exclusividade, a partir de 04 de dezembro de 1915, em 156 salas de uma só vez. Diante do sucesso estrondoso, decidiu-se produzir episódios suplementares e dos 22 iniciais passou-se para 36, reunidos em dois títulos: *Les nouveaux exploits d'Elaine* e *La romance d'Elaine*. No entanto, apesar da designação de *Les mystéres de New York*, a narrativa não se limita a esta cidade e nem a seus *bas-fonds*, cabendo o destaque para as aventuras da jovem Elaine Dodge, portadora de um estilo diferente, moderno, perseguida pelo chefe de um bando criminoso e interpretada pela norte-americana Pearl White (1889-1938). [284]

Entretanto, antes mesmo da criação de tal modalidade, os escritores franceses não poderiam ignorar o cinema, primeiro porque os jornais solicitavam, com frequência, que se comparassem este com o teatro, expondo sua opinião sobre seus méritos e vaticinando sobre seu futuro. Além disso, o cinema se utilizava da trama de romances, o que acabou por levantar a questão do direito autoral. Um dos primeiros casos polêmicos foi o do filme *Faust*, realizado por George Mèliés em 1904, em que os herdeiros do compositor da melodia prestaram queixa por não terem sido consultados. O fato alertou autores dramáticos sobre uma possível *contrefaçon*, uma vez que nenhuma associação cinematográfica solicitava permissão para adaptar a obra de um escritor. [285]

---

[282] TREBUIL, Christophe. *Op. cit*, p. 51.
[283] Idem, p. 44.
[284] BOULANGÉ, Guillaume, GRIGNON, Prisca. To be continued ou l' aventure infinite des Mystères de New York. In: KALIFA, Dominique, THÉRENTY, Marie-Éve. *Les Mystères urbains au XIX siècle: circulation, transferts, appropriations, publications*. Disponível em: http://www.medias19.org/index.php?id=21466#ftn5. Acesso em: 24 mai. 2016.
[285] CAROU, Alain. L' invention du "film-littéraire" ou comment le cinema français rencontra les écrivains. Conférence. École des Chartes (ELEC). Disponível em: http://elec.enc.sorbonne.fr/conferences/carou. Acesso em: 21 mai. 2016.

Nesse contexto, Pierre Decourcelle resolveu fundar em 1908, com Eugène Gugenheim, a *Société cinématographique des auteurs et gens de lettres* (SCAGL), financiada e presidida por Charles Pathé. Segundo Christine Leteux, alguns meses antes

Fig. 50: Cartaz de divulgação de *Les mystéres de New York (1915)*.

de a sociedade ser formada, Decourcelle havia entrado em contato com Gustave Simon, o curador do espólio de Victor Hugo, para confirmar sobre o seu interesse sobre o empreendimento que envolvia a adaptação da obra do escritor para as telas. [286] Desse

[286] Com sua aquiescência, Simon recebeu um contrato para assinar que ainda nem tinha o nome da nova companhia em formação. Dias depois do anúncio da fundação, Decourcelle enviou a Simon outra carta na qual o convidava para ir até um endereço localizado na Rue de La Chaussée d'Antin, 68, para discutir a proposta de adaptação. Ver: LETEUX, Christine. *Albert Capellani: Pioneer of the Silent Screen*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2015.

modo, Decourcelle especulava se o detentor de uma das grandes fortunas literárias da França estaria disposto a negociar os direitos de Victor Hugo para o ramo cinematográfico. E diante da resposta positiva e do apoio financeiro de Charles Pathé, a sociedade foi fundada, já com a certeza de realizar o negócio. Sua organização objetivava adaptar antigos romances-folhetins, sob a administração da *Société des Gens de Lettres*, o que se tornou viável uma vez que Decourcelle possuía muito prestígio junto aos seus colegas. No programa de apresentação da sociedade esclarecia-se que:

> Nous avons choisi les auteurs, nous avons retenu la crème : les noms les plus illustres d'hier aux côtés des contemporains les plus remarquables. […] Pour les avoir avec nous, nous leur avons offert des conditions exceptionnelles. Nous avons fixé un prix au mètre, puisqu'il est impossible de payer autrement les droits d'auteur pour des films qui sont projetés à des millions de spectateurs, sur les îles Hawaii comme dans les steppes d'Ukraine. Dans les prés du bois de Vincennes, à deux pas du Donjon – dont les fossés nous ont servi pour reconstituer l'exécution du Duc d'Enghien –, nous avons construit un studio merveilleux, où une immense salle en verre nous permet tout aussi bien de tourner quatre films en même temps… Il ne nous manque rien, pas même une installation au mercure pour la lumière artificielle les jours sans soleil. [287]

Cabe destacar que Decourcelle pretendia que a sua organização se valesse de um panteão de escritores, com vantagens para todos os envolvidos, mesmo os que já haviam falecido, beneficiando assim seus herdeiros. Podem-se citar como exemplo, as seguintes adaptações levadas a cabo: *L'Arlésienne*, de Alphonse Daudet (1909), *Le Roman d'un jeune homme pauvre*, de Octave Feuillet e *La Closerie des genêts*, de Frédéric Soulié (1911), *Les Misérables*, de Victor Hugo, *Les Mystères de Paris*, de Eugène Sue e *La Porteuse de pain*, de Xavier de Montépin (1912), *Sans Famille*, de Hector Malot (1913). Como não poderia deixar de ser, a obra do próprio Decourcelle também teve sua adaptação caso de *Les Deux Gosses* (1912). [288] No catálogo coletivo de bibliotecas e arquivos de cinema denominado *Ciné-Ressources*, disponível na internet, existem referências a pelo menos 354 filmes ligados a *Société cinématographique des auteurs et gens de lettres* (SCAGL), o que demonstra o alcance do empreendimento chefiado por Decourcelle e Gugenheim. [289]

---

[287] Apud *1895: Revue de l' association française de recherché sur l'histoire du cinema.* Pierre Decourcelle. Disponível em: http://1895.revues.org/90. Acesso em: 20 mai. 2016.
[288] Idem.
[289] Ver: http://www.cineressources.net/

Alguns escritores, por seu turno, estavam preocupados com a expansão do cinema e sua ingerência nas obras literárias, tanto que Jules Mary achou pertinente criar, no interior da SCAGL, um órgão denominado *Comission du Cinéma et de la Traduction*, encarregado de elaborar um estatuto do romance-cinema. [290] Tal preocupação era uma questão recente, mas que remontava a uma discussão antiga, que remontava ao século XIX, e uma das justificativas para a criação da *Société des Gens de Lettres*, com a qual Decourcelle teve que se entender a propósito dos direitos.

Louis Desnoyers, diretor do jornal *Siècle* e editor de Alexandre Dumas, organizou de fato a entidade em 1838, com a participação de 85 escritores e cujo propósito original era o de recolher e repartir os direitos gerados pela publicação dos romances-folhetins na imprensa. [291] Os aderentes repassavam os direitos das obras que desejassem para a SGDL, que atuava como intermediária entre o escritor e a imprensa francófona. No caso das obras não geridas pela entidade, a sua reprodução ficava proibida nos jornais associados à *Société*.

Esta restrição era uma forma de obrigar o autor a filiar-se à entidade, pois a maior parte dos grandes periódicos tinham relações com a instituição. A cada mês, a SGDL comunicava a lista de romances que os jornais podiam publicar e se, por acaso, um autor decidisse tratar diretamente com as folhas, sem passar pela sociedade, ele era multado e excluído do quadro em caso de reincidência. Desse modo, a SGDL negociava apenas os direitos de reprodução do que seria veiculado na imprensa, mas não a edições de livros. À medida que os meios de comunicação de massa se multiplicavam, a *Société* acrescentou ao seu repertório produções derivadas não só do meio cinematográfico, mas posteriormente radiofônico e televisivo. [292]

Além disso, a criação da *Société cinématographique des auteurs et gens de lettres* motivou a introdução do primeiro cine-jornal distribuído semanalmente aos espectadores de vários países. Tratava-se do *Pathé-Journal* (1908), que informava as últimas notícias nacionais e internacionais, filmadas por funcionários da empresa

[290] QUEFFELÉC, Lise. *Op. cit*, p. 115-116.

[291] A instituição fora ideia de Balzac, que defendia a existência de uma entidade de romancistas, ainda que ele mesmo tenha participado inicialmente por apenas seis meses da mesma. Com sua desistência, Louis Desnoyers, diretor do jornal *Siècle* e editor de Alexandre Dumas, retomou o projeto e reuniu o primeiro grupo de escritores que reorganizaram a entidade, novamente com a participação de Balzac. Esta foi fundada finalmente em 1838, por 85 escritores e tinha como propósito originalmente, recolher e repartir os direitos gerados pela publicação dos romances-folhetins na imprensa.

[292] Disponível em: http://www.sgdl.org/sgdl/presentation/histoire. Acesso em: 23 mai. 2016.

espalhados pelo mundo. Suas versões e nomes variavam de acordo com o local que era projetado. Na Inglaterra era denominado de *Pathé's Animatece Gazette* (1910-1969, posteriormente *Pathé News*), enquanto nos Estados Unidos, sua primeira edição havia sido exibida em 1911. Seu sucesso motivou a sociedade Gaumont a lançar seu próprio jornal em 1910, o *Hebdo Gaumont actualité.* Embora o *Pathé-Journal* tenha sido muito popular devido o alcance atingido, ele não foi o pioneiro do gênero, cabendo a primazia ao *Day by day*, produzido por Well Baker e restrito a um único cinema, o Empire, localizado em Leicester Square, em Londres. [293]

Segundo descreveu Christophe Trebuil, as regras para organizar a prática de difusão do folhetim cinematográfico eram quase as mesmas para a maioria das agências de distribuição. Durante a escrita do roteiro ou mesmo de sua realização, o negócio era fechado com os jornais, que deveriam publicar um romance-folhetim durante os sete dias que antecedessem cada nova exibição. Antes da estreia, anúncios publicitários deveriam aparecer no periódico e deveriam tanto fazer propaganda da narrativa em si, quanto apresentar os intérpretes e listar as salas de cinema que difundiriam os episódios. Claro que, tal logística não poderia ser levada a cabo por qualquer agência. Apenas as mais importantes poderiam custear algo tão oneroso. [294]

Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, houve o declínio do cinema francês, não só em termos de produção, com estúdios sendo requisitados pelo exército e convocações para o campo de batalha, mas também em relação a sua exibição. Muitas salas de espetáculo foram fechadas por conta da falta de pessoal qualificado e, em Paris, havia ainda toque de recolher, além de cortes na eletricidade durante a noite. [295] Diante dessa estagnação, a indústria perdeu influência internacional, o que colaborou para que os Estados Unidos aos poucos assumissem o monopólio da produção, distribuição e exibição dos filmes, dominando assim a indústria cinematográfica concentrada no distrito de Hollywood, em Los Angeles.

No entanto, segundo Lise Queffeléc, a modalidade do *cinéroman* declinou apenas no final dos anos de 1920, com o advento do cinema falado. Vários romances foram publicados em jornais, como no já citado *Le Matin*, *Le Journal*, *L' Echo de Paris* e *Le Petit Parisien*, enquanto os filmes eram dirigidos por nomes de prestígio no meio

[293] SABADIN, Celso. *Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997, p. 74.
[294] TREBUIL, Christophe. *Op. cit*, p. 20.
[295] Idem, p. 46-47.

cinematográfico como Henri Fescourt, René Leprince e Germaine Dulac. Ainda de acordo com Lise, o *cinéroman* muitas vezes ilustrava seus fascículos com fotos extraídas do filme, evidenciando assim o dinamismo do romance-folhetim, que se articulava aos meios de comunicação mais modernos. [296]

Cabe destacar dois pontos fundamentais sobre o folhetim cinematográfico: não se sabe se a publicação das histórias na França e nos EUA figurava só no rodapé ou se apareciam em outros lugares do jornal. Para a obtenção de tal dado seria necessário levar adiante pesquisa sistemática e comparativa na imprensa dos dois países no período em questão. Também não se pode esquecer que os filmes rodados até quase o fim da década de 1920 eram mudos, tendo acompanhamento de músicas ou efeitos sonoros rudimentares que substituíam a ausência de fala dos personagens. Pode-se levantar a hipótese, de que tal modalidade de folhetim tenha despertado a simpatia do público, justamente por esse motivo: o texto publicado nos jornais ajudaria na interpretação dos acontecimentos assistidos, facilitando assim sua compreensão.

No caso brasileiro, o cinema logo se tornou tema de crônicas, bem como de textos de ficção, mas só a partir da década de 1910 que haveria uma colaboração mais direta de escritores com o novo meio de comunicação, tanto na qualidade de roteirista, caso de Coelho Neto, com *Os Mistérios do Rio de Janeiro* (1915) e Bastos Tigre que criou legendas para *O filme do Diabo*, no mesmo ano. Já Olavo Bilac participou como diretor de um trecho de *A Pátria Brasileira* (1917). [297] Inclusive, o sucesso alcançado por *Les mystéres de New York* havia influenciado Neto na elaboração do roteiro. A princípio, a narrativa teria seis partes, no entanto, apenas uma única foi efetivada e exibida em sessão restrita à imprensa em 26 de março de 1917. A trama tinha como mote a história de Djalno de Khéper, príncipe de Tannis, e de sua amante Fiametta e apesar de ter sido inspirada num modelo estrangeiro, tinha uma boa dose de exotismo, além dos artistas brasileiros se moldarem às peripécias estrangeiras. [298] Já o filme de Bilac era um longa metragem, produzido pela Paulista Filme e distribuído pela Cinemacolor de São Paulo.[299]

---

[296] Idem.

[297] SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 44.

[298] Para mais informações sobre sua influência ver: CARVALHO, Danielle Crepaldi. Os mistérios da cidade moderna: a propósito de *Os Mistérios de Nova York* (1914) e seus congêneres brasileiros. *Significação - Revista de Cultura Audiovisual*, v. 42, p. 74-95, 2015.

[299] Disponível em: http://www.cinemateca.gov.br/. Acesso em: 25 mai. 2016.

Para o público em geral, ir pelo menos uma vez por semana ao cinema, ostentando a melhor roupa, tornou-se um hábito das pessoas e meio de obter reconhecimento social. [300] Foi o momento também em que os jornais brasileiros, reproduziram a experiência internacional de publicar o folhetim-cinematográfico, inclusive utilizando o prestigiado *Os Mistérios de Nova York*. Em São Paulo, tal obra foi publicada pelo jornal *A Capital*, enquanto era exibido nos cinemas paulistanos, inclusive no Iris Teatro. [301] No Rio de Janeiro, este foi publicado pelo jornal *A Noite*, conforme anúncio de março de 1916:

> O simples romance (...) Mistérios de Nova York constituiria por si só mais um novo e grande triunfo da literatura policial, tão grande quanto as aventuras de Sherlock Holmes, o mais interessante, o mais original, porém é que os americanos souberam conjugar perfeitamente esses episódios ao cinematógrafo, constituindo um só trabalho literário e artístico, tornando o romance ainda mais empolgante (...) o cinema Pathé vai exibir de acordo conosco, o sensacional romance americano, que depois de lido nessa folha, será visto na tela de projeções desse acreditado estabelecimento, dando sensações inéditas ao leitor-espectador (*A Noite*, 08 mar. 1916, p. 1).

É interessante a referência que o anúncio faz ao novo papel que o leitor, a partir do advento da nova modalidade, passaria a desempenhar: o de espectador. Nesse sentido, por fim, se explicava que a junção das duas práticas complementaria o que faltava na outra, pois "o filme é a ilustração animada do romance e este é a explicação necessária do filme". E seguida, o jornal explicava o modo pelo qual funcionaria o folhetim cinematográfico, tal qual como ocorria em outros países:

> Para regularidade das exibições, ficou combinado que cada episódio será por nós publicado durante uma semana, finda a qual a Pathé fornecerá ao público a fita respectiva. Assim, começaremos a publicação amanhã, devendo ser o primeiro filme, correspondente ao primeiro episódio, que como dissemos, é destacado dos demais, [e será] exibido na próxima quinta-feira. (*A Noite*, 08 mar. 1916, p. 1).

Dentre os jornais paulistanos pesquisados, apenas o *Correio Paulistano* decidiu adotar a modalidade a partir de 1917, ao publicar episódios da película francesa *Judex*, de Artur Bernède, cinematografado por Louis Feuillade, e que havia sido exibido inicialmente apenas no Rio de Janeiro. Segundo a nota de apresentação, a obra reunia "inesperados e sensacionais lances dramáticos, cenas de um irresistível cômico ou de uma poderosa expressão trágica, bordadas de interessantíssimos pormenores e situações

---

[300] SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____. (org.) *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 598-599.
[301] *Correio Paulistano*, 07 abr. 1916, p. 8.

Fig. 51: Cartaz de divulgação de *Judex*, publicado no *Le Petit Parisien*.

absolutamente novas." [302] Após enaltecer os motivos pelos quais a obra destacava-se, o *Correio* informou que a publicação estava prevista para começar em 21 de outubro, a fim de proporcionar ao público "a leitura interessantíssima de uma das maiores peças cinematográficas da atualidade." [303]

A trama foi publicada no espaço folhetim, em oito colunas, separada por um traço do restante do jornal e com um grande destaque para o título do romance, seguido do aviso "este grande filme, de propriedade da Companhia Cinematográfica Brasil está sendo exibido nos cinemas da capital e do interior do Estado." No fim, a palavra "continua" fechava o episódio do dia. [304] O filme também estava em cartaz em Ribeirão Preto, no Teatro Carlos Gomes. [305]

[302] *Correio Paulistano*, 20 out. 1917, p. 2.
[303] Idem.
[304] *Correio Paulistano*, 02 nov. 1917, p.3.
[305] *Correio Paulistano*, 16 nov. 1917, p. 9. Em 1963, sob direção de Georges Franju, foi realizado um remake de *Judex*, com a participação dos atores Channing Pollock, Edith Scob e Francine Bergé.

CORREIO PAULISTANO - Segunda-feira, 22 de outubro de 1917

Judex

Grande romance cinematographico de ARTHUR BERNEDE

Creado e cinematographado por Louis Feuillade

(FILM GAUMONT)

(Esto grande film, do proprietario da Companhia Cinematographica Brasileira, começará a ser exhibido por estes dias nos chamados da capital e do interior do Estado).

1.º EPISODIO

Fig. 52: Publicação de *Judex* no rodapé do *Correio Paulistano* (1917)

Segundo Christophe Trebuil, *Judex* pode ser considerado o protótipo de um verdadeiro *film à episodes* produzido na França, sobretudo, porque a partir de sua execução, que Louis Feuillade e Léon Gaumont conseguiram implantar uma espécie de modelo da categoria, que tinha como forte característica a produção de doze episódios fixos e que predominaria nas produções francesas até 1922, ainda que existissem outros formatos. O número adotado correspondia a quantidade de tempo que se poderia explorar comercialmente a trama junto ao público, ou seja, durante doze semanas, num total de três meses. Na teoria, uma sala poderia projetar quatro filmes desse gênero por ano, assim durante os doze meses a sociedade produtora da película teria seus lucros garantidos. No entanto, na prática, a situação foi outra e Feuillade executou apenas oito filmes nesse estilo entre 1917 e 1922, e posteriormente um com cinco episódios e dois com seis, antes de falecer em fevereiro de 1925. [306]

Inclusive a "paternidade" de *Judex* é frequentemente discutida, pois, Artur Bernéde apresentou o projeto do romance em doze episódios a Gaumont e Feuillade, e estes teriam, como anunciado no cabeçalho presente no *Correio Paulistano*, "cinematografado," ou seja, novelizado a produção. O testemunho de Yvette Andréyor (1891-1962), atriz que interpretou a personagem Jacqueline Aubry no filme, evidenciou que Feuillade, apesar de não ter sido o criador da trama, foi mais ovacionado do que seu autor original, Artur Bernède. Para equilibrar a situação, alguns pesquisadores apontam que a continuação do filme, denominado *La nouvelle mission de Judex* (1918), teria sido iniciativa de Bernéde com o patrocínio do jornal *Le Petit Parisien*. Todavia, geralmente na imprensa quem recebia os elogios da obra eram os escritores e pouco se mencionava sobre os realizadores, exceto quando estes também faziam o papel de roteiristas da produção. Inclusive, muitas vezes o nome do romancista era mencionado na função de "autor do filme," enquanto seu realizador era evocado como "adaptador do cinema," o que certamente contribuía para as confusões. [307]

A partir de dados recolhidos nos anúncios das salas de cinema que exibiam o filme *Judex* em São Paulo, pode-se acompanhar o momento de sua publicação no jornal e o da disponibilização ao público, como se verifica na tabela abaixo:

[306] TREBUIL, Christophe. *Op. cit*, p. 52.
[307] Idem, p. 69, 72-73.

Quadro VI – Circulação do folhetim cinematográfico *Judex* em São Paulo (1917-1918)

Episódio	**Data de publicação no *Correio Paulistano***	**Data da exibição no cinema**	**Local de exibição**
1°	22/10/1917	16/12/1917[308]	Teatro São Pedro
2°	24/10/1917	13/11/1917 25/11/1917	Teatro São Paulo Teatro Guarany
3°	29/10/1917	13/11/1917 25/11/1917	Teatro Central Pathé Palácio
4°	03/11/1917	13/11/1917 20/11/1917 21/11/1917	Pathé Palácio e Teatro Brasil Rio Branco Teatro São Paulo
5°	10/11/1917	20/11/1917 26/11/1917 06/12/1917	Teatro Central Royal Theatre Teatro Guarany
6°	16/11/1917	28/11/1917 29/11/1917	Teatro Central Pathé Palácio
7°	23/11/1917	05/12/1917 11/12/1917 20/12/1917	Cinema Central Teatro São Paulo Teatro Guarany
8°	28/11/1917	14/12/1917 17/12/1917 18/12/1917	Campos Eliseos Royal Theatre Teatro Rio Branco e Teatro São Paulo
9°	06/12/1917	18/12/1917 20/12/1917 24/12/1917	Teatro Central Pathé Palácio Rio Branco

[308] Na pesquisa realizada não se encontrou datas mais próximas de exibição do primeiro episódio em relação a sua publicação no jornal.

10°	15/12/1917	25/12/1917 30/12/1917	Teatro Central Teatro Brasil
11°	19/12/1917	01/01/1918 02/01/1918	Teatro Central Pathé Palácio
12°	24/12/1917	08/01/1918 12/01/1918 13/01/1918 15/01/1918	Teatro Central Teatro Guarany Teatro Brasil Teatro Rio Branco

Verificou-se que o tempo decorrido entre o *Correio Paulistano* publicar o novo episódio e sua exibição variava de dez a quinze dias, o que se justificava pelo fato de os episódios serem longos e não poderem ser apresentados de uma só vez nas páginas do jornal. Por isso, um único episódio de *Judex* era distribuído ao longo de cinco ou seis dias consecutivos. Os leitores poderiam acompanhar a sequência correta graças à numeração no canto superior à direita do título. Também fica evidente que, apesar de o jornal avançar na disponibilização de episódios da trama, algumas salas continuavam a projetar os antigos, enquanto outras exibiam, ao mesmo tempo, dois episódios, de modo que o espectador retomava o que havia perdido.

Fig. 53 e 54: Cenas de *Judex* (1916)

Em São Paulo, *Judex* despertou grande atenção do público e, segundo relatos do jornal, para a exibição do sétimo episódio no Central, "o luxuoso teatrinho estava cheio até perto da meia noite, de uma assistência seleta, com o que há de melhor na nossa sociedade." Entre os presentes estavam Altino Arantes, Armando Prado, Alfredo Pujol, Alfredo Seabra, entre outros, com suas respectivas famílias. [309] Nas salas que estavam projetando seus episódios, havia cartazes de propaganda da trama no *Correio Paulistano* conforme verificado por Véronique Elefteriou-Perrin para o caso norte-americano. Ao apresentar as últimas notícias relativas aos bairros da Liberdade e Cambuci, a nota esclareceria que:

> Judex, o interessante folhetim que o *Correio Paulistano* continua publicando sobre a epígrafe acima, começou ontem, a ser levado em séries no Teatro S. Paulo, com grande concorrência de espectadores. Nos anúncios espalhados via-se propaganda do folhetim do *Correio Paulistano* (*Correio Paulistano*, 02 nov. 1917, p. 3)

O último episódio de *Judex* foi veiculado pelo jornal no final de dezembro de 1917, ou seja, sua publicação levou pouco mais de dois meses e mereceu comentários:

> Terminou ontem, no Central a exibição de *Judex*, tanta ansiedade por conhecer o fim e, entretanto, quando tivemos satisfeita a nossa grande curiosidade, ficamos como que pesarosos de ter acabado, assim tão rapidamente – rapidamente, dizemos agora. Era de ver, entretanto, com que impaciência víamos decorrer os vagarosos sete dias que mediavam entre um episódio e outro (...) Nunca um episódio que desagradasse: todos, do primeiro ao último são bons. (*Correio Paulistano*, 09 jan. 1918, p. 4)

Em seguida, o jornal listou os nomes famosos da elite paulistana que compareceram ao derradeiro episódio de *Judex*. Parece que o *Correio Paulistano* decidiu investir na modalidade, pois antes mesmo do fim da publicação encetou um novo folhetim cinematográfico no rodapé. Após quinze dias de iniciar *Judex*, anunciava-se *Fogo à bordo,* primeiro episódio escrito de Ravengar, personagem que o jornal descrevia como "um gênio benfazejo que vela pelos humildes e pelos bons, castigando com uma grande mão invisível todos os males e todas as torpezas." A caracterização do personagem evocava o Rocambole de Ponson du Terrail que, entre 1857 e 1870, desfrutou de grande sucesso. Ainda segundo o matutino, Ravengar era:

[309] *Correio Paulistano*, 05 dez. 1917, p.9.

Fig. 55: Episódio de Ravengar presente no jornal *Correio Paulistano* (1917).

> Quase como a consciência própria do criminoso que o abate sob o látego terrível de suas flamas, ateando-lhe fogo ao cérebro e sufocando-lhe o coração e os soluços. Esse extraordinário personagem é o olhar que olha da sombra todos os atos maus, que fixa do mistério sombriamente todas as vilezas, guardando para cada uma delas, a sentença mais implacável e mais justa. É ele que toma pela mão defendendo-as, a senilidade cansada, a juventude ingênua e a inocência desprecavida. Ravengar é o grito que se ouve na noite quando por ela esgueira casando-se a treva, o vulto de um bandido. Ele é o apelo da justiça, a vontade vigilante que espreita do fundo do mistério inviolável os últimos passos do crime. Ravengar parece oculto num desses gênios dotados de grande poder e imensurável generosidade da alma que procura na prática implacável da justiça e da correção na humanidade desses temíveis abortos da luta social, que são os criminosos. Ficará logo quem o ler, amando essa bondade e essa incógnita nobreza poderosa que castiga o delito, procurando corrigi-lo e saná-lo. Podeis vê-lo na boa ação, que nobilita e engradece o homem, divinizando-o, dando lhe um ralo de soberana grandeza. [310]

O folhetim cinematográfico ocupava cinco colunas do rodapé do jornal nas versões matutina e noturna e sua produção fílmica havia sido realizada pela Pathé-Nova Yorque e, segundo o *Correio*, obtivera grande êxito nas telas dos cinemas cariocas em 1917. No fim de novembro, os dois primeiros episódios foram exibidos em São Paulo, no elegante salão do Central, localizado na Rua da Consolação. [311] O elenco era composto, segundo o anúncio, por Leon Bary (1880-1954), Grace Darmond (1893-1963) e Ralph Kellard (1883-1955) e seria sucesso assim como foram os renomados *Os mistérios de Nova York* e o *Enigma da máscara*. O último episódio de *Ravengar* só veio a público no final de janeiro de 1918.

Fig. 56: Anúncio de exibição de Ravengar no Ciné Central (1917)

[310] *Correio Paulistano*, 06 nov.1917, p.3.
[311] *Correio Paulistano*, 24 nov.1917, p.12.

Sua exibição poderia ser acompanhada em vários teatros, com novos episódios no Teatro Brasil, localizado no Largo do Arouche e no Teatro Royal, na Rua Sebastião Pereira, ao preço de 3$000 (frisas), 2$500 (camarotes) e $600/$300 cadeiras para adultos e crianças, respectivamente. [312] De acordo com os dados colhidos nos anúncios das salas de cinema da época, foi possível, tal qual para *Judex*, identificar o andamento da publicação e da exibição da obra:

Quadro VII – Circulação do folhetim cinematográfico *Ravengar* em São Paulo (1917-1918)

Episódio	**Data de publicação no *Correio Paulistano***	**Data da exibição no cinema**	**Local de exibição**
1°	06/11/1917	24/11/1917 26/11/1917	Cinema Central Teatro São Paulo
2°		26/11/1917	Coliseu Campos Elísios
3°	25/11/1917	05/12/1917 13/12/1917	Pathé Palácio Teatro Guarany
4°	04/12/1917	08/12/1917 10/12/1917	Cinema Central Coliseu Campos Elísios
5°	07/12/1917	17/12/1917 20/12/1917 25/12/1917	Coliseu C. Elísios Royal Theatre Pathé Palácio
6°	15/12/1917	23/12/1917 30/12/1917	Coliseu C. Elísios Teatro Brasil
7°		31/12/1917	Cinema Central e Teatro São Paulo
8°	03/01/1918	08/01/1918	Teatro São Paulo
9°	09/01/1918	14/01/1918	Coliseu Campos

[312] *Correio Paulistano*, 01 fev.1918, p. 12.

			Elísios
10°	17/01/1918	20/01/1918 22/01/1918	Cinema Central Teatro São Paulo
11°	23/01/1918	08/02/1918	Teatro Guarany
12°	30/01/1918	02/02/1918 06/02/1918 08/02/1918 09/02/1918	Cinema Central Pathé Palácio Royal Theatre Teatro Rio Branco

No caso de *Ravengar*, também se separava o episódio em partes e o intervalo entre a publicação no jornal e a projeção nas salas era de cerca de uma semana ou menos, diferente do ocorrido com *Judex*. Após anunciar a primeira exibição de *Ravengar* no Central, o *Correio* descreveu em sua coluna *Cinema* o interesse das pessoas em ver na tela o que haviam lido. O efeito foi saudado pelo colaborador do *Correio* que acompanhou a sessão, como na multidão "que conosco se deixou ficar até o final do segundo episódio." É interessante notar que alguns espectadores, apesar de terem primeiro lido a trama, não tinham ideia da caracterização dos personagens, mas poderiam ter sua expectativa correspondida (ou não) ao assistir a produção como demonstra o comentário do observador do jornal: "Jessy é loira e meiga, como tínhamos imaginado." [313] Contudo, não se pode afirmar que todos que leram os episódios também foram ao cinema e tampouco que os que se dispuseram a pagar o ingresso do filme tivessem lido previamente a trama veiculada no *Correio Paulistano*.

Para atrair atenção dos leitores-espectadores, a administração das salas de cinema prometiam surpresas extras além daquelas decorridas do próprio filme, caso do Teatro São Paulo, que no anúncio da exibição do 10° episódio de *Ravengar*, garantia que haveria "números de variedades, executado pelo cômico Albuquerque." [314] Outros faziam questão de destacar que a sessão a ser exibida era imperdível como o fez o Central que asseverava em seu reclame: "Ravengar, o misterioso filme que há tanto tempo traz presa a atenção dos frequentadores, terá hoje o seu desfecho com a projeção do 12° episódio." [315]

[313] *Correio Paulistano*, 25 nov.1917, p.7.
[314] *Correio Paulistano*, 22 jan.1918, p. 4.
[315] *Correio Paulistano*, 02 fev.1918, p. 4.

Muitos leitores estavam colecionando os "romances-cinemas," como atestam as reclamações que chegavam à folha quando o episódio do dia cedia lugar à outra matéria inadiável. Além disso, se assegurava que "diariamente tivemos uma intensa procura pelo jornal, uma numerosa remessa de pedidos extraordinários." [316] Os protestos não eram dirigido apenas a edição matutina do *Correio,* pois a noturna também publicava esta modalidade de folhetim, como se informou em 25 de fevereiro de 1918, quando se anunciou a exibição no Teatro Pathé, situado na Rua Rodrigo Silva, dos dois primeiros episódios do "grande filme policial, cujo folhetim está sendo publicado na nossa edição da noite – *O Fantasma Pardo*." Assim, o *Correio Paulistano* noticiava o lançamento de novas obras, alternando-as com a divulgação da estreia dos filmes e sempre alertando para a sincronia entre a publicação do folhetim cinematográfico e sua exibição, como também ocorreu com *O Correio de Washington*. [317]

Em janeiro de 1918, após o sucesso alcançado com *Judex* e ainda com a presença de *Ravengar*, o *Correio* decidiu encetar a publicação de *O mistério da dupla cruz*, cujo filme era estrelado novamente por Leon Bary e Mollie King (1895-1981). Tais protagonistas eram artistas conhecidos e foram dirigidos por Louis Gasnier e William Parke, produzido pela Astra Film Corporation e distribuído pela Pathé. Segundo o jornal, a trama causava "verdadeiros imprevistos perante os quais ficava-se tonto de emoção, a alma enlevada de surpresa, o coração a saltar do peito, durante uma cena mais forte." [318] Na análise dos anúncios se percebeu que algumas salas anunciavam que *O mistério da dupla cruz* tinha quinze episódios no total (Teatro Brasil), o que está correto, mas mesmo assim outros cinemas apontavam um total de dezoito (Teatro São Paulo). [319]

Leon Bary era francês e, além de ator, também era cineasta. Participou de todos os filmes-folhetins publicados pelo *Correio Paulistano*, com exceção de *Judex*, única produção totalmente francesa, enquanto as demais eram norte-americanas, financiadas pelas filiais da Pathé. Em junho de 1918, Bary veio ao Brasil para promover a película *As Setes Pérolas*, então em cartaz, e "trabalhar em diversos filmes que projeta fazer aqui." O astro, que chegou ao Rio de Janeiro pelo vapor Saga, assistiu de um camarote no Cinema Pathé um dos episódios acompanhado de Luiz Varando, membro da casa

[316] *Correio Paulistano*, 07 jan.1918, p. 3.
[317] *Correio Paulistano*, 17 mar. 1918, p.3.
[318] *Correio Paulistano*, 08 jan. 1918, p.3.
[319] *Correio Paulistano*, 14 jun. 1918, p. 5.

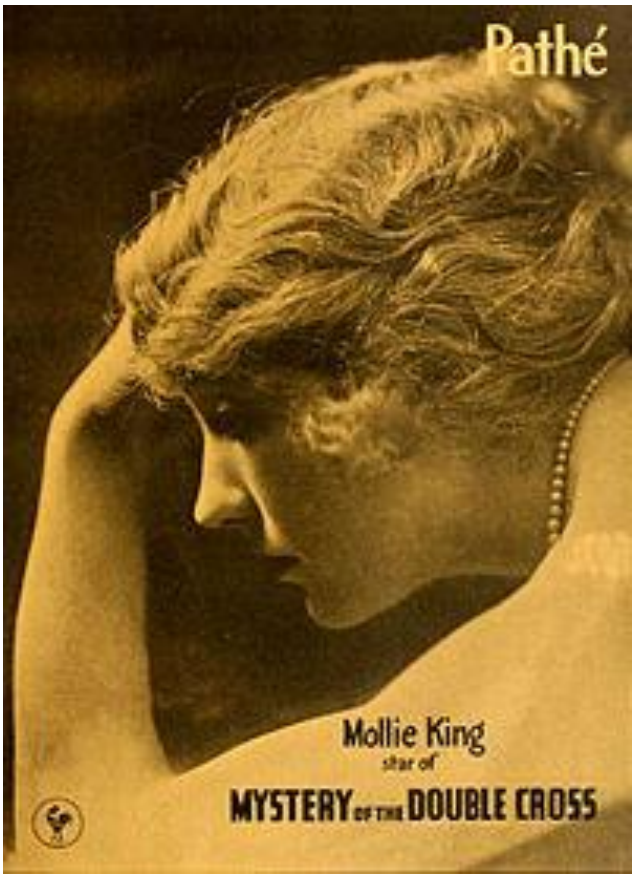


Fig. 57: Cartaz de divulgação do filme *O mistério da dupla cruz* com a atriz Mollie King.

Pathé. [320] Leon Bary retornou ao país três meses depois com o intuito de fundar uma empresa cinematográfica com capital brasileiro e instigar os escritores nacionais "a escreverem peças para a tela, que ele montará com todo o capricho, divulgando-as depois na Europa e na América do Norte." [321]

Na segunda vez que veio ao país, o *Correio Paulistano*, que estampava as obras protagonizadas pelo ator, não perdeu a oportunidade de enviar um dos redatores ao seu hotel para entrevistá-lo. Bary estava "elegantemente trajado num terno de lã, alto, rosto escanhoado, olhos grandes e belos" e após oferecer um cigarro turco ao membro do jornal, contou sobre sua trajetória, a atuação ao lado de Sarah Bernhardt, a mudança para os Estados Unidos e confirmou ao seu entrevistador que teria vindo ao Brasil com os planos de instalar "uma companhia modelo de fabricação de filmes, coisa bem feita e

[320] Idem.
[321] *Correio Paulistano*, 04 set. 1918, p. 3.

Fig. 58: Publicação no rodapé de *O mistério da dupla cruz* (*Correio Paulistano* –1918)

completa, capaz de rivalizar seus produtos com as melhores películas que modernas fábricas americanas hajam produzido". Seus planos tinham sido bem recebidos tanto no Rio quanto em São Paulo e faltava apenas completar o capital necessário. O redator do *Correio* sugeriu que talvez houvesse dificuldades por conta do clima, que talvez não fosse muito propício para a confecção de filmes, ao que Bary respondeu:

> Quem lhe disse semelhante coisa? Olhe, depois de grandes experiências e muito observar cheguei a conclusão de que ele se presta perfeitamente a uma tal indústria. Não digo de sua formosa capital [São Paulo], onde o tempo não é muito certo da cabeça e onde em dois dias de permanência já experimentei várias e bruscas mudanças de temperatura, mas o Rio é o paraíso dos climas para a cinematografia (*Correio Paulistano*, 30 set. 1918, p.2)

O ator afirmou, ainda, que sobre a montagem da fábrica tinha até já escolhido o terreno e que seria no bairro das Laranjeiras no Rio de Janeiro, onde havia "encontrado um clima muito fresco e favorável para que pretendo." Os artistas que seriam contratados para a companhia não seriam nem franceses e nem norte-americanos, conforme insinuado pelo redator do *Correio* e sim brasileiros, afirmou Bary. Não se sabe se o ator conseguiu colocar em prática seu projeto, mas o fato é que viu no país um mercado promissor para a produção de filmes em série, bem como a confecção de material para filmagens.

Fig. 59: O ator francês Leon Bary

Em agosto de 1918, *As sete Pérolas* foi veiculado nas duas edições do *Correio*, sendo que sua estreia se deu primeiro na noturna, prontamente apelidada pelos leitores e redação de *Correinho*, para no dia seguinte figurar na matutina. Sua inserção no rodapé permitiria aos "leitores acompanhar na tela dos nossos cines, à medida que formos publicando os episódios arrebatadores desse belíssimo folhetim cinematográfico, que é um dos mais notáveis produtos que tem vindo da grande empresa Pathé." [322]

A exibição em séries não ocorreu somente nos cinemas da capital como o salão Royal, localizado na Rua Sebastião Pereira e no Cine Coliseu, situado no bairro Campos Elíseos, mas também nas salas do interior do Estado, como o Politheama, de Ribeirão Preto. [323] Seu último episódio, de número 15, veio a público em outubro de 1918. Ao que parece, o interesse do público pelo folhetim cinematográfico era grande, o que incentivou até mesmo a criação de produtos que remetiam aos sucessos presentes nas telas e no folhetim cinematográfico como o "Creme de Pérolas de Barry," indicado para espinhas, sardas, manchas, furúnculos ou outras asperezas. [324]

Fig. 60: Anúncio do produto inspirado no filme *As sete pérolas* (*Correio Paulistano* – 1918)

Em janeiro de 1919, encetava-se a série de vinte episódios *A Joia Fatal ou O Diamante Violeta*, estrelada por Pearl White, "encantadora estrela americana" que, segundo previsão do reclame, bateria "o *record* de audiência na mais sensacional série da Pathé até hoje editada" e certificava que "todos os jornais e revistas americanas

[322] *Correio Paulistano*, 06 ago. 1918, p.3
[323] *Correio Paulistano*, 12 set. 1918, p.4.
[324] *Correio Paulistano*, 29 out. 1918, p.8.

aprovam," como destacou o *Correio Paulistano* ao anunciar seu novo folhetim. [325] A folha transcreveu trechos de M.J.T. Moore, publicados no *The New York Times*, que elogiavam a obra e sua intérprete, já que se aperfeiçoou em esportes como natação, remo, aviação, box e "complicados golpes de jiu-jítsu" para "lutar com inimigos cinco

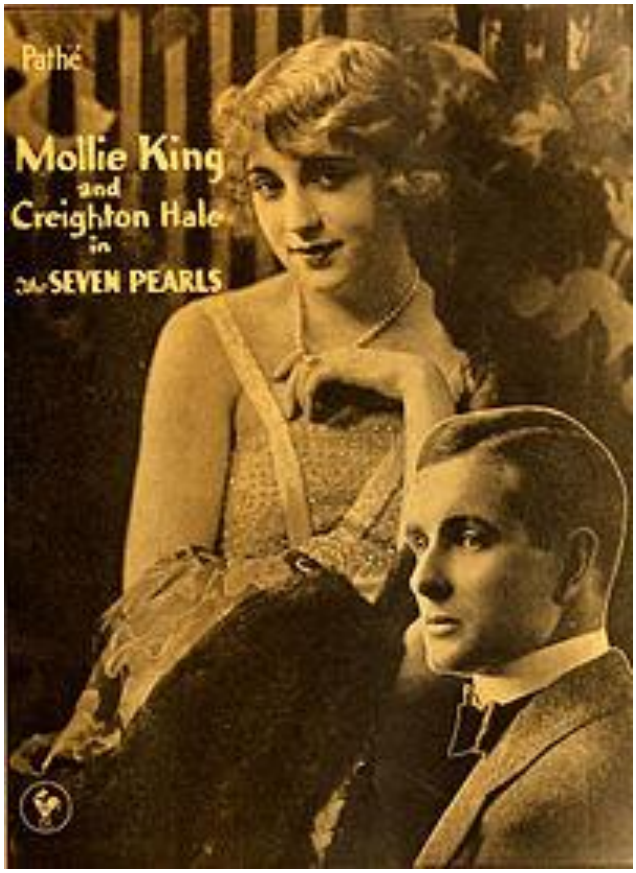


Fig. 61: Cartaz de divulgação do filme *As sete pérolas* (1917)

ou dez vezes superiores em força." [326] Por fim, o folhetim foi apresentado no rodapé da terceira página, em oito colunas, no dia 02 de janeiro. O filme, além de exibido na capital paulista, foi também projetado no interior do Estado, conforme telegrama de São José do Rio Pardo, que noticiava o início de *A Joia Fatal*, no Pavilhão 16 de novembro.[327]

Além dos folhetins cinematográficos, a pesquisa revelou a presença de muitos anúncios de longa metragem, baseados em obras famosas publicadas em romance-folhetim no século XIX, como *Os Três Mosqueteiros* (1921), do qual inclusive

[325] *Correio Paulistano*, 01 dez. 1918, p.7.
[326] *Correio Paulistano*, 08 dez. 1918, p.6.
[327] *Correio Paulistano*, 02 set.1919, p.4.

participaram os atores aclamados Leon Bary e Douglas Fairbanks, exibido no Teatro Sant'Anna. Também foi o caso de *A Cabana do Pai Thomas* (1927), projetado no Cine República e no Santa Helena e que, segundo informações do jornal *Folha da Manhã*, havia custado dois milhões de dólares e demorado dois anos para ser produzido. [328]

Fig. 62 e 63 : Foto da atriz Pearl White, protagonista de *A Joia Fatal* e cartaz de divulgação do filme.

[328] *Folha da Manhã*, 27 jul. 1928, p. 15.

Fig. 64 : O ator Douglas Fairbanks

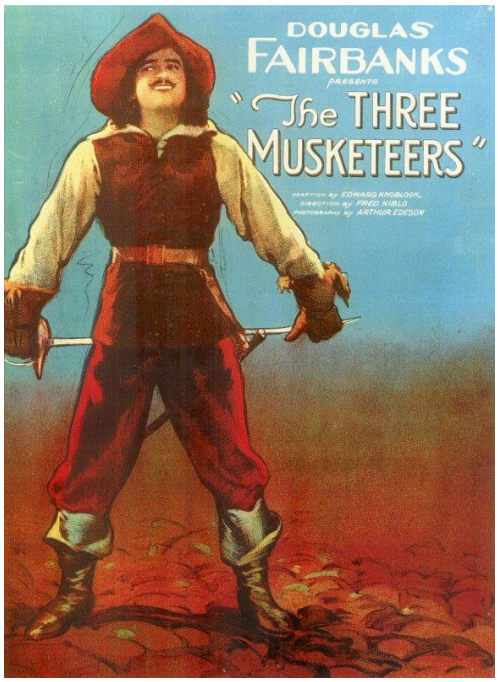


Fig. 65 e 66: Cartaz de divulgação e cena do filme *Os três mosqueteiros* (1921)

No início da década de 1920, Hollywood transformara-se numa grande indústria e num negócio lucrativo, com as ações dos estúdios cotadas na bolsa de em Wall Street, vendidas por firmas respeitáveis como J.P. Morgan, Kuhn e Loeb. No período fundou-se a *United Artists*, iniciativa de Charles Chaplin, Mary Pickford, Douglas Fairbanks e David Griffith. Os custos de produção cresceram muito, se comparados à década anterior, visto que os investimentos em cenários e figurino, ao contrário de outros tempos, quando usados repetidamente, passaram a ser projetados especificamente para cada nova película. Alguns estúdios adquiriram ranchos nas proximidades de Los Angeles, em terrenos que abrigavam animais e carroças utilizadas em obras cuja temática fosse o faroeste. Os estúdios igualmente encarregavam-se de organizar departamentos com a missão de divulgar seus artistas, fornecer informações aos jornais e as revistas cinematográficas. Dessa forma, a fama dos astros ajudava a vender as produções realizadas, garantindo o sucesso das bilheterias. [329]

Na imprensa cresciam as seções destinadas às estrelas de Hollywood e o *Correio Paulistano*, em sua coluna *Revistas e Folhetos*, sempre destacava as revistas que traziam notas do meio cinematográfico, caso de *O Malho*, *Vida Moderna*, *Fon-Fon*, entre outras. E, inclusive, passou a publicar, a partir de 1924, *No País das Sombras*, coluna não assinada, que objetivava dar "notas e notinhas da cinelândia", na qual se comentavam sobre as fitas em exibição nos cinemas da capital paulista, fofocas dos astros e estrelas, contratações, lançamento de filmes, curiosidades sobre os artistas e reprodução de trechos de entrevistas realizadas. Embora a maior parte das notícias se concentrasse no cinema norte-americano, havia apreciações sobre o italiano, alemão e o austríaco. A coluna localizava-se geralmente na parte superior da página do jornal e no começo era bem singela, mas deve ter caído no gosto do público, pois aumentou de tamanho, conforme se observa abaixo:

Houve inclusão de pequenas imagens, inicialmente sem grande nitidez, dos artistas citados nos comentários. Com o passar do tempo, surgiram fotos de meio corpo

[329] KNIGHT, Arthur. *Uma história panorâmica do cinema*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1970, p. 94-96. O autor destaca que em 1910, as pensões de Los Angeles anunciavam vagas com a ressalva de que "não se aceitavam cachorros e atores." O cenário mudou depois dos exorbitantes valores que os estúdios injetavam nos arredores. Inclusive, a cidade passou a receber um grande número de pessoas candidatas ao estrelato. Muitas mulheres de cidades pequenas, ganhadoras de concursos de beleza locais chegavam alimentadas pela esperança de que seriam as próximas Mary Pickford e Mabel Normand e poucas conseguiram o que almejavam. Os jornais e revistas passaram a explorar o fato com a publicação de várias reportagens sobre a crescente prostituição em Hollywood (p.97-98).

ou reproduzidas dos filmes protagonizados. A coluna encontrava-se em páginas que traziam grande variedade de assuntos, que incluíam crônicas, ensaios diversos, notícias do interior, *faits-divers* etc. As notícias sobre o desenvolvimento dos aparelhos utilizados na produção de filmes sonoros, também faziam parte do espaço:

> A cinematografia falante, em que se ouve as vozes dos atores e o acompanhamento da orquestra, exatamente como numa cena de teatro e em perfeita sincronização com o filme, é uma das promessas do extraordinário aperfeiçoamento que acaba de ser divulgado pelo *Dell Telephone Laboratories*. Para a reprodução das vozes e das músicas emprega-se um disco fonográfico do tipo usual, cuja gravação, no entanto, é obtida por meio de um novo sistema elétrico que permite reproduzir com grande fidelidade, ambas as molas extremamente altas e baixas, muito difíceis, senão impossíveis de realizar na fonografia comum. Mas o principal dispositivo dessa nova máquina é o sistema de sincronização, que até hoje representava um problema de solução dificílima (...). Emprega-se uma cabine à prova de som na confecção dos filmes falantes, a fim de evitar que o ruído da máquina cinematográfica possa ser gravado no disco. [330]

De fato, no final da década de 1920, a indústria cinematográfica se inquietou com a queda da frequência aos cinemas, enquanto o fim da prosperidade da economia norte-americana teve reflexos no mercado imobiliário, fazendo com que os estúdios enfrentassem dificuldades para se desfazer das propriedades que haviam custado muito mais do que realmente valiam.

Em 1926, a famosa Warner Brothers estava à beira da falência, o que a obrigou a investir o restante de seus recursos numa ousada novidade denominada *vitaphone*, espécie de sistema de som. Em agosto, lançou um programa falado com filmes curtos e em outubro do ano seguinte apresentou na Broadway o primeiro filme parcialmente sonorizado, *The Jazz Singer*, com Al Jolson. Em julho de 1928, a Warner estreou *The Lights of New York*, primeiro longa metragem totalmente falado, o que levou outros estúdios a produzir filmes sonoros, embora as salas de exibição não possuíssem instalações adequadas. [331] Em São Paulo, a *Folha da Manhã* anunciava com alvoroço "a voz de Douglas Fairbanks na tela," ou seja, finalmente os espectadores poderiam ouvir

[330] *Correio Paulistano*, 04 set. 1928, p. 5.

[331] Idem, p. 127. As relações de trabalho mudaram consideravelmente conforme descreve Arthur Knight. Roteiristas que pensavam os scripts em termos de imagens, cederam lugar para dramaturgos que trabalhariam na composição de diálogos e atores foram demitidos por causa de seus sotaques ou por suas vozes ficaram distorcidas durante o processo de sonorização. Surgiu também uma nova figura no meio: o técnico de som.

Fig. 67 : Coluna ainda pequena de *País das Sombras*, publicada no *Correio Paulistano* e em 1924.

10 CORREIO PAULISTANO 19 - 3 - 30

No País das Sombras

NOTAS E NOTINHAS DA CINELANDIA

O PILOTO 13

Ele nte-hontem, quando eu ia atravessando, às pressas, uma das febricitantes artérias do centro da cidade, alguem me seguiu, fortemente, pelo braço, indagando num curioso interesse:

— Você já viu o "Piloto 13"?

Muita gente ultimo, intrigada, para mim e para ele. Pensando, talvez, que fenomeno funcionasse-lhe de alguma companhia de navegação ou de serviços secretos...

Respondi-lhe negativamente.

— Pois deve ver. E' uma fita simples, mas interessante.

Achei a lembrança boa. Uma fita nacional, feita em São Paulo, explorando um assumpto completamente novo para os cinematographistas brasileiros e, ainda mais, tendo nos seus obreiros nomes de amadores devia interessar, sem duvida, a todos nós.

Fui ver "O Piloto 13".

Gostei. Porque apresenta aos nossos olhos panoramas belissimos de São Paulo e do Rio ao mesmo tempo que movimenta figuras novas e promissoras, desenvolvendo um enredo intenso, rapido, mas bem intencionado.

Dentre as ultimas producções nacionaes do Rio, de Cataguases e daqui mesmo, esta da "Cruzeiro do Sul" merece especial destaque. Pois, apesar dos senão que não podia deixar de ter em se tratando de uma pellicula produzida sem o apparelhamento e os recursos artisticos dos "yankees", francezes, inglezes e allemães, ella consegue prender o espirito do espectador até ao desfecho, tem um desempenho humorpeco, photographia qual poucas e não tem scenas escabrosas como a maior parte dos filmes que se fazem aqui!...

A direcção do filme é apreciavel. Cuidadosa. Nota-se que houve preoisão nos detalhes, bôa observação, ao contrario de outros "subidos" que tem feito tristo reclame de um emprehendedor, ao rio film, dar-nos pallidas amostras de cinema primitivo...

Achilles Tartari foi o director.

Os interpretes agem com muita naturalidade e demonstram qualidades que devem ser aproveitadas em ambientes mais movimentados. A figura principal feminina cabe a Vera d'Ami, nome complicado que não dá a mais longinqua idéia da sympathica moreninha que vive a portar-se mais difficil da fita. Ella é photogenica. Tem desembaraço e representa com alma.

Ubi Alverado é o piloto 13. Outro nome exquisito. Apesar de nesse, Ubi teve uma brilhante participação no film. Um verdadeiro artista de cinema. O seu trabalho é natural e a sua mascara excellente. Faz lembrar Gary Cooper em algumas d'essas posições de scenas rapidas, mesma expressão serena, o sorriso discreto... As poucenas gracinhas que gostaram delle...

Sua estréa no cinema brasileiro é das mais auspiciosas. E, um gallã que se recommenda aos nossos directores. Já não era sem tempo o apparecimento delle. Estavamos fartos é gallã almofadinhas, ôlhos de Valentino, trejeitos de Menjoukine...

A interpretação do papel de "Mlle Love", a parte comica do film, coube a um outro optimo elemento: Lelo Arnoni. Uma interessante figura de comediante, bem physico. Bom jogo de scena.

Vera Lins e Lillian Irlan fazem as outras pupas femininas com felicidade. O sicaro é completado por Carlos Reis, Ary Severo e outros, todos actuando de modo a não comprometter o conjuncto.

"O Piloto 13" merece ser visto. E' um film nacional que pode ser posto em parallelo com muitos films americanos de maior realce na encenação. E é de desejar que outros trabalhos assim vejam engrandecer o cinema brasileiro, acabando-se de vez com os "scientificos" de exhibição depois das 23 horas que só degradam o bom gosto nacional.

PITERO.

* * *

GEORGE O' BRIEN ESTA' NA SALA AZUL DO ODEON

Num film que interessa toda a mocidade, porque reflecte esse espirito de jovialidade que é o alber das almas da edade em que

UMA SCENA DE "EM CONTINENCIA"

o mundo é lhes demonstra um heroismo de illustres, "Em Continencia" é o film de George O'Brien e, ao lado delle, Chevalier que a Fox Movietone está exhibindo cela primeira vez em São Paulo, na Sala Azul do Odeon.

* * *

Cine-Jornal

O estudio da Paramount na Cinelandia, já terminou a fita "Silghtly Scarlet", que tem Evelyn Brent e Clive Brook nos dois principaes papeis de destaque. O assumpto da fita é: passa na Prisão, Louis Gasnier e Edwin Knopf foram os directores.

* * *

A graciil Jean Arthur secunda Charles Rogers na fita "A Carinha de Cão", cuja estréa se realisou em uma das ultimas semanas, no Theatro Paramount de New York. Esta é a primeira vez em que vemos os artistas reunidos trabalhando na parceria num mesmo film.

* * *

Warner Oland, aquella famoso "homem mau" de muitos film de suspenso, vae fazer o papel principal de uma nova fita, cujo assumpto gira "Paraiso Perigoso", producção Paramount que tira o seu assumpto de uma obra do famoso romancista polaco Joseph Conrad que, como se sabe, foi o seu nome litterario escrevendo em inglez. Nancy Carroll, faz a protagonista.

* * *

William Wellman, director do film "Asas", a epopéa dos cavalleiros do azul, serviu nas linhas francezas como aviador durante a grande guerra. Pois dentro de breves dias Wellman começará a rodagem de uma pellicula de aviação denominada "As Aguias", tendo "Buddy" Rogers, um dos pintos da "Asas" como protagonista.

* * *

A Paramount mandou dois operadores com o commandante Byrd na expedição ao polo Sul. Ao que ha sabe, estes cinematographistas conseguiram apanhar bellas aspectos dos gelos de extremo sul do terra, que darão para organisar explendidas films naturaes do successo.

* * *

Georges Bancroft, o incomparavel interprete de "Paixão e Sangue", continúa a fazer papeis de brutamontes em fitas dramaticas. O "super-homem" de cinema vae apparecer breve em mais um destes papeis no film intitulado "O Poderoso".

* * *

A mais recente producção de Maurice Chevalier é "The Big Pond", que terá sua estréa em New York, nos inicios do Brasil.

* * *

Dois grandes directores de cinema da America, Norman Brenon e Edmund Carewe passam em trasladar-se a Hollywood, para ali fazerem varios trabalhos.

Já os acha na "ronda" na noticias annos, Rex Ingram. Elle fez "Mare Nostrum", "O Jardim de Allah" e outras grandes fitas. Depois... não nos mandou mais nada.

* * *

Da 1914 para cá é que apparecerem os films em mais de seis partes. Hoje, as partes são proporcionadas umas ahtás das outras, sem interrupção.

Mas... que saudade dos films da Triangle, da L-Ko, da Cines!

* * *

O CINEMA PEDAGOGICO

Uma prova do film escolar

Realisou-se ha pouco, um curioso estudo sobre o aproveitamento que possa ter o cinema nas escolas. Outras provas já tinham sido feitas, nos Estados Unidos, porém esta foi decisiva.

Os directores desses experimentos, no que concerne a parte referente aos ambientes mais movimentados. A figura principal feminina couba a Vera d'Ami, nome complicado que não dá a mais longinqua idéia da sympathica moreninha que vive a portar-se mais difficil da fita. Ella é photogenica. Tem desembaraço e representa com alma.

Ubi Alverado é o piloto 12. Outro nome exquisito. Apesar do nome, Ubi teve uma brilhante participação no film. Um verdadeiro artista de cinema. O seu trabalho é natural e a sua mascara excellente. Faz lembrar Gary Cooper em algumas d'essas posições de scenas rapidas, mesma expressão serena, o sorriso discreto... As poucenas gracinhas que gostaram delle...

Sua estréa no cinema brasileiro é das mais auspiciosas. E, um gallã que se recommenda aos nossos directores. Já não era sem tempo o apparecimento delle. Estavamos fartos é gallã almofadinhas, ôlhos de Valentino, trejeitos de Menjoukine...

A interpretação do papel de "Mlle Love", a parte comica do film, coube a um outro optimo elemento: Lelo Arnoni. Uma interessante figura de comediante, bem physico. Bom jogo de scena.

Vera Lins e Lillian Irlan fazem as outras pupas femininas com felicidade. O sicaro é completado por Carlos Reis, Ary Severo e outros, todos actuando de modo a não comprometter o conjuncto.

"O Piloto 12" merece ser visto. E' um film nacional que pode ser posto em parallelo com muitos films americanos de maior realce na encenação. E é de desejar que outros trabalhos assim vejam engrandecer o cinema brasileiro, acabando-se de vez com os "scientificos" de exhibição depois das 23 horas que só degradam o bom gosto nacional.

PITERO.

* * *

GEORGE O' BRIEN ESTA' NA SALA AZUL DO ODEON

Num film que interessa toda a mocidade, porque reflecte esse espirito de jovialidade que é o alber das almas da edade em que

UMA SCENA DE "EM CONTINENCIA"

o mundo é lhes demonstra um heroismo de illustres, "Em Continencia" é o film de George O'Brien e, ao lado delle, Chevalier que a Fox Movietone está exhibindo cela primeira vez em São Paulo, na Sala Azul do Odeon.

* * *

Cine-Jornal

O estudio da Paramount na Cinelandia, já terminou a fita "Silghtly Scarlet", que tem Evelyn Brent e Clive Brook nos dois principaes papeis de destaque. O assumpto da fita é: passa na Prisão, Louis Gasnier e Edwin Knopf foram os directores.

* * *

A graciil Jean Arthur secunda Charles Rogers na fita "A Carinha de Cão", cuja estréa se realisou em uma das ultimas semanas, no Theatro Paramount de New York. Esta é a primeira vez em que vemos os artistas reunidos trabalhando na parceria num mesmo film.

* * *

Warner Oland, aquella famoso "homem mau" de muitos film de suspenso, vae fazer o papel principal de uma nova fita, cujo assumpto gira "Paraiso Perigoso", producção Paramount que tira o seu assumpto de uma obra do famoso romancista polaco Joseph Conrad que, como se sabe, foi o seu nome litterario escrevendo em inglez. Nancy Carroll, faz a protagonista.

* * *

William Wellman, director do film "Asas", a epopéa dos cavalleiros do azul, serviu nas linhas francezas como aviador durante a grande guerra. Pois dentro de breves dias Wellman começará a rodagem de uma pellicula de aviação denominada "As Aguias", tendo "Buddy" Rogers, um dos pintos da "Asas" como protagonista.

* * *

A Paramount mandou dois operadores com o commandante Byrd na expedição ao polo Sul. Ao que ha sabe, estes cinematographistas conseguiram apanhar bellos

o prestigiado ator, uma vez que tal "sensação mais formidável está reservada aos brasileiros pela United Artists. [332]

Quanto ao *film à episodes* na França, a partir de 1922, a *Societé des Cinéromans*, fundada em 1919, pelo romancista Gaston Leroux, o diretor comercial do *Le Matin*, Jean Sapéne e por René Navarre, comediante de sucesso, passou a ser seu principal fornecedor, desbancando Gaumont e Feuillade. Muitas companhias francesas sofreram fusão com as norte-americanas, inclusive aquela fundada por Gaumont anos antes. Entre 1923 e 1928, o número de episódios dos filmes se reduz drasticamente e passou a ser de quatro a oito, fenômeno que também ocorreu nas produções norte-americanas. Na França, o desinteresse em produzir os filmes seriados foi resultado da falência das empresas que haviam dado vida ao gênero. A *Societé des Cinéromans* para não desaparecer foi obrigada a abandonar o formato e se dedicar a longas metragens. Inclusive, diante desse quadro, em meio a dificuldade que os diretores das salas tinham em estabelecer um programa que não apresentassem buracos, passou-se a adotar práticas diferenciadas. Dentre elas estava a reedição de obras antigas seriadas no formato original ou em versões reduzidas, além da difusão de todos os episódios em uma única sessão. [333]

Nem todos se entusiasmaram com o filme sonorizado e houve mesmo uma campanha contra a novidade nos Estados Unidos, liderada por Charles Chaplin e King Vidor, e na França, por René Clair. [334] O fato é que seu repúdio foi vencido, o florescimento de múltiplas companhias produtoras foi breve e em 1935 o domínio da indústria estava concentrado em oito companhias, todas sediadas em Hollywood. [335] Quando o *Correio* voltou a ser publicado em 1934, a seção dedicada à temática passou a chamar-se *Cinematografia* e não mais *País das Sombras* como na década de 1920. Esta foi inserida numa página que também incluíam informações sobre teatro e outros

[332] *Folha da Manhã*, 04 out. 1929, p. 17.
[333] TREBUIL, Christophe. *Op. cit*, p. 148-149, 210-213.
[334] SADOUL, Georges, *Op. cit*, p. 51.
[335] A grande expansão desse meio de comunicação nos últimos anos fez com que muitas salas fossem renovadas e atualizadas tecnicamente, fato atestado pelos regulamentos federais de 1924 e 1928 que, concentravam suas preocupações com sua qualidade e segurança. Após o fim da Primeira Guerra, com a gradual monopolização de filmes americanos, a instalação de grandes companhias acabou por minar o domínio dos importadores e exibidores nativos como Matarazzo e Serrador. Ver MACHADO JR. *Op cit*.

CINEMATOGRAPHIA

CONTANDO SEGREDOS...

Até ha bem pouco Hollywood era um enygma. Exceptuando um pouco do muito que as reportagens contavam, era difficil conhecer alguns particular sobre a cinematographia, quando aos productores não interessasse tornar divulgado, e os actores nos pareciam então "papaes", para quem o Vaticano era não mais que São Francisco, com o direito apenas de algumas fugidas até "N'a York".

Muita transformação se verificou no entanto, ha cousa de dois ou tres annos, para a Europa, e poucos mezes, para este lado do Atlantico. E tambem já não são os productores, como antigamente, já tão zelosos dos segredos de seu trabalho, quando era impossivel assistir, mesmo numa pellicula em torno de estudios, a qualquer detalhe sobre processos de producção.

Hoje os artistas viajam e viajam continuamente, incessantemente, durante todo o tempo que se encontram em "vacation". Na Europa, na Côrte d'Azur, em Paris, em Londres, em Roma, já do seu certo tempo fazem os "astros "as suas villegiaturas, notando-se que agora os passeios se estendem até á America do Sul, como se teve um exemplo em Rosita Moreno, actualmente em Ramon Novarro, e Florence Vidor, que agora mesmo viaja com destino á Argentina. Falamos aqui só naquelles que dão bastidores de suas excursões.

Nos trabalhos apresentados na téla observa-se que os productores transpozam um pouco mais a curiosidade do publico nos tantos recursos, "trucs" de que se soccorrem para a realisação de suas historias. Não muito; possuimos até, si se reconhece quanto é enorme a sandedade de muita gente por conhecer factos graves ou detalhes da producção de uma pellicula. Mas em todo o caso o que parece é que aos boccadinhos se vae abrindo a porta aos segredos que constituem uma das grandes razões da sensação actual da cinematographia, como tambem vão os artistas se mostrando "in the flesh" ao seu publico. — N.

CINEMAS

MARGARET...

Margaret Kiess nasceu a 19 de setembro de 1910, em Dubuque, Estado de Iowa.

— Mas... Alto lá! Você conhecem Margaret Kiess?... Não?... E... Margaret Lindsay?... Ah! Essa conhecem! Pois Margaret Kiess ou Margaret Lindsay... é a mesma cousa! Margaret Lindsay, como dizemos, nasceu com o nome de Margaret Kiess, na dita e na citada séde uma mencionadas. Seus pacs faliam parte da alta sociedade de Iowa e onde, absolutamente, na familia de Margaret, justificava a sua precoce inclinação para o palco, que se resolveu desde os seis primeiros mezes vacolares.

Desde essa época, que Margaret desejava ardentemente ser uma estrella de cinema, porem, contrariando-lhe as tendencias, que julgavam perigosas, seus paes mandaram-na para o National Park Seminary, em Washington, onde fol a primeira de sua classe e chegou a presidir o Grupo Dramatico Escolar, sendo ainda uma das boas athletas do collegio, o que lhe valeu ser eleita para a directoria do Alpha Epsilon Pi, associação de cinema dos estudantes superiores.

Porém, a sua vontade de apparecer num palco ou num estudio, era grande. Assim, não soccpeu empunho não entrou para a Academia Americana de Arte Dramatica, de onde recebeu um diploma. Ao mesmo tempo cursou as aulas de Ballados de Albertina Rasch. Findo esse longo e brilhante periodo de estudos, procurou trabalho. Acommellada por sua mãe, inglesa, Margaret convenceu-se de que sómente em Londres encontraria um maior campo de acção para a realisação de suas ambições E partiu para a cidade do "fog" onde não tardou a arranjar uma pontia na peça theatral "Escape" e, em seguida, appareceu em "Death takes a holyday", "By Candlelight" e "The middle watch".

Na Inglaterra adquiriu a perfeita elecção da lingua inglesa, que tanto lhe serviu para ganhar um papel em "Cavalcade".

Regressou a Nova York e encontrou a Broadway um pouco melhor do que quando partira. Mesmo assim, já se interessando mais pelo cinema, procurou Hollywood. Por mais seis mezes trabalhou em papeis sem importancia e nada parecia indicar que breve conseguiria melhores interpretações. "Cavalcade" estava no inicio de sua filmagem e nella só iriamiam parte artistas inglezes devido á pronuncia. Mesmo assim, Margaret, findo em sua elecção, não desanimou e offereceu-se para uma experiencia, que redundou em completa victoria.

Foi contractada como "artista inglesa". Sómente algum tempo depois do lançamento do filme em que teve o papel de uma joven que morre no desastre do "Titanic", é que no proprio estudio da Fox vieram a saber da verdade sobre a "inglesa". Porém, Margaret já convencera plenamente do seu valor artistico e o resultado foi um optimo contracto com a Warner First National, sendo seu primeiro filme ao lado de Wilam Powell, em "Private Detective 62" (Quando a sorte sorri), que ainda não conhecemos.

Actualmente, Margaret está fazendo o filme, que, segundo, affirmou, será o melhor de todos e baseia-se na sua peça theatral preferida, que é "Death takes a Hollyday". Actualmente já esqueceu totalmente o theatro, desejando nunca mais deixar o cinema.

Seus artistas predilectos são Leslie Howard, Paul Muni, Kay Francis, Robinson e Paul Lukas. Do palco prefere Herbert Marshall e Katherine Cornell.

E' uma "fan" de Noel Coward. Prefere as musicas de B ruhms e Bach, as operas de Wagner, as symphonias de Beethoven; gosta do jazz e das melodias de Al Dubin, principalmente quando cantadas por Dick

Se alguma dia deixasse o cinema, Powell.

não voltaria ao palco e sim, iria cultivar arte dramatica ou ballados. Para do seu trabalho interessa-se pela literatura e pela musica, pois diz que "estas os melhores meios de incentivar emoção".

Conhece quasi todos os Estados Unidos e já percorreu os principaes pontos da Allemanha e da Inglaterra. Só faz suas compras em Nova York. Gosta de vestidos simples e não supporta as pessoas que "não têm uma hora certa para cada cousa". Não admitte que se fale mal de Iowa, a terra que mais adora neste mundo.

Para conservar sua belleza, pratica a natação e o hippismo. Não se preoccupa com dietas. Seus esportes favoritos são, como já disemos, a natação e o hippismo e tambem o tennis e o golf. Não perde uma só corrida de cães. E' assidua leitora das novellas mysteriosas de S. S. Van Dine.

Margaret tem cinco pés e cinco pollegadas de altura, pesa 58 kilos e tem cabellos e olhos castanhos.

Esta sob contracto com a Warner First National.

"WONDER BAR"

"Wonder Bar", o filme mais rico em preciosidades artisticas e tambem em musicas que perduram, vae apresentar em um movimentado romance, disputando as sympathias de Ricardo Cortez e entre risos e delicosas scenirias de uma sociedade brilhante, Kay Francis e Dolores Del Rio.

Qual dellas a mais bella e fascinante? Qual a mais seductora? Qual a mais elegante? Uma e outra apparecem ostentando os modelos do famoso Orry Kelly. Ambas são completas em virtudes physicas. Ambas conquistaram de ha muito o coração dos "fans" de S. Paulo. E ambas finalmente, têm papeis de grande destaque em "Wonder Bar". Por quem a escolha? Pelas duas, evidentemente...

E "Wonder Bar" tem muitos torneios semelhantes a esse. Lá estão, por exemplo, num movimentado paraeo comico, Hugh Herbert e Guy Kibbee, o "senador Ward" das "Mulheres da 1934" e o velho pateta-malandro de muitos filmes da Warner First; lá estão Lotus Parenda e Ruth Donnelly e Merna Kennedy e Fifi D'Orsay. E por ultimo, numa competição vocal, nada menos que os ases do "singing" no radio e no cinema americano; Dick Powell e Al Jolson.

Faltava, para elevar ao "maximum maximorum..." esse espectaculo brilhantissimo, a collaboração de grande Busby Berkeley, e esse tambem appareceu, com 600 "girls" agora e 1.500 "featured players", realisando maravilhas que nenhum outro creiro de artista podia sonhar!

"Wonder Bar" será em breve apresentado pela Warner First, a Companhia n. 1.

"O DIARIO DE UM CRIME" E UMA COMEDIA DE JOE BROWN

São duas apresentações proximas da Warner First. "O diario de um crime", adaptação da obra de Deval, teve um dos successos mais fa ados destes ultimos mezes nos Estados Unidos. Ruth Chatterton e Adolphe Menjou são suas figuras centraes, e a primeira, que personifica soberbamente a mulher que por ciumes matou a suspeita rival, como o querido actor latino servem-se com inexcedivel brilho da chance que a historia lhes offerece para alcançar "performances" impercevels.

A comedia de Joe Brown é "De bom tamanho" (Elmer, the Great) Joe é já fanfarrão por natureza. Ora, dilo-lhe um nome desses e ainda por cima o titulo de Magno... Imaginemos só o que não serão presumpções...

"MEU CORAÇÃO NÃO ESTA' DE ACCORDO COM MINHAS IDEIAS SOBRE O MATRIMONIO"

Assim falou Glenda Farrell, ao confessar suas aspirações sentimentaes fóra do estudio cinematographico. — Por que não me caso em Hollywood? — Ora! Os casamentos aqui não são mais que fortuitas obras de cabeça. — disse Glenda Farrell respondendo á minha pergunta. E se me julga pessimista, tenha a certeza que o sou mesmo de profissão da vida matrimonial de um casal de artistas cinematographicos é apenas de dois annos... E isso, quando se fortalecem com uma forte dose de boa vontade mutua para relevar as pequeninas desintelligencias. "Mas... está claro! Bem póde ser que eu mude de pensar... E quando isso succeder posso affirmar desde já, que não me casarei com um actor. Estes são bonissimas pessoas, grandes camaradas emquanto desempenham o papel que lhes foi confiado; porém se algum dia resolver casar-me, procurarei outro ambiente".

Devemos esclarecer, agora, que Glenda Farrell já foi casada com um actor de cujo matrimonio tem um precioso rapazinho de dez annos. Quando lhe insinuei que, positivelmente, a experiencia que teve nessa occasião tem algo que ver com sua maneira de pensar, apressou-se a dizer-me que não era exactamente assim. Glenda Farrell tem um temperamento emotivo, que a faz viver mais intensamente suas emoções, possivelmente mais do que qualquer outra actriz em Hollywood. Quem se lembrar de "Ao raiar da vida", onde ella apparece como uma bailarina de cabaret, furiosa ante a idéia de ter um filho, está de accordo commigo em que dentro magistralmente e tambem dirige sapientissimamente suas emoções. Depois trabalhou em muitos filmes e, em cada nova interpretação, Glenda Farrell augmentou o circulo de seus admiradores e, actualmente, está artista é mais conhecida no mundo inteiro do que muitas estrellas... principalmente pela persistencia com que appareceu nos filmes da Warner First National. — Bem sei — prosegue Glenda Farrell — que minha união com um collega não seria o meu ideal. Os esteros em um tenperamento algo excitavel e quando, após um rapido periodo de ruma-ticismo, dois artistas contivem, o castello rue fragorosamente. A culpa não lhes cabe, porem seria um erro imperdoavel que, conhecendo como conheço tudo isso, voltasse a casar-me com um actor para, pouco depois, ser forçada a pedir divorcio.

"Confesso sinceramente — teria conquistado do actor que me escolhesse por esposa... Algumas vezes, depois de representar uma scena falei, quelquer, fico nervosa ao elogiar em casa... Se tivesse marido, puxaria conversa com elle sómente para dizer-lhe: — Sabes que a scena de hoje, finalmente, ter reconfortada. Poderá ser que, como artista, ao contrario, não me consolasse e, assim, teria conquistado a felicidade de vida matrimonial de um casal de artistas cinematographicos é apenas de dois annos... E isso, quando se fortalecem com uma forte dose de boa vontade mutua para relevar as pequeninas desintelligencias. "Mas... está claro! Bem póde ser que eu mude de pensar... E quando isso succeder posso affirmar desde já, que não me casarei com um actor. Estes são bonissimas pessoas, grandes camaradas emquanto desempenham o papel que lhes foi confiado; porém se algum dia resolver casar-me, procurarei outro ambiente".

Devemos esclarecer, agora, que Glenda Farrell já foi casada com um actor de cujo matrimonio tem um precioso rapazinho de dez annos. Quando lhe insinuei que, positivelmente, a experiencia que teve nessa occasião tem algo que ver com sua maneira de pensar, apressou-se a dizer-me que não era exactamente assim. Glenda Farrell tem um temperamento emotivo, que a faz viver mais intensamente suas emoções, possivelmente mais do que qualquer outra actriz em Hollywood. Quem se lembrar de "Ao raiar da vida", onde ella apparece como uma bailarina de cabaret, furiosa ante a idéia de ter um filho, está de accordo commigo em que dentro magistralmente e tambem dirige sapientissimamente suas emoções. Depois trabalhou em muitos filmes e, em cada nova interpretação, Glenda Farrell augmentou o circulo de seus admiradores e, actualmente, esta artista é mais conhecida no mundo inteiro do que muitas estrellas... principalmente pela persistencia com que appareceu nos filmes da Warner First National. — Bem sei — prosegue Glenda Farrell — que minha união com um collega não seria o meu ideal. Os esteros em um temperamento algo excitavel e quando, após um rapido periodo de rumaticismo, dois artistas contivem, o castello rue fragorosamente. A culpa não lhes cabe, porem seria um erro imperdoavel que, conhecendo como conheço tudo isso, voltasse a casar-me com um actor para, pouco depois, ser forçada a pedir divorcio.

"Confesso sinceramente — teria conquistado do actor que me escolhesse por esposa... Algumas vezes, depois de representar uma scena falei, quelquer, fico nervosa ao elogiar em casa... Se tivesse marido, puxaria conversa com elle sómente para dizer-lhe: — Sabes que a scena de hoje, finalmente, ter reconfortada. Poderá ser que, como artista, ao contrario, não me consolasse e, assim, teria conquistado a felicidade de vida matrimonial de um casal de artistas cinematographicos é apenas de dois annos... E isso, quando se fortalecem com uma forte dose de boa vontade mutua para relevar as pequeninas desintelligencias. "Mas... está claro! Bem póde ser que eu mude de pensar... E quando isso succeder posso affirmar desde já, que não me casarei com um actor. Estes são bonissimas pessoas, grandes camaradas emquanto desempenham o papel que lhes foi confiado; porém se algum dia resolver casar-me, procurarei outro ambiente".

Devemos esclarecer, agora, que Glenda Farrell já foi casada com um actor de cujo matrimonio tem um precioso rapazinho de dez annos. Quando lhe insinuei que, positivelmente, a experiencia que teve nessa occasião tem algo que ver com sua maneira de pensar, apressou-se a dizer-me que não era exactamente assim. Glenda Farrell tem um temperamento emotivo, que a faz viver mais intensamente suas emoções, possivelmente mais do que qualquer outra actriz em Hollywood. Quem se lembrar de "Ao raiar da vida", onde ella apparece como uma bailarina de cabaret, furiosa ante a idéia de ter um filho, está de accordo commigo em que dentro magistralmente e tambem dirige sapientissimamente suas emoções. Depois trabalhou em muitos filmes e, em cada nova interpretação, Glenda Farrell augmentou o circulo de

Uma scena do film "Maridos Rivaes", que o "Broadway" apresenta amanhã, junto ao film "Carnera-Baer"

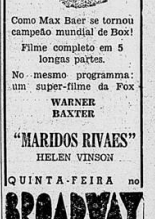
Uma scena do luxuoso "film" do London, "Catharina, a Grande", cujos principaes interpretes são Douglas Fairbanks Jr. e Elisabeth Berner

seus admiradores e, actualmente, esta artista é mais conhecida no mundo inteiro do que muitas estrellas... principalmente pela persistencia com que appareceu nos filmes da Warner First National. — Bem sei — prosegue Glenda Farrell — que minha união com um collega não seria o meu ideal. Os esteros em um temperamento algo excitavel e quando, após um rapido periodo de rumaticismo, dois artistas contivem, o castello rue fragorosamente. A culpa não lhes cabe, porem seria um erro imperdoavel que, conhecendo como conheço tudo isso, voltasse a casar-me com um actor para, pouco depois, ser forçada a pedir divorcio.

"Confesso sinceramente — teria conquistado do actor que me escolhesse por esposa... Algumas vezes, depois de representar uma scena falei, quelquer, fico nervosa ao elogiar em casa... Se tivesse marido, puxaria conversa com elle sómente para dizer-lhe: — Sabes que a scena de hoje, finalmente, ter reconfortada. Poderá ser que, como artista, ao contrario, não me consolasse e, assim, teria conquistado a felicidade de vida matrimonial de um casal de artistas cinematographicos é apenas de dois annos... E isso, quando se fortalecem com uma forte dose de boa vontade mutua para relevar as pequeninas desintelligencias. "Mas... está claro! Bem póde ser que eu mude de pensar... E quando isso succeder posso affirmar desde já, que não me casarei com um actor. Estes são bonissimas pessoas, grandes camaradas emquanto desempenham o papel que lhes foi confiado; porém se algum dia resolver casar-me, procurarei outro ambiente".

Devemos esclarecer, agora, que Glenda Farrell já foi casada com um actor de cujo matrimonio tem um precioso rapazinho de dez annos. Quando lhe insinuei que, positivelmente, a experiencia que teve nessa occasião tem algo que ver com sua maneira de pensar, apressou-se a dizer-me que não era exactamente assim. Glenda Farrell tem um temperamento emotivo, que a faz viver mais intensamente suas emoções, possivelmente mais do que qualquer outra actriz em Hollywood. Quem se lembrar de "Ao raiar da vida", onde ella apparece como uma bailarina de cabaret, furiosa ante a idéia de ter um filho, está de accordo commigo em que dentro magistralmente e tambem dirige sapientissimamente suas emoções. Depois trabalhou em muitos filmes e, em cada nova interpretação, Glenda Farrell augmentou o circulo de

Uma scena de "Virtude entre ellas"



Como Max Baer se tornou campeão mundial de Box!

Filme completo em 5 longas partes.

No mesmo programma: um super-filme da Fox

WARNER BAXTER

"MARIDOS RIVAES"

HELEN VINSON

QUINTA-FEIRA no

BROADWAY

O CINEMA MAIS INTERESSANTE DE S. PAULO

AV. S. JOÃO 560

TEL. 4-2235

ESPECTACULOS

THEATROS

MUNICIPAL — Praça Ramos de Azevedo — Tel. 4-4627 — Fechado.

SANT'ANNA — Rua 24 de Maio, 23 — Tel. 4-1942 — A's 20,45 horas, especialmente variados de Bhozinsinha Castarelli — Frisas, 45$000; poltronas, 6$000; Galerias, 3$000.

CASINO — Rua Anhangabahú — Tel. 2-7763 — Fechado.

BOA VISTA — Rua da Bôa Vista, 20-A — Tel. 5-3288 — Cia. Cazuzza di Napoli — "Terra bentana", ás 20 e 22 ht. — Frisa, 25$000; poltrona, 5$000; galeria, 3$000.

RECREIO — Rua Rodrigo Silva — Tel. 4-8723 — Fechado.

CINEMAS

PROGRAMMAS DE HOJE

REPUBLICA — Praça da Republica, 49 — Tel. 4-6837 — "O cavalheiro x... Lisos" e "O Cavalheiro" em os desenhos. — A's 19 ás horas — Preços com inscripto: Matinée: Poltrona, 2$000. Meias, 1$500. Geraes, 1$200.

OLYMPIA — Avenida Rangel Pestana, 120 — Tel. 9-1244 — "O homem invisivel". Parte falada. — Hoje, ás 14 horas — Preços com inscripto: Poltronas, 2$000. Meias, 1$500. Geraes, 1$200.

COLOMBO — Largo da Concordia — Tel. 2-6078 — Film de Carmen Santos "Os galhados". — Na téla: "Reportagem de Estevam" e "O as de Shanghai". Espectaculo completo ás 19 horas. Preços: Inscripto: Poltrona, 2$000. Meias, 1$. Geraes, 1$000.

PARAITODOS — Largo Santa Ephigenia, 17 — Tel. 4-5553 — "Estimo" e "Vivo o Beijo" — Matinée: 14 horas — Soirées completas ás 18 e 21 horas — Preços com inscripto: Matinée: Poltrona, 2$200. Meias, 1$200 — Noite: Poltrona, 3$000. Meias e Balcões, 1$500.

ROYAL — Rua Sebastião Pereira, 73 — Tel. 5-3091 — "Estimo", "Viva o Beiço" e Desenho — Sessões continuas de 12 horas em diante. — Preços com inscripto: Poltrona, 2$000. Meias, 1$200.

ALHAMBRA — Rua Direita — Tel. 2-1139 — "O paraiso de um homem", "O bomba da zona", jornal e desenho. — Sessões continuas a partir das 14 horas — Preço unico com inscripto: Poltrona, 2$200.

S. CAETANO — Rua São Caetano, 56 — Tel. 4-4852 — "Amantes Fugitivos", "Atiaqueradeo", "O senso é tudo" e desenho. — Sessões continuas de 12 horas. — Preço ci inposto: Poltrona, 1$500. Meias, $700.

ROSARIO — Rua São Bento, 51 — Tel. 2-0439 — "Culhariha, a grande" desenho colorido e jornal. — Sessões ás 14, 16, 18, 20 e 22 horas — Preços com inposto: Matinée: Poltrona, 2$000. Meias, 1$000 — Noite: Poltrona, 3$000. Meias, 1$500.

CAPITOLIO — R. S. Joaquim, 110 — Tel. 5-2378 — Soirée — Poltrona, 1$500.

CENTRAL — Rua General Osorio — Tel. 4-2359 — Sessões das 13,30 horas em diante — Poltrona: 1$500.

REPUBLICA — Rua Cons. Ramalho, 126 — Sessões nocturnas — Poltrona: 1$500.

COLOMBO — Rua do Commercio — Tel. 2-0120 — A's 13,30 horas — Poltrona: 1$500.

IDEAL — Rua Piratininga, 85 — A's 13,30 horas — Poltronas: 1$500.

IRIS — Avenida Celso Garcia, 304 — Tel. 9-0449 — A's 13,30 horas: Poltrona, 1$500.

MAFALDA — Avenida Rangel Pestana — Tel. 9-0413 — A's 13,30 horas — Poltronas: 1$200.

ORIENTAL — Rua Chavantes, 7 — Tel. 5-0711 — A's 13,30 horas: Poltronas: 1$500.

PEDRO II — Parque Anhangabahú — Tel. 2-1565 — Soirée — Poltrona: 1$500.

RIALTO — Rua João Theodoro, 59 — Tel. 2-1133 — Sessões nocturnas — Poltrona: 1$200.

S. BENTO — Rua São Bento — Tel. 2-3010 — Soirée — Poltrona: 2$200.

SANTA CECILIA — Rua dos Palmeiras — Tel. 4-3454 — Soirée Poltrona: 2$200.

SANTA HELENA — Praça da Sé, 47 — Tel. 2-4535 — Soirée — Poltrona: 2$300.

S. JOSÉ — Largo S. José do Bezos, 17 — Tel. 9-1174 — Soirée: Poltrona, 2$500.

S. PAULO — Praça Almeida Junior — Tel. 2-0787 — Soirée: Poltrona: 2$500.

S. PEDRO — Rua Barra Funda — Tel. 3-2349 — Soirée — Poltrona: 1$500.

VARIEDADES

MORRO DO CHA — Praça da Sé, 47 — Matinée e soirée — Preços e numeros de canto e baile — Poltrona: 4$000.

CIRCOS

CIRCO IRMÃOS FERNANDES — Rua Conceição, esquina rua Senador Queiroz — Funccionão variado em homenagem ao "Correio Paulistano" com um lindissimo programma. Poltronas, 3$; cadeiras, 2$000. — RIALTO

Fig. 69: Publicação de *Cinematografia* após o regresso do *Correio Paulistano* (1934)

espetáculos. Algum tempo depois, a página foi inteiramente dedicada às películas e aos artistas, que também compartilhava o espaço com anúncios das salas que exibiam os filmes na capital e depois com o folhetim cinematográfico que voltaria a ser publicado tal como ocorrera no final dos anos de 1910.

Quanto ao jornal *O Estado de S. Paulo*, durante muitos anos apresentou aos leitores as colunas *Palcos e Circos* e *Artes e Artistas*, nas quais relatava as representações teatrais e musicais da capital paulistana e cidades próximas. Também se comentava a respeito de exposições, mas sem dar muito espaço ao cinema, ainda que outros jornais fizessem o contrário e lhe dessem lugar de destaque. Nota-se que, só a partir de 1947, o *Estado* resolveu unir as colunas com temática artística numa única página, nomeada *Artes e Artistas, Cinema, Rádio, Palcos e Circos*, na qual as colunas mencionadas aparecem separadas, tal como antes. De qualquer forma, talvez por ter um estilo mais sisudo, *O Estado de S. Paulo* não dava ênfase para as produções fílmicas como, por exemplo, o *Correio Paulistano*, que adotou novidades como o folhetim cinematográfico.

A *Folha da Manhã*, por sua vez, desde sua criação em 1925, apresentou aos leitores uma página inteira denominada *Ribaltas e Projeções*, que se dividia em duas colunas categorizadas com "Projetando..." e "Representando...". Desse modo, de um lado se noticiava os novos filmes, perfis de atores e atrizes, fofocas do mundo cinematográfico, além de pequenos anúncios que alertavam sobre a venda de publicações relacionadas ao cinema, como em fevereiro de 1927, quando se avisou aos leitores que a coletânea *Cartas inéditas de Rodolfo Valentino*, prefaciado por Laurindo de Brito, traduzido por Alcindo Monteiro e ilustrado por Barreto, estaria "brevemente à venda nesta Capital". [336] De outro, se descrevia os espetáculos de dança, concertos, exposições de arte e eventos relacionados aos palcos, não só do Brasil, mas de outros países, a partir do que relatavam os telegramas recebidos de Roma. Algum tempo depois, a *Folha da Manhã*, passou a ter uma página totalmente dedicada ao mundo do cinema intitulada *Ao mundo das Sombras*. [337]

Em agosto de 1934, o *Correio* prometeu que daria "dois esplêndidos brindes aos leitores," ou seja, a difusão alternada de "dois folhetins cinematográficos", nos mesmos

[336] O ator italiano havia falecido seis meses antes com apenas 31 anos de idade. *Folha da Manhã*, 12 fev. 1927, p. 6.

[337] O jornal também possuía a coluna *Pelo Teatro*, no qual se comentava de forma mais simples e concisa os espetáculos locais.

moldes realizados antes de 1920. Tratava-se de *Quatro irmãs*, de Louise May Alcott, filmado pela RKO e interpretado por Katharine Hepburn (1907-2003) e de *A casa de Rothschild*, de Lewis Allen Browne, baseado na adaptação de Nunnaly Johnson, filmado pela *20th Century Production* e distribuido pela *United Artists*. Ambos foram publicados, em duas colunas, dividindo espaço com notícias sobre os atores e atrizes, as novas produções em andamento e a programação de cinemas e teatros, além de publicidades dos filmes em cartaz no Odeon e no Rosário, que então exibiam às segundas-feiras *A casa de Rothschild*, dirigido por George Arliss e publicado pelo *Correio Paulistano.*[338]

Entretanto, a prática nos anos posteriores foi diversa da utilizada quando do relançamento do jornal, pois, em 1937, o *Correio Paulistano* anunciou a "novelização" do filme *Rua das Vaidades*, produzido pela RKO Rádio, protagonizado novamente por Katherine Hepburn, além de Franchot Tone (1905-1968) e Eric Blore (1887-1959). Não se mencionou a palavra folhetim e nem o tradicional "continua" como era praticado no modelo antigo, mesmo porque os capítulos foram veiculados na seção *Cinematografia*, em meio a outros assuntos, sem as características que lhe eram peculiares como a alocação no rodapé. Para que o leitor entendesse o ambiente em que se passava o enredo, o jornal achou oportuno apresentar a época dos acontecimentos, ou seja, a Inglaterra do século XIX. [339]

Além da capital, o filme *Rua das Vaidades* também foi exibido na programação das salas da cidade de Santos, litoral paulista. [340] Chama a atenção a forma de apresentar a trama, pois mesmo que o *Correio* enfatizasse que se tratava de uma publicação em "capítulos" tal como o romance-folhetim, na realidade tratava-se mais de um grande resumo. Inclusive no final do capítulo IV, acrescentava-se que "no próximo (...) o leitor encontrará um novo interesse que tornará mais simpática e patética a figura de Febe Throessel," informação que se repete em outras oportunidades. [341] Tão pouco se nomeou tais "capítulos" de episódios, como havia sido realizado no final do decênio de 1910.

Com tais características, pode-se afirmar que o termo "novelização" empregado, não correspondia em nada ao modelo anterior, no qual se tratava de tornar o filme, um

[338] *Correio Paulistano*. 01 set. 1934, p.6.
[339] *Correio Paulistano*, 20 jun. 1937, p. 14.
[340] *Correio Paulistano*, 10 jul. 1937, p. 14.
[341] *Correio Paulistano*, 26 jun. 1937, p. 14.

Fig. 70: Folhetim Cinematográfico *Quatro Irmãs*, publicado no *Correio Paulistano* (1934)

Fig. 71: Cartaz de divulgação do filme *Quatro Irmãs* (1933)

Fig. 72 e 73 : Cenas do filme *Quatro Irmãs* (1933).

Fig. 74: Em destaque a estreia de *A Rua da Vaidade* no Correio Paulistano (1937)

romance escrito que pudesse possibilitar ao leitor-espectador compreender melhor aquilo que era projetado nas telas. Inclusive, muito se falava sobre as improvisações realizadas pelos artistas nessas primeiras experiências e qual projeto teria sido originado primeiro: o filme ou o folhetim cinematográfico, como lembrado pela atriz de *Judex*, Yvette Andréyor, em entrevista cedida a Francis Lacassin na década de 1960:

> Au début de la semaine, [Feuillade] nous expliquait le canevas, on connaissait le déroulement et meme la fin de l'épisode. Tandis que le film passait dans les salles, un grand journal publiait le feuilleton correspondant, écrit par Feuillade et Arthur Bérnède. Je me suis souvent demandée si le feuilleton s'inspirait du tournage, ou le tournage du feuilleton. Ce don't je me souviens, c'est qu'un matin, furieux contre Bérnède, Feuillade lui a crié devant nous: "Et puis, je ne te dirai pas comment ça va finir, tu ne pourras pas l'écrire dans ton canard!" [342]

Ainda que o trecho acima cite especificamente o caso de *Judex*, a questão que se deve destacar é a respeito de como se dava a dinâmica entre a negociação do filme e sua veiculação pelo jornal. Ao que tudo indica nem sempre sua logística ficava clara nem mesmo para os atores que contracenavam a trama. No caso do *Correio*, o modo pelo qual foi apresentado *Rua das Vaidades* aos leitores, só corroborava a tese de que o romance tinha cada vez menos espaço nas páginas do jornal. Após a veiculação de *Rua das Vaidades*, o jornal não encetou novamente a experiência. No entanto, a partir da análise do folhetim cinematográfico publicado na década de 1910 e, posteriormente, em 1930, percebeu-se a tentativa de aliar o cinema a uma antiga fórmula de atrair o público, ou seja, a trama fatiada, que ao que tudo indica teria feito sucesso, o que demonstra que tal modalidade merece que se faça mais pesquisas a respeito que possam situá-la melhor no campo historiográfico.

Além disso, cabe destacar as pelo folhetim cinematográfico, que não era diferente da existente em relação ao livro, já que os donos dos jornais, pelo menos no caso norte-americano, foram os próprios financiadores de vários filmes, assim como, décadas antes havia impresso os folhetins que difundiam em suas folhas. Assim, havia um novo suporte e a possibilidade de se explorar outro produto cultural de amplo consumo, que se aliou ao capital jornalístico e foi capaz de gerar um produto que se materializou não só no papel, mas também na tela do cinema.

[342] Apud TREBUIL, Christophe. *Op. cit*, p. 67.

Considerações Finais

Um gênero que desapareceu?

Em janeiro de 1937, o *Correio Paulistano* publicou no rodapé da primeira página a reportagem denominada *Esplendor e decadência do folhetim*, que se abria com a constatação de que os jovens não poderiam imaginar o que havia sido o gênero para seus avós e bisavós. Asseverava que a rubrica havia sido desalojada do lugar que durante muito tempo ocupou para ser lançada na obscuridade, enquanto seus leitores diminuíam dia a dia. A constatação não era isenta de ambiguidades, uma vez que ao mesmo tempo em que se mostrava pesaroso pela situação também considerava o folhetim uma espécie de "sobrevivente" da imprensa tradicional e que ainda possuía "uma massa considerável de leitores". Após explicar o auge do gênero e os motivos pelos quais ele agradava tanto a sociedade de antes, o autor concluiu que o "espírito moderno é incapaz de esperar durante meses um desenlace, quando o cinema o acostumou a esgotar todas as emoções no espaço de uma hora". [343]

De fato, o percurso da pesquisa evidencia que o espaço-folhetim foi perdendo força à medida que os anos passavam. Sua história já era quase que centenária quando o *Correio Paulistano* veiculou a reportagem citada. No século XIX, o modelo importado da França passou a figurar nas folhas que circularam no Brasil ainda que, pelo menos para o caso de São Paulo, não seja possível estabelecer com precisão qual teria sido o primeiro impresso periódico a publicá-lo, em função de não se ter à disposição todas as folhas que foram aqui publicadas. Entretanto, mesmo para os jornais com apenas um exemplar nos acervos, os seus programas declaram a intenção de incluir o espaço-folhetim, o que evidencia que sua presença era um componente essencial da imprensa em meados dos oitocentos.

Embora seja lugar comum a associação entre folhetim e a publicação de romances, na catalogação e análise dos dois jornais pesquisados verificou-se que o espaço folhetim, até última década do XIX, não continha um gênero predominante, a despeito de algumas categorias terem sido mais mobilizadas que outras. O espaço folhetim publicado no *Correio Paulistano* e no *O Estado de S. Paulo* constituiu-se numa miscelânea de gêneros, que puderam ser divididos em duas categorias, produção crítica

[343] *Correio Paulistano*. 21 jan. 1937, p.16.

e literária, compostas por ensaios de variada ordem, resenhas, crônicas e contos, que se alternavam no rodapé ao lado dos romances. Em muitas oportunidades, o espaço folhetim cumpriu espécie de papel pedagógico e vigilante, não só por informar os leitores dos fatos ocorridos na esfera pública, mas também propugnar, de forma leve e debochada, uma série de medidas, nos mais variados âmbitos, que deveriam ser adotadas pelas autoridades, além de apresentar significativo rol de crítica social.

Na passagem do século XIX para o XX, era prática corrente a premiação aos assinantes que renovavam sua subscrição, prática que incluía um conjunto de brindes, com destaque para a distribuição de obras que haviam figurado no rodapé. Apesar de tal modalidade ter sido mais utilizada pelo *Estado* do que pelo *Correio*, apurou-se que ambos os jornais forneceram aos leitores romances traduzidos e editados em suas próprias oficinas. Aquele comandado por Julio de Mesquita, segundo os anúncios encontrados, também vendeu os exemplares remanescentes dessa iniciativa no escritório da folha.

A chegada do século XX representou uma nova fase na organização dos jornais que, aos poucos, afastaram-se da imprensa artesanal para adotar maquinário moderno, o que se refletia na qualidade da impressão e na composição das páginas. O romance passou a predominar no espaço folhetim e os textos que antes lá figuravam foram alocados em outras colunas. Continuava a prevalecer o arranjo tradicional do espaço, com os capítulos posicionados em colunas horizontais e a cada dia seguidos do bem conhecido "continua". Todavia, a partir dos anos 1910, tal disposição modificou-se e os jornais, sobretudo o *Estado,* passou a publicar romances em formato muito semelhante à página de um livro, ou seja, na vertical e com duas colunas. A pesquisa evidenciou que, no século XX, era comum alternar os dois formatos, sem nenhuma justificativa ao leitor. Não é fora de propósito arriscar que a inversão visasse facilitar a iniciativa dos leitores de colecionar as obras fatiadas pelo jornal.

A consulta, ainda que não exaustiva ao *Correio Paulistano* revelou que esse periódico mobilizou prática em voga nos Estados Unidos e na França e que mesclava o tradicional folhetim com o cinema. Trazia-se aos leitores episódios de uma trama seriada, que estava em exibição nas salas da cidade. Aparentemente, o projeto despertou a atenção do público, uma vez que se transportava para o formato impresso ações e sentimentos num momento em que ainda não se contava com o som. O status do leitor comum do espaço folhetim modificou-se, pois era possível ver na tela o que se havia

lido na folha. O Brasil parecia ser um cenário frutífero para tal modalidade, o que levou Leon Bary, ator que protagonizou filmes veiculados pelo *Correio Paulistano*, a visitar o país a fim de estabelecer uma companhia cinematográfica, empreendimento acompanhado de perto e prontamente noticiado pelo jornal.

Pode-se afirmar que a experiência do folhetim cinematográfico talvez tenha sido um dos últimos lances bem sucedidos da trajetória da rubrica na imprensa paulistana. Na década de 1920, os romances estendiam-se por longos meses e até anos, evidencia clara de que os tempos áureos haviam ficado para trás. Ao que tudo indica, o espaço folhetim figurava como uma reminiscência, mas ainda poderosa, tanto que periódicos fundados no século XX ainda julgavam necessário incluí-lo, como bem demonstrou o caso da *Folha da Manhã* e a *Folha da Noite*. Da fundação até meados de 1930, o espaço folhetim foi mantido, ainda que sem seguir à risca o modelo empregado pelos jornais oriundos do XIX.

Após o conturbado período da história política e econômica do país, que teve como epicentro o movimento de 1930, a ascensão de Getúlio Vargas ao poder e a chamada Revolução Constitucionalista de 1932, observa-se o esmaecimento do espaço folhetim nos periódicos paulistas, com destaque para *O Estado de S. Paulo*. A preocupação da família Mesquita concentrava-se então na situação de Julio de Mesquita Filho, que foi preso por diversas vezes até ser obrigado a seguir para o exílio em 1938. Quanto ao *Correio Paulistano*, após quatro anos sem circular devido ao ataque sofrido em 1930, tentou reavivar a experiência anterior, trazendo novamente o folhetim cinematográfico em suas páginas, mas sem obter o mesmo sucesso anterior. Mesmo assim o espaço persistiu, desta vez com reportagens, no formato vertical.

Para a década de 1940, o *Correio* passou veicular o espaço folhetim aos domingos e a reproduzir contos, poesias e excertos de obras. Enquanto isso, o *Estado* foi invadido e expropriado pelas forças do governo e sua devolução a família Mesquita ocorreu somente em 1945. Durante o período de ocupação, o espaço folhetim foi mantido com a publicação de apenas dois romances, que se arrastaram ano após ano. A adoção por um novo tipo de imprensa, influenciada pelo modelo norte-americano no restante da década e começo dos anos de 1950 marcou, portanto, a descontinuidade do espaço folhetim nos jornais pesquisados e quiçá na imprensa brasileira como um todo.

Entretanto, talvez não seja correto apontar que o gênero tenha desaparecido totalmente, pois a sua trajetória inspirou outras modalidades de entretenimento que

seguiram as mesmas regras. Nesse quesito, é costumeiro apontar a telenovela como um dos frutos que pertence a sua árvore genealógica, já que muitos elementos caros ao romance-folhetim ajudaram a formar seus traços como a divisão da trama em capítulos, os cortes em momentos de tensão e revelação que mantêm a expectativa da continuação, a plasticidade dos temas abordados e o envolvimento do público que pode ser decisivo no desenlace da narrativa. Pode-se mesmo perguntar se as tradicionais características folhetinescas não influenciaram as séries televisivas, tão em voga atualmente.

Se as técnicas do gênero folhetim parecem atravessar os séculos, bem diferente é a situação do espaço tipográfico do folhetim que, conforme se tentou evidenciar, remete para uma prática jornalística específica, que não abrigou em seu interior apenas romances publicados em doses homeopáticas. A proposição do conceito "espaço tipográfico do folhetim" constitui-se numa tentativa de dar conta, na longa duração, de uma prática tipográfica, recorrente nos jornais e que na produção historiográfica e literária é frequentemente tomada como sinônimo, o que contribui para indistinção entre situações de natureza diversa.

Assim, o objetivo principal dessa tese não recaiu sobre o folhetim em si, mas sobre a história e a trajetória desse espaço tipográfico na imprensa paulistana e sua flexibilidade para comportar textos de gênero muito variado, ainda que tenha havido claro predomínio do romance-folhetim. Além disso, a emergência de novas possibilidades técnicas e meios de comunicação como o cinema, o rádio e a televisão, não anularam o sucesso da fórmula, com as devidas diferenças e especificidades de cada um, o que se utiliza ainda é a mesma fórmula narrativa que comporta cortes que visam aguçar a curiosidade e fisgar tanto o leitor, quanto o ouvinte e o telespectador.

Referências Bibliográficas

ABEL, *Richard. Americanizando o filme: ensaios de história social e cultural do cinema*. São Paulo: Cinemateca Brasileira, 2013.

ABREU, Alzira *et al*. *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BARRO, Máximo. *A primeira sessão de cinema em São Paulo*. São Paulo: Tanz do Brasil, 1996.

BROCA, Brito. *Românticos, pré-românticos, ultra-românticos : vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis, 1979.

CACHIN, Marie-Françoise, COOPER-RICHET, Diana, MOLLIER, Jean-Yves, PARFAIT, Claire. *Au bonheur du feuilleton*. Paris: Creaphis, 2007.

CAMARGO, Mario de. *Gráfica -Arte e indústria no Brasil*: 180 anos de História. São Paulo: Bandeirantes Gráfica, 2003.

CAROU, Alain. L' invention du "film-littéraire" ou comment le cinema français rencontra les écrivains. Conférence. École des Chartes (ELEC). Disponível em: http://elec.enc.sorbonne.fr/conferences/carou. Acesso em: 21 mai. 2016.

CHALHOUB, Sidney, PEREIRA Leonardo A. de Miranda. (Org.). *A História Contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CHARNEY, Léo; SCHWARTZ, Vanessa. *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac&Naif, 2001.

CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana (1890-1915)*. São Paulo: EDUC: FAPESP: Imprensa Oficial de São Paulo, 2000.

DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da Enciclopédia 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos livros*: instituição e prática de leitura na São Paulo oitocentista. São Paulo: Edusp; Fapesp, 2011.

DUMASY, Lise. *La querelle du roman-feuilleton – littérature, presse et politique, un débat précurseur (1836-1848)*. Grenoble: Ellug, 1999.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

FREITAS, Affonso de. *A Imprensa Periódica de São Paulo desde seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Tip. do Diário Oficial, 1915.

GÓES, Marta. *Alfredo Mesquita*: um grã-fino na contramão. São Paulo: Editora Terceira Nome: Loqui Editora: Albatroz Editora, 2007.

HABERT, Angeluccia Bernardes. *Fotonovela e Indústria Cultural*. Petrópolis: Vozes, 1974.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil:* sua história. São Paulo: T. A. Queiroz: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas*: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

JANOVITCH, Paula Ester. *Preso por Trocadilho*: a imprensa de narrativa irreverente paulistana de 1900-1911. São Paulo: Alameda, 2006.

KALIFA, Dominique et al. *La Civilisation du journal*. Paris: Nouveau Monde editions, 2011.

_____, THÉRENTY, Marie-Éve. *Les Mystères urbains au XIX siècle: circulation, transferts, appropriations, publications*. Disponível em: http://www.medias19.org/index.php?id=21466#ftn5. Acesso em: 24 mai. 2016.

KNIGHT, Arthur. *Uma história panorâmica do cinema*. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1970.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.

LETEUX, Christine. *Albert Capellani: Pioneer of the Silent Screen*. Lexington: The University Press of Kentucky, 2015.

LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil:* um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

MACIEL, Laura Antunes. *A nação por um fio*: caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon. São Paulo: Educ, 1998.

MACHADO JR, Rubens. São Paulo e o seu cinema: para uma história das manifestações cinematográficas paulistanas. (1899-1954). In: PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*: a cidade no Império 1823-1889. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MACHADO, Ubiritan. *Pequeno Guia Histórico das Livrarias Brasileiras*. São Paulo: Atelie Editorial, 2008.

MARTINS, Ana Luiza; BARBUY, Heloisa. *Arcadas*: história da Faculdade de Direito do Largo São Francisco 1827-1997. São Paulo: Alternativa, 1998.

_____, LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MEYER, Marlyse. *Folhetim*: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____ . *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MOTA, Carlos Guilherme, CAPELATO, Maria Helena. *História da Folha de S. Paulo*. São Paulo IMPRES, 1981.

PILAGALLO, Oscar. *História da Imprensa Paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Ouro Preto: Tipografia Silva, 1832.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2011.

PORTA, Paula (org.). *História da Cidade de São Paulo*: a cidade no Império 1823-1889. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *História da Cidade de São Paulo*: a cidade na primeira metade do século XX (1890-1954). São Paulo: Paz e Terra, 2004.

QUEFFÉLEC, Lise. *Le roman-feuilleton français au XIX siècle*. Vêndome: Presses Universitaires de France, 1989.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

RIBEIRO, José Carlos. *Imprensa e ficção no século XIX*. Edgar Alain Poe e A Narrativa de Arthur Gordon Pym. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

ROY, André. *Dictionnaire Général du Cinéma*. Québéc: Fides, 2007.

SABADIN, Celso. *Vocês ainda não ouviram nada: a barulhenta história do cinema mudo*. São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

SADOUL, Georges. *O cinema*. Rio de Janeiro, CEB: 1951.

SALAUN, Julie. *Les romans-feuilletons dans la presse lyonnaise* (1870-1914). Dissertação de mestrado. Lyon: Université de Lyon 2, 2011.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Entrelaces*. v. 1, p. 44-56, 2007.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. *O adiantado da hora: a influencia americana sobre o jornalismo brasileiro*. São Paulo: Summus, 1991.

SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. *O cinematógrafo de letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Thérenty Marie-Ève. Les "vagabonds du télégraphe": représentations et poétiques du grand reportage avant 1914. *Sociétés & Représentations*, jan.2006 (n° 21). Disponível

em: www.cairn.info/revue-societes-et-representations-2006-1-page-101.htm. Acesso em: 03 mai. 2016.

_____; VAILLANT, Alain. *1836: L' An I de l'ère médiatique. Analyse littéraire et historique de La Presse de Girardin*. Paris: Nouveau Monde, 2011.

TINHORÃO, José Ramos. *Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1994.

THIESSE, Anne-Marie. *Le Roman du quotidien*. Paris: Ed. Du Seuil, 2000.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*: os suplementos Literários dos Jornais Franceses e Brasileiros nos anos 90. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TREBUIL, Christophe**.** *Un cinéma aux mille visages: Le film à épisodes en France.* Paris: AFRHC, 2012.

ANEXOS

Quadro VII: publicações no espaço folhetim do jornal *Correio Paulistano* (1854-1941)

Data	**Título**	**Nome do Autor/tradutor**	**Número da Página**
1854			
27/06	O telégrafo	-	1-3
08/07	O telégrafo	-	1-3
22/07	Revista teatral	-	1-3
14/08	Revista teatral	-	1-4
18/08	Revista teatral	-	1-4
22/08	O binóculo	Q	1-2
27/09	O binóculo	-	1
14/10	O binóculo	-	1
24/10	O Pinheiro	Bias	1-3
1855			
18/05	Horas Vagas	-	2
25/05	Horas Vagas	-	1-2
26/05	Joanita	Casimiro Henricy	1
17/07	Insonia		1
04/12	O binóculo	-	1
07/12	2° carta de mestre Crispim	"Crispim"	1
09/12	Insônia	-	1
09/12	3° carta de Simão Trancoso	-	1
1856			
29/08	A quinta das giestas	Etienne Enault	1

1857			
14/01	O barbeiro de Nuremberg (conto)	"Do Observador"	1-2
29/07	O cínico	-	2-3
01/08	O cínico	-	2
29/08	O cínico	-	1
23/08	O teatro de S. Paulo (crônica do tempo colonial)	-	1
1858			
02/08	A lagoa do diabo	-	1
28/08	Folhetim de Domingo	M	1
31/08	A Semana		
04/09	Folhetim de Domingo	M	1
11/09	Folhetim de Domingo	M	1-2
28/09	Folhetim de Domingo	-	1-2
01/10	Folhetim de Domingo	M	1-2
06/10	Folhetim de Domingo	-	1-2
08/10	As quatro idades	J. Marvel	1
09/10	Folhetim de Domingo	M	1-2
19/10	Alberto	-	1
24/10	Folhetim de Domingo	M	1-2

31/10	Folhetim de Domingo	M	1-2
14/11	Folhetim de Domingo	M	1-2
03/11	Alberto (Romance do sr. F.A da Luz)	J.V	1
21/11	Folhetim do domingo	-	1
28/11	No Folhetim do domingo (cartas ao M)	J.V	1
04/12	O castelo das trezentas e sessenta e cinco janelas	-	1
07/12	No Folhetim do domingo (cartas ao M)	J.V	1
13/12	No Folhetim do domingo (cartas ao M)	J.V	1-2
16/12	A órfã	Lagostin (tradução de Um Paulista)	1
19/12	No Folhetim do domingo (cartas ao M)	J.V	1
25/12	Folhetim do domingo (viagens em férias na minha província)	M	1-2
28/12	A donzela alemã	Eugenio Scribe	1-2
1859			
28/12/1858 -02/10	A donzela alemã	Eugenio Scribe	1,2,3
09/01	Pacotilha	-	1-2

29/05	Revista Artística	M	1-2
06/07	Viagens Aéreas	-	1
19/07	Revista Artística	M	1
23/08	O Clarim (folhetim hebdomadário)	Cassio	1
24/09	O Clarim (folhetim hebdomadário)	Cassio	1
09/10	A Cruz Preta	F.D. da Luz	1
11/10	O Clarim (folhetim hebdomadário)	Cassio	1
19/10 -01/12	Madame LeBlanc	-	1-2
15/12	Ao correr da pena	Z.O	1
17/12 – 22/12	É preciso andar na moda	Velina Bebbecourt	1
23/12	Páginas soltas	G.M	1-2
25/12	Páginas soltas	G.M	1-2
27/12	Semana Teatral	R	1-2
1860			
1861			
1862			
28/01	Folhetim agrícola	-	1
02/02	Carlos	J.E Soares Romeu Junior	1
05/02 – 11/03	Os tripeiros (romance crônica do século XVI)	A.C Louzada	1
22/02	Folhetim agrícola	-	1-2
23/02	Um conto de minha velha	-	1

27/02	Folhetim agrícola	-	1-2
18/03	4° quinzena	-	1
27/03	Folhetim agrícola	-	1-2
30/03	Folhetim agrícola	-	1-2
26/04	Folhetim agrícola	-	1-2
08/05	Folhetim agrícola	-	1-2
?/05	Folhetim agrícola	-	1-2
26/06	Folhetim	-	1
20/06	Folhetim	-	1
08/07	As laranjas da marquesa	Ponson Du Terrail	2
19/07 – 06/08	Kilt Bell	Alfredo de Vigni	1
20/07	Folhetim	-	1
03/08	Folhetim	-	1
09/08	Contos à tardinha	-	1
13/08	Folhetim agrícola	-	1
19/08	Contos à tardinha	-	1
23/08	Folhetim agrícola	-	1
26/08	Contos à tardinha	-	1
28/08	Folhetim agrícola	-	1
29/08	Contos à tardinha	-	1
07/09	Folhetim	-	1
11/09	Contos à tardinha	-	1
18/09	Folhetim agrícola	-	1
28/09	Folhetim	-	1
02/10	Contos à tardinha	-	1

03/10	Folhetim agrícola	-	1
12/10	Folhetim	-	1
19/10	Folhetim	-	1
22/10	Folhetim	-	1
28/10	Folhetim agrícola	-	1
01/12	Folhetim	-	1
23/11	Folhetim agrícola	-	1
28/11	Uma mulher no mar	Amedee Gonel	1
03/12	Um divórcio		
07/12	A menina do mirante	-	1
17/12	Leocádia	-	1
28/12	Folhetim agrícola	-	1
1863			
10/01 – 20/01	Nem um nem outro	Augusto Ricard	1
24/02	Folhetim agrícola	-	1
27/03	Folhetim agrícola	-	1
02/04	Folhetim agrícola	-	1
25/04	Folhetim agrícola	-	1
29/04	Folhetim agrícola	-	1
28/05	Folhetim agrícola	-	1
03/06 – 31/08	Suzanna D' Estouville	-	1
07/07	Joaquim Augusto	-	1
14/07	Folhetim agrícola	-	1
21/07	Folhetim agrícola	-	1

13/09 – 27/10	Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado	Camilo Castelo Branco	1
17/09	Folhetim agrícola	-	1
24/09	Folhetim agrícola	-	1
26/09	Folhetim agrícola	-	1
30/10 – 31/12	Providencia	Augusto Sarmiento	1
24/11	Folhetim agrícola	-	1
29/12	Folhetim agrícola	-	1
1864			
06/01	O ciumento – apontamentos de viagem.	P. E. Albuquerque de Oliveira	1
08/01	Castigo Singular	P. E. Albuquerque de Oliveira	1
09/01	Castigo Singular	P. E. Albuquerque de Oliveira	1
12/01	A carteira de um suicida	Camilo Castelo Branco	1
21/01 – 01/03	O Chalé Preto	Alexis de Valon	1
24/01	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
07/02	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
21/02	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
24/02	Folhetim agrícola	-	1
28/02	Folhetim agrícola	-	1
06/03	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
07/03	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
20/03	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1

23/03	Folhetim agrícola	-	1
10/04	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
17/04	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
08/05	Por um triz	Don Gigadas	1
15/05	Por um triz	-	1-2
26/05	Noites de lamego	Camilo Castelo Branco	1
02/06	Fragmentos de um livro inédito	Rafael de Lagos	1
03/06	Duas paixões em 1845	-	1-2
04/06	Duas paixões em 1845	-	1-2
08/06	Folhetim agrícola	-	1
12/06	O poema do poeta	Belarte	1
14/06	Metella	Trad. Por f.F Costa	1
21/06 – 23/06	Lendas do sertão	Bernardo Guimarães	2
03/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
08/07	Folhetim agrícola	Carlos Ilidro da Silva	1
10/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
14/07 – 21/12	Misérias da atualidade	Vicente Felix de Castro	1-2
17/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
24/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
31/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
07/08	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
14/08	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1

21/08	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
04/09	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
11/09	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
15/09	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
18/09	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
25/09	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
02/10	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
09/10	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
23/10	Por enquanto	Alberto de Carjaval	1
30/10	Por enquanto	Alberto de Carjaval	1
06/11	Por enquanto	Alberto de Carjaval	1
16/11	Folhetim agrícola	-	1
20/11	Folhetim agrícola	-	1
27/11	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
04/12	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
11/12	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
18/12	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
22/12 - 27/12	Os cinco irmãos – lenda paulista	-	1,2
25/12	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
1865			
01/01	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
13/01 – 17/01	A sobrinha do papa	Eugene Nyon	1
15/01	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
21/01	Os quarenta soldes de Julia	Madame Th. Midy	1

22/01	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
29/01	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
31/01 – 01/02	Calção verde, o homem sem medo	-	1
05/02	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
08/02	Os dez apaixonados	A. Houdelot	1
19/02	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
22/02	Folhas secas	-	1
23/02	Folhas secas	-	-
26/02	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
05/03	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
08/03	Poesias	Fernando T.S. Magalhães	1
12/03	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
16/03	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
19/03	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
25/03	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
02/04	Historia de um voluntário da pátria	Por um paulista	1-2
09/04	Por enquanto	Alberto de Carvajal	1
14/05	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
21/05	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
28/05	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
04/06	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
18/06	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
24/06	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
02/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1

09/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
16/09	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
23/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
30/07	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
01/08 – 03/11	A senhora de Miremont	Marquez de Foudras	1
06/08	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
13/08	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
22/08	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
27/08	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
03/09	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
21/09	O anjo da meia noite	Ferreira de Menezes	1
24/09	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
01/10	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
08/10	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
15/10	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
22/10	Conversas a vapor	Silvio-Silvis	1
29/10	Folhetim	-	1
08/11 – 16/11	Mignonette	Honoré Benoist	1
12/11	A.P. Lopes de Mendonça	J. Ferreira de Menezes	1
14/11	A semana	F. de M	1
19/11	A semana	F. de M	1
23/11	O embusteiro	-	1
30/11	Francisco Giroust	Traduzido por uma senhora	1

13/12 – 21/12	Sonho de uma noite de maio	Pinheiro Chagas	1
24/12	O dia de natal	F. de M	1
31/12	A Semana	F. de M	1
1866			
28/01	Folhetim	F. de M	1
13/12/1865 – 30/01	Sonho de uma noite de maio	Pinheiro Chagas	1
04/02	Folhetim	F. de M	1
18/02	Folhetim	F. de M	1
25/02	Folhetim	F. de M	1
04/03	Folhetim	F. de M	1
11/03	Folhetim	F. de M	1
18/03	Folhetim	F. de M	1
26/03	Folhetim	F. de M	1
29/03	Linski	F. de M	1
18/05	Folhetim	Alfredo Cramer	1
20/05	Folhetim	Alfredo Cramer	1
27/05	Folhetim	Alfredo Cramer	1
03/06	Folhetim	Alfredo Cramer	1
05/06 – 30/08	Memórias de um sargento de milícias	Manuel Antonio Almeida	1
08/07	Folhetim	Alfredo Cramer	1
15/07	Folhetim	Alfredo Cramer	1
31/07	Folhetim	Alfredo Cramer	1
12/08	Folhetim	Alfredo Cramer	1
22/08	Folhetim	Alfredo Cramer	1

26/08	Em falta de melhor	Smarra	1
16/09	Em falta de melhor	Smarra	1
23/09	Em falta de melhor	Smarra	1
14/10	Em falta de melhor	Smarra	1
26/10	Em falta de melhor	Smarra	1
04/11	Em falta de melhor	Smarra	1
11/11	Em falta de melhor	Smarra	1
25/12	Natus est Jesus	João de Lemos	1
27/12	O palácio de Niorres	E. Capendu	1
30/12	Em falta de melhor	Smarra	1
1867			
27/12/1866 – 06/09	O palácio de Niorres	E. Capendu	1
17/02	Folhetim	Alfredo Cramer	1
24/02	Em falta de melhor	Smarra	1
02/06	Folhetim	Smarra	1
16/06	Folhetim	Smarra	1
11/07	Folhetim	Smarra	1
01/09	Fiel - O molosso	Thomas Ribeiro	1-2
16/09 – 05/10	Espanha – cenas de viagem	Julio César Machado	1
30/10 – 09/11	Do Porto a Braga	Camilo Castelo Branco	1
15/11	O rei dos gajeiros	E. Capendu	1
08/12 – 18/12	A ondina	Hypolito de Camargo	1
1868			

15/11/1867 – 28/07	O rei dos Gajeiros	E. Capendu	1
10/03	A família Benoiton	Smarra	1
22/09 – 04/12	A morgadinha dos canaviais	Julio Diniz	1
1869			
13/02	Mario	Dr. Silva Gayo	1
30/04 – 16/10	Os filhos de Judas	Ponson Du Terrail	1
01/08	Tragédia no mar – navio negreiro	Castro Alves	1
03/09	Gottschalk	C.M	1
17/10 – 08/12	A sereia	Camilo Castelo Branco	1
17/12 – 31/12	O santo da Montanha	Camilo Castelo Branco	1
1870			
17/12/1869 – 08/02	O santo da Montanha	Camilo Castelo Branco	1
13/02 – 03/04	Os brilhantes do brasileiro	Camilo Castelo Branco	1
12/04	Um pouco de tudo	Cardoso de Menezes	1
20/04	Um pouco de tudo	Cardozo de Menezes	1
01/05 – 17/12	O maldito	Pelo padre ****	1
23/12 – 31/12	Um ano na corte	Andrade Corvo	1
1871			
23/12/1870 – 11/07	Um ano na corte	Andrade Corvo	1
20/05	Folhetim	F.	
28/06	A morte de Thalberg –eclipse de um ilustre	Cardozo de Menezes	2

	triunvirato		
02/07	Folhetim	Rocheford	1
09/07	Matheus de Andrade	F. de Menezes	1
11/08 – 15/12	O tambor da 32° meia brigada	E. Capendu	1
08/10	Folhetim	Victor Noriac	1
05/11	O dia dos mortos	Rocheford	1
16/11	No baile do clube	Heleno de Campos	1
03/12	No baile do clube	Carnioli	1
1872			
11/08/1871 – 11/09	O tambor da 32° meia brigada	E. Capendu	1
25/01	Folhetim	Heleno de Campos	1
29/06	Folhetim	Felix Junius	1
07/07	Folhetim	Felix Junius	1
14/07	Folhetim	Felix Junius	1
28/07	Folhetim	Felix Junius	1
13/09 – 15/12	História de um crime celebre	Emilio Gaboriau	1
26/10	Folhetim	Felix Junius	1
17/12 – 29/12	Os amores de d'Artagnan	Alberto Blanquet	1
1873			
17/12/1872 – 25/01	Os amores de d'Artagnan	Alberto Blanquet	1
19/01	Folhetim	Felix Junius	1
25/03	Folhetim	Felix Junius	1

20/05	Revista da Semana	Felix Junius	1
27/07	Folhetim	Felix Junius	1
02/08	Vida Infernal	E. Gaboriau	1
16/11	Folhetim	C.	1
30/11	Folhetim	C.	1
16/12	Folhetim	C.	1
28/12	O dia de natal	C.	1
1874			
02/08/1873 - 03/01	Vida Infernal	E. Gaboriau	3
11/01	Folhetim	G	1
25/01	Folhetim	G	1
01/02	Folhetim	G	1
01/03	Folhetim	G	1
15/03	Folhetim	G	1
22/03 – 31/12	Os moicanos de Paris	Alexandre Dumas	1
12/04	Folhetim	G	1
24/05	Folhetim	G	1
31/05	Folhetim	G	1
07/06	Folhetim	G	1
14/06	Folhetim	G	1
21/06	Folhetim	G	1
28/06	Folhetim	G	1
12/07	Folhetim	G	1
19/07	Folhetim	G	1
30/07	Folhetim	G	1

02/08	Folhetim	G	1
09/08	Folhetim	C	1
15/08	Folhetim	C	1
23/08	Folhetim	C	1
30/08	Folhetim	C	1
04/10	Folhetim	C	1
13/12	Folhetim	C	1
20/12	Folhetim	C	1
1875			
22/03/1874 – 31/12	Os moicanos de Paris	Alexandre Dumas	1
25/04	Folhetim	C	1
01/06	Folhetim	C	1
08/06	O menino Eugenio Dengremort	C	1
20/06	Folhetim	C	1
22/08	Folhetim	C	1
05/09	Folhetim	C	1
17/10	Folhetim	C	1
28/11	Folhetim	C	1
1876			
01/01	Folhetim	C	1
22/03/1874 – 01/04	Os moicanos de Paris	Alexandre Dumas	1
02/02	Folhetim	C	1
06/02	Folhetim	C	1
19/03	Folhetim	C	1

02/04	Folhetim	G	1
08/04 – 30/12	Ciúmes d' uma rainha	Tarrago y Matteos	1
10/09	Folhetim	C	1
23/04	Folhetim	C	1
11/06	Folhetim	C	1
02/07	Folhetim	C	1
01/10	Folhetim	C	1
1877			
08/04/1876 – 03/04	Ciúmes d' uma rainha	Tarrago y Matteos	1
11/04 – 27/04	Por causa de uma rosa	Etienne Marcel (traduzida por Alberto de Andrade – bacharel em direito)	1
01/05 – 02/08	O Estudante de Salamanca	Ernesto Capendu	1
07/08 – 29/12	Os deserdados	Manuel Fernandes y Gonzales	1
1878			
05/01 – 26/07	Os deserdados	Manuel Fernandes y Gonzales	1
10/02	Folhetim	E.P	1
24/03	Folhetim	Ocionel	1
12/05	Fragmento (poesia)	X	1
27/09 – 31/12	Os que riem e os que choram	Enrique Perez Escrich	1,2
24/11	Folhetim	EP	1
1879			

27/09/1878 – 06/06	Os que riem e os que choram	Enrique Perez Escrich	1,2
15/04	Folhetim	EP	2
24/06 – 07/08	A prosa da glória	Enrique Perez Escrich	2
28/08 – 25/11	A gaivota	Fernan Cabalerro (tradução de Candido de Magalhães)	1
01/11	Ruy Blas – opera em quatro atos	-	1
23/11	Estação lírica	R. Tavares	1
28/11 – 27/12	Os dramas da Aldeia	Ponson du Terrail	1
07/12	Ecos da Semana	R. Tavares	1
1880			
28/11/1879 – 10/07	Os dramas da Aldeia	Ponson du Terrail	1
16/07 – 05/12	O sem-aventura	Ponson du Terrail	1
25/08	Paladini	-	1
08/12 – 30/12	Os filhos perdidos	Manuel Fernandes y Gonzalez	1
1881			
08/01/1880 -22/10	Os filhos perdidos	Manuel Fernandes y Gonzalez	1,2
20/03	De ônibus rebus	Ezequiel Freire	1
02/06	Aqui, ali e acolá	Valentim de Magalhães	1
19/06	De ônibus rebus	Ezequiel Freire	1
14/07	Aqui, ali e acolá	Valentim de Magalhães	1

24/07	De ônibus rebus	Ezequiel Freire	1
07/12 – 29/12	O rei dos banqueiros	Eduardo	1
1882			
07/12/1881 – 19/08	O rei dos banqueiros	Eduardo	1,2
14/08	Rosas azuis e pretas	Ezequiel Freire	1
26/09	O feiticeiro vermelho	Louis Berger	1
27/09 – 21/11	As duas fiandeiras	Francisco Gomes de Amorim	1
04/12 – 20/12	A idiota	Emilio de Richebourg	1,2
1883			
04/12/1882 – 29/12	A idiota	Emilio de Richebourg	1,2
29/04	O pseudo-realismo	-	1
24/05	As duas irmãs	Xavier de Montepin	1
1884			
12/01	Worth (do Gil Blas)	Jeanne-Thilda	1
16/01	Crimes de um anjo	Renato de Pont-Jest	1
11/05 – 27/09	A dama de companhia	Xavier de Montépin	1
01/10 – 31/10	Dramas da vida	E. Richebourg	1
29/11	Fédora	Noel de Stoulio	2
1885			
01/10/1884 – 23/04	Dramas da vida	E. Richebourg	1
25/04 – 03/10	A padeira	Xavier de Montepin	1
06/11 – 24/12	Mathias Sandorf	Julio Verne	1

1886			
06/11/1885 – 18/02	Mathias Sandorf	Julio Verne	1
13/07 – 29/12	A hervanaria	Xavier de Montépin	2
1887			
13/07/1886 – 01/03	A hervanaria	Xavier de Montépin	2
19/05 – 20/09	Os usurários de Paris	Odysse Barot	1
21/09 – 24/12	A avó	Emilio de Richebourg	1
1888			
21/09/1887 – 28/04	A avó	Emilio de Richebourg	1
30/05 – 15/08	Os dramas da vida – a Condessa Paula	Emilio de Richebourg	1,2
20/12 – 30/12	O Dr. Cláudio	Heitor Malot	1
1889			
Não foi localizado			
1890			
15/01 – 05/02	Derradeiro amor	George Ohnet	2
14/02	O cabo josé	Renato Maezeroy	1
27/02	Folhetim	Mascabillo	1
13/03	As quintas feiras	Valentim Ramalho	1
27/03	As quintas feiras	Valentim Ramalho	1
25/04	As quintas feiras	Valentim Ramalho	1
27/04	Avatar	Theophilo Gautier – tradução Salvador de Mendonça	1
01/05	As quintas feiras	Valentim Ramalho	1
31/05	Sabatinas	G.C	1

28/06	Sabatinas	G.C	1
03/08	De domingo a domingo	Wenceslau de Queiroz	2
16/08	Sabatinas	G.C	2
26/08 – 13/12	A Alma de Pedro	George Ohnet	2
23/11	Revista Útil	Dr. Juaribe	1
06/12	Revista Útil	Dr. Juaribe	1
1891			
08/02	Revista Útil	-	1
31/03	Ana Bolena	Ramon de Luna	7
03/05	D. Luceninha (romance politico escrito *à la minute*)	-	1
30/05 – 01/08	Paris na América	E. R. Lefebvre	1
19/09 – 11/10	Graziela	Lamartine	1
20/10 – 06/11	Amor de esposo	Dr. Pedro Américo de Figueiredo	1
07/11 – 31/12	O médico vermelho	Ponson Du Terrail (tradução de J.B. de Matos Moreira)	1
1892			
07/11/1891 – 30/01	O médico vermelho	Ponson Du Terrail (tradução de J.B. de Matos Moreira)	1
31/01 – 18/10	A rua da amargura	D.Manuel Juan Diana	1
11/12 – 31/12	Piquilo Aliaga ou mouros no tempo do rei Filipe III	Eugene Scribe – versão de Guilherme Rodrigues	1
1893			

11/12/1892 – 23/12	Piquilo Aliaga ou mouros no tempo do rei Filipe III	Eugene Scribe – versão de Guilherme Rodrigues	1
1894			
11/12/1892 – 01/04	Piquilo Aliaga ou mouros no tempo do rei Filipe III	Eugene Scribe – versão de Guilherme Rodrigues	1
29/04	Bernardo, o assassino	Edmond Tarbe – versão de Luiz da Silva	1
03/07	A mulher do assassino	Alexis Bouvier (tradução de Alfredo Sarmento)	1
28/09	O tio esfola	Paul Sauniere (tradução de Portugal da Silva)	1
17/10 -25/12	Maria Espanhola	W. Ayguals de Izco	1
1895			
17/10/1894 - 03/01	Maria Espanhola	W. Ayguals de Izco	1
09/02 – 11/06	Vingança de uma mulher	Pierre Decourcelle	1,2
23/06	Em busca da Felicidade	Jules Mary	2,4
18/08 – 29/12	De beijos em beijos	Louis Caters	4
1896			
Não foi localizado			
1897			
02/01 – 02/02	Abnegação paterna	André Theuriet	4
03/02 – 26/03	Rosa de Granada	João Rameau	
27/03	Aventuras de um excêntrico	-	1

04/08 – 11/12	Confissão de um amante	Marcel Prevost	1
22/12 – 31/12	Um grande amor	Salvador Farena	1
1898			
22/12/1897 – 01/03	Um grande amor	Salvador Farena	1,2
09/08	Amante e mulher	Henri Datin	2
1899			
09/08/1898 – 17/02	Amante e mulher	Henri Datin	2,4
18/02 – 26/06	Rastro de Vibora	-	-
28/06 – 14/11	Morgadinha dos canaviais	Julio Diniz	2
16/11 - 28/12	O pescador da Islândia	Pierre Loti (tradução de Maria Amalia Vaz de Carvalho)	2
29/12	O gaúcho – romance brasileiro	Senio	2
1900			
29/12/1899 - 07/02	O Gaúcho – romance brasileiro	Senio	2
11/02	Forte como a morte	Guy de Maupassant – tradução de José Sarmiento	2
21/05	Memórias de um sargento de Milicias	M.A. de Almeida	2
29/07	Barachel de Salamanca	Lesage	2
10/12	A relíquia	Eça de Queiros	2
1901			
Não foi localizado			

1902			
04/01	As minas do rei Salomão	Hider Haggard - tradução de Eça de Queiroz	2
19/02	Carmem	P. Merimée – tradução de Mariano Level	2
1903			
1904			
17/09	O esqueleto	Camilo Castelo Branco	3
20/10	Anathema	Camilo Castelo Branco	4
28/12	A irmã de caridade	Emilio Castelar	4
1905			
15/03	Madame Bovary	Flaubert	5
12/05	Os cavaleiros da cruz	Henrique Sienkiewicz (autor de Quo Vadis)	4
19/06	A mártir	Adolphe d' Ennery – versão de João Pinheiro Chagas	4
29/07	Ivanhoé	Walter Scott	6
13/10	O drama da floresta	Ponson Du Terrail	4
13/11	Glaucia	-	4
10/12	Um duelo nas sombras	Antonio Francisco Barata	8
1906			
04/01	O médico vermelho	Ponson Du Terrail	5
18/03	As mulheres de bronze	Ponson Du Terrail	5

10/08	Os milhões do criminoso	Ponson Du Terrail	6
1907			
03/01	As tragédias de Paris	Xavier de Montepin	4
04/06	A vergonha que mata	Amédeé Achard	6
30/06	A mulher bandido	Jules Boulabert	6
18/11	O monge	Lewis	3
1908			
18/11/1907	O monge	Lewis	3
20/03	Um crime misterioso	Miss M.E.Branddon	3
23/06	Joaquim Dick (o guia do deserto)	Paulo Duplessis	3
01/11	A herança do enforcado	Paulo Sauniere	8
1909			
01/11/1908	A herança do enforcado	Paulo Sauniere	8
26/01	O cavaleiro da durindana	Miguel Zévaco	6
09/04	As aventuras de Capestang	Miguel Zévaco	6
21/07	A ponte dos suspiros	Miguel Zévaco	8
08/10	Os falsos herdeiros	Ponson Du Terrail	5
21/11	Fidalgos bandidos	Paulo Léval	8
24/12	A dama negra	Carolina Invernizio	12

1910			
24/12/1909	A dama negra	Carolina Invernizio	8
03/02	A Vingança de uma louca	Carolina Invernizio	8
13/03	O Diabo na corte	Ortega y Frias – trad. De A.M. da Cunha Sá	8
11/07	A capa do Diabo	Ortega y Frias – trad. De A.M. da Cunha Sá	6
29/09	Atrás de uma herança	-	8
17/12	Os amores de Margarida	Vieira da Costa	5
1911			
29/09/1910 – 09/01	Atrás de uma herança	-	8
17/12/1910 – 22/06	Os amores de Margarida	Vieira da Costa	5
09/12	Uma filha do regente	Alexandre Dumas	7
1912			
09/12/1911 -02/01	Uma filha do regente	Alexandre Dumas	7
02/07	O rei do mundo	Emilio Souvestre	3
1913			
02/07/1912 – 29/12	O rei do mundo	Emilio Souvestre	7
1914			
02/07/1912 – 26/01	O rei do mundo	Emilio Souvestre	7
18/05	Maria de Milfontes	Henrique Correa da Silva	5

1915			
1916			
10/02 – 16/10	As doze espadas do Diabo	Henrique Kock	8
1917			
06/11	Ravengar	-	3
18/11	Mistérios de São Paulo	-	3
22/10	Judex	Romance cinematográfico de Arthur Bernedes	3
1918			
08/01	O mistério da dupla cruz	-	3
06/08	As sete pérolas	-	3
	O Fantasma Pardo (edição noturna)	-	
	O Correio de Washington (edição noturna)	-	
1919			
02/01	A Joia Fatal	-	3
27/12	O regimento 145	Jules Mary	4
1920			
27/12/1919 – 31/12	O regimento 145	Jules Mary	4,8
1921			
27/12/1919 – 14/01	O regimento 145	Jules Mary	4,8
20/01 - 31/12	Os dramas de Paris – Rocambole	Ponson du Terrail (trad. de Alfredo de	6

		Sarmento)	
02/01	Serviço Secreto	-	7
1923			
20/01/1921 –	Os dramas de Paris – Rocambole	Ponson du Terrail (trad. de Alfredo de Sarmento)	6
1924			
20/01/1921 – 31/12	Os dramas de Paris – Rocambole	Ponson du Terrail (trad. de Alfredo de Sarmento)	6
1925			
13/07 – 29/12	Memórias de um médico	Alexandre Dumas (trad. Jose Balsamo)	6
1926			
13/07/1925 – 30/12	Memórias de um médico	Alexandre Dumas	6
1927			
13/07/1925 – 30/12	Memórias de um médico	Alexandre Dumas	6
1928			
13/07/1925 – 03/02	Memórias de um médico	Alexandre Dumas	6
05/02 – 30/12	Os moicanos de Paris	Alexandre Dumas	
1929			
05/02/1928 -	Os moicanos de Paris	Alexandre Dumas	
10/07- 31/12	A mocidade do rei Henrique	Ponson Du Terrail	14
10/07/1929 -24/10	A mocidade do rei	Ponson Du Terrail	14

	Henrique		
1930	O jornal foi empastelado		
1931,1932,1933	O jornal não circulou		
1934			
31/03 – 22/09	Quatro irmãs	Louisa May Alcott	6
01/04	*A casa de Rothschild*	-	6
1935			
10/03 – 14/04	O banqueiro que enganou a Europa	-	7
14/04 – 21/04	Da Escandinávia aos balcãs	Yvan Biarne	8
04/07 – 23/07	Sete meses de aventura a caminho do Polo	Jean Alloucherie	7
04/08 – 25/08	Os aventureiros da América do Sul	Maurice Magré	8
1936			
04/11	Manual do perfeito evolucionista	Bernard Shaw	10
1937			
1938			
1939			
1940			
01/09	Folhetim dominical - Defeitos	Gustavo Penna	20
15/09	Folhetim dominical	-	19

22/09	Folhetim dominical – Vestido Preto	Gustavo Penna	20
29/09	Folhetim dominical – O cão do beduíno	Malba Tahan	11
06/10	Folhetim dominical – Uma página do Visconde de Taunay	-	20
03/11	Folhetim dominical - Asas	-	20
10/11	Folhetim dominical – O tenente Ferraz	Gustavo Penna	25
01/12	Folhetim dominical - Covardia	Coelho Neto	22
08/12	Folhetim dominical – O Martin Pescador	Gustavo Penna	22
15/12	Folhetim dominical – As donas de casa	Gustavo Penna	28
22/12	Folhetim dominical – A folha de natal	A.C. Callado	26
29/12	Folhetim dominical - Paraíso	Joaquim Thomas	21
1941			
19/01	Folhetim dominical – A conta	Luiz Manzano	26
23/02	Folhetim dominical - Com permissão da vitima	Hylton Cleaver	11
09/03	Folhetim dominical - O ideal	Andre Reuze	24
23/08	Folhetim dominical - A testemunha	Frederic Boutet	12

20/04	Folhetim dominical -Lidivina	Charles Nadier	21
27/04	Folhetim dominical -Irmãos no ódio	William Merriamihouse	28
11/05	Folhetim dominical O mundo em trevas	Owen Olives	27
18/05	Folhetim dominical - A fuga de conchita	Claude Jonquiere	28
08/06	Folhetim dominical - A canção	Charles Poley	20
22/06	Folhetim dominical - O velho ulmeiro	Orgil Mackenzie	24
06/07	Folhetim dominical - O mistério das anforas	Maria E. de Pereira	24
20/07	Folhetim dominical - O contratador de diamantes	Afonso Arinos	14
27/07	Folhetim dominical - As atribulações do professor tangente	Eck Bonillier	28

Quadro VIII: publicações no espaço folhetim do jornal *O Estado de S. Paulo* (1875-1946)

Mês/Ano	Título	Nome do autor/tradutor	Número da página
1875			
04/01 a 10/03	Magdalena	Julio Sandeau	1
10/01	Artigo sem nome	Não identificado	1
17/01	Uma simples história	Don Gigadas	1
24/01	Artigo sem nome	Sylvide	1
31/01	O Sr. João Cypriano	Don Gigadas	1
07/02	Artigo sem nome	Selvico	1
14/02	Artigo sem nome	Selvico	1
21/02	Jugar com fuego	Don Gigadas	1
28/02	Artigo sem nome	Selvico	1
07/03	Melhor será não lerem	Flourano	1
14/03	"Sem titulo"	Flourano	1
21/03	A esmo	L	1
01/04 a 13/04	Tragédia de uma noiva	Wilei Collins trad. Por João Kopke	1
04/04	O cactus	Don Gigadas	1
11/04	El juramento	Don Gigadas	1
18/04	O pedido de Isaura	L	1
25/04	Um retalho da Pérsia	Flourens	2
02/05-23/09	Minha irmã Jeanne	George Sand	1
16/05	S. Paulo e Paulicéa	L	1
18/05	Un ballo in Maschera	França Junior	1
23/05	A ópera lírica e a crise	L	1
06/06	Entreacto	Não identificado	1
13/06	Aqui e Acola	L	1

20/06	A propósito do menino Dangremont	Don Gigadas	1
27/06	Mosaico	L	1
04/07	A Marina	Don Gigadas	1
14/07	Artigo sem nome	Não identificado	1
19/07	De S. Paulo a Sorocaba	ilegível	1
01/08	A cata de um privilégio	Don Gigadas	1
15/08	Romanticismo	L	1
22/08	Pálido Esboço	L	1
29/08	Idyllio	Don Gigadas	1
05/09	Por ai afora	L	1
12/09	Um velho de 1922	Don Gigadas	1
19/09	O beijo	L	1
26/09	O corneta da morte (poesia)	ílegivel	1
29/09- 12/10	O Velocinio	Theophilo Gautier	1
03/10	Debaixo de água	Don Gigadas	1
10/10	Um bote de mestre	ílegivel	1
20/10 – 04/11	Como se faz um homicida	A. De Azevedo Castelo Branco	1
24/10	Trocos Miúdos	Don Gigadas	1
07/11	A Escola do amor- novela cubana	Teodoro Guerrero	1
21/11	A filha do regimento	Don Gigadas	1
28/11	Um dia na corte	L	1
08/12	O relâmpago		1
1876			
04/01 – 25/04	A queda de um gigante	Manoel Pereira Lobato	1

30/01	Estrelas Errantes	ilegivel	1
20/02	As águas	Dom Gigadas	1
25/02	Revista dos jornais		1
19/03	Suzana	Anjo Benigno	1
25/03	A volta	L	1
07/04	Sete de abril	L	1
11/04	A ascensão aerostática	L	1
23/04	Palestra literária	L	1
30/04	Amor de filho	Dom Gigadas	1
02/05 – 14/06	Estrelas ao meio dia	Affonso karr, trad. por Lucio Mendonça	1
07/05	A esmo	L	1
14/05	Obra do acaso	L	1
21/05	Miragens	Dom gigadas	1
25/05	Romance de bebe	Gaspar Silva (para Jose Maria Lisboa)	1
28/05	Coisas da imprensa	L	1
01/06	Sem titulo	ilegivel	1
04/06	Primeiro amor	M (ao Rangel pestana)	1
08/06	Harmonias fantásticas (versos)	Gaspar silva (sobre Souza Viterbo)	1
11/06	Coisas e coisinhas	L	1
15/06	A propósito de George Sand	Gaspar da Silva	1
29/06	Una vieja sensitiva	Não identificado	1
02/07	Memórias de um dorminhoco	L	1
04/07 – 05/07	O assassino	Henri Conscience – versão de Cunha Viana	1
06/07	Gomes Leal	Gaspar da Silva	1

07/07 – 08-07	Carina conto dinamarques	Não identificado	1
09/07	Fantasia hibernal	Dom gigadas	
16/07	A cafeteira	Conto de Theophilo gautier (tradução da província)	1 e 2
19/07	O padre missionário	Lino d' Assumpção	1
20/07	Fumando	Gaspar da Silva	1
22/07	A traviata	Lino d' Assumpção	1
23/07	A fantasia	L	1
27/07	Excentrico	Gaspar da Silva (ao dr. Antonio Carlos)	1
29/08	Dois mártires do ideal	Gaspar da Silva	1
30/08	Saudosa Recordação	M	1
10/09	O Ideal	F. Quirino dos Santos	1
27/09	Antonio Pedro	Dom Gigadas	1
05/10	Sem titulo	Lino d' Assumpção	1
12/10 – 18/10	Os felizes	Gabriel Pereira	1
25/10 – 27/10	Se ele soubesse ler, escrever, contar! (Historia para operários)	Não identificado	1
29/10	Sem fazer, sem haver (conto para operários)	Gabriel Pereira	1
01/11	Louros e brancos (conto para operários)	Gabriel Pereira	1
09/11	A parodia do Fausto	Lucio de Mendonça	1
12/11	Janus	Gabriel Pereira	1
03/12 – 30/12	O selo da roda	Pedro Ivo	1
1877			
04/01 -13/04	O selo da roda	Pedro Ivo	1

14/01	Sem titulo	D.S	1
21/01	Um coração de plebeu	Lucio de Mendonça	1
18/03	Devaneios	Dom Felix de Salamanca	1
14/04	O final da música	Não identificado. Trad. De A Provincia	1
15/04	Coisas e estrelas	L	1
26/04	Flor de couve romance a capricho e a cinco penas	Lucio de Mendonça	1
27/04	O final da musica (tradução da Provincia)	Alexandre Dumas Filho	1
29/04	Pela academia	L	1
01/05	O final da música	Alexandre Dumas Filho (tradução da Provincia)	1
05/05	Flor de couve romance a capricho e a cinco penas	Theophilo Dias	1
06/05	Por um óculo	L.	1
08/05	O final da musica (tradução da Provincia)	Alexandre Dumas Filho	1
10/05	Flor de couve romance a capricho e a cinco penas	Afonso Celso Junior	1
12/05	O final da musica (tradução da Provincia)	Alexandre Dumas Filho	1
13/05	Madressilvas	L	1
17/05	Flor de couve romance a capricho e a cinco penas	Lucio de Mendonça	1
20/05	Um homem sinistro	L	1
27/05	Beatices	L	1
29/05 -08/06	Offland	Alexandre Dumas Filho (tradução da Provincia)	1

31/05	Lucio de Mendonça	Antonio Carlos de Almeida	1
03/06	Historia de um alfinete	L	1
10/06	A esmo	L	1
12/06 – 18/10	A porfia	Theophilo Gautier, mme de Girardin, Julio Sandeau e Mery	1
17/06	Ao dr. Arthur Barbosa Rodrigues	Consocio... (sobrenome ilegível)	1
25/06	Ao Deus dara	L	1
01/07	Coisas e Estrelas	L	1
08/07	A propósito de hoje	L	1
15/07	Sem titulo	Dom Gigadas	1
18/07	Sem titulo	L	1
22/07	Um concerto em Campinas	Não identificado	1
05/08	Da cabeça aos pés	M	1
12/08	Sem titulo	M	1
19/08	Sem titulo	ilegivel	1
26/08	Entre o céu e a terra	M	1
16/09	Historia de um solteirão (a J. Felizardo Junior)	M de Souza	1
25/10 – 06/11	Depois de morto	Theodoro Guerreiro	1
07/11 – 29/12	Os plantadores da Jamaica	Mayne-Reid	1
18/11	Cronica humoristica	M	1
25/11	Adeus a São Paulo	Lucio de Mendonça	1
02/12	Palestremos	T.D	1
11/12	O colégio Rangel Pestana	Alberto De Salles	1
18/12	Jose de Alencar	Theophilo Dias	1

23/12	Palestremos	T.D	1
30/12	Mila	Theophilo Dias	1
1878			
07/11/1877 -18/01	Os plantadores da Jamaica	Mayne-Reid	1
06/01	Jose de Alencar	Lucio de Mendonça	1
23/01 – 16/05	A sepultura de ferro	Henri Conscience	1
07/02	O caminho	ilegivel	1
17/02	Cismas a beira mar	Theophilo Dias	1
24/02	Palestremos	T.D	1
07/04	Orquestra e palestra	Anonimo & Comp.	1
09/06	A encruzilhada	Lucio de Mendonça	1
16/07	A semana fluminense	Luiz de Andrade	1
17/07	Sem titulo	Ferreira de Menezes	1
23/07	Sem titulo	Luiz de Andrade	1
31/07	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
06/08	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1 e 2
13/08	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
21/08	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
25/08	Sem titulo	T.D	1
27/08	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
01/09	Sem titulo	Não identificado	1
04/09	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
10/09	Sem titulo	T.D	1
15/09	Sem titulo	T.D	1
17/09	Sem titulo	T.D	1

22/09	Sem titulo	T.D	1
24/09	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
01/10	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
08/10	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
09/10	Cantos Tropicais	Silva Jardim	1
13/10	A morta viva (tradução da Provincia)	Maria Aygara	1
15/10	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
22/10	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
29/10			
06/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
11/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
12/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
19/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
26/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
01/12	Carta a Arthur Barreiro a propósito das canções românticas de Alberto de Oliveira	Theophilo Dias	1
03/12	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
08/12	Sem titulo	T.D	1
13/12 - 21/12	O palácio dos fantasmas	Xavier de Montepin	1
14/12	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
19/12	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
22/12	Sem titulo	T.D	1
24/12	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
25/12	A confissão	Antonio Zeferino Candido	1

29/12	Sem titulo	T.D	1
31/12	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
1879			
13/12/1878 – 13/03	O palácio fantasmas	Xavier de Montepin	1
12/01	Sem politica	TD	1
15/01	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
20/01	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
21/01	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
28/01	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
04/02	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
11/02	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
20/02	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
01/03	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
08/03	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
15/03 – 28/03	O domino encarnado	Xavier de Montepin	1
16/03	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
23/03	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
27/03	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
01/04	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
09/04	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
20/04	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
26/04	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
06/05	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
11/05	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1

18/05	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
01/06	Semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
07/06	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
20/06	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
22/06	Prédicas semanais	Não identificado	1
24/06	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
29/06 – 31/12	Os dramas da inquisição	Camille Bias	1 e 2
02/07	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
03/07	Prédicas semanais	Não identificado	1
07/07	Prédicas semanais	José Limão	1
08/07	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
10/07	Prédicas semanais	Não identificado	1
14/07	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
15/07	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
17/07	Prédicas semanais	Não identificado	1
22/07	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
24/07	Prédicas semanais	Não identificado	1
29/07	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
31/07	Prédicas semanais	José Leão	1
05/08	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
07/08	Prédicas semanais	José Leão	1
09/08	Otelo ou mouro de Veneza	Shakespeare	1e 2
12/08	Otelo	Não identificado (comentário)	1
13/08	A morte civil	Não identificado	1

14/08	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
15/08	Romeu e Julieta	Não identificado (comentário)	1
19/08	Luiz IX	Não identificado (comentário)	1
20/08	Hammet	Não identificado (comentário)	1
22/08	Prédicas semanais	Não identificado	1
29/08	Prédicas semanais	Não identificado	1
31/08	Prédicas semanais	José Leão	1
05/08	Prédicas semanais	Não identificado	1
07/09	Melancolias	José Leão	1
14/09	O nosso céu	José Leão	1
18/09	A filosofia positiva em Portugal	José Leão	1
19/09	Prédicas semanais	Não identificado	1
21/09	Modos de ver a poesia	José Leão	1
28/09	A propósito de suicídios	José Leão	1
04/10	O romance de um moço pobre	José Leão	1
05/10	Cantos e lutas	José Leão	1
07/10	Sobre teatro	José Leão	1
08/10	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
10/10	Feições do teatro moderno	José Leão	1
14/10	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
16/10	Beneficio da sra. Lucinda	Não Luiz de Andrade identificado	1
19/10	Carvalho Junior	José Leão	1
21/10	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
25/10	Notas	Não identificado	1

26/10	O teatro e a musica	José Leão	1
28/10	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
01/11	Impressões noturnas	José Leão	1
02/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
06/11	Primeiro aniversario do clube ginástico portugues	Sem identificação	1
07/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
12/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
25/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
02/11	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
20/12	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
23/12	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
30/12	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
1880			
29/06/1879 – 27/08	Os dramas da inquisição	Camille Bias	1 e 2
13/01	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
21/01	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
01/02	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
08/02	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
15/02	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
22/02	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
07/03	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
11/03	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
16/03	A semana Fluminense	Luiz de Andrade	1
27/06	A vol d'oiseau (o Hermann e seu rival)	Mascara de Seda	1
18/07	A vol d'oiseau (A companhia das	Mascara de Seda	1

	maravilhas)		
15/08	A vol d'oiseau (Dora)	Mascara de Seda	1
19/08	A vol d'oiseau (Morgadinha de Val-Flor)	Mascara de Seda	1
22/08	A vol d'oiseau (Kean)	Mascara de Seda	1
01/09	Eduardo Brazão	Mascara de Seda	1
1881			
18/01	Um punhado de rimas	T. Dias	1
25/01	A literatura brasileira e os nossos poetas abolicionistas	Th. Dias	1
01/01	O perfume	Th. Dias	1
08/02	Um punhado de rimas	Th. Dias	1
15/02	De relance	Th. Dias	1
22/02	De relance	Th. Dias	1
01/03	Um punhado de rimas	Th. Dias	1
08/03	Do voto, considerado como valor econômico	Th. Dias	1
15/03	O dilúvio (episódio de Edgard Quinet)	Th. Dias	1
22/03	O czar	Th. Dias	1
29/03	De relance	Th. Dias	1
06/04	Um punhado de rimas	Th. Dias	1
10/04	Cronique Teatrale - Zarzuelas	AT	1
12/04	Os homens e os princípios	Th. Dias	1
20/04	De relance	Th. Dias	1
27/04	O fato grave	Th. Dias	1
29/04 – 31/08	As atribulações de um chinês na China	Julio Verne	1
02/05	De relance	Th. Dias	1
10/05	De relance	Th. Dias	1

22/05	O descrédito da cutelaria	Ilegível	1
26/05	O mulato por Aluizio Azevedo (resenha)	Alcides Lima	1
05/06	Jose de Almeida Cabral	Roberto (sobrenome ilegível)	1
22/06	De relance	Th. Dias	1
14/07	14 juille	Ilegível	1
20/07	A dupla conversão	Sem identificação	1
21/07	A dupla conversão(conclusão)	ilegivel	1
04/08	De relance	Th. Dias	1
13/08	A republica federal	Assis Brasil	1
05/10	Comemoração da República Rio-Grandense	Jornal cortado	1
13/11	La compagnie lyrique et Le publique	Sem identificação/ Jornal cortado	1
19/11	A mulher e a literatura	Jornal cortado	1
27/11	La compagnie lyrique A. Ferrari (em francês)	Albert Thinbaut	1
1882			
01/07 – 21/11	As noites do Boulevard	Pierre Zaccone	1
05/07 e 05/09	Um maço de cartas	Gustavo Droz (tradução de P. Tavares Junior)	1
09/07	Uma consulta	Pierre Veron (tradução para a Provincia)	1
13/08	Punhado de rimas	Livro de G. Crespo	1
29/10	A Luta (excerto do livro Assombros)	Ernesto Pinto	1
24/11	Um tocador de realejo	Sem identificação	1
26/11 – 30/12	Lisboa em camisa	Gervásio Lobato	1
12/12	Adeus aos companheiros e amigos	Augusto de Lima	1
14/12	História d' um espírito	Assis Brasil	1
17/12	Versos e Versões	Raimundo de Correa	1

1883			
26/11/1882 – 25/01	Lisboa em camisa	Gervásio Lobato	1
14/01	Leon Gambetta	F.E. Pacheco da Silva	1
05/06 – 06/06	As três missas rezadas	Alphonse Daudet	1
08/06	Um Copo d' água com açúcar	André de Bellecombe	1
14/06	O encostador	Catulle Mendes	1
17/06	Um amanhecer de fidalgo	Gustavo Droz	1
21/06	Vende-se esta casa	Alphonse Daudet	1
24/06	Uma sociedade de Socorro	Jules Noriac	1
22/07	A vestimenta da condessa	Gustavo Droz	1
24/07	Escola Alemã – passeio a Guararema	J.M. Lisboa	1
07/10 – 30/12	A Russia Vermelha	Victor Tissot e Constant Amero (trad. de Corinna Coaracy)	1 e 2
10/11 – 13/11	Aparições (conto)	Ivan Tourguenef (trad. Argimiro Galvão)	1 e 2
1884			
07/10/1883 – 27/07	A Russia Vermelha	Victor Tissot e Constant Amero (trad. de Corinna Coaracy)	1 e 2
10/02 – 14/02	Israelistas e nihilistas	Nicolau Tourgueneff (trad. Argimiro Galvão)	1
30/03 – 02/04	O idílio do mar vermelho	Bret Harte (traduzido do inglês por Argemiro Galvão)	1
06/04 – 08/04	Três mortos	Conde LeãoTostoi (traduzido por E.E)	1
15/04	Taman	Lermontof (trad. por Argemiro Galvão)	1
18/05 – 31/05	Berenice	Edgar Poe (trad. por Argemiro Galvão)	1
31/05	Boonder	Bret Harte (traduzido do inglês)	1
08/06	A fuga de Ésquilo	Theophilo Braga	1
22/06	Em viagem (dedicado a Argimiro Galvão)	J. Reynoso	2

20/07	O morto vivo	Lina de la Mare	1
03/08 – 06/08	Aurora do amor	Salvatore Farina (trad. por Argemiro Galvão)	1
10/08 –13/09	A hasararaba	Sacher Masoch (A.G)	1
28/09	Mozart e Salieri	Alexandre Pouckine (trad. por Argemiro Galvão)	1
16/10 – 29/10	O relogio	Ivan Tourguenefess (Tr. AG)	1
30/10	Notas a lapis	Navarro de Andrade	1
13/11	Notas a lapis	Navarro de Andrade	1
14/11 – 31/12	Lisa Fleuron	George Ohnet (tr. Navarro de Andrade)	1
20/11	Notas a lapis	Navarro de Andrade	1
27/11	Notas a lapis	Navarro de Andrade	1
12/12	Alexandre Dumas Filho julgado por Alexandre Dumas pai	Alexandre Dumas	1°
1885			
14/11/1884 – 20/06	Lisa Fleuron	George Ohnet (tr. Navarro de Andrade)	1
05/07	Notas a lapis	N de A	1
19/07	Notas a lápis (cautelle e caldo de galinha)	Sem identificação	1
24/08 – 31/10	A flor seca	Pinheiro Chagas	1
20/09	A velhice do padre eterno	N de A	1
20/09	Como se faz um monstro	Sem identificação	1
18/10	Notas a lapis	N de A	1
01/11	Papeis velhos (ayer y hoy)	Navarro de Andrade	1
05/11 – 16/12	A Penelope Normanda	Alphonse Karr	1
29/11	Os suicidas	Guy de Maupassant	1
17/12 – 31/12	O marques de la Seigliére	Julio Sandeau	1
1886			
17/12 – 12/02	O marques de la Seigliére	Julio Sandeau	1
12/01	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
19/01	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1

24/01	O casamento de Brigida	Catulles Mendes	1
27/01	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
02/02	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
09/02	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
13/02 –01/06	Cenas da vida de boemia	Henri Murger	1
16/02	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
23/02	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
02/03	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
09/03	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
16/03	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
23/03	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
28/03	Carta I (poesia)	Anth.ero	1
30/03	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
06/04	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
13/04	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
20/04	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
25/04	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
28/04	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
02/05	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
04/05	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
11/05	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
16/05	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/05	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
25/05	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
08/06	Cronica semanal	Don Gigadas El	1

		chico	
10/06 – 04/09	Mademoiselle Cléopatra	Arsenio Houssaye	1
15/06	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
22/06	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
29/06	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
03/07	Sarah Bernhardt (em francês)	Don Gigadas El chico	1
06/07	Sarah Bernhardt	Ezequiel Freire	1
11/07	O cadáver (conto acadêmico)	Ezequiel Freire	1
13/07	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/07	O banho (trad. Da Provincia)	Ch. Diguet	1
19/07	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
25/07	Poulot e Boulenzin (trad. Da Provincia)	Richard	1
27/07	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
03/08	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
10/08	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
17/08	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
24/08	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
31/08	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
07/09 - 01/10	A virtude de Rosina	Arsenio Houssaye	1
14/09	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
06/10 – 31/12	Picciola	X.B Saintine	1
19/10 – 20/10	O cruzeiro florescido (lenda popular)	Don Gigadas El chico	1
23/11	Remember	Don Gigadas El chico	1
28/11	Uma confissão diplomática	Carrilho Videira	1
30/11	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
07/12	Pelo passado	Don Gigadas El	1

		chico	
17/12	Cronica semanal	Don Gigadas El chico	1
21/12	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
28/12	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
1887			
06/10 – 02/03	Picciola	X.B Saintine	1
11/01	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/01	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
23/01	A última noite de Tiradentes (poema dramático de Luiz Murat)	Ezequiel Freire	1
25/01	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
01/02	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
08/02	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
15/02	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
03/03 - 22/10	Bella Rosa (trad. A Provincia)	Améed Achard	1
06/03	Na roça (a sombra do Jatahy)	Ezequiel Freire	1
08/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
15/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
22/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
29/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
12/04	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
17/04	Quem nasceu para dez réis (ao dr. Alfredo Ellis)	Ezequiel Freire	1
19/04	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
26/04	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
03/05	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1

10/05	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/05	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
24/05	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
01/06	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
07/06	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
14/06	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
28/06	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
05/07	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
10/07	Lenda do Tymbuciba	Silvano	1
12/07	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
19/07	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
26/07	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
02/08	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
07/08	Sobre uma criança morta	Ezequiel Freire	1
14/08	Uma noute de D. Juan (fragmento)	Vicente de Carvalho	1
18/08	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
28/08	Quadros Academicos - O antigo Pary	Jornal cortado	1
30/08	Quadros Academicos – A filha do pescador	João de O. A. Maia	1
31/08	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
06/09	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/09	Prosadores e poetas - Ferreira de Araujo	Ezequiel Freire	1
20/09	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
25/09	Prosadores e poetas	Ezequiel Freire	1

	- Padre Senna Freitas		
27/09	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
28/09	28 de setembro (poema e comentários)	Ezequiel Freire	1
08/10	Episodios da Vida Rural (ao grande artista da língua portuguesa)	Pedro Goba (?)- Jornal cortado	1
12/10	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/10	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
23/10 – 31/12	Os bucaneiros (trad. De A Província)	Paul Duplessis	1
25/10	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
30/10	Letras e artes	Vários autores	1
15/11	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
29/11	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
04/12	Impressões da selva	Jornal cortado	1
06/12	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
08/12	Casamento e amor	Octavio Mendes	1
14/12	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/12	Um fato comum	Octavio Mendes	1
23/12	Um examinando de história – comédia entre 3 atos e 1 quadro	Dr. Bicharoco	1
28/12	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
1888			
23/10/1887 – 04/08	Os bucaneiros (trad. De A Província)	Paul Duplessis	1
10/01	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
17/01	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
01/02	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
14/02	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1

21/02	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
06/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
13/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
19/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
20/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
29/03	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
04/04	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
19/04	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
01/05	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
22/05	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
05/06	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
12/06	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
26/06	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
03/07	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
10/07	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/07	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
07/08	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
08/08 – 09/08	Os nossos mandaram-me – episódios dos dias revoltosos de junho de 1848 em Paris (trad. A Provincia)	J. Tourgueneff	1
12/08 – 30/12	Os Maias	Eça de Queiróz	1
14/08	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
28/08	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
11/09	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
18/09	Crônica semanal	Don Gigadas El	1

		chico	
04/10	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
10/10	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
23/10	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
31/10	Crônica semanal	Don Gigadas El chico	1
06/11	Cronica	Julio Mesquita	1
20/11	Cronica	Não identificado	1
29/11	Várias poesias	Vários autores	1
08/12	Meus cinco anos de academia	Eduardo Chaves	1
20/12 – 21/12	Frei Juca – romance naturalista	G. G (e dedicado ao Sr. Adherbal de Karvalho)	1
1889			
12/08/1888 – 05/01	Os Maias	Eça de Queiróz	1
07/01 – 13/04	O segredo da solteirona (trad. A Provincia)	E. Marlitt	1
26/04	A virgem Buda – Conto fantasista	Bernardo de Pindella	1
28/04 – 04/07	Uma viúva inconsolável (trad. A Provincia)	Mery	1
22/05	Deus e o demônio	Victor Hugo	1
09/06	A virgem das florestas (elegia brasiliana) - poesia	L. Guimarães	1
10/07 – 16/07	O convalecente (trad. A Provincia)	François Coppée	1
18/07	A garra do leão	François Coppée	1
25/07 – 14/11	Os condenados da India	Mery	1
13/09	O ultimo sancto- a minha presadissima sogra	Filinto (sobrenome ilegível)	1
29/09	Comprar e não pagar	Ilegível	1
12/12 – 31/12	Os puritanos de Paris	Paulo Bocage	1
1889			
12/12/1888 –06/12	Os puritanos de Paris	Paulo Bocage	1/2
28/04	Afogado pelos	D.N.R	1

	gelos		
05/06	Ao cativeiro	Vicente de Carvalho	1
13/12 – 30/12	Anna Bolena	D. Ramon de Luna	1
1891			
13/12 – 31/07	Anna Bolena	D. Ramon de Luna	1
24/07	Boemia – dedicado Filinto de Almeida	Magalhães Azeredo	1
01/08 - 28/10	Um crime misterioso	Miss M.E Branddon (trad. De J. M. Cunha Moniz)	1
08/11 – 31/12	A Estalagem	Paulo Malahin	1
1892			
08/11/1891 – 21/01	A Estalagem	Paulo Malahin	1
22/01 – 01/06	Na senda do crime	E.A. Koenig	1
05/06 - 11/11	Os mistérios do Paris Novo (Ed. E propriedade da casa Laemmert)	Fortuné de Boisgobey	2,4,5
12/11 – 31/12	Os grilhetas	P. Zaccone	4
1893			
12/11/1892 – 20/06	Os grilhetas	P. Zaccone	1, 4
27/06 – 31/10	O derradeiro mohicano –história acontecida em 1757	Fenirmoe Coopper (“vertido” em português por Caetano Lopes de Moura)	1
01/11 – 31/12	Ivanhoé ou o regresso do cruzado	Sir Walter Scott vertido” em português por E. V. Camara)	1
1894			
01/11/1893 – 17/02	Ivanhoé ou o regresso do cruzado	Sir Walter Scott vertido” em português por E. V. Camara)	1
21/02 – 17/06	A mulher do defunto	Alexis Bouvier (trad. O Estado de S. Paulo)	1
29/08 – 28/11	Os garotos de Paris	Charles Deslys	1
29/11 – 30/12	O apaixonado de Maria Antonieta	Chardrall	1
1895			
29/11/1894 – 25/04	O apaixonado de Maria Antonieta	Chardrall	1,4
29/04 – 10/07	A mulher do vestido escuro	George Ohnet (trad. Estado)	4, 5,6

11/07 – 31/12	O alfinete cor de rosa	Fortune Du Boisgobey (trad. Especial para o OESP)	1,4, 5,6
20/11	A Resmalhada – Novos Contos	Sem identificação	1
24/11	Aos Domingos	D'Olival	1
01/12	Aos Domingos	D'Olival	1
08/12	Aos Domingos	D'Olival	1
15/12	Página Lirica da carteira do Guerra	João Luso	1
22/12	Aos Domingos	D'Olival	1
25/12	Natal Pobre (à Jacomine Define)	João Lobo	1
29/12	Aos Domingos	D'Olival	1
1896			
11/07/1895 – 09/08	O alfinete cor de rosa	Fortune Du Boisgobey (trad. Especial para o OESP)	1,3,4,5,6
06/01	Aos Domingos	D'Olival	1
12/01	Aos Domingos	D'Olival	1
26/01	Aos Domingos	D'Olival	1
02/02	Agricultura – rosas Estancieiro	Sem identificação	1
03/02	A minha crônica	D'Olival	**1**
06/02	Agricultura – cooperação agricola	Sem identificação	1
09/02	Aos Domingos	D'Olival	1
10/02	Agricultura – estudos florestais	Sem identificação	1
13/02	Agricultura: fertilização do solo	Sem identificação	1
17/02	Ladra Fidalga	Jornal cortado	1
18/02	A minha cronica	Jornal cortado	**1**
19/02	Agricultura – enfermidades contagiosas dos animais	Sem identificação	1
20/02	Agricultura - A questão operária	Sem identificação	1
23/02	Aos Domingos	D'Olival	1
01/03	Aos Domingos	D'Olival	1
02/03	Agricultura – tratamento do vinhos tintos	Sem identificação	1
03/03	Agricultura – Estudo sobre a terra	Sem identificação	1

	vegetal		
08/03	Aos Domingos	D'Olival	1
09/03	Agricultura – A rega	Sem identificação	1
11/03	Agricultura	Sem identificação	1
03/07	Rei Lear	Shakespeare	1
06/07	Contos da minha terra	Ilegível	1
09/08 – 21/10	A Duqueza de Nala (romance original do italiano – trad. Especial O Estado de S. Paulo)	Julio Piccini (Yarro)	1,2,3,4
13/08	Academia Goncourt	Sem identificação	1
17/08	Os tigres literários	Ilegível	1
26/08	O socialismo na Inglaterra	Sem identificação	1
31/08	O senhor Diabo	Eça de Queiroz	1
07/09	A castrofe do Japão – 29 mil afogados	Jean Marmoal (Do Figaro)	1
09/09	Agricultura	Sem identificação	2
11/09	De sete em sete dias	Euphor	1
14/09	Varias coisas	S	1
18/09	De sete em sete dias	Euphor	1
21/09	Varias coisas	S	1
25/09	De sete em sete dias	Euphor	1
26/09	Musica de Carlos Gomes	Ilegível	1
28/09	Varias coisas	S	1
02/10	De sete em sete dias	Euphor	1
05/10 – 11/11	Titio e o Sr. Vigário	Jean de La Brete	1
09/10	De sete em sete dias	Euphor	1
12/10	Varias coisas	S	1
16/10	De sete em sete dias	Euphor	1
20/10	Varias coisas	S	1
23/10	De sete em sete dias	Euphor	1
30/10	De sete em sete dias	Euphor	1
02/11	Varias coisas	S	1
03/11	Um caso extraordinário	Ilegível	1
04/11	Um caso extraordinário	Ilegível	1
06/11	De sete em sete dias	Euphor	1
09/11	Varias coisas	S	1
10/11 – 27/12	A Rosa do Adro	Manuel Maria Rodrigues	1,2,4
13/11	De sete em sete dias	Euphor	1
16/11	Gladstone aos	Jornal cortado	1

	oitenta seis anos		
20/11	De sete em sete dias	Euphor	1
23/11	Varias coisas	S	1
27/11	De sete em sete dias	Euphor	1
30/11	Um pouco de ciência – a hora da morte	Sem identificação	1
04/12	De sete em sete dias	Euphor	1
08/12	Varias coisas	S	1
10/12	Um pouco de ciência	Sem identificação	1
12/12	De sete em sete dias	Euphor	1
14/12	Varias coisas	S	1
18/12	De sete em sete dias	Euphon	1
21/12	Um pouco de ciência	Sem identificação	1
28/12 – 31/12	Ódio de irmãs (trad. Especial para OESP)	Albert Delpit	1
1897			
28/12 – 21/02	Ódio de irmãs (trad. Especial para OESP)	Albert Delpit	1,2,4
12/01	Um pouco de ciência	Sem identificação	1
22/01	Um pouco de ciência	Sem identificação	1
25/01	Variedades – a exepdição do Dr. Nansen no polo norte	Sem identificação	1
22/02 – 24/05	Mario	Dr. A. Silva gayo	1,2,4, 6
04/03	Introdução vegetais	Ilegível	1
14/03	A nossa vendea	Euclides da Cunha	1
21/03	Ao acaso	A.B	1
04/05	Estudos de Higiene	ílegivel	1
14/05	Estudos de Higiene	ílegivel	1
25/05 – 26/07	O filho do assassino (trad. Especial para OESP)	Augusto Villiers	1,2,4,5
02/07	Argentaurum	Jornal cortado	1
27/07 – 20/11	O manuscrito do parricida	Charles Vincet	1,4,6
21/11 – 28/12	Alliette e Cia	Eugenio Chavette	1,4
25/12	Conto de natal	João (sobrenome ilegível)	1
27/12	Variedades –uma expedição polo sul	Jornal cortado	1

28/12 – 30/12	O Chapéu do padre	Emilio de Marchi	1,6
1898			
28/12/1897 – 21/02	O Chapéu do padre	Emilio de Marchi	1,2,4,6
09/01	Positivismo, materialismo e espiritualismo	Isidoro Gomes	2
22/02 – 01/07	O Orfão	S. Boussenard e Henri Malin	1, 3, 4, 6
03/07 – 01/08	Dever ou loucura	Marie-Gregoire-Guika	1,2,3,4,6
03/08 – 30/12	Joao Palomo ou a expiação de um bandido	Fernandez y Gonzales	1,2,3,4,6
1899			
03/08/1898 – 06/01	Joao Palomo ou a expiação de um bandido	Fernandez y Gonzales	1,2,3,4,6
07/01 – 02/07	O Cozinheiro d'el rei (trad. Candido Magalhães)	Fernandez y Gonzales	1,2, 3, 4,5,6
21/03 – 31/03	Homens e aspectos	Julio Mesquita	1
09/07 – 31/12	O Palácio de Niorres	E. Capendu	1,2,3,4,5,6,7
1900			
04/01	Selvagem	Vicente de Carvalho	1,2,3
09/07/1899 – 18/01	O Palácio de Niorres	E. Capendu	1,2,3,4,5,6,7
19/01 – 19/03	A Louca	Elias Berthet	1,2,3,4,5,6
19/03 – 29/04	As duas fiandeiras	F. Gomes de Amorim	1,2,4,5,6
29/04 – 31/12	A mocidade de Henrique IV	Ponson du Terrail	1,2,3,4,5,6
1901			
29/04/1900 – 20/04	A mocidade de Henrique IV	Ponson du Terrail	1,2,3,4,5,6
20/04 – 04/07	Gloria	B. Peres Galdes (trad. Maximiliano de Azevedo)	2, 4,6
08/07 – 20/08	O Milionário	Henrique Peres Escrich	2,3,4,5
20/08 -29/12	O mártir de Golgotá	Henrique Peres Escrich	2,3,4,6
12/12	A direção do balão	Anselmo Ribas	1
19/12	Gemidos alarmantes	Anselmo Ribas	1
27/12	Os vizinhos: conto de natal	Anselmo Ribas	1

1902			
02/01	Divagando	Anselmo Ribas	1
20/08/1901 – 01/02	O mártir de Golgotá	Henrique Peres Escrich	2,3,4,6
07/01 – 27/02	Os sete beijos de Buckingham (Gastão da Fonseca)	Gonzales e Moleri	2,4,5,6
10/01	Palavras	Anselmo Ribas	1
16/01	Mortos	Anselmo Ribas	1
19/01	Soneira Braba	Valdomiro Silveira	1,2
23/01	Mendigos	Anselmo Ribas	1
30/01	Caso Colonial	Anselmo Ribas	1
01/02	Forte Teima	Valdomiro Silveira	1,2
06/02	Boas intenções	Anselmo Ribas	1
10/02	Maldiçoada	Valdomiro Silveira	1,2
13/02	Cinzas	Anselmo Ribas	1
21/02	Calhambeques	Anselmo Ribas	1
22/02 – 06/04	A cruz de brilhantes	Alfredo Campos	2,3,4
27/02	Romance Triste	Anselmo Ribas	1
06/03	Fantasia	Anselmo Ribas	1
13/03	Dois livros	Anselmo Ribas	1
20/03	Exposição	ílegivel	1
28/03	O peixe	Anselmo Ribas	1
03/04	Arte e amor	ilegivel	1
09/04 – 18/04	Um casamento de amor (trad. Margarida da Siqueira)	Ludovico Halevy	1,3
10/04	O Metodo	Anselmo Ribas	1
17/01	Uma poetisa	Não assinado	1
20/04 – 22/04	Roubo de crianças	Erckmann Chatrian	2,4
24/04	Rio Acima	ilegível	1
25/04 – 07/07	O processo Lerouge	Emilio Gaboriau	2,4,6
01/05	O polvo	Coelho Neto	1
08/05	Palpites	Anselmo Ribas	1
15/05	A Gloria	Anselmo Ribas	1
22/05	Vigilia	ilegível	1
29/05	Excerto	Coelho Neto	1
05/06	Campinas	Anselmo Ribas	1
12/06	Medo	Coelho Neto	1
16/06	A sorte	ilegível	1
29/06	Um Sucessor de Liszt	ilegível	1
10/07	Palavras	ilegível	1
10/07 – 25/08	A maldição materna (trad. F.F. Da Silva Vieira)	Julio Nombela	2,4,5,6

17/07	Ophis	ilegível	1
24/07	Um convento flutuante	ilegível	1
31/07	Alberto Nepomuceno	Coelho Neto	1
07/08	Pedras	ilegível	1
14/08	Emanuel	Jornal cortado	1
21/08	Amigo urso	Anselmo Ribas	1
29/08	Fragmento	Ilegível	1
03/09 – 17/10	O Estalajadeiro Santiaguilho	Emilio Castelar	2,3,4,5,6
11/09	Princesa parisada	Anselmo Ribas	1
18/09	Palestra ao luar	Anselmo Ribas	1
25/09	Decadencia	Anselmo Ribas	1
26/09	Terra do Brasil	Ezequiel Ramos Jr	1,2
04/10	O poeta	ilegível	1
09/10	Nebulosa	ilegível	1
14/10	Res Nullius	ilegível	1,2
16/10	Oração ao pão	ilegível	1
19/10 – 29/12	Silvandira	Alexandre Dumas	2,3,4,5,6
31/10	O propagandista x	Anselmo Ribas	1
06/11	Um opusculo	ilegível	1
10/11	Evocação	Ezequiel Ramos Jr	1
14/11	Manoel Victorino	ilegível	1
16/11	Lanterna Mágica	ilegível	1
28/11	Exposição Campineira	Anselmo Ribas	1
04/12	Fragmento	Coelho Neto	1
05/12	Santo Varão	Ezequiel Ramos Jr	1
19/12	O polvo	Coelho Neto	1
21/12	Musiciana	Jornal cortado	1
28/12	Ser ou não ser	Jornal cortado	1
1903			
01/01	Os sertões	ilegivel	1
19/10/1902 – 01/01	Silvandira	Alexandre Dumas	2,3,4,5,6
02/01 – 22/03	A buena-dicha	“Eugenio” Sue	2,4 5,6
04/01	Pastores do povo	ilegivel	1
16/01	Um modelo de marido	Anselmo Ribas	1
23/01	Palavras de um stegomya	Anselmo Ribas	1
31/01	O Exodo	Ezequiel Ramos Jr	1

08/02	As ultimas balas	ilegivel	1
09/02	Ciume	ilegivel	1
15/02	Nicia da Silva	ilegivel	1
22/02	Musica de Camara	Ezequiel Ramos Jr	1
28/02	Um quadro	Anselmo Ribas	1
08/03	Vida Infantil	Anselmo Ribas	1
15/03	Comentários	ilegivel	1
16/03	Ceara Alheia	Anselmo Ribas	1
23/03	Conto da carochinha	Anselmo Ribas	1
26/03	Apólogo	Anselmo Ribas	1
31/03	A da sempre	Jornal cortado	1
08/04	A arvore das patacas	Anselmo Ribas	1
26/04 – 13/10	Marquesa de Bellaflor	Wenceslau Miguel D'Izco	2,3,4,5,6,8
08/05	O Ney	Não assinado	1
25/05	Valentim Magalhaes	Anselmo Ribas	1
29/05	Arthur Napoleão	Anselmo Ribas	1
05/06	A cocoroca	Anselmo Ribas	1
12/06	O lenhador (conto para crianças)	Anselmo Ribas	1
19/06	A defesa (conto para crianças)	Anselmo Ribas	1
25/06	A proposito de festas	Anselmo Ribas	1
26/07	Atropos	Anselmo Ribas	1
10/08	Notas de viagem	Anselmo Ribas	1

11/09	De Campinas a Santos Dumont	Coelho Neto	1
18/09	Gloria	Anselmo Ribas	1
27/09	Sabedoria do Principe	Jornal cortado	1
01/10	O diamante (conto para crianças)	Anselmo Ribas	1
13/10	O premio da traição	Anselmo Ribas	1
13/10 – 29/12	Rogerio Laroque	"Julio" Mary	2,4,5,6
18/10	Pelas órfãs	Ilegível	1
22/10	O pescador	Ilegível	1
01/11	Os famintos	Anselmo Ribas	1
07/11	A arvore que canta (conto para crianças)	Anselmo Ribas	1
16/11	O Invalido	Anselmo Ribas	1
23/11	Viriato	Anselmo Ribas	1
30/11	Perfil suave (resenha)	Anselmo Ribas	1
01/12	A ninhada	Anselmo Ribas	1
1904			
13/10/1903 – 27/05	Rogerio Laroque	"Julio" Mary	2,3,4,5,6,8
02/01 – 06/01	Da primeira fase da vida literária de Eça de Queiros	Jaime Reis	1, 2
18/01	Um artista	Jornal cortado	1
17/02	Ao livro azul	Jornal cortado	1
12/03	O lume	Não assinado	1
28/03	A gota d' agua e as nuvens	Jornal cortado	1
28/05 – 24/11	A condessa de Monte Cristo (trad.	J. Du Boys	3, 4,6,8

	De Alfredo Sarmento)		
25/11 – 30/12	Mil e uma mulheres	Jules Lermina	5,6,8
1905			
25/11/1904 – 29/06	Mil e uma mulheres (trad. Alfredo Sarmento)	Jules Lermina	2,3,4,5,6,8
01/07 – 06/09	O incendiário da patriarcal	Leite Bastos	3,4,6
07/09 – 14/10	Os falsos herdeiros	Ponson du Terrail	2,3,4,6,8
17/10 - 30/12	O cavalheiro D'Armental	Alexandre Dumas	2,3,4,5,6,7,8
1906			
17/10/1905 – 01/02	O cavalheiro D'Armental	Alexandre Dumas	2,3,4,5,6,7,8
31/01 - 19/04	A herança do enforcado (versão por Francisco da Costa Braga)	Paulo Sauniere	4,5,6,8
22/04 – 20/10	O rei do crime	Camille Bonheur	4,5,6
27/10 – 30/12	O marques das sete igrejas	D. Manuel Fernandes y Gonzales	6
1907			
27/10/1906 – 15/02	O marques das sete igrejas	D. Manuel Fernandes y Gonzales	5,6
02/03 – 10/06	O chefe do bando negro	Henrique Meyer	5,6,8
12/06 – 12/08	O Sem-Ventura	Ponson Du Terrail	2,3,4,6,7,8
14/08 – 26/12	O amor dos amores	Henrique Perez Escrich	3,5,6,7,8
1908			
02/01 – 03/06	O inferno dos ciúmes (2°parte de Amor doa amores)	Henrique Perez Escrich	3,4,5,6,7,8
04/05 – 07/10	O rei do punhal (romance histórico)	D. Manuel Fernandes y Gonzales	5,6,7,8
12/10 – 30/12	O crime de Rochetaille	Xavier de Montepin	2,4,5,6,7,8, 12
1909			
12/10/1908 – 02/02	O crime de Rochetaille	Xavier de Montepin	2,4,5,6,7,8, 12
04/02 – 30/12	Memórias de um médico	Alexandre Dumas	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,14,15
1910			

04/02/1909 – 31/12	Memórias de um médico	Alexandre Dumas	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,14,15
1911			
04/02/1909 – 31/12	Memórias de um médico	Alexandre Dumas	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,14,15
1912			
04/02/1909 – 01/12	Memórias de um médico	Alexandre Dumas	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,14,15
11/12 – 31/12	Coração de criança	Carlos de Vitis	7,8,9,10,11,12,14,17,18
1913			
11/12/1912 – 01/07	Coração de criança	Carlos de Vitis	3,4,7,8,9,10,11,12, 13,14,17,18
02/07 – 23/10	O Palácio de Niorres	E. Capendu	3,4,5,7,8,9,10,11,12, 13,14
24/10 – 31/12	O filho de Deus		5,6,7,8,9,10, 11,12,13,14,15,16
1914			
24/10/1913 – 12/06	O filho de Deus	ilegivel	5,6,7,8,9,10, 11,12,13,14,15,16
13/06 – 13/12	Os cavaleiros do amor	Alvaro Carrillo (trad. A.M. da Cunha Sá)	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,17,18
14/12 – 31/01	Herança Inesperada	Emilio Richebourg	5,6,7,8,9,10,11,12
1915			
14/12/1914 – 25/04	Herança Inesperada	Emilio Richebourg	5,6,7,8,9,10,11,12
26/04 – 30/09	As mil e uma mulheres (versão portuguesa de Alfredo Sarmento)	Jules Lermina	5,6,7,8,9,10,11,12,21,22
13/10 – 31/12	Alma Negra (trad. Luis da Silva)	Xavier de Montepin	7,8,9,10,11,12,26,28
1916			
13/10/1915 – 30/04	Alma Negra (trad. Luis da Silva)	Xavier de Montepin	5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,26,28
02/05 – 30/10	Coração nas mãos	Perez Escrich	5,6,7,8,9,10,11,12
31/10	A formosura da alma	Perez Escrich	3,4,7,8,9,10,11,12,13,14
1917			
31/10/1916 – 29/05	A formosura da alma	Perez Escrich	3,4,7,8,9,10,11,12,13,14,15
30/05 – 31/12	A Esposa mártir	Perez Escrich	5, 6,7,8,9,10,11,12, 13, 14
1918			
30/05/1917 – 24/01	A Esposa mártir	Perez Escrich	5, 6,7,8,9,10,11,12, 13, 14
30/01 – 12/06	Os três mosqueteiros	Alexandre Dumas	5,6,7,8,9,10,11,12,13

13/06 – 14/12	Vinte anos depois	Alexandre Dumas	5,6, 7,8, 9,10,11,12
30/12	O Visconde de Bragelone	Alexandre Dumas	5,6,
1919			
30/12/1918 –28/12	O Visconde de Bragelone	Alexandre Dumas	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12
1920			
30/12/1918 –09/06	O Visconde de Bragelone	Alexandre Dumas	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12
21/06 – 09/12	Ivanhoé	Walter Scott	7,8,9,10
23/12 – 31/12	As duas rivais	Xavier de Montepin	5,6, 9,10,17,18
1921			
23/12/1920 – 31/12	As duas rivais	Xavier de Montepin	3,4,5,6,8, 9,10,11,12,17,18
1922			
23/12/1920 – 24/12	As duas rivais	Xavier de Montepin	3,4,5,6,8, 9,10,11,12,17,18
1923			
23/12/1920 – 25/08	As duas rivais	Xavier de Montepin	3,4,5,6,8, 9,10,11,12,17,18
28/08 – 02/11	Vae Victis (trad. S.M. Cajado)	Annie Vivanti	3,4,5,6,7,8,9,10
11/11 - 31/12	O Amor fatal	D. Julian Castellanos	3,4,5,6,7,8,9,10
1924			
11/11/1923 – 14/11	O Amor fatal	D. Julian Castellanos	3,4,5,6,7,8,9,10
1925			
11/11/1923 – 30/06	O Amor fatal	D. Julian Castellanos	3,4,5,6,7,8,9,10
03/07 – 25/12	A tosca	Romance inspirado em V. Sardou por Antonio Contreras	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12
1926			
03/07/1925 – 29/12	A tosca	Romance inspirado em V. Sardou por Antonio Contreras	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12
1927			
03/07/1925 – 18/08	A tosca	Romance inspirado em V. Sardou por Antonio Contreras	3,4,5,6,7,8,9,10,11,12
1928			
09/03	Problemas nacionais	V. CY	3
10/03	Livros Novos	Sud Mennuci	3
24/03	Livros Novos	Sud Mennuci	3
06/04	Problemas	V. CY	3

	nacionais		
13/04	Problemas nacionais	V. CY	3
18/04	Livros Novos	Sud Mennuci	4
20/04	Problemas nacionais	V. CY	3
21/04	Livros Novos	Sud Mennuci	3
27/04	Problemas nacionais	V. CY	3
04/05	Problemas nacionais	V. CY	3
05/05	Livros Novos	Sud Mennuci	3
11/05	Problemas nacionais	V. CY	3
18/05	Problemas nacionais	V. CY	3
19/03	Livros Novos	Sud Mennuci	3
24/05 –21/10	O czar não morreu	Vários autores	5,6,7,8,9,10,11,12,13, 16
26/05	Livros Novos	Plinio Barreto	3
02/06	Livros Novos	Sud Mennuci	3
15/06	Problemas nacionais	V. CY	3
16/06	Livros Novos	Sud Mennuci	3
30/06	Livros Novos	Sud Mennuci	3
13/07	Livros Novos	Sud Mennuci	3
28/07	Livros Novos	Sud Mennuci	4
17/08	Livros Novos	Sud Mennuci	3
25/08	Livros Novos	Sud Mennuci	3
08/09	Livros Novos	Sud Mennuci	3
22/09	Livros Novos	Sud Mennuci	3
06/10	Livros Novos	Sud Mennuci	3
20/10	Livros Novos	Sud Mennuci	3
01/11 – 30/12	Sete pecados mortais	Eugenio Sue (trad. Pinheiro Chagas)	5,7,9,10,11
03/11	Livros Novos	Sud Mennuci	3
05/11	Livros Novos	Sud Mennuci	3
21/11	Livros Novos	Sud Mennuci	3
05/12	Livros Novos	Sud Mennuci	3
15/12	Livros Novos	Sud Mennuci	3
29/12	Livros Novos	Sud Mennuci	3
1929			
01/11/1928 – 19/12	Sete pecados mortais	Eugenio Sue (trad. Pinheiro Chagas)	5,6,7,8,9,10,11,12,14,15,17,18,19,20
12/01	Livros Novos	Sud Mennuci	3
26/01	Livros Novos	Sud Mennuci	3
09/02	Livros Novos	Sud Mennuci	3
23/02	Livros Novos	Sud Mennuci	3

09/03	Livros Novos	Sud Mennuci	3
27/03	Livros Novos	Sud Mennuci	3
13/04	Livros Novos	Sud Mennuci	3
27/04	Livros Novos	Sud Mennuci	3
11/05	Livros Novos	Sud Mennuci	3
25/05	Livros Novos	Sud Mennuci	3
06/07	Livros Novos	Sud Mennuci	3
20/07	Livros Novos	Sud Mennuci	3
03/08	Livros Novos	Sud Mennuci	3
17/08	Livros Novos	Sud Mennuci	3
31/08	Livros Novos	Sud Mennuci	3
12/10	Livros Novos	Sud Mennuci	3
23/11	Livros Novos	Sud Mennuci	3
1930			
01/11/1928 -31/12	Sete pecados mortais	Eugenio Sue (trad. Pinheiro Chagas)	5,6,7,8,9,10,11,12,14,15,17,18,19,20
04/01	Livros Novos	Sud Mennuci	3
18/01	Livros Novos	Sud Mennuci	3
01/02	Livros Novos	Sud Mennuci	3
01/03	Livros Novos	Sud Mennuci	3
15/03	Livros Novos	Sud Mennuci	3
29/03	Livros Novos	Sud Mennuci	3
10/05	Livros Novos	Sud Mennuci	3
1931			
01/11/1928 -30/10	Sete pecados mortais	Eugenio Sue (trad. Pinheiro Chagas)	5,6,7,8,9,10,11,12,14,15,17,18,19,20
21/11 -31/12	Os dois garotos	Pierre Decourcelle (trad. Luiz da Silva)	5,6
1932			
21/11/1931 – 04/12	Os dois garotos	Pierre Decourcelle (trad. Luiz da Silva)	5,6
1933			
21/11/1931 – 17/12	Os dois garotos	Pierre Decourcelle (trad. Luiz da Silva)	3,4,5,6, 17, 18
1934			
21/11/1931 – 30/12	Os dois garotos	Pierre Decourcelle (trad. Luiz da Silva)	3,4,5,6,7,8,9,10,17, 18
1935			
21/11/1931 – 25/12	Os dois garotos	Pierre Decourcelle (trad. Luiz da Silva)	3,4,5,6,7,8,9,10,17, 18
1936			

21/11/1931 – 30/12	Os dois garotos	Pierre Decourcelle (trad. Luiz da Silva)	3,4,5,6,7,8,9,10,17, 18
1937			
21/11/1931 – 05/06/1938	Os dois garotos	Pierre Decourcelle (trad. Luiz da Silva)	3,4,5,6,7,8,9,10,17, 18
07/1938 - 1939			
Não houve publicação			
1940			
03/11 – 31/12	Madame Sans-gene – romance extraído da peça teatral de Sardou	Edmond Lepelletier	05,06, 07,08,09,10,11,12, 13, 14
1941			
03/11/1940 -28/06	Madame Sans-gene – romance extraído da peça teatral de Sardou	Edmond Lepelletier	05,06, 07,08,09,10,11,12, 13, 14
1942			
03/11/1940 -10/04	Madame Sans-gene – romance extraído da peça teatral de Sardou	Edmond Lepelletier	05,06, 07,08,09,10,11,12, 13, 14
11/04 – 30/12	A mulher do realejo	Xavier de Montepin (trad. Luiz da Silva)	5,6,7,8,9, 10,13, 14
1943			
11/04/1942 – 31/12	A mulher do realejo	Xavier de Montepin (trad. Luiz da Silva)	5,6,7,8,9, 10,13, 14
1944			
11/04/1942 – 31/12	A mulher do realejo	Xavier de Montepin (trad. Luiz da Silva)	5,6,7,8,9, 10,13, 14
1945			
11/04/1942 – 18/06	A mulher do realejo	Xavier de Montepin (trad. Luiz da Silva)	5,6,7,8,9, 10,13, 14
19/08 – 11/12	A casa soturna	Charles Dickens	5,6,7,8, 9,10,11,12
1946			
19/08/1945 – 03/02	A casa soturna	Charles Dickens	5,6,7,8, 9,10,11,12

Quadro IX: publicações no espaço folhetim do jornal *Folha da Noite* (1921-1929)

Data	Título	Nome do autor/tradutor	Número da página
1921			
22/10	O tebano Menetas	Maurice Huet (trad. De A.R. Neto)	5
1922			
Sem publicação			
1923			
08/01	Quando há trevas no caminho	Alpheu Canniço	5
1924			
Sem publicação			
1925			
01/11	O caso do Liberato	Correa Junior	5
02/11	O Preço	Marcelo	2
08/11	Sitio do mau agouro	M. Viotti	5
15/11	Titulo cortado	Pirandelo	5
22/11	Um drama na aviação (contos árabes)	Malba Tahan	5
08/12	Pedro II e a liberdade de imprensa	Oliveira Lima	2
20/12	Selva Sangrenta	F. Giraldes Filho	2
1926			
10/01	Aquele que mais amou	Plinio Mendes	9
29/01	O retrato	-	5
31/01	O novo romance do Principe Carol e o caráter intimo da renuncia	-	5
01/02	O viuvo	-	8
02/01	O fim do mes	-	13
14/02	Dando razão	-	
21/02	Paulino e Roberto	-	12
24/02	O saco do emigrante	Justino de Montalvao	5
01/03	Os dois presos	Guy de Maupassant	5
06/04	Cavação	Arthur Azevedo	5
11/07	A critica da critica – Sud mennuchi e o Estrangeiro I	Plinio Salgado	5
14/07	A critica da critica – Sud mennuchi e o	Plinio Salgado	5

	Estrangeiro II		
14/11	Vamos caçar papagaios	Ilegível	5
1927			
11/01	Somos nós	Paulo Duarte	5
14/01	Somos nós	Paulo Duarte	5
16/01	Somos nós	Paulo Duarte	8
18/01	Somos nós	Paulo Duarte	8
21/01	Somos nós	Paulo Duarte	8
23/01	Somos nós	Paulo Duarte	5
26/01	Somos nós	Paulo Duarte	5
29/01	Somos nós	Paulo Duarte	4
30/01	Somos nós	Paulo Duarte	4
01/02	Somos nós	Paulo Duarte	4
05/02	Somos nós	Paulo Duarte	4
24/02	Somos nós	Paulo Duarte	5
05/03	Somos nós	Paulo Duarte	5
07/03	Somos nós	Paulo Duarte	5
10/03	Somos nós	Paulo Duarte	5
15/03	Somos nós	Paulo Duarte	5
18/03	Somos nós	Paulo Duarte	8
19/03	Somos nós	Paulo Duarte	5
23/03	Somos nós	Paulo Duarte	5
26/03	Somos nós	Paulo Duarte	5
02/04	Somos nós	Paulo Duarte	11
05/04	Somos nós	Paulo Duarte	5
14/02	José Bonifácio	E. Almeida	4
22/02	É Bonifácio, o patriarca	E. Almeida	4
24/02	José Bonifácio, o patriarca	E. Almeida	5
25/02	José Bonifácio, o patriarca	E. Almeida	5
1928			
14/02	Bonifácio	E. Almeida	5
22/02	José Bonifácio, o patriarca	E. Almeida	4
24/02	José Bonifácio, o patriarca	E. Almeida	4
25/02	José Bonifácio, o patriarca	E. Almeida	4
1929			
31/10	Joaninha	Plinio	2
1930			
24/03	A crônica dos setes dias	-	3
31/03	A crônica dos setes dias	-	3

07/04	A crônica dos setes dias	-	3
24/03	A crônica dos setes dias	-	3
31/03	A crônica dos setes dias	-	3
07/04	A crônica dos setes dias	-	3
14/04	A crônica dos setes dias	-	2

Quadro X: publicações no espaço folhetim do jornal *Folha da Manhã* (1925-1933)

Data	**Título**	**Nome do autor/tradutor**	**Página**
1925			
27/07 até nov.	Evasões célebres da Cadeia Pública	Miguel Trad	7
09/08 ate out.	A casa do Mistério ou assassínio do engenheiro Ricardo Staack	-	2
07/12	Livros novos (resenha)	SB	3
25/12	A renúncia – conto inédito	-	8
25/12	Natal	-	2
1926			
07/01	O dicionário da academia	-	7
13/01	A terra dos prodigios	-	5
16/01 – 12/03	A morte de matteotti – um crime político	-	4
17/01	A Ilha dos piratas	-	9
23/01	A obra póstuma de Guerra Junqueira	-	3
24/01	O presente de núpcias	Gabriel Marques	3
26/01	Desvendar todo escândalo do Banco de Angola, através de uma entrevista sensacional	-	6
08/02	Livros Novos	-	2
21/07 -29/07	Uma execução celebre	-	2
19/09 – 28/09	Ao polo em dirigivel	-	3
1927			
08/01 - 12/01	A coluna da morte	Tenente João Cabanas	2
28/03	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
04/03	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
11/04	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
18/04	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
25/04	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3

02/05	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
09/05	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
23/05	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
30/05	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
02/06	Livros Novos	Silveira Bueno	5
13/06	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
20/06	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
27/06	Rodapé de um Juca	Cid Franco	3
11/07	Livros Novos	CF	2
21/07	Livros Novos	CF	2
28/07	Livros Novos	CF	7
24/09	As árvores	-	2
13/10	Quereis Casar?	Paulo de Godoy	4
20/10	Quereis Casar?	Paulo de Godoy	4
1928			
06/01	Os animais que riem	-	4
04/04	A marquesa viúva	Henrique Kleiss (trad. De L. de Freitas)	5
27/04 – 10/06	D'Annunzio Politico	Nino Daniele	4,7
05/11	O Chofér	-	2
17/12	Cronicas do Rio	D.A	2
30/12	Jardim Fechado	Edvard Carmilo	2
1929			
21/04	Memórias de um principe	Gastão Costa	9
22/04	O homem do saxofone	Leon Mirias	3
12/05	Um caso singular	Guy de Maupassant	10
02/06	A história trágica de Maupassant	Fialho de Almeida	7
10/06	Poetas pobres	Edvard Carmilo	6
16/06	O individualismo nas artes	H. Fierens - Gevaert	16
04/08	Visitando os loucos	P.L	21
12/08	Nos domínios da história	Batista Pereira	6
18/08	Nos domínios da história	Martin Francisco	4
02/09	Nos domínios da história	Washington Luis	2
16/09	Nos domínios da história	Oliveira Vianna	2
22/09	O crime de Pedro Paulo	Clara Torres	9
14/10	Reminiscências	Raul de Freitas	7

21/10	Uma página notável	Fialho D’ Almeida	7
28/10	O elogio da vagabundagem	Mecenas Dourado	7
10/11	O elogio da vagabundagem II	Mecenas Dourado	15
18/11	O elogio da vagabundagem (conclusão)	Mecenas Dourado	7
08/12	Hábitos Parlamentares	Olavo Bilac	13
30/12	Excertos de Viajando	Martim Francisco	4
1930			
06/01	Uma classe em decadência	-	4
13/01	O embaixador da dinamite	José do Patrocínio Filho	6
27/01	Nos domínios da História – Saint Barthelemy	Mauricio de ?	7
24/02	O saleiro entornado	-	7
22/07	Verrinas	Marius	9
1**931**			
1933			
02/07 – 10/08	Caninos Brancos	Jack London (trad. De Monteiro Lobato)	
11/08	A menina de Kergant	Octavio Feuillet	
05/10	O dilúvio	Sienkiewicz	